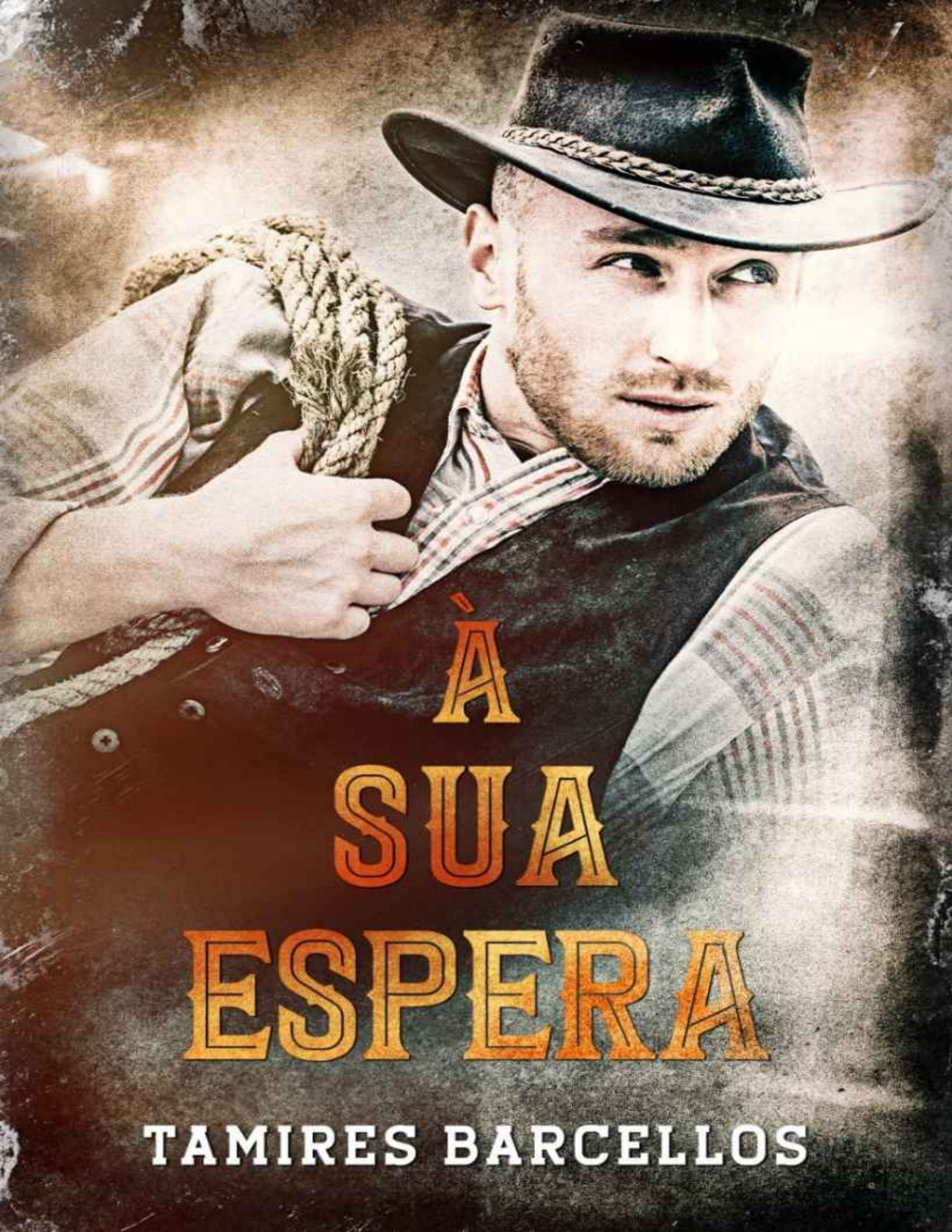

À
SUA
ESPERA
TAMIRES BARCELLOS

À SUA ESPERA

TAMIRES BARCELLOS

Copyright © 2020 por Tamires Barcellos

Todos os direitos reservados.

Capa: Dri K. K.

É proibida a reprodução de parte ou totalidade da obra
sem a autorização prévia da autora.

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas
terá sido mera coincidência.



“Estou guardando
Todo meu amor para você
Para você”
Saving All My Love For You – Whitney Houston

RAMON

Despertei antes do alarme tocar. Isso vinha acontecendo com maior regularidade nos últimos anos, mesmo quando eu trabalhava até a exaustão, com a esperança de cair como uma pedra na cama e despertar no horário estabelecido pela minha consciência e não pelo meu corpo.

Fiquei um tempo deitado na cama, olhando para o teto, enquanto repassava tudo o que tinha que fazer naquele dia. Precisava ligar com urgência para Marcos Castilho e saber como andava a negociação com o empresário francês, tinha que checar as rações que haviam sido entregues no dia anterior e entrevistar três possíveis veterinários que agregariam à minha equipe. Esses eram apenas os compromissos mais importantes, ainda tinha uma lista extensa de tarefas que, mesmo sabendo que exigiam a minha atenção, eu não queria pensar naquele momento.

No banheiro, encarei-me no espelho e tentei enxergar em minha aparência algum traço diferente do que havia visto no dia anterior. Nada havia mudado, apesar de hoje ser o meu aniversário e eu estar completando trinta e oito anos. Fisicamente, eu sabia que estava muito bem para a minha idade e não

aparentava estar mais perto dos quarenta do que dos trinta, no entanto, por dentro, naquela manhã, eu me sentia tão animado quanto um ancião. O dia mal havia começado e eu já queria que terminasse.

Depois de tomar banho, aparei minha barba e me vesti para um novo dia, enquanto ligava meu celular. Eu era extremamente rigoroso com a minha noite de sono. Já que não conseguia dormir com facilidade e acordava mais cedo do que o esperado, gostava de desligar o celular à noite e estar imerso na escuridão total, para, assim ter algumas horas a mais de descanso, sem distrações. O aparelho apitava e vibrava insistentemente, enchendo-se de mensagens e *e-mails* que eu só leria na mesa de café da manhã. Antes de o colocar em meu bolso, li algumas felicitações de aniversário e uma mensagem de Caio, meu amigo, perguntando onde seria a comemoração.

"Não terá comemoração", digitei enquanto descia as escadas. Sua mensagem chegou dois minutos depois.

"É óbvio que terá. Te pegarei às nove da noite!"

"Não me diga que acordou cedo apenas para me desejar feliz aniversário."

"Ramon, você é importante, mas não tanto, seu babaca. Estou chegando em casa."

"Ainda na farra? Você não tem mais idade para isso, Caio."

"Você que está mais perto dos quarenta, Ramon. Eu ainda tenho trinta e seis!"

"Com a cabeça de um homem de vinte."

"E a alma como a de um adolescente de dezoito."

Era revoltante o tipo de coisa que eu tinha que ler apenas por ser amigo daquele idiota. Fui direto para cozinha e pude sentir o cheiro de café fresco ainda no corredor, bem como a risada de Cissa. Assim que me viu, ela veio correndo em minha direção.

— Meu menino está ficando mais velho! Feliz aniversário, querido — disse ela ao me abraçar apertado. Para uma senhora de sessenta anos, ela tinha bastante força.

— Por que está acordada a essa hora? Cissa, já falei que não quero que você acorde tão cedo, nem que durma tarde, pelo amor de Deus!

Ela passou a mão pelo meu peito e se virou para Rosana, minha empregada.

— Está vendo, Rosana? O tempo passa e esse garoto só sabe ficar cada vez mais ranzinza.

Rosana, que já era empregada da fazenda há mais de dez anos, riu e balançou a cabeça.

— Com o tempo, isso só vai piorar, Cissa.

— Estão fazendo um complô contra mim, por acaso?

— Jamais, ainda mais no dia do seu aniversário — Rosana disse, aproximando-se. — Feliz aniversário, seu Ramon. Que Deus continue te abençoando.

— Obrigado. — Agradeci a sua felicitação e seu abraço, em seguida, dei um beijo na testa de Cissa. — E obrigado também, apesar de eu achar desnecessário que tenha acordado a essa hora. Sabe que quero que você descanse, já trabalhou demais nessa vida, Cissa.

— Não é trabalho algum acordar um pouco mais cedo para preparar um café da manhã especial para você. Sente-se, pois fiz aquela broa de milho que você ama!

Sentei-me à mesa da cozinha, que já estava farta, mesmo que só eu tomasse café da manhã àquela hora. Os meninos que trabalhavam na fazenda tinham liberdade de passar ali durante a manhã para beliscar alguma coisa antes do almoço, que era servido no refeitório. Observei enquanto Cissa, sempre falante e com aquela felicidade e energia que lhe eram características, andava de um lado para o outro na cozinha, colocando mais comida na mesa. Quem a olhasse, jamais diria que tinha sessenta anos, primeiro porque, apesar de baixinha e ter alguns fios grisalhos — que ela fazia questão de pintar —, sua aparência física não demonstrava a sua idade e, segundo, porque ela tinha uma vitalidade latente, que me fazia pensar que minha Cissa era eterna.

Depois da morte dos meus pais, quando eu ainda era um adulto recém-formado, com vinte anos na cara e uma montanha de dívidas para pagar, eu tive que demitir mais da metade dos funcionários da fazenda. Cissa era nossa governanta e lembro que senti muita vergonha de saber que teria que dispensá-la, pois, mesmo enxugando aqui e ali, eu não poderia me dar ao luxo de ter uma governanta, quando tinha veterinários para pagar. Cissa, que parecia já saber disso, sentou-se comigo no escritório que, antigamente, era ocupado pelo meu pai e simplesmente disse que não iria embora. Ficaria ao meu lado, mesmo sem receber nada, pois me amava como um filho e jamais me abandonaria. Naquele momento eu tive certeza de que um coração era capaz de comportar o amor por duas mães, pois era assim que eu enxergava

aquela mulher baixinha, mandona e alegre. Era como se Cissa fosse a minha segunda mãe.

Fiz com que ela e Rosana sentassem-se comigo e me acompanhassem naquele café da manhã farto. A broa de milho derretia na boca e o bolo de fubá estava maravilhoso. Não gostava de comer muito pela manhã, pois tinha o costume de pegar Capitão, meu cavalo, na baia e cavalgar com ele, antes de iniciar minhas atividades do dia, mas foi impossível não me fartar com aquele banquete.

— Tem certeza que não vai querer que eu providencie um jantar, filho? — Cissa perguntou quando pedi licença para me levantar da mesa.

— Sim, Cissa. Sabe que não sou chegado a festas.

— Mas é seu aniversário! Você não fez nada no ano passado, também não fez no ano retrasado... Sabe o que penso sobre isso.

Cissa achava que o fato de eu não comemorar meu aniversário, significava que eu não era grato por fazer mais um ano de vida. Eu pensava o contrário, Deus sabia que eu era grato, só não gostava de juntar um monte de pessoas que não se importavam com o fato de eu estar ficando um ano mais velho; elas só queriam comer e beber às minhas custas. Não era pão duro e nem "mão de vaca", mas também não era burro de gastar dinheiro à toa. Para tranquilizá-la, falei:

— Caio disse que vai passar aqui hoje à noite. Vamos sair juntos para comemorar.

— Caio é um menino tão bom! Só ele para fazer você sair de casa — ela disse, levantando-se. — Fico mais tranquila, então. Pelo menos vai comemorar de alguma forma.

Assenti, mesmo que, por dentro, ainda estivesse um pouco contrariado com aquela ideia de sair à noite. Não era um cara mal-humorado, nem do tipo que não gostava de me divertir, tomar uma cerveja com os amigos ou dar uns beijos, mas também não era como Caio, que passava a noite fora mesmo tendo um dia inteiro de trabalho na manhã seguinte.

Passei os próximos quarenta minutos cavalgando com Capitão, meu companheiro para todas as horas. Assim como eu, ele parecia precisar daquela dose diária de exercício e companheirismo antes de iniciar o dia. O entreguei para Getúlio quando terminamos e chequei os potros antes de dar início a tudo o que tinha que fazer naquele dia que, pelo visto, seria mais longo do que o esperado.



Geralmente, Caio só era pontual quando o assunto era referente a trabalho. Como meu advogado, ele era um gênio, responsável e profissional, mas como amigo, ele era um belo pé no saco na maioria das vezes e, frequentemente, desmarcava algum compromisso comigo para sair com alguma mulher que havia conhecido — seja por esses aplicativos de namoro ou em algum esbarrão no meio da rua. Por isso, torci para que ele me ligasse desmarcando a comemoração de aniversário, mas a sorte não estava ao meu lado naquela noite. Às nove em ponto, ele atravessou a porta principal do casarão da fazenda e sorriu ao me ver largado no sofá.

— Achou que eu ia te abandonar, não é, benzinho?

— Confesso que estava torcendo para isso — falei, mas não pude deixar de sorrir.

A verdade era que apenas Caio tinha o poder de me tirar de casa de vez em quando. Se não fosse por ele, eu seria um eremita — com a diferença de que, como um homem solteiro, eu também gostava de dar umas escapadas e passar a noite nos braços de uma mulher.

— Pois saiba que hoje você não terá horário para voltar para casa! — Abri a boca para contestar, mas ele se adiantou. — Sim, eu sei que tínhamos uma reunião importante amanhã com o Sr. Tavares, porém, eu desmarquei.

— Como é que é?

— Eu desmarquei — ele repetiu.

— Como você faz uma coisa dessas sem me avisar, Caio? Essa reunião era de suma importância! Sabe como Tavares é difícil de negociar!

— Sim, eu sei, mas veja como Deus está ao nosso lado. Ao telefone, ele disse que estava prestes a me ligar para reagendar a nossa reunião, pois terá que viajar às pressas para São Paulo amanhã de manhã. Ou seja, eu apenas adiantei o trabalho do velho.

— Caio!

— O que foi? Ele é velho mesmo, e ranzinza, chato também — continuou ele, dando uma risada no final. — Está preparado para a melhor noite da sua vida?

— Estou é com medo do que você vai aprontar.

— Você não confia em mim, Ramon?

— Não.

O filho da mãe riu e rodou o chaveiro com a chave do carro no dedo.

— Foi o que eu pensei.

Pegamos a estrada em direção ao centro de Santo Elias[1]. A cidade que ficava no interior de Goiás e abrigava as maiores fazendas do Estado, tinha como principal ponto turístico os bares em estilo faroeste, onde se tocava bastante música sertaneja e os jovens gostavam de se reunir. As noites em Santo Elias estavam bem longe de serem agitadas como na capital, Goiânia, porém, a gente também tinha onde se divertir.

O local mais conhecido e agitado era o Bar das Onze, que levava esse nome por ter sido inaugurado no dia onze de novembro, às 11 da manhã. Rezava a lenda que Seu José Bezerra, primeiro dono do bar, era muito supersticioso e havia ido à uma cartomante antes de começar a construir o bar. Ela havia lhe dito que o seu investimento só daria certo, se ele abrisse na data e horários específicos, se não, ele iria à falência no mês seguinte à abertura. Se era verdade ou não, jamais saberia, no entanto, era inegável que, desde a sua inauguração, há mais de 30 anos, o bar era o mais frequentado da região.

Foi lá que paramos, trinta minutos depois. Do lado de fora, muitos jovens se reuniam em frente às mesas altas, tomando cerveja e falando alto, enquanto uma música alta tocava dentro do bar. Caio, como sempre, chegou cumprimentando metade das pessoas que passaram ao nosso lado no curto caminho entre a calçada e as portas abertas, por onde passamos. Ao longe, consegui reconhecer alguns colegas e até os funcionários mais próximos da fazenda. Não demorei meio segundo pra saber que Caio havia juntado todo aquele pessoal.

Colocaram uma caneca de chope na minha mão e um copinho da pinga tradicional de Santo Elias na outra. Segui a tradição de tomar a pinga em um gole só e bicar o chope em seguida. O contraste quente e gelado era a melhor coisa que eu já havia experimentado na vida.

— É isso aí, cara! Bem-vindo aos quarenta!

— Ainda falta dois anos para isso, seu idiota — ralhei com Caio e ouvi a risada de Paulo no canto da mesa.

— Levando em consideração a sua pose de durão, a gente tem certeza que a sua alma já passou dos quarenta há muito tempo. Um brinde à sua velhice!

— Um brinde! — Todos gritaram.

Não pude deixar de rir e os acompanhar. Certo, eu era mesmo conhecido — e até um pouco temido — pela minha fama de durão e gostava de carregar esse título. Não porque queria que me temessem, mas, sim, que soubessem que eu não gostava de ser passado para trás e que, em meus negócios, *eu* comandava.

Havia muito tempo que eu não me reunia com pessoas que realmente gostava. Geralmente, quando saía à noite, era para algum evento ou reunião. Ter aquele tempo com os amigos, tomando uma cerveja sem preocupação, era raridade em minha vida.

— Amigos, recebi uma informação importante. Temos um aniversariante especial nesta noite — disse a cantora que estava se apresentando no pequeno palco ao centro do bar. Ela deixou o violão de lado e se levantou, descendo os três degraus e vindo em minha direção. — Estou de passagem pela cidade, como todos sabem, mas desde que cheguei, ouvi falar muito bem sobre a Fazenda Baldez e seus cavalos de primeira linha. Fiquei até curiosa para conhecer, mas, infelizmente, meu tempo na cidade será curto e não tive como agendar uma visita. Então, o destino resolveu me dar uma ajudinha e trouxe a este bar o próprio Ramon Baldez. E, vejam só, no dia do seu aniversário! Não pode ser apenas uma coincidência, certo? Sendo assim, acho que deveríamos nos reunir e cantar parabéns para esse homem tão especial para a cidade de Santo Elias.

A mulher parou bem na minha frente e foi impossível não admirar o seu corpo coberto pela calça jeans apertada, as botas de montaria, blusa xadrez amarrada na altura do umbigo e os seios fartos que quase escapavam pelo decote generoso. Seus cabelos loiros desciam até a cintura e vi com detalhes as unhas pintadas de vermelho quando estendeu a mão para mim. Àquela altura, o homem que tocava violão com ela já tinha começado os acordes dos parabéns e todo mundo batia palma. Pelo sorriso sensual na boca da cantora, podia apostar cem pratas que o modo como ela queria estar me desejando um feliz aniversário era bem diferente daquele que acontecia no momento.

Levantei-me e ela grudou o corpo no meu, colocando o microfone entre nós dois. Olhando em meus olhos, ela cantou sensualmente:

— *Parabéns pra você... Nessa data querida...*

Quando ela passou a língua pelos lábios, soube exatamente aonde eu iria terminar aquela noite. No quarto de hotel — o único que havia na cidade — onde estava hospedada, com ela debaixo de mim, gemendo gostoso em meu ouvido. Sorri e apertei a sua cintura, sem me importar se todo mundo estava

me vendo no modo galanteador. Ela sorriu, como se soubesse exatamente o que eu estava pensando e, por dentro, senti certo alívio em saber que aquela noite terminaria diferente do que havia planejado. Às vezes, tudo o que a gente precisava, era de uma mudança de rota no meio do caminho.

— *Ra-ti-bum! Ramon! Ramon!* — Todo mundo gritou e eu aproveitei aquele momento para começar a minha investida.

— Qual é o seu nome? — perguntei no ouvido da cantora. Ela se afastou um pouco e passou o dedo indicador na veia grossa em meu pescoço.

— Patrícia Alencar. É um prazer conhecer o famoso Ramon Baldez.

— Famoso? Você é a única cantora que estou vendo por aqui.

— Mas foi só sobre você que eu ouvi falar desde que pisei nessa cidade.

— Espero que só tenha ouvido coisas boas.

— Só ouvi elogios sobre sua fazenda, seus cavalos e, lógico, sobre você e seu punho de ferro para os negócios. Fiquei curiosa para saber se é só nos negócios que você é bom.

— Se me der a oportunidade, vou ter o prazer de te mostrar como sou bom em vários outros aspectos — sussurrei, passando a língua no lóbulo da sua orelha. Patrícia estremeceu entre os meus braços e mordeu os lábios ao me fitar.

— Minha apresentação termina daqui a quarenta minutos.

— Ótimo. Nos vemos daqui a quarenta minutos, então.

Ela piscou para mim e correu de volta para o palco, reposicionando o microfone no pedestal e pegando o violão. Seu sorriso sensual me encheu de expectativas e voltei para a mesa tendo plena consciência de que passaria a próxima meia hora sendo zoado pelos meus amigos. Foi com surpresa que encontrei um Caio um tanto pálido caminhando em minha direção.

— O que houve? — perguntei, já entrando em alerta e puxando meu celular do bolso. Havia cinco ligações perdidas de um número desconhecido.

— Abraão sofreu um acidente. Precisamos ir agora para o hospital.

Franzi o cenho, sem entender.

— Abraão Rodrigues?

— Você conhece outro Abraão, por acaso? — perguntou ele, começando a andar por entre as pessoas. Fui atrás apenas porque queria entender melhor aquela história.

— E por que diabos eu tenho que ir para o hospital? Não sou da família dele.

— Levando em consideração que ele *não tem* qualquer parente vivo a não

ser a filha, é de se entender o porquê de o advogado dele ter ligado para o seu sócio — disse Caio, já pegando a chave do carro. — Ou você já se esqueceu do contrato que firmaram há pouco mais de um mês?

Eu jamais esqueceria.

— Não tenho nada para fazer lá, Caio — falei parando antes de chegarmos mais perto do seu carro. Ele se virou para mim.

— Ramon, sei que você e Abraão não são amigos há muitos anos, mas se tornaram sócios há pouco tempo. Pelo o que entendi, o acidente foi muito sério, ele está em estado grave.

Mesmo sem querer, senti um baque por dentro. Engolindo em seco, fiz de tudo para não demonstrar.

— Ele pode morrer?

— Eu acho que sim.

Merda.

— Ok, vamos, antes que eu me arrependa.

Entrei no carro sem olhar para trás e só quando Caio deu partida, foi que me lembrei de Patrícia. Porra! Abraão *sempre* tentando foder com a minha vida, até perto da própria morte!

— E eu que pensei que terminaria essa noite em grande estilo — murmurei contrariado, puto. Caio riu ao meu lado.

— É, percebi que a cantora estava caidinha por você. Foi mal, cara, você sabe que eu sou o primeiro a querer que você saia e curta a vida, mas achei importante que estivesse lá no hospital.

— A culpa não é sua.

— É a última noite da cantora aqui na cidade?

— Não faço ideia.

— Posso sondar amanhã, se quiser.

Eu queria? Nem sabia mais.

— Depois vemos isso. Só foque em nos levar logo ao hospital. Quanto antes chegarmos, mais cedo poderemos vir embora.

Era o que eu esperava que acontecesse.



“Há uma chance da gente se encontrar
Há uma ponte pra nós dois em algum lugar
Quando um homem e mulher
Se tocam num olhar
Não há força que os separe”

Sem limites pra sonhar – Fábio Jr. feat. Bonnie Tyler

RAMON

Santo Elias tinha apenas dois hospitais, o Centro Médico e Emergência de Santo Elias, que era da rede pública de saúde, e o Hospital Alfred Mancini, particular e luxuoso, que a família de Abraão e de outros fazendeiros ricos haviam ajudado a construir em nossa cidade, há pouco mais de vinte anos. Era claro que Abraão estaria no hospital particular.

Seria hipócrita se dissesse que nunca havia sido consultado ali. A saúde pública em Santo Elias, apesar de ter melhorado muito nos últimos anos — principalmente por conta da pressão que eu e alguns outros fazendeiros fazíamos em cima do prefeito —, ainda não era a ideal e em momentos de emergências, quando eu sabia que não poderia ficar esperando por duas horas para ser atendido, acabava indo parar no hospital opulento, que dava a impressão de que estávamos entrando em um mundo à parte, a milhões de quilômetros de uma cidade interiorana como aquela.

Deixando de fora a decoração luxuosa do lugar, o atendimento era de

primeira qualidade e quando fomos levados à sala de espera particular destinada à família Rodrigues, comecei a pensar que, talvez, o estado de saúde de Abraão não fosse tão grave assim. Provavelmente, seu advogado só estava fazendo tempestade em copo d'água, pois sabia como seu cliente andava mal das pernas e estava com medo de que ele morresse antes de consertar tudo o que havia destruído no meio do caminho. Uma dose de drama para chamar a atenção. Era a isso que estava me agarrando, até entrar na bendita sala e tomar o maior baque da minha vida.

Por um momento, pensei que a recepcionista tivesse nos levado para a sala errada. O lugar era confortável e espaçoso, com sofás e poltronas de couro, uma TV enorme, que estava ligada em volume baixo, máquina de café e biscoitos à disposição. Mas não foi nada disso que me fez parar no meio do caminho. Foi *ela.* Primeiro, só vi sua silhueta sentada em uma das poltronas e, então, como que em câmera lenta, ela se virou e me olhou. Pensei que estivesse vendo um fantasma, uma sombra do meu passado, mas logo percebi que não. Apesar de parecida, não era *ela*. Aquela garota... Como era possível alguém ser tão parecida e tão diferente ao mesmo tempo com uma outra pessoa?

— Hum... Ramon, você está no meio do caminho, cara. Vai ficar ou vai sair?

A voz de Caio me fez acordar do transe e pisquei para tirar minha atenção da garota, que me olhava com uma expressão que misturava a tristeza e o susto. Seus olhos de cores diferentes estavam arregalados e eu andei em direção ao sofá ainda olhando para eles. *Incríveis*. O direito era castanho e o esquerdo era azul com pequenos raios verdes. Mesmo sob a luz apática da sala de espera, eles pareciam brilhar. Limpando a garganta, decidi desviar o olhar da menina, antes que ficasse claro demais que sua beleza havia me chocado.

— Quem é ela? — perguntei para Caio em um sussurro, esperando que o volume baixo da TV encobrisse a minha voz.

Caio abriu a boca para responder, mas a porta da sala de espera foi aberta em um safanão e um homem vestindo um terno mal passado entrou com um olhar aflito. Levantei-me assim que o reconheci.

— João Marcelo, viemos assim que nos telefonou. Alguma notícia?

O advogado de Abraão apertou minha mão, em seguida, a mão de Caio. Balançando a cabeça, disse:

— Ele ainda está em cirurgia. Tudo o que disseram é que o estado dele é

grave e a cirurgia é delicada. Estamos esperando o parecer oficial do médico. — Seus olhos caíram atrás de mim e eu os segui. A menina ainda estava ali, sentada como um bichinho assustado, dessa vez com os olhos marejados. — Acho que não se lembram, pois ela ficou muito tempo estudando em São Paulo, mas essa é Gabriela, a filha de Abraão.

Não era possível. Senti minha boca quase ir ao chão, ao, finalmente, reconhecer a menina e olhar para ela como um todo. Na última vez que a vi, ela não passava de uma adolescente mal saída da infância. Quantos anos tinha? Dez? Onze? Parecia impossível que tivesse amadurecido e mudado tanto.

— Gabriela, esse é Ramon Baldez. Talvez não se lembre, mas ele é dono de uma das maiores fazendas de cavalos do Brasil. Ramon e seu pai fizeram negócios no último mês, por isso achei importante que ele estivesse aqui nesse momento — o advogado continuou.

A menina não conseguia tirar os olhos de mim e eu também mal conseguia piscar. Soube pelos comentários na cidade e em minha fazenda quando ela foi mandada para São Paulo por Abraão, para que pudesse estudar, alguns anos atrás. Na época, fiquei chocado com a coragem do homem de mandar a filha para tão longe. Não conseguiria fazer o mesmo com um filho meu. Em minha concepção, os filhos deveriam ficar ao lado dos pais até atingirem idade suficiente para caminharem sozinhos. Mas, claro, essa era a minha opinião e eu não era ninguém para dar palpite na criação do filho dos outros.

Agora, por conta da maldita distância, eu estava chocado com o fato de a menina ter crescido e se transformado. A criança que vi da última vez havia ficado completamente para trás. Vendo que ela não esboçava reação quase nenhuma, aproximei-me e estendi a minha mão.

— É um prazer revê-la, Gabriela. Saiba que torço muito pela recuperação do seu pai.

A menina piscou e passou a língua pelos lábios secos. Repreendi-me no mesmo instante por acompanhar o movimento da sua língua e senti sua mão delicada pousar contra a minha. Apesar da aparente fragilidade, ela tinha um aperto firme.

— Obrigada, Senhor Baldez. É um prazer revê-lo também.

Caio se aproximou e fez o mesmo que eu, apertando a mão da menina e estimando a melhora de Abraão. Observei a interação entre eles e percebi que Caio não parecia tão chocado e afetado quanto eu havia ficado ao revê-la.

“Isso significa que você também não tem que ficar tão chocado, Ramon.

As pessoas crescem, ninguém fica com aparência de criança para sempre”, falei para mim mesmo, voltando a me sentar.

Pela próxima hora, fiquei olhando para a TV sem realmente prestar atenção no que estava passando. Se não fosse pelo som que vinha do aparelho, o ambiente estaria em completo silêncio e finalmente entendi a sua função naquela sala de espera. Alguma coisa precisava ocupar espaço em meio a tensão. Em alguns momentos, peguei-me observando Gabriela, mas logo me policiava e voltava a encarar a televisão. A menina não chorava, mas o peso que parecia carregar em cima dos ombros delicados demonstrava a sua tristeza e preocupação. Era compreensível, tendo em vista que seu pai estava, naquele momento, sendo operado em algum lugar daquele hospital.

— Será que vai demorar muito? — Caio perguntou baixinho ao meu lado.

— Não faço ideia, mas, se quiser, pode ir embora. Depois eu ligo para a fazenda e peço para algum dos meninos trazer o meu carro.

— Não, vou ficar aqui — disse ele, bocejando. Por fim, olhou para a menina do outro lado da sala. — Coitada da garota. Soube que voltou essa semana para Santo Elias e agora acontece isso com o pai... Sem contar a situação financeira... Com certeza ela nem deve imaginar que Abraão está quase falido.

— Caio, aqui não é hora para isso. Já pensou se ela escuta alguma coisa?

— Verdade, desculpa — falou, voltando a se recostar no sofá. — Só espero que o babaca não morra.

— Caio!

— O que foi? Estou desejando o bem dele — se defendeu.

Eu também esperava que Abraão não morresse, apesar de saber que não sentiria nem um pouco a sua falta se isso acontecesse. Mas pensei em Gabriela, ela havia perdido a mãe ainda na infância, como ficaria se perdesse o pai? Era melhor ter pensamento positivo naquele momento.

Finalmente, quase duas horas depois, a porta da sala de espera voltou a se abrir e o médico responsável pela cirurgia entrou com uma pose impenetrável, no entanto, assim que Gabriela tomou a nossa frente e perguntou pelo pai, o homem abaixou a armadura e começou a explicar, em uma língua que todos nós entendíamos, o que havia acontecido com Abraão.

— Como deixei claro desde o início, o estado de Abraão é bem delicado. O acidente foi muito grave, ele sofreu uma parada cardíaca ainda na ambulância. Apesar de ter sido reanimado antes de chegar ao hospital, ele sofreu mais uma parada cardíaca na mesa de cirurgia, por conta do choque

hipovolêmico, enquanto tentávamos achar a fonte da hemorragia interna da qual ele sofria...

— Choque... O quê? — Gabriela perguntou. Senti vontade me aproximar para confortá-la, mas como não tinha intimidade alguma com a garota, resolvi ficar em meu lugar.

— O choque hipovolêmico acontece quando o paciente perde muito sangue. Infelizmente, não foi fácil identificar a fonte da hemorragia, mas contornamos o problema e conseguimos reanimá-lo, apesar de ele ter ficado quase nove minutos sem batimentos na segunda parada. Por fim, descobrimos que era o baço que estava rompido. Retiramos o órgão e começamos com a transfusão de sangue, enquanto operávamos as fraturas no braço esquerdo e nas duas pernas. Apesar de termos concluído a cirurgia com sucesso, seu pai demorou muito tempo para voltar após a segunda parada cardíaca e teve o que chamamos de hipóxia cerebral, que é quando o cérebro fica sem receber oxigenação. Fizemos de tudo para que seu cérebro respondesse aos estímulos enviados, porém, infelizmente, Abraão entrou em coma.

Gabriela balançou a cabeça e apertou as mãos trêmulas uma na outra, bastante nervosa. Observar sua comoção e não poder fazer nada para ajudar, era uma agonia.

— Ele... Ele pode morrer?

— Vou ser bem sincero, Senhorita Rodrigues. O estado do seu pai é muito grave e as próximas quarenta e oito horas serão decisivas. Vamos monitorar de perto resposta do seu cérebro ao tratamento. No momento, tudo o que posso dizer, é que faremos o possível para que ele sobreviva.

Quis dizer que aquilo era o mínimo que a porra do hospital podia fazer por um paciente, mas, obviamente, fiquei calado. Ele voltou a ressaltar que Abraão estava sendo assistido pela melhor equipe médica que havia no hospital e que entraria em contato, caso houvesse alguma alteração em seu quadro. Por fim, depois de Gabriela perguntar se podia ver o pai e o médico dizer que as visitas só seriam liberadas amanhã na parte da tarde, ele saiu da sala e eu olhei para Caio sem saber exatamente o que fazer a seguir. Apenas ir embora e pedir para que avisassem caso algo acontecesse? Qual era o procedimento padrão naquele momento?

— Senhor Baldez, podemos conversar a sós por alguns minutos? — João Marcelo pediu e, surpreso, concordei e fui com ele para o corredor silencioso do hospital. O homem parecia nervoso e passou a mão algumas vezes pelo cabelo antes de limpar a garganta e me encarar. — Acho que o senhor tem

conhecimento de que não há nenhum familiar vivo do Senhor Rodrigues, além de sua filha, certo?

— Sim — respondi, curioso para saber aonde ele queria chegar.

— Também deve saber que o Senhor Rodrigues fez um grande corte de funcionários da fazenda, inclusive os mais antigos, como a governanta que trabalhava há mais de trinta anos para a família e...

— João Marcelo, acredite, eu sei sobre tudo isso. Pare de dar voltas e diga logo o que quer!

O homem arregalou os olhos e eu quase revirei os meus. Abraão tinha o porte de um touro, como poderia ter contratado aquele franguinho com cara de vinte e cinco anos para ser seu advogado?

— Gostaria de saber se o senhor poderia acolher Gabriela em sua fazenda — soltou tudo de uma vez, tão rápido que, por um momento, pensei não ter entendido direito.

— Como é que é?

— Senhor Baldez, a fazenda do Senhor Rodrigues está praticamente abandonada. Há pouquíssimos empregados e todos são homens. E, como bem sabe, Gabriela não tem sequer um familiar vivo sem ser o pai. Eu poderia levá-la para minha casa, logicamente, mas moro em Goiânia e só venho a Santo Elias quando preciso cuidar de algo para o Senhor Rodrigues, ou seja, ficaria inviável levá-la comigo. Como o Senhor Rodrigues não é um homem com um círculo de amizade muito extenso, achei que o senhor, como sócio dele, poderia acolher Gabriela nesse momento tão crítico.

Olhei para o advogado, mas sentia minha mente dar voltas. Levar a menina para minha casa. Para *minha* fazenda. Deus do céu, eu ao menos a conhecia! E ela também mal me conhecia. Era loucura aceitar uma proposta como aquela, mas sabia que não conseguiria dormir em paz sabendo que ela estaria sozinha naquela fazenda enorme, cercada por homens. Um deles — ou mais de um — poderia se aproveitar exatamente desse momento para fazer alguma maldade com ela. Só de pensar, já queria quebrar a cara do filho da puta.

— Tudo bem.

— Tudo bem? — João Marcelo perguntou com os olhos esbugalhados. Acho que esperava que eu fosse lutar mais contra a sua proposta.

— Sim, tudo bem. Levo a menina comigo. Cissa, minha governanta, vai cuidar muito bem dela.

O homem pareceu soltar de uma vez só todo o oxigênio do corpo.

— Certo. Nossa, muito obrigado, Senhor Baldez. Fico mais tranquilo

sabendo que Gabriela estará em segurança na fazenda do senhor. Agora, só nos resta torcer para que o Senhor Rodrigues se recupere logo.

Concordei com um gesto de cabeça. No momento, abaixo da filha dele, eu era a pessoa que mais torcia pela sua recuperação. Voltamos para a sala de espera e João Marcelo se sentou ao lado de Gabriela, começando a falar com ela. Acompanhei disfarçadamente a reação da menina, vendo a forma como arregalou os olhos, olhou para mim, em seguida, balançou a cabeça. Bom, pelo menos eu não era o único a achar que tudo aquilo era uma loucura.

— O que ele queria? — Caio perguntou.

Caminhei até a máquina de café e respondi baixo enquanto pegava a bebida.

— Me pediu para levar a menina para minha fazenda.

— O quê?

— Pois é.

— Como assim?

— Foi o que você ouviu.

— E você não aceitou, não é?

Tomei um gole do café horrível e fitei Gabriela por cima dos ombros de Caio. Apesar de estar de costas para mim, consegui perceber que ela ainda estava assustada com o que João Marcelo lhe dizia.

— Aceitei.

— Ficou maluco?

— Ela não tem mais nenhum parente vivo, Caio e você sabe que Abraão demitiu mais da metade dos funcionários. A fazenda está cheia de homens, como vou deitar a cabeça no travesseiro, sabendo que a menina corre o risco de ser estuprada dentro da própria casa?

Só percebi que falei alto demais quando calei a boca e a sala entrou em um silêncio tão profundo, que nem a televisão teve coragem de me salvar. Fechando os olhos com força, terminei a porra do café e me virei para encontrar uma Gabriela que me fitava com os olhos arregalados e a boca aberta. *Merda*.

— Sinto muito, não quis dizer isso em voz alta — pigarreei. — Em voz *tão* alta.

— Tem razão, Senhor Baldez. É isso que pode acontecer, Gabriela. O Senhor Rodrigues só manteve os capatazes da fazenda, porque sabia que precisava deles pra fazer tudo funcionar, mas nem mesmo ele confia naqueles homens. Como posso deixar que você volte para lá e fique sozinha com eles?

— Mas eles dormem do outro lado da fazenda. O casarão é seguro!

— Eles conhecem aquele lugar como a palma de suas mãos. São homens brutos, mal encarados, que podem, sim, fazer alguma maldade com você! Acredite em mim, seu pai ia querer que eu cuidasse da sua integridade enquanto se encontra nesse hospital e é isso que estou fazendo.

— Está cuidando da minha integridade me colocando nas mãos de um homem que eu sequer conheço? E se *ele* fizer alguma maldade contra mim? — Ela perguntou com irritação, voltando a me olhar com raiva dessa vez.

Pois bem, *eu* me reservei ao direito de ficar com raiva. Como aquela fedelha tinha coragem de falar na minha cara que eu poderia ser um estuprador de merda?

— Pode ter certeza que eu jamais encostaria em um fio de cabelo de uma mulher à força, muito menos de uma menina que mal deixou as fraldas — falei em um tom ácido. A petulante engoliu em seco, mas não deixou a pose irritada em momento algum. — Em minha fazenda, você será muito bem cuidada, dormirá no casarão em um quarto de hóspedes que fica bem longe do meu, sequer precisará me ver. Vou deixá-la nas mãos de Cissa, minha governanta, que trabalha para minha família há muitos anos e saberá cuidar de você como ninguém.

— Eu não vou!

— Você vai! — falei, aproximando-me. Ela voltou a arregalar os olhos, mas não saiu do lugar. — Isso não está em discussão, menina!

— Meu nome é Gabriela Rodrigues, Senhor Baldez, e não “menina”! — disse com aquela petulância, arqueando uma sobrancelha. — Como posso ir para a sua fazenda ou confiar no senhor, se sequer o conheço?

— E você conhece os homens que trabalham para o seu pai? — perguntei e ela não respondeu nada. Levei o seu silêncio como uma negativa. — Foi exatamente o que pensei.

— Eles respeitam o meu pai, jamais fariam algo comigo!

— Eles respeitam o seu pai quando estão na presença dele. Pelo o que sei, seu pai está bem longe de pisar naquela fazenda pelos próximos dias ou semanas, acha mesmo que eles vão o respeitar enquanto estiver em uma cama de hospital?

Finalmente, a menina perdeu a pose altiva. Seus ombros caíram e ela esfregou os olhos, como se estivesse cansada demais para continuar discutindo. Confesso que um lado meu preferia ver a sua petulância do que a visão que tinha agora. Ela parecia uma rosa que, do nada, havia ficado

murcha.

— Está bem, mas será por poucos dias. Logo meu pai se reestabelecerá e irá para casa.

— É o que eu espero — falei, olhando rapidamente o meu relógio de pulso. Passava das três da manhã. — Vamos direto para a minha fazenda, amanhã peço para que Cissa vá com você pegar algumas mudas de roupa.

Ela apenas assentiu e virou as costas, deixando a sala de espera, acompanhada por João Marcelo. Ao meu lado, Caio soltou uma gargalhada que era totalmente inapropriada para o local.

— Isso vai ser interessante — disse ao passar por mim.

— Do que está falando?

— De você e da menina... Vai ser absolutamente interessante ver a convivência entre vocês dois.

— Não haverá convivência alguma. Fui bem claro ao dizer que ela sequer terá de olhar na minha cara!

— E você acredita nisso?

— Já viu o tamanho da minha fazenda? E o quanto que eu trabalho? Acha mesmo que terei tempo para olhar essa menina ou conviver com ela? Vou deixá-la nas mãos de Cissa e pronto.

— Sim, com certeza — concordou com o sarcasmo irritante que lhe era característico.

— Qual é a porra do seu problema, Caio?

— Meu problema? Nenhum. O problema é todo seu e ele se chama Gabriela Rodrigues — disse com aquele sorrisinho que me dava vontade de socar sua boca. A sorte do babaca, era que ele era meu amigo. — A Fazenda Baldez vai ficar pequena.

Sem querer mais ouvir o idiota, o deixei para trás e fui em busca da menina para que pudéssemos ir para casa.



“Por onde andei
Enquanto você me procurava?
Será que eu sei
Que você é mesmo
Tudo aquilo que me faltava?”

Por onde andei – Nando Reis

RAMON

A menina não abriu a boca enquanto Caio nos levava para a fazenda. Sentada no banco de trás, eu conseguia observá-la discretamente pelo espelho retrovisor do carro e notava em sua expressão, quando passávamos por algum trecho iluminado e a luz batia em seu rosto, que ela não estava nem um pouco contente com aquela situação. Bem, não era como se eu estivesse dando pulos de alegria, mas tinha consciência de que havia tomado a melhor decisão.

— Qual é o tipo de música que você gosta? — Caio perguntou, certamente tentando acabar com o clima de velório que havia se instaurado dentro do seu carro. — Pop? Funk?

— Não tenho um gênero musical preferido — ela disse.

— Eu também não! Nem o meu amigo aqui, não é, Baldez? Fale pra ela — ele disse, dando uma cotovelada em meu ombro.

— É — limitei-me a dizer.

— Faz um esforço, cara — Caio sussurrou e mexeu no rádio do carro. Uma música explodiu pelas caixas de som e o babaca sorriu. — Olha a nossa sorte, Gabi! Está tocando Beyoncé! Gosta?

— Gosto, sim.

— Eu também! Ela é gostosa pra caralho.

— Caio! — repreendi.

— Foda! Foda pra caralho, foi o que eu quis dizer — corrigiu-se e pude ouvir uma risada vindo da parte de trás do carro. Olhei pelo retrovisor e encontrei Gabriela rindo para Caio. Não entendi o porquê de o fato de *ele* ter a feito sorrir e não eu, ter me incomodado.

— Ela é muito bonita mesmo — concordou. — E muito foda também.

— Isso aí!

Deus do céu, aquela menina tinha idade para falar palavrão? Olhando atentamente, não conseguia dar a ela mais do que dezoito anos. Ela e Caio continuaram a conversar sobre música e cantoras *pops*, até chegarmos à fazenda. Às vezes, eu esquecia que Caio tinha uma mentalidade que não condizia com a sua idade real, acho que era por isso que ele e Gabriela conseguiram conversar com tanta facilidade. O que eu poderia conversar com uma menina como ela? Não sabia nada sobre música *pop*, não tinha redes sociais, não estava por dentro das últimas fofocas dos famosos... Realmente, a melhor coisa que eu poderia fazer para nós dois, era deixar que Cissa cuidasse de tudo o que ela precisasse.

Despedimo-nos de Caio e entramos no casarão. A luz da sala, como Cissa costumava fazer quando eu chegava tarde da noite, estava acesa e conduzi Gabriela em direção à escada. Ela observava tudo com atenção, notando o piso de madeira de lei, os móveis modernos que se misturavam com algumas das antiguidades da família. Aquela era apenas a sala de estar, ainda tinha a sala de televisão, sala de jantar, biblioteca, cozinha e a pequena sala de jogos que eu pediria para que Cissa lhe apresentasse no dia seguinte.

— O corredor que leva para o lado direito, fica o meu quarto. Para o lado esquerdo, ficam os quartos de hóspedes. Venha comigo.

Andamos lado a lado e parei em frente ao maior quarto de hóspedes da casa. Abri a porta e deixei que ela passasse primeiro, em seguida, entrei.

— Como está muito tarde, resolvi não incomodar Cissa para que arrumasse o quarto para você, mas não se preocupe. A roupa de cama foi trocada ainda essa semana e no closet tem toalhas limpas, mais travesseiros, se precisar, e edredons. Vou checar se está tudo em ordem no banheiro.

— Está bem.

Caminhei até o banheiro e encontrei dentro das gavetas sabonete, shampoo, condicionador, escova e pasta de dentes fechados e até mesmo sais de banhos para a banheira, caso ela fosse utilizar. Com tudo em ordem, voltei e a peguei observando o quarto. Não era do mesmo tamanho que o meu, mas era bem espaçoso, tinha uma área de estar com um sofá e duas poltronas, uma mesa de madeira com duas cadeiras próxima à sacada, além da área de dormir.

— Está tudo certo no banheiro, tem uma escova de dentes nova em cima da bancada da pia. Estarei em meu quarto, se precisar de qualquer coisa, não hesite em me chamar.

— Certo. — Ela murmurou e eu assenti, indo em direção a porta aberta do quarto. Antes que eu saísse, no entanto, a ouvi me chamar. — Hum... Senhor Baldez, espere um segundo, por favor. — Virei-me para ela e a encontrei no mesmo lugar, com as mãos enfiadas no bolso da calça jeans que, mesmo sem querer, observei que moldava as suas pernas. — Obrigada por me acolher na sua casa. Sei que não tinha obrigação alguma e, mesmo assim, está fazendo isso por mim. É muita gentileza da sua parte.

— Não precisa agradecer.

— Também gostaria de pedir desculpas. — Ela se adiantou antes que eu pudesse sair do quarto. — Foi errado da minha parte insinuar que o senhor poderia ser um homem ruim. Eu estava muito nervosa com tudo o que aconteceu e fui pega de surpresa... Sinto muito.

— Acho que, na verdade, foi prudente da sua parte questionar a minha índole, Gabriela. Você não me conhece, não tinha motivo algum para confiar em mim. Eu que não deveria ter levado para o lado pessoal. Se acomode e tente descansar, amanhã de tarde eu a levarei ao hospital.

— Obrigada.

A encarei uma última vez, fitando bem aqueles olhos diferentes e marcantes, antes de sair do quarto e fechar a porta.



GABRIELA

Não consegui dormir.

Fiquei rolando de um lado para o outro naquela cama enorme e desconhecida, sentindo o cheiro fresco do sabonete em minha pele e do amaciante na roupa de cama, enquanto observava a brisa que entrava pelas janelas balançar a cortina. Em minha cabeça, um milhão de pensamentos corriam de um lado para o outro, enquanto via as últimas semanas da minha vida passarem na frente dos meus olhos.

Sempre amei a fazenda. Uma das primeiras lembranças que tinha da minha infância, era de mim e minha mãe no lombo de Lua, sua égua favorita, percorrendo a fazenda com o sol se pondo. Eu amava aqueles momentos ao lado dela, ouvindo sua voz melodiosa, sentindo o cheiro de terra, observando o farfalhar das árvores. Depois da sua morte, a fazenda perdeu um pouco o seu brilho, principalmente pelo fato de meu pai ter me proibido de andar a cavalo. Fui sendo cada vez mais afastada do convívio com os animais, restringida por onde poderia andar em minhas próprias terras, até meu pai tomar a fatídica decisão de que eu me mudaria para São Paulo com Dora, minha babá.

A partir daí, apesar de voltar raramente para a fazenda quando estava de férias, não me sentia mais à vontade naquele lugar. São Paulo não havia se tornado o meu lar, apesar do gigantesco apartamento que meu pai comprou para que eu pudesse morar, e a fazenda foi se tornando cada vez mais distante da minha realidade, até fazer parte apenas da minha memória. Por isso, foi com surpresa que recebi a notícia de que deveria voltar para Santo Elias, pois meu pai iria vender o apartamento onde eu morava há quase dez anos. Ele sempre deixou claro que eu só poderia retornar quando terminasse a faculdade. O curso nunca esteve em discussão, iria estudar Administração, pois, mesmo que eu estivesse sido afastada da fazenda durante quase toda a minha vida, eu ainda iria cuidar dela quando Abraão Rodrigues não estivesse mais aqui.

Deveria ingressar na faculdade no próximo semestre, já tinha tudo em ordem e João Marcelo iria cuidar da parte burocrática. Minha vida já estava “encaminhada”, como meu pai gostava de dizer, até descobrir que simplesmente não estava mais.

“Você precisa retornar à fazenda, Gabriela”. Meu pai disse ao telefone, depois de João Marcelo ter me mandando um e-mail, avisando que eu deveria começar a embalar todos os meus pertences. *“Vou precisar vender o apartamento em São Paulo. Sei que tem que começar a faculdade no próximo*

semestre, mas, com certeza, daqui a seis meses minha vida já estará em ordem e você vai poder voltar para concluir os seus estudos."

Soube que havia algo bem maior por trás daquele simples telefonema. Abraão nunca foi um pai ruim, muito pelo contrário. Educou-me da melhor forma possível ao ficar viúvo aos vinte e cinco anos, fez questão de que eu estudasse nos melhores colégios, que comesse as melhores comidas e vestisse as melhores roupas. Nunca deixou que nada me faltasse, exceto uma coisa: seu carinho. Abraão era um homem seco, um tanto distante. Nunca foi de dispensar atenção ou cuidados além do necessário, raras eram as suas demonstrações de afeto. Cresci acostumada com o seu jeito e, apesar de sentir falta de receber o seu amor, sempre coloquei em minha cabeça que aquele era o jeito dele, que ele era um bom pai, pelo menos o melhor que ele poderia ser. Por isso, estranhei quando me disse que eu deveria retornar à fazenda e que iria vender o apartamento. Ao chegar em Santo Elias, entendi a real dimensão do seu problema.

Meu pai estava com graves problemas financeiros. Saber que havia mandado mais da metade dos funcionários embora foi um choque, principalmente ao tomar conhecimento que Margarida, nossa governanta desde antes de eu nascer, estava entre eles. Não sabia muito bem o que realmente estava acontecendo, papai não quis se sentar comigo e explicar, mas não era boba ou burra, sabia que aquela era apenas a pontinha do *iceberg*. Estava preocupada com o futuro, não sabia nada sobre os próximos passos do meu pai, mas de uma coisa eu tinha certeza: ele daria um jeito. Abraão Rodrigues sempre conseguia o que queria e daria a volta por cima. Era nisso que eu acreditava, até a noite de hoje.

Saber que meu pai estava agora entre a vida e a morte em uma cama de hospital, só não me chocava mais do que saber que ele havia passado a tarde em um bar, bebendo até não conseguir se manter de pé. Aquele não era o homem que eu havia conhecido durante toda a minha vida. Abraão Rodrigues não perdia o controle, *nunca*. Mas havia perdido daquela vez. E a consequência havia sido quase fatal.

— Ele vai sair dessa — murmurei para mim mesma, para Deus, para o universo, enquanto via a noite se transformar em dia pela janela aberta. — Por favor, Deus, permita que meu pai se recupere. É só o que eu peço.

Dinheiro, prestígio, a nossa fazenda... Tudo isso a gente podia correr atrás e recuperar depois. O mais importante era que ele sobrevivesse. Eu já tinha perdido a minha mãe e, apesar de não ser o pai mais presente e amoroso do

mundo, não poderia o perder também.

Às seis horas da manhã, não consegui mais ficar deitada na cama. Levantei-me e fui direto ao banheiro lavar o rosto e escovar os dentes, voltando a me vestir com a roupa do dia anterior. Dei um jeito em meu cabelo e calcei os tênis, arrumando rapidamente a cama antes de pegar o meu celular e sair do quarto. O corredor era extenso, mas consegui me localizar e desci as escadas, ainda um pouco chocada com o tamanho daquela casa. Eu sabia apenas o essencial sobre a Fazenda Baldez. Era uma das menores da região, com apenas algumas cabeças de gado e parecia que andava mal das pernas até que Ramon Baldez conseguiu colocar ordem no caos e fez com que a fazenda da família ressurgisse das cinzas.

Em pouquíssimos anos, ele conseguiu comprar mais terras, expandiu a fazenda e começou a investir em cavalos. Pelo pouco que sabia, hoje em dia, Ramon era um dos fazendeiros mais ricos do país, respeitado e premiado dentro e fora do Brasil. Por isso, sabia que não deveria me espantar com o tamanho da sua casa, muito menos com a intensidade bruta que parecia emanar em ondas de dentro dele e ocupar todo o ambiente no qual ele entrava.

Foi assim que me senti quando ele entrou na sala de espera do hospital e bateu os olhos em mim. Fiquei tão chocada com ele, com a sua força silenciosa, com a intensidade daquele olhar, que, por um momento, sequer consegui respirar. Foi como se o mundo parasse para que apenas ele existisse. Poderia ser bobagem minha, mas eu sabia que não era. Nunca, em toda a minha vida, estive na presença de um homem tão diferente. Saber que agora estava em seu território, me desestabilizava. Não gostava muito da sensação de não estar no poder dos meus próprios sentimentos e foi isso que senti quando o vi pela primeira vez, quando apertei sua mão e, principalmente, quando bati de frente com ele. Enquanto discutíamos, tive a nítida impressão de que Ramon Baldez era capaz de engolir o mundo e fiquei assustada ao entender que eu poderia ser engolida também.

Respirei fundo para me estabilizar e olhei em volta, tentando descobrir qual caminho me levaria até a cozinha. Ele havia falado sobre uma tal de Cissa, sua governanta, e era lá que ela deveria estar. Comecei a andar pela casa e parei em uma segunda sala com uma TV enorme. Dali, podia ver dois corredores, um que me levaria ao lado esquerdo da casa e o outro que me levaria ao direito. Tentei apurar a audição, mas não consegui ouvir nada, por isso, peguei o corredor que levava ao lado esquerdo e segui em frente, mas só

vi portas fechadas. Ao passar por uma delas, ouvi uma movimentação e me assustei com o barulho de uma cadeira raspando contra o piso.

— *Eu falei que não! Não vou abaixar o preço, eu sei quanto os meus cavalos valem, diga para esse francês filho da puta que, ou ele aceita o valor que eu estipulei, ou nada feito!*

Jesus Cristo. Nem tive tempo de pensar no que fazer ou para onde fugir, pois a porta se abriu no exato momento em que o silêncio voltou a imperar e um Ramon Baldez furioso parou antes de trombar em mim. Sem palavras, apenas olhei para ele com os olhos arregalados e a mão na frente do peito, enquanto via a raiva em seus olhos dar lugar a uma espécie de indignação.

— O que você está fazendo aqui?

Abri a boca para responder, mas demorei um pouco para voltar a raciocinar enquanto passeava meus olhos por toda a sua extensão. Ramon era um homem alto, mais de 1,80cm com certeza e estando assim, tão perto de mim, fazia com que eu me sentisse uma menina. Uma *menina*. Bem do jeito que ele me chamava. A ironia deixou um gosto amargo na minha boca.

— Eu... Eu estava procurando a cozinha, mas me perdi. Não foi a minha intenção ouvir atrás da porta.

Ele franziu o cenho e olhou no relógio de pulso. Foi impossível não acompanhar aquele braço forte, com veias sobressalentes, que subiam até se esconderem sob a manga da blusa xadrez enrolada na altura do cotovelo.

— Não são nem sete da manhã ainda, o que faz acordada a essa hora?

— Poderia lhe fazer a mesma pergunta.

— Eu tenho que trabalhar, menina.

A cada vez que ele me chamava de menina, eu sentia meu sangue esquentar um pouquinho mais sob as minhas veias.

— Não consegui dormir, Senhor Baldez. Achei que ficar rolando na cama seria inútil, por isso, resolvi descer. Mas posso voltar para o quarto, se o senhor quiser.

Não era do meu feitio bater de frente com as pessoas, mas aquele homem... Aquele homem fazia com que eu tivesse vontade de mostrar, a todo instante, que eu não era uma adolescente, muito menos uma criança. Vi um pouco daquela sua autoridade ceder e ele assentiu, fechando a porta do que parecia ser um escritório, atrás de si.

— Vou levá-la até a cozinha, deve estar com fome.

Não estava, mas resolvi não contestar e o segui. Enquanto caminhávamos, com ele um passo à minha frente, levei meu tempo para o admirar. Ele

poderia ser um tanto irritante, mas era lindo. Tinha a postura reta, de quem dominava aquele lugar com punho de ferro e o chapéu de caubói que usava não o escondia, pelo contrário, parecia estar ali para deixar bem claro quem mandava. Apesar de estar de costas para mim, podia visualizar o seu rosto com perfeição em minha mente, a mandíbula marcada e escondida pela sombra de uma barba bem aparada, os olhos cor de mel, o cabelo castanho com as pontas queimadas pelo sol. Ele tinha traços marcantes, que ficavam registrados em sua memória mesmo que você não fizesse esforço algum para memorizá-los.

— A cozinha fica por aqui — disse ele quando retornamos para sala de estar, apontando para o outro corredor ao lado da escada. — Vou pedir para que Cissa lhe apresente os outros cômodos da casa depois que tomar o café da manhã. Quero que se sinta à vontade enquanto estiver aqui.

— Obrigada.

Ele assentiu por debaixo do chapéu e caminhamos lado a lado até a cozinha. Antes mesmo de chegarmos ao cômodo, pude ouvir vozes femininas e sentir o cheiro de café fresco e pão recém assado, algo bem típico de fazenda, que me fez sentir certa nostalgia. As mulheres pararam de falar assim que entramos na cozinha e uma senhora baixinha foi a primeira a se aproximar, com um enorme sorriso no rosto.

— Olá, querida! Você deve ser a menina de quem Ramon me falou mais cedo. Eu sou a Cissa, é um prazer recebê-la em nossa fazenda.

Sorri para a senhora simpática, que me deu um abraço caloroso. Senti-me bem automaticamente, mesmo estando incrédula ao saber que Ramon sequer havia falado meu nome para ela. Ao meu lado, ele disse:

— O nome dela é Gabriela, Cissa. Esqueceu?

Bom... Parece que presumi errado. Ainda bem que nem abri a minha boca para discutir com ele.

— Claro que não, menino. É só meu jeito de falar, você sabe — disse ela, puxando-me pela mão. — Gabriela, deixa eu te apresentar às meninas. Aqui a gente é como uma família, entende? Então, se as meninas te encherem de perguntas ou de comida, pode dar um “chega pra lá” nelas.

— Cissa, pelo amor de Deus! Vai assustar a garota assim! — Ramon ralhou.

— Que assustar o quê! Está assustada, querida?

— Nem um pouco — respondi em meio a uma risada.

A verdade era que eu estava achando tudo muito divertido e diferente. Em

minha casa, papai jamais permitiu que tratássemos os funcionários daquela maneira. Ele teria um infarto se nossa governanta o chamasse de “menino”. Cissa me apresentou à Rosana, Cristiane e Vera, que as auxiliavam na cozinha e nos afazeres da casa, em seguida, me fez sentar em frente à mesa farta de café da manhã.

— Precisa comer, está muito magrinha! — Cissa falou já me servindo uma xícara de café, enquanto Rosana colocava uma fatia de bolo em meu prato. No canto da cozinha, Ramon observava tudo em silêncio. — Depois, a gente vai dar uma volta nesse casarão e pela fazenda. Você vai amar. Tenho certeza que essa carinha triste logo vai embora. Ramon, você poderia preparar um cavalo para ela! Gosta de andar a cavalo?

— Eu adorava quando criança, mas há muitos anos que não ando.

— Então, vamos mudar isso enquanto estiver por aqui. O que mais tem nessa fazenda é cavalo!

— Já que está nas mãos de Cissa, vou voltar ao trabalho. Qualquer coisa, é só falar com a própria Cissa e ela resolve, tudo bem? — Ramon disse, já se movimentando para sair da cozinha.

Eu sabia que deveria apenas assentir e o deixar ir, mas minha impulsividade levou a maior e logo me ouvi perguntando:

— Não vai tomar café da manhã?

Ele pareceu surpreso com o meu questionamento e balançou a cabeça.

— Não, tomei café da manhã mais cedo.

— Que café da manhã você tomou, Ramon? Aquele golinho de café preto antes de se trancar no escritório? Pode se sentar aqui e comer, já falei que saco vazio não para em pé! — Cissa disse, arrastando a cadeira que ficava na cabeceira da mesa.

— Cissa, eu estou bem. Preciso verificar algumas coisas com os meninos, tive que alterar a minha agenda do dia, pois mais tarde irei com Gabriela ao hospital.

— Não quero saber da sua agenda do dia, quero que você se alimente. Já viu o sol lá fora? Acha mesmo que vai conseguir andar por essa fazenda toda sem comer nada? Pode vir comer — Cissa disse com cara de mandona e eu precisei encher minha boca com bolo para não rir. Nunca pensei que alguém teria coragem de falar naquele tom com Ramon Baldez. — E seria uma desfeita você deixar a menina tomando café sozinha! Ela é sua hóspede, Ramon.

Ramon olhou para Cissa, depois para mim e precisei desviar o olhar para

que ele não visse que eu estava achando graça da situação. As meninas conversavam em um canto da cozinha sobre um assunto qualquer, como se aquela situação fosse comum. Deveria saber que, ao lado de um homem como aquele, havia uma mulher mais forte ainda do que ele. Alguém precisava ser o ponto de equilíbrio do todo poderoso Ramon Baldez. Soltando um suspiro, o fazendeiro durão tirou o chapéu de caubói e caminhou a passos largos, ocupando seu lugar à cabeceira da mesa.

— Pronto, Cissa. Satisfeita?

— Ainda não, pois sua boca está vazia e o estômago também!

Dessa vez foi impossível não rir e, por sorte, não estava comendo nada, ou engasgaria. Senti o olhar sério de Ramon sobre mim e a mão de Cissa sobre o meu ombro.

— Viu? Eu disse que logo, logo tiraria aquela expressão triste do seu rosto, menina linda.

Nem tive tempo de responder, pois Cissa saiu tirando todo mundo da cozinha, mandando uma para cada canto da casa e logo me deixou a sós com Ramon. Automaticamente, senti falta do seu bom-humor.

— Fico feliz que tenha se divertido — Ramon murmurou com sarcasmo por cima da xícara de café.

— Eu adorei a Cissa, ela é maravilhosa!

— Ela está é ficando doida da cabeça — falou e eu ri mais um pouco, tendo um vislumbre do seu sorriso.

— Ela se importa com você.

— Sim, eu sei, só por isso não a demiti ainda — falou e eu fiquei sem saber se era sério ou não. Ao ver minha expressão de dúvida, ele sorriu de lado e balançou a cabeça. — Estou brincando, jamais demitiria a Cissa, ela é a minha segunda mãe. Amo muito essa mulher, ela só não pode saber disso, se não vai ficar mais abusada do que já é — disse, piscando para mim.

Ele *piscou* para mim. Jesus Cristo, eu não esperava por isso. Pigarreando, tentei disfarçar.

— Ela parece ser mais mandona do que você.

— Eu não sou mandão, só quando o assunto é trabalho.

— Você é mandão, sim.

— Não sou, não — falou franzindo o cenho. Arqueei uma sobrancelha e ele pareceu engolir com dificuldade, antes de concordar comigo. — Sim, eu sou, mas é porque gosto de tudo ao meu modo. Sei o que é melhor para mim e para a minha fazenda.

— Não tenho dúvidas disso. É impressionante tudo o que você fez nessa fazenda, a forma como ela cresceu nos últimos anos. Sei um pouco da sua história e é admirável.

Ele pareceu ficar surpreso com o que eu disse, pois me olhou com mais intensidade, as sobrancelhas franzidas, como se tentasse enxergar dentro de mim.

— Não sabia que se interessava por esse tipo de assunto.

— Esse tipo de assunto?

— Fazendas. Viveu tantos anos na cidade grande, achei que tivesse adquirido gosto por outras coisas.

— Meu pai jamais permitiria que eu fizesse outra coisa que não fosse cuidar da fazenda — falei em meio a uma risada sem humor. Ramon me olhou com interesse.

— E você quer fazer outra coisa?

— Não importa muito o que eu quero. No final, vou acabar vivendo a vida que meu pai planejou para mim.

Tomei um susto quando a mão dele cobriu a minha por cima da mesa e seus olhos fitaram os meus com atenção.

— *Tudo* o que você quer, importa, Gabriela. Não deixe que ninguém, nem mesmo o seu pai, arranque de você os seus sonhos e a sua vontade. Percebi que você tem personalidade, então, não a perca — disse ele antes de se levantar e voltar a colocar o chapéu. — Preciso ir, tenho um monte de pendências para resolver.

— Mas você nem comeu...

Ele pegou um dos sanduíches de cima da mesa e apontou para mim.

— Pronto, problema resolvido.

Observei enquanto ele saía a passos largos da cozinha e senti meu coração disparado ao me ver sozinha, mas ainda com a sua presença marcante bem ali, como se estivesse ao meu lado. Enquanto voltava a comer, repassei cada uma das suas palavras em minha mente e percebi que ninguém jamais me incentivou como ele havia acabado de fazer.



“Tão longe do chão
Serei os seus pés
Nas asas do sonho rumo ao teu coração”

Pássaro de Fogo – Paula Fernandes

GABRIELA

Após o café da manhã, Cissa me fez conhecer cada cômodo do casarão — exceto o quarto de Ramon, tendo em vista que aquele era o seu espaço pessoal. Se eu já estava chocada com o tamanho da casa anteriormente, agora, mal conseguia manter a minha boca fechada. O casarão da fazenda do meu pai também era enorme, mas não se comparava ao da Fazenda Baldez e Cissa logo me explicou o porquê. Ramon havia feito uma obra gigantesca nos últimos anos, para conseguir recuperar não só a estrutura antiga da casa, como para ampliá-la e adicionar mais cômodos.

Cissa me contou que havia uma área da fazenda destinada às casas dos funcionários mais antigos. Alguns trabalharam para o pai de Ramon e quando ele tomou o comando da fazenda e a reergueu, fez questão de construir casas para esses funcionários e outros que não haviam sido dispensados. Ela também tinha uma casa ali, mas ficava mais perto do casarão e disse que me levaria para conhecer em algum outro momento.

Era engraçado ver Cissa me contar tudo, pois ela falava rápido e era

bastante agitada. Também gostava de deixar claro a sua opinião. Ela sentia muito orgulho de Ramon e de tudo o que ele havia conquistado, mas também achava uma loucura ele ter ampliado tanto a casa, sendo que morava sozinho e raramente fazia festas ou recebia um grupo grande de amigos.

— O menino gosta de me fazer gastar energia. Essa é a única explicação para ter uma casa tão grande — falou ela. Apesar da careta cômica em seu rosto, seus olhos brilhavam de admiração enquanto chegávamos à enorme varanda na frente da casa.

— Ele deve ter pensado no futuro, Cissa. Um dia ele vai se casar, ter filhos... — comentei, enquanto olhava a fazenda a se perder de vista.

— Eu torço mesmo para que isso aconteça, mas o homem é difícil de ser enlaçado por uma mulher! Nunca vi nada igual.

— Ele não tem uma namorada?

— Ramon nunca me apresentou uma namorada, acredita?

— Será que ele é gay? — perguntei em voz alta, sem pensar direito. Cissa me olhou e soltou uma risada alta.

— Pode ter certeza que não, menina. Ele nunca me apresentou uma namorada, mas isso não quer dizer que não se divirta por aí. Ele só não encontrou a mulher certa para fisgar aquele coraçãozinho ainda.

Fiquei me perguntando se Ramon era exigente em todos os âmbitos da sua vida. Provavelmente, sim. Isso explicaria o fato de ele nunca ter levado uma namorada para casa. Fomos caminhando pela extensão do casarão até chegarmos à primeira baia de cavalos. A alguns metros dali, podia ver um cercado enorme com dois homens dentro e um cavalo com a pelagem marrom bem escura. Mesmo de longe, pude perceber que um dos homens era Ramon e ele tentava manter o cavalo quieto, acariciando sua fronte e segurando sua rédea com o pulso firme.

— Esse cavalo vem dando trabalho para o Ramon. O bichinho parece ter o temperamento difícil.

— Que nem o dono?

Cissa me olhou e riu um pouco.

— Exatamente. Vamos chegar mais perto para observar.

Caminhamos para perto do cercado, mas ficamos alguns metros longe, apenas observando. O outro homem segurou mais firme a rédea do cavalo e Ramon conseguiu montar, mas o bicho ficou mais arredio e começou a pular sobre as patas dianteiras e dar coices no ar com as patas traseiras. Meu coração ficou na mão ao ver como Ramon tentava se equilibrar sobre o

cavalo arisco, tentando domá-lo ao mesmo tempo em que lutava para não cair. Ao meu lado, Cissa parecia muito tranquila, como se aquilo fosse algo rotineiro.

— Deus do céu, Cissa, ele vai cair e quebrar a cabeça!

— Fica calma, menina. Ramon é acostumado com isso. Se tem alguém que vai conseguir domar esse cavalo, vai ser ele — disse ela segurando-me pelo pulso. Não era como se eu fosse sair correndo até lá, apesar da minha vontade.

Ramon conseguiu ficar apenas mais alguns segundos em cima do cavalo, antes que mais dois ajudantes pulassem a cerca e segurassem o animal para que ele pudesse descer. O cavalo relinchava alto, como se fosse um trovão, e se agitava com a respiração forte e irregular. Já tinha visto filmes com cavalos selvagens antes, mas nada chegava perto de presenciar tudo aquilo ao vivo, acontecendo bem na sua frente. Era insano e assustador.

Ramon ditou ordens e tirou o chapéu de caubói para poder limpar o suor que escorria pela sua testa. Quando levantou o rosto, encarou a mim e a Cissa e pulou a cerca para poder se aproximar de nós duas.

— E eu, inocente, achando que você já tinha domado o bichinho. Ele quase te deu uma surra, menino — Cissa disse assim que ele se aproximou.

Eu só consegui seguir o rastro de suor que desceu pela lateral do seu rosto, pelo maxilar marcado e escorregou em queda livre pelo seu pescoço até se esconder sob a gola da camiseta branca que ele usava por debaixo da camisa xadrez. Não entendi o que havia de tão fascinante naquele homem suado, mas mal consegui piscar. Sua voz forte que me fez voltar à realidade:

— *Quase*, mas não deu. Sinto que estou avançando com ele.

— Avançando para a selvageria, só se for.

— Cissa, pensei que você tivesse um pouco mais de fé em mim!

— E eu tenho! Só que você tem que admitir que o pobrezinho está dando trabalho.

— Muito trabalho — concordou ele, virando-se para mim. Antes de falar alguma coisa, olhou o relógio de pulso e franziu o cenho. — Gabriela, vou tomar um banho rápido e me trocar, em seguida, a gente passa na sua casa para que você possa pegar suas coisas e de lá vamos direto para o hospital, tudo bem?

O plano inicial era que Cissa me acompanhasse, mas não iria me opor de ir na companhia dele.

— Claro.

Ele assentiu e saiu sem pedir licença, caminhando rápido até o casarão. O acompanhei com o olhar, tentando descobrir por que ele me fascinava e intrigava ao mesmo tempo.

— O que você gostaria de comer no jantar, querida? — Cissa perguntou, cruzando o braço no meu enquanto voltávamos para o casarão.

— Não precisa se preocupar comigo, Cissa. Qualquer coisa que fizer, eu vou adorar.

— Soube que você ficou muito tempo em São Paulo, certo?

— Sim. Voltei para Santo Elias há poucos dias.

— Então, vou fazer um frango com pequi no capricho, para que você se sinta em casa! Nada como a comida da nossa terra para nos trazer de volta às nossas raízes.

Eu não podia deixar de concordar.



Cissa foi para a cozinha e eu fiquei na sala esperando por Ramon. João Marcelo havia me mandado uma mensagem, falando que chegaria ao hospital no horário marcado pelo médico e eu estava começando a ficar ansiosa novamente. Passar aquele tempo com Cissa havia me ajudado a distrair, mas, agora que estava chegando a hora de ver o meu pai, eu estava ficando mais preocupada. E se não tivéssemos boas notícias? O médico havia deixado claro que nos ligaria, caso houvesse alguma alteração em seu quadro, mas, e se ele tivesse deixado para falar pessoalmente? E se meu pai tivesse piorado?

— Vamos?

Dei um pulo do sofá assim que ouvi a voz grave de Ramon atrás de mim e guardei meu celular no bolso. O cheiro amadeirado do seu perfume me invadiu assim que me virei e o encarei. Ele estava sem o chapéu, usava uma blusa de meia manga preta e uma calça jeans que lhe caía muito bem.

— Vamos.

Antes de irmos, Cissa veio se despedir e estimou melhoras para o meu pai. Ela não falou nada sobre ele enquanto estivemos juntas e acho que fez isso para que eu conseguisse relaxar, o que havia surtido efeito. Depois de me abraçar, ela se despediu de Ramon e, juntos, fomos em direção ao seu carro, que era um 4x4 enorme e robusto, todo preto. Passamos os primeiros minutos

da viagem em silêncio e a falta de diálogo estava me deixando mais nervosa. Fazendo de tudo para que ele não percebesse que eu precisava conversar, ou iria surtar, falei baixinho:

— João Marcelo disse que vai visitar o meu pai também.

Olhando-o de lado, pude ver o seu cenho se franzir.

— Ele ainda está em Santo Elias?

— Sim.

— E onde ele fica quando vem para a cidade?

— No hotel. É mais cômodo, já que ele vive em Goiânia e não aqui.

— Sim, ele me disse que mora em Goiânia. Foi por isso que me pediu para que eu a acolhesse na fazenda.

— Eu espero que seja por pouco tempo. Não quero abusar da sua hospitalidade.

— Você pode ficar o tempo que precisar, Gabriela, não se preocupe com isso — disse, olhando-me rapidamente antes de voltar a atenção à estrada. — Eu torço para que seja por pouco tempo, porque estimo a melhora do seu pai, apesar de tudo.

— Apesar de tudo? — perguntei sem entender. Ramon batucou os dedos sobre o volante antes de me responder.

— Não somos amigos, exatamente. Apenas parceiros de negócios.

— Costuma fazer negócios com seus inimigos?

Ele me olhou com uma sobrancelha arqueada.

— Não disse que somos inimigos.

— Mas também não são amigos.

— Não ser amigo de alguém não me torna inimigo desse alguém — falou e eu sabia que ele tinha razão, apesar de sentir que havia algo mais por trás de suas palavras. — Se Deus quiser, vamos chegar ao hospital e receberemos boas notícias.

— Assim espero — concordei fechando os olhos rapidamente e fazendo uma prece. Com medo de que mergulhássemos no silêncio de novo, emendei em outro assunto. — Aquele cavalo que você estava tentando domar... Qual é a raça dele?

— Trovão é um Mustang.

— O nome dele é Trovão?

— Sim. Por quê?

— Foi exatamente isso que pensei quando ele começou a relinchar. Era alto e forte como um trovão. Foi por isso que escolheu esse nome? —

perguntei com um sorriso, ficando animada com o assunto.

— Também. Foi uma série de fatores.

— Explique-me — pedi quando vi que ele tinha se calado. Ele me olhou como se não acreditasse que eu estava mesmo interessada em saber mais sobre o cavalo, por isso, falei: — Cavalos me fascinam, desde criança, mas depois da morte da minha mãe, meu pai me proibiu de chegar perto de um. Acabei tendo que deixar essa paixão de lado, principalmente quando me mudei para São Paulo.

— Sua mãe morreu em uma queda de cavalo, não foi?

Senti meu sorriso ir embora conforme me lembrava dos flashs que ainda guardava daquele dia.

— Sim. Eu tinha cinco anos, então, me lembro de pouca coisa, mas tenho na memória o momento exato em que ela caiu e bateu com a cabeça no chão. Houve uma grande correria dos funcionários e Margarida, nossa governanta, me tirou dali e me levou para o meu quarto. Eu não queria ir, lógico, queria saber se minha mãe estava bem, chorava e estava muito assustada, mas ninguém quis me deixar chegar perto dela. Depois disso, só lembro do meu pai me contando que ela não havia resistido. Anos depois, soube que, na verdade, ela morreu na hora. A queda foi fatal.

Ramon ficou alguns minutos em silêncio e eu também, enquanto sentia meu coração comprimido contra a caixa torácica. Tive poucos anos com a minha mãe, mas conseguia me lembrar de alguns momentos ao lado dela e todos eles eram especiais demais para mim. Era difícil não ficar imaginando como seria a nossa relação nos dias de hoje. Certamente, seríamos muito amigas.

— Eu sinto muito. Quando soube da morte da sua mãe, fiquei muito chocado. Ela era tão nova, tinha a vida inteira pela frente.

— Verdade. Tenho certeza de que, se estivesse aqui hoje, meu pai não estaria na situação em que se encontra agora.

Ramon assentiu e me olhou rapidamente enquanto passava a marcha.

— Escolhi Trovão não só por ele relinchar alto daquela forma, mas por ser imprevisível — disse ele depois de alguns minutos. Agradeci silenciosamente por ter mudado de assunto. — Não sei se você sabe, mas minha fazenda é conhecida por conta dos cavalos da raça Quarto de Milha. Eles são dóceis e fáceis de lidar, são resistentes e se encaixam em inúmeras funções. No entanto, nos últimos anos, venho investindo mais em outras raças e uma delas é o Mustang. No momento, tenho apenas vinte cavalos dessa raça, doze

machos e oito fêmeas e Trovão é o mais arredio de todos. Essa espécie é conhecida por ter um temperamento antissocial e independente, mas confesso que não estava preparado para lidar com tanta rebeldia. Então, Trovão, para mim, é uma tela em branco e eu sou o artista que está com o pincel e a tinta na mão, mas que não sabe exatamente por onde começar a pintar.

Era a primeira vez que Ramon falava tanto e de uma vez só na minha frente. Claro, nos conhecíamos oficialmente há pouco menos de vinte e quatro horas, mas não precisava ser um gênio para saber que ele não era do tipo falante. Até começar a declamar sua paixão pelos cavalos. Era lindo observar a forma como seus olhos ganhavam vida enquanto falava dos animais.

— Acho que você vai conseguir pintar um quadro bem bonito — segui com a sua metáfora. — Vi a sua persistência com o Trovão, você vai conseguir o acalmar e fazer com que confie em você.

— Eu espero que sim — disse ele, virando levemente para a direita. A forma como as veias sobressalentes do seu braço aparecia quando ele apertava o volante, estava me distraindo. — Você disse que tem anos que não anda a cavalo. Quando quiser, é só me avisar e eu separo um bem dócil para você montar.

Ele disse aquelas últimas palavras no exato momento em que, por alguma loucura do meu inconsciente, eu descia o olhar pelo seu corpo até parar no alto das suas coxas. Quase engasguei com a minha própria saliva e virei o rosto para frente, temendo que eu fosse flagrada. *Jesus Cristo, qual era o meu problema?*

— Ouviu?

— Sim — respondi rápido, me repreendendo por ter prendido o cabelo naquela manhã. Se ele estivesse solto, estaria escondendo a minha cara deslavada. Limpando garganta, fiz de tudo para deixar aquele assunto de lado. — Mas tenho certeza que meu pai vai sair logo do hospital e vou poder voltar para casa. Acho que nem vai dar tempo de montar em lugar nenhum.

"Meu Deus, Gabriela, cala a boca!"

Pela minha visão periférica, vi Ramon me dar um olhar meio esquisito, mas ele não disse mais nada e eu agradeci por isso. Realmente, minha mente parecia entrar em curto-circuito quando estava perto daquele homem, essa era a única explicação. Avistei o brasão da família Rodrigues antes mesmo de enxergar os portões automáticos e nunca ansiei tanto por sair de dentro de um carro. Ramon dirigiu por mais alguns minutos depois que entramos na

fazenda, até parar em frente ao casarão.

— Precisa de ajuda?

— Não, vou pegar pouca coisa. Prometo que serei rápida.

— Tudo bem, vou esperar aqui.

Consegui sair do carro sem correr e soltei todo o ar que prendia em meus pulmões quando pisei em meu quarto. Em que momento meus olhos começaram a ter vontade própria? Pois apenas isso explicava o fato de eu ter secado o corpo de Ramon minutos atrás! E foi justamente na hora em que ele falou sobre montar. Tinha como ser mais inapropriado?

— Tudo o que aconteceu foi inapropriado, Gabriela. Tudo! — falei para mim mesma, enquanto entrava em meu closet.

Ainda não havia terminado de desarrumar minhas malas, por isso, aproveitei que tinha algumas peças de roupas em minha mala de mão e só acrescentei mais algumas calcinhas e sutiãs, meus produtos de cabelo e maquiagem, chinelo, minhas botas — que eu só tinha oportunidade de usar na fazenda — e uma sandália. Não achava que precisava de mais do que aquilo, pois tinha esperança de que meu pai deixaria o CTI e logo voltaria para casa.

Deixei meu quarto para trás e encontrei Ramon encostado em seu carro, falando com alguém pelo celular. Seu rosto enfezado deixava claro que não estava gostando do que ouvia, mas não o encarei muito, pois não queria soar mal-educada. Assim que me aproximei, ele pegou minha mala e a colocou na parte de trás, em seguida, abriu a porta do carro para que eu pudesse entrar. Tudo isso sem dizer uma palavra ou desamarrar a cara. Por fim, deu a volta e ocupou o banco do motorista.

— Preciso desligar agora, Marcos, nós conversamos sobre isso mais tarde. Passe na fazenda por volta das sete e meia — falou e desligou.

Observei discretamente enquanto ele colocava o celular no bolso e ligava o carro.

— Pegou tudo? — perguntou.

— Sim, peguei.

Não conversamos mais depois disso. Ele estava sério e muito pensativo e achei que era melhor não forçar nada, principalmente depois de ter encarado seu corpo. Eu só esperava que ele não tivesse percebido. Meia hora depois, chegamos ao hospital e uma recepcionista nos levou para a mesma sala em que ficamos na noite anterior. Aguardamos por mais alguns minutos, até o médico que estava de plantão vir falar conosco. Foi o tempo exato para que

João Marcelo também chegasse e recebesse as últimas notícias ao nosso lado.

— Como o meu pai está? — perguntei assim que o médico entrou. Ele mexeu no tablet rapidamente e me olhou nos olhos.

— O estado do seu pai ainda é muito grave, porém, estável, o que significa que não houve alteração. Estamos monitorando minuciosamente a sua atividade cerebral, que é o que mais nos preocupa no momento.

— E ele pode ter alguma sequela? — perguntei, pois aquilo era o que mais temia. Meu pai não iria suportar viver com alguma sequela, fosse ela mínima. Vi que o médico hesitou um pouco, mas foi sincero.

— É provável que ele tenha, mas a seriedade das sequelas vai depender de quanto tempo seu cérebro vai demorar para reagir ao tratamento. No momento, só peço para que aguardemos a conclusão das primeiras quarenta e oito horas — disse o médico, passando o dedo pelo tablet novamente. — A visita está liberada, mas só pode entrar um por vez e é preciso que respeitem o tempo de dez minutos ao lado do paciente.

— Eu vou entrar primeiro — afirmei e nem Ramon ou João Marcelo ousaram contestar.

O CTI ficava no sexto andar e precisei colocar uma máscara e luvas antes de entrar. O médico deixou claro que meu pai estava entubado, com o braço esquerdo e as duas pernas engessadas e eu tentei visualizar tudo aquilo na minha mente, mas, mesmo assim, levei um choque ao entrar no quarto. Aquele não podia ser o meu pai. Abraão Rodrigues era conhecido pela sua altivez e personalidade ácida, ele jamais se permitiria ficar naquele estado. Mas ali estava ele, indefeso, preso a uma cama, lutando pela própria vida.

Senti meu peito se apertar em dor ao me aproximar e tocar em sua mão direita com cuidado. Seus olhos estavam inchados, havia muitas escoriações pelo seu corpo e o único barulho no quarto era o da sua respiração, que era bem artificial.

— Pai, eu estou aqui — falei baixinho, torcendo para que ele pudesse me ouvir. — Sei que ficamos distantes durante todos esses anos, mas quero que saiba que eu amo o senhor, independentemente de qualquer coisa, e estarei ao seu lado em todo momento. Por favor, não desista.

Nada aconteceu. Ele não deu qualquer sinal de que estava me ouvindo, seus batimentos cardíacos não aumentaram e sua respiração continuou artificial. Mesmo assim, continuei ao seu lado até o meu tempo acabar e, quando saí, encontrei Ramon do lado de fora, encostado contra a parede. Ele se aproximou de mim e me olhou com a expressão preocupada.

— Como você está?

Por um momento, pensei que ele tivesse se esquecido de que o doente ali era meu pai e não eu, mas entendi que deveria estar preocupado com o meu psicológico. Achei extremamente gentil da sua parte.

— Chocada. Não parece que é o meu pai que está deitado ali, entende? Você o conhece, sabe que estar naquela posição, para ele, seria algo pior do que a morte. Ele jamais aceitaria isso.

— Sim, eu sei, mas é preciso que ele esteja ali, para que volte mais forte — disse ele, tocando em meu ombro. Senti um arrepio passar pelo meu corpo com o seu toque, a mão áspera e levemente calejada de encontro a minha pele. — Vai dar tudo certo.

— Tenho certeza que sim. Vai entrar para visitá-lo?

Ele parecia meio indeciso, mas, por fim, assentiu e passou por mim para colocar a luva e a máscara e esperar que João Marcelo saísse. Aguardei enquanto ele fazia a visita e me despedi do advogado do meu pai, que disse que precisaria voltar para Goiânia na manhã seguinte, mas que estaria atento ao celular e voltaria correndo, se fosse necessário. Assim que as portas do elevador se fecharam, Ramon deixou o CTI e parou ao meu lado. Sua expressão não demonstrava nada do que estava passando em sua cabeça.

— Vamos embora?

— Sim. O médico disse que posso voltar amanhã para visitá-lo, se você não puder vir comigo, eu posso...

— Claro que virei com você, não se preocupe com isso — ele me interrompeu e apertou o botão do elevador. — Virei com você em todas as visitas que eu puder.

— Senhor Baldez, eu não quero incomodar...

— Primeiro, acho que podemos deixar de lado essa história de “Senhor Baldez”. Não sou tão velho assim e nem meus empregados me chamam de senhor — falou entrando no elevador ao meu lado. Seus olhos bateram nos meus e eu me senti presa naquelas órbitas cor de mel. — Segundo, não será incomodo algum. Já está decidido.

— Tudo bem... Ramon — falei, vendo as portas se fecharem. Ele se virou para frente e me senti mais segura para falar: — Sabe, eu não estava te chamando de senhor por achar que você é velho ou coisa parecida. Você está bem longe de parecer um velho.

Ele me olhou com as sobrancelhas arqueadas e eu limpei a garganta, desviando o olhar. Certo, meu cérebro havia dado um nó hoje. Culpa da noite

insone, eu tinha certeza.

— Era só uma questão de educação — completei.

Pelo menos consegui fechar com chave de ouro.

— Sim, eu entendi — disse ele.

Saímos juntos do hospital, enquanto eu ainda me sentia um tanto anestesiada com todas aquelas emoções.



“As pessoas se apaixonam de maneiras misteriosas
Às vezes apenas com o toque de uma mão”

Thinking Out Loud – Ed Sheeran

RAMON

Depois de passar o resto da tarde resolvendo assuntos na fazenda, consegui, finalmente, subir para o meu quarto e tomar um banho demorado. Apesar da temperatura estar na casa dos 30°C, não havia chovido nos últimos dias e passar tanto tempo embaixo do sol, mesmo com o chapéu, cobrava o seu preço. Meu corpo e mente imploravam por descanso, afinal, mal havia dormido na noite anterior, mas ainda tinha assuntos pendentes para resolver.

Após o banho, desci e fui direto para o escritório, pois tinha uma reunião com Marcos Castilho. Aquela negociação com o empresário francês vinha me estressando mais do que o previsto. Depois de ter a qualidade da minha fazenda e dos meus cavalos sendo reconhecidas internacionalmente, pensei que não teria mais problemas com negociações fora do Brasil, mas Pierre Beauvoir vinha sendo uma pedra no sapato. Abri o e-mail que Marcos havia me enviado mais cedo e comecei a analisar os documentos em anexo, mas me vi com a cabeça longe minutos depois.

Passei o dia inteiro evitando pensar em Abraão naquela cama de hospital,

mas, agora que estava sozinho, era impossível fazer com que minha mente parasse de repetir o que vi hoje mais cedo. Abraão Rodrigues era, há pouco mais de dez anos, a referência de Santo Elias. Assim como seu bisavô, avô e pai, ele manteve a tradição de “Rei do Gado” e levou adiante a fama e a fortuna da família, até começar a quebrar. Mesmo assim, ele nunca perdeu a altivez, a mania de olhar para todos por cima, como se fosse o dono do mundo. Vê-lo naquela situação, completamente debilitado e dependente, deixava claro como a vida era um sopro e podia derrubar qualquer um.

Apesar de nossas inúmeras e gigantescas diferenças, não desejava o seu mal. Então, lembrei-me de Gabriela e do modo como saiu do CTI, assustada com a situação do pai, e soube que iria fazer de tudo para que ela se sentisse bem enquanto estivesse sob a minha proteção. Era isso que eu iria querer se, por um acaso, estivesse na situação de Abraão e não tivesse ninguém para cuidar de um filho meu.

Por mais que não quisesse, tinha quase certeza de que Abraão não sairia daquele hospital com vida — e, se saísse, seria com alguma sequela grave. Ficar durante nove minutos sem que o coração bombeasse sangue e que o cérebro recebesse oxigenação, não eram situações favoráveis para que ele simplesmente acordasse e saísse andando como se nada tivesse acontecido. Se por um acaso ele acordasse do coma, ainda teria um longo caminho pela frente até a sua recuperação total. Enquanto isso não acontecia, faria questão de manter Gabriela em minha fazenda e daria carta branca para que Cissa cuidasse dela da melhor maneira possível.

— Ramon? Marcos Castilho chegou — Cissa disse ao abrir um pouco a porta do meu escritório.

— Peça para ele entrar, Cissa.

— Está bem. Ele vai ficar para o jantar? Preciso saber para pôr a mesa.

— Sim, farei o convite a ele e sei que não vai recusar.

— Fiz frango com pequi, será que ele vai achar muito simples?

— Cissa, não há nada de simples em sua comida, não se preocupe com isso. Só separe um bom vinho.

Ela me deu aquele sorriso bobo de quem adorava e, ao mesmo tempo, ficava encabulada com um elogio e assentiu.

— Está bem, vou pedir para o moço entrar.

Ela saiu e Marcos entrou segundos depois, vestido em um terno impecável, apesar de aquela ser uma reunião informal. Depois de apertarmos as mãos, ele se sentou em frente à minha mesa e começou a me contar detalhes da

ligação com Pierre. O francês queria quinze cavalos Quarto de Milha, todos machos, para fazer parte da hípica que iria abrir no próximo ano. O problema em questão, era que ele queria cavalos novos e bem treinados e isso aumentava o nosso preço.

— Ele me disse ao telefone que estava em contato com outros fazendeiros. Um dos Estados Unidos, em específico, está disposto a vender os cavalos pelo preço que ele está nos pedindo.

— Então, que ele compre com o fazendeiro dos Estados Unidos. Não vou abaixar o meu preço, Marcos e está decidido. O francês quer quinze cavalos novos, ele sabe que temos cavalos que atingiu a idade adequada há pouquíssimo tempo, tem consciência de que somos referência em adestramento e, ainda assim, quer que eu abaixe o preço? Se ele não está procurando por qualidade, então, que compre em outro lugar.

— Pierre sabe que o selo Baldez chama a atenção, eu tenho certeza que ele vai comprar os cavalos pelo preço que estamos pedindo, é só questão de tempo.

— Tempo é dinheiro, Marcos. Não sei se o francês já ouviu esse ditado, mas ele é certeiro. Não vou ficar esperando pela boa vontade dele em querer fechar o negócio, quando sei que outros empresários pagariam o preço que fosse pelos meus cavalos. Diga que não vou manter essa proposta por muito mais tempo e que ele precisa se decidir logo.

— Pode deixar, vou fazer mais um pouco de pressão e ele vai ceder.

— Assim espero.

O mercado europeu ainda era muito fechado quando o assunto era equinos. Ter os meus cavalos em uma hípica francesa me abriria mais portas e não queria perder essa oportunidade, mas sabia que não podia desvalorizar todo o meu trabalho vendendo os cavalos a um preço bem mais baixo do que o normal. Era preciso entrar com o pulso firme no mercado europeu e deixar claro que o selo Baldez era forte e de confiança.

Conversamos mais um pouco sobre outras questões antes de encerrarmos a reunião. Como era previsto, Marcos aceitou o convite para jantar e pedi para que Cissa servisse a refeição, enquanto terminávamos de tomar um uísque na sala de estar. Nossa conversa girava em torno de outras fazendas, quando, pela minha visão periférica, observei Gabriela descer as escadas. Por um momento, não ouvi mais a voz de Marcos e foquei apenas na menina, notando como ela estava diferente naquela noite.

Com os cabelos soltos e ainda úmidos do banho, Gabriela usava um

vestido de verão que batia na altura das coxas e descia os degraus sem parecer ter noção de como era bonita. Uma parte minha sabia que era totalmente inapropriado tomar ciência da beleza da garota, mas era impossível não notar, principalmente com aquele cabelo solto que batia no meio das costas e que deixava o seu olhar ainda mais vívido. Ela parou nos pés da escada quando percebeu a nossa presença e engoli o resto do uísque antes de me levantar e pedir para que se aproximasse.

— Marcos, essa é Gabriela, filha de Abraão Rodrigues. Gabriela, esse é Marcos Castilho, meu agente internacional. Ele representa a Fazenda Baldez fora do Brasil.

Marcos se levantou e foi praticamente impossível não perceber o seu interesse em Gabriela. Aproximou-se dela com um sorriso no rosto e beijou a mão que ela estendeu.

— É um prazer conhecê-la, Senhorita Rodrigues. Soube do que houve com o seu pai e estimo as melhoras dele.

— Obrigada, Senhor Castilho. Pode me chamar de Gabriela.

— Só se você me chamar de Marcos — disse ele com um sorriso que não me agradou nem um pouco.

Marcos era um homem na casa dos trinta anos, solteiro e que vivia fora do país. Ele não teria a cara de pau de demonstrar qualquer tipo de interesse em Gabriela, teria? Eu esperava que não, por inúmeros motivos.

— O jantar está servido, meninos — Cissa disse.

Fomos para a sala de jantar e Gabriela se sentou à minha direita, enquanto Marcos se sentou à minha esquerda. Cissa havia dito que tinha feito frango com pequi, mas, magicamente, surgiu na mesa uma travessa com carne assada e outra com iscas de peixe fritas. A mulher realmente não sabia fazer pouca comida e eu não podia reclamar, amava fartura e era apaixonado pelo seu tempero. Enquanto Gabriela e Marcos se serviam, eu abri o vinho e percebi que Cissa havia colocado uma taça para Gabriela. Achei que aquele era o momento ideal para saber quantos anos ela realmente tinha. Depois de servir uma taça para mim e outra para Marcos, perguntei a ela:

— Já é maior de idade, Gabriela?

Ela pareceu um tanto surpresa com o meu questionamento, mas assim que viu a garrafa de vinho em minha mão, entendeu tudo.

— Sim, tenho dezenove anos.

Certo. Talvez o ideal fosse que ela começasse a beber com vinte e um anos, mas não seria hipócrita ao ponto de proibir que a menina bebesse

debaixo do meu teto.

— Aceita uma taça de vinho?

— Sim.

O vinho tinto era suave e observei enquanto Gabriela tomava um gole da taça. Ela pareceu gostar da bebida, pois tomou mais um gole antes de colocar a taça de volta na mesa. Começamos a comer em silêncio, até Marcos perguntar:

— Então, Gabriela, me conte um pouco mais sobre você. Já está na faculdade?

— Ainda não, mas pretendo entrar no próximo semestre. Isso, é claro, se meu pai já tiver se recuperado.

— E o que pretende cursar?

— Administração.

— Tendo em vista que você é a herdeira de Abraão Rodrigues, acho que esse é um caminho perfeito para se seguir. Daqui a alguns anos, teremos uma Rainha do Gado — ele disse com um sorrisinho que estava começando a me irritar. Gabriela correspondeu o sorriso, colocando uma mecha do cabelo atrás da orelha.

— É o que meu pai costuma dizer. Ele quer que eu me prepare para assumir os negócios com a mira certeira do sangue Rodrigues.

Enquanto ela falava, lembrei-me da nossa conversa na mesa de café da manhã. Ela não parecia estar tão entusiasmada com o seu futuro e, agora, eu conseguia enxergar o mesmo, apesar de ela tentar disfarçar. Senti que Marcos falaria mais alguma coisa, mas fui mais rápido do que ele.

— E você quer estudar Administração?

Ela levou alguns segundos para responder.

— Eu acho que é um curso muito bom. Apropriado para que eu consiga levar adiante os negócios da fazenda.

— Não foi o que perguntei — falei, olhando diretamente em seus olhos. — Você *quer* estudar Administração?

Gabriela pareceu engolir em seco a comida que havia acabado de colocar na boca e desviou os olhos dos meus para pegar a taça de vinho. Ao meu lado, ouvi a risada de Marcos.

— Ora, Baldez, mas é lógico que ela quer! Tenho certeza que Gabriela tem a veia empreendedora da família.

— Eu perguntei a ela, não a você, portanto, seja educado e deixe a menina responder — falei com acidez, deixando que minha irritação com ele ficasse

aparente.

Marcos fechou o sorriso na hora e Gabriela me olhou um tanto assustada. Porra, não foi minha intenção chocar a menina, mas as atitudes de Marcos estavam me irritando e eu não sabia direito o porquê. Antes que eu pudesse falar alguma coisa para melhorar a situação, o celular de Marcos tocou e ele pediu licença, atendendo na mesa mesmo. Ele ouviu por alguns segundos, em seguida, franziu o cenho:

— Você tem certeza? É lógico que enviei todos os documentos para você, Nathan. Certo, tudo bem, estou voltando agora para o hotel e vou verificar em meu *laptop*. Ligo para você quando chegar lá. — Ele desligou o celular e nos olhou com certo pesar. — Sinto muito, mas preciso ir. Parece que não consegui enviar uns documentos para o meu irmão e ele precisa deles com urgência, pois tem uma reunião importante amanhã no Rio de Janeiro.

— Eu o acompanho até a porta.

Marcos se despediu de Gabriela dando mais um beijo em sua mão e me seguiu até chegarmos na porta do casarão. Seu carro estava estacionado ali em frente e, antes de ir, pedi urgência quanto ao assunto com o francês. Assim que voltei à mesa, Gabriela não disse mais nada e temi que a tivesse pressionado demais. Aquele era o meu jeito, gostava de tudo às claras, mas tinha plena consciência de que ela não tinha obrigação alguma de responder qualquer pergunta minha. Tentando dar o assunto por encerrado, falei:

— Só acho que o futuro é seu e apenas seu, Gabriela. Só você tem o poder de decidir o que quer para a sua vida. Se por um acaso a Administração não seja o caminho que você deseja trilhar, precisa buscar dentro de si a paixão por algo que seja do seu interesse.

Eu não era a melhor pessoa do mundo em dar conselhos, mas sobre o lado profissional, eu sentia que tinha uma boa bagagem para passar adiante. Se não fosse a minha paixão pelos cavalos, eu jamais teria transformado a Fazenda Baldez no que era hoje. Então, mais do que ninguém, eu sabia como era importante trilharmos um caminho escolhido por nós mesmos e não pelos outros.

— Eu nunca parei para pensar em fazer outra coisa, então, eu acho que seguir os conselhos do meu pai seja a minha melhor opção — ela disse sem me olhar nos olhos. Era nítido que os “conselhos” de Abraão não abriam espaço para que a menina decidisse pela própria vida.

— Eu acho que você poderia usar esse tempo para decidir o que realmente quer — falei, vendo que me olhava atentamente. Foi impossível não me

sentir capturado por aqueles olhos de cores diferentes. Eram fascinantes, assim como ela.

"Baldez, pelo amor de Deus! Tenha um pouco de senso!", uma voz gritou dentro de mim e desviei o olhar.

— Vou fazer isso — ela disse, antes de fazer algo que me deixou paralisado. Sua mão cobriu a minha e foi a primeira vez na vida que senti uma corrente elétrica passar pelo meu corpo sem que eu tivesse encostado em qualquer cabo de energia. Surpreso, apenas olhei para sua mão delicada sobre a minha e ouvi a sua voz. — Obrigada, Ramon. Você me deu conselhos hoje de manhã e agora à noite também. Saiba que guardarei cada um deles.

Tive que olhar para ela e, dessa vez, não consegui fugir. Como um imã, senti-me completamente atraído pelo brilho daqueles olhos diferentes, que me prenderam e dominaram por alguns milésimos de segundos. Foi preciso que a voz de Cissa entrasse em meu cérebro para que eu pudesse reagir.

— Ora, cadê o Marcos? Não acredito que o menino foi embora sem comer a sobremesa!

Gabriela tirou a mão de cima da minha e senti como se ferro em brasa tivesse me queimado, apesar de a minha pele ainda estar intacta. Sem saber como reagir a tudo aquilo, sequei minha taça de vinho e me levantei da mesa, sem querer olhar para ela ou para Cissa.

— Não vou querer sobremesa, Cissa. Preciso resolver algumas coisas no escritório.

— Mas eu fiz o pudim de leite que você gosta.

— Eu como um pedaço mais tarde. Preciso fazer uns telefonemas.

Saí da sala de jantar sentindo meu coração ficar disparado e fechei a porta do escritório atrás de mim. O que havia acabado de acontecer ali? *Porra!* Precisando respirar, abri as janelas e deixei que a brisa fresca entrasse, enquanto observava o céu com poucas estrelas.

O problema era que não era o céu que eu via, eram os olhos dela, e aquilo não podia acontecer.



“Garota, eu penso em você todo dia agora”
Patience – Guns N’ Roses

GABRIELA

Não era do meu feitio acordar tão cedo. Geralmente, eu só despertava por causa do alarme do despertador, mas com tudo o que vinha acontecendo em minha vida, o sono era algo que estava se tornando dispensável. Era quase sete horas da manhã quando levantei da cama e afastei as cortinas para que a luz do sol iluminasse o quarto. Ainda não tinha parado para observar a paisagem dali, mas era lindíssima. A suíte que eu ocupava dava para a lateral do casarão e, da janela, eu conseguia ver não só a fazenda, como os morros altos e verdejantes. Por um instante, consegui sentir que parte da minha preocupação estava cedendo e respirei fundo, sentindo o cheiro de terra que eu tanto amava.

Minha adaptação em São Paulo foi difícil justamente por sentir tanta falta desse ar limpo. Em uma cidade tão grande como aquela, cheia de prédios, carros e ônibus, eu me sentia um tanto sufocada. Minhas amigas chegavam a rir de mim quando eu contava que não gostava muito das aglomerações, mas elas jamais iriam entender a sensação de simplesmente poder abrir as cortinas e dar de cara com essa imensidão verde, que se fundia graciosamente com o azul do céu. Por mais que a Fazenda Baldez não fosse a minha casa de fato, eu já me sentia bem mais próxima do que, um dia, havia sido o meu lar.

Levei meu tempo para sair dali, antes de me arrumar e descer as escadas. Não encontrei Ramon à mesa de café da manhã e, silenciosamente, me senti um tanto desapontada, apesar de não saber o porquê. Ele era um homem ocupado, era lógico que não ficaria esperando a minha boa vontade de descer para tomar café comigo. Cissa me acompanhou com aquele seu bom-humor incrível e, logo depois de comer, disse que precisava sair com Rosana para resolver algo na cidade. Ela me chamou para ir junto, mas eu ainda não me sentia preparada para encarar os habitantes de Santo Elias, muito menos para lidar com a abordagem de todos eles, que com certeza perguntariam sobre o meu pai.

Depois que ela saiu, fui em direção a varanda na frente do casarão. Sentei-me em uma das poltronas macias e fiquei pensando no que poderia fazer para passar o tempo e perder a ansiedade que sentia para ir ao hospital. Estava com medo do que o médico nos diria sobre o meu pai.

— Gabriela?

A voz de Ramon fez com que meu coração desse um salto no peito e me virei para vê-lo. Ele estava na porta do casarão e girava a chave do carro na mão. Em sua cabeça, aquele chapéu de caubói marrom fazia sombra em seu rosto e deixava a sua expressão um pouco mais séria do que era.

— Está tudo bem? — perguntou ele, se aproximando.

— Sim. Só estou um pouco preocupada com o que o médico irá nos falar hoje sobre o estado do meu pai.

Um pouco preocupada não chegava nem perto de como eu estava. Uma angústia apertava o meu peito e o medo ficava mais forte a cada segundo. Ramon assentiu, deixando claro que me entendia e girou a chave no dedo indicador.

— Por que não vai ficar com a Cissa? Tenho certeza que ela vai amar te fazer companhia.

— Ela precisou sair com a Rosana, foram à cidade para resolver alguma coisa — falei, vendo-o franzir o cenho. — Não precisa se preocupar, eu vou ficar bem. Gosto de observar a fazenda, vou ficar sentada por aqui mesmo.

Ele ficou alguns segundos em silêncio, como se estivesse ponderando alguma coisa, até me olhar, decidido.

— Venha comigo, preciso visitar as outras baias. Aproveito e mostro um pouco mais da fazenda pra você.

Seu pedido me pegou completamente de surpresa, principalmente porque era óbvio que ele não pretendia passar mais tempo comigo do que o

necessário. Eu não o julgava, até porque, assim como eu, ele havia sido pego desprevenido com toda essa história do acidente do meu pai e com o fato de ter que me receber como hóspede. Mesmo assim, decidi aceitar o seu convite e me levantei.

— Tudo bem, mas se achar que posso atrapalhar em alguma coisa, eu fico aqui sem problema algum.

— Não vai atrapalhar nada, não se preocupe com isso.

Descemos juntos os degraus de madeira e caminhamos lado a lado até um outro carro, que também era um 4x4 robusto, mas que tinha o símbolo da Fazenda Baldez em cada porta. Assim que ele girou a chave na ignição, o som ligou junto e uma música preencheu todo o carro. Antes que eu pudesse identificar qual era, ele desligou o som.

— Desculpa, tenho o costume de andar pela fazenda ouvindo música — falou, já colocando o carro em movimento.

— Não se desculpe, pode ligar o rádio. Quero saber o que estava escutando — falei, virando-me um pouco no banco para olhar para ele.

— Não acho que seja o tipo de música que você gosta.

— Eu escuto de tudo um pouco, não tenho preconceito musical — falei, olhando a tela digital onde ligava o som. Apertei e a música voltou a tocar. — Vamos ver se você tem bom gosto, Ramon Baldez.

Vi ele sorrindo de leve antes de trocar a marcha e me olhar com a sobrancelha arqueada.

— Vai achar que eu sou um velho.

— Por ouvir *Guns N' Roses*? — perguntei ao reconhecer a música. Vi como ficou surpreso por eu saber qual era a banda. — Por mais que seja uma banda dos anos 80, eu costumo acreditar que a música não tem idade.

— Pensei que só ouvisse músicas atuais.

— Eu escuto músicas atuais, *também*, mas gosto de tudo um pouco. E você?

— Não costumo ouvir as músicas de hoje em dia, não por ter algum tipo de preconceito, mas por não me identificar muito. Tem bandas atuais que eu gosto bastante, como *U2*, *Coldplay*, *Nickelback*... Mas se for olhar minha playlist, vai encontrar mais *Bon Jovi*, *A-Ha*, *The Police* e por aí vai.

— Entendi. Desculpa a pergunta, mas quantos anos você tem, exatamente? Eu chuto uns trinta e cinco.

Ele me olhou de lado e riu.

— Não pela minha personalidade jovial como a do Caio, suponho.

— Ah, não, perto dele você é como um senhor ranzinza de oitenta e nove anos... — brinquei e vi o sorriso desaparecer do seu rosto. *Ai, merda!* Meu coração chegou a falhar uma batida. — Desculpa, estava só brincando, eu não...

Parei de falar quando ele me olhou de lado e sorriu, antes de soltar uma gargalhada baixa, mas que me fez estremecer de prazer por dentro. Era a primeira vez que o via rir tão abertamente e, caramba, ele deveria fazer isso mais vezes. Como ficava lindo! Se antes havia lhe dado trinta e cinco, depois dessa risada, lhe daria uns trinta anos com facilidade.

— Isso não teve graça! — falei prendendo o riso e fazendo de tudo para ele não perceber que eu me sentia meio boba depois de ter visto o seu sorriso.

— Ah, teve sim. Precisava ver a sua cara — falou me dando um sorriso charmoso de lado.

— Achei que tivesse ofendido você. Imagina se tivesse mesmo? Eu sei que bati o pé pra não vir pra cá, mas também não quero sair daqui sendo expulsa por ter ofendido o poderoso chefão.

— O poderoso chefão?

— É o que você é, não é? "O Poderoso Chefão" da Fazenda Baldez — sorri, vendo-o me dar um olhar divertido.

— Pode ficar tranquila, não me ofendeu nem um pouco. E, só para ficar claro, tenho trinta e oito anos. Estou mais perto dos quarenta do que dos trinta e cinco.

Ele parou o carro e eu não me arrependi nenhum pouco de ter conversado com ele durante o percurso, ao invés de aproveitar a paisagem da fazenda.

— É apenas uma questão de perspectiva — falei.

— Como assim?

— Os números podem até definir a nossa idade, mas não o modo como vivemos. Se você se sente mais velho do que é, é porque não está aproveitando a vida como deveria.

— Você se sente mais nova do que realmente é?

— Não, mas eu também não me sinto como as meninas da minha idade, nunca me senti, por isso, sempre tive certa dificuldade em manter amizades.

— Então você também não está aproveitando a vida como deveria?

Sorri com certa ironia, não para ele, mas para a minha realidade.

— Eu nunca aproveitei a vida como deveria, Ramon — falei, dando de ombros. — Mas quem sabe eu não mude isso um dia, não é? Ontem você me disse para tentar descobrir a minha paixão... Talvez, eu deva começar por aí.

Ele tinha voltado a ficar sério, mas era diferente daquela vez. Seu olhar estava mais intenso e quando bateu com o meu, senti vontade de não sair dali. Queria ficar naquele carro e continuar a me conectar com Ramon.

— Que bom que eu te trouxe comigo, então. Você disse que gostava de cavalos quando pequena, talvez esse sentimento se acenda quando entrarmos na baia.

— Eu espero que sim.

Ele desligou o carro e saímos lado a lado. Eu não sabia se estávamos perto ou longe demais do casarão, mas aquela parte da fazenda era diferente. Havia um cercado bem maior do que aquele onde Ramon estava tentando domar o Trovão e muitos homens andavam de um lado para o outro, carregando fenos, consertando algumas coisas, levando sacos de ração. Andando ao lado de Ramon, fui notando como ele sabia o nome de cada um e todos o cumprimentavam com respeito e até mesmo certa admiração.

Chegamos perto de um dos três galpões enormes que havia ali e um homem deu uma prancheta para Ramon, que leu rapidamente o que estava escrito nos papéis.

— Vai começar com qual cavalo hoje, seu Ramon? — perguntou o homem, pegando de volta a prancheta.

— Chamo você daqui a pouco, Zé. Vou mostrar os cavalos para ela — respondeu Ramon, olhando para mim. — Aliás, Zé, essa é Gabriela, filha do Abraão Rodrigues e, Gabriela, esse é o Zé. Ele comanda os meninos por aqui.

— É um prazer conhecê-la, senhorita — Zé disse, tirando o chapéu meio surrado da cabeça. Ele parecia ter uns cinquenta e cinco anos e tinha um sorriso simpático. Vi que ficou surpreso quando estendi minha mão para ele. — Ah, não, eu não lavei a mão direito pra poder tocar na senhorita...

— Pode me chamar de Gabriela, Zé, e não se preocupe, eu não tenho essas frescuras — falei, puxando a mão nele na minha. Seu sorriso ficou maior e ele balançou a cabeça com alegria.

— Nossa, a senhorita, quer dizer, você, não tem nada a ver com o seu pai!

Eu demorei meio segundo para entender o que ele queria dizer e acho que ele e Ramon também, pois vi o seu sorriso sumir e Ramon ficar tenso ao meu lado, puxando-me para trás pelo ombro.

— Meu Deus! Merda... Eu, senhorita, eu não...

— Zé, acho melhor você voltar para o seu serviço. Os meninos devem estar precisando de ajuda — Ramon disse, ainda com a mão em meu ombro.

Vi como Zé me olhou meio sentido.

— Sim, claro. Eu sinto muito, senhorita, eu não pensei direito e...

— Tudo bem, Zé. Eu sei que meu pai não tem uma fama muito boa, não se preocupe.

— Isso não justifica o que ele falou pra você — Ramon disse em voz alta ao meu lado.

— Seu Ramon está coberto de razão. Foi errado da minha parte e eu sinto muito — disse Zé, já se afastando. — Com licença.

Ele se foi a passos largos e eu fiquei alguns segundos o acompanhando até o ver entrar em um outro galpão. Ramon soltou um suspiro meio resignado e me virou de frente para si, olhando em meus olhos.

— Sinto muito por isso.

— Não foi culpa sua e nem dele, na verdade — falei, porque sabia que Zé não tinha errado. Infelizmente, meu pai era conhecido pelo modo como agia com as pessoas ao seu redor. — Tenho consciência de como meu pai tratava todo mundo, desde os funcionários até as pessoas na rua, então, não posso ficar ofendida quando ouço comentários como o do Zé.

— Foi indelicado da parte dele, seu pai está no hospital. E o modo como ele tratava as pessoas, não abre brechas para que falem coisas do tipo para você.

— Pode ser, mas não vou ficar defendendo meu pai com unhas e dentes, Ramon. Ele errou muito e a única esperança que eu tenho, é que ele se recupere e aprenda a ser mais gentil com as pessoas.

Ramon assentiu e desceu a mão pelo meu braço antes de se afastar. Parecia que um rastro de fogo havia aquecido a minha pele no lugar onde ele havia tocado.

— Está bem, você tem razão. Vamos torcer para que isso aconteça — falou, caminhando até a porta do galpão. — Venha comigo, vou te mostrar o lugar mais maravilhoso do mundo dentro dessa fazenda.

Quase perdi o fôlego ao ver tantos cavalos juntos, todos com as cabeças para fora das baias e os olhos bem abertos. O lugar era enorme e muito bem cuidado. Apesar do lado de fora parecer como um galpão, por dentro, entendi que funcionava como um celeiro, era bem refrigerado e limpo, revestido em madeira em sua maior parte. Caminhei ao lado de Ramon, observando tudo sem nem querer piscar.

— Todos eles são da raça Quarto de Milha. Percebe como são parecidos? Uma de suas características mais fortes, são os olhos grandes e um pouco mais afastados uns do outro e a cabeça pequena.

Eu entendia muito pouco de cavalo, mas conseguia enxergar o que Ramon apontava.

— Eles são lindos.

Ele chegou perto de um cavalo marrom e o animal aproximou o focinho dele, cheirando com delicadeza.

— Essa aqui é a Bruma, uma das éguas mais dóceis. Pode se aproximar, ela vai adorar você — ele disse e eu dei dois passos à frente, levantando a mão como ele havia feito. Estava um tanto receosa e acho que Ramon sentiu, pois se aproximou de mim e tocou de leve a minha cintura, levando-me mais para frente. — Não precisa temer.

Inúmeras sensações me tomavam naquele momento. O fascínio por estar em meio aqueles cavalos, um pouco do temor ao me aproximar da égua e, o principal, o fato de Ramon estar tão perto de mim, que o seu perfume quase conseguia cobrir o cheiro forte de feno que tomava conta do lugar. Engolindo em seco e sentindo o coração disparado, aproximei minha mão do focinho de Bruma e ela me cheirou sem demonstrar qualquer irritação. Como se soubesse que eu estava um pouco assustada, ela empurrou minha mão com delicadeza para cima e Ramon sussurrou ao meu lado:

— Ela quer que você a acaricie.

— Mesmo?

— Sim.

Com a sua confirmação, passei meus dedos pelo focinho amplo de Bruma, sentindo como seu pelo era suave e como seu olhar era carinhoso. Um sorriso nasceu em meus lábios por simplesmente estar ali, perto dela, dando e recebendo seu carinho silencioso. Ramon a acariciou levemente entre os olhos, sem sair de perto de mim.

— O que está sentindo?

— Eu não sei explicar — murmurei um tanto sem fôlego, como se tivesse corrido uma maratona, apesar de não ter saído do lugar. — Mas é algo muito bom. Gosto de estar aqui com a Bruma e com você.

Encontrei os olhos dele em cima de mim assim que ergui os meus e ficamos daquele jeito por um momento, apenas olhando um para o outro, enquanto Bruma recebia nossas carícias. O peso da mão de Ramon ainda estava em minha cintura e, por um momento, quis sentir mais. Quis que ele se aproximasse um pouco e que eu pudesse encostar a minha cabeça em seu peito. Quis que sua outra mão tomasse a minha cintura. Quis tanta coisa, que quase confundi a minha imaginação fantasiosa com a realidade e esqueci que

estávamos em uma baia cheia de cavalos e que, do lado de fora, vários homens trabalhavam. Um deles entrou no celeiro e sua voz um tanto arrastada quebrou todo o encanto do momento, afastando Ramon de mim.

— Já está tudo pronto, seu Ramon. É só falar qual cavalo temos que pegar.

Ramon limpou a garganta e mexeu na aba do chapéu.

— Podem levar aquele que vocês estavam trabalhando na semana passada. Quero ver a evolução dele.

O homem assentiu e Ramon foi para o outro lado, verificar outros cavalos. Fiquei ali com a Bruma, obrigando meu coração a voltar a bater normalmente e brigando comigo mesma. O que estava acontecendo comigo? Desde a minha primeira interação com Ramon, eu sentia como se minhas emoções estivessem descontroladas. Pensamentos estranhos — como os que havia acabado de passar por minha cabeça enquanto acariciávamos Bruma — apareciam e meu corpo reagia como se tivesse vontade própria. Aquilo não era normal e nem correto, pelo amor de Deus! Onde já se viu desejar que ele me tocasse *mais*? Ou que *eu* pudesse tocar nele, deitar a cabeça em seu peito? Eu só poderia estar louca!

— Vamos? Quero que você veja uma coisa.

Acariciei Bruma mais uma vez e me despedi, indo para perto de Ramon. Sentia meu rosto quente, como se eu estivesse com febre, mas sabia que era apenas constrangimento. Graças a Deus ele não podia ler mentes, apesar de me olhar como se pudesse ver através de mim. Saímos do celeiro onde ficavam as baias e, dentro do cercado grande, um cavalo menor do que Bruma estava caminhando lentamente ao lado de um homem, que o segurava com cuidado pela rédea. Paramos em frente à cerca e Ramon falou ao meu lado:

— Não seria um sonho se Trovão fosse bonzinho assim?

Seu comentário acabou quebrando um pouco da minha tensão e eu ri.

— Com certeza. Esse é um Quarto de Milha, certo? — perguntei quando o cavalo virou de frente para nós dois.

— Sim. Ele está em processo de doma. Começamos a trabalhar com ele há pouco mais de dois meses e, como pode perceber, ele vem respondendo muito bem.

— Apenas há dois meses? E há quanto tempo vem trabalhando com Trovão?

— Quatro.

Olhei para ele com um pouco de dificuldade por causa do sol, chocada

com o trabalho que Trovão estava dando. Sem que eu esperasse, Ramon tirou o chapéu e colocou na minha cabeça.

— Toma, precisa se proteger do sol. Passou protetor solar?

— Sim, Senhor Baldez — falei, ajeitando o chapéu. Sua gentileza me deixou meio boba. — Obrigada.

— Precisamos comprar um desses para você. Se tiver gostado do passeio de hoje, pode me acompanhar mais vezes.

— Jura?

— Sim.

— Eu adoraria! — Falei um tanto ansiosa. Desviando os olhos para o cavalo, perguntei: — Por que você montou em Trovão? Não é perigoso fazer isso com ele sendo tão arredio?

— Nas últimas semanas, Trovão me deixou ficar mais próximo dele. Consegui dar voltas com ele pelo cercado, como Carlos está fazendo agora, consegui colocar a sela sem que ele se agitasse e achei que era um bom momento para montar, mas me enganei. Ele começou a ficar agitado e achei que pararia quando eu subisse, mas, como você viu, ele odiou.

— Acho que, talvez, vocês precisem de mais algum tempo assim, apenas passeando. Não que eu entenda alguma coisa sobre domar cavalos — me adiantei para que ele não achasse que eu era uma intrometida.

— Você tem razão. Costumo dizer que a paciência é o melhor método para lidar com um cavalo. Além do respeito que temos que ter pelo animal, é lógico.

Assenti, olhando para ele com uma pontada de admiração em meu peito. Do lado de dentro da cerca, Carlos montou o cavalo e começaram a caminhar um pouco mais rápido.

— Acho melhor a gente ir, preciso resolver algumas coisas no escritório antes de visitarmos o seu pai.

Antes de voltarmos para o carro, Ramon trocou mais algumas palavras com Zé que, novamente, me pediu desculpas e partimos. A volta foi feita em silêncio e, enquanto uma música calma tocava no som do carro, eu tive a certeza de que a Fazenda Baldez era o lugar mais lindo do mundo e o que seu dono não ficava muito atrás.



Dessa vez, uma enfermeira nos guiou até o CTI e visitamos o meu pai antes que o médico viesse conversar conosco. Ao seu lado, olhando o seu estado, senti como se nada tivesse mudado desde o dia anterior. Claro que seu corpo não se recuperaria de um dia para o outro, mas sentia como se seu quadro não tivesse evoluído nem um pouco. Passei aqueles dez minutos pedindo para que Deus tivesse compaixão e que meu pai saísse daquela situação, sentindo meu peito pesado e um nó na garganta.

O médico apareceu depois que Ramon deixou o CTI e nos levou em uma sala reservada para conversarmos. Estava nervosa e com medo, mas fiz de tudo para não deixar transparecer.

— Como meu pai está, doutor?

— Tenho notícias que podem ser consideradas animadoras. Na ressonância feita essa manhã, foi identificado que o cérebro do seu pai está começando a responder ao tratamento. Preciso deixar claro que ele precisa ter mais atividade cerebral para acordar do coma e que esse é um processo demorado, apesar de não poder dar um tempo exato. O lado bom desse exame feito hoje, é que seu pai poderá deixar o CTI, já que se manteve estável durante as quarenta e oito horas, que eram as mais críticas e decisivas.

Respirei um pouco mais aliviada. Não era a melhor notícia do mundo, mas já era um avanço.

— Isso é muito bom — Ramon disse ao meu lado, apertando de leve o meu ombro.

— Sei que já perguntei sobre isso na última visita, mas preciso que seja mais específico sobre as sequelas, doutor. Se meu pai demorar muito para acordar, o que ele terá que enfrentar?

— Eu preciso ser sincero. Será praticamente impossível que seu pai retorne do coma sem sequela alguma, pois, como eu disse, ele ficou muito tempo sem oxigenação. O que posso adiantar, é que as sequelas mais comuns são a cegueira, que pode ser temporária ou não, dificuldade motora e na fala, perda de memória e demência. A mais grave, é quando o paciente não retorna do coma e passa anos sem responder a estímulos.

Meu coração engatou na garganta e eu estremeci. Acho que Ramon sentiu,

pois se aproximou um pouco mais de mim.

— Como ele está respondendo ao tratamento, pode ser que volte logo, certo? — Ramon perguntou.

— Sim, é para isso que estamos torcendo. Como eu disse, ele vai para o quarto ainda hoje e, a partir de amanhã, o tempo de visita será maior, mas ele não pode ficar com acompanhante. Qualquer mudança em seu quadro, o hospital irá avisar.

— Está bem. Obrigada, doutor.

— Disponha.

O médico saiu e Ramon entrou em meu campo de visão.

— Tenha fé, Gabriela. Seu pai é um homem forte, vai sair dessa.

— Você não imagina como eu torço por isso, Ramon — murmurei, obrigando-me a ter esperança.



“O seu abraço
Tudo penso, nada digo
Deixa o silêncio falar
Pra que sirvo eu se não for pra amar?”

Descomplicar – Ana Carolina

GABRIELA

Os próximos dias foram mais calmos. O tempo de visita ao meu pai aumentou para uma hora, por isso, nem sempre Ramon podia ir comigo, pois tinha compromissos na fazenda que não permitiam que ele ficasse tanto tempo fora. Quando ele estava ocupado, Cissa me acompanhava e um funcionário nos levava de carro. Passar aquela hora ao lado do meu pai, era, no fundo, muito angustiante e incapacitante, apesar de eu agradecer por ele não estar mais no CTI. Não era fácil sair do hospital com a imagem dele com o corpo quebrado e usando uma máquina que auxiliava na sua respiração, mas eu tinha fé de que, no próximo dia, o médico me daria uma notícia melhor do que a que eu escutava a cada vez que chegava ali.

“O quadro do seu pai é estável, sem qualquer alteração. Não perca a esperança”, o médico dizia. Não era exatamente uma notícia maravilhosa, mas eu enxergava pelo lado bom. Pelo menos, ele não havia piorado.

Na fazenda, minha relação — se é que posso chamar assim — com Ramon, havia progredido. Eu o acompanhava às vezes até as baias dos

cavalos e o esperava para jantar, já que não fazíamos outras refeições juntos. Apesar de, no começo, eu achar que não teríamos o que conversar, a gente sempre dava um jeito de não deixar a mesa de jantar cair no silêncio. Ramon era um homem inteligente e, por mais que nossa conversa girasse em torno da fazenda e dos cavalos, eu estava começando a achar que tudo o que saía da sua boca era fascinante.

Naquela noite em específico, depois que jantamos, eu fui direto para o meu quarto e fiquei sentada na sacada, observando o céu sem nuvens e com muitas estrelas. Em meu peito, sentia um pouco de medo do que poderia acontecer com meu pai, se ele iria acordar logo ou não, como seria a sua adaptação, caso tivesse alguma das sequelas que o doutor havia listado dias atrás. Eu tinha certeza de que ele não iria suportar. Sentir-se incapaz seria pior do que a morte para o meu pai.

Depois de tomar um banho, me deitei e pensei que não conseguiria dormir quando caísse na cama, por isso, acabei acordando assustada com um pesadelo horrível, onde via o carro do meu pai perder o controle na pista e capotar várias vezes. Desorientada, tateei a mesa de cabeceira, consegui acender a luz do abajur e olhei em volta, colocando a mão em meu peito e repetindo para mim mesma que havia sido apenas um sonho ruim. Depois de alguns minutos, deitei na cama, mas não consegui voltar a dormir. Minha mente dava voltas com as imagens horríveis e, com medo de pegar no sono e sonhar de novo, levantei da cama e saí do quarto.

Não sabia ao certo para onde estava indo, apenas deixei que meus pés me levassem e, ao chegar na sala, acendi a luz e fui em direção às portas. Assim que as abri, senti o vento frio da madrugada açoitar o meu rosto, mas foi superficial. Por dentro, eu ainda me sentia presa ao pesadelo, como se, só naquele momento, eu estivesse me dando conta da dimensão de tudo aquilo. João Marcelo havia me contado detalhes de como o acidente havia acontecido, mas, em meio a preocupação com o estado do meu pai, sequer tive tempo de assimilar o que ele havia dito. Agora, parecia que eu conseguia ouvir cada uma de suas palavras em meus ouvidos.

“Ele estava muito bêbado, Gabriela...”

“Perdeu a direção do carro...”

“O veículo capotou várias vezes...”

“Não sei como seu pai pôde chegar a esse ponto, ele sempre foi tão responsável...”

Enquanto me lembrava de suas palavras, fui descendo os degraus da

varanda e comecei a caminhar. Não sabia para onde estava indo, apenas fui, sentindo meu coração ficar apertado no peito e um nó intenso se apropriar da minha garganta.

Eu não havia chorado.

Eu não havia chorado quando soube do acidente, nem quando fiquei na sala de espera ou quando o médico nos trouxe notícias. Senti vontade de chorar, mas não consegui. Metade de mim achava que eu era uma péssima filha e a outra metade tinha *certeza*. Como eu podia *não* chorar? Era meu pai. Ele estava entre a vida e a morte no hospital, eu vi o seu estado, eu toquei em sua mão, ouvi sua respiração mecânica, gravei cada um dos seus hematomas... E mesmo assim, eu não chorei.

Esfreguei meu peito com força ao me dar conta daquilo só agora. Era como se aquela constatação descesse sobre mim como o peso de um prédio de mil andares. Solucei baixinho e parei em frente ao primeiro celeiro onde ficava a baia de alguns cavalos. Do lado de dentro, conseguia ver que uma luz fraca estava acesa e, não sei porque, senti vontade de entrar. Precisava ver os cavalos, precisava me sentir conectada a algo, nem que fosse com o meu passado, ainda ao lado da minha mãe. Assim que entrei, não soube o que fazer. Havia oito baias de cada lado, alguns cavalos sequer perceberam a minha presença, outros continuaram a mastigar feno e três me olharam com atenção, antes de dois destes perderem o interesse por mim. Apenas um continuou me olhando e, como se me chamasse, eu fui em sua direção.

Estava descalça, sentia que pisava em cima de alguns fenos caídos no chão, mas nada disso importava. Ainda olhando diretamente nos olhos do cavalo, me aproximei e parei em frente à sua baia, vendo que ele acompanhava cada um dos meus movimentos com atenção. Não fazia ideia do que se passava em sua cabeça, muito menos o que se passava dentro da minha, eu só precisava estar ali. Com cuidado, ergui minha mão e deixei que ele visse que não segurava nada que poderia o machucar, então, me aproximei devagar e senti sua respiração cadenciada em minha palma. Estava louca para tocá-lo e sentir seu pelo macio, e o cavalo parecia também querer o meu toque, por isso, cheguei mais perto e...

— O que você está fazendo?

A voz alta e potente de Ramon assustou a mim e ao cavalo, que começou a bater os cascos no chão e relinchar. Isso pareceu incomodar os outros, que começaram a relinchar também. Com o coração quase pulando do peito, afastei-me do cavalo e olhei para Ramon, que caminhava a passos firmes em

minha direção.

— O que você estava pensando em fazer? Ficou louca?

— Eu... Eu só...

Ele tocou em meu braço e eu me calei enquanto o sentia me tirar dali. Ainda olhei para trás e consegui ver que o cavalo reclamava e me olhava ao mesmo tempo. Queria voltar, mas estava com um pouco de medo. O animal parecia nervoso.

— Como teve coragem de chegar perto de Trovão assim? Esqueceu que ele quase me derrubou naquele dia? Ele odeia que o toquem, poderia ter mordido você e arrancado a sua mão! — Ramon falava com aquela expressão séria e a voz com um pouco de raiva, enquanto saíamos do celeiro.

— Eu... Eu não sabia que ele...

Ramon parou antes de chegarmos às escadas da varanda e me olhou com atenção, pousando as mãos em meus ombros.

— Você é sonâmbula?

— O quê?

— Está dormindo? Não sei lidar com gente assim, menina!

— Não estou dormindo — falei, mas ele pareceu não acreditar muito. — Juro. Não sou sonâmbula, Ramon.

Ele ainda ficou por alguns minutos me olhando, como se ponderasse se acreditava em mim ou não, até pegar a minha mão, virar-se novamente e começar a subir as escadas. Eu fui atrás, deixando que ele me guiasse, pois, apesar de estar bem acordada, parte de mim ainda estava presa em meio ao choque. Andamos pela casa e paramos na cozinha, onde Ramon acendeu a luz e apontou para a mesa.

— Sente-se, vou fazer um chá pra você.

Quis falar que não precisava, mas ele já estava colocando água na chaleira elétrica, por isso, acatei o seu pedido. Observei enquanto ele se movia com agilidade na cozinha, abrindo armários, pegando xícaras e sachês de chá. Minutos depois, colocou duas xícaras fumegantes na mesa e sentou-se à minha frente, olhando-me de um jeito que fez o meu coração voltar a bater forte, mas não mais de medo.

Por um instante, senti como se estivesse presa dentro de Ramon Baldez.



RAMON

Gabriela tinha os olhos meio arregalados enquanto me observava e, mesmo separados pela mesa, eu sentia seu nervosismo chegar em minha pele como se ondas invisíveis me tocassem. Para que ela se acalmasse, desviei um pouco o meu olhar e bebi um gole do chá. Não era a bebida que eu costumava tomar em uma noite insone, mas não tomaria uísque na frente da menina, enquanto ela era obrigada tomar a porra de um chá de camomila, por isso, resolvi acompanhá-la.

O relógio da cozinha marcava duas da manhã e, pela primeira vez em muito tempo, fiquei aliviado por me sentir muito cansado, mas sem sono. Não queria imaginar o que teria acontecido com Gabriela se, por um acaso, eu não estivesse no escritório e sim em meu quarto, dormindo. Quando vi seu flash passar pela janela, pensei que estivesse alucinando, mas decidi conferir e assim que vi a porta da sala aberta, tive certeza de que era ela mesmo. Meu coração quase saiu pela boca quando a vi tão perto de Trovão daquele jeito, prestes a tocar no focinho do animal.

— Beba um pouco, Gabriela. Se quiser, posso colocar mais açúcar.

Ela piscou duas vezes antes de colocar os dedos delicados em volta da xícara e levar a porcelana até a boca. Não sei porque, mas acompanhei cada um dos seus movimentos com atenção e precisei engolir em seco quando observei os seus lábios bem desenhados se fecharem na borda da xícara. Incomodado, ajeitei-me na cadeira e limpei a garganta.

— Quer me contar o que aconteceu? Sou um bom ouvinte.

Não era exatamente verdade, mas seria um bom ouvinte para ela. Era nítido como estava perturbada. Gabriela olhou para a xícara em suas mãos e falou baixinho:

— Eu tive um pesadelo com o meu pai. Sonhei com o acidente.

Isso explicava muita coisa. Não falei nada e deixei que ela levasse seu tempo para se abrir. Eu sabia que, em alguns momentos, o silêncio poderia ser mais reconfortante do que qualquer palavra.

— João Marcelo te contou como foi o acidente? — ela perguntou voltando

a me olhar.

— Não.

— Ele me contou. Disse que meu pai passou horas enchendo a cara em um bar, depois pegou o carro e perdeu a direção... Ele capotou várias vezes.

Eu imaginava que havia acontecido isso, apesar de não ter pedido detalhes a ninguém e não ter ido à cidade que, certamente, estava em polvorosa, ainda comentando sobre o acidente. O fato de apenas Abraão estar no veículo e não ter se chocado contra nenhum outro carro, explicava muita coisa e deixava margem para que concluíssemos o que realmente havia acontecido.

— Seu pai vinha passando por momentos difíceis na fazenda, Gabriela. Com certeza ele foi beber para tentar esquecer um pouco dos problemas e não com o intuito de se meter em um acidente.

— Eu sei, mas não é do feitio dele fazer isso, sabe? Meu pai não se esconde dos problemas, ele os enfrenta.

— Todo mundo tem vontade de se esconder dos problemas em algum momento da vida. Isso não é sinônimo de fraqueza, é apenas um sinal de que, às vezes, fica muito difícil remar contra a maré. Tenho certeza de que, se o acidente não tivesse acontecido, seu pai estaria firme como uma rocha, pronto para passar por cima de qualquer obstáculo.

Claro que eu sabia que os obstáculos que Abraão tinha que enfrentar eram gigantescos, mas sentia que Gabriela não precisava ter ciência disso no momento. Ela me olhou com atenção e assentiu, antes de voltar a encarar a xícara. Sentia que estava querendo falar mais alguma coisa, mas não parecia saber como.

— Você poderia ter me procurado assim que acordou. Sempre estarei aqui se precisar conversar — falei, voltando a ter a sua atenção.

— Jamais incomodaria você.

— Não seria incomodo algum — garanti.

— Eu não pretendia sair de casa, eu só... Não sei o que aconteceu. Você acreditaria em mim se eu dissesse que não foi a minha intenção entrar na baia dos cavalos? Eu juro que não saí do quarto e da casa já pensando em ir para lá, eu só... Fui. Quando vi, estava ali em frente e senti que precisava entrar. Dentro de mim, eu tinha a sensação de que conseguiria me reconectar se estivesse perto deles.

Franzi o cenho ao ouvir aquilo, porque era como eu me sentia inúmeras vezes. Minha paixão por cavalos não era à toa, eu realmente sentia como se eles me entendessem. Nunca imaginei que mais alguém podia se sentir da

mesma maneira que eu.

— Eu acredito — falei com convicção e ela pareceu ficar aliviada. — Mas tomei um susto ao vê-la tão perto de Trovão. Eu falei para você que ele é um cavalo arisco e instável... Nem gosto de pensar no que poderia ter acontecido.

— Eu não sabia que era ele, só o vi de longe com você naquele dia. Eu me aproximei, porque ele foi o único que continuou a me olhar. Parecia que ele estava me chamando.

— Te chamando?

— Sim. Eu não sei explicar, mas, enquanto me aproximava, não consegui pensar em outra coisa que não fosse ele. Foi inacreditável, porque eu ainda me sentia presa ao pesadelo e à angústia, mas Trovão pareceu me acalmar só com o olhar — ela disse e vi suas bochechas ficarem levemente vermelhas. — Desculpa, acho que é bobagem minha.

— Cavalos são seres sensíveis, até mesmo o mais arredio, então, acho que o que você disse tem fundamento. Só é preciso ter cuidado, agora que sabe quem é o Trovão, não se aproxime dele novamente enquanto estiver sozinha.

— Está bem. Eu posso assistir à próxima vez que você estiver trabalhando com ele?

— Claro. Pretendo pegá-lo amanhã. Vamos ver quantos minutos ele vai me deixar montá-lo antes de tentar me derrubar — falei e ela acabou rindo.

O som da sua risada se propagou pela cozinha silenciosa e eu senti meu coração afrouxar dentro do meu peito. Fiquei a observando enquanto seu sorriso ia sumindo e percebi que, ao ficar séria, o ar de melancolia voltou a se apossar dos seus olhos. Não sabia porque isso me incomodava tanto. Era óbvio que a menina estaria triste, afinal, o pai estava em uma cama de hospital, mais morto do que vivo, mas parte de mim não queria vê-la daquele jeito. Em um impulso, estiquei meu braço sobre a mesa e cobri a sua mão com a minha.

— O que foi? Eu posso sentir que tem mais alguma coisa incomodando você. Estamos apenas nós dois aqui e prometo que tudo o que disser, não sairá dessa cozinha.

Minhas palavras pareceram tocá-la de alguma forma, pois Gabriela soltou um suspiro sofrido e me olhou com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu não chorei — ela sussurrou.

— Não entendi.

Ela se levantou e pousou a mão sobre o peito. Foi naquele momento que entendi o que ela disse sobre estar presa à angustia. Realmente, ela estava tão

angustiada, que eu quis tirar aquele sentimento dela e jogar em mim. Levantei-me também e me aproximei devagar, vendo que seus olhos quase transbordavam, mas que lágrima alguma caía.

— Gabriela...

— Eu não chorei. Não chorei em nenhum momento pelo meu pai... Eu não chorei, Ramon!

Não sabia o que falar, muito menos o que fazer. Ela me olhou com uma tristeza e confusão tão grande, que me impeliu a agir. Dei dois passos em sua direção e a puxei para mim, colocando sua cabeça em meu peito e a abraçando com cuidado. Seus ombros tremeram e ela me apertou com força pela cintura.

— Sei que quer chorar agora, então, chore. Chore o quanto quiser, não vou sair daqui.

Foi como se eu tivesse pressionado o botão das suas emoções. Gabriela chorou alto contra o meu peito, seu corpo tremendo de encontro ao meu, seus ombros chacoalhando, enquanto eu acariciava suas costas e deixava que ela colocasse tudo para fora. Não imaginava que ela estivesse guardando tudo aquilo e me senti muito mal por não ter percebido antes. Talvez, eu pudesse ter ajudado desde o momento em que a vi no hospital, ou quando a trouxe para minha casa.

Ficamos por muitos minutos daquele jeito, até ela se acalmar e restar apenas alguns soluços. Como ela não fez movimento algum para sair dos meus braços, continuei ali, sendo tomado por vários sentimentos. Sentia-me um pouco frustrado ao achar que meu abraço não era suficiente para a acalmar, mas também me sentia poderoso por saber que era *eu* que estava ali com ela, a ajudando. Momentos íntimos como aquele não eram dispensados a qualquer pessoa e, mesmo me conhecendo há tão pouco tempo, Gabriela confiou em mim para se abrir. Era estranho e maravilhoso ao mesmo tempo.

— Estou me sentindo uma péssima filha — ela sussurrou com a voz meio rouca.

— Não diga isso, você é uma ótima filha. Qualquer um pode ver a sua preocupação com o seu pai, você se importa muito com ele, Gabriela.

— Eu sei, mas o fato de não ter chorado significa alguma coisa, não?

Precisava olhar nos olhos dela, por isso, me afastei um pouco e tomei seu rosto em minhas mãos, limpando as lágrimas abaixo dos seus olhos.

— Cada pessoa lida de maneira diferente em determinadas situações. Não ter chorado não faz de você uma filha ou um ser humano ruim. Acho que

você estava em choque, não sabia como assimilar direito o que estava acontecendo e isso é normal.

— Pode ser, mas é mais do que isso — ela disse, tocando em meus pulsos. Pensei que me afastaria, mas ela apenas me segurou no lugar. — Meu pai nunca foi um homem amoroso e, depois que me mudei para São Paulo, a gente ficou ainda mais distante. Às vezes, eu sinto como se ele fosse um estranho, apesar de ter a certeza de que o amo. — Certo, por *essa* eu não esperava, apesar de ser compreensível. — Eu me acho horrível por me sentir assim e é pior ainda dizer tudo isso em voz alta.

Fiquei procurando as palavras certas para dizer o que eu pensava naquele momento.

— Eu sinto muito que você tenha perdido essa conexão com o seu pai, Gabriela, de verdade, mas saiba que a culpa não foi sua. Você passou anos longe dele, é compreensível que se sinta assim. Você não é uma pessoa horrível por causa disso.

— Você acha?

— Eu tenho certeza.

Ela assentiu e senti que parte da sua angústia havia ido embora, por isso, terminei de limpar as suas lágrimas e me afastei, apesar de ainda querer ficar bem ali, a menos de um braço de distância para poder tocar em seu rosto novamente.

— Está mais calma?

— Sim, muito — disse, colocando o cabelo atrás das orelhas. Seu rosto ficou totalmente livre e pude observar cada um dos seus traços. Não sabia como era possível, mas a cada vez que olhava para ela, a garota ficava ainda mais bonita. — Obrigada, Ramon, de verdade. Eu não sabia que precisava tanto de um abraço até... Bem, até agora.

— Não precisa agradecer, só não conte para ninguém, se não, a minha fama de durão vai escorrer pelo ralo.

Ela me deu um sorriso que, novamente, fez o meu peito sofrer um espasmo.

— Pode deixar, será o nosso segredo.

Nosso segredo. A forma como aquelas duas palavras soaram em meu ouvido fez com que um arrepio passasse pelo meu corpo.

— Já são quase três da manhã, acho melhor colocarmos você na cama.

Ela assentiu e, depois de eu lavar as xícaras, subimos juntos a escada. Caminhei com ela até o seu quarto e ela parou entre a porta aberta.

— Por que estava acordado até tão tarde? — Sua pergunta me pegou de surpresa.

— Nem sempre é fácil deitar a cabeça no travesseiro e dormir, apesar do cansaço.

— Imagino. Sei que posso entender muito pouco sobre os assuntos que te deixam preocupado, mas, se precisar conversar quando estiver com insônia, pode me chamar aqui. Talvez eu possa te ajudar, assim como você me ajudou hoje.

Eu jamais iria incomodá-la com os seus assuntos, mas, logicamente, não diria isso a ela.

— Vou ficar com isso em mente — falei, já me afastando, mas parei no meio do caminho. — Boa noite, Gabriela.

— Boa noite e obrigada mais uma vez.

Acenei para ela e fui em direção ao meu quarto, tomado por sensações que jamais saberia explicar o que significavam.



“É animal
É tão voraz essa paixão
É vendaval
Me tira a paz, faz confusão”

Inevitável – Bruno e Marrone

GABRIELA

Acordei com um zumbido esquisito do meu lado esquerdo e demorei alguns segundos para abrir os olhos, querendo aproveitar aquela paz que não me invadia desde que soube que deveria voltar para Santo Elias. Depois que Ramon me deixou no quarto, deitei na cama e fiquei repassando cada uma de suas palavras em minha memória, enquanto ainda parecia sentir os seus braços ao redor do meu corpo, sua mão acariciando as minhas costas. Nunca me senti tão bem em toda a minha vida e peguei no sono sem ao menos sentir.

Espreguicei-me e encontrei a fonte do zumbido. Meu celular vibrava na mesinha de cabeceira e tomei um susto ao ver as horas no visor. Passava das onze da manhã!

— Droga!

Não deveria dormir tanto, ainda mais em uma casa que nem era minha. Imagina, todo mundo devia estar pensando que eu era uma preguiçosa! Joguei para longe as cobertas e li por cima as notificações das minhas redes

sociais. Não era de atualizar muito, mas ontem havia postado uma foto da paisagem da fazenda e agora algumas pessoas estavam curtindo.

Parei em frente ao espelho do banheiro e percebi que era um verdadeiro milagre meus olhos não estarem inchados depois de quase ter ensopado a camisa de Ramon na madrugada anterior. Seria praticamente impossível olhar para ele e não me lembrar de tudo o que havia acontecido. Estava curiosa para saber como ele iria me tratar. Havíamos criado uma espécie de amizade nos últimos dias, era verdade, mas desabafar sobre o seu ombro era diferente de andar com ele pela fazenda, conversando sobre cavalos.

Não imaginava que ele fosse ser tão compreensível comigo, muito menos que fosse ser tão paciente ao ponto de me escutar e me acolher. Claro, havia tomado um susto quando entrou daquele jeito no celeiro, mas ele pareceu perceber que eu não estava bem e se prontificou a ficar ao meu lado, a *cuidar* de mim, quando não tinha obrigação alguma. Ficar aquele tempo nos seus braços, sentindo o seu carinho, foi tão... Especial. Eu me senti protegida, como se pudesse desabar e ele fosse me pegar no mesmo segundo.

Depois de lavar o rosto e escovar os dentes, fui direto para o closet trocar de roupa. Vestida, arrumei minha cama e fui para a cozinha, encontrando Cissa e as meninas já preparando o almoço. Nem preciso dizer que não sabia onde enfiar a minha cara depois de ter acordado tão tarde.

— Gabi, meu amor, que bom que acordou! Vou preparar alguma coisa pra você comer.

— Cissa, não precisa, não quero dar trabalho. Acabei perdendo a hora...

Ela fez um movimento com a mão e me interrompeu.

— Não é trabalho algum e não precisa explicar porque dormiu até mais tarde. Posso imaginar que deve ter sido difícil pegar no sono com tanta preocupação na cabeça. Sente-se aqui, vou preparar um sanduíche e um suco pra você.

Eu já tinha presenciado a Cissa no modo “vou te fazer comer, você querendo ou não” e sabia que ela era irredutível, por isso, acabei me sentando. Ela colocou um copo de suco na minha frente e uma cesta cheia de pão de queijo. Comecei a comer enquanto ouvia a conversa das meninas e olhei rapidamente a hora. Já estava perto do meio dia e, ansiosa para ver o Ramon, virei-me para Cissa e fiz de tudo para que ela achasse que eu estava desinteressada e que a minha pergunta não tinha nada a ver com o fato de eu estar querendo colocar os meus olhos nele de novo.

— E o Ramon, Cissa? Tomou café direitinho hoje?

— Sim! Fiquei do lado dele o tempo todo. O homem é tão focado no trabalho, que esquece até de comer. Agora tá lá, penando pra domar aquele cavalo de novo...

Senti meu coração quase parar de bater.

— O Trovão?

— Ele mesmo — ela respondeu, mas eu já estava me levantando. — Gabi, menina, onde você vai?

— Ramon disse que eu poderia assistir ele com o Trovão. Vou correr pra ver se ainda estão juntos.

Nem consegui agradecer pelo café da manhã improvisado e quase saí correndo pela sala. Ramon disse que eu poderia ver os dois juntos, mas é claro que não iria esperar que eu acordasse para dar continuidade ao trabalho com Trovão. Apressada, desci as escadas e corri pelo chão de terra até me aproximar do cercado. Dessa vez, havia mais dois homens junto com Ramon e um outro estava do lado de fora, como se estivesse ali apenas esperando o comando para que entrasse e ajudasse o patrão.

— Oi, eles começaram há muito tempo? — perguntei um tanto ofegante e me apoiei na cerca, vendo Ramon no centro do cercado com Trovão. O cavalo estava agitado, mas parecia mais calmo do que na última vez em que esteve ali.

— Não muito, uns dez minutos, talvez — o rapaz disse ao meu lado. Olhei para ele e vi o seu sorriso simpático, enquanto limpava a mão na calça jeans surrada. — Prazer, Luan.

— Prazer, Luan. Eu sou Gabriela — falei, apertando a sua mão, apesar de ele ter parecido estar indeciso se a estendia para mim ou não. Seu sorriso dobrou de tamanho e ele pareceu surpreso.

— Sei quem você é, aliás, todo mundo sabe. Não se fala de outra coisa aqui na fazenda.

— Como assim?

— Ah, todo mundo está comentando que você está passando um tempo aqui... Não é por maldade nem nada, é que ninguém esperava por isso e nem pelo acidente do Senhor Rodrigues. Espero que ele melhore logo.

— Obrigada — agradeci, curiosa para saber o que andavam falando de mim. Com certeza Santo Elias em peso deveria saber que eu era a mais nova hóspede do poderoso Ramon Baldez.

Voltei a observar Trovão e me deparei com os olhos intensos de Ramon intercalando entre mim e Luan. Sem saber muito o que fazer, acenei e ele

retribuiu meu aceno com um toque no chapéu, voltando a atenção ao cavalo um tanto arisco. Um homem ao lado de Ramon apontava para o animal e falava alguma coisa que, pela distância, eu não conseguia entender o que era.

— Aquele ali é o Mário, o veterinário mais antigo aqui da fazenda — Luan disse ao meu lado, apontando para o homem que não parava de falar.

— Por que ele está ali? Trovão está com algum problema de saúde?

— Não. Seu Ramon que pediu para que ele lhe passasse os resultados dos últimos exames de Trovão. Tenho certeza que está tudo bem com ele, Trovão só é um cavalo difícil.

Assenti e olhei para Luan. Ele parecia ter uns vinte e dois anos e, além da calça jeans surrada, usava uma blusa regata, que deixava seus músculos aparentes e um chapéu de caubói, além das botas. Era bonito, mas não chegava nem perto da beleza de Ramon.

"Ai, Jesus Cristo. Em que momento eu passei a comparar a beleza de Ramon com a de outros homens?"

Assustada com os rumos dos meus pensamentos, voltei a olhar para frente e, novamente, encontrei Ramon me encarando. Ele parecia nem prestar mais atenção no tal veterinário, apenas me olhava com aquelas sobrancelhas franzidas e a expressão dura, que me deixou com a garganta seca e as palmas das mãos suadas. Para disfarçar o nervosismo, coloquei uma mão na frente dos olhos e fingi que o sol estava me incomodando. Meus movimentos pareceram o tirar do transe, pois ele encerrou o assunto com o veterinário e deu ordens ao seu funcionário, que segurou firme a rédea de Trovão para que Ramon o montasse.

— Essa é a melhor parte! — Luan comentou com empolgação ao meu lado e eu engoli em seco, sentindo meu coração disparar.

Como da última vez, Ramon teve que segurar firme nas rédeas para tentar controlar os movimentos de Trovão, que pulava sobre as patas com violência. Parecia que o objetivo dele era derrubar Ramon no chão e sair correndo. Fiquei sem entender porque Ramon montou nele de novo, quando havia me dito que iria mais devagar com o animal. A cada golpe dos cascos de Trovão no chão, sentia meu corpo sofrer um espasmo e quando ele se virou de frente pra mim, senti meu coração falhar uma batida. Seus olhos focaram em mim e ele soltou forte a respiração, apoiando-se completamente nas patas traseiras, antes de pegar impulso e vir galopando com pressa em minha direção.

Ramon não soltou uma palavra, apenas segurou firme nas rédeas de Trovão e deixou que ele tomasse o seu caminho. O cavalo só parou quando

chegou ao limite da cerca e eu dei um passo para trás, sentindo como se ele pudesse pular em cima de mim a qualquer momento. Chocada, olhei para ele e depois olhei para Ramon, que tinha os lábios entreabertos e a respiração ofegante.

— Meu Deus, foi a primeira vez que ele fez qualquer movimento que não fosse tentar derrubar o seu Ramon — Luan murmurou ao meu lado.

Trovão soltou um relincho baixo e bateu com o casco direito da pata dianteira no chão, quase como se me chamasse. Ramon o observou com atenção e segurou as rédeas com mais pressão.

— Acho que ele quer falar com você — disse.

Tudo bem... Eu não esperava por aquilo, nem um pouco. Com certo receio, dei um passo para frente e, como na noite anterior, levantei minha mão e a aproximei devagar do seu focinho. Olhei para Ramon, como que esperando pela sua afirmação e ele fez que sim com a cabeça, mostrando rapidamente que segurava bem firme as rédeas. Entendi que, silenciosamente, ele me dizia que afastaria Trovão se ele ficasse arisco. Confiando nele — e em Trovão também — toquei em seu focinho com leveza, sentindo meu coração dar pulos ferozes em meu peito. O cavalo me cheirou com delicadeza, em seguida, empurrou minha mão e relinchou alto, voltando a se apoiar nas patas dianteiras. Fiquei sem saber se aquilo era bom ou ruim, mas Ramon conseguiu controlar o animal e fez um sinal com a cabeça para que seus funcionários se aproximassem. Por fim, desmontou e deu um tapinha no pescoço de Trovão.

— Muito bem, garoto, muito bem. Hoje fomos melhores do que da última vez.

— Melhores do que todos os outros dias, eu diria — disse uma voz conhecida atrás de mim.

Virei-me e encontrei Caio se aproximando com um sorriso alegre no rosto, usando óculos escuros. Ao meu lado, Ramon pulou a cerca e senti meu corpo ficar arrepiado quando seu braço roçou levemente no meu.

— Está atrasado!

— Boa tarde para você também, querido amigo *e* melhor cliente que um mero e simples advogado como eu, poderia ter — Caio disse, quase fazendo uma mesura, o que me fez rir. — Olá Gabi. Como você está?

— Bem, na medida do possível.

— Já vi que conseguiu dominar aquele potro selvagem. Será que você vai dominar mais alguma coisa por aqui? — Perguntou ele. Como estava de

óculos escuros, não dava para saber se olhava para mim ou para Ramon, mas eu podia jurar que ele estava intercalando o olhar entre nós dois.

— Deixe-a em paz. E Trovão deixou de ser um potro há meses — Ramon disse, caminhando em direção ao tanque enorme onde os funcionários se lavavam.

Sem querer, observei minuciosamente enquanto ele tirava o chapéu, pegava a mangueira pequena e molhava o cabelo. A água escorreu pelo seu pescoço e pulsos, conforme ele jogava os cabelos úmidos para trás. A visão me deu sede.

— Engraçado, Gabi também deixou de ser uma menina há muito tempo. Inclusive, acho que a gente pode sair qualquer dia desses, o que acha? — Caio perguntou, virando-se para mim. — Você precisa sair mais e a noite de Santo Elias está cheia de novidades, Gabi — disse, passando um braço pelos meus ombros. Ramon olhou para ele com uma expressão séria.

— Você esqueceu que o pai dela está no hospital?

— O *pai* dela está, não ela.

— Caio, não seja tão babaca, porra!

Como eu não queria que brigassem, me desvencilhei dos braços de Caio e me meti entre os dois.

— Caio, eu agradeço o convite, mas vou deixar para aceitar em um outro momento.

— Caio não é uma boa companhia para você — Ramon disse ao meu lado com a cara amarrada. — Para ninguém, aliás.

— Ora, você não costumava achar isso quando eu te arrastava comigo para a noitada, amigo — Caio disse com aquele bom-humor que contagiava todo mundo, menos o Ramon, que parecia impaciente. — E a Gabi vai ver que sou uma *ótima* companhia. Vai voltar para a fazenda cheia de *contatinhos*.

Ramon revirou os olhos, saiu andando em direção ao casarão e Caio foi em seu encalço. Fui atrás porque queria ouvir mais daquela conversa animada entre os dois.

— Não seja ridículo, Caio.

— Eu não sou ridículo, você que é chato pra caralho e fica falando mal de mim bem na minha cara.

— Não falei mal, só falei a verdade. Gabriela é uma menina ainda e você está bem longe de ser uma boa influência para alguém como ela.

Opa! Foi exatamente naquele momento que a conversa deixou de ser animada e começou a me irritar.

— Para começo de conversa, já falei que não sou uma menina! E eu decido quem é ou não é uma boa "companhia" ou "influência" para mim, Ramon — falei assim que pisamos na sala. Ele se virou e me olhou de cima a baixo rapidamente, antes de levantar o queixo e me olhar nos olhos.

— Para mim você *é* uma menina, ponto final! E enquanto estiver na minha casa, eu dito as regras.

Sabe quando pegam o seu ego e pisam nele? Foi assim que me senti e a emoção me pegou completamente de surpresa. Não esperava por aquilo nem pelo fato de me *importar* com o que ele achava ou deixava de achar sobre mim. Como não permitiria que ele saísse por cima naquela situação, cheguei bem perto dele e, olhando em seus olhos, deixei bem claro:

— Você não é o meu pai, Ramon. Posso estar dentro da sua casa, mas não sou nada sua para que me dite regras. Tenha isso em mente.

Vi o momento em que ele trincou o maxilar, como se soubesse que não tinha como argumentar contra o fato que esfreguei em sua cara.

— Hum... Acho melhor a gente ir logo para o seu escritório, Ramon. Tenho outra reunião em quarenta minutos — Caio disse.

Ramon desviou os olhos dos meus e virou as costas, indo em direção ao escritório.

— Não liga pra ele, Ramon gosta de ser um cuzão às vezes — Caio disse.

— Eu ouvi! — Ramon gritou ainda de costas.

— Nossa, que pena! — Caio riu e piscou cúmplice para mim, antes de ir atrás de Ramon.

Eu ainda fiquei um tempo ali na sala, um tanto inerte, até tomar coragem e subir as escadas para ir para o meu quarto.



RAMON

— Porra, Ramon, você foi um babaca com a menina!

Tomei um gole do meu uísque e me virei para Caio.

— Repete o que você falou.

— Você foi um *babaca* — deu ênfase.

— Com a...? Vamos, tem uma palavra faltando no final dessa frase, não é?

Complete!

Ele revirou os olhos e suspirou.

— Menina — falou com má vontade e eu me sentei satisfeito em minha cadeira.

— É o que ela é. Não falei nenhuma mentira.

— Ah, sim, porque com certeza, na idade dela, você gostava quando te chamavam e te consideravam um *menino* — disse ele com desdém. — Não sei qual é o seu problema.

— Não estou com problema nenhum, apenas falei aquilo que vejo.

— Pois eu a acho bem madura e corajosa. Bateu de frente com você no hospital e aqui também. Uma pena que não posso assistir à interação de vocês vinte e quatro horas por dia. Seria tipo BBB.

— Você realmente não tem mais nada para fazer? Pensei que tivesse vindo aqui para trabalhar.

— Vim para isso, também. Mas vim mais porque queria saber como você está lidando com a sua mais nova hóspede. Pelo pouco que presenciei, deve estar correndo tudo às mil maravilhas.

Mexi em meu computador por alguns segundos, só pra ver o babaca se corroer de curiosidade por mais um tempo.

— Não está sendo tão ruim — admiti.

— Como é que é? Então você está *gostando*? — perguntou boquiaberto.

— Não estou gostando e nem desgostando. Achei que seria pior, já que nos enfrentamos no hospital, mas está sendo tranquilo. Gabriela não dá trabalho e Cissa a adora.

— Só a Cissa? — perguntou ele, arqueando uma sobrancelha.

Contive a vontade de revirar os olhos e tomei mais um gole do meu uísque.

— O que você quer que eu diga? Estamos debaixo do mesmo teto, não é como se eu fosse a ignorar. Até pensei em fazer isso quando chegamos do hospital, mas não sou um babaca e estou fazendo de tudo para que tenhamos uma boa convivência. Vou com ela ao hospital, já mostrei algumas partes da fazenda e os celeiros de alguns cavalos, jantamos juntos todas as noites... Enfim, é o suficiente para que eu saiba que ela é uma pessoa tranquila e fácil de lidar. Só isso.

Óbvio que omiti tudo o que havia acontecido de madrugada. Aquilo ficaria apenas entre mim e Gabriela.

— Tudo bem. Só não entendi o seu surto quando eu disse que queria levá-la para sair.

— Gabriela não tem idade para te acompanhar nos lugares onde você vai, Caio.

— Ela é claramente maior de dezoito anos e, pela lei, pode entrar em qualquer lugar que quiser.

— Não enquanto estiver sob a minha responsabilidade.

— Meu Deus, você parece um velho!

— E você parece um adolescente. Não sabia que está tão desesperado para parecer “descolado”, que precisa ter uma garota à tira colo.

— A minha mentalidade é jovem, meu amigo — disse ele, apontando para a própria cabeça. — Parece que está com medo de ela gostar mais de mim do que de você.

Olhei para ele e balancei o copo de uísque em minha mão, ouvindo o gelo tilintar. Que coisa mais absurda! Desde quando eu me importaria com uma banalidade como essa? Era a isso que estava me agarrando, até me lembrar da cena de minutos atrás. Ver Gabriela conversando toda sorridente e simpática com o meu funcionário, mexeu comigo de uma forma que eu não esperava. Comecei a me questionar se eles poderiam virar amigos e se, da próxima vez, ela iria buscar os braços dele para chorar e não os meus.

— Ramon?

Pisquei para tirar aqueles pensamentos ridículos da cabeça e tomei mais um gole do uísque.

— Isso não é uma disputa, Caio. Agora, será que podemos deixar esse assunto pra lá e focar no trabalho? Não me faça querer trocar de advogado a essa altura da minha vida!

— Lá vem você com esse papo de velho de novo. Pelo amor de Deus, homem, você precisa transar!

Aí estava uma coisa da qual eu não poderia discordar.



“Você faz parecer que é mágica
Porque eu não vejo mais ninguém, ninguém além de você”

Earned it – The Weeknd

RAMON

Depois que Caio foi embora, ocupei-me com as tarefas da fazenda e pedi para que Cissa acompanhasse Gabriela até o hospital. Depois da nossa discussão na sala, não sabia como deveria estar o seu humor, mas tinha plena consciência de que o meu estava péssimo, por inúmeros motivos.

Pela manhã, acordei com a lembrança do que havia acontecido naquela madrugada. Presenciar aquele momento frágil de Gabriela, estar ao seu lado, dar suporte, tê-la em meus braços, foi algo que nunca imaginei que pudesse acontecer. Claro, nossa relação era boa, às vezes ela me acompanhava durante a tarde quando eu ia ver os cavalos que ficavam nos celeiros mais afastados, jantávamos juntos, conversávamos, mas nunca havia ultrapassado esse limite — e eu pretendia que continuasse assim — até vê-la naquele estado.

Eu estaria mentindo se dissesse que faria o que fiz por qualquer outra pessoa. Não que eu fosse um homem ruim, mas ficava extremamente desconfortável em situações em que tinha que confortar alguém. Era muito prático e preferia mil vezes ajudar uma pessoa com trabalho físico do que com toques exagerados, mas, naquele momento, a única coisa que eu queria

fazer era colocá-la em meus braços e deixar que desabafasse pelo tempo que precisasse. Essa constatação me manteve acordado por mais algumas horas na cama e continuou martelando em minha cabeça depois que acordei.

Queria entender o porquê. Poderia pegar aquele momento e levar para um lado mais fraternal ou concluir que era isso que eu queria que fizessem por um filho meu, mas estaria sendo hipócrita. Não a consolei porque a enxergava como uma filha, nem sequer pensei nisso. A consolei porque algo dentro de mim me impeliu a isso. Não me arrependia, mas isso não queria dizer que minhas emoções não estavam confusas.

Passei o resto da manhã tentando deixar tudo isso de lado, até outra situação me incomodar. Essa, na verdade, nem deveria ser um motivo para incomodo, mas me peguei muito irritado quando vi Gabriela ao lado daquele garoto. Eu a observei discretamente enquanto corria com pressa para perto do cercado, usando um short jeans curto, tênis e uma camiseta que desenhava o corpo e precisei me obrigar a parar de olhar e dar atenção a Mário, meu veterinário, mas não consegui ficar muito tempo sem colocar os olhos sobre ela e, assim que a vi, ela estava sorrindo e apertando a mão de Luan, que olhava para ela como se fosse um cachorro cheio de sede, quase babando.

A primeira coisa que veio à minha cabeça, era que ele era muito abusado para olhar para ela daquela forma, bem na minha frente. Então, me dei conta de que ele não estava fazendo nada demais, só admirando uma garota que tinha idade para ser sua namorada e foi isso que me deixou mais chocado. A constatação de que eles tinham, praticamente, a *mesma* idade. Ele podia admirar a beleza dela, eu não. Ele podia sorrir para ela daquele jeito, *eu* não.

Demorei mais tempo para tentar entender o porquê de isso me irritar tanto, do que para compreender como esse tapa na cara havia me influenciado a agir como um babaca com ela na sala. Precisei falar em voz alta que ela era apenas uma menina porque, talvez assim, *eu* voltasse a entender que era isso que ela realmente era. Eu não tinha motivo algum para ficar irritado com o fato de um funcionário meu, que não deveria ter mais do que vinte e dois anos, estar olhando para ela como se ela fosse alguém que ele pudesse levar para sair, pelo amor de Deus!

Só de pensar nisso, já sentia a frustração me consumir e tirei Capitão da sua baia com um pouco mais de pressa. Era final de tarde, já havia cumprido com todas as minhas funções e liberado os meus funcionários, por isso, decidi que cavalgar com Capitão era a escolha perfeita para me desfazer de toda a tensão do dia. Ou era isso, ou algumas doses de uísque e não estava

afim de extrapolar o meu limite. Já havia bebido com Caio mais cedo, não queria beber novamente.

Capitão parecia compreender o meu humor apenas com o olhar. Assim que o montei, ele começou a cavalgar forte e fomos em direção ao norte da fazenda, a parte mais afastada e aberta, onde poderíamos descontar tudo o que queríamos. Ele, a sua energia e eu, a minha irritação. O vento batia forte no meu rosto e o barulho dos cascos de Capitão contra a grama era como música para os meus ouvidos. Logo me senti desligar de qualquer pensamento ruim e só me restou algumas imagens na mente. A que ficou por mais tempo, foi Gabriela.

Primeiro me lembrei de seus olhos tão únicos e diferentes ao mesmo tempo. As írises castanha e azul se completavam e faziam um trabalho incrível em seu rosto delicado. Como se isso não fosse o bastante, a danada ainda tinha um corpo que, pela primeira vez, me deixei lembrar com detalhes. Não havia me permitido a olhar mais do que o necessário até o dia de hoje. Primeiro, quando ela veio correndo para me ver com Trovão e, segundo, quando a olhei de cima a baixo antes de falar que a via como uma menina.

Realmente, perto da minha idade, ela era apenas uma menina, mas seria hipócrita se dissesse que seu corpo era de uma adolescente, pois não era. Gabriela era linda, tinha os seios médios, que preenchiam bem a blusa, as pernas levemente torneadas, os quadris estreitos com uma bunda arrebitada. Eu ficava dividido entre me sentir mal por ter reparado nisso tudo e em fingir que eu não tinha notado nada. Como estava sozinho, no meio de uma cavalgada intensa com Capitão, resolvi me dar alguns minutinhos com aquela imagem na cabeça, antes de me obrigar a deletá-la da minha memória definitivamente.

Gabriela ficaria em minha casa por tempo indeterminado, era meu dever fazer com que ela se sentisse bem e confortável e não reparar em sua beleza ou em qualquer parte do seu corpo. Era errado, de inúmeras maneiras.

Só voltei com Capitão quando o céu estava totalmente escuro e nós dois estávamos esgotados. O deixei em sua baia e chequei se tinha água e ração suficiente, antes de entrar no casarão e ir direto para o meu quarto. Não encontrei com ninguém pelo caminho e só voltei a descer quando já estava no horário do jantar. Parte de mim tinha certeza de que Gabriela não jantaria comigo, mas foi com surpresa que a encontrei ajudando Cissa a colocar a mesa. Ela estava de costas para mim, rindo de algo que Cissa havia dito e quando se virou, estacou no lugar com um garfo e uma faca na mão. Por um

momento, não consegui deixar de olhar para ela, até a voz de Cissa me fazer sair do transe:

— Achei que ia ter que ir lá em cima arrastar você pra comer.

Gabriela se virou e colocou os talheres ao lado do meu prato, antes de se sentar em seu lugar.

— Sabe que não durmo antes de comer a sua comida, Cissa — falei, me sentando. — Cadê o seu prato? Não vai jantar com a gente?

Às vezes Cissa jantava conosco, outras, ela preferia se reunir na casa de Rosana e jantar com ela. Balançando a cabeça, ela sorriu.

— Hoje eu vou pra farra!

Parei com a jarra de suco no ar e olhei para ela sem entender.

— Como assim?

— Isso mesmo que você ouviu. Estou cansada de ficar nessa fazenda, vou cair na noite com as meninas.

— Vai cair na *noite*? — Eu ainda estava um pouco chocado.

— Sim. Vai ter um grupo de forró tocando no Bar das Onze hoje. A noite de sexta-feira é sempre maravilhosa por lá e eu quero conhecer — disse ela.

— Cissa, tem certeza disso? Olha a sua saúde, pelo amor de Deus.

— Cuidado, viu, Cissa? Hoje ele me chamou de criança, daqui a pouco vai te chamar de velha — Gabriela disse sem olhar para mim. Dando um sorrisão para Cissa, continuou: — Vai se divertir, você merece. Volte com um namorado!

— Como é que o Caio diz mesmo? Ah, já sei! Vou voltar cheia de *contatinho*s. Já sei mexer no *WhatsApp*, agora ninguém me segura! — Ela disse e me olhou com uma sobrancelha arqueada. — E você, deixa de ser chato.

— Cissa, espera. Vou pedir para algum dos meninos levar e buscar você — falei já sacando meu celular do bolso. Ela balançou a mão na frente do rosto.

— Não precisa, já pedi pro Augusto me dar uma carona, ele está indo pra cidade. Eu vou dormir na casa da Maria, aquela minha amiga que mora lá perto do bar, e volto amanhã de manhã. — Ela deu a volta na mesa e beijou a minha bochecha. — Parece que não, mas eu sei me cuidar, menino.

— Certo. Bom, divirta-se.

Ela soprou um beijo para mim e Gabriela e deixou a sala de jantar. Eu fiquei alguns minutos olhando para o meu prato, tentando assimilar o que havia acabado de acontecer. Cissa, minha segunda mãe, que tinha mais de sessenta anos, estava indo pra *farra*. *Caindo na noite*. Por essa eu não

esperava. Depois de servir o suco para mim e para Gabriela, comecei a comer ainda um pouco atordoado, ficando incomodado com o silêncio à mesa. Só se ouvia o barulho dos talheres.

— Como está o seu pai? — perguntei, decidido a romper o silêncio.

— Na mesma.

Esperei que continuasse, mas estava bem claro que Gabriela estava me ignorando deliberadamente. Ou era isso, ou realmente não queria conversar. Como ela estava toda sorrisos para Cissa, acreditei mais na primeira opção. Ela cortou um pedaço de carne e mastigou sem tirar os olhos do prato, enquanto eu pensava em um modo de reverter aquela situação. Se havia entrado em um consenso comigo mesmo de que queria que a menina se sentisse bem na minha casa, não poderia deixar que aquele clima ruim continuasse entre a gente. Pousando os talheres no prato, falei olhando para ela, que, claro, sequer levantou a cabeça para retribuir o meu olhar.

— Não te chamei de criança. — Ela pareceu surpresa com o que falei e parou de movimentar os talheres, mas não me olhou. — Só falei aquilo porque, perto de mim e de Caio, você é bem mais jovem e eu acho que os lugares que ele frequenta não são legais para alguém da sua idade.

Ela finalmente me olhou, mas continuou séria.

— Quando você me chama de menina daquela maneira petulante, não tem como entender outra coisa. Sei que sou jovem, mas deixei de ser uma menina ou uma criança, há muito tempo. Espero que você consiga enxergar isso em algum momento.

Porra. Ela não se parecia uma menina naquele instante, nem um pouco.

— Tem razão, fui mesmo petulante e arrogante, peço desculpas por isso e por ter falado que dito regras... Jamais obrigaria você a fazer qualquer coisa.

Ela pareceu se desfazer da armadura que usava depois que me ouviu pedir desculpas e me deu um olhar mais doce. Pegando a taça com suco, ela apontou na minha direção.

— Está desculpado, Baldez.

Não pude deixar de sorrir quando arqueou a sobrancelha. Sua expressão era divertida e superior ao mesmo tempo. *"Sedutora, sem nem mesmo perceber"*, disse uma voz louca em minha mente, que logo tratei de calar. Toquei minha taça na dela e bebemos juntos.

— Agora que voltou a falar comigo, me explique melhor sobre como está o seu pai.

— Não tenho muito o que falar, ele está do mesmo jeito que ontem e,

provavelmente, estará assim amanhã também — ela disse, soltando um suspiro. — Estava pesquisando sobre o que aconteceu com ele na internet, mas só encontrei o que o médico nos disse. Não há um tempo exato para um paciente no estado dele acordar, pode ser hoje ou daqui a dez anos... É muito complicado.

— Eu entendo. No momento, só nos resta ter fé — falei, porque não tinha mais o que dizer para tentar aliviar o medo dela.

— Eu sei que pode ser errado ou cruel, mas... O que vai acontecer se o meu pai não acordar mais? Eu não sei o que realmente estava acontecendo com as nossas finanças, ele não teve tempo de me explicar, mas entendi que estava passando por uma situação bem difícil, tanto que iria vender a cobertura em que eu morava em São Paulo e dispensou praticamente todos os funcionários... Eu me sinto no escuro, de verdade. É como se a vida estivesse estagnada até o meu pai acordar, mas sei que as coisas não funcionam assim. O mundo continua a girar, independentemente de como meu pai esteja.

— Não precisa se preocupar com nada disso por enquanto. Sei que seu pai não conseguiu te explicar o que estava acontecendo, mas agora eu sou sócio dele e, do mesmo jeito que cuido da minha fazenda, vou cuidar dos negócios de Abraão enquanto ele estiver ausente. Não há muito o que eu possa fazer para levantar a fazenda de vocês no momento, mas vou manter os funcionários que estão trabalhando lá e fazer de tudo para que a situação não se agrave mais.

— Entendo, mas sei que essas são medidas a curto prazo. O que me preocupa é o fato de que meu pai pode simplesmente não acordar mais — ela disse com uma pontada terrível de dor na voz e os olhos atordoados. — Nunca pensei que poderia o perder dessa forma, nem a fazenda...

— Ei, escute — pedi, tocando em sua mão por cima da mesa. — Não se preocupe com isso agora, tudo bem? Vamos cuidar de uma coisa de cada vez. No momento, está tudo sob controle e o mais importante, é que seu pai se recupere. Sei que há a possibilidade de ele não acordar e não podemos fingir que ela não existe, mas vamos ter pensamento positivo.

— Estou tentando — ela disse baixinho, olhando para a minha mão em cima da dela. — Obrigada, Ramon, de verdade. Sei que já agradeci antes, mas acho que não imagina como está sendo importante para mim neste momento. Estar aqui e não sozinha naquela casa, ter a companhia da Cissa, ter a *sua* companhia, tudo isso está me fazendo muito bem.

— Não precisa agradecer. Só quero que saiba que pode contar comigo, de

verdade.

— Está bem, só não me irrite de novo. Se me chamar de menina, vou te chamar de velho — disse com um sorrisinho que, finalmente, estava chegando aos olhos. Não pude deixar de rir.

— Se você soubesse quantas vezes eu fui chamado de velho hoje...

— Pelo Caio, com certeza.

— Sim. A vida dele é esfregar na minha cara que ele é bem mais jovem por ser apenas dois anos mais novo que eu.

— A cabeça dele é jovem.

Parei de comer e olhei para ela com interesse.

— Você e ele estão fazendo um complô contra mim? Porque ele me disse exatamente isso hoje.

— Não, é só o que eu acho. Hoje, por exemplo, é sexta-feira e você está aqui. É um homem solteiro, bonito, charmoso, cheiroso... — Ela parou de repente, como se estivesse se dando conta, naquele momento, do tanto de elogio que estava me fazendo. Meu interesse sobre ela se duplicou e, um pouco nervosa, ela colocou uma mecha do cabelo atrás da orelha e desviou o olhar. — Quer dizer, é cheiroso porque usa um bom perfume, lógico e, claro, você tem espelho, sabe que é bonito e tem esse charme de caubói e...

Ela parou de novo e eu apoiei meus cotovelos na mesa, aproximando-me um pouco mais dela.

— E?

Seus olhos encontraram os meus e, em meio a certo constrangimento, vi um brilho intenso neles. Parte de mim deixava claro que eu tinha que me afastar e parar de alimentar aquilo, mas a outra parte... A outra parte estava excitada, querendo saber o que mais ela achava sobre mim.

— E, mesmo assim, está em casa — ela completou. — Acho que é por isso que Caio te chama de velho, porque ele deve estar em alguma festa a essa hora e você está em casa.

Algo me dizia que não era isso que ela iria falar, mas meu bom-senso agradeceu por ela ter tomado esse caminho. Só isso para me fazer despertar daquele transe.

— Não sou muito de ir pra farra, como Cissa fala. Nunca fui.

— Por quê?

— Porque desde muito cedo, eu entendi que se quisesse vencer na vida, eu deveria focar mais no trabalho do que em curtição — falei, desejando um vinho para poder iniciar aquela conversa. — Não sei se você sabe, mas a

minha família é de origem espanhola. Meu avô chegou aqui junto com a minha avó e o meu pai. Ele comprou uma parte pequena dessa terra que moro hoje, quando meu pai já tinha quase vinte anos e, com muito esforço, conseguiu a manter na família. Os planos do meu pai era expandir o negócio para comprar os arredores e ele conseguiu comprar mais uma pequena parte, mas levou um golpe e quase perdeu tudo. Nessa época, eu tinha uns dezessete anos e, enquanto a maioria do pessoal da minha idade estava indo pra cidade beber e fazer arruaça, eu estava aqui, tentando arrumar um jeito de manter um teto sobre as nossas cabeças, porque meu pai quase se entregou à loucura. Ele não aceitava que tinha sido enganado. Passamos por uma fase muito difícil e quando ele e minha mãe morreram três anos depois, no incêndio do celeiro, eu tive que comandar tudo sozinho.

— Incêndio?

— Sim. Eu estava em Goiânia na época, lutando para pegar um empréstimo em algum banco, fazendo contato com investidores. Enquanto isso, meu pai e minha mãe ficaram aqui cuidando de tudo. Ele já estava melhor na época, mas havia passado os últimos anos bebendo muito e estava lutando para se controlar e não beber mais. Nós tínhamos um celeiro pequeno, onde guardávamos materiais que não usávamos mais e minha mãe o encontrou escondido, bebendo e fumando cigarro. Não sabemos ao certo o que aconteceu, mas eles brigaram e parece que a guimba do cigarro caiu acesa perto do galão de gasolina que estava armazenado... Quando os funcionários notaram que estava pegando fogo, já era tarde demais.

— Meu Deus, Ramon... Eu nunca soube disso — ela falou com pesar, tocando em meu braço.

— Não esperava que você soubesse, na época você deveria ter o quê? Uns dois, três anos? Foi em 2001.

— Eu tinha dois anos — ela confirmou. — Nem consigo imaginar como deve ter sido difícil para você.

— Foi a pior época da minha vida. Parecia que o mundo estava desabando sobre a minha cabeça e eu não tinha lugar algum para me proteger. Então, eu fiz o que tinha que fazer. Encarei a dor e enfrentei o desafio de transformar essa fazenda em algo que deixaria meu pai e meu avô orgulhosos.

— E você conseguiu. Tenho certeza de que eles estão muito orgulhosos de você, onde quer que estejam.

— Eu espero que sim — falei, olhando pra ela. — Entende agora porque não sou muito de sair e cair na noite, como a Cissa disse que iria fazer? Me

acostumei a viver assim. Claro, isso não quer dizer que sou um eremita e só vivo em casa, mas esse é o meu estilo.

— Agora eu entendo. Quando Caio vier te perturbar, vou sair em sua defesa.

— Mesmo? E vai falar o quê?

— Vou falar que você é só *meio* velho, não *completamente* velho — ela disse, me dando uma piscadela que me arrancou uma gargalhada e me fez estremecer de uma forma que não era apropriada.

— Acho melhor não, essa vai ser mais uma munição que ele terá contra mim. Ser meio velho parece ser pior do que ser completamente velho.

— Já falei que tudo depende da perspectiva, né? Um meio velho acompanharia essa jovem até a sala e veria um filme com ela sem cochilar, um velho de verdade, aceitaria, mas dormiria no meio do filme.

— Está me chamando para ver um filme com você?

— Sim. Quer ver um filme comigo na sua sala de TV, Ramon Baldez?

Seu convite me pegou de surpresa, mas me vi sorrindo, aceitando e a acompanhando até a sala depois de termos colocado a comida na geladeira e lavado a louça. Sentados lado a lado no sofá confortável, mas que eu pouco usava, me perguntei se, em algum momento da minha vida, me imaginei sentado na minha sala com uma garota linda e extrovertida ao meu lado, assistindo a um filme. Bem, a resposta era nunca e me peguei pensando que a vida, às vezes, gostava de ser surpreendente.



“Eu nunca vi ninguém
Fazer tanto barulho num só coração”

Outrória – Anavitória feat. OutroEu

RAMON

Demoramos quase meia hora para escolher um filme. Gabriela queria uma comédia romântica, enquanto eu queria ação, por isso, sempre que eu optava por um filme, ela fazia careta e quando ela escolhia algum, eu reclamava. No final, lemos a sinopse de um filme de suspense e chegamos à conclusão de que era melhor assistir àquele gênero mesmo, ou ficaríamos até o amanhecer negando a opção um do outro.

Antes de darmos *play*, decidimos fazer pipoca e nos aventuramos pelas panelas de Cissa, que, certamente, iria parir um filho se soubesse a bagunça que estávamos fazendo. Eu não era muito de cozinhar e Gabriela também não, como não tinha pipoca de micro-ondas, precisamos ler uma receita na internet pra conseguir fazer no fogão. Surpreendi-me por ter dado certo e voltamos pra sala com uma tigela lotada, ela segurando uma lata de refrigerante e, eu, uma cerveja.

Enquanto o filme passava e fazíamos suposições do que iria acontecer, minha mão roçava a dela dentro do balde de pipoca e, de vez em quando, eu perdia alguns segundos do filme para capturar o seu rosto. A sala estava escura e a TV iluminava seus traços, os olhos ávidos e curiosos, os lábios

bem desenhados que se fechavam sobre a pipoca. Por diversas vezes precisei me controlar e sequei a cerveja mais rápido do que pretendia, sentindo meu coração disparar ao me dar conta de que eu não estava conseguindo ignorar a beleza dela, como havia prometido a mim mesmo que faria.

— O que você acha? — Ela perguntou, virando-se para mim.

— Sobre o quê?

— Sobre o que acabei de falar. Acho que é ela quem está por trás de tudo. Tenho certeza de que está viva!

O filme contava a história de um homem que se tornava o principal suspeito do desaparecimento da esposa. A trama era uma muito boa, não tinha do que reclamar, mas o fato de eu achar Gabriela mais interessante do que o filme era algo um tanto assustador. Limpando a garganta, respondi:

— Acho o mesmo. Só nos resta descobrir como ela conseguiu armar tudo isso.

— Nossa, sim! Estou curiosa — falou, colocando a tigela vazia em cima da mesinha de centro e puxando os pés para cima do sofá. Sem que a tigela de pipoca estivesse entre nós dois, ela acabou ficando mais perto de mim e seu perfume levemente adocicado me invadiu. — Será que ela tem um amante? Talvez, ele possa ter a ajudado.

— Não sei, ela parece ser obcecada pelo marido.

— Acho que ela é mesmo, ou não teria feito tudo isso. Que loucura!

Ela estava entusiasmada com o filme e me olhou com um sorriso que me pegou desprevenido. Retribuí e tentei de tudo para prestar atenção na trama, ficando contente por saber que, pelo menos por algumas horas, Gabriela estaria focada em outra coisa que não fosse seu pai. Peguei mais uma cerveja e terminamos de ver o filme, que teve um final surpreendente.

— Está com sono? — Ela perguntou quando começou a subir os créditos.

— Ainda não. E você?

— Também não. Podemos ver uma comédia romântica agora? Por favor? — Pediu, juntando as mãos na frente do rosto e me dando um olhar suplicante, que me fez rir.

— Está bem, mas na nossa próxima sessão de cinema, vamos ver um filme de ação.

Ela me deu um sorriso satisfeito e assentiu, enquanto eu me perguntava onde estava com a cabeça. *Próxima sessão de cinema?* Eu deveria estar maluco. O perfume dela estava corroendo o meu juízo. Depois de rolar por algumas sinopses de filmes e pedir a minha opinião — que certamente não

valia de nada, já que não entendia nenhum pouco de filmes do gênero —, ela escolheu um que se chamava “Casa Comigo”, que falava sobre uma mulher que esperava ser pedida em casamento pelo namorado, mas acabou frustrada ao perceber que ele não tomaria a iniciativa. Por isso, ela decide aproveitar uma tradição irlandesa, onde a mulher pode pedir o homem em casamento em uma determinada data e vai atrás dele, mas para chegar até o namorado, ela vai embarcar em uma longa e desastrosa viagem, acompanhada por um irlandês mal-humorado. Nem precisava falar com quem ela ficaria no final da história, certo?

— Se você dormir, vai ter que assistir a mais um filme romântico na próxima vez — Gabriela disse assim que deu *play*.

— Deus me livre, quero passar por essa tortura uma vez só — falei, lhe arrancando uma risada.

— Como homem é frouxo, parece que você está indo pra forca.

— Não é essa a questão, é que eu já sei como o filme vai terminar. Quer que eu te conte?

— Eu também já sei como vai terminar.

— Então por que decidiu assistir? Poderíamos estar vendo algo mais complexo.

— Mais complexo como o que, por exemplo? Um filme mentiroso cheio de tiros e explosões?

— Sim.

— Sou muito mais os meus clichês românticos, obrigada — ela disse com um olhar divertido. — Sabe, acho que falta um pouco de injeção feminina na sua vida, Ramon.

— Injeção feminina?

— Sim, mas não se preocupe, estou aqui para resolver isso — falou batendo continência.

— E como você vai resolver isso, posso saber?

Ela me deu um sorriso travesso e voltou a olhar para a televisão.

— Não vou contar.

Passamos a próxima meia hora assistindo ao filme em silêncio e eu tinha que dar o braço a torcer, não era *tão* ruim. Tinha situações que realmente eram engraçadas e os personagens tinham embates divertidos. Quando estava bem claro que estavam gostando um do outro, ouvi Gabriela soltar um suspiro ao meu lado e encostar a cabeça no encosto do sofá, perto do meu ombro.

— Você já se apaixonou, Ramon? — ela perguntou de repente e encontrei seus olhos em cima de mim.

— Já — limitei-me a dizer, ficando um pouco desconfortável.

— E por que não está com ela hoje?

— Porque paixão não é a mesma coisa que amor, Gabi. A paixão acaba, o amor, não.

Ela ficou alguns segundos em silêncio, mas sem desviar os olhos dos meus. Quando achei que voltaria a prestar atenção no filme, perguntou baixinho:

— Então você nunca amou uma mulher?

— Nunca — confessei e, para descontrair, brinquei: — Estou à espera de alguém que vai conquistar esse coração arredio aqui. — Apontei para o meu peito.

Ela riu e se aproximou mais um pouco, deitando a cabeça no meu ombro. Precisei prender a respiração para conter o arrepio que me tomou.

— Espero que encontre logo, porque, você sabe, né... Questão de idade e tal — riu e eu soltei a respiração para a acompanhar, sentindo meu coração bater mais forte.

"Controle-se, Ramon, porra!"

— Eu sou meio velho ainda, esqueceu? Dá tempo de arrumar alguma gostosa por aí.

— Ridículo! — Ela deu um tapinha no meu peito em meio a uma gargalhada e voltou a olhar para a TV.

Demorei alguns segundos para tomar ciência de que eu não estava no meio de um sonho louco e me perguntei em que momento a intimidade entre mim e Gabriela havia atingido aquele nível. Tinha certeza de que a madrugada anterior havia escancarado um novo caminho pelo qual poderíamos seguir. Mantê-la à distância e tratá-la apenas como minha hóspede já não cabia mais na nossa relação. Talvez, eu tivesse que começar a abrir mais a minha mente e enxergar que poderíamos ser amigos.

"Amigos. Apenas amigos", disse uma voz no meu subconsciente e eu assenti. Apenas amigos.

Em algum momento perto do final do filme, comecei a sentir a cabeça de Gabriela pesar sobre o meu ombro e a encontrei dormindo. Levei um tempo apenas olhando para ela, notando como ficava serena ao dormir com os lábios levemente abertos e a respiração calma. Quem a olhasse assim, nem imaginaria que tinha opiniões tão formadas e a personalidade forte, que se

escondia por trás do sorriso doce.

Desliguei tudo na sala e a peguei com cuidado em meus braços para levá-la para cama. Sua respiração batia em meu pescoço e seu cheiro me envolveu com ainda mais força, mexendo comigo de uma forma que não deveria e que lutei para conter. A coloquei na cama e acho que o movimento a assustou, pois abriu os olhos um tanto sonolenta, assustada.

— Ramon...

— Está tudo bem, volte a dormir — pedi, cobrindo-a até o ombro. Ela encostou a cabeça no travesseiro e me olhou com as pálpebras quase fechando.

— Eu adorei a nossa noite — sussurrou.

— Eu também — falei, tirando o cabelo da frente do seu rosto. — Descanse.

Levantei-me da beirada do colchão, mas sua voz me deteve antes que eu pudesse sair do quarto.

— Eu gostei que me chamou de Gabi. Quero que me chame assim agora.

Virei para responder, mas ela já tinha voltado a dormir. O apelido havia escapado de forma bem natural, eu sequer havia notado, mas ela, sim, e não fiquei surpreso por isso. Parecia que Gabriela tinha olhos de gata, notava e guardava tudo. Depois de olhar para ela mais uma vez, apaguei as luzes e saí do seu quarto.



GABRIELA

Pela primeira vez desde que voltei à Santo Elias, acordei com um sentimento bom no peito. Lembranças da noite anterior me invadiram assim que abri os olhos e não consegui conter o sorriso e a onda de excitação que me deixou arrepiada da cabeça aos pés. Havia passado horas ao lado de Ramon, conversando, rindo, sentindo o seu cheiro, ouvindo o timbre grave da sua voz bem perto do meu ouvido. Eu não sabia ao certo o porquê de tudo isso me deixar tão entusiasmada, mas, a verdade, era que ele mexia comigo. Ramon tocava em uma parte dentro de mim, que eu sequer sabia que existia.

Nunca fui de namorar, o máximo que fiz, foi dar uns beijos aqui e ali, ir a

encontros com algum carinha que mexia comigo no colégio. Já havia gostado de alguns garotos da minha idade, mas nenhum deles me fez acordar com um sorriso no rosto simplesmente por termos visto um filme juntos. Certo, não era apenas por isso, tinha uma série de fatores por trás, mas a noite de ontem havia sido diferente. *Especial*.

Um pouco atordoada com a avalanche de emoções, sentei-me na beirada da cama e tentei colocar a minha cabeça no lugar. Gostava de Ramon. Apesar de termos começado a nossa relação com o pé esquerdo no hospital, tínhamos nos resolvido e nos aproximado. E, ontem, ele me pediu desculpas por ter sido ignorante comigo. Ele era um homem durão, criado em uma fazenda, vindo de uma família lutadora. Batalhou muito para estar onde estava hoje, mas, mesmo assim, tinha um lado... Doce. Um lado que acolhia, que sorria, que brincava... Um lado que estava me deixando como uma boba, que ficava suspirando pelos cantos.

— Gabriela, pelo amor de Deus... Não seja louca! — murmurei para mim mesma.

Eu não podia me apegar demais a essas sensações. Ramon era um homem sério, bem mais velho, jamais olharia para mim, pelo menos não do jeito que *eu* estava começando a olhar para ele. Sentia que podia contar com ele como um amigo e nada mais do que isso. O mínimo que eu podia fazer, era segurar meu coração no peito e não misturar as coisas.

Cissa foi comigo visitar o meu pai, pois Ramon precisou ir à cidade resolver algumas coisas. No hospital, fiquei ao lado do meu pai durante uma hora, contando um pouco sobre as novidades da minha vida. Não tinha garantia alguma de que ele poderia escutar, mas falava mesmo assim, pois queria que ele soubesse que não estava sozinho. Quando o horário acabou, dei um beijo em sua testa e me afastei, torcendo para que, no dia seguinte, o médico me recebesse com boas notícias.

Almocei com as meninas na cozinha e Cissa me deixou à par de como a sua noite havia sido maravilhosa. Havia dançado muito, conhecido gente nova e tinha até trocado número de telefone com um senhor que havia conhecido no forró.

— Nossa, ele era tão... Tão... Ah, não sei explicar — disse com as bochechas ficando vermelhas. — Quando ele pediu o número do meu celular, nem acreditei.

— Ora, por que não? Você é linda, Cissa! — falei, passando meu braço sobre os seus ombros delicados.

— É que tem tantos anos que não sei o que é me interessar por alguém. Desde que Amilton morreu, eu me isolei um pouco.

Cissa havia me contado que tinha se casado muito cedo, com o homem que era o amor da sua vida. Amilton era caminhoneiro e, apesar de ficar muito pouco em casa, era o melhor marido do mundo, segundo ela. Ele tinha apenas cinquenta anos quando morreu de infarto, e Cissa tinha quarenta quando ficou viúva. Desde então, nunca mais se apaixonou e como não tinha filhos, continuou dedicando a sua vida a Ramon e sua família.

— Então, está na hora de se libertar, se divertir, conhecer gente nova... Ontem foi só o começo — Rosana disse, mexendo nas panelas. — Agora vai sair comigo todo final de semana.

— E eu vou ter pique pra isso?

— Claro que vai — falei, beijando sua testa. — Conte comigo, Rosana. Vamos colocar essa mocinha na linha de novo.

— Mocinha, sei — disse ela com uma careta, mas acabou rindo com a gente.

Fiquei mais um tempinho papeando com elas na cozinha, até sentir a necessidade de ir respirar o ar da fazenda. Do lado de fora, o sol brilhava com força no céu e o vento soprava de forma calma, uma brisa fresca em meio ao calor. Usando as minhas botas, caminhei um pouco até chegar ao primeiro celeiro e olhei discretamente para ver se Ramon estava ali, mas não havia nenhum sinal dele. Talvez ainda estivesse na cidade. Estava pensando em passar direto, quando ouvi uma voz animada, do lado de dentro, me chamar.

— Oi, Gabriela!

Luan acenou e eu entrei, vendo-o arrumar uma pilha de fenos no canto do celeiro. Ele estava sem camisa e gotas de suor escorriam pelo seu corpo tonificado.

— Oi! Não tinha visto você — falei, observando rapidamente os cavalos. Ao fundo, vi os olhos atentos de Trovão.

Luan apoiou a ferramenta que usava para arrumar o feno — uma espécie de garfo enorme — no chão e limpou o suor da testa, me dando um sorriso.

— Como você está? Tem alguns dias que não te vejo andando por aí.

— Eu estou bem. Preocupada com o meu pai, mas bem.

— Ele melhorou?

— Infelizmente, não. O caso dele é muito complicado.

— Eu imagino que sim, mas, olha, vamos ter fé. Minha vó diz que o que parece impossível para o homem, jamais será impossível para Deus — falou

com gentileza, me olhando nos olhos. Suas palavras me tocaram profundamente e eu não pude deixar de sorrir.

— Obrigada, Luan. Peço a Deus todos os dias para que meu pai saia logo dessa — falei, vendo que tinha uma ferramenta igual a sua encostada na parede. — O que está fazendo?

— Nada demais, só ajeitando o feno antes de parar para almoçar.

— Posso te ajudar?

Ele arregalou os olhos e balançou a cabeça rapidamente.

— Não, nunca! Imagina que vou deixar você se sujar com um trabalho desse.

Dando-lhe um sorriso, fui até a ferramenta e a peguei. Era pesada, mas eu fingi que estava acostumada e parei ao seu lado.

— Nada que água e sabão não resolvam depois. Então, o que eu tenho que fazer?

— Eu não acho uma boa ideia...

Ignorando seu aviso, enfiei o garfo no feno e puxei para cima. Infelizmente, espalhei mais do que juntei, mas acabei gargalhando.

— Está vendo? Se não me explicar como devo fazer, vou acabar atrapalhando mais do que ajudando.

Ele riu baixinho ao meu lado e se posicionou com as pernas um pouco afastadas, uma atrás da outra.

— Você tem que ficar assim, flexione só um pouco os joelhos... Isso. Agora, concentre a sua força nas pernas, no abdome e nos braços. Se concentrar tudo apenas nos braços, vai se cansar muito rápido.

— Está bem.

Segui suas dicas e, nas primeiras vezes, fui um desastre, mas acabei pegando o jeito. O garfo era pesado, mas nada que eu não pudesse suportar e o feno era fácil de pegar. Ao meu lado, Luan me contava que era filho de um dos funcionários mais antigos da fazenda e que tinha o sonho de entrar na faculdade de veterinária.

— O seu Ramon ajuda muito a gente. Ele paga a faculdade da maioria dos empregados — comentou e eu olhei para ele um pouco surpresa, suada e ofegante.

— Jura?

— Sim. Ele diz que a melhor forma de construir um futuro, é investindo na educação. Eu o admiro muito. Não só eu, mas todo mundo que trabalha para ele — disse, ainda amontoando o feno. Voltei a ajudar e senti meu coração

bater um pouco mais rápido, tomado de admiração também. — Ele pagou o meu curso de vestibular ano passado e eu prestei a prova para entrar na faculdade federal. Estou esperando que saia o resultado e torcendo muito para ter sido aprovado.

— Tomara que você tenha passado, Luan. Tenho certeza que vai ser um ótimo veterinário. Você gosta muito do ambiente na fazenda, não é?

— Muito! Nasci e fui criado aqui, tudo o que sei, aprendi com meu pai, os outros empregados e, claro, o seu Ramon. Sei de muita coisa, muita mesmo, mas quero aprender mais.

— E vai aprender — falei, parando um pouco para limpar o suor. — Vai voltar formado e será um dos melhores veterinários daqui.

Ele me deu um sorriso alegre e me olhou com intensidade.

— Vou, sim.

Retribuí o sorriso e voltei a amontoar os fenos, pensando em Ramon e em como ele ainda conseguia me surpreender, mesmo sem saber. Luan e eu começamos a conversar sobre outras coisas e estávamos tão entretidos, que sequer ouvimos os passos se aproximarem de nós dois. Só percebi que havia mais alguém ali, quando a voz de Ramon soou em meu ouvido.

— Gabriela, o que está fazendo?

Luan deu um pulo ao meu lado e eu senti meu coração disparar. Ramon olhava para nós dois com o cenho franzido e a cara levemente amarrada.

— Oi! Estou ajudando o Luan.

— Ajudando? Luan, se você precisava de um ajudante, poderia ter chamado qualquer um dos rapazes. A Gabriela não é uma funcionária.

Luan arregalou um pouco os olhos e abriu a boca para responder, mas eu fui mais rápida.

— Eu que me ofereci, Ramon. Estava sem nada para fazer e encontrei com Luan aqui... Ele não fez por mal.

Ramon olhou novamente para nós dois e assentiu, erguendo o pulso para olhar as horas no relógio.

— Luan, já está na sua hora de almoço, pode ir, eu termino aqui.

Luan assentiu e apoiou o garfo na parede.

— Com licença, seu Ramon. — Olhando-me rapidamente, Luan me deu um sorriso. — Tchau, Gabi.

— Tchau.

Ele saiu a passos largos e eu encarei Ramon, que olhava para a porta por onde Luan havia acabado de passar. Segundos depois, ele voltou a me fitar.

— Pode deixar que eu termino — falou, mas não saiu do lugar. Só naquele momento eu percebi que uma das suas mãos estava atrás das costas.

— Não, eu quero ajudar. Tenho que fazer algo que faça com que eu me sinta útil.

— Pode procurar outra atividade para fazer, Gabriela. Uma que seja menos bruta e desgastante.

— Olha, eu estou indo muito bem. Aprendi rapidinho a fazer essa atividade "bruta" e "desgastante" — falei, lhe dando um sorriso e me aproximando. — Deixa de ser bobo, Ramon. Eu não vou quebrar, sabe? É só uma inchada e um monte de feno.

Ele me prendeu com aquele olhar intenso, que era capaz de me roubar o ar dos pulmões, e olhou para o garfo na minha mão.

— O nome disso é forcado — falou, dando um passo em minha direção. Com delicadeza, tirou uma mecha do meu cabelo grudado na testa e senti meu corpo ser tomado por um arrepio. — Trouxe um presente para você — disse assim, sem mais nem menos, sem nem me preparar antes.

— Um presente?

Assentindo, ele tirou a mão de trás das costas e me deu uma bolsa grande de loja, com uma marca que eu não conhecia escrita bem na frente. Ansiosa e surpresa, deixei o forcado de lado e abri a bolsa, vendo dentro dela algo grande, envolto em um papel delicado. Estava suada e minhas mãos estavam sujas, por isso, as limpei rapidamente no jeans, antes de pegar o que havia ali dentro. Meu coração tremeluziu no peito quando tirei o embrulho e vi um chapéu de caubói, um pouco menos bruto do que o de Ramon.

— Ai, meu Deus! Que coisa mais linda! — Falei um pouco mais alto do que deveria, pulando na frente dele.

Ramon riu baixinho e tomou o chapéu das minhas mãos, colocando-o em minha cabeça.

— Gostou? Fiquei em dúvida sobre a cor.

— Eu amei! Quero ver no espelho!

Puxei-o pela mão e fui quase correndo até o casarão. Ramon veio logo atrás, sem tirar a mão da minha, rindo como se fosse uma criança com o meu entusiasmo. Assim que entramos na sala, corri para frente do espelho que ficava em cima de um aparador e fiquei toda boba com o chapéu marrom-claro na cabeça.

— É lindo! Perfeito! Meu Deus, não uso um desse desde que era uma criancinha! — falei com um traço de emoção na voz. Depois de passar tanto

tempo na cidade grande, desconectada da minha vida real, ter qualquer símbolo que me lembrava da minha infância, mexia demais comigo. Emocionada, virei-me para Ramon e o abracei com força pelo pescoço, sentindo o cheiro almiscarado do seu perfume. — Obrigada, Ramon!

Senti seus braços fortes envolverem a minha cintura e prendi a respiração quando meu corpo ficou grudado ao dele. Aquele abraço era totalmente diferente daquele que trocamos na cozinha. Era mais intenso, íntimo.

— De nada — ele sussurrou em meu ouvido e senti meu estômago dar um nó dentro da barriga. Um arrepio subiu pela minha espinha e meu coração quase saiu da caixa torácica e se espatifou no chão.

"Deus do céu, o que está acontecendo comigo?"

Segundos depois, Ramon me afastou com delicadeza pela cintura e me olhou bem sério por um tempo, antes de abrir um sorrisinho de lado e tocar na aba do meu chapéu.

— Agora vai poder andar ao meu lado sem pegar uma insolação.

— Seu bobo — brinquei, dando um tapinha em seu ombro, mas sentindo meu coração ainda bater forte no peito.

Dando um passo para trás, ele me olhou e falou baixinho:

— Ficou linda.

E, sem me dar chance para responder, saiu da sala e me deixou sozinha com as pernas bambas, um frio no estômago e o coração acelerado. Um tanto nervosa, virei-me novamente para o espelho e me encarei, tentando enxergar o que ele via.

Ficou linda.

Sua voz se repetiu na minha mente e senti parte da minha força de vontade de *não* me encantar demais por ele, desmoronar.



“Eu quero correr para você
Mas se eu for para você
Me diga se vai ficar
Ou vai embora”

Run To You – Whitney Houston

GABRIELA

Na fazenda de Ramon, eu só sentia os dias passarem, porque a preocupação com o estado do meu pai tomava parte da minha mente. Se não fosse por isso, eu sequer sentiria um dia chegando após o outro, simplesmente porque estava me apaixonando por aquele lugar.

Ramon e eu entramos em uma rotina simples, mas que, para mim, era muito especial. Geralmente, ele passava a manhã ocupado e eu aproveitava esse horário para ir visitar o meu pai, às vezes com Cissa, às vezes sozinha e, às vezes, com o próprio Ramon. Ele havia prometido que iria comigo todos os dias, mas eu sabia que era um homem muito ocupado e não tinha sentido atrapalhar o seu trabalho para fazer com que ficasse uma hora comigo no hospital. Mesmo assim, tinha vezes em que ele dizia que iria comigo e ninguém o fazia mudar de ideia. Nesses momentos, eu me sentia... Importante. Importante para ele, pois sabia que ele parava o seu trabalho apenas para me acompanhar. Era quase impossível não deixar que meu coração idiota batesse mais forte e que um sorriso bobo não ficasse querendo

surgir em meus lábios a cada momento que eu olhava para ele.

Quando voltava do hospital, almoçava com Cissa e as meninas, pois Ramon geralmente almoçava com os rapazes no refeitório e, então, vinha um dos meus momentos favoritos do dia. A tarde chegava e, com ela, vinha a oportunidade de passar algumas horas ao lado de Ramon indo de um canto a outro da fazenda, ouvindo música no carro e conversando. Não era todo dia que eu podia o acompanhar, mas quando dava, eu ia com um sorriso no rosto. Não sabia ao certo o que Ramon pensava ao ver o meu entusiasmo, mas torcia para que pensasse que era porque eu adorava a fazenda e não ele. Quer dizer, eu também adorava a fazenda, mas adorava a fazenda porque podia andar por ela com *ele* ao meu lado, me contando curiosidades sobre aquele lugar que ele conhecia como a palma da mão, compartilhando comigo o que desejava mudar ou acrescentar. Eu sentia como se Ramon estivesse me incluindo em sua vida quando fazia isso, quando contava seus sonhos para mim.

Sabia que era perigoso me sentir assim, mas não podia evitar. A cada minuto que passava ao lado de Ramon, sentia meu coração ficar mais envolvido, mais encantado. Eu o admirava totalmente. O admirava como patrão, como cuidador dos cavalos, como fazendeiro, como amigo e, principalmente, como homem. Ramon era o homem mais peculiar que eu já havia conhecido. Sua intensidade e seriedade, em um primeiro momento, poderia até amedrontar, mas, depois, quando você o conhecia e desvendava camada por camada de quem ele era, entendia que ele não era daquela forma propositalmente. Ele teve uma vida dura, perdeu os pais muito cedo, precisou reerguer esse lugar que, eu sabia, era a sua vida. Por isso, ele tinha aquela casca grossa por fora, mas eu estava descobrindo que, por dentro, ele era gentil e bondoso.

Aquela percepção não era apenas minha, eu sabia. O modo como seus homens o respeitavam e confiavam nele, a forma como os olhos de Cissa brilhavam quando falava dele, a admiração que todo mundo nutria por ele, deixavam claro para mim, que eu não era a única que o admirava.

"Mas, talvez, você seja a única que esteja gostando mais dele do que deveria", uma voz soou dentro da minha cabeça, mas ignorei. Poderia até ser verdade, mas eu não queria analisar nada daquilo naquele momento. Nem nunca. Só queria me permitir viver cada um daqueles sentimentos intensamente.

Terminei de almoçar a tempo de ver Ramon em frente ao celeiro onde

ficava Trovão. Ele estava conversando com dois funcionários e ergueu os olhos no momento em que eu desci as escadas do casarão, ainda a muitos metros de o alcançar. Sorri e mexi na aba do meu chapéu para cumprimentá-lo e ele fez o mesmo, voltando a dar atenção aos homens. Como não queria atrapalhar, contornei os três e entrei no celeiro, encontrando todos os cavalos e cumprimentando um por um. Já sabia o nome de todos de cor.

— Olá, Rose. Nossa, você está linda hoje — falei, acariciando a égua marrom e branca.

Pelo brilho em seus pelos, tinha quase certeza de que havia sido escovada recentemente. Ela me cumprimentou com o focinho e eu sorri, indo de baia em baia, até parar em frente à de Capitão, o cavalo de Ramon. Ele era diferente dos outros, robusto, um pouco mais alto, com o pelo marrom bem escuro. Tinha os olhos intensos, como os do dono, mas não era arredio ou temperamental e parecia gostar de mim. Passei um tempo o acariciando e conversando com ele, até chegar à última baia.

Nos últimos dias, eu vinha me aproximando um pouco mais de Trovão. Desde aquela noite, quando acordei assustada com o pesadelo e vim parar aqui, sentia que eu e ele tínhamos uma conexão, algo que eu não sabia explicar. Ele continuava sendo o cavalo nervoso e selvagem, mas, nos momentos em que ficávamos a sós, ele parecia se acalmar. Com cautela, parei na frente dele e ergui minha mão devagar, vendo como ele observava cada um dos meus movimentos com os olhos atentos. Sem falar nada, deixei que ele cheirasse a minha mão e quando a empurrou para cima, o acariciei.

— Bom menino, Trovão, bom menino — falei baixinho, movimentando meus dedos com delicadeza. — Como você está hoje? Ramon te deu um descanso? Em?

Ele soltou o ar com um pouco mais de força e balançou o rabo peludo. Era como se estivesse se lembrando de que odiava ser domado.

— Você precisa entender que o Ramon só faz aquilo para o seu bem. Ele jamais te machucaria, Trovão — falei, vendo sua orelha esquerda descer e subir rapidamente — Ele é um bom menino, assim como você.

— Eu sou um bom *menino*? — Ramon perguntou logo atrás de mim e eu senti meu coração dar uma guinada no peito. Com um sorrisinho, me virei para olhá-lo, mas não deixei de acariciar Trovão. Ramon olhava para nós dois com interesse.

— Sim, você é um bom menino de vez em quando.

— Agora é só de vez em quando? — Assenti e ele se aproximou. — Em

quais momentos eu sou um bom menino?

Fiquei em silêncio por alguns segundos, fingindo pensar.

— Hum... Quando se aproxima de surpresa atrás da Cissa para lhe dar um beijo na bochecha... Quando pergunta à Rosana se as filhas dela estão bem... Quando deixa seu trabalho de lado para ir comigo ao hospital. Quando muda seu caminho e passa em uma loja para comprar um chapéu para mim — falei, tocando na aba do meu chapéu, minha peça favorita desde o dia em que ele me deu. — Quando cuida dos seus funcionários e dos filhos dos funcionários, pagando a faculdade deles.

Por um momento, pensei ter visto um traço de timidez atravessar os olhos cor de mel de Ramon, mas ele logo se recompôs e demonstrou surpresa no lugar.

— Como sabe disso?

— O quê?

— Que eu pago a faculdade deles?

— Ah, o Luan comentou comigo. Disse que você pagou o cursinho dele para prestar vestibular, também me falou que você paga a faculdade da maioria dos funcionários. Não tive oportunidade de comentar isso com você antes, mas fiquei admirada.

Ele se apoiou na pilastra que separava uma baia da outra e cruzou os braços, observando o movimento da minha mão no focinho de Trovão.

— Você e o Luan estão se aproximando, não é? — Sua pergunta me pegou de surpresa.

— Sim, às vezes a gente fica conversando quando nos encontramos — falei, mas fiquei curiosa e continuei: — Por quê?

— Nada. Eu só... Só acho que é bom você fazer amizades com pessoas da sua idade... Você não deixou nenhuma amiga em São Paulo?

Não sei porque, mas me senti um pouco desapontada ao ouvir o “pessoas da sua idade”. Eu sabia que Ramon era mais velho do que eu, mas ficava tão fascinada ao seu lado, que essa questão sequer aparecia na minha mente. Será que ele ainda se incomodava com o fato de eu ser mais nova do que ele?

— Minha vida em São Paulo foi muito solitária. Eu demorei a me adaptar àquela cidade agitada, cheia de prédios, cheia de gente, com pouquíssimas árvores e com o ar carregado... Na escola, eu também não era muito de falar, consegui me enturmar, mas não ao ponto de ter amigas de verdade. Só no Ensino Médio que consegui construir algumas amizades, mas depois da formatura, perdi o contato com a maioria das meninas. Enfim, voltei para

Santo Elias sem deixar muita coisa para trás.

O celeiro caiu em um profundo silêncio depois que me calei e nem mesmo Trovão ousou interromper com aquela sua respiração brusca, que ele usava para chamar a atenção. Ele estava calmo e parecia se sentir cada vez mais à vontade com o meu carinho.

— Acho que, se eu tivesse que passar anos morando em uma cidade grande, me sentiria da mesma forma que você. A fazenda é minha vida. Nasci aqui, fui criado aqui, respirando o ar puro do campo, pendurado no lombo de um cavalo, gravando em minha mente cada pedacinho dessa terra. Não me imagino em outro lugar.

— Eu também não me imaginava em outro lugar e doeu muito ser mandada para longe. Meu pai insistia em dizer que estava fazendo aquilo pelo meu bem, que eu tinha que estudar nos melhores colégios, que precisava ter uma outra visão de mundo, para poder voltar e comandar tudo quando ele não estivesse mais aqui. Mas, sabe o que eu realmente sentia?

— O quê?

— Eu sentia que, na verdade, meu pai queria se livrar de mim — confidenciei e o tom baixo da minha voz deixava bem claro que não era fácil dizer tudo aquilo em voz alta. — Parecia que ele não queria ter a responsabilidade de me criar, me educar, de lidar comigo. Talvez eu esteja sendo injusta, mas essa era a impressão que eu tinha. Que ainda tenho.

Nunca tinha falado sobre aquilo para ninguém. Sempre senti medo de que a pessoa me interpretasse mal, ou que saísse à defesa do meu pai e jogasse na minha cara como eu estava sendo cruel e injusta, mas, com Ramon, eu me senti à vontade para falar, para colocar tudo aquilo para fora. Um pouco envergonhada, voltei a olhar para Trovão, mas logo senti os passos de Ramon se aproximando de mim. Com delicadeza, ele pousou dois dedos em meu queixo e ergueu meu rosto, fitando meus olhos.

— Não sei se essa era a intenção do seu pai, mas tenho certeza de que ele saiu perdendo de qualquer forma. Ele não deveria ter te mandado para longe, deveria ter te mantido ao lado dele, onde era o seu lugar. Imagino que hoje, a maior tristeza dele, é saber que poderia ter passado todos esses anos ao seu lado, convivendo com a pessoa incrível que você é.

Meu coração bateu tão rápido no peito, que fiquei com medo de que Ramon percebesse. Passando a língua pelos lábios secos, perguntei:

— Será que ele tem essa consciência?

— Se ainda não tem, terá quando acordar.

Quando e não *se*. Ultimamente, eu tinha começado a pensar muito em *se*. *Se* meu pai acordasse... *Se* não tivesse sequelas... *Se* conseguisse retomar a sua vida... Um bolo quase formou em minha garganta, mas lutei para deixar a melancolia de lado e forcei um sorriso.

— Obrigada pelo elogio. Eu sabia que era maravilhosa, mas não *incrível* — brinquei, sorrindo de verdade no final. Ramon riu e voltou a colocar a mão no bolso da calça jeans.

— Eu sabia que era visto como durão e não como um bom *menino*.

— A Cissa te chama assim.

— Verdade, mas você estava me chamando de "meio velho" alguns dias atrás. As coisas estão mudando bem rápido por aqui. Talvez, eu tenha que parar de te dar tanta intimidade.

— Faça isso e você vai se arrepender amargamente. Sei que já não consegue mais andar por aí sem que eu esteja ao seu lado.

— Quem disse isso?

— Minha intuição me diz — falei, virando-me rapidamente para Trovão. — E você concorda comigo, não é, Trovão?

Como se soubesse que havia sido incluído na conversa, Trovão respirou forte e empurrou minha mão levemente. Arqueei uma sobrancelha para Ramon, dizendo silenciosamente que Trovão estava do meu lado e ele me deu um sorriso que quase tirou o meu fôlego. Ramon não era um homem que distribuía sorrisos a qualquer um, por isso, guardava cada um que me dava em um cantinho especial do meu coração.

— É incrível como ele parece gostar de você — Ramon disse, olhando para Trovão. — É por isso que acredito que os cavalos são sensíveis. Até mesmo o mais arredio, encontra uma ligação com alguém especial.

— Temos uma conexão. Mas eu acho que vocês dois também têm.

— Temos?

— Sim. Vem cá, me dê a sua mão.

Ramon ergueu a mão sem hesitar e, com cuidado, tomei na minha e a aproximei do focinho de Trovão, que cheirou por alguns segundos, como se decidisse confiar ou não. Por fim, a empurrou para cima e entendi aquilo como um "sim". Deixei que os dedos de Ramon tocassem o focinho dele e, juntos, o acariciamos com delicadeza. Eu podia sentir a pele quente de Ramon sobre a minha palma e o cheiro do seu perfume me rodeando, sua presença forte e marcante ao meu lado. Quando levantei os olhos, encontrei os dele sobre mim, olhando-me com aquela intensidade toda, como se

pudesse me engolir.

— Viu? Ele gosta de você — sussurrei, sentindo minhas pernas ficarem levemente bambas. — Assim como eu.

Assim como eu.

Jesus Cristo. Só me dei conta de que havia falado aquilo, quando o celeiro foi dominado pelo silêncio e o som da minha voz ficou ecoando em meu cérebro. *Droga*. Ramon sequer piscou, parecia que ele nem respirava e me senti presa no magnetismo do seu olhar, sentindo-o se infiltrar em mim, na minha pele, na minha cabeça, nos meus sentimentos... No meu coração. Assustada com aquilo, dei um passo para trás e ele pareceu acordar do transe. Senti que ia falar alguma coisa, mas o toque do seu celular o calou antes mesmo que ele abrisse a boca. Em um movimento rápido, ele o tirou do bolso e atendeu.

— Alô? Certo... Sim, faça isso. Já estou indo aí, chego em cinco minutos. Tchau.

Ele desligou e enfiou o celular no bolso da calça, puxando as chaves do carro.

— Quer vir comigo? Tem algo que quero te mostrar já tem um tempo, mas só ficou pronto hoje.

Fiquei surpresa pelo convite. Em minha cabeça louca, achei que ele interpretaria errado o que eu havia falado há poucos minutos.

"Interpretaria errado ou interpretaria da maneira que você quis dizer?"

Às vezes, eu queria esfaquear aquela parte do meu cérebro que esfregava a verdade na minha cara.

— Claro que quero.

Despedi-me de Trovão e fui ao lado de Ramon até o carro. O sol ainda brilhava no céu e o dia estava bonito, apesar de ter uma nuvem aqui e ali. O carro foi inundado pela música e Ramon dirigiu calado, como se inúmeras coisas estivessem passando pela sua cabeça. Torci para que estivesse pensando na fazenda e não em mim e no que eu havia falado ainda pouco.

Percorremos um caminho da fazenda que eu ainda não conhecia. A estrada de terra era irregular, mas os campos abertos e as árvores eram tão fascinantes, que o balanço leve do carro nem me incomodava. Por fim, Ramon estacionou quando chegamos perto de uns caminhões que transportavam os cavalos. Ao fundo, eu conseguia ver uma cerca enorme e branca, mas não conseguia distinguir os objetos que estavam do outro lado.

Saímos juntos do carro e caminhei ao seu lado até chegarmos perto de um

dos caminhões. Dali eu podia ver quantas pessoas estavam trabalhando. Havia muitos homens, a maioria eu nem conhecia.

— E aí, seu Ramon! Podemos começar? — Um homem perguntou a Ramon, apertando a sua mão.

— Podem sim, Tom. Vou ficar ali na cerca observando tudo. Vem, Gabi.

Eu ainda sentia um friozinho na barriga quando Ramon me chamava de Gabi. Escondendo um sorriso idiota, fui com ele até as cercas brancas e, enfim, entendi o que era aquilo que estava atrás delas. O espaço era enorme, o chão era de areia e alguns obstáculos estavam espalhados em lugares estratégicos. Ao longe, vi um dos homens abrindo a porteira e um outro homem que eu não conhecia, entrou com um cavalo robusto, do tamanho de Trovão. A pelagem castanha se misturava com as manchas brancas nas patas e no pescoço. O homem montou o cavalo e, imediatamente, o animal começou a dar passos cadenciados ao redor da cerca.

— Observe como Jonas não precisa falar nada e o cavalo apenas segue o seu comando silencioso? — Ramon perguntou ao meu lado e eu olhei para ele um pouco surpresa.

— Comando? Ele está comandando esse cavalo?

Com um sorrisinho de canto de lábio, ele assentiu.

— Sim.

— Impossível. Ele não fez qualquer sinal... Não fez nada.

— Pois é, mas ele está comandando. Preste atenção, olha como ele faz um movimento suave com as rédeas e o pé.

Fiquei olhando atentamente e minutos se passaram, até o homem movimentar as rédeas e o pé de forma bem discreta, quase imperceptível. O cavalo aumentou o passo visivelmente, levantando um pouco mais as patas.

— Viu? Ele passou dos passos para o trote, sem que Jonas precisasse fazer qualquer movimento brusco.

— Como isso é possível?

— Isso se chama adestramento. É uma das modalidades do hipismo. Nesse estágio, a gente busca o desenvolvimento do cavalo, através de uma educação harmoniosa e cuidadosa. É preciso levar em conta que o cavalo é um ser, ele não está aqui para nos servir, ele não é um objeto ou um instrumento, como era visto antigamente. O adestramento trabalha justamente com isso, com a parte mental do cavalo, onde ele se torna confiante, atento e cria um laço com o cavaleiro.

Assenti, observando enquanto o cavalo passava do trote para o galope com

uma fluidez impressionante. Era diferente de tudo o que eu já havia visto. Fascinante.

— Eu não sabia que vocês adestravam os cavalos assim.

— A maioria dos nossos cavalos são vendidos para hípicas, então, é importante que eles sejam adestrados desde cedo. O correto é começar a doma a partir dos dois anos e quatro meses, em seguida, ir para o adestramento — Ramon disse. — Essa é uma das minhas partes favoritas. Se eu pudesse, passaria o dia adestrando os cavalos, mas eu ainda tenho uma fazenda inteira para comandar — sorriu no final. Dava para ver que, apesar de ter que deixar essa paixão de lado, o amor pela fazenda superava tudo.

Observando o cavalo galopar daquela forma tão graciosa, senti ainda mais saudade da minha infância, da forma como andava a cavalo com a minha mãe. Nunca cheguei de fato a aprender a montar, mas aquela era a minha parte favorita do dia, quando minha mãe me colocava no lombo do cavalo, bem na frente dela, e passeava comigo pela fazenda.

— Ramon, você havia me dito que, se eu quisesse, separaria uma égua para que eu pudesse montar, lembra?

— Claro que sim.

— Quero isso — falei, olhando em seus olhos semicerrados por conta do sol. — Quero muito andar a cavalo, por favor. Talvez... Talvez eu não me lembre ao certo como montar, mas eu quero fazer isso.

— Que tal amanhã à tarde? Tenho um pasto que está desocupado, podemos usar.

— Sério?

— Sim.

— Está bem! — Falei animada, já ficando ansiosa pelo dia seguinte. — Espero que eu não caia e quebre o pescoço.

Ramon gargalhou ao meu lado e passou o braço pelo meu ombro, me puxando para mais perto. Quando encostei a cabeça em seu peito, senti todo meu corpo ficar aquecido e não tinha nada a ver com sol.

— Eu jamais te deixaria cair — ele disse.

E eu acreditei com todo o meu coração.



“Porque eu só vivo pensando em você
E é sem querer
Você não sai da minha cabeça mais”

Pensando Em Você – Claudia Leitte

GABRIELA

Ramon me deixou em frente ao casarão depois de passarmos pouco mais de uma hora vendo o adestramento dos cavalos. Eu mal conseguia tirar o sorriso idiota do rosto, lembrando de cada minuto que passamos juntos e, principalmente, de quando ele passou o braço sobre o meu ombro e me puxou de encontro ao seu peito. Foi tão espontâneo e, ao mesmo tempo, tão familiar. Mesmo assim, fiquei surpresa, principalmente com a forma como meu corpo reagiu. O arrepio delicioso estava me deixando sensível até agora.

Fui direto à cozinha, pois estava morrendo de sede e agucei minha audição ao notar uma voz diferente vinda lá de dentro. Ao entrar, deparei-me com Cissa, Rosana, Cristiane e Vera. Todas elas observavam uma garota falar e gesticular.

— Então, eu virei pra ele e falei que era um absurdo que tirasse dois décimos do trabalho, por causa de um errinho minúsculo! Fala sério, que professor faz isso? Aquele homem não tem coração!

Ela só parou de falar para poder cruzar os braços e fechar a cara. Rosana balançou a cabeça e apontou para ela com uma colher de pau.

— Estão vendo como essa menina é? Como pode ser tão geniosa, meu

Deus?

— Pelo menos conseguiu ser aprovada, querida — Cissa disse, tocando em sua mão por cima da mesa.

— Sim, tia Cissa, e com ótimas notas! Inteligência não me falta — disse ela, dando um sorriso. Por fim, levantou os olhos e acabou me encarando. Como se fosse possível, seu sorriso se tornou maior e ela levantou com entusiasmo, arrastando a cadeira para trás. — Meu Deus, você é a Gabriela, não é?

Cissa — que pareceu me notar apenas naquele momento, assim como as meninas — se levantou também e veio em minha direção, abraçando-me pelo ombro.

— É ela mesmo, Luna — disse, virando-se para mim. — Menina, essa é a Luna, filha da Rosana. Chegou hoje do Rio de Janeiro.

Endireitando os cabelos cheio de mechas rosa, ela se aproximou de mim e estendeu a mão.

— É um prazer, Gabriela. Nossa, você é tão bonita!

Acabei rindo do seu entusiasmo e a puxei para um abraço.

— O prazer é meu. Eu sabia que Rosana tinha duas filhas, mas ninguém disse que uma delas era tão autêntica.

Os olhos de Luna brilharam.

— Nossa, autêntica! Está aí, ninguém nunca me elogiou com uma palavra tão legal! Geralmente, só me chamam de bizarra mesmo.

— As pessoas são idiotas, Luna, por isso te chamam assim. Você não tem nada de bizarra, é uma menina linda, inteligente e muito divertida — Cristiane disse.

— E *autêntica*! — Ela sorriu, segurando a minha mão.

— Acho que vocês duas vão se dar muito bem — Cissa disse, me dando um sorriso. — Por que não vão para sala se conhecerem melhor? Levo um lanche daqui a pouco.

— Oba! Vamos!

Luna saiu me arrastando e eu só consegui ouvir a sua mãe pedindo para que tivesse cuidado, antes que eu começasse a rir. A menina era doida, mas parecia ser divertida. Uma pena que nem me deu tempo de beber água. Entramos na sala e nos sentamos lado a lado.

— Nossa, Gabi, como fui indelicada. Olha, sinto muito sobre o seu pai. Soube do que aconteceu assim que cheguei à fazenda. Espero que ele melhore logo.

— Obrigada, Luna. Eu também espero que ele melhore logo, peço a Deus toda hora, acho que Ele já está de saco cheio.

— Que nada, a paciência de Deus é infinita. Pelo menos, é o que a minha mãe diz.

Assenti e tirei meu chapéu, olhando melhor para ela.

— Me conta mais sobre você. Por que estava no Rio de Janeiro? Você mora lá?

— Não, eu moro aqui na fazenda com a minha mãe. Meu pai mora no Rio de Janeiro e estava passando as férias com ele, junto com a minha irmã mais nova. Eu amo o Rio, mas nada é melhor do que o clima da fazenda.

— Eu pensava o mesmo quando estava em São Paulo. Morria de saudades daqui — falei, mas logo me corrigi. — Quer dizer, não daqui, mas da fazenda do meu pai.

— Eu entendo, mas você está gostando daqui? Eu acho a Fazenda Baldez tão diferente, não sei explicar.

— Eu estou adorando. De primeira, achei que não conseguiria me adaptar, porque não conhecia ninguém aqui, nem o Ramon, mas todo mundo me fez ficar bem à vontade.

— Minha mãe começou a trabalhar aqui quando eu tinha seis anos. Antes disso, ela trabalhava em uma outra fazenda e eu não podia fazer nada, o patrão não gostava, mas aqui sempre foi diferente. O seu Ramon sempre me deixou andar pelo casarão, andar a cavalo, ir até o lago, não sozinha, claro, mas com o pessoal da fazenda. Ele é muito legal, apesar de ser todo fechado.

— Lago? Que lago?

— Você ainda não conhece o lago? Meu Deus, é um dos lugares mais lindos dessa fazenda! O acesso é difícil, porque tem uma trilha, mas você precisa pedir para alguém te levar um dia. Talvez eu mesma te leve, só preciso que um dos meninos nos leve de carro até o começo da trilha, porque é longe — disse, toda entusiasmada. — Me desculpe se estou parecendo louca, é que é tão difícil ter meninas da minha idade por aqui! E minhas amigas moram na cidade, então, a gente só se via no colégio. Espero que a gente possa se tornar amigas.

— Eu também — falei com sinceridade. Seria bom ter uma amiga de verdade, para variar. — Não conheço ninguém aqui em Santo Elias, passei muitos anos longe, então vai ser ótimo ter uma amiga.

— Vou te apresentar às melhores pessoas dessa cidade. Por mais que eu seja assim, toda doida, tenho bastante amigos e sei que todo mundo vai

adorar te conhecer!

Ela continuou a me contar sobre seus outros amigos depois que Cissa trouxe o lanche e eu ouvi atentamente, pensando no tanto que tinha perdido enquanto morei em São Paulo. Luna tinha dezoito anos, conhecia Santo Elias como a palma das mãos e sabia de cor o nome de quase todos os habitantes que estavam na nossa faixa etária. Enquanto ela falava, fiquei me perguntando se, por um acaso, eu não tivesse me mudado, eu seria como ela. Se conheceria todo mundo, se teria vários amigos... Se me sentiria como alguém da minha idade.

Já estava anoitecendo quando ouvimos os passos pesados de Ramon entrando no casarão. Ele tirou o chapéu e olhou com certa surpresa para mim e para Luna. Animada, Luna acenou.

— Oi, seu Ramon! Voltei!

Com um sorriso, Ramon se aproximou e eles trocaram um abraço rápido.

— Como foi de viagem?

— Foi maravilhoso, o Rio de Janeiro continua lindo!

— Que bom. Então você e a Gabi já se conheceram?

— Sim, já somos melhores amigas.

Ramon gargalhou baixinho e eu não consegui desviar meus olhos dele. Poxa vida, por que tinha que ser tão lindo? Por que seus dentes tinham que ser tão perfeitos? E aquela barba, o cabelo castanho com as pontas levemente queimadas pelo sol, os músculos desenhados sob a blusa, a calça jeans que abraçavam as pernas musculosas...

— Não é, Gabi? Gabi?

A voz de Luna me fez acordar do transe e, sem saber onde enfiar a minha cara, peguei meu copo com suco em cima da mesinha e dei um gole.

— Desculpa, o que você disse?

Ela me olhou com certo interesse e sorriu.

— Estava falando para o seu Ramon, que vou te apresentar às minhas amigas.

— Ah, sim! Sim, ela vai — afirmei, sacudindo a cabeça. Ramon já não sorria mais e podia sentir que a diversão tinha ido embora do seu olhar, dando lugar àquela intensidade que mexia comigo.

— Certo. Espero que vocês se divirtam — falou ele, dando um passo para trás. — Vou tomar um banho. Luna, fique para jantar.

— Pode deixar — ela disse, voltando a se sentar. Assim que ele saiu da sala e subiu as escadas, ela se virou para mim com uma expressão meio

cômica e meio chocada. — Meu Deus, você gosta dele!

Quase engasguei com o suco.

— O quê?

— Você gosta do seu Ramon! Eu vi, estava escrito na sua testa, enquanto você quase babava em cima dele! Gabi, você gosta de um quarentão, é?

Meu rosto ficou tão quente, que fiquei com medo de entrar em combustão bem ali, no meio da sala.

— Eu... Não, eu... Eu...

Jesus Cristo, me ajuda!

— E ele gosta de você também! — Ela disse de repente, dando um tapinha fraco no meu ombro. Meus olhos quase saltaram das órbitas.

— Como?

— Isso mesmo que você ouviu! O olhar dele mudou quando te olhou... Nunca vi o seu Ramon olhar daquele jeito para ninguém!

Eu podia jurar que meu coração ia saltar da caixa torácica.

— Você... Você acha mesmo? — perguntei em um sussurro.

Por que eu queria saber disso? Por que a hipótese de ele gostar de mim, quase me fazia hiperventilar?

— Sim! Nossa, que excitante ver tudo isso, participar de tudo isso! Você precisa fazer alguma coisa para fisgar o seu Ramon — falou quase quicando no sofá.

— Eu? Eu não!

— Como não? Se você gosta dele e ele gosta de você, o que custa investir?

Balancei a cabeça, sentindo meus olhos arregalados.

— Ele acha que eu sou uma menina. Ele me vê como uma menina — falei, mesmo sabendo que tinha dias que ele não me chamava assim e que havia se desculpado naquela noite. Isso não queria dizer que ele tinha mudado sua opinião sobre mim, no entanto.

— Olha, eu posso estar equivocada, mas eu acho que o seu Ramon te enxerga como tudo, menos como uma menina. Eu tenho a sua idade, praticamente, e ele nunca me olhou do jeito que olhou para você — disse ela. — Graças a Deus por isso, aliás. Ele é bonitão, mas não faz meu tipo.

Nem sabia que era possível que o Ramon não fizesse o tipo de alguém. Maravilhoso do jeito que era, achava que ele fazia o tipo de qualquer pessoa que se interessasse por homens.

— E então, o que vai fazer para pegar o Senhor Baldez? — perguntou ela, se recostando no sofá. — Se quiser, posso te dar algumas dicas.

— Por quê? Você tem namorado ou algo assim?

— Não, mas eu leio muito, sei de algumas coisas. Por isso que percebi o olhar entre vocês dois — disse com tanta propriedade, que eu quase acreditei. — Vai por mim, sei do que estou falando.

Eu não sabia se sentia mais medo de ela realmente saber do que estava falando ou de estar iludida e me iludindo junto.



Luna foi comigo para o meu quarto, pois eu precisava tomar um banho antes de jantar. Enquanto ela ouvia música pelo celular, eu me enfiei debaixo do chuveiro e fiquei pensando sobre o que havia me dito na sala.

Será mesmo que Ramon estava interessado em mim? Essa era a maior questão em minha mente e não o fato de que *eu* poderia estar gostando mais dele do que deveria. A verdade, era que eu deveria ter tomado ciência dos meus sentimentos antes. Estava apenas a algumas semanas em sua casa e, mesmo assim, sentia que eu estava bem longe de ainda ser a mesma Gabriela que havia pisado nesse casarão pela primeira vez.

Se antes eu me sentia desconfortável ao perceber como Ramon era intenso, hoje, eu queria que ele me engolisse naquela intensidade. Amava passar cada minuto ao seu lado, ouvir a sua voz, da sua risada, sentir o seu toque, o cheiro do seu perfume. Ele parecia ouvir atentamente enquanto eu falava, levava a sério as minhas opiniões, se importava e se preocupava comigo. Parando para analisar, eu vinha pensando cada vez mais nele, ansiava pelos nossos passeios, pelos jantares, por cada momento que pudéssemos passar juntos.

Isso era estar apaixonada?

Apaixonada.

A palavra soou em minha mente, fazendo meu coração disparar. Poderia estar apaixonada por Ramon? Em tão pouco tempo? E o pior... Ele poderia estar apaixonado por mim? Eram tantos questionamentos, que eu sentia que poderia enlouquecer. Tentando silenciar a minha mente, saí do banho e tentei prestar atenção na música que tocava no quarto, mas só fiquei mais angustiada. Luna tinha mesmo que estar ouvindo música romântica? Revirando os olhos, me sequei e me vesti, saindo do banheiro para pentear o cabelo.

— *E eu vou estar, te esperando nem que já esteja velhinha gagá...*[2] — Luna parou de cantar quando eu entrei no quarto e pulou da cama. — Estava pensando em algumas formas de você se aproximar do seu Ramon! Escuta só! Pelo o que eu sei, ele não é muito de sair e tudo mais, mas você poderia pedir para ele te levar na cidade, sabe? Fala que não quer ir sozinha, que confia nele... Acho que ele não vai dizer não.

Olhei para ela pelo espelho e balancei a cabeça.

— Não sei, não...

— Por quê? Eu acho que daria super certo!

— Luna, o Ramon é um homem fechado... Ele não ia se abrir ao estar no centro da cidade, onde qualquer um poderia nos ver — falei, sem nem acreditar que estava dando ouvidos a ela. Luna fez uma careta.

— Verdade. Droga, só queria que vocês se envolvessem, sabe? Foi tão empolgante ver a forma como vocês se olharam! Mal posso esperar pelo jantar.

Seu entusiasmo me fez rir e me virei para olhar para ela.

— Não é loucura? Ele é dezenove anos mais velho do que eu.

— Não existe idade para o amor — ela cantarolou, jogando o cabelo meio rosa, meio castanho, para o lado direito. — O que você sente por ele?

Essa era a pergunta que não queria calar.

— Eu não sei colocar em palavras, eu só... Parece que meu coração vai explodir quando estou ao lado dele, minha pele fica arrepiada, sinto frio na barriga... Nunca senti nada disso antes, por ninguém.

Ela sorriu e deu um soquinho no ar.

— Isso é paixão, amiga. Paixão! — falou animada, antes de me puxar pela mão. — Vamos lá, vamos ver como o seu Ramon vai ficar ao seu lado. Vou observar tudo, mas finja que eu não estou olhando, viu? Vai ser como se eu não estivesse ali!

— Quer que eu te ignore?

— Não, nada disso, quero só que você aja da mesma forma que agiria se eu *não* estivesse à mesa de jantar — falou, piscando para mim. — Vai ser incrível!

Ai, Jesus Cristo... De onde aquela doida havia surgido mesmo? Não queria admitir, mas a sua presença já estava mexendo mais comigo do que deveria. Além de ser simpática, divertida e autêntica, Luna também estava se mostrando ser uma pessoa compreensiva. Compreensiva até demais, tendo em vista que estava dando ouvidos a sentimentos que eu nem queria admitir

que existiam. Assim que chegamos à sala de jantar, encontramos Cissa colocando a mesa e percebemos que, pela quantidade de pratos, mais pessoas jantariam conosco.

— Parece que teremos companhia para o jantar — Luna sussurrou o óbvio em meu ouvido e me deu um sorriso excitado. — Vamos ver que tipo de olhar o seu Ramon vai te dar com mais gente por perto.

Pronto, meu estômago embrulhou com a expectativa. Ajudamos Cissa a terminar de arrumar a mesa e ela comentou que Ramon havia chamado ela, Rosana e Fernanda, irmã mais nova da Luna, para o jantar. Quando ele apareceu na sala, vestindo uma camisa branca, simples, que agarrava os músculos do braço e uma calça jeans, senti o ar evaporar dos meus pulmões. A minha sorte era que eu já estava sentada, se não, teria caído com o tremor que tomou as minhas pernas. Engraçado que eu já sentia tudo isso antes, mas, agora que tinha certa noção dos meus sentimentos, estava sentindo tudo de forma mais intensa.

Como não queria que ele percebesse, desviei o olhar para Rosana, que entrou na sala de jantar junto com Fernanda, sua caçula de onze anos. A menina era uma graça, só que, diferente da irmã, parecia ser tímida, apesar de educada e simpática.

— Seu Ramon, obrigada pelo convite. Não precisava ter se incomodado conosco — Rosana disse assim que ocupou seu lugar à mesa.

— Deixa de bobagem, Rosana. Estava sentindo falta das meninas. Gostou da viagem, Nanda?

— Eu adorei. Meu pai nos levou para conhecer o Pão de Açúcar — ela comentou enquanto a mãe colocava comida em seu prato.

— Já fui ao Rio de Janeiro algumas vezes, mas sempre a trabalho, não tive tempo de conhecer os pontos turísticos — Ramon disse, então, se virou para mim. — E você, Gabi? Já foi ao Rio de Janeiro?

Precisei engolir em seco para espantar o nervosismo. Droga, o que estava acontecendo comigo? Estava morrendo de medo de que Ramon pudesse enxergar através de mim e visse com clareza todos os meus sentimentos por ele.

— Gabriela, está tudo bem? — Ramon perguntou baixinho, colocando a mão sobre a minha. Foi como tomar um choque e pisquei com mais força, dando um sorriso forçado.

— Sim, está tudo bem. E eu nunca fui ao Rio, mas sei que é lindo.

— É mesmo, as praias são maravilhosas. Inclusive, foi na praia que

conheci a nova namorada do tio Jorge, mãe — Luna disse. — Ela é dezenove anos mais nova do que ele, mas eles parecem se amar tanto! É tão lindo ver um casal apaixonado. A idade é o que menos importa nessa hora.

O suco quase voltou pela minha garganta. Com os olhos arregalados, fitei Luna, mas ela estava entretida demais se servindo e fingindo que tinha soltado aquele comentário de forma aleatória. Sua mãe comentou algo que não consegui prestar atenção e, discretamente, olhei para o Ramon. Ele estava sério, mas não parecia ter notado que Luna havia feito aquele comentário por causa de nós dois. Não sabia se agradecia ou se me sentia frustrada.

— Se ambos são maiores de idade, eu não vejo problema algum em ficarem juntos — Cissa disse e eu olhei para ela enquanto me servia. — Na minha época que era absurdo. Muitas amigas minhas se casaram com quinze, dezesseis anos, porque os pais achavam que o certo era que formassem família desde cedo.

— Ela tem dezenove anos, Cissa — Luna disse.

— Então, está tudo certo — disse Cissa, logo mudando de assunto. — O que acharam da galinhada?

— Está perfeita! — Luna disse com um sorrisão e piscou para mim discretamente.

Eu não sabia o que aquela piscada queria dizer, até porque, em momento algum Ramon abriu a boca para dar a sua opinião sobre o namoro do tio dela e, olhando em sua expressão, não conseguia ler nada. Ele poderia estar tanto de acordo, quanto repudiando a ideia de um homem mais velho estar namorando uma menina que era dezenove anos mais nova.

Por dentro, eu só conseguia torcer para que ele não estivesse repudiando, pois, se estivesse, eu poderia enterrar meus sentimentos ali mesmo, enquanto engolia a comida feita por Cissa. À mesa, todo mundo conversava, mas a minha mente estava longe. Só conseguia pensar que eu precisava saber o que Ramon sentia por mim. E se Luna tivesse razão? E se ele me olhasse de forma diferente? Eu tinha que tirar a prova e era isso que eu iria fazer.

Enquanto tomava um gole do suco, decidi que faria do nosso passeio a cavalo amanhã, o momento ideal para descobrir o que Ramon sentia por mim.



“Eu gosto tanto de você
Que até prefiro esconder
Deixo assim, ficar
Subtendido”

Apenas Mais Uma de Amor – Lulu Santos

GABRIELA

Quase não dormi.

Estava tão ansiosa, que passei a madrugada toda virando de um lado para o outro na cama, imaginando o que iria acontecer no dia seguinte, tentando traçar um plano em minha mente. Eu ainda não sabia como iria fazer para descobrir os sentimentos de Ramon por mim, mas, uma coisa era certa, eu não deixaria aquela oportunidade passar.

Consegui cochilar perto das cinco da manhã e acordei antes do despertador tocar. Depois de tomar café, fui com Cissa até o hospital e fiquei com meu pai, contando por cima os últimos acontecimentos da minha vida. Jamais abriria a boca para falar que, *talvez*, eu estivesse apaixonada por Ramon. Acho que seria demais. Infelizmente, o médico disse que ele continuava da mesma forma que no dia anterior, sem apresentar qualquer melhora, mas também não havia regredido. Eu lutava para manter a esperança de que ele iria acordar em breve, mesmo que meu lado racional dissesse que era quase impossível.

De volta à fazenda, perguntei para Rosana onde a Luna estava, pois sentia que iria enlouquecer até chegar a hora de andar a cavalo com Ramon e precisava da sua companhia. Ela acabou me passando o número de celular da filha e eu mandei uma mensagem para Luna, a convidando para passar o resto da manhã comigo. Ela chegou ao casarão toda esbaforida e passamos as próximas horas conversando. Almoçamos juntas e consegui me distrair, até Ramon entrar na sala e seu perfume invadir os meus sentidos.

— Pronta? — perguntou ele, apoiando os dedos nos passadores da calça.

— Prontíssima!

Levantei-me e Luna me acompanhou, me dando um abraço.

— Boa sorte — disse em voz alta e, para não parecer estranho, acrescentou: — Com o passeio, é claro. Não caia, por favor.

Ramon riu e esticou a mão para mim. Quando toquei em sua palma meio áspera, senti aquele arrepio já conhecido tomar o meu corpo.

— Não vou deixá-la cair, garanto. Ela vai voltar inteira.

— Ah, vai sim... — Luna murmurou, me dando um sorriso confidente.

Saí com Ramon do casarão e, ao invés de irmos no carro que ele sempre dirigia na fazenda, entramos em uma picape adaptada, que levava atrás um trailer enorme com os cavalos. Enquanto ele dirigia, eu pensava em inúmeras maneiras de perguntar o que ele sentia por mim. Quer dizer, como eu descobriria se não perguntasse? Talvez, ser direta fosse a melhor opção. Isso, claro, contando com a expectativa de que ele dissesse que Luna — e a minha esperança — não estava louca e que ele gostava de mim da mesma forma que eu gostava dele.

— Gabi?

Ele tocou de leve em meu joelho e me virei para fitá-lo. Seu cenho estava franzido e, como se fosse possível, ele ficou ainda mais lindo.

— Sim?

— Está acontecendo alguma coisa? Você está estranha desde ontem... É algo com o seu pai?

Sabia que era bobagem, mas fiquei toda boba ao tomar ciência de como ele prestava atenção em mim. Ele se *importava* comigo. Se preocupava.

— Não é nada. Quer dizer, claro que estou preocupada com o meu pai, mas, tirando isso, está tudo bem.

— Tem certeza?

— Sim.

— Certo. Só quero que saiba que estou aqui para ajudar, pode me contar o

que quiser.

Acho que estou apaixonada por você.

O que ele diria se eu contasse *isso*? Parte de mim queria descobrir, a outra parte estava cheia de medo da rejeição.

— Eu sei que sim. Sabe, Ramon, você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida em muito, muito tempo — confidenciei e senti o seu olhar surpreso em cima de mim. — Óbvio que eu não queria te conhecer assim, nessas circunstâncias, mas fico feliz por você ter entrado na minha vida, de qualquer forma.

Ele ficou alguns segundos em silêncio, olhando para as mãos que seguravam o volante com firmeza. Não falei nada daquilo esperando que ele me dissesse o mesmo em troca — nem tinha essa pretensão —, mas, sim, porque era algo que eu sentia. Eu não conseguia imaginar como estaria agora, se Ramon não tivesse aberto as portas da sua casa para mim, se não tivesse me acolhido quando, primeiro, não tinha obrigação alguma e, segundo, depois do que disse a ele no hospital. Mas não era só isso. Era o seu jeito comigo, a sua preocupação, o modo como cuidava de mim, como usava uma parte do seu tempo para ficar comigo... Uma série de fatores havia me levado a gostar dele, outras me fizeram ser gratas e outras me trouxeram a este momento. O momento em que eu tinha quase certeza de que estava completamente apaixonada por aquele homem.

— Uau — ele murmurou ao meu lado. — Eu não esperava por isso.

— Não precisa falar nada, sei que te peguei de surpresa, mas queria que soubesse o que sinto — falei, sabendo que não tinha falado nem metade dos meus sentimentos.

— Eu também fiquei muito feliz por conhecer você, Gabriela, mesmo sendo em um momento tão difícil. Confesso que, em um primeiro momento, achei que estaria lidando com uma versão feminina de Abraão — ele riu baixinho. — Mas você é doce, amorosa, delicada... Muito diferente do seu pai.

— Sim e eu fico feliz por isso. Amo meu pai, mas Deus me livre ser petulante e arrogante como ele. Esse era o seu maior defeito — falei, mas me calei ao ver que estava falando no passado. Balançando a cabeça, me corrigi: — *É* o seu maior defeito.

Ramon apenas assentiu e estacionou. Do lado de fora, um pasto enorme, protegido por cercas de madeira marrom, nos esperava.

— Vamos lá?

— Vamos.

Assim que saímos, dois homens se aproximaram e abriram a porta do trailer, tirando Capitão, o cavalo de Ramon, e Bruma, a égua que Ramon havia me apresentado na primeira vez que me levou com ele para conhecer a fazenda. Falei rapidamente com os cavalos e me afastei para que Ramon e os meninos arrumassem tudo do lado de dentro do pasto. Aproximei-me da cerca e observei enquanto Ramon enrolava uma corda entre o punho e o cotovelo, enquanto os rapazes selavam os animais.

Foi impossível não acompanhar seus movimentos ágeis, a camisa com os primeiros botões abertos, me deixando ver um pedaço do seu peito, o maxilar bem marcado pela barba aparada, o corpo forte e aquele rosto bonito. Senti minha garganta ficar seca e só consegui pensar em como queria sentir aqueles dedos em meu corpo, aquelas mãos fortes em minha cintura, me puxando para perto, me deixando arrepiada. Meus sentimentos por ele começaram a gritar naquele momento, mas senti muito mais do que o pulsar acelerado do meu coração, senti também as pernas bambas, as palmas das mãos suadas e uma vontade incontrolável de colar meu corpo ao dele. Queria uma oportunidade, apenas uma e não iria desperdiçar de jeito algum. Se eu apenas pudesse partir para cima de Ramon...

— Nem um guindaste...

— O quê?

— Me tiraria de cima... — concluí o pensamento, passando meus olhos pelo seu corpo de cima a baixo.

— O que você disse? — Ramon perguntou e eu tomei um susto ao ver que ele se aproximava a passos rápidos.

Não... Não... Eu não tinha falado em voz alta, tinha?

— O que eu disse? — perguntei quase sem voz, colocando a mão na frente do rosto para fingir que o sol estava me incomodando, o que era mentira, já que estava usando o chapéu.

— É, o que você disse? Só entendi alguma coisa com “guindaste” e “cima”.

Ai, graças a Deus.

— Só um... Guindaste pra içar esses cavalos. Quanto eles pesam? — perguntei com uma gota de suor frio escorrendo pela nuca.

Jesus do céu, nunca mais me faça abrir a boca.

— Cerca de quinhentos quilos — ele disse, colocando a corda enrolada em uma pilastra na cerca. — Está pronta?

— Sim!

Passei pela porteira e fomos juntos até os cavalos, enquanto os homens saíam do pasto e nos deixavam sozinhos. Deus era bom demais comigo. Só isso explicava o fato de eu ter conseguido me safar daquele constrangimento.

— Estava pensando em acompanhar você e Bruma com Capitão, mas, se estiver com medo, posso montar a Bruma com você e explicar como pode conduzi-la — ele disse, acariciando as ancas da égua. Acompanhei os movimentos da sua mão, começando a pensar um monte de besteira, mas parei antes que pudesse falar mais alguma baboseira em voz alta.

— Prefiro que suba comigo.

— Está bem.

Ele amarrou as rédeas de Capitão em uma das pilastras, em seguida, se aproximou e me guiou até o lado esquerdo de Bruma.

— Sempre monte pelo lado esquerdo. Depois, quando adquirir experiência, pode começar a treinar para montar do lado direito — falou e eu assenti.

Ramon me ajudou a colocar o pé no estribo da sela de Bruma, para que eu pudesse subir. Senti um arrepio na coluna quando ele apoiou as duas mãos em minha cintura e me ajudou a pegar impulso, para poder montar no lombo da égua. Meu coração pulava forte no peito e o ar me faltou quando, em um movimento rápido, Ramon pegou impulso e se sentou-se atrás de mim. Eu podia sentir suas coxas contra as minhas, seu peito duro em minhas costas e sua respiração em minha nuca.

Se eu não morresse agora, nesse exato momento, não morreria nunca mais.

— Pegue as rédeas — ele pediu em meu ouvido e, com as mãos trêmulas, peguei as rédeas. Ouvi sua risada baixa e o tremor do seu peito me deixou doida. — Não precisa tremer, vai ficar tudo bem. Aqui, segure assim.

Ele colocou as mãos sobre as minhas e segurou firme. Agora parecia que ele estava me abraçando por trás. De repente, montar com ele atrás de mim se tornou uma ideia torturantemente deliciosa.

— Conduza devagar, não puxe muito forte, certo? Bruma vai entender o que você quer se apenas a conduzir pela rédea. Assim.

Ele puxou de leve e Bruma começou a caminhar na direção que Ramon estava puxando a rédea. Depois de alguns minutos, ele afrouxou o aperto em minha mão e me deixou tomar conta de tudo. A sensação... A sensação era incrível. Diferente de quando eu era criança e andava com a minha mãe. Bruma era calma e passeava devagar, me dando cada vez mais segurança. Sem conseguir me conter, comecei a rir de felicidade e o vento fez com que

meu cabelo entrasse em minha boca.

— Eu tiro — Ramon disse quando ousei levantar a mão. Com cuidado, ele tirou os fios e colocou meu cabelo para o lado, em meu ombro esquerdo. Pude sentir a sua respiração em meu pescoço do lado direito e quando sua voz alcançou o meu ouvido, senti uma pressão excitante em meu baixo ventre. — Está gostando?

— Muito — falei e minha voz estava rouca, diferente. O calor do corpo de Ramon atrás do meu me fez relaxar e o seu peito forte me amparou, assim como os seus braços ao meu redor. — Agora eu entendo porque você passou a vida no lombo de um cavalo.

Ele riu baixinho e seu nariz encostou em meu pescoço. Pude sentir quando puxou o ar e cada pelinho do meu corpo ficou arrepiado.

— Esse é o momento que uso para esquecer tudo e deixar a minha mente viajar para onde ela quiser.

— E para onde ela foi na última vez que teve tempo para cavalgar?

Ramon ficou em silêncio por alguns segundos e, curiosa, virei meu rosto para olhar para ele. Não consegui ver muita coisa, mas encontrei os seus olhos em cima de mim.

— Você não ia querer saber — sussurrou com o rosto muito próximo ao meu.

— Por que não?

Eu estava consciente de tudo, do andar cadenciado de Bruma, do vento que me trazia o cheiro de Ramon, do seu corpo contra o meu, das suas pernas pressionadas contra as minhas, do seu olhar em cima de mim, aquelas írises cor de mel tão intensas, que me faziam perder o ar. Eu quase podia ver a resposta para minha própria pergunta bem ali, na minha frente, mas algo me impedia de acessá-la. Ramon me impedia.

— Porque isso mudaria tudo entre nós dois.

Diferente de Bruma, meu coração começou a galopar no peito quando Ramon se calou. E eu soube que aquele era o momento. Ali estava a minha chance de descobrir, de uma vez por todas, o que Ramon sentia por mim. Imaginei aquele passeio durante toda a noite e boa parte do dia e, mesmo assim, nunca passou pela minha cabeça o que eu estava prestes a fazer. Eu sequer sabia que havia tamanha coragem dentro de mim, só me dei conta, quando fiz.

Fechei os olhos e encostei os meus lábios nos de Ramon.



RAMON

Eu sabia que era uma péssima ideia montar junto com Gabriela, mesmo assim, quando veio em minha mente, não consegui expulsá-la antes de perguntar em voz alta se ela queria a minha ajuda. Nem sabia em que momento eu havia pensado em tamanha sandice, mas quando a vi na sala da minha casa, usando aquela blusa que mostrava as suas curvas, a calça jeans apertada ao corpo, as botas de montaria e o chapéu na cabeça, a primeira coisa que pensei, era que queria ter apenas uma oportunidade de sentir o seu corpo contra o meu.

Então, a ideia maluca surgiu quando ela parou ao lado de Bruma, pronta para cavalgar. Para *cavalgar*. A palavra quase me deixou doido com o duplo sentido. Foi praticamente impossível desligar a minha mente do meu corpo quando me acomodei atrás dela no lombo de Bruma, mas estava fazendo um bom trabalho, mesmo sentindo suas costas pressionadas em meu peito, o seu cheiro adocicado, a delicadeza das suas mãos pequenas sob as minhas.

O único movimento ousado que me permiti fazer, foi encostar meu nariz em seu pescoço para guardar seu perfume em minha mente. *"Vai ser só dessa vez*", pensei fechando os olhos rapidamente depois de ter visto que meus funcionários estavam entretidos em uma conversa perto do carro. *"E nunca mais vou me aproximar dela desse jeito de novo"*.

Eu estava certo disso. Os últimos dias tinham sido difíceis. Desde aquela sexta à noite, eu não conseguia tirar Gabriela da minha cabeça, a olhava mais do que seria aceitável, sentia coisas que não deveria, me pegava admirando suas curvas, seu sorriso, o modo como andava e falava. Disfarçava muito bem, mas eu tinha plena consciência do que estava acontecendo comigo e aquilo era inadmissível! No entanto, quando ela estava por perto... Quando ela estava por perto, eu não tinha muito controle sobre as minhas emoções. Minha guarda baixava, meu consciente se calava e eu só via ela.

Por isso, sequer previ o que ela estava prestes a fazer depois de eu quase ter confidenciado que, na última vez que cavalguei com Capitão para clarear a cabeça, foi só nela que pensei. Eu só notei o que estava acontecendo,

quando seus lábios macios tocaram os meus e o mundo se silenciou.

Foi só por alguns segundos, eu tinha consciência disso, mas foi tempo suficiente para que uma explosão acontecesse em meu peito. Se antes eu conseguia guardar tudo bem no fundo, agora, cada um dos meus sentimentos estavam libertos. A sensação dominou todo o meu corpo, primeiro o arrepio, depois a vontade de mais, depois o repúdio, não por ela, mas por mim, e foi esse sentimento que me fez abrir os olhos e afastar Gabriela como se ela fosse a gasolina e eu fosse o fósforo aceso, que estava prestes a incendiar tudo.

Vi como ficou sem palavras, os olhos arregalados, a respiração ofegante, como se tivesse corrido uma maratona — ou dado um beijo arrebatador, mesmo que sem língua. Aproveitei o seu choque para levar Bruma até a pilastra mais próxima e desmontei, amarrando as suas rédeas antes de tirar Gabriela de cima dela. O movimento ágil a fez sair da letargia e suas bochechas ficaram completamente vermelhas.

— Ramon, eu...

— Não! — interrompi, a puxando pela mão. — A gente conversa daqui a pouco, Gabriela.

Ela se retraiu atrás de mim, mas não me importei. Estava puto! Não com ela, ou melhor, não *apenas* com ela, mas comigo mesmo. Abri a porteira e a levei até o meu carro, antes de entrarmos, dei ordens para que os rapazes colocassem os cavalos dentro do trailer e abri a porta do passageiro para que Gabriela entrasse, dando a volta e ocupando o espaço do motorista em seguida. Assim que fechei a porta, Gabriela se virou para mim.

— Ramon, só deixa eu...

— Gabriela, eu vou falar apenas uma coisa. Só *uma* coisa e eu espero que você me escute com atenção — falei com seriedade, apertando o maxilar. Mal conseguia olhar para ela. Se olhasse, sabia que ia olhar para sua boca, os lábios bem desenhados que eu tinha me proibido de sequer observar e iria querer mais do que um simples selinho. — Isso que acabou de acontecer, nunca mais vai se repetir, entendeu? Nunca mais!

Ela arregalou ainda mais aqueles olhos coloridos e eu senti meu peito ficar apertado. Não queria a magoar, mas se precisasse fazer isso para que ela entendesse a gravidade do que havia acabado de acontecer, eu o faria.

— Mas, Ramon, eu...

— Só me diga que entendeu! — Falei mais alto e ela engoliu em seco.

Por um momento, pensei que iria fugir, mas aquela era Gabriela. Havia aprendido que ela *nunca* fugia de um embate. Erguendo o queixo, ela me

olhou com aquele nariz arrebitado.

— Vai dizer que não gostou?

Filha da mãe! Com raiva, apertei o maxilar e olhei em seus olhos.

— Não importa se gostei ou não! O que importa é que não vai acontecer mais!

Ela abriu um sorriso e mordeu a pontinha do lábio. O lábio que havia se encostado ao meu. O lábio que eu queria que se encostasse ao meu naquele momento, mesmo sendo inapropriado pra caralho.

— Você gostou — deduziu e eu soube, naquele instante, que precisava abaixar a crista dela, ou não teria mais controle algum sobre as minhas próprias atitudes e sentimentos.

— Gostei do quê? Daquele selinho? Não sei se você já percebeu, mas eu não sou um garoto da sua idade, Gabriela, eu sou um homem e preciso de muito mais do que aquilo para poder sentir alguma coisa!

Vi, centímetro a centímetro, o sorriso dela esmorecer e foi como levar um soco no estômago. O brilho em seus olhos se apagou e restou apenas uma decepção que me fez ter vontade de afundar no banco, mas me segurei. Se queria que ela acreditasse em mim, não poderia demonstrar qualquer reação.

— Então me deixa te dar um beijo de verdade — ela sussurrou sem desviar os olhos dos meus.

— Nunca. — Ela olhou pela janela depois que me calei e senti vontade de tirar aquele chapéu da sua cabeça e acariciar o seu cabelo. Senti vontade de colocá-la sobre o meu colo e tocar em seu rosto. Senti vontade de realmente beijar a sua boca e tudo aquilo, todas aquelas vontades, eram erradas, inadmissíveis. — Gabriela escuta, eu sei que você está passando por um momento difícil, sei que está confusa, magoada e carente, mas não pode olhar para mim e confundir a nossa relação. Não estou aqui para ser o seu namorado. Sequer deveria ser seu amigo, mas abri essa exceção, porque gostei de você. — Ela voltou a me olhar com uma nova expectativa, que fiz questão de diminuir. — Gostei como um amigo, Gabriela, como um guardião, como alguém que está aqui para garantir que você fique bem e segura. Apenas isso. Sei que, no fundo, você também me vê assim, só está confusa.

— Não diga que sabe sobre os meus sentimentos, Ramon. Você não sabe nada — falou com uma seriedade que nunca ouvi em seu tom de voz. — Se não gostou do que fiz, peço desculpas, mas não vou admitir que diga na minha cara que eu estou confusa, pois não estou. Quis beijar você e, pode ter

certeza, não foi porque eu te enxergo como um “guardião”. Sinto muito que o beijo tenha despertado a sua irritação, a intenção nunca foi essa.

“Com certeza não foi, por isso que eu gostei tanto, mesmo sabendo quanto é errado”, pensei, engolindo em seco.

— O que importa é que não se repita.

Gabriela assentiu e voltou a olhar pela janela.

— Não vai se repetir, pode ter certeza.

Um dos rapazes deram dois tapinhas na lataria do meu carro e entendi que já estava tudo certo para podermos voltar ao casarão. Fizemos o percurso em silêncio, Gabriela olhando pela janela e eu olhando para frente, me obrigando a prestar atenção no caminho e não na imagem do nosso beijo se repetindo em minha mente.



“Tô com vontade de enfrentar o mundo
Ser pra sempre guia do seu coração
Sou a metade de um amor que vibra
Numa poesia em forma de canção”

Eu Sem Você – Paula Fernandes

GABRIELA

Desci do carro assim que Ramon estacionou em frente ao casarão, sem olhar em sua cara ou lhe dar tchau. Metade de mim tinha consciência de que, talvez, aquela fosse uma atitude bem infantil, mas a outra metade estava tão estarrecida com tudo o que havia acontecido, que a única coisa que me mandava fazer era correr e foi isso que fiz. Subi as escadas correndo e fugi para o meu quarto, batendo a porta atrás de mim em um baque seco, que se misturou as batidas frenéticas do meu coração.

Por um momento, fiquei ali encostada contra a porta, olhando para o quarto sem realmente ver. Em minha mente, se repetiam as imagens do momento em que me virei para olhar nos olhos de Ramon e aquele segundo imprescindível, que mudou tudo. O segundo que me fez reunir coragem suficiente para beijá-lo.

“Gabriela, eu sou um homem e preciso de muito mais do que aquilo para poder sentir alguma coisa!”

A voz bruta de Ramon me fez sair do transe e um nó se instalou em minha

garganta. Não havia sido um beijo. Estava *bem longe* de ser um beijo. Ramon tinha razão, um homem como ele precisaria de muito mais, mas aquilo era tudo o que eu tinha para dar naquele momento. Como ele pôde não sentir nada quando eu havia sentido *tudo*? Nunca, em toda a minha vida, tive tanta certeza de que queria algo como aquele beijo. Precisava sentir a textura dos seus lábios nos meus, precisava ter a certeza de que eu não estava ficando louca, que meus sentimentos não estavam me confundido e ali, naqueles poucos segundos, eu tive a certeza de que não estavam.

Enquanto pressionava os lábios nos de Ramon, entendi que estava louca por ele. Completamente. Tão louca, que queria mais, queria tudo, mesmo sabendo que ele poderia não querer nada comigo. E ele realmente não queria.

Arrastei-me até o banheiro e me obriguei a tomar banho. O cheiro de Ramon estava impregnado em mim e, apesar de amar o seu perfume, respirar fundo e sentir aquele cheiro só me fazia lembrar da nossa conversa no carro, no modo como ele deixou claro que não sentia nada por mim, que me via apenas como uma garota que ele deveria cuidar enquanto o pai estava no hospital. Quem poderia imaginar que ele me visse como eu realmente era, não é mesmo? A vida era *muito* irônica.

De banho tomado, me joguei na cama e fiquei olhando para o teto, tendo a certeza de que o meu celular, que eu havia deixado sem conexão com a internet durante todo aquele tempo, deveria estar cheio de mensagens de Luna no *WhatsApp*. Como poderia falar para ela que Ramon não sentia nada por mim? Ela tinha certeza de que ele me queria, só não tinha coragem de admitir. Respirando fundo, peguei o celular e esperei enquanto carregava com as mensagens.

“PELO AMOR DE DEUS, ME CONTA TUDOOOOO.”

Ela enviou assim que eu apareci como online. Nem tive tempo de ler as suas outras mensagens.

“Como foi? O que você falou para ele? Ai, meu Deus, estou com dor de barriga!”

“Eu meio que o beijei.”

“Meio que o beijou? Como assim? Beijou ou não beijou?”

“Eu pensei que tinha sido um beijo... Um selinho, talvez, mas pra ele não foi nada, Luna. Ramon não quer nada comigo. A gente se

enganou.”

“Eu me enganei”, pensei enquanto ela digitava.

“Impossível!”

“É verdade. Ele deixou bem claro que não sente nada por mim e ainda brigou comigo por conta do quase beijo. Disse que não quer que isso se repita. Nossa, estou péssima.”

“Não, não é possível, eu vi o modo como ele te olhou ontem e vi como te olhou hoje, quando foi te buscar para o passeio a cavalo. Ele quer você, só está morrendo de medo de enxergar isso. Lance de idade e tal... Seu Ramon é duro na queda, não vai ser fácil fazer ele enxergar a verdade, mas eu tenho certeza que logo, logo ele vai perceber!”

Como eu podia ler aquele tipo de coisa e não criar esperanças? Será que Luna tinha razão? Ramon estava mesmo com medo de enxergar que sentia algo por mim? Ele parecia muito convicto no carro, mas poderia estar mentindo. Ainda tentando usar a razão, digitei:

“Não quero me iludir, Luna.”

“Não é ilusão! Eu sei o que eu vi, não estou louca, seu Ramon quer você, é só questão de tempo até ele perceber! Agora me conta, como teve coragem de beijar a boca dele?”

Passei a próxima meia hora conversando com a Luna, explicando como consegui reunir coragem para beijar Ramon, como me senti quando ele se ofereceu para cavalgar comigo, seus toques singelos, sua respiração em meu pescoço, sua voz sussurrada em meu ouvido... Enquanto escrevia, ia revivendo cada uma daquelas sensações e comecei a enxergar uma luz no fim do túnel quando a voz de Ramon voltou a soar em minha cabeça.

“— Esse é o momento que uso para esquecer tudo e deixar a minha mente viajar para onde ela quiser.

— E para onde ela foi na última vez que teve tempo para cavalgar?

— Você não ia querer saber.

— Por que não?

— Porque isso mudaria tudo entre nós dois.”

Em que ele pensou quando cavalgou com Capitão pela última vez? E por que isso mudaria tudo entre nós dois? Luna ficou eufórica quando contei

sobre isso e começou a falar que, *com certeza*, ele pensou nos seus sentimentos por mim, só que tinha se obrigado a deixar isso de lado. Será? Se sim, por que ele simplesmente não se permitia? Toda aquela história estava me deixando confusa e eu já não sabia mais o que fazer.

Luna disse que eu deveria investir mais, deveria partir pra cima, mas algo dentro de mim me pediu para ter cautela. Havia levado um balde de água fria hoje, não queria levar outro tão cedo, mas também temia que, se deixasse para depois, talvez, pudesse ser tarde demais. O que eu iria fazer? Essa era a pergunta que não queria calar.



Fiquei no quarto até a hora do jantar, reunindo coragem para me sentar à mesa com Ramon e ver como iria lidar comigo. Esperava que não se afastasse, pois aí eu realmente ficaria de mãos atadas, sem saber o que fazer. Desci as escadas com a esperança de o encontrar na sala, mas ele não estava lá, assim como não estava na sala de jantar, que tinha a mesa vazia. Sem entender nada, fui para a cozinha e encontrei Cissa ajeitando a comida no fogão.

— Oi, Cissa, hoje o jantar vai ser servido mais tarde?

Ela se virou para mim com um sorriso fraterno e se aproximou.

— Não, querida. Hoje o Ramon foi jantar fora com um empresário que chegou na cidade, então, seremos apenas nós duas. Pensei que poderíamos jantar na cozinha mesmo, o que acha?

A pontada de decepção que senti na boca do estômago me fez ficar enjoada, mas fiz de tudo para disfarçar.

— Acho ótimo. Vou te ajudar.

Como apenas nós duas iríamos jantar, servimos nossos pratos direto do fogão e nos sentamos à mesa, uma de frente para a outra. Eu sabia que a comida de Cissa estava maravilhosa, mas, em minha boca, era como se estivesse mastigando papel. Não conseguia sentir o sabor de nada e sentia minha cabeça longe. Será mesmo que Ramon havia ido à um jantar com um empresário? Ou será que estava fugindo de mim? Poderia soar pretensiosa, mas não conseguia tirar a dúvida da cabeça.

Cissa puxou assunto e começamos a conversar sobre tudo um pouco, o que

agradeci, pois consegui me distrair dos sentimentos e pensamentos que me rondavam. Como sempre, ela conseguia mudar de um assunto para outro em um piscar de olhos e logo chegou ao seu casamento. Mesmo depois de tantos anos, Cissa falava do marido com um brilho intenso no olhar e uma ponta enorme de saudade.

— Como você soube que estava apaixonada por ele, Cissa? — perguntei, só então me dando conta de como a sua resposta seria decisiva para mim.

Com um suspiro sonhador, Cissa pousou os talheres no prato vazio e me olhou com um sorriso diferente.

— Quando percebi que, para onde quer que olhava, me lembrava dele. Se ficava quieta demais, era nele em que estava pensando, se meu coração batia mais forte, era por causa dele. É um pouco estranho falar sobre isso em voz alta, mas a paixão é um sentimento único, algo que nos pega de surpresa, pois nunca sentimos isso por outra pessoa. Então, como quem não quer nada, a paixão vai se transformando em amor e é aí que você percebe que aquela é a pessoa da sua vida. Alguém com quem você quer compartilhar todos os momentos, os sorrisos, as alegrias e tristezas... Estar apaixonada é apenas o começo de um turbilhão de sentimentos.

Quando ela se calou, eu me senti sem ar. Cissa havia descrito tudo o que eu sentia e precisei encarar o fato de que, talvez, eu não estivesse apenas louca por Ramon. Eu estava *apaixonada* por ele. Se aquele era o começo de um turbilhão de sentimentos, o que mais esperava por mim?

— O que foi, querida? — Ela perguntou, tocando em minha mão por cima da mesa. — Não me diga que deixou alguém em São Paulo? Está apaixonada por algum menino de lá?

Ah, antes fosse... Certamente, estar apaixonada por alguém que morava há quilômetros de distância seria bem menos complicado do que estar apaixonada pelo poderoso Ramon Baldez.

— Não, não deixei ninguém — falei, desviando o olhar. — Eu só queria saber como você se sentia.

Ela me olhou com uma sobrancelha arqueada e uma ponta de sorriso nascendo nos lábios.

— Está gostando de um dos meninos! De quem? Pode me falar e vou listar se é bom ou se não vale o seu tempo. Conheço cada um como a palma da minha mão!

Tinha certeza de que ela conhecia *muito bem* o “menino” por quem eu estava apaixonada. Para disfarçar, ri e me levantei da mesa, pegando os

nossos pratos.

— Não é ninguém, Cissa.

— Esse olhar sonhador não me engana. Já tive a sua idade, meu bem — ela riu e se aproximou de mim na pia. Com carinho, colocou meu cabelo para o lado e me abraçou pelo ombro. — Mas vou deixar que você tome o seu tempo. Se precisar conversar, saiba que estou aqui.

Eu sabia que Cissa falava de coração, mas, o que ela diria se eu dissesse que estava apaixonada por Ramon? Será que acharia que eu era maluca? Que era uma "menina" sonhadora? Ou será que iria me apoiar? O último pensamento quase me fez rir. Só nos meus sonhos que Cissa me apoiaria e me incentivaria a conquistar Ramon.

Depois de lavarmos a louça, Cissa foi para sua casa e eu fiquei um pouco na sala com a TV ligada. Falei para mim mesma que apenas veria um pouco de televisão antes de me deitar, mas, a verdade, era que eu estava esperando por Ramon. Uma hora se passou, depois duas, três. Eu já estava cansada e bocejando, obrigando-me a manter os olhos abertos, quando ouvi a porta do casarão se abrir e depois se fechar. Ao fundo, pude ouvir a voz de Ramon. Ele parecia estar ao telefone:

— *Ela voltou para a cidade? Hum... Interessante.* — Ficou em silêncio e pude ouvir o barulho da chave do carro sendo deixada no aparador. — *Sim, eu sei que tinha planos com ela naquela noite, mas como tive aquele imprevisto que você sabe bem qual foi, não voltei a pensar nela. Claro, por que não? Estou precisando mesmo distrair a cabeça. Pois é, muita coisa acontecendo... Caio, não seja idiota! Vou ver aqui o que faço e amanhã eu te ligo. Certo, tchau.*

Assim que ele desligou, eu me levantei do sofá. Mil perguntas rondavam a minha mente, porém, a mais importante delas era: quem era *ela*? Meu coração chegou a disparar quando a palavra "mulher" brilhou na minha mente e, sem deixar que isso me abalasse, desliguei a TV, saí da sala e fiz de tudo para fingir que eu não estava esperando por Ramon, muito menos que eu havia ouvido a sua conversa com Caio. Ele estava prestes a subir as escadas, mas parou assim que me viu. Vi a surpresa atravessar o seu olhar.

— O que está fazendo acordada a essa hora?

Passava um pouco da meia-noite e segurei a língua quando pensei em perguntar o que *ele* fazia na rua até aquela hora. Não era da minha conta, eu sabia, assim como não era da conta dele o porquê de eu estar acordada. Mesmo assim, respondi:

— Estava sem sono e fiquei vendo um filme na televisão.

— Tem televisão no seu quarto. Sabe disso, não é?

— Poxa, que bom que você me avisou! Tinha esquecido — sorri com a resposta ácida e vi o seu maxilar trincar. — Foi bom o jantar com o empresário?

Por um milésimo de segundo, vi certa hesitação passar pelos seus olhos e foi a ela que me agarrei. Eu sabia! Eu sabia que não tinha jantar com empresário algum! Provavelmente, ele havia inventado uma desculpa para poder faltar o jantar comigo. Por um momento, encarei aquela constatação com um pouco de horror. Será que ele faria isso sempre? Começaria a me evitar? A fingir que eu não existia? Então, pensei por um outro lado. Talvez ele simplesmente não soubesse como reagir à minha presença agora, pois sentia, sim, algo por mim e não queria admitir. Foi a isso que me agarrei, enquanto esperava pela sua resposta.

Recuperando sua fachada de "homem impenetrável", Ramon assentiu:

— Foi ótimo.

— Que bom.

Ficamos daquele jeito por alguns segundos, um olhando para o outro em silêncio. Da minha parte eu tinha muito o que dizer, mas resolvi guardar cada sentimento dentro de mim naquele momento. *Cautela*. Ia agir com cautela. Não queria que Ramon fugisse de mim como um cavalo arredio.

— Vou me deitar. Boa noite, Gabriela.

— Boa noite.

Ele subiu sem olhar para trás e eu soltei o ar dos meus pulmões quando fiquei sozinha na sala. Fiquei imaginando qual seria o meu próximo passo para enlaçar aquele fazendeiro bruto.



“Mas se existe uma pílula para me ajudar a esquecer
Deus sabe que ainda não a encontrei
Mas eu estou tentando, Deus, eu estou tentando
Tentar não te amar é o máximo que consigo fazer”

Trying Not To Love You – Nickelback

RAMON

Nunca, em toda a minha vida, pensei que fugiria da minha própria fazenda, mas foi o que fiz naquela noite. Enquanto subia as escadas e deixava Gabriela para trás, fiquei pesando se a minha decisão havia sido infantil demais ou útil de alguma forma. No final, acabei me dando conta de que, sim, havia sido útil. Passar aquelas horas dentro do carro, dirigindo sem ter um destino específico em mente, havia servido não só para que eu evitasse Gabriela, como para pensar em tudo o que vinha acontecendo em minha vida desde a noite em que a encontrei no hospital.

Conseguia me lembrar com exatidão do choque que senti ao vê-la. Apesar de, em um primeiro momento, ter me lembrado muito *dela*, logo enxerguei como eram diferentes. E, com a convivência, fui percebendo que Gabriela era única. Seu sorriso meigo que contrastava com o olhar afiado, sua personalidade doce e forte, a maneira como não levava desaforo para casa e encarava quem quer que fosse, inclusive eu mesmo, sem temer, sua atitude hoje mais cedo, que havia me pegado completamente de surpresa... Tudo

isso, de alguma forma, moldava quem ela era e, mesmo sem eu querer, me encantava.

Sentia que dois lados brigavam ferrenhamente dentro de mim. O lado que queria que eu me despisse da armadura que havia criado para mim mesmo há anos e reforçado quando comecei a perceber que Gabriela mexia mais comigo do que deveria e o lado que dizia que eu era louco se me entregasse a esses sentimentos. Pelo amor de Deus, Gabriela tinha dezenove anos e eu tinha trinta e oito! Era filha de um homem que, se não fosse pelos negócios, eu jamais iria querer de volta em minha vida. Sem contar que, querendo ou não, envolver-me com ela poderia revirar partes do meu passado que já estavam enterradas há muitos anos. Não poderia permitir que acontecesse qualquer coisa entre nós dois.

Ainda assim, mesmo sabendo de tudo isso, foi nos seus lábios pressionados contra os meus que me lembrei assim que me deitei na cama, depois de tomar um banho e trocar de roupa. Mesmo depois de ter passado horas longe, brigando comigo mesmo para esquecer o que havia acontecido, minha mente louca e masoquista me fazia lembrar de cada detalhe. Do modo como seu cheiro me envolveu, da textura dos seus lábios macios, do calor do seu corpo contra o meu, da forma como meu coração disparou e pediu por mais. *Mais*. Eu queria mais, queria sentir muito mais do que os seus lábios, queria provar o seu sabor, queria envolver o seu corpo com os meus braços e aquilo era uma loucura. Uma loucura que eu não deixaria acontecer.

Eu sentia orgulho de mim mesmo, da forma como tratava Gabriela, apesar de notar, cada vez mais, como ela era bonita, como a roupa moldava o seu corpo e de sentir o meu coração idiota bater mais forte toda vez que ficávamos juntos. Eu me sentia confortável ao seu lado, principalmente porque tinha consciência de que não demonstrava mais interesse nela do que deveria. Achei que, ao ser seu amigo, ela me enxergaria como alguém em quem podia confiar, alguém com quem podia conversar e desabafar. Nunca passou pela minha cabeça que ela poderia sentir algo mais. Claro, notava o seu olhar, mas, em minha cabeça, ela era apenas uma garota curiosa. Quando poderia imaginar que ela sentia desejo por mim? Que sentia vontade de me beijar?

"Quanta ironia ela sentir por mim o mesmo que eu sinto por ela", pensei com certo desgosto, mas uma parte, bem lá no fundo, estava um tanto satisfeita por saber que eu não era o único que estava ficando louco.

Afofando o travesseiro, me ajeitei na cama e fechei os olhos. Listei em

minha mente todos os motivos pelos quais eu não podia deixar que meus sentimentos me guiassem. Por fim, quando achei que tinha me convencido e estava quase pegando no sono, a voz de Gabriela pareceu soar em meus ouvidos:

"Então me deixa te dar um beijo de verdade."

O que teria acontecido se eu tivesse deixado?

Era melhor nem começar a imaginar.



Acordei meia hora antes do despertador tocar e não perdi um segundo a mais na cama. Depois de fazer a minha higiene e trocar de roupa, fui direto para a cozinha e encontrei Rosana e Vera já trabalhando. Cumprimentei as duas e peguei uma xícara de café e um pedaço de bolo, em seguida, fui para o escritório e organizei tudo o que precisaria ler naquela manhã. A parte burocrática era maçante, preferia mil vezes passar o dia na fazenda cuidando diretamente dos cavalos, mas, como não era possível, tinha que encarar a pilha de documentos que precisava ser revisado e assinado.

Tentei focar no trabalho, mas minha mente sempre voava para longe. Geralmente, não era um cara disperso e conseguia manter o foco, mas, hoje em específico, estava muito difícil. Só conseguia pensar em como faria para me distanciar de Gabriela. Doía ter que fazer isso, mas sabia que era o melhor, para nós dois. Logo ela esqueceria da paixonite que estava nutrindo por mim e o mesmo aconteceria comigo.

— A distância vai ser boa para gente, Gabi — pensei em voz alta, enquanto passava os olhos pela minha agenda aberta no computador.

Tinha uma viagem marcada para domingo de manhã, pois haveria uma reunião importante entre criadores de cavalos em São Paulo, na segunda-feira. O compromisso havia aparecido no momento certo, faria de tudo para esticar a minha estadia na cidade por mais alguns dias e usaria o tempo livre para fazer com que Gabriela saísse da minha cabeça.

Sabia que não podia simplesmente a ignorar, pois também não queria que ficasse magoada. Ela estava vivendo na minha casa naquele momento e, pelo andar da carruagem, não tinha data para ir embora. A ignorar seria, além de cruel, ridículo e eu não estava disposto a agir como um babaca, por isso,

precisava pensar em outra forma de deixar claro para ela que nada aconteceria entre nós dois.

Foi então que me lembrei do telefonema de Caio na noite anterior. Estava chegando em casa quando o meu celular tocou e, com uma voz alegre e ligeiramente bêbada, ele me contou que ele estava no Bar das Onze e que tinha uma ótima notícia para me dar.

"Ela voltou, meu amigo", ele disse e depois de eu questionar quem havia voltado, ele riu. *"A sua cantora gostosa. Está tocando aqui no Bar das Onze e perguntou sobre você."*

Acho que era disso que eu precisava. De uma mulher adulta, da minha idade, que estava apenas de passagem pela cidade, para poder me lembrar que eu era um homem maduro e que podia deixar para trás qualquer tipo de interesse que nutria por uma menina de dezenove anos. De quebra, ainda podia mostrar para Gabriela que era inútil ter qualquer tipo de sentimento por mim, pois não seria correspondida.

Sabia que, se ligasse para Caio agora, ele não iria me atender, por isso, mais relaxado, voltei a focar no trabalho. A hora passou mais rápido e quando os ponteiros bateram às dez, disquei o seu número. Ele atendeu no terceiro toque.

— Você não acha que está muito cedo para incomodar os outros? Eu ainda nem tomei café da manhã!

— Quem leva o trabalho a sério já está acordado há horas. Tem certeza de que você não comprou o seu diploma?

— Tenho sim, até porque, eu advogo para o fazendeiro mais pé no saco que existe na porra do Brasil — ele disse e pude ouvir o tom de risada na sua voz. — Desembucha logo, homem.

— Como está a sua agenda hoje?

— Hum... Por que o interesse? Quer me levar para jantar? Hoje estou a fim de comer uma lagosta e tomar uma cerveja gelada...

— Até parece que eu perderia meu tempo com você.

— Nossa, Ramon, assim você magoa os meus sentimentos! — Não pude deixar de rir e ele me acompanhou. — Resolvi tirar uma folga hoje e amanhã, já que vamos viajar no domingo, mas já vi que você vai arrumar alguma coisa para eu fazer.

— Não vai ser um trabalho *tão* ruim assim, acho que você vai gostar.

— Só vou gostar se envolver alguma mulher.

— Bom, envolve, mas ela não é para você e sim para mim.

— Opa! Por incrível que pareça, agora eu fiquei mais interessado. Fala logo!

— Ontem você me disse que a Patrícia havia voltado para a cidade... Queria saber se você pode ir até o hotel dela e a trazer aqui para a fazenda. Fiquei devendo um *tour* para ela.

— Ah, seu safado! Eu sei muito bem que tipo de *tour* você ficou devendo a ela — ele riu. — Não sabia que ela tinha despertado tanto assim o seu interesse, Baldez!

"Não despertou, mas vou fazer de tudo para despertar ainda hoje", quis dizer, mas guardei o comentário só para mim.

— Vai fazer esse favor para mim ou não?

— E você acha que eu perderia a oportunidade de arranjar uma foda para o meu amigo eremita? Mas é claro que não!

— Pelo amor de Deus, por que eu sou seu amigo mesmo?

— Porque você me ama, só não quer admitir. Vou só tomar um banho e comer alguma coisa, depois vou passar no hotel da cantora. Estou louco pra ver ela fazer a sua piroca cantar.

— Caio, vai se foder.

— É você que vai foder, meu amigo. Graças a Deus e a mim.

Desliguei o telefone na sua cara depois de ouvir a sua risada ridícula. Mesmo sentindo vontade de dar na cara dele às vezes, eu amava Caio como se fosse meu irmão. O idiota havia entrado na minha vida ainda na infância e nunca mais desgrudou de mim — e eu dele. O fato de a nossa amizade durar até hoje às vezes me surpreendia, pois erámos muito diferentes, mas, mesmo assim, nos entendíamos completamente.

Passei as próximas duas horas fazendo alguns telefonemas e respondendo *e-mails* importantes, que eu não poderia simplesmente empurrar para que Caio respondesse — sim, às vezes ele era meu assistente pessoal, apesar de me odiar quando eu pedia para responder meus *e-mails* — e só parei quando percebi que havia feito não só o trabalho atrasado, como tinha adiantado os que ainda estavam no prazo. Estava terminando de desligar o computador, quando meu celular vibrou em cima da mesa. Era uma mensagem de Caio, dizendo que havia acabado de chegar à fazenda.

Por dentro, senti um frio na minha barriga que me deixou desconfortável. Eu tinha plena consciência de que não estava fazendo nada de errado, era um homem livre, solteiro e dono do meu nariz, mas a ideia de desfilar com uma mulher ao meu lado na frente de Gabriela, de repente, me deixou com um

peso na consciência. Não queria que ela ficasse magoada, apenas que entendesse o meu recado. Prometi a mim mesmo que não faria nada demais na frente dela, não beijaria Patrícia ou a acariciaria demais, apenas mostraria que eu havia sido verdadeiro quando disse que gostava dela apenas como amigo — mesmo que eu soubesse que era mentira.

Deixei o escritório e fiquei aliviado ao ver que ela não estava na sala. Provavelmente estava na cozinha com Cissa e uma parte de mim torcia para que ela continuasse lá. Vi de relance quando Caio estacionou o carro na frente do casarão e desceu, dando a volta para abrir a porta para que Patrícia saísse. Ela olhava em volta com ar de surpresa. Sabendo que precisava fazer as honras, me aproximei da porta aberta e o sorriso dela aumentou quando me viu.

— Enfim nos reencontramos, Ramon Baldez — disse ela assim que subiu as escadas ao lado de Caio. — Obrigada pelo convite para conhecer a sua fazenda.

Estaria mentindo se dissesse que Patrícia não era bonita, pois ela era. Com os cabelos longos e loiros, a calça jeans e a blusa apertada, ela era maravilhosa, mas não fazia minhas mãos comicharem para pegar em sua cintura ou me deixava louco para sentir o seu cheiro, como Gabriela fazia.

"Pare com isso, Baldez! Porra!", ralhei comigo mesmo e sorri ao sentir os dois beijos de Patrícia em minha bochecha.

— É um prazer revê-la e recebê-la em minha fazenda, Patrícia. Entre.

— Estava falando para Patrícia que você ficou muito contente quando soube que ela estava de volta à cidade — Caio disse enquanto atravessávamos a varanda e entrávamos em casa.

— Verdade. Sabia que não podia deixar passar essa oportunidade — sorri, sentindo-me estranho. Era como se estivesse agindo no piloto automático e odiava essa sensação.

Patrícia sorriu e jogou o cabelo longo para trás, expondo parte do colo e do decote.

— Confesso que a primeira coisa que pensei quando recebi o convite para cantar aqui de novo, foi que queria ver você. Se não tivesse me procurado, eu certamente bateria na sua porta — ela disse, descendo os olhos lentamente sobre o meu corpo.

Caio sorriu ao meu lado e deu um tapinha no meu ombro e eu só ri, sem saber ao certo como reagir. Normalmente, aproveitaria desse flerte para poder a estimular, mas algo dentro de mim me dizia que aquilo não estava certo.

Nada daquilo estava. Um pouco confuso, deixei de lado aquela sensação e me aproximei de Patrícia, a puxando para perto de mim pela mão. Estava pensando no que poderia dizer, quando, de relance, vi alguém descer as escadas. Gabriela parou no meio dos degraus e seus olhos se arregalaram quando viram a minha mão na de Patrícia, que ainda estava de costas para ela.

— Gabi, como é bom rever você! Vem aqui falar comigo! — Caio disse, saindo do meu lado para ir para os pés da escada.

Gabriela piscou algumas vezes antes de desviar o olhar e começar a descer o resto dos degraus. Mal conseguia piscar enquanto via seus movimentos, o short jeans curto que deixava suas pernas nuas, a bota marrom e a blusa branca que moldava sua cintura fina e os seios médios, que meus dedos coçavam para tocar. Ela tinha nas mãos o chapéu que eu havia dado. Tão simples, mas tão bonita ao mesmo tempo, que eu senti cada um dos meus sentimentos me dar um tapa na cara. Abrindo um sorriso, ela se jogou nos braços de Caio, que a apertou forte e me fez morrer de inveja.

"Também quero isso", pensei, engolindo em seco. *"Também quero abraçá-la."*

Só que a diferença entre o meu abraço e o abraço de Caio, era a intenção que nós dois tínhamos. Era tão claro como água que meu melhor amigo tinha um carinho fraternal por Gabriela, coisa que eu deveria sentir, mas não conseguia. Se a abraçasse daquela forma, jamais conseguiria sair ileso como Caio. Havia aprendido isso a cada vez que a deixei sair dos meus braços.

— Como você está, Gabizinha? — ele perguntou depois de se afastar.

— Estou bem e você? Estava com saudades.

Soltando um suspiro dramático, Caio passou o braço pelos ombros de Gabriela e veio caminhando com ela em minha direção. A essa altura, Patrícia já estava ao meu lado e sua mão ainda estava na minha. Gabriela olhava para nós dois com uma expressão séria, quase neutra. Não sabia descrever o que ela poderia estar sentindo.

— Ai, Gabi, você sabe, sou um advogado importante, renomado... Queria ter mais tempo para vir aqui perturbar você e o Ramon, mas não consigo.

Gabriela acabou rindo para ele e deu um soquinho em suas costelas.

— Você não me perturba.

Convencido, Caio deu um sorriso.

— Ramon que fica falando que eu perturbo as pessoas, mas acho que ele só faz isso pra tentar me atingir. Ainda bem que você é a voz da sabedoria,

Gabizinha. — Apontando para Patrícia, ele disse. — Deixa eu apresentar vocês duas. Gabi, essa é Patrícia Alencar, uma cantora que está de passagem pela cidade e, Patrícia, essa é Gabriela Rodrigues. Ela está passando um tempo aqui na Fazenda Baldez.

Patrícia se aproximou e estendeu a mão para Gabriela, que foi liberada pelo braço de Caio. As duas se cumprimentaram em silêncio por alguns segundos, mas logo a voz de Patrícia soou ao meu lado:

— Rodrigues... Esse sobrenome não me soa estranho...

— Gabriela é filha de Abraão Rodrigues — resolvi esclarecer e os olhos de Patrícia se iluminaram em compreensão.

— Ah, meu Deus, é isso! Foi por conta do acidente de Abraão que você teve que ir embora naquela noite, não foi? Um dos seus amigos me explicou que você teve um imprevisto e depois a cidade toda começou a comentar sobre o acidente... — Virando-se para Gabriela, Patrícia apertou seu ombro. — Eu sinto muito, querida. Sei que seu pai ainda está no hospital... Espero que ele se recupere logo.

Gabriela apenas assentiu e olhou novamente de mim para Patrícia, franzindo rapidamente o cenho.

— Então, vocês se encontraram na noite do acidente do meu pai?

— Nós nos conhecemos naquela noite, na realidade. Eu estava cantando no Bar das Onze e era aniversário de Ramon... Nem pude dar o seu presente naquela noite, mas nada me impede de poder te dar hoje — Patrícia disse, virando-se para mim com um sorriso sedutor nos lábios.

Tudo naquela frase soou de forma estranha, com um duplo sentido que me deixou meio constrangido e que fez com que Gabriela desse um passo para trás, quase como se tivesse sido atingida com um tapa na cara. Não consegui deixar de olhar para ela, tendo a certeza de que aquela realmente havia sido uma péssima ideia. *Puta merda*. Pude sentir os olhos de Caio voando de mim para Gabriela na velocidade da luz e pigarreei, abrindo a boca para tentar expulsar aquele clima estranho, mas Gabi foi mais rápida do que eu.

— Sinto muito que o acidente do meu pai tenha atrapalhado o plano de vocês, mas pode ter certeza que nada vai atrapalhar os dois hoje. Vai poder *dar* o seu presente à vontade. Espero que se divirtam. Com licença.

Gabriela saiu a passos rápidos em direção a cozinha e Caio me olhou com o cenho franzido, como se me exigisse explicações.

— Nossa, ela é tão bonitinha! Fofa igual a minha sobrinha de quinze anos — Patrícia comentou e eu trinquei o maxilar. — Ramon, você poderia me

mostrar onde é o banheiro?

— Só seguir por esse corredor. Segunda porta a esquerda — falei, apontando pelo mesmo corredor por onde Gabriela tinha ido.

— Volto já.

Assim que Patrícia sumiu de nossas vistas, Caio se aproximou de mim e cruzou os braços.

— O que foi isso, cara?

— Isso o quê? — Fiz-me de desentendido, pois não queria conversar sobre aquilo. Não naquela hora, nem nunca.

— *Isso* que acabou de acontecer! Foi impressão minha ou a Gabizinha estava com ciúmes de você?

— Não seja idiota — falei, indo em direção ao bar. Precisava de uma dose de uísque. — Está vendo coisa onde não existe.

— Ah, não estou não. Inclusive, eu vi muito bem que *você* não conseguia tirar os olhos de cima dela. Acha que não percebi o modo como a olhou enquanto ela descia as escadas? — Perguntou e eu apenas olhei para ele em silêncio, virando o uísque de uma só vez. Uma luz pareceu se acender na cabeça de Caio, pois ele me olhou como se tivesse achado o pote de ouro no final do arco-íris. — Está gostando dela!

— Caio... — murmurei com o maxilar cerrado e o filho da mãe sorriu.

— Está gostando da Gabizinha! Porra, eu sabia! Sabia que tinha alguma coisa muito estranha nesse seu pedido. Se quisesse encontrar a cantora, teria ido até a cidade e batido na porta do quarto dela hoje à noite. Fez isso para mostrar a Gabi que está em outra!

Como ele havia entendido tudo tão rápido? Negando-me a dizer que ele estava certo, coloquei uma nova dose em meu copo. Caio se aproximou e parou ao lado do bar, de frente para mim.

— Sério, Ramon, eu não acho isso legal — falou ele, sem sorrir. — É nítido que a Gabi ficou abalada quando viu a Patrícia ao seu lado e entendeu o motivo de ela estar aqui. Não tinha necessidade disso.

— Ela precisa entender que não pode e não *vai* acontecer nada entre nós dois — falei um pouco contrariado por ter que admitir que ele estava certo, em partes.

— Por que não pode acontecer nada entre vocês dois?

Olhei para ele sem entender como tinha coragem de me fazer aquela pergunta. Pelo amor de Deus, não era óbvio?

— Nem vou te responder.

— Ah, vai sim! — Disse, colocando a mão em meu ombro quando dei um passo para fugir do seu interrogatório. — Desembucha.

— Caio, agora não!

— Vamos, Baldez! Quero ouvir seus motivos para estar quebrando o coração dela desse jeito.

Quebrando seu coração? Por um momento, quis rir do seu exagero, mas senti o uísque se revirar em meu estômago. Será que havia magoado Gabriela a esse ponto? Não era possível.

— Nossa, achei vocês! Quase me perdi nessa casa enorme — Patrícia disse entrando na sala onde ficava o bar. Seu sorriso era tão grande, que me senti um pouco enjoado. — Estou louca para conhecer cada parte dessa fazenda.

Caio apertou meu ombro, como se dissesse que eu havia sido salvo pelo gongo e se afastou de mim.

— Tenho certeza que o Ramon está *muito* ansioso para te mostrar tudo, afinal, foi ele que fez questão de que você viesse. Aposto que quer *muito* a sua companhia.

O que eu podia fazer para calar a boca daquele babaca? Patrícia sorriu ainda mais, como se fosse possível, e assentiu.

— Eu também quero muito a companhia dele.

— Aposto que sim — ele disse, se afastando. — Vou dar uma volta com a Gabizinha. Sinto que teremos uma conversa bem interessante.

Ele saiu da sala e Patrícia deu dois passos em minha direção, mas eu levantei a mão e pedi:

— Espera só um minuto? Esqueci de dar um recado importante para o Caio. Sobre trabalho. Fique à vontade.

Nem esperei ela responder, saí quase correndo da sala e alcancei Caio antes que pudesse entrar na cozinha. O filho da mãe se virou para mim com aquele sorrisinho petulante. Se não fosse meu melhor amigo, meu irmão, eu ficaria mais puto com ele.

— Não faça nenhuma besteira!

— Não sou eu que estou fazendo besteira aqui.

— Caio, pelo amor de Deus! Ela é só uma menina!

— Não, ela é uma mulher, Ramon. Se fosse apenas uma menina, você não olharia para ela como se fosse o motivo de todos os seus desejos — disse ele e eu engoli em seco. Não a olhava daquele jeito... Olhava? — Abre o seu olho, Gabriela é linda, doce, inteligente, extrovertida e não tem medo de encarar um desafio. Se você demorar muito, outro vem e toma o seu lugar em

um piscar de olhos.

Senti minha mente dar voltas com aquela possiblidade e um sabor amargo tomou conta da minha boca, bem como a fúria, que tomou o meu peito. Por um milésimo de segundo, não vi Caio na minha frente, vi alguém que poderia fazer com que Gabriela ficasse apaixonada.

— Quem vai ser esse cara? Você? — Perguntei com arrogância e raiva, quase não me reconhecendo.

Caio balançou a cabeça e me afastou pelos ombros.

— Não, não eu, Ramon, mas a sua fazenda está cheia de homens... Acha mesmo que eles não vão se interessar pela Gabriela? Na última vez que vim aqui, tinha um cara quase babando em cima dela, enquanto você tentava domar o Trovão.

A imagem de Luan olhando para Gabriela quase me fez perder as estribeiras. Já tinha visto os dois conversando várias vezes e era nítido o interesse do garoto. Sempre me senti incomodado com isso, mas agora o sentimento quase me sufocava. E se ele investisse em Gabriela? E se ela *gostasse*? Se quisesse o beijar do jeito que tinha me beijado ontem à tarde?

"Se isso acontecer, será melhor. Os dois têm a mesma idade, ele não tem um passado que pode ressuscitar com o simples fato de querer ficar com ela... Não há nada que os impeça de ficar juntos", uma voz coerente soou em minha mente, mas isso não serviu de nada para aplacar a minha angústia.

— Não me importo — falei por fim, afastando-me e tentando recuperar a porra do meu controle. — É até melhor que ela se apaixone por um dos garotos da fazenda, assim, consegue esquecer o que diz sentir por mim.

Caio assentiu e apertou meu ombro novamente.

— Se é o que você diz... Só não se esqueça que ela não é a única a sentir alguma coisa aqui. O que *você* vai fazer com os seus sentimentos? Pense nisso.

Sem me dar chances de resposta, Caio se afastou e eu fiquei sozinho no corredor silencioso, enquanto meus sentimentos guerreavam com a parte racional do meu cérebro.



“Há um sentimento em meu coração
Que eu sei que não pode escapar
Por favor não permita que eu caia
Não deixe ser tarde demais”

You Mean The World To Me – Toni Braxton

GABRIELA

Não sei como consegui entrar na cozinha e fingir que estava tudo bem, quando, por dentro, sentia uma mistura de raiva, mágoa e angustia. A imagem de Ramon de mãos dadas com aquela mulher ficava se repetindo na minha mente e eu não conseguia afastar o choque que senti ao me deparar com os dois juntos. Em um primeiro momento, pensei que estivesse delirando, mas era muito real. *Tudo aquilo era real*. Ramon não estava apenas me dando um recado, estava esfregando na minha cara que não queria nada comigo e que estava ocupado demais se envolvendo com outra mulher.

— Menina, coma alguma coisa. Já foi visitar o seu pai em jejum, não acho certo ficar sem se alimentar — Cissa pediu, colocando um potinho com salada de frutas na minha frente. — Desculpa não te dar atenção, é que estou que nem doida com os preparativos para o almoço. Ramon resolve em cima da hora que vai receber visita e eu tenho que me virar nos trinta para fazer algo diferente. Esse menino ainda vai me enlouquecer...

Agora eu havia entendido porque Cissa não pôde ir comigo ao hospital naquela manhã. Como não havia encontrado com Ramon pelos corredores,

achei que poderia estar ocupado em alguma parte da fazenda e, ingênua, sequer perguntei por ele e aceitei quando Cissa disse que um dos rapazes me levaria ao hospital. Como fui boba! Lógico que Ramon não se daria ao trabalho de me acompanhar, pois estava ocupado demais com a tal cantora. Só de pensar nisso, meu estômago embrulhava, mas me esforcei para comer pois não queria que Cissa ficasse preocupada comigo. Ela e as meninas andavam de um lado para o outro na cozinha, falando alto, picando cebola e mexendo em panelas. Só conseguia me perguntar se a cantora merecia todo aquele esforço da parte delas. Provavelmente não, mas poderia ser apenas os meus ciúmes falando mais alto do que o meu bom senso.

— Meu Deus do céu, entrei na parte mais bonita dessa casa! É muita mulher linda reunida em um lugar só, meu coração não aguenta! — Caio disse daquele seu jeito carismático, arrancando risada de todo mundo na cozinha, inclusive eu.

As meninas fizeram fila para abraçá-lo e ele retribuiu com muito carinho, espalhando beijos e elogios. Dava para ver como era querido por elas e amado demais por Cissa, que perguntou como ele estava, já lhe oferecendo um monte de comida e falando que ele estava magrinho demais.

— Me deixa morar aqui por uma semana e você vai quem é que estará magrinho, Cissa — ele disse, comendo os biscoitos que ela havia feito ainda naquela manhã. — Nossa, já disse que você tem mãos de fada?

— Hoje ainda não — ela riu, voltando a mexer em algo na panela. — Vai ficar para o almoço, não é?

— Eu bem que queria, viu? Mas a visita do Ramon é uma mulher — ele disse e todo mundo arregalou os olhos em surpresa. Cissa estava boquiaberta.

— Como assim? E ninguém me avisa nada?

— Ramon é que tinha que ter avisado — Caio disse, me olhando rapidamente. Quase enfiei minha cara no potinho com salada de frutas.

— Olha, eu vou dar uma coça nesse menino! Nem lembro a última vez que ele trouxe uma mulher aqui. Quem é essa?

— Uma cantora que está de passagem pela cidade.

— De passagem pela cidade? E mesmo assim ele a trouxe para a fazenda? Que estranho!

— Muito estranho — Caio concordou, deixando o pote com biscoitos em cima da mesa e virando-se para mim. — Gabizinha, estou muito solitário! Que tal dar uma volta comigo?

— Isso, leva ela pra passear, porque a menina está muito cabisbaixa. Não

gosto disso — Cissa comentou e eu senti um arrepio de constrangimento passar pelo meu corpo.

Caio estendeu a mão e eu aceitei, enlaçando meu braço ao dele depois de ficar de pé. Saímos pela porta da cozinha mesmo e a brisa fresquinha tocou o meu rosto. Por um momento, só caminhamos lado a lado sem falar nada e assim que demos a volta no casarão, pude ouvir a voz de Ramon e da tal cantora. Uma bola pareceu se alojar na altura do meu estômago, mas fiz de tudo para não demonstrar enquanto nos aproximávamos. Ramon apontava para o lado direito da fazenda e falava alguma coisa, enquanto a mulher olhava para ele como se estivesse pronta para arrancar as suas roupas. Fiquei com tanto ciúme, que senti vontade de entrar na brincadeira e arrancar aquele implante malfeito da cabeça dela. Assim que nos viu, Ramon se calou e franziu o cenho ao notar que estávamos de braços dados.

Bom, pelo menos eu não sou a única incomodada aqui.

— Vou levar a Gabizinha para almoçar na cidade — Caio disse e, apesar de ficar surpresa com a sua decisão, fiz de tudo para não demonstrar. — Ela está precisando respirar novos ares.

— Pelo o que eu saiba, Gabriela ainda não está preparada para encarar o povo Santo Elias — Ramon disse olhando para Caio e não para mim.

— Estou, sim. Já se passaram algumas semanas desde o acidente do meu pai, o pessoal já comentou tudo o que tinha para comentar — falei, chamando a sua atenção.

— Exatamente. E não tem como se esconder para sempre, não é? Por isso, Gabi me deu a honra de levá-la para passear por Santo Elias. Vai ser divertido — Caio disse, me dando um sorriso.

— Que legal! Talvez você possa ir ao meu show hoje à noite, lá no Bar das Onze. Caio pode te fazer companhia — Patrícia disse e eu quase vomitei na cara dela.

— É, quem sabe — respondi sem muito entusiasmo. — Vamos, Caio? Estou morrendo de fome — menti, pois estava doida para sair dali.

— Vamos.

Acenei para Ramon e a cantora apenas para não ser mal-educada e fui com Caio em direção a sua Land Rover cinza. Assim que entramos, ele deu uma gargalhada que me assustou.

— Você viu a cara dele? Meu Deus, pensei que Ramon iria me matar! — Falou, enfiando a chave na ignição.

— Não entendi.

Olhando-me de esguelha, Caio balançou a cabeça e manobrou, saindo da frente do casarão. Pude enxergar Ramon e Patrícia pela janela. Ele olhava fixamente para o carro, enquanto Patrícia falava e gesticulava, tentando chamar a sua atenção.

— Gabizinha, nós dois sabemos que Ramon está de quatro por você.

Se eu estivesse comendo alguma coisa, certamente teria engasgado. Ao ouvir o meu silêncio, Caio se virou para mim e deu de cara com os meus olhos arregalados.

— O que foi? Vai dizer que não percebeu?

Meu coração estava pulando como um louco no peito, mas consegui encontrar a minha voz no meio daquela confusão toda.

— Não. Percebi justamente o contrário.

— Vou te explicar uma coisa, Gabizinha — Caio disse parando o carro enquanto os portões automáticos da fazenda se abriam. — Homem, geralmente, é burro, mas quando tem a cabeça dura como a de Ramon, se torna pior ainda. O filho da mãe é teimoso e durão, está negando para si mesmo que sente alguma coisa por você, mas, no fundo, ele já sabe. Já admitiu para si mesmo, só que tem um monte de coisa na cabeça dele, que o impede de admitir para o resto do mundo, entende?

Hum, não entendia, mas queria entender.

— Que tipo de coisa?

Caio colocou o carro em movimento e ficou alguns segundos em silêncio, como se pensasse no que podia falar e no que não podia. Fiquei mais curiosa ainda.

— A questão da idade — ele disse por fim, pegando o caminho que nos levaria para o centro de Santo Elias. — Ramon acha que é velho demais para você. Ele é realmente mais velho, isso é inegável, mas não é o fim do mundo. Na cabeça dele, no entanto, é.

— Mais o quê?

— Ele e o seu pai não se davam muito bem... Acho que esse também é um fator importante.

— Ele me disse que os dois não eram inimigos.

— E não são. Quer dizer, Ramon não enxerga Abraão como um inimigo, tanto que fez negócios com ele.

— Mas meu pai o enxergava como um inimigo?

— Isso eu já não posso te responder, porque não sei. Seu pai sempre foi um homem difícil de lidar, mas disso você já deve saber.

— É, meu pai não tem uma fama muito boa.

— Pois é, então, não posso dizer se ele enxergava o Ramon como um inimigo ou não. O que importa é que Ramon não deveria se prender a essas coisas, entende? Eu acho que, se ele está interessado em você, deveria mandar o resto do mundo ir se foder e ficar contigo, ponto final.

Eu não sabia ao certo o que dizer. No fundo, ainda estava surpresa por Caio perceber algo em Ramon e falar daquele jeito tão aberto comigo. Os dois tinham idades parecidas, mas mentes bem diferentes, mesmo assim, aquela era uma conversa pela qual eu não esperava, mas não iria reclamar. Talvez Caio pudesse me ajudar a enxergar da mesma forma que ele.

— Eu também pensei que ele poderia estar interessado em mim. Eu não enxergava assim, até Luna, filha da Rosana, chegar na fazenda e se tornar minha amiga. Ela disse que percebeu a forma como Ramon me olhava e, bem, como eu olhava para ele também... — Murmurei no final, ficando envergonhada. — Primeiro, eu pensei que ela estivesse vendo coisa, depois, fiquei com esperanças e tomei uma atitude com Ramon, sabe? Mas ele deixou bem claro que não sentia nada por mim, que me via como alguém que ele tinha que cuidar e, agora, apareceu com essa cantora na fazenda. Ele quis me mandar um recado e eu entendi.

— O que você entendeu?

— Entendi que ele não quer nada comigo e que não sente nada por mim.

— E o que você sente por ele? — Caio perguntou, me dando um sorriso. — Não precisa responder agora, vou te dar um tempo para reorganizar seus pensamentos. Coloca uma música aí pra gente ouvir.

Liguei o som do seu carro, conectei ao meu celular pelo *bluetooth* e uma música estourou pelas caixas de som. Minha playlist era uma loucura, mas Caio parecia estar curtindo a música e eu relaxei, pensando no que mais poderia me surpreender naquela tarde. Chegamos na cidade vinte minutos depois e eu tomei um susto ao perceber como tudo parecia diferente, mas, ao mesmo tempo, igual. O centro de Santo Elias não era pequeno, apesar de ser uma cidade do interior. Como a região era lotada de fazendas, era comum que o centro da cidade fosse mais urbano, mas, mesmo assim, fiquei chocada ao perceber como o comércio havia expandido. Caio estacionou e andamos pelas calçadas pavimentadas. Podia ver algumas lojas de artesanato e de roupas, mercearias e, por fim, entramos em uma rua mais estreita, mas que tinha muitos restaurantes.

— Aquele ali é o meu restaurante favorito da cidade, só perde para o

tempero da Cissa, é lógico — ele disse, apontando para um restaurante mais à frente.

O lugar era meio rústico, com escadas de madeira, mas, do lado de dentro, apesar de manter o clima de fazenda, era bem arrumado, com ar condicionado, garçons usando roupas sociais. A recepcionista, que parecia ter intimidade com Caio, nos levou até uma mesa e nos deu o cardápio. Optamos pela sugestão do *chef* para aquele dia quando o garçom perguntou se já queríamos fazer o nosso pedido e Caio escolheu um vinho para acompanhar.

Era a primeira vez que eu vinha na cidade depois de tantos anos, mas estava gostando do passeio e Caio era uma ótima companhia. Logo embarcamos em uma conversa e ele me fez rir bastante, me distraindo da tortura psicológica que eu mesma havia criado para mim. Às vezes, ficava pensando em como Ramon estava na fazenda com a cantora, se a havia levado para o seu quarto, se estavam se beijando naquele momento ou fazendo outras coisas... Por sorte, Caio conseguia me entreter. Nossa comida chegou e, depois de nos servir o vinho, o garçom se afastou. O filé *mignon* estava delicioso e aproveitei que estávamos em silêncio, apenas comendo, para poder responder à pergunta que Caio havia me feito no carro.

— Eu estou apaixonada por ele, Caio — falei, pegando-o de surpresa. — Não sei como ou quando aconteceu, só sei que a gente foi se aproximando e ele foi deixando de ser um estranho e passou a ser alguém em quem eu confiava. Então, de repente, eu só conseguia pensar nele e no quanto queria passar mais tempo ao seu lado, ouvindo a sua voz, sentindo a sua presença... Não sei se estou conseguindo explicar direito, mas é assim que me sinto.

Caio pousou os talheres no prato e me deu um olhar especial, um olhar que só um irmão me daria. Quando ele me chamava de “Gabizinha” eu sentia que era porque tinha um carinho por mim, mas, agora, eu tinha certeza. E eu nutria o mesmo por ele. Com cuidado, pousou a mão por cima da minha na mesa e me deu um sorriso.

— A vida é tão surpreendente às vezes, Gabi.

— Por que diz isso?

— Porque ela deu um jeito bem louco de juntar você e o Ramon — ele riu, apertando a minha mão. — Vamos dar um jeito de fazer esse cabeça dura entender que tem que deixar a teimosia de lado e ficar com você.

— Vamos? — Acabei rindo, porque Caio parecia estar em uma missão.

— Vamos, pode apostar que sim.



Depois do almoço, Caio me levou para fazer um passeio pela cidade e me mostrou tudo o que havia mudado por ali. Eu percebia o olhar curioso das pessoas, principalmente daqueles que se aproximavam de Caio para cumprimentá-lo. Era como se me reconhecessem, mas estivessem na dúvida, sem saber se era realmente eu ou uma mulher parecida comigo. Quando os conhecidos de Caio se aproximavam, ele acabava me apresentando e foi assim que comecei a dar respostas parecidas a todos que ressaltavam a importância do meu pai para a cidade e como estavam torcendo pela sua recuperação.

Eu sabia que meu pai era importante. A família Rodrigues era uma das mais antigas de Santo Elias e ajudou muito na infraestrutura da cidade, dando empregos, investindo em obras, principalmente no hotel e no hospital particular, então, sabia que essa parte não era mentira, mas já não podia dizer o mesmo sobre estarem torcendo pela recuperação do meu pai. Sabia como Abraão era visto pela maioria da população de Santo Elias e não podia esperar que estivessem torcendo com tanta sinceridade como falavam.

Decidi deixar isso para lá e aproveitei a tarde ao lado de Caio, que me fez rir muito e esquecer parte dos meus problemas e da minha angústia. Pouco depois das seis horas, compramos sorvete e fomos embora, chegando na fazenda de Ramon com o céu já escuro.

— Não vai entrar? — perguntei quando ele parou o carro em frente ao casarão, mas não fez menção de sair.

— Não, preciso ir para casa resolver algumas coisas... Gostou do passeio?

— Eu adorei. Sério, muito obrigada. Acho que passaria o dia todo no quarto se não fosse por você.

— É, pensei que você faria isso mesmo — ele riu. — Vai querer ir ao show da Patrícia? Se quiser, posso vir buscar você.

— Ah, não, esse convite eu vou dispensar.

— Tem certeza? Acho que o Ramon nem iria piscar se você estivesse lá. Ia ficar tomando conta de você igual um gavião — ele riu como se soubesse de algo que eu não sabia.

— Ele deve ir, não é?

— Sim, mas não se preocupe, assim que o show acabar, ele deve voltar para casa. Sozinho — Caio garantiu.

Espero que sim.

Despedi-me de Caio e desci do carro. Ao entrar no casarão, observei tudo atentamente e tentei ouvir vozes, mas o silêncio dominava, o que eu não sabia se era bom ou ruim. A cantora poderia ter ido embora, mas também poderia estar em algum lugar com Ramon. *No quarto dele*. A ideia me deixou arrepiada da cabeça aos pés. Decidindo não me torturar mais, subi as escadas e estava prestes a virar para o corredor que levava ao meu quarto, quando ouvi uma porta do lado direito abrir e fechar. Era o corredor que levava ao quarto de Ramon. Meu coração disparou no peito e nem tive tempo de sair correndo, pois logo ouvi passos firmes virem em minha direção. A imagem de Ramon quase me fez perder o ar e ele pareceu surpreso com a minha presença, pois parou no meio do caminho, antes de chegar à escada.

Não consegui abrir a boca para falar nada, apenas o encarei enquanto ele levantava o pulso e olhava as horas no relógio.

— Almoço longo — disse, voltando a me encarar. — Espero que tenha se divertido.

— Sim, me diverti bastante. Caio é uma ótima companhia. E você, se divertiu com a cantora?

— Não tanto quanto eu gostaria.

Parte de mim ficou chocada com a sua ousadia de falar aquilo na minha cara, mas, uma outra parte tinha certeza de que ele só havia dito aquilo para me provocar. Era o que eu esperava, mas isso não significava que eu fosse ficar quieta.

— Que pena. Espero que consiga se divertir no show, então.

— É o que farei.

Sem dizer mais nada, ele passou por mim e desceu as escadas rapidamente, sumindo das minhas vistas. Eu ainda fiquei um tempo parada no corredor, digerindo o impacto do nosso encontro. Como apenas alguns minutos em sua presença conseguia me deixar assim, sem controle algum sobre as minhas emoções? Não conseguia entender.

Fui direto para o meu quarto e foi lá que fiquei até ouvir o motor do carro de Ramon lá embaixo. Corri para a janela e abri só uma frestinha da cortina. Apesar de eu ter a vista da lateral da casa, conseguia ver quando os carros iam e vinham de certo ângulo e acompanhei a picape de Ramon atravessar a noite, até o silêncio voltar a me rondar. Com o coração apertado, me joguei

na cama e mandei uma mensagem para Luna, pois precisava conversar com alguém. Contei tudo o que havia acontecido, desde o momento em que vi Ramon com a cantora, até a tarde que passei com Caio e o encontro repentino com Ramon no corredor.

“Viu como não estou louca? Até o *advogato* percebeu!”

“Advogato?”

“Ah, é como eu costumava chamar o Caio quando mais nova. Não que ele saiba disso, é claro, porque tenho vergonha na minha cara, mas o homem sempre foi bonito!”

“Mas você não disse que homens mais velhos não fazem o seu tipo?”

“Não, eu disse que o *seu Ramon* não faz o meu tipo. O *advogato* é diferente. Agora, voltemos ao foco! Até ele percebeu, isso prova que não estou louca, Gabi.”

“É, mas, mesmo assim, ele foi lá para o show daquela loira de farmácia!”

“O que adianta estar lá, se conseguirá pensar apenas em você? Ele vai perceber que só está perdendo tempo, amiga.”

“Será?”

“Eu tenho certeza que sim.”

Eu também queria ter essa certeza, mas, ao mesmo tempo, não queria me encher de esperança e acabar quebrando a cara mais uma vez. Acreditar em Caio e em Luna poderia ser arriscado, mas o que eu podia fazer para que meu coração entendesse isso? O filho da mãe já estava se enchendo de esperanças de que Ramon daria meia volta, entraria com tudo no casarão, invadiria o meu quarto e diria que tinha se dado conta de que estava apaixonado por mim e que não pisaria no show da tal da Patrícia.

Mas, claro, isso não aconteceu. As horas foram passando e eu perdi o interesse em ver televisão, navegar nas redes sociais e tentar ler um livro, enquanto esperava que o carro de Ramon parasse novamente em frente ao casarão e que ele descesse sozinho. Quando vi que passava das duas da manhã, comecei a me dar conta de que talvez Ramon *não* voltasse. Talvez, ele fosse passar a noite com a cantora e só chegaria de manhã.

Essa constatação quase me massacrou. Sentada em minha cama, olhei para a parede e senti aquela esperança que havia preenchendo o meu peito, ruir. O show não terminaria tão tarde, por mais que fosse uma noite de sexta-feira,

Santo Elias ainda era uma cidade do interior e o Bar das Onze era apenas um *bar*, não uma casa de show! Certamente, o espetáculo já tinha acabado há muito tempo e Ramon estava agora assistindo a um show particular, no quarto de hotel da cantora. Meu coração ficou tão pesado pela decepção e pelos ciúmes, que senti meus olhos se encherem de lágrimas.

"Ramon não voltou até agora, amiga", enviei para Luna.

Ele estaria mesmo com ela? Estaria *transando* com ela? Meu estômago se revirou, mas me obriguei a respirar fundo e me acalmar. Limpei as lágrimas que nem deixei cair e voltei a me deitar, obrigando a minha mente a parar de criar imagens dos dois juntos em cima de uma cama, das mãos de Ramon passando pelo corpo dela, dos seus lábios macios beijando a boca dela...

"Não acredito! Ai, meu Deus do céu, nunca pensei que falaria isso do seu Ramon, mas que safado sem vergonha! Gabi, vamos ter que apelar!"

"Apelar? Como assim?"

"Fazer ele provar do próprio veneno, ora!"

"Luna, eu não vou passar a noite com um estranho."

"E quem está falando em passar a noite, bobinha? Basta fazer com que o seu Ramon fique morrendo de ciúmes."

"Nada disso! Não quero mais saber dele, Luna! Entendi muito bem o recado que ele quis me passar!"

Ramon havia deixado bem claro que eu, Caio e Luna estávamos enganados, sendo assim, não iria me iludir mais. Se ele realmente não sentia nada por mim, eu faria de tudo para destruir os sentimentos que vinha nutrindo por ele também! Meu celular vibrou com uma nova mensagem de Luna.

"Gabi, eu juro que te entendo, mas não é possível que você não queira se vingar dele. Sério, nem um pouquinho? Ele precisa entender que, se ele pode te mostrar que está em outra, você pode fazer o mesmo! Vai ser muito pior se ficar choramingando pelos cantos, amiga."

Mordi o cantinho do polegar lendo sua mensagem, sabendo que a danada tinha razão.

“E o que você acha que eu devo fazer?”

“Eu sei exatamente o que você *vai* fazer. Confie em mim e siga os meus passos, Gabi. Vamos atazanar o juízo desse homem!”

Fiquei encarando o celular por mais alguns minutos, ainda tentando entender o que a maluca da Luna estava planejando, mas desisti. Deixando tudo em suas mãos, virei-me para o lado na cama e fechei os olhos, tentando fazer com que meu coração se acalmasse no peito e que a minha mente parasse de criar imagens que me torturavam. Eu só esperava que o plano de Luna desse certo.

E que Ramon brochasse.



“E nessa loucura de dizer que não te quero
Vou negando as aparências
Disfarçando as evidências
Mas pra que viver fingindo
Se eu não posso enganar meu coração?
Só sei que te amo!”

Evidências – Chitãozinho e Xororó

RAMON

Meu Deus.

Foi a primeira coisa que pensei quando despertei e senti como se um martelo tivesse atingido a minha cabeça. Doía tanto, que mal consegui abrir os olhos. Precisei de um minuto ou dois para tentar clarear a mente e senti a garganta seca e um gosto horrível na boca, como se tivesse enterrado a minha língua em um saco de areia. Queria água, mas só de pensar em beber alguma coisa, meu estômago se revirava.

— Puta merda... — resmunguei, sentando-me. Tudo rodou e precisei de mais alguns minutos para conseguir colocar a minha cabeça no lugar.

— Pensei que não acordaria mais, benzinho.

Pisquei com força e olhei em volta. Aquele não era o meu quarto. Com os olhos semicerrados, olhei para frente e encontrei a figura de Caio parada, com as mãos na cintura e uma sobrancelha arqueada.

— Café, chá ou aspirina? Aproveita que estou te oferecendo o kit de pós-ressaca completo.

— O que aconteceu? — perguntei com a voz áspera, dando-me conta de que estava no quarto de hóspedes da sua casa.

— Não se lembra de nada?

— Só de alguns flashes...

Eu me lembrava de que tinha saído de casa, mesmo sem vontade alguma e ido para o Bar das Onze para assistir ao show de Patrícia. Lembrava de ter pedido um chope e me obrigado a prestar atenção nas músicas que ela cantava, mas minha mente sempre voltava para a fazenda, especificamente para o quarto de hóspedes, que era onde eu sabia que havia deixado Gabriela. Não queria estar ali, queria estar com ela, nem que fosse para ficar ao seu lado sem ouvir a sua voz. Estava infeliz e puto pra cacete com tudo o que havia acontecido naquele dia, mas, mesmo assim, obriguei-me a ficar. O resto da noite era apenas um borrão.

— Bom, por onde devo começar... Cheguei no bar e você já estava na segunda dose de uísque...

— Uísque? Não, eu pedi chope.

— Sim, Flávio, o garçom que estava te atendendo, me falou que você pediu uns três chopes antes de partir para o uísque. Nesse meio tempo, a Patrícia tinha cantado apenas seis músicas. Muito bem, me sentei do seu lado, mas você não estava muito afim de falar comigo. Acho que estava puto por eu ter passado o dia com a Gabizinha e você não.

— Isso faz sentido, estava puto mesmo, ainda estou.

— Tentei fazer com que você pegasse leve com a bebida, mas você mandou eu tomar conta da minha vida. Você estava muito rebelde, Ramon! — Ele prosseguiu. — Então, em algum momento do show, a Patrícia saiu do palco e se sentou no seu colo.

Merda. *Disso* eu conseguia me lembrar. Fiz uma careta, só ouvindo-o continuar.

— E foi aí que o negócio ficou bom. Você deixou que ela cantasse a música toda, que beijasse o seu rosto, enquanto todo mundo via tudo... Então, quando ela terminou, você disse que não ia rolar.

— Eu falei isso?

— Sim. Você disse exatamente isso “desculpa, Patrícia, mas não vai rolar”. Ninguém mais ouviu, apenas eu e ela, e é uma pena que você não se lembre da expressão da cantora. Ela ficou chocada, ainda tentou argumentar, mas

você a tirou do seu colo, se levantou, colocou três notas de cem em cima da mesa e saiu sem olhar para trás.

— Puta merda — murmurei de novo, jogando-me para trás. Caí com tudo no colchão, minha cabeça doeu pra caralho, mas não liguei. — Não acredito nisso.

— Pois acredite. E eu, como bom amigo que sou, fui atrás de você. Mesmo mandando eu ir embora, te segui até o botequim do Marcinho e fiquei ao seu lado, enquanto você secava uma garrafa de uísque, daqueles mais baratos, ainda. E tive que ficar ouvindo você lamentar sobre a vida, sobre quanto quer Gabriela, mas não pode a ter e blá, blá, blá. Depois, te trouxe aqui para casa, pois você não conseguia nem ficar de pé, quanto mais dirigir até a fazenda. Aí, eu te pergunto, o que seria da sua vida sem mim? Nada, Ramon, nada!

Pude ouvir os passos de Caio se distanciando e olhei para o teto, que rodava lentamente sobre a minha cabeça. Não era possível que eu havia mesmo feito tudo isso. Quando foi a última vez que me embebedei daquela forma? Nem lembrava mais. Eu era um homem sério, controlava não só uma fazenda inteira, como a minha vida. Como tinha perdido o controle sobre mim mesmo daquele jeito?

— Levanta, toma esse chá aqui. Primeiro você vai beber tudo, depois vai vomitar, depois vai tomar um banho e tentar acalmar essa cabeça.

Fiz tudo o que Caio pediu e segui exatamente o que ele ditou. Tomei um chá, depois só consegui pensar em colocar tudo para fora e passei quase vinte minutos ajoelhado em frente ao vaso sanitário. Estava me sentindo um merda quando entrei no chuveiro e deixei que a água apenas caísse sobre mim, sentindo-me letárgico até para passar o sabonete pelo meu corpo. Com a mente mais clara, consegui me lembrar de mais algumas coisas da noite anterior. A expressão de choque de Patrícia me atingiu e fiquei mal, pois sabia que ela não tinha nada a ver com os meus problemas e, por mais que não tivesse prometido nada a ela, acabei lhe dando esperança de que iríamos passar a noite juntos.

Minha tarde ao seu lado não foi tão desagradável como achei que seria. Se eu não estivesse tão focado em Gabriela, teria aproveitado mais de sua companhia. Apesar de ser extravagante e um tanto escandalosa, Patrícia pareceu interessada na fazenda, gostou do passeio que fizemos pela minha terra e me contou um pouco sobre a sua vida. Tinha trinta e cinco anos, cantava profissionalmente desde os vinte e, apesar de tentar fechar contrato com gravadoras, ainda não havia decolado na carreira, então, fazia shows

pelos barzinhos de Goiás. Seu irmão era seu empresário e seu primo cuidava da parte do som. Hoje ela vivia apenas da música e tinha o sonho de fazer sucesso.

Conversamos bastante, mas eu sentia que ela queria mais, sempre buscando me tocar, se aproximar, me abraçar. Teve uma hora que jurei que iria me beijar, mas acho que, no fundo, estava esperando que eu tomasse uma atitude e eu sabia que não iria fazer nada, simplesmente porque não era justo, nem com ela, nem comigo, muito menos com Gabriela. Em minha cabeça, seria uma espécie de traição se eu ficasse com a mulher, mesmo sabendo que isso era ridículo, pois eu era solteiro. Por isso, quando Patrícia perguntou se eu queria jantar depois do seu show, eu aceitei. Coloquei em minha cabeça que deixaria rolar tudo, pois precisava daquilo para tirar Gabriela de dentro de mim, mas não consegui. E, no fundo, sabia desde o início que não conseguiria.

— Só não tinha necessidade de ter sido babaca com a cantora — murmurei para mim mesmo ao me olhar no espelho do banheiro de Caio. Estava melhor do que antes, mas ainda estava péssimo.

Escovei os dentes com a escova nova que encontrei na gaveta, coloquei o short que Caio havia me dado antes de ir para o banheiro e saí. O cheiro de café me deixou nauseado, mas fui para a sala mesmo assim, encontrando o meu amigo sentado no sofá, vendo a reprise de um jogo de basquete.

— Senta aí, vou pegar um café pra você.

— Não precisa, vou acabar vomitando tudo de novo.

— Vai nada. Precisa tomar um café bem forte e sem açúcar para acordar essa mente.

— Minha mente já está bem acordada, obrigado — resmunguei, mas não adiantou nada. Caio voltou com uma xícara de café minutos depois e eu tomei um gole. Não achava café sem açúcar a pior coisa do mundo, mas, naquele momento, desceu que nem fel pela minha garganta. — Que merda!

— O uísque que você tomou ontem era pior, acredite, e, mesmo assim, você secou a garrafa — disse ele, voltando a se sentar no sofá. — Espero que a bebedeira tenha servido para alguma coisa.

— Serviu para me dar uma ressaca filha da puta. Me lembra de nunca mais beber dessa forma. Como meu melhor amigo, você deveria ter me impedido.

— Eu tentei, mas quem disse que você queria me ouvir? Não queria nem olhar na minha cara!

— Eu tinha motivos suficientes para isso.

— É mesmo? Cite um, apenas um.

— Não gostei desse negócio de você ter levado a Gabriela para almoçar. E que porra de almoço foi esse, que só terminou à noite? A comida deveria estar muito boa! — falei entredentes, sentindo raiva de novo.

— A comida estava boa mesmo, mas a companhia estava *bem* melhor — ele disse e riu da minha cara quando olhei para ele de um jeito que poderia massacrar os seus órgãos. — Para de me olhar assim, já falei que não é comigo que você precisa se preocupar. Na verdade, você não precisa se preocupar com ninguém, já que abriu mão da Gabizinha com tanta facilidade.

— Fiz o que é certo.

— E o que é certo? Esfregar na cara dela uma mulher que você nem estava a fim? Encher a cara dessa forma, enquanto ela está na sua casa, a poucos passos de distância do seu quarto, *querendo* você tanto quanto você a quer? Isso me parece bem errado, mas quem sou eu para falar alguma coisa, não é mesmo? — disse, levantando as mãos para o alto.

Balancei a cabeça, colocando a xícara vazia em cima da mesinha.

— Você não entende, Caio...

— Entendo, Ramon, entendo mais do que você imagina. Sou seu amigo desde criança, lembra? Estive ao seu lado em todos os momentos da sua vida, principalmente aquele.

— Não quero falar sobre isso.

— Não precisa falar, mas precisa ouvir. Aquilo é passado, Ramon, e nada vai mudar o que aconteceu, entende isso? *Nada* — falou e eu engoli em seco, sabendo que, em partes, ele tinha razão. — Sei que é irônico que justamente a Gabriela tenha despertado o seu interesse depois de tanto tempo, mas vou falar para você a mesma coisa que falei para ela ontem, a vida é surpreendente às vezes, meu amigo. Não há muito o que a gente possa fazer sobre isso.

Fiquei calado, absorvendo cada uma das suas palavras. Eu tinha certeza de que havia superado o passado e seguido em frente. Há anos não pensava no que havia acontecido quando ainda era jovem e tinha plena consciência de que nada em minha vida poderia me fazer reviver o passado, até Gabriela aparecer em meu caminho e mexer em algo profundo dentro do meu peito. Era impossível, pelo menos para mim, encarar uma relação com ela tendo tantos fatores que só me mostravam que isso não daria certo.

Ela era bem mais jovem, estava passando por um momento delicado com o pai, poderia estar confusa sobre os seus sentimentos por mim... Eu era um

homem recluso, acostumado a viver a vida do meu jeito e, agora, meu mundo estava de cabeça para baixo por conta de uma menina de dezenove anos, que despertava não só os meus sentimentos, como um passado que já estava morto e enterrado. Apesar de querer muito jogar todas as preocupações para o alto e a puxar para mim para beijá-la de verdade e sentir a textura dos seus lábios de novo, tinha consciência de que estava agindo da maneira certa ao me afastar. Poderia não ter utilizado a melhor tática, mas a minha intenção era a melhor possível. Só esperava que Gabriela pudesse me agradecer por isso no futuro — e que *eu* pudesse me agradecer, também.

Passei o resto da tarde com Caio, aproveitando que era sábado para poder curar de vez a bebedeira antes de ir embora. Pelo celular, comuniquei-me com Cissa e falei que estava bem, também falei com os rapazes da fazenda e pedi para que me mantivessem informado se algo incomum acontecesse. Pouco depois das sete da noite, entrei em meu carro e dirigi com cautela até a fazenda, observando como o tempo estava fechado. Provavelmente iria chover mais tarde, o que me preocupava um pouco, tendo em vista que tinha que viajar cedo no dia seguinte.

Não vi Gabriela quando cheguei ao casarão e fui direto para o meu quarto, indo tomar outro banho. Ainda sentia uma leve dor de cabeça, mas sabia que passaria assim que tomasse um analgésico, por isso, depois de me medicar, deitei na cama e liguei a TV, tentando me distrair até sentir fome. Queria saber como Gabriela estava, se tinha ido visitar o pai, se ele havia melhorado ou se ainda estava na mesma, mas estava com certo receio de me aproximar. Sabia que não ter passado a noite em casa e simplesmente não ter aparecido o dia inteiro, poderia levantar inúmeras hipóteses em sua cabeça e não faria nada para mudar as suas suposições. Deixaria que pensasse o que quisesse e torcia para que ela enxergasse que eu estava em outra, mesmo que, na realidade, eu não estivesse.

— Vai ser melhor assim, Gabi — murmurei com convicção, olhando para a TV sem realmente ver o que passava. — Você vai ver.

Depois de descansar um pouco, arrumei uma mala pequena para a viagem que faria a São Paulo e desci para comer pouco depois das nove. Era a primeira vez que sentia fome de verdade naquele dia e ia aproveitar para ver o que Cissa havia feito para o almoço. Assim que desci as escadas, ouvi vozes animadas na sala e, curioso, me aproximei. Cissa ria de alguma coisa e tentei apurar a minha audição, mas parei no meio do caminho ao ver Gabriela de costas para mim.

Não podia acreditar na forma como ela estava vestida.

Usando botas de montaria e o chapéu que eu havia dado de presente, ela estava vestida em uma saia jeans que quase não cobria a bunda arrebitada e uma blusa xadrez que, mesmo de costas, eu sabia que estava amarrada acima do umbigo. A faixa de pele exposta entre o cós da saia e a blusa, deixava isso bem claro e o cabelo solto quase batia na cintura. Dois sentimentos duelaram dentro de mim, enquanto descia os olhos lentamente pelo seu corpo. Tesão e ciúmes me consumiam.

— A Gabi vai ou não vai voltar cheia de *contatinhos*, Cissa? — Luna perguntou.

Voltar de onde?

— Com certeza! Quero que me contem como foi a festa amanhã, em!

Que festa, porra?

— Que festa? — Precisei perguntar em voz alta, pois meu sangue já estava começando a ferver nas veias.

Gabriela se virou para mim e foi naquele momento que eu tive a certeza de que estava prestes a sofrer um infarto. Nunca, em toda a minha vida, vi uma mulher tão linda. Seu rosto estava maquiado levemente, um batom rosa pintava sua boca e a blusa xadrez deixava um decote generoso entre os seus seios. Não tinha como parar de olhar para ela. Não tinha como parar de sentir o meu coração pulsar como um louco e o sangue correr solto em minhas veias.

— Vou a uma festa na cidade com o pessoal da fazenda — Gabriela respondeu sem desviar os olhos de mim.

— *Pessoal* da fazenda? Que pessoal?

— Seus funcionários, ora — ela riu como se eu fosse bobo e isso serviu para que eu tirasse os olhos dos seus seios e a encarasse. — Luan chamou a mim e a Luna.

Luan, claro! Garotinho filho da puta!

— Você não vai — falei sem pensar uma segunda vez. O sorriso de Gabriela desapareceu.

— Como é que é?

— Você não vai. Acho que fui bem claro na primeira vez que falei.

— Mas é claro que eu vou. Quem você pensa que é para tentar me proibir de alguma coisa?

— Eu sou o dono desta fazenda e aqui quem manda sou eu!

— Tem razão, você é dono da fazenda, não o *meu* dono, portanto, você não

manda em mim! Eu vou e ponto final!

Aproximei-me a passos largos e parei alguns centímetros antes de trombar com ela.

— Não vai!

— Eu vou!

— Meu Deus, vocês parecem duas crianças! Ramon, Gabriela é maior de idade, se quiser ir a uma festa, você não pode proibir — Cissa disse, lembrando-me de que eu não estava sozinho com Gabriela. — Qual é o problema?

— O problema é que ela está sob a minha responsabilidade, eu não sei que festa é essa, não sei onde é, quem estará lá, como ela vai fazer para ir ou vir embora. Ela não vai!

— Seu Ramon, desculpa me meter, mas a festa é no Calouros, sabe, aquele bar perto do Bar das Onze. É onde os universitários se reúnem quando vêm para Santo Elias. Hoje vai ter um show de música sertaneja com uma banda da faculdade que fica na cidade vizinha, não vai ter perigo algum. E nós vamos no carro do Luan, você o conhece, sabe que ele é responsável. Vamos voltar com ele também, ele disse que vai vir embora na hora que a gente quiser e que não vai beber — Luna disse.

Deus do céu, a garota já tinha o argumento na ponta da língua. Balançando a cabeça, Gabriela apoiou a mão rapidamente no ombro de Luna e disse, olhando para mim:

— Não precisa perder o seu tempo falando nada, Luna, pois eu vou de qualquer forma. Ramon precisa entender que não é meu pai, apesar de deixar bem claro que é *muito* mais velho do que eu. Ele não tem poder algum sobre mim, mesmo que eu esteja passando esse tempo em sua casa. E se o fato de eu sair esta noite for um incômodo tão grande, posso pegar minhas coisas agora mesmo e voltar para a fazenda do meu pai sem problema algum.

O pior era que eu sabia que ela teria coragem de subir e arrumar suas coisas para ir embora, porque Gabriela era assim, ela tinha coragem de bater de frente comigo e levar as suas decisões adiante. Olhei para ela com o maxilar trincado, querendo que ficasse, querendo puxá-la para mim e beijar aquela boca rosa até me esquecer do porquê de não poder tocar em um fio do seu cabelo, mas Cissa me fez voltar à realidade.

— Menina, calma, não vai ser preciso de nada disso. Ramon sabe que não manda em você, ele só está preocupado... *Excessivamente* preocupado — Cissa disse, me dando um olhar estranho. — Vai tranquila, eu confio no

Luan, sei que é um menino bom e que vai cumprir com a sua palavra. Divirtam-se!

— Obrigada, Cissa.

Elas se despediram e Gabriela passou por mim sem olhar para trás, deixando apenas um rastro do seu perfume, que estava bem mais forte naquela noite. Não pude deixar de a acompanhar com o meu olhar, percebendo como estava linda, como iria enlouquecer todos os homens, como faria com que Luan ficasse como um cachorro babão atrás dela. Porra, quase enlouqueci!

— Ramon, o que foi isso? O que deu em você? — Cissa perguntou quando as duas saíram.

— Nada.

Saí andando em direção a cozinha, pois se ficasse mais um segundo ali, iria atrás de Gabriela e cometeria uma loucura. Pude ouvir os passos de Cissa atrás de mim e abri a geladeira para preparar um sanduíche. Havia perdido a fome, mas me obrigaria a comer.

— Ei, mocinho, não me vire as costas quando estou falando com você!

— Cissa, por favor, não estou em um bom momento...

— Não me interessa! Acha que sou boba, Ramon? Ficou bem claro que você não estava apenas preocupado com a Gabi. O que está acontecendo?

Estava surpreso por conseguir segurar faca de passar manteiga sem tremer, pois, sentia cada célula do meu corpo me impelindo a sair de casa e ir atrás de Gabriela. Estava quase cego pelo ciúme, pelas imagens que a minha mente criava a cada vez que eu piscava. Respirando fundo, olhei para Cissa e a vi de braços cruzados e os olhos semicerrados para cima de mim.

— Não está acontecendo nada, Cissa. Só fiquei preocupado. Já pensou se acontece alguma coisa com essa menina? Ela está sob a minha responsabilidade, pelo amor de Deus! — grunhi, dando uma mordida no pão.

— Engraçado, o modo como você olhava para ela deixava bem claro que a enxerga como tudo, menos como uma *menina*.

Engasguei com o pão. Foi tão feio que, por um momento, pensei que iria morrer com falta de ar. Cissa veio correndo em minha direção e bateu em minhas costas, enquanto eu tentava tossir e puxar oxigênio ao mesmo tempo. Por fim, o pedaço infeliz saiu voando pela minha garganta e parou dentro da pia. Apoiei-me na bancada, tentando respirar com a garganta seca e arranhada pela tosse.

— Beba um pouco de água, anda — Cissa pediu, colocando um copo cheio

na minha frente. Bebi desesperado, quase me afogando por conta da tosse irritante que não passava. Minutos depois, consegui acalmar a minha respiração e senti a mão de Cissa acariciar o meu ombro. — Desculpa, não queria te deixar nervoso.

— Não foi culpa sua — falei com a voz rouca, olhando pela janela da cozinha. O tempo estava feio, ia cair um temporal a qualquer momento e Gabriela estava na rua. *Perfeito*.

— Mas que você olhou para ela com interesse, olhou — Cissa disse e eu fechei os olhos. Tudo o que eu menos precisava, era que Cissa também notasse o meu interesse por Gabriela. — Na verdade, você vem a olhando assim há algum tempo, mas achei que fosse coisa da minha cabeça.

Essa noite poderia ficar pior?

— É coisa da sua cabeça — falei, mas nem eu mesmo acreditava.

— Não é, não — disse ela, encostando-se na bancada de frente para mim. Podia sentir seus olhos sondando os meus, mas não quis olhar para ela. Se olhasse, Cissa descobriria a verdade. — Está gostando dela, não é?

Deus do céu, nunca pensei que eu fosse tão óbvio.

— Talvez.

— Menino, talvez não é resposta — ela riu. — Não há problema em admitir em voz alta. E não há problema algum em gostar dela, sabe disso, não é? Eu acho que a Gabi é uma menina maravilhosa, inteligente, madura, com uma personalidade doce e bem diferente do pai e da mãe também, eu diria, apesar de não ter sido próxima de Cecília para poder dizer com certeza. Acho que vocês dois combinam.

— Cissa, pelo amor de Deus...

— O que foi? É o que eu acho. E sabe o que acho também? Que ela gosta de você. No começo, eu pensei que poderia ser por um dos meninos da fazenda, mas agora tenho certeza que é de você. Precisava ver como ela ficou ao acordar e perceber que você ainda não tinha chegado em casa... Tentou fingir, mas vi que ficou magoada e que sentiu a sua falta. O que aconteceu para você ter se afastado dela?

Fiquei mal por saber que Gabriela havia ficado magoada, mas eu já sabia que isso poderia acontecer.

— Quis mostrar a ela que nada poderia acontecer entre nós dois.

— Por que? Ela se declarou para você?

— Mais ou menos. — Não queria falar sobre o beijo, aquilo era particular e dizia respeito apenas a mim e a ela.

— E você foi grosso com a menina?

— Não fui grosso, só fui direto.

Cissa soltou um suspiro e balançou a cabeça com certo desgosto.

— Agora eu entendi o porquê de você ter trazido a cantora para passar o dia na fazenda ontem... Ramon, você poderia ter agido como um adulto!

— O quê? Acha que agi como criança?

— Acho que agiu de forma imprudente e impulsiva. Não precisava esfregar na cara da menina que estava com outra pessoa, pelo amor de Deus! E ainda passou a noite fora. Não sei se caiu nos braços da cantora ou não, mas se esse foi o recado que tentou passar, Gabriela entendeu muito bem. Agora não adianta ficar com raiva pela menina ter feito o que você queria desde o começo.

— O que eu queria? Acha que eu queria que ela fosse pra farra usando aquele pedaço de pano como saia? — grunhi, mas Cissa sequer piscou.

— Acho que você queria que ela entendesse que você seguiu em frente, então, ela resolveu fazer o mesmo. Só resta saber se você vai se conformar e deixar que ela encontre outra pessoa, ou se vai lutar por ela e a manter ao seu lado. Eu acho que você deveria seguir a segunda opção — disse ela, afastando-se. — E limpe a minha cozinha antes de sair!

Cissa saiu pela porta da cozinha, certamente para ir para casa, e eu continuei apoiado na bancada da pia, sem entender o que havia acabado de acontecer. Era impressão minha ou ela queria que eu *ficasse* com Gabriela? Não era possível que todo mundo tinha enlouquecido e eu era o único que ainda estava são naquela fazenda! Depois de limpar a cozinha, caminhei decidido a ir para o meu quarto. Se Gabriela queria cair na farra e nos braços de outro homem, eu não podia fazer nada!

"Você pode sim e sabe disso", disse a voz inconveniente no meu cérebro. Com raiva, acabei desviando o caminho e fui parar na sala. Liguei a TV e cruzei os braços, sentindo minha perna tremer. Estava inquieto, só conseguia pensar no que Gabriela estava fazendo. Será que ela sabia que não podia dar bobeira com o copo? Porra, será que ela ia *beber*? E se ficasse bêbada? E se lhe dessem um "boa noite, Cinderela"?

Sem conseguir ficar sentado, levantei-me no mesmo momento que um trovão iluminou o céu. Era só o que me faltava, a chuva iria cair e ela estava lá fora, suscetível a voltar no carro de um cara bêbado, que poderia se meter em um acidente! Só de pensar nessa possibilidade, senti meu coração disparar. Antes que eu pudesse raciocinar sobre o que estava fazendo, subi os

degraus de dois em dois, invadi meu quarto e troquei a blusa e o short por uma camiseta de manga e uma calça jeans, calcei minhas botas mesmo, pois não estava com paciência para procurar outro calçado e peguei as chaves do carro.

Iria trazer Gabriela para casa e seria agora!



“Chega de mentiras
De negar o meu desejo
Eu te quero mais que tudo
Eu preciso do seu beijo”

Evidências – Chitãozinho e Xororó

GABRIELA

Nunca, em toda a minha vida, eu tinha ido a um lugar tão abarrotado de gente. Em São Paulo, saí uma única vez com algumas amigas para uma festa de um menino popular do terceiro ano do Ensino Médio. A festa acontecia na casa dele, no terraço e pensei que aquela era a maior loucura que eu já havia encarado. Não podia estar mais enganada.

O bar dos Calouros era exatamente como Luna havia descrito para mim, pequeno, com um balcão gigante onde as pessoas pediam as bebidas, uma mesa de sinuca em um canto, um palco se concentrava ao fundo e não havia lugar para sentar sem ser os sofás que ficavam de encontro às paredes — esses já estavam cheios de gente assim que chegamos. Se quiséssemos pegar uma das mesinhas altas que ficavam dentro do bar, era preciso que chegássemos antes mesmo de o local abrir. Como chegamos duas horas depois da abertura, só havia lugar na calçada que, por sorte, era bem larga e tinha cobertura.

Pessoas entravam e saíam, me empurravam, dançavam e as vozes dos cantores de sertanejo só soavam do lado de fora, porque caixas

amplificadoras ficavam penduradas nas paredes perto da porta. Na mesinha — que Luan havia conseguido com o seu amigo que trabalhava ali —, não tinha mais espaço para colocar copos, mas isso não me preocupava, pois segurava o meu como se ele fosse meu bote de salva-vidas. Morria de medo de me doparem. Um trovão clareou o céu e quase engasguei com o gole que dei na minha Fiu-Fiu de Cajazinha[3], que já estava ficando quente. Ao meu lado, ouvi Luna falar alto:

— Está gostando?

Eu estava gostando? Não sabia dizer, mas achava que sim. Os amigos de Luan eram divertidos, já tinha rido um pouco com eles e a música era gostosa, boa para dançar.

— Sim e você?

— Eu estou amando! E vou amar ainda mais quando o seu Ramon aparecer!

Já estávamos ali há mais de uma hora. Era bem óbvio para mim que o plano de Luna não daria certo.

— Esqueça isso — falei antes de beber mais um pouco. — Ele não vem.

— É *claro* que ele vem! Você não viu o modo como ele te olhou na sala? O homem ficou furioso, cheio de ciúmes, fiquei até com medo de sair fumaça pelas narinas dele!

Não queria, mas um sorrisinho idiota se abriu em meus lábios ao me lembrar de como Ramon ficou quando eu disse que iria sair. Ao ouvir o plano de Luna, fiquei bem cética de que ele poderia demonstrar alguma coisa. Não queria admitir, mas vi nos conselhos de Luna uma forma de sanar, de uma vez por todas, as dúvidas que sentia em relação a Ramon. Ver a sua reação, a forma como olhou para o meu corpo, como ficou contrariado quando eu disse que iria sair independentemente da sua opinião, fez com que meu coração bobo resgatasse a esperança que havia perdido na noite anterior.

Contudo, agora, depois estar há mais de uma hora na festa e Ramon não ter dado qualquer sinal de que viria atrás de mim, comecei a perceber que era inútil nutrir qualquer tipo de esperança. Ao longe, vi Luan voltar com mais dois drinques, um para mim e outro para Luna. Eu sentia que ele me olhava com certa esperança desde o momento em que entrei em seu carro, mas estava fazendo de tudo para não alimentar seus sentimentos. Ia me sentir muito mal se o usasse para tentar esquecer o Ramon.

— Desocuparam a mesa de sinuca, meninas! Querem jogar? — Luan perguntou olhando para mim.

Antes que eu pudesse responder, Luna passou na minha frente e falou bem alto:

— Eu quero! Vamos lá, quero ver você me vencer, peão!

Se Luan ficou frustrado, não demonstrou. O jeito espalhafatoso de Luna nem deixava brechas para que ele não se divertisse.

— Quero ver *você* me vencer — Luan disse se afastando e puxando Luna pela mão.

Olhando para mim, Luna disse para que apenas eu ouvisse:

— Você fica aqui e espera pelo seu Ramon!

Eu achava que era boba por nutrir esperanças, mas estava tendo quase certeza de que Luna era pior do que eu.

Mais um trovão iluminou o céu e o pessoal gritou ao mesmo tempo, pedindo mais uma música para a banda. Eles começaram a cantar uma canção da Marília Mendonça e o pessoal cantou tão alto, que quase não consegui escutar os meus próprios pensamentos. Tomei um susto quando senti uma mão envolver a minha cintura.

— Quer dançar?

Virei-me e encarei Mateus, o cara alto e forte que havia beijado a minha mão quando cheguei ao lado de Luan e Luna. Ele estudava na cidade vizinha, mas havia morado em Santo Elias até a adolescência e estudado com Luan no Ensino Médio. Era bonito, tinha olhos escuros, o rosto livre de barba e um sorriso simpático, mas não havia mexido comigo. Na verdade, nenhum cara havia mexido comigo e mesmo ali, naquela festa, bebendo e ouvindo música, não conseguia tirar Ramon da minha cabeça. Talvez eu pudesse usar aquele convite como uma oportunidade para encarar os fatos e entender, de uma vez por todas, que Ramon não viria e que o plano de Luna havia fracassado.

Acabei dizendo sim e Mateus me puxou para um lado mais afastado do pessoal, onde ainda conseguíamos ouvir a música, mas que nos deixava longe da aglomeração. Com a mão em minha cintura nua, Mateus colou o corpo no meu e passou o nariz de leve pelo meu pescoço. Fiquei esperando pelo arrepio intenso que tomou conta do meu corpo quando Ramon fez o mesmo, no dia em que montamos Bruma, mas nada aconteceu, nem um choquezinho, nem um calor, *nada.* Frustrada, colei mais o meu corpo no de Mateus e comecei a perceber que a música de Marília Mendonça, cantada pelos meninos da banda, descrevia perfeitamente o momento que eu estava vivendo.

Quem eu quero, não me quer
Quem me quer, não vou querer
Ninguém vai sofrer sozinho
Todo mundo vai sofrer[4]

— Você é linda, sabia? — Mateus disse em meu ouvido. — Não consegui tirar meus olhos de você a noite toda. Nem eu e nem os outros caras, na verdade. Mas parece que tirei a sorte grande de poder dançar com a garota mais gata da noite.

Hum... *Obrigada?*

Sem saber o que dizer, apenas sorri para ele e senti sua mão apertar a minha cintura e a outra subir pelas minhas costas, até se entranhar de leve em meu cabelo perto da nuca. Senti meu coração ficar apertado no peito e um bolo se formar em minha garganta. Droga, ele ia me beijar.

— Eu acho melhor não — falei, colocando minha mão em seu ombro.

Como usava o chapéu que Ramon havia me dado, não percebi que estava começando a chover, até os pingos mais fortes baterem em minha mão em cima do ombro de Mateus. Ele pareceu não se importar com a chuva e sorriu, se aproximando um pouco mais de mim.

— Poxa, gatinha, não faz isso, fiquei te querendo a noite toda... — falou, quase tocando o nariz no meu. Deixei meu copo cair no chão e o empurrei mais forte pelos ombros com as duas mãos, jogando a minha cabeça para trás, mas ele me puxou para mais perto e jogou a cabeça para frente. — Vem cá, vem...

— Eu disse não.

— É só um beijinho...

— Eu falei que não!

O empurrei mais forte e, por um momento, fiquei atordoada ao ver que tinha conseguido o tirar de cima de mim, mas, então, notei que não havia sido eu. Tinha sido outra pessoa. Um cara. Quando o punho do homem se chocou com o queixo de Mateus, eu reconheci exatamente quem era. *Ramon*.

— Ela disse que não queria, qual foi a parte do “não” que você não entendeu, seu moleque filho da puta? — Ramon gritou e partiu para cima de Mateus de novo, que cambaleou com a mão na frente do rosto.

Não demorou meio segundo para que as pessoas notassem a briga e se aproximassem, mesmo assim, quando Mateus pensou em retribuir o soco, Ramon foi mais ágil e acertou um bem em cheio em seu nariz. O sangue

jorrou e nem a chuva, que havia começado a cair pra valer, conseguiu limpar o rastro.

— Ramon, já chega! — pedi parando na sua frente quando dois caras o seguraram por trás. Ele me olhou com o maxilar trincado e se debateu.

— Me solta! Me solta, porra, não vou mais encostar no moleque! — Ele gritou e os rapazes o soltaram, mas outros dois continuaram a segurar o Mateus. — Onde estão os seguranças dessa espelunca para tomar conta das mulheres? Não é possível que ninguém se preocupe com a porra do assédio! — Gritou, mas ninguém ousou falar nada, até a música parou. Ramon estava tão nervoso, que seu rosto havia se transformado em uma carranca. Mesmo assim, era o homem mais bonito que eu já tinha visto. Virando-se para mim, ele pegou a minha mão. — Vamos embora agora! E você, se pensar em chegar perto dela de novo, não vou quebrar apenas o seu nariz! — Gritou na cara de Mateus, antes de se afastar e me levar junto.

Nem ousei reclamar, fui atrás dele quase correndo, enquanto a chuva torrencial me encharcava. Pelo canto do olho, vi Luna e Luan se aproximando, mas Ramon não parou para olhar para nenhum deles. Ao longe, pude ouvir Luan pedindo perdão para mim e Ramon, xingando logo em seguida, e Luna erguendo o polegar com um sorrisão no rosto, mas não tive tempo de responder nenhum dos dois. Ramon não parou de andar nem por um segundo e deu a volta no bar, parando no campo de trás, que era usado como estacionamento. Havia muitos carros ali, mas o dele se destacava ao fundo, forte e imponente como o dono.

— Ramon...

— Não quero conversar, Gabriela.

— Espera aí, eu estou sem fôlego — pedi e ele parou assim que chegou ao carro, apertando o botão que destravava as portas.

O campo era mal iluminado, mas a luz forte das lanternas do carro me deixou fitar Ramon. Ele estava tão molhado quanto eu, mas a sua expressão carregada o deixava mais feroz, tão lindo como nunca vi.

— Por que o Luan e a Luna te deixaram sozinha? — ele perguntou se aproximando de mim. — Por quê?

— Porque eu não preciso de babá, Ramon, pelo amor de Deus!

Ele soltou uma risada e balançou a cabeça.

— Não era o que parecia com aquele merdinha em cima de você, forçando um beijo! Se eu não tivesse chegado, o que teria acontecido?

— Eu o teria tirado de cima de mim!

— Não, você não teria! Ele iria te beijar à força, Gabriela! Por isso que eu não queria que você viesse!

— Só por isso? Qual é o seu problema, Ramon, acha mesmo que sou tão incapaz que sequer sei me cuidar em uma festa?

Ele cerrou o maxilar e falou entredentes:

— Acho que você deveria ter ficado na fazenda, comigo!

— Com você? Pelo amor de Deus, Ramon! Se não percebeu, da mesma forma que você tem o direito de sair, eu também tenho! Ontem você foi se divertir, hoje foi a minha vez!

Ele se aproximou a passos largos e eu precisei andar para trás para que não trombasse em mim. Acabei esbarrando em seu carro e seus braços me cercaram, uma mão de cada lado do meu corpo, apoiadas na lataria.

— Acha mesmo que me diverti ontem? — perguntou com os olhos semicerrados e o rosto quase colado ao meu.

— Tenho certeza. Não só ontem, como hoje também, o dia inteirinho — falei com raiva, finalmente podendo colocar meus ciúmes para fora.

Ramon colou mais o corpo no meu e o calor que emanava dele me fez ficar arrepiada, contrastando com a chuva gelada que caía sobre nós dois.

— Sabe o que fiz ontem à noite, Gabriela?

— Sei.

— Sabe? Então me diz. O que eu fiz ontem à noite?

Ele queria mesmo que eu falasse? Jesus Cristo, queria dar um soco nele agora mesmo.

— Responda! O que eu fiz ontem à noite, Gabriela? — perguntou colando o nariz no meu.

Meu coração ficou disparado, mas não foi da mesma forma de quando Mateus se aproximou de mim. Dessa vez, não era medo que eu sentia, era desejo. Respirei fundo e meus seios rasparam no peitoral de Ramon. Só naquele momento me dei conta de como meu corpo estava sensível, meus mamilos estavam inchados e eu tremia, mas não tinha nada a ver com o frio.

— Transou com ela — respondi com convicção, apesar da voz trêmula.

Ramon balançou lentamente a cabeça de um lado para o outro, arrastando o nariz no meu e despertando todo o meu sistema nervoso. Eu mal conseguia respirar agora, tentando entender se ele estava negando à minha afirmação ou apenas me provocando.

— Não — sussurrou e eu engoli em seco, abrindo a boca para puxar o ar. Seus olhos desceram para os meus lábios e, mesmo com a chuva, senti minha

garganta ficar seca. — Eu sequer encostei nela. Sabe por quê?

— Por quê?

— Porque eu não conseguia pensar em outra pessoa que não fosse você. Estou louco... Completamente louco por você, menina.

Ele disse tudo isso de uma vez só, bem na minha cara e sequer me deu tempo de parar para pensar. Em um segundo eu estava ouvindo a sua voz e, no outro, o mundo desapareceu completamente, porque Ramon enfiou a língua dentro da minha boca e me beijou.

Meu corpo reconheceu o seu automaticamente e eu me entreguei tão fácil quanto puxava o ar para respirar. O puxei para mim pela gola da camisa e agarrei seu pescoço, correspondendo o beijo, sentindo sua língua na minha, seu sabor, a textura dos seus lábios que pareciam me engolir. Não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo, mas estava.

Finalmente, *finalmente, Jesus Cristo,* aquele homem estava me beijando, me engolindo inteira!

Cada parte dentro de mim pareceu se fragmentar e se juntar em uma coisa só, tudo se correspondia, se interligava, meu coração, meu cérebro, minhas mãos, meus seios que estavam mais inchados e minha vagina que deixava a minha calcinha encharcada.

Ramon me pressionou mais contra o carro e fiquei doida quando senti sua ereção enorme pressionar a minha barriga. Sem pensar, desci minhas mãos pelas suas costas e as enfiei dentro da sua camisa, enquanto sentia seus lábios descerem pelo meu pescoço. Joguei a cabeça para trás, soltando um gemido que nem parecia ser meu e tomei um impulso quando senti seus braços envolverem a minha cintura. Agarrei seu quadril com as pernas e ouvi de longe o barulho da porta do carro se abrindo. Só me dei conta de que estava sentada no banco traseiro quando Ramon se inclinou para cima de mim e voltou a beijar a minha boca.

O chapéu voou da minha cabeça quando voltei a agarrar seu pescoço e abri as minhas pernas para que ele se acomodasse melhor entre elas. Ramon tinha metade do corpo inclinado para dentro do carro e metade para fora, os pés no chão de terra, mas o tronco em cima do meu. Gemi entre os seus lábios quando senti suas mãos me puxarem para mais perto pela cintura e sua ereção se esfregar no centro das minhas coxas, bem onde eu latejava.

— Meu Deus... — murmurei cruzando minhas pernas em sua cintura. Ramon gemeu baixinho, rouco, mordendo meu lábio inferior e olhando em meus olhos.

— Não vou conseguir parar... — sussurrou como se falasse para si mesmo.

Um tanto desesperada, com medo de que ele simplesmente acordasse do transe e se desse conta da loucura que estávamos fazendo, tomei seu rosto em minhas mãos e passei meus lábios entre os dele, pedindo baixinho:

— Não quero que você pare.

— Porra, Gabriela...

Ele veio com tudo para cima de mim, empurrou-me até o final do banco traseiro e se deitou sobre o meu corpo, voltando a me beijar enquanto terminava de enrolar a saia jeans em minha cintura. Seu peito quase esmagou o meu, mas não era a falta de ar que me deixava doida, era o seu pau duro se esfregando bem em cima do meu clitóris. Gemi alto em sua boca quando se esfregou uma, duas, três vezes seguidas entre as minhas pernas, enquanto subia a minha blusa e enfiava os dedos dentro do meu sutiã.

— Ramon... Ai, Jesus...

Eu nem sabia o que estava falando, só gemia e puxava o ar pela boca quando ele escorregava os lábios pelo meu pescoço. Fiz de tudo para acompanhar os seus movimentos lá embaixo, mas o espaço era limitado e Ramon tomava conta de todos os meus sentidos. Era como se ele reconhecesse o que eu precisava sem que eu sequer abrisse a boca para pedir. Com dois dedos, apertou meu mamilo, enquanto voltava a me beijar e esfregava a ereção dura coberta pelo jeans em minha vagina, que pulsava com força. Enfiei minhas mãos por dentro da sua blusa, arranhei suas costas e senti que eu estava enlouquecendo, tão perto de chegar ao orgasmo que quase conseguia sentir o mundo desabar.

— Não para — pedi, levando uma mão até o seu quadril. Ramon tirou os dedos do meu seio e passou as duas mãos pelo meu cabelo, apoiando-se no banco de couro do carro com os cotovelos. Estava escuro, mas, mesmo assim, consegui olhar em seus olhos e ele diminuiu a velocidade dos quadris, sarrando bem devagar em meu clitóris, me fazendo estremecer. — Ramon... — choraminguei, ficando desesperada.

Não tive forças para continuar o cercando com as pernas e as abri, deixando mais espaço para que ele se movimentasse. Mesmo assim, Ramon se esfregou devagar, seu pau duro, bem marcado pelo jeans, subindo e descendo lentamente pela minha boceta, tocando meu clitóris e me deixando doida.

— É gostoso assim? — perguntou entre os meus lábios, escorregando tão lentamente que cada parte do meu corpo vibrava.

— Muito...

Parei de falar quando ele desceu os lábios pelo meu maxilar e mordeu meu queixo, soltando um gemido. Sua língua me deixou doida e seus dentes se fecharam na pele fina do meu pescoço.

— Não imagina há quanto tempo venho sonhando em te pegar desse jeito — falou rouco, subindo novamente até alcançar a minha boca. — Não me olha assim... — pediu ao me encarar e eu precisei arranjar forças para poder dizer algo coerente.

— Assim como?

— Como se quisesse gozar.

Ai, meu pai amado. Um pulsar quase doloroso se apossou da parte baixa do meu corpo e Ramon sarrou o pau duro com delicadeza em meu clitóris, me fazendo enlouquecer.

— Mas eu quero — gemi e ele parou de repente, olhando-me com o dobro da intensidade que me olhava normalmente.

— Quer o quê?

— Gozar — pedi sem constrangimento algum, tamanho o meu desespero. — Quero gozar com você beijando a minha boca.

Surpresa brilhou em seus olhos e ele sorriu, esfregando os lábios nos meus.

— Só com beijo na boca?

— Não — sussurrei, sentindo sua língua contornar os meus lábios. — Com o seu pau se esfregando em mim também.

— Caralho, Gabriela!

Seu grunhido sumiu no interior da minha boca quando ele voltou a me beijar com intensidade e carinho. O nosso primeiro beijo havia sido desejo puro, mas esse era diferente. Era mais especial. Ramon voltou a se esfregar em mim, mais rápido dessa vez, mas o seu beijo calmo e intenso me fazia sentir tudo de dois modos. Era como se estivéssemos fazendo amor por cima da roupa.

Outro trovão iluminou o céu e dentro do carro, senti o nosso próprio mundo ficar imerso em um clarão quando, de repente, o orgasmo me pegou em uma onda eletrizante. Cada pelinho do meu corpo ficou arrepiado enquanto sentia sua ereção tocar o meu clitóris por cima da calcinha, enviando um monte de mensagem desconexa para o meu corpo. Minha boceta pulsava, meu coração batia forte e um gemido saiu do fundo da minha garganta, sendo engolido por Ramon, que respirou mais forte, se pressionou mais contra mim e enterrou fundo os quadris no meio das minhas pernas,

gozando enquanto me beijava.

Ele desacelerou aos poucos, tanto os quadris quanto sua língua em minha boca, até restar apenas os movimentos cálidos dos seus lábios contra os meus. Eu estava trêmula, cada parte do meu corpo estava sensível e, lentamente, fui me dando conta dos elementos externos. A chuva ainda caía, as lanternas do carro ainda estavam acesas e metade das pernas de Ramon estavam do lado de fora, pegando chuva. Nada disso parecia o incomodar, no entanto. Com cuidado, ele se afastou um pouco e me olhou, passando os dedos pelo meu rosto até o polegar roçar em meus lábios.

— Fiquei louco com a possibilidade de alguém beijar você — confidenciou e meu coração fez festa no peito.

— Foi por isso que veio atrás de mim?

— Também.

— Também?

— Vim porque morri de preocupação, pensei em um monte de coisa, não queria que ficasse sozinha, longe de mim... Não queria que acabasse ficando com outro cara... Sei que não tenho nenhum direito de sentir tudo isso, mas senti. Ainda sinto.

Fiquei surpresa e senti meu coração pular feito louco no peito, mas não deixei que ele percebesse.

— Pelo menos agora você sabe o que senti ontem e hoje também — falei sem conseguir esconder o ressentimento em minha voz.

— Fui um idiota, mas não transei com ela. Eu juro que sequer a beijei — disse e olhei em seus olhos, buscando a confirmação. — Jamais mentiria para você sobre isso, Gabriela.

Sabia que era verdade, pois Ramon era solteiro, poderia ficar com quem quisesse e sabia que era íntegro, não tinha motivo para mentir sobre aquilo. Abri a boca para responder, mas o barulho da buzina de um carro soou bem perto dali, estourando a nossa bolha e deixando bem claro o risco que estávamos correndo. Beijando-me uma última vez, Ramon se levantou, saiu do carro e olhou em volta, em seguida, estendeu a mão para que eu me levantasse. A chuva agora era apenas uma garoa fina e eu corri para ocupar o lugar do passageiro, enquanto via Ramon dar a volta para ocupar o lugar do motorista.

Ele ligou o carro e nos tirou dali, pegando a estrada que nos levaria para a fazenda. Quando sua mão roçou em meu joelho e subiu até descansar em minha coxa, senti meu corpo ser coberto pelo desejo, mas também por uma

calma que jamais havia sentido. Com um sorriso, aproximei-me de seu ombro e me deitei ali, pensando que, se aquilo fosse um sonho, eu jamais iria querer acordar.



“Não há nada mais doce do que o meu amor
Nem ao menos quis o fruto da cerejeira
Porque o meu amor é tão doce quanto pode ser”

Work Song – Hozier

RAMON

Estacionei em frente ao casarão da fazenda, mergulhando no silêncio ao desligar o motor do carro. Por um momento, quis apenas ficar ali, sentindo a cabeça de Gabriela pesando sobre o meu ombro e olhando para o seu rosto pelo espelho retrovisor. Em algum momento ela havia pegado no sono, enquanto eu me sentia elétrico, com a mente dando voltas e repetindo tudo o que havia acontecido entre nós dois na última hora.

Toquei de leve em seu rosto e tirei alguns fios de cabelo grudados em sua testa. Nós dois estávamos encharcados e sabia que o melhor a fazer naquele momento, era tirar logo aquelas roupas molhadas e vestir algo seco. A simples menção de *tirar as roupas* me deixou quase doido, mas fiz de tudo para espantar o desejo.

— Gabi? Chegamos — falei baixinho, a acordando. Poderia levá-la em meu colo, lógico, mas não sabia se teria controle para caminhar até o quarto dela, quando tudo o que eu queria era levá-la para o meu quarto, para a minha cama.

Ela abriu os olhos lentamente e demorou alguns segundos para focar em

meu rosto. Quando me viu, sorriu e se afastou apenas um pouco, descendo os olhos para a minha boca. Foi difícil me segurar para não me inclinar e beijar os seus lábios inchados de novo, mas lutei com tudo de mim, pois sentia que, se começasse, não ia querer sair daquele carro e já tinha batido a minha cota de gozar nas calças naquela noite.

— Vamos entrar, você precisa vestir logo uma roupa seca, ou vai ficar doente — falei, tocando rapidamente em sua bochecha, mas antes que eu pudesse sair do carro, Gabriela se livrou do cinto de segurança e subiu em meu colo, pegando meu rosto nas mãos e beijando a minha boca.

Sequer tive tempo de ter outra reação que não fosse segurar sua bunda com as mãos e enroscar minha língua na dela, sentindo meu coração disparar no peito. Puta merda, eu estava muito fodido. Já sabia disso antes, mas não tinha noção do quanto até sentir o gosto daquela boca e ficar viciado. Meu sangue correu rápido nas veias e meu pau despertou dentro da calça, como se soubesse que se eu apenas abaixasse o zíper, ele poderia pular para fora e se enfiar no meio das pernas de Gabriela.

Precisei expulsar o pensamento da cabeça, pois me sentia à beira de perder o resquício de controle que ainda me mantinha são e mordi aquela boca que me deixava doido, enfiando minha mão por debaixo da saia jeans molhada e tocando a bunda durinha. A calcinha pequena mal cobria as nádegas e senti minhas palmas das mãos comicharem, doido pra dar uns tapas naquela menina que vinha me fazendo perder a cabeça.

— Hum... Ramon... — Gemeu baixinho, esfregando-se em mim sem delicadeza.

— Porra... — O palavrão saiu por entre os meus dentes cerrados, pois precisei apertar o maxilar quando senti a língua de Gabriela percorrer o meu pescoço.

Caralho, o que estava acontecendo com ela? Decidi parar de me perguntar quando seus lábios sugaram a minha pele com força suficiente para me deixar uma marca. Senti a cabeça da minha piroca pulsar contra o fecho da calça jeans, onde Gabriela fazia questão de se esfregar.

— Chega! — Ordenei com a voz rouca, puxando seu cabelo perto da nuca para fazer com que se afastasse. Precisava de um minuto, ou iria fazer com que fosse para o banco de trás de novo e, dessa vez, eu não iria apenas sarrar meu pau em sua boceta por cima das roupas. — Gabriela, você vai me deixar doido.

Ela me deu um olhar lânguido, quase bêbado, mas eu sabia que estava bem

sóbria. Um sorriso sorrateiro se abriu em sua boca e ela rebolou sobre o meu colo, mordendo o lábio inferior com cara de safada. *Puta merda*. Pensei que iria infartar.

— Gabriela... — murmurei em tom de aviso, mas ela começou a se movimentar para frente e para trás em meu colo, fazendo com que meu pau ficasse mais duro, mais grosso, latejando contra a calça jeans.

Merda, queria comer aquela garota. Queria tanto, que sentia minhas coxas tremerem.

— Me faz gozar de novo — ela pediu, aproximando o rosto e passando os lábios pelos meus. — Faz, Ramon...

Mandei meu controle tomar no cu. Que se fodesse tudo! Pela segunda vez naquela noite, segui apenas os meus instintos e puxei a boca de Gabriela para mim, a beijando de língua enquanto levava minha mão para frente dos nossos corpos. Ela ficou parada, como se soubesse que eu estava comandando a partir daquele momento e escorreguei minha mão aberta pela sua coxa nua, subindo até enrolar sua saia na cintura e ter livre acesso a sua calcinha.

Seu gemido ecoou em minha boca quando enfiei minha mão no meio das suas pernas e toquei em sua boceta por cima da *lingerie*. Meu dedo médio se encaixou bem no meio da vagina e fiquei louco ao sentir como o tecido delicado estava molhado e não tinha nada a ver com a chuva. Gabriela estremeceu e arranhou meus ombros por cima da camisa quando cheguei a calcinha de lado e finalmente a toquei.

Meu dedo escorregou de tão melada que ela estava. A lubrificação encharcava os grandes e pequenos lábios e o cheiro inundou todo o carro, invadiu os meus sentidos e quase me fez gozar sem que eu nem precisasse me tocar. Com delicadeza, deixei só a pontinha do dedo médio ir para cima e para baixo no meio da rachinha, chegando à sua abertura que piscava e o clitóris que pulsava. Minha boca se encheu d’água. Porra, nunca quis tanto enfiar a minha língua em uma boceta.

— Que gostosa, Gabi... Tudo isso é para mim? — perguntei entre os seus lábios e ela me olhou quase sem conseguir abrir as pálpebras. Assentiu lentamente, segurando firme em meu ombro. — Está tão molhadinha... Sabe o que eu quero fazer? — Ela parecia estar sem força para falar, porque só balançou a cabeça dizendo que não. Passei minha língua pelos seus lábios e pressionei sua entrada com a pontinha do dedo, sentindo como era apertada. — Quero enfiar minha cara no meio das suas pernas e chupar a sua bocetinha.

Seu rosto se contorceu de prazer, quase como se conseguisse sentir minha língua entre as suas pernas e um gemido entrecortado escapou do fundo da sua garganta.

— Meu Deus, Ramon...

— Alguém já fez isso? — perguntei, mantendo seu rosto rente ao meu pelo cabelo. Não puxava forte e nem machucava, só a mantinha bem ali, onde eu queria. — Alguém já beijou você aqui embaixo?

— Não — respondeu em um sussurro.

— Alguém já tocou você assim? — perguntei, rodeando seu clitóris com delicadeza. Ela estava tão melada, que era difícil manter meu dedo em um lugar só.

— Nunca. Eu nunca fiz nada disso com ninguém... Nunca, Ramon.

Deus do céu, meu coração só faltou explodir no peito. Aquele era seu jeito de me falar que era virgem, coisa que já desconfiava, mas que fazia de tudo para não pensar. Antes, qualquer pensamento envolvendo sexo e Gabriela me aterrorizava, mas agora... Agora tudo havia mudado. Olhei bem fundo em seus olhos semiabertos e toquei em seu clitóris com mais pressão, vendo seu corpo se contorcer sobre o meu.

— Ninguém nunca te tocou assim, porque você estava esperando por mim, Gabriela — falei baixinho, mas bem firme. Senti quando ela perdeu a respiração, ficando ofegante. — Você foi feita para mim... Só para mim.

Não deixei que falasse mais nada, simplesmente fechei sua boca na minha e a beijei, sentindo a pressão da sua língua e o pulsar do seu clitóris durinho contra o meu dedo. Daria tudo para poder fazer amor com ela ali, para poder reafirmar o sentimento que me dominava, que parecia me engolir por inteiro, mas uma parte ainda racional do meu cérebro me fez ter cautela. Ainda não era o momento, não podia simplesmente partir para cima de Gabriela com a fome que eu estava, ou não conseguiria mais pensar com clareza.

Decidi que a faria enlouquecer daquela forma, com o meu beijo e as minhas carícias em sua bocetinha. Ela era delicada, pequena, por isso, tomei cuidado ao aumentar a pressão e deixar que meu dedo rodeasse o nervo pulsante. Quando ela começou a movimentar os quadris, abri minha mão toda contra sua vagina e toquei os pequenos lábios melados, sentindo seu clitóris raspar em minha palma áspera. Porra, ela estava ensopada, me deixando louco. Meu pau doía dentro da calça e meu corpo não estava mais molhado por conta da chuva e, sim, por conta do suor.

Escorreguei meus lábios para o seu pescoço e Gabriela jogou a cabeça para

trás, empinando os seios em minha direção. Queria arrancar a blusa do seu corpo e chupar seus mamilos, mas me contive e mordi seu pescoço, descendo até afundar a língua em seu decote. O gosto da sua pele me deixou maluco.

— Ramon... Eu vou gozar... — Ela avisou com a voz entrecortada e eu voltei a acariciar seu clitóris, louco para penetrá-la com o dedo, com a língua, com meu pau que sofria apertado contra o jeans.

— Que linda... — sussurrei contra a sua pele, olhando para o seu rosto. — Goza bem gostoso pra mim, Gabi... Assim... Porra!

A puxei de novo para um beijo e ela estremeceu, gozando contra o meu dedo, empurrando contra minha mão, me deixando ainda mais louco por ela e pela intensidade com a qual se entregava para mim. Era como se Gabriela soubesse que poderia pular de qualquer altura, porque eu iria pegá-la. E ela pulou sem receio, gemendo e gozando, parando apenas quando não aguentava mais o meu toque na boceta sensível.

Seu corpo caiu contra o meu e ela se entregou ao cansaço, como se tivesse lutado uma batalha ferrenha. Até sua língua parou de se movimentar contra a minha e eu fiquei ali por mais alguns minutos, escorregando meus lábios contra sua bochecha, seu queixo, ouvindo a sua respiração ofegante e sentindo o modo como o seu corpo estremecia levemente. Quando saiu do torpor e me olhou, não consegui aguentar mais. Tirei minha mão do meio das suas pernas e passei a língua pelo meu dedo médio, o mesmo que havia a masturbado. Ela abriu a boca em choque, seus olhos se arregalaram e eu gemi baixinho ao sentir o seu gosto.

— Deliciosa — murmurei e sorri ao ver suas bochechas ficarem vermelhas. Puxando seu rosto para mim, gargalhei baixinho. — Está com vergonha? — Ela assentiu e eu quase não acreditei. Ela havia me pedido para fazê-la gozar duas vezes naquela noite. Como era possível que estivesse com vergonha agora? Balançando a cabeça, beijei seus lábios e deixei que sentisse seu gosto contra minha língua, antes de me afastar. — Não quero que sinta vergonha de mim, entendeu? Nunca.

— É que eu não esperava que você fosse... Hum, você sabe — ela deu de ombros em meio a uma risada nervosa.

— Que eu fosse lamber o dedo que estava dentro da sua calcinha? Estava louco para fazer isso, mas queria provar depois que fizesse você gozar.

— Ramon! — Ela exclamou e eu ri, abrindo a porta do carro. Senti que iria sair do meu colo, mas fui mais rápido e a segurei pela cintura, fazendo com que se grudasse em mim. Suas pernas enlaçaram meus quadris e suas mãos

agarraram meu pescoço. — Eu ainda consigo andar, apesar das pernas bambas.

Fechei a porta do carro com o pé e apertei o botão para trancar, enquanto começava a caminhar para dentro de casa.

— Quero ser cavalheiro.

— Depois de me falar aquele monte de baixaria?

Olhei para ela um pouco chocado e ela riu, prendendo-me com mais força entre as pernas.

— Você me falou baixarias primeiro, mocinha.

— É mesmo? Não me lembro.

— Pode ter certeza de que vou fazer com que você se lembre em breve.

Entrei em casa com Gabriela em meu colo e não pude deixar de rir ao pensar que estava me sentindo como um adolescente, todo molhado pela chuva, com a cueca toda melada de porra e de pau ainda duro depois de ter dado uns amassos com a garota pela qual eu estava apaixonado. Estava encharcando o chão e Cissa ia comer meu fígado ao ver o rastro de lama que havia deixado para trás. Não sabia qual tinha sido a última vez que me senti assim.

— Por que está rindo? — Gabriela perguntou quando chegamos ao corredor do segundo andar. Apesar de não entender sobre o que eu estava achando graça, ela me olhava com um sorriso.

— Estou pensando que Cissa vai me matar ao ver o estado do chão.

Ela olhou para trás, parecendo se dar conta só naquele momento da sujeira que havíamos feito. Sua boca se abriu, como se estivesse sem palavras e suas bochechas ficaram vermelhas.

— Ela vai *nos* matar — disse, tampando a boca ao começar a rir. Como ela conseguia ficar cada vez mais adorável aos meus olhos? Não era normal uma coisa dessas.

— Eu acoberto você — falei, parando na porta do seu quarto. — Entre, tome um banho quente e troque de roupa. Não quero que fique resfriada.

— Só se você prometer que vai dormir comigo hoje à noite.

Porra.

— Gabriela...

— Só dormir — repetiu. Sua boca ficou bem perto da minha e eu fiquei louco para beijá-la. — Por favor, Ramon... Não me deixe sozinha hoje à noite — pediu em um sussurro e a minha defesa, que já estava em baixa, foi completamente destruída.

Sem falar nada, a coloquei de pé e reprimi um gemido quando seu corpo desceu roçando em minha ereção. Gabriela sorria, como se soubesse que tinha me vencido e eu nem fiz questão de que pensasse o contrário. Esfregando meu nariz no dela, falei baixinho:

— Está bem, eu volto daqui a pouco.

Ela sorriu ainda mais, excitada e feliz.

— Tá bom.

Nem eu e nem ela fez qualquer movimento para sair dali. Continuei com ela em meus braços, sentindo seus dedos acariciarem meu cabelo perto da nuca e o calor do seu corpo no meu. Vi o momento em que ela fechou os olhos e suspirou e não consegui me conter mais, abaixei-me um pouco e a beijei, sentindo novamente a textura dos seus lábios, o modo como a sua língua dançava em sincronia com a minha, meu coração batendo forte no peito. Nunca havia sentido algo como aquilo, aquela emoção que parecia me cegar, a necessidade de mais, que parecia me consumir.

Gabriela gemeu baixinho entre os meus lábios e esfregou o corpo no meu, roçando o fecho da saia jeans em minha ereção. Aquilo serviu não só para despertar ainda mais o meu desejo, como para me fazer acordar. Ainda estávamos molhados pela chuva e ela ainda corria o risco de ficar doente. Mesmo sem querer, precisei diminuir o ritmo do beijo e deixar seu lábio inferior escapar da minha boca.

— Entre e vá tomar um banho — pedi sem deixar que ela escapasse de mim. Gabriela riu, pois sabia que, para ir, eu tinha que me afastar, mas eu não saía do lugar.

— Você vai voltar, não é?

— Vou. — Por fim, dei um último beijo nela e me afastei. A falta do seu calor me fez estremecer. — Entra.

Soprando-me um beijo, Gabriela entrou e fechou a porta. Eu ainda fiquei alguns segundos ali, tentando recuperar o fôlego e colocar a minha cabeça no lugar, mas desisti dessa última parte. Havia perdido a cabeça quando entrei na sala de espera daquele hospital e coloquei meus olhos sobre Gabriela, só havia demorado para perceber isso.

Em meu quarto, tirei a roupa molhada e entrei no chuveiro. Por alguns minutos, só fiquei sentindo a água bater nos meus músculos tensos, tentando relaxar, mas não consegui. Ao fechar os olhos, foi apenas em Gabriela que pensei, no modo como se contorceu sobre o meu colo, como se esfregou contra os meus dedos e me implorou para gozar. Sem conseguir me segurar,

comecei a tocar uma punheta com força, bem rápido, sentindo que minhas bolas poderiam explodir depois de o meu pau ter sido negligenciado enquanto masturbava Gabriela no carro. Nem precisei fazer muito esforço, as lembranças do que fizemos, seu gosto ainda em minha boca, seu cheiro impregnado em meu cérebro, foram o suficiente para que eu começasse a sentir o líquido pré-ejaculatório inundar minha mão, antes de começar a gozar.

Estremeci da cabeça aos pés enquanto os jatos se acumulavam no azulejo da parede e precisei me apoiar para não cair. Cada parte do meu corpo parecia pulsar e clamar por aquela menina. Queria que ela estivesse aqui comigo, com o corpo colado ao meu, beijando a minha boca, mas sabia que, se desse esse passo, não ia querer *apenas* ter a sua boca colada na minha. Ia querer tudo.

Jogando a cabeça para trás, deixei que a água me limpasse, com minha mente correndo solta pelas lembranças daquela noite. Em nenhum momento cogitei pegar Gabriela daquele jeito. Apesar de estar cego de ciúmes, fui atrás dela com a intenção de checar se estava bem e a convencer a vir embora comigo, pois não conseguiria dormir sossegado sabendo que ela estava na rua, suscetível a qualquer tipo de perigo. Logicamente, tinha plena consciência de que não poderia agir como um homem das cavernas e a trazer à força — sequer cogitei essa possibilidade horrenda —, mas torcia para que Gabi tivesse bom senso e decidisse me acompanhar para casa.

Chegar no tal bar dos Calouros e ver aquele filho de uma putinha a agarrando daquela forma, jogou qualquer traço do meu bom senso por terra. A raiva que senti foi tão grande, que só enxerguei vermelho e, enquanto socava a cara do infeliz, só conseguia pensar no que poderia ter acontecido se eu não tivesse chegado naquele exato momento. Apesar de o lugar estar lotado, ninguém prestava atenção no que estava acontecendo com Gabriela. Se o babaquinha quisesse a arrastar dali e fazer alguma maldade com ela, teria conseguido.

Só de pensar naquela possibilidade, sentia meu sangue ferver nas veias. Deveria ter batido mais nele, talvez assim, aprendesse a ouvir o não de uma mulher, pois Gabriela estava claramente negando as suas investidas, nem precisei ouvir uma palavra que saía da sua boca, para poder entender isso. Fechei os olhos com força e respirei fundo. Graças a Deus havia tido o impulso de ir atrás dela, mesmo que, depois da briga, eu tivesse agido apenas baseado nesse impulso e não no meu lado racional.

Agora que estava mais calmo, sem a nuvem do tesão atrapalhando as minhas ideias, conseguia pensar com mais clareza no que havia acontecido. Meu coração estava lotado de sentimentos, mas ainda estava chocado com a constatação que parecia estar dando tapas na minha cara. Gabriela *me* queria. Eu não sabia disso apenas pelo fato de ela ter me falado em voz alta, mas pelo modo como me olhava, como havia me tocado, como havia me beijado e implorado por mais. Implorado para que eu a fizesse gozar. Ainda parecia um sonho, mas eu sabia que tinha sido real. Tinha sido real pra caralho! Uma loucura que eu nunca imaginei que seria capaz de cometer.

Como poderia seguir com o meu plano de fingir que não sentia nada por ela depois de tudo isso? Talvez, fosse o momento de encarar a realidade e confessar para mim mesmo que não podia mais ignorar os meus sentimentos, muito menos os de Gabriela. Sabia que havia um mundo entre nós dois, obstáculos que eu mesmo havia colocado em nosso caminho, mas, talvez, pudéssemos passar por cima deles.

A verdade, era que eu não conseguiria mais passar por cima das minhas vontades e me manter afastado de Gabriela. Sentia-me louco, mas não podia mais fugir da realidade, que havia dado um soco na minha cara naquela noite. Queria aquela menina, completamente.



Fui para o quarto de Gabriela logo após o banho e soube, pelo barulho do secador, que ela ainda estava no banheiro. Sentado na beirada da sua cama, aproveitei aqueles minutos a sós para poder observar melhor o cômodo. Apesar de ser apenas um quarto de hóspedes, Gabriela já havia deixado seu toque aqui e ali, com alguns livros em cima da mesa, sapatos organizados perto do closet, seu cheiro que já tomava conta de todo o ambiente. Questionei-me se ela não sentia falta de algo, talvez quisesse uma cor mais bonita nas paredes, almofadas novas para a cama, outro tipo de cortina... Fiz uma nota mental de perguntar isso para ela. Queria que Gabriela sentisse que a minha fazenda era a sua casa, não apenas um lar temporário.

O barulho do secador cessou repentinamente e eu acordei dos meus devaneios no momento em que a porta do banheiro se abriu. Gabriela parou de repente ao me ver e eu senti o ar deixar os meus pulmões ao observar

como estava vestida. Claro que ela chamava aquilo de pijama, mas estava mais perto de ser um objeto de tortura contra mim. A blusa fina do baby-doll deixava os seus mamilos bem marcados e o short curto mal chegava no começo das coxas. Minha garganta ficou seca enquanto descia meus olhos pelo seu corpo, dessa vez sem pudor algum, sem precisar disfarçar. Como podia ser tão bonita? Tão gostosa?

— Não sabia que já estava aqui. Por que não me chamou? Eu teria sido mais rápida no banheiro — disse ela, aproximando-se de mim.

— Não queria te apressar. — Minha voz saiu rouca pelo desejo, mas pigarreei para tentar voltar ao normal. — Vem cá.

Estiquei a mão e ela fechou a nossa distância, entrelaçando os dedos nos meus e se acomodando em meu colo. Precisei usar toda a minha força de vontade para avisar ao meu pau que ele *não estava* sendo convidado para participar naquele momento. Coloquei os cabelos dela para trás e dei um beijo carinhoso em seu ombro, sentindo seu cheiro delicioso me envolver.

— Como está se sentindo? — Perguntei.

No fundo, estava preocupado. E se eu tivesse ido longe demais? Gabriela parecia estar envolvida, seu corpo havia deixado isso claro, mas poderia muito bem ter agido apenas porque estava com tesão.

— Estou muito bem e você?

Seus dedos começaram a acariciar o meu cabelo perto da nuca e eu relaxei ao encontrar a verdade em seus olhos. Gabriela me olhava com um sorrisinho encantado e não pude deixar de notar como ela parecia jovem naquele momento, com o rosto livre de maquiagem e o cabelo solto. Foi inútil tentar afastar o gosto amargo que surgiu na minha boca ao pensar em sua idade.

Dezenove anos mais nova do que eu. Praticamente uma vida inteira.

— O que foi? — perguntou ela ao receber o meu silêncio como resposta. O sorriso desapareceu dos seus lábios e seu corpo ficou tenso. — Está arrependido?

— Não. — Realmente não estava, mas isso não afastava o peso que havia acabado de se instaurar na minha consciência. Soltando um suspiro, peguei o seu rosto em minhas mãos e olhei em seus olhos. — Eu só fico preocupado. Há um mundo de diferença entre nós, Gabi.

Com certo desespero no olhar, Gabriela se levantou, apenas para poder sentar novamente em meu colo, dessa vez de frente para mim. Com suas pernas encaixadas ao meu redor e aquele short que mais parecia uma calcinha enrolado em sua virilha, ficava difícil continuar a manter a minha linha de

raciocínio, mas me esforcei para continuar a pensar com clareza. Já havia agido como um adolescente cheio de hormônios duas vezes naquela noite, era hora de voltar a pensar como o homem adulto que eu era.

— Eu não me importo — ela disse, passando os dedos pela barba aparada em meu maxilar. — Não me importo se você é mais velho, se não tinha uma boa relação com o meu pai... Nada disso me impediu de nutrir sentimentos por você, Ramon. Não vou deixar que me impeça de ficar com você.

Porra.

Havia conhecido poucas pessoas que eram tão decididas quanto Gabriela. Eu sabia que ela tinha uma personalidade forte e não tinha medo de expor as suas opiniões, mas agora, era diferente. Ela estava falando de *sentimentos*. Sentimentos por mim. Quando poderia imaginar que ela, justamente *ela*, poderia gostar de mim daquela forma? E que eu iria corresponder aos seus sentimentos? Com o coração acelerado, coloquei uma mecha do seu cabelo atrás da orelha e encarei a sua boca, doido para beijá-la de novo.

— Amanhã eu vou viajar para São Paulo. — Mudei de assunto, porque se começasse a falar sobre o que sentia por ela, tinha certeza de que não a deixaria sair daquele quarto pelos próximos dias. Senti como voltou a ficar tensa.

— Por quê?

— É uma viagem a trabalho, vou amanhã, porque tenho uma reunião bem cedo na segunda-feira. Quando eu voltar, vamos sentar e conversar sobre tudo o que está acontecendo entre nós dois, tudo bem?

Mordendo o lábio inferior, ela assentiu. Pude sentir como ficou nervosa, mas tentou disfarçar.

— Quando você volta?

— Na quarta-feira. Não faça nenhuma loucura enquanto eu estiver fora, nada de sair para festas no centro da cidade, entendeu? — Brinquei abrindo um sorriso para tentar diminuir a tensão que ela sentia. Ela acabou rindo e me abraçou pelo pescoço.

— Só se você prometer que também não vai para festa nenhuma em São Paulo. E nada de cometer loucuras também, é óbvio — falou com aquele nariz empinado e a pontinha de petulância que eu havia aprendido a adorar. — Aqui nós trabalhamos com direitos iguais.

— Estou totalmente de acordo. Nada de loucuras para nós dois — ri e dei um tapinha na lateral da sua bunda. — Vá para a cama, vou apagar a luz.

Depois de me dar um selinho, Gabriela foi se acomodar na cama e eu me

levantei para ir até o interruptor. As cortinas não estavam completamente afastadas e nem me dei ao trabalho de fechá-las, pois as luzes lá de fora deixavam o quarto parcialmente iluminado. Acomodei-me ao lado de Gabi e ela veio logo para perto de mim, quase invadindo o meu travesseiro. Um sorriso brincou em seus lábios e decidi que um beijinho de boa noite não faria mal a nenhum de nós dois.

Claro que fui um idiota ao pensar nisso. Deveria saber que não tinha controle algum sobre mim mesmo quando se tratava de Gabriela. O beijo calmo se tornou mais intenso, as mãos dela invadiram a minha camiseta e as minhas desenharam o seu corpo. Quando ela passou as pernas pela minha cintura e esfregou a bocetinha no início da minha ereção, tive que lutar contra o meu desejo e desacelerei o beijo, deixando seu lábio inferior escapar por entre os meus dentes. Não poderia correr o risco de perder a cabeça naquele momento e fazer amor com ela, sendo que iria viajar na manhã seguinte. Quando fosse fazê-la minha, não deixaria que escapasse das minhas mãos por dias seguidos.

— Eu lembro que você disse que nós iríamos apenas dormir — falei com a voz rouca e ouvi a sua risada.

— Você parece estar bem desperto — disse ela, passando a mão pela minha ereção. Fiquei um pouco chocado pela sua ousadia, assim como me senti no carro, quando ela me pediu para fazê-la gozar *duas vezes*. A danada sempre me pegava de surpresa. Rindo, tirei sua mão dali e beijei a palma.

— E você está quase me enrolando, mas não vai conseguir. Vira para lá.

— Hum, vamos dormir de conchinha? — perguntou já se virando de costas, animada com a ideia.

Ela se aproximou de mim até colar as costas em meu peito e a bunda em minha ereção. *Certo*, talvez não tenha sido uma boa ideia. Discretamente, afastei meu pau duro da sua bunda e passei o braço pela sua cintura, tirando o cabelo da sua nuca com a mão livre para poder dar um beijo ali. Ela estremeceu e ficou alguns minutos sem falar nada.

— Dormiu? — perguntei baixinho, enfiando a mão dentro da sua blusa para acariciar sua barriga. Talvez eu não estivesse jogando limpo, mas era difícil simplesmente não tocar o seu corpo, justamente quando a tinha tão perto de mim, do jeito que vinha desejando há um bom tempo.

— Não. Estava fazendo um pedido a Deus — respondeu, me surpreendendo.

— O que você pediu?

— Pedi para que continuemos assim quando você voltar de São Paulo.

Novamente, fui pego de surpresa, mas dessa vez foi como se tivesse levado um soco no estômago. Era verdade que havia deixado para conversar com ela quando voltasse, mas de uma coisa eu tinha certeza desde já: não poderia decepcionar Gabriela. De jeito algum.



“Não dá pra ocultar
Algo preso quer sair do meu olhar
Atravessar montanhas e te alcançar
Tocar o seu olhar
Te fazer me enxergar e se enxergar em mim”

Aqui – Ana Carolina

RAMON

Foi um sacrifício ter que me desvencilhar do corpo de Gabriela quando meu celular despertou às cinco e meia da manhã. Ela dormia tranquila com a cabeça em meu peito e a perna por cima do meu quadril, a coxa pressionada contra o meu pau, que estava erguido em uma ereção matinal poderosa. Com cuidado, consegui sair da cama sem que ela acordasse e a cobri até os ombros para protegê-la do frio do ar condicionado. Dormindo, Gabriela parecia um anjo, mas só eu sabia como a danada vinha invadindo meu coração e a minha mente. De anjo, não tinha nada.

Escrevi um recado rápido para ela e deixei o papel sobre o travesseiro onde dormi, dando um beijo em sua testa antes de sair. Mal tinha ido embora do seu quarto e já estava louco para voltar.

Saí da fazenda às seis e meia, depois de me despedir de Cissa, que havia acordado mais cedo só para me dar um abraço e fazer a sua lista de recomendações. Achava engraçado seu modo preocupado, quase como se eu

fosse um menino indefeso, mas, no fundo, amava o modo como se importava comigo. Júlio, um dos meus funcionários da fazenda, guiou o carro e passamos na casa de Caio antes de seguirmos viagem. Santo Elias ficava a três horas de Goiânia, onde o jatinho nos esperava no aeroporto.

— Porra, prometi a mim mesmo que não iria cair na farra ontem, mas conheci uma ruivinha no Bar das Onze que me deu trabalho a noite toda — Caio disse assim que se acomodou ao meu lado no carro. Não pude deixar de rir.

— Nossa, bom dia para você também.

— Eu queria estar dormindo, só isso. Por que mesmo a gente precisa sair na madrugada de domingo se a reunião é só na segunda-feira de manhã?

— Porque temos um almoço hoje com Marcos Castilho, esqueceu? Vamos aproveitar a viagem para poder fechar de vez o contrato com o empresário francês.

O compromisso mais importante da viagem era a reunião com os criadores de cavalos, mas quando Marcos me ligou no início da semana para avisar que estaria em São Paulo por conta da reunião, decidi marcar aquele almoço e adiantar o voo em algumas horas.

— Ah, verdade. Nem acredito que o francês parou de chorar para diminuir o preço. Nem parece que o babaca é bilionário.

— Acho que é por isso que é bilionário, pão duro do jeito que é, deve poupar até um mísero centavo — comentei e Caio riu, jogando a cabeça para trás. Pensei que iria dormir, mas ele voltou a erguer a cabeça de repente, olhando-me por trás dos óculos escuros.

— Vem cá, você não tem nada para me contar não?

Imagens da noite de ontem voltaram com força total em minha cabeça, mas franzi o cenho. Não tinha como Caio saber sobre o que havia acontecido entre mim e Gabriela.

— Sobre o quê?

— Sobre você cair na porrada com um universitário. Santo Elias só falava sobre isso ontem à noite e a fofoca chegou ao Bar das Onze.

Revirei os olhos, perdendo parte do meu bom-humor. Porra, às vezes eu simplesmente odiava morar em uma cidade pequena e ser conhecido por todo mundo.

— O filho da puta estava assediando a Gabriela — comentei contrariado, sentindo vontade de dar mais uns murros na cara dele.

— Puta merda, então é verdade! A Gabizinha realmente caiu na farra

ontem? Eu ouvi algo sobre você ter batido no cara para defendê-la, mas estava ocupado demais com a ruivinha para poder prestar atenção no falatório — Caio suspirou e fechou a cara. — Diz pra mim que você quebrou a cara do cuzão.

Nem me atentei ao fato de um advogado ter aquele linguajar, porque, para mim, Caio podia xingar o imbecil tanto quanto quisesse.

— Não consegui quebrar a cara toda, mas o nariz eu esfolei com toda a certeza — falei com orgulho. Estava sentindo a dor nas falanges de três dedos por conta do impacto, mas estava valendo a pena. Caio riu e uma sobrancelha arqueada apareceu por cima dos óculos.

— E depois, o que aconteceu?

Dei um sorrisinho misterioso e peguei meu celular, abrindo a minha agenda.

— Nada que você precise ficar sabendo. Vamos repassar o roteiro da viagem.

— O quê? Claro que eu preciso ficar sabendo! Não seja babaca e me conte, Baldez.

Olhei discretamente para frente e arqueei uma sobrancelha, apontando para Júlio. Como se tivesse entendido que eu não queria comentar nada na presença de outra pessoa, principalmente de um funcionário da minha fazenda, Caio assentiu e fez um muxoxo.

— Está bem, vamos logo repassar a merda desse roteiro.

Consegui distrair o curioso do meu melhor amigo e advogado com assuntos sobre trabalho e logo chegamos ao aeroporto. Fomos recebidos pelo piloto da aeronave assim que chegamos à pista reservada para o nosso voo. No começo, achava um desperdício de dinheiro a ideia de comprar um jatinho, mas conforme meus compromissos fora de Santo Elias foram crescendo, percebi que manter a aeronave não era um luxo, mas uma necessidade.

Depois de ajudar a nos acomodar nos assentos e servir um café, a comissária de bordo se afastou e Caio tirou os óculos escuros, esfregando os olhos rapidamente e franzindo o cenho ao me encarar.

— Cara, por um momento eu pensei que estivesse vendo coisa, mas tem um negócio bem aqui.

Ele apontou para o próprio pescoço e demorei meio segundo para entender que estava falando sobre o *meu* pescoço. Sem entender nada, passei a mão pelo lugar mencionado e Caio riu.

— Não acredito...

— O quê?

— Ramon, isso é um chupão? — Perguntou quase afirmando, sentando-se na ponta da poltrona à minha frente para poder olhar melhor. — Caralho, é um chupão! Puta que pariu, você comeu a Gabizinha?

A voz alta de Caio só não ecoou na aeronave porque alguém lá em cima deveria gostar muito de mim. Olhei discretamente ao meu redor, vendo que estávamos sozinhos.

— Se você falar um pouquinho mais alto, acho que vai dar pra ouvir lá em Santo Elias.

Ele gargalhou e bateu nos braços da poltrona.

— Eu não acredito! Baldez, seu filho da mãe!

Abri a boca para responder, mas a comissária de bordo veio checar se estávamos com os cintos afivelados, pois iríamos decolar dali a alguns minutos. Caio foi obrigado a se posicionar direito na poltrona e não me passou despercebido o modo como ele olhou para a aeromoça e a forma como ela retribuiu, mesmo que discretamente. Tinha certeza de que o safado ia sair dali com o número de telefone da mulher no seu celular.

O piloto anunciou que a aeronave estava pronta para a decolagem e quando começamos a taxiar pela pista, peguei meu celular e abri a câmera frontal, olhando para o local que Caio havia apontado. Precisei conter um sorriso ao ver a mancha levemente arroxeada do lado direito do meu pescoço e um arrepio passou pelo meu corpo ao lembrar de tudo o que havia acontecido na noite anterior. Tentando disfarçar, coloquei o aparelho no bolso e voltei a encarar Caio, que me olhava cheio de expectativa.

— Para começo de conversa, eu não “comi” a Gabriela.

— Ah, sim, desculpa! Vocês fizeram *amor*. Realmente, um horror falar esse tipo de coisa sobre a Gabizinha — ele fez uma careta, o que queria dizer que estava falando sério e não sendo irônico. Tentei não rir, mas falhei e ele franziu o cenho. — Porra, Ramon, a Gabi merece respeito, cara! Ela é quase uma irmã para mim.

— É bom ouvir isso, porque se você dissesse que a enxerga de outra forma, ia ter que te jogar dessa aeronave.

Ele fez o sinal da cruz e me olhou com uma sobrancelha arqueada.

— O ciúme te deixa bem cruel. Agora, me diz, você e ela...

— Não, não transamos, nem fizemos amor nem nada disso.

— E esse chupão aí? Ele não estava no seu pescoço antes de sair da minha

casa. Infelizmente, fiquei muito tempo olhando pra essa sua cara feia, então, gravei todos os detalhes.

— Não é necessário transar com uma mulher para ganhar um chupão, Caio. Tem certeza que você é tão pegador quanto diz? — zoei com a cara dele e ele revirou os olhos.

— Claro que sou e eu vou aos finalmentes, diferente de você — disse, olhando-me com interesse redobrado no final. — Então, só deram uns beijos e uns chupões...

— Eu acho que você não precisa de todos os detalhes.

— Não mesmo — falou com os olhos arregalados. — Isso quer dizer que você enxergou que não adianta fingir que não sente nada por ela?

— Sim — confidenciei e Caio jogou as mãos para o alto no exato momento em que o avião decolou.

— Obrigado, Deus, eu sei que o Senhor me sondas, Pai!

Cara, como eu podia não rir daquele babaca? Gargalhei, mesmo sentindo como se uma corda estivesse no meu pescoço por conta do assunto tenso que estávamos prestes a ter.

— Não sabia que você estava incomodando Deus com os meus assuntos.

— Um homem tem que se agarrar a Deus em casos extremos como esse. Só o cara lá em cima ia conseguir abrir essa cabeça dura que você tem.

— Bom, não sei se foi Deus ou se foi o fato de Gabriela ir para uma festa com uma saia que mal cobria a bunda, mas, de qualquer forma, acho que devo agradecer — falei, perdendo um pouco da graça ao me lembrar de como ela estava gostosa com aquela saia. Precisei respirar fundo para não deixar que meu pau se metesse na conversa. — O que importa é que perdi completamente o controle ao vê-la sair de casa daquele jeito. E quando cheguei lá e vi aquele merdinha em cima dela... Bem, perdi a cabeça.

— Aposto que ela gostou e você também — Caio riu. — Você precisava mesmo de um empurrãozinho pra acordar. Estava na hora, Ramon. Na verdade, já tinha passado da hora.

— Enquanto estava com ela, sequer tive tempo de pensar em todos os motivos pelos quais não podemos ficar juntos — confidenciei e Caio soltou um suspiro.

— Isso é porque esses motivos só existem na sua cabeça.

— Caio, não podemos fingir que Gabriela não é dezenove anos mais nova do que eu. Enquanto ela estava nascendo, eu já era maior de idade!

— Realmente, esse é um fato que não temos como esquecer ou mudar, mas

o que importa neste momento, é que *ela* é maior de idade e perfeitamente capaz de escolher com quem quer ficar ou não. E ela escolheu você, meu amigo, assim como *você* a escolheu, mesmo que inconscientemente — disse e apontou para mim. — E se vier meter o seu passado no meio, vou ser obrigado a ir aí chutar as suas bolas, porque esse também é um fato que não podemos mudar. E, convenhamos, o que aconteceu não vai mudar nada entre vocês dois.

— Como não? Eu acho que mudaria tudo.

— Então a Gabizinha não precisa saber. — Ele deu de ombros, como se estivesse falando sobre a mudança do tempo.

— Não vou mentir para ela, Caio.

— Não é mentir, é *omitir*. Pensa, Ramon, Abraão já está com os dois pés na cova, duvido que vai sair daquela cama e, se sair, duvido que terá capacidade mental para falar alguma coisa, então, por parte dele, Gabriela não saberá de nada e da minha parte também não. Cissa mal sabe do que aconteceu, então, só resta você. Vai contar a ela? Porque eu não vou.

Engoli em seco. Em partes, Caio tinha razão. Se Gabriela não soubesse sobre o que havia acontecido, não faria diferença alguma em nossa história, mas, se soubesse... Eu tinha medo do que ela poderia pensar de mim e dos sentimentos que nutria por ela.

— Você não precisa decidir nada agora — Caio disse, despertando a minha atenção. — Uma coisa de cada vez, certo? Acho que, na sua cabeça, a diferença de idade pesa mais do que qualquer outra coisa, então, foque no relacionamento de vocês e depois decida sobre o resto.

Assenti e fiquei alguns segundos em silêncio antes de olhar para Caio.

— Desde quando você se tornou um especialista em conselhos amorosos?

— Desde quando o meu melhor amigo cabeça dura entrou na sala de espera de um hospital e deu de cara com a mulher da sua vida. Você sabe, no fundo, eu sempre fui um cara romântico.

— Você? Romântico? Conta outra!

— Ei, eu tenho uma legião de fãs que pode afirmar que sou extremamente romântico! Gosto de dar uns tapas na bunda e puxar o cabelo enquanto como uma mulher de quatro? Claro que sim, mas também sei meter com carinho — disse com um sorriso, voltando a colocar os óculos escuros e recostando a cabeça na poltrona. — Me acorde quando chegarmos em São Paulo.

Caio caiu no sono em poucos minutos, mas perdi a noção do tempo olhando para sua cara de mauricinho e agradecendo silenciosamente a Deus

por ter me dado um amigo tão louco e extraordinário quanto ele.



GABRIELA

Demorei um pouco para perceber que a noite de ontem não havia sido um sonho louco criado pela minha cabeça quando acordei. Ainda fiquei alguns minutos apenas de olhos fechados, revivendo tudo na memória e só me permiti abrir os olhos quando percebi que, se Ramon havia dormido comigo, era para o seu corpo estar enrolado ao meu e não o edredom. O lado onde ele dormiu estava vazio e o lençol estava frio, mas havia um pedaço de papel em cima do travesseiro. Com os olhos ainda embaçados de sono, tentei ler o que havia escrito.

"Gabi, provavelmente, quando ler esse recado, já estarei em São Paulo.
Não te acordei, porque precisei levantar muito cedo, mas quero que saiba que já estou morrendo de saudades.
Sei que Cissa te passou o número do meu celular, então, não hesite em me mandar uma mensagem.
Amei dormir com você em meus braços e estou ansioso para voltar para casa.
Com amor, Ramon."

Caí com tudo de volta na cama e abracei o travesseiro em que Ramon havia dormido, sentindo seu cheiro contra a fronha de algodão. Meu coração parecia um tambor no peito, fazendo festa em meio a alegria e emoção que eu sentia. Não havia sido um sonho, pelo contrário. Fiquei alguns minutos ali, relendo as palavras de Ramon, antes de me dar conta de que eu podia estar *falando* com ele. Com pressa, peguei meu celular em cima da mesinha de cabeceira e lhe enviei uma mensagem:

"Bom dia, Sr. Baldez. Como foi a viagem?"

Segundo o *WhatsApp*, Ramon havia ficado online há pouco mais de uma

hora, por isso, resolvi ir logo ao banheiro enquanto esperava a sua resposta. Estava terminando de escovar os dentes quando meu celular apitou com uma nova mensagem. Nem preciso dizer que sorri feito uma idiota ao ver o nome dele brilhando na tela.

“Foi ótima, só teria sido melhor se o meu advogado não fosse o Caio.”

Um segundo depois, apareceu que Ramon estava gravando um áudio. Cliquei assim que chegou para mim.

— Gabizinha, o Ramon é um pé no saco. Como você conseguiu se apaixonar por ele? Não acredito que vou ter que aturar esse mala até quarta-feira, socorro!

Minha gargalhada ecoou pelo banheiro e cliquei no ícone do microfone para mandar um áudio.

— Ramon, seja bonzinho com o Caio, por favor.

— O vilão aqui é ele, não sou eu! Vai achando que ele é um bom moço, está muito enganada.

Ouvir a voz bem-humorada de Ramon me deixou cheia de saudade e me peguei sorrindo feito uma boba.

“Acho que vocês dois deveriam se comportar. Amei o seu recado e também já estou morrendo de saudades. Volta logo!”

“Em breve estarei aí com você. Já foi visitar o seu pai?

“Ainda não, acordei agora. Você me deixou cansada.”

“Eu? Eu não fiz nada, me comportei muito bem.”

“Se comportou, sim. Só dentro do carro que me deixou doida.”

Minhas bochechas ficaram quentes e eu caminhei até o closet, esperando a sua resposta. Vi que estava gravando um outro áudio e fiquei curiosa. Será que falaria aquelas safadezas para mim pelo telefone? Assim que a mensagem chegou, cliquei para escutar. Ouvi uma confusão de vozes do outro lado.

— Eu não acredito que vocês estão trocando saliências comigo bem

aqui...* Caio, me devolva o celular AGORA! *Espera, Baldez! Gabizinha...* CAIO EU NÃO ESTOU BRINCANDO! *Gabizinha, eu esperava mais de você, nada de falar putaria, você é quase um anjo, não pode fazer essas coisas... Ai, porra, Ramon, eu já operei esse ombro, esqueceu? Filho da puta, ele me deu um soco, Gabizinha, estou sendo agredi...

O áudio acabou e eu fiquei em dúvida se sentia vergonha ou se começava a rir. Acabei gargalhando de novo e várias mensagens de Ramon começaram a chegar no meu celular.

“Nossa, Caio pegou o celular da minha mão.”
“Juro que ele não leu nada demais. Porra, é muito babaca mesmo.”
“Pode me dizer por que sou amigo dele? Eu não entendo.”
“Merda, desculpa, fiquei até nervoso agora, amor. Vou te ligar mais tarde, tá bom?”

Amor.

Ramon me chamou de amor. Li e reli a mensagem umas dez vezes, só para ter a certeza de que eu não estava maluca, nem que estava acrescentando palavras que não existiam naquela frase tão curtinha. Mas não, estava bem ali, “amor”. Caí sentada na cama, porque minhas pernas ficaram bambas de repente e senti as palmas das minhas mãos suarem. Trêmula, respondi um “tá bom” e enviei um coraçãozinho.

Jesus Cristo. Só consegui cair de costas na cama e encarar o teto.

Ramon havia me chamado de *amor*.

Poxa vida, eu estava muito apaixonada por aquele homem.



Os próximos dias quase se arrastaram e o meu alento era ter as companhias de Cissa e Luna. Ramon e eu trocávamos mensagens pelo celular todas as vezes que ele estava online e falávamos pelo telefone à noite, quando eu já estava na cama. Só de ouvir a sua voz, sentia meu coração ficar mais alegre. Era inacreditável a forma como sentia falta daquele homem e sonhava todas as noites com o seu beijo e o seu toque.

Luna havia passado a me acompanhar ao hospital para visitar o meu pai e

não tinha sido diferente naquela manhã de terça-feira. Eu nem conseguia disfarçar que ficava com menos esperança a cada vez que recebia o boletim do médico sobre o seu estado de saúde e acabava me sentindo melancólica quando fazíamos a viagem de volta para a fazenda. Para a minha sorte, Luna sempre tinha algo extrovertido para dizer e acabava me distraindo.

Ela precisou ir em casa quando chegamos na fazenda e eu fui procurar por Cissa assim que entrei na cozinha, mas encontrei apenas Vera e Cristiane trabalhando. Elas me informaram que Cissa tinha dado um pulinho em casa para pegar o celular, que havia esquecido no carregador. Era bem a cara dela mesmo se esquecer do aparelho, tendo em vista que só o usava nas horas vagas. Cissa preferia muito mais ficar papeando com as meninas do que mexendo no celular e vendo vídeos engraçadinhos no *WhatsApp*. Como sabia que ela iria demorar, saí do casarão e fui direto para o celeiro. Não queria ficar sozinha e sabia muito bem quem poderia me fazer companhia.

Assim que entrei, Trovão olhou em minha direção. Havia alguns dias que não o visitava e estava sentindo saudades o que, eu sabia, pouca gente conseguiria entender. A verdade era que, desde a noite em que tive o pesadelo e parei aqui, na sua frente, senti que tínhamos uma ligação. E a forma como Trovão olhava para mim, como parecia me reconhecer, como ficava calmo em minha presença, só me dava a certeza de que, de certa forma, entendíamos um ao outro. Caminhei rapidamente em sua direção e ele respirou forte assim que parei na sua frente. Seus olhos amendoados me fitaram com atenção e lhe dei o meu melhor sorriso.

— Ei, garotão, como você está? — perguntei baixinho, levantando a minha mão. Com delicadeza, o cavalo encostou o focinho em minha palma aberta e cheirou por um ou dois segundos, antes de a empurrar para cima. Ele queria o meu carinho. — Também senti saudades. Está se comportando direitinho? Respeitando os meninos?

Como Ramon estava viajando, Trovão estava tendo alguns dias de descanso da doma. Só o poderoso Baldez lidava com o cavalo mais irritado e rebelde da fazenda, por isso, os meninos só cuidavam dele dentro da baia. Trovão soltou uma respiração forte, quase resignada e eu ri, acariciando seu focinho até o meio dos olhos. Ele era tão expressivo, que não me surpreenderia se simplesmente começasse a falar. Sua rebeldia era bem clara e ele parecia querer que todo mundo enxergasse que ele faria o que quisesse e que não ia obedecer a ninguém.

— Sei que você odeia receber ordens, mas será que não pode se esforçar

um pouquinho? Nas vezes em que Ramon montou em você, fiquei com medo de que o jogasse de cara no chão — comentei, sentindo coração bater feito louco ao pensar em Ramon. Acabei soltando uma risada nervosa. — Ai, Trovão, se você soubesse o que se passa aqui dentro quando penso no Ramon, iria confundir o meu coração com o galope de uma égua excitada... Se é que isso existe.

Trovão continuou a me olhar enquanto eu ria, como se estivesse tentando me entender. Olhei para o seu corpo todo, os pelos que pareciam brilhar contra a luz que entrava no celeiro.

— Vou pedir para que o Ramon me ensine a te escovar, o que acha? Será que você vai gostar? Espero que sim, não quero perder a minha mão com uma dentada sua ou levar um coice, por favor. Seja bonzinho comigo — pedi, tagarelando sem parar, com certeza enchendo o seu saco.

No fundo, estava nervosa com a conversa que teria com Ramon quando ele voltasse. Mal vinha conseguindo dormir, ansiosa, lembrando em detalhes do que havia acontecido entre nós dois antes de sua viagem. Apesar de vir me tratando com carinho por mensagens e nas vezes que falávamos pelo telefone, ainda sentia medo de que Ramon dissesse que não queria nada comigo.

— E se ele me rejeitar? E se disser que o que aconteceu entre nós dois foi um erro? Estou completamente apaixonada pelo Ramon, Trovão. Não vou conseguir suportar se ele disser que não quer nada comigo — sussurrei com um nó se formando em minha garganta.

Trovão abaixou uma das orelhas e soltou a respiração, levantando um pouco a cabeça. Sem pensar direito, me aproximei dele e passei a mão em seu pescoço, quase o abraçando. Meu coração tremeluziu no peito quando seu focinho se encostou em meu ombro. Era como se ele estivesse retribuindo meu abraço e meus olhos ficaram rasos d’água.

— Eu te amo, Trovão — sussurrei, sentindo necessidade de colocar aquele sentimento para fora. Amava aquele cavalo. Não sabia como era possível, mas amava. — Vou cuidar de você para sempre.

Como se tivesse me respondendo, ele bateu com o casco no chão e mexeu a cabeça. Rindo, afastei-me um pouco dele e sequei a lágrima que escapou do meu olho esquerdo.

— Olha, seu bobo, você me fez chorar! Está feliz, é? — Ri e toquei em seu focinho.

Antes que eu pudesse falar mais alguma coisa, o barulho do meu celular

me chamou a atenção. Ansiosa, peguei o aparelho pensando que era alguma mensagem de Ramon, mas era apenas o calendário do meu celular. Eu tinha mania de colocar lembretes às vezes, como o primeiro e último dia da minha menstruação, compromissos — essa parte estava vazia, já que não estudava mais e não tinha trabalhos ou provas — e datas importantes. Tomei um susto justamente ao me dar conta de que meu celular havia acabado de me lembrar que meu aniversário era amanhã.

— Jesus Cristo... — sussurrei, olhando duas vezes para ter a certeza, mas estava bem claro que amanhã era 16 de março, dia do meu aniversário. — Não acredito...

— No quê?

Luna parou na minha frente e eu virei o celular para que ela pudesse ler. Com o cenho franzido, ela levou alguns minutos, mas logo abriu um sorriso e me olhou cheia de expectativa.

— Não acredito! Meu Deus, por que não me disse que o seu aniversário estava chegando?

— Porque eu esqueci — respondi ainda em choque. — Eu esqueci do meu próprio aniversário. Que tipo de pessoa se esquece de uma coisa como essa?

— Ah, amiga, é que está acontecendo tanta coisa na sua vida ultimamente. É normal que você tenha se esquecido, mas ainda bem que a sua agenda eletrônica, ou seja lá o que for isso aí no seu celular, te lembrou! Ou melhor, *nos* lembrou! — falou daquele jeito animado que eu tanto adorava, mas que não conseguiu me entusiasmar daquela vez. Luna percebeu, pois me olhou de um jeito bem decidido e falou: — Não vamos deixar essa data passar em branco de jeito nenhum, entendeu? Vamos fazer algo bem legal para comemorar.

— Não sei, Luna...

— Mas eu sei. Da última vez que você confiou em mim deu tudo certo, não foi? — falou com um sorrisinho sacana e eu ri, assentindo. — Então pronto, agora, não será diferente.

Ela saiu me arrastando pelo celeiro e eu só tive tempo de soprar um beijo para Trovão, antes de pegar o meu celular e enviar uma mensagem rápida para Ramon.

> *"Amanhã é meu aniversário. Estou tão louca, que tinha até esquecido. Culpa da saudade que estou sentindo de você. Volta logo, por favor."*

Só me restava pedir para que o relógio andasse mais de pressa e que o dia seguinte chegasse logo, não porque estava ansiosa para ficar um ano mais velha, mas porque queria me jogar nos braços de Ramon.



“Se fosse meu aniversário
Estaria abrindo os presentes
Esperando ser você
Porque você sempre me faz sentir melhor”

Birthday – JP Cooper

GABRIELA

Eu não acreditei quando acordei no dia seguinte com uma mensagem de Ramon dizendo que havia acontecido um imprevisto em São Paulo e que só poderia voltar para Santo Elias na quinta-feira. Fiquei por quase cinco minutos olhando a mensagem a sucinta que me enviou, pedindo desculpas e finalizando com um *“feliz aniversário, queria passar esse dia com você, mas infelizmente não será possível”*.

Eu sabia que aquele não seria o melhor aniversário da minha vida. Estava desanimada com fato de estar completando mais um ano longe do meu pai, dessa vez com ele em coma no hospital, mas pensei que pelo menos poderia contar com a presença de Ramon. Estava morrendo de saudades e ele havia me prometido por mensagem, no dia anterior, que chegaria bem cedo para ficar comigo. Senti-me uma boba quando meus olhos se encheram de lágrimas, que logo fiz questão de dispersar.

“Poxa, queria tanto que você estivesse aqui. Promete que volta

mesmo amanhã?”

Enviei a mensagem quando criei coragem para sair da cama e me encarei no espelho de corpo inteiro do banheiro. Estava fazendo vinte anos, mas sentia como se estivesse completando bem mais. Já me sentia mais velha do que a minha a idade de verdade quando morava em São Paulo, mas depois que pisei em Santo Elias, parecia que eu havia amadurecido uns cinco anos em poucas semanas. Lidar com a preocupação pela saúde do meu pai, morar em uma casa que não era minha e me apaixonar por Ramon no meio de tudo isso, havia me mostrado que eu era mais forte do que pensava. Eram emoções fortes demais e que exigiam muito de mim, quase como se me obrigassem a amadurecer antes do tempo para poder lidar com elas.

Esperei pela resposta de Ramon, mas ele não apareceu online e nem visualizou, por isso, guardei o celular no bolso da calça jeans assim que troquei de roupa e saí do quarto, dando de cara com Luna no meio do corredor. Ela deu um pulo de susto e quase deixou cair no chão o bolinho com glacê rosa e uma vela acesa que segurava na mão direita. Senti parte do meu desânimo ir embora e comecei a sorrir.

— Ah, não, você estragou a minha surpresa! Não acredito! Pode voltar para o quarto agora mesmo e fingir que não viu nada.

Nem respondi, simplesmente corri de volta para o meu quarto e fechei a porta, rindo baixinho daquela doida que eu gostava tanto. Duas batidas soaram dentro do quarto e abri a porta, fazendo uma cara de surpresa ao vê-la. Com um sorriso enorme, Luna levantou a mão esquerda para o alto e gritou:

— Feliz aniversário!

Só consegui soltar um gritinho quando Luna se jogou em cima de mim e me abraçou bem forte, fazendo-me pular com ela no meio do quarto. Assim que se afastou, tirou os cabelos da frente do rosto e me estendeu o bolo.

— Esse é o bolinho mágico, minha especialidade em todos os aniversários de família. Como você é minha melhor amiga, fiz um para você. Preciso deixar claro que ele é mágico mesmo e tudo o que você pedir, vai se realizar!

— Ai, fiquei até nervosa! É só fechar os olhos, pedir e assoprar a vela?

— Isso mesmo!

Sabia que tinha direito a um pedido só, mesmo assim, pensei em dois, torcendo com tudo de mim para que se realizassem. Fechando os olhos, entoei mentalmente:

“Que meu pai se recupere e que Ramon volte ainda hoje para comemorar comigo o meu aniversário.”

Assoprei a velinha e Luna a tirou de cima do bolinho, estendendo-o para mim em seguida.

— Agora é só se deliciar!

Dei uma mordida e senti o glacê sujar a ponta do meu nariz. Era de chocolate com recheio de morango e derreteu em minha boca.

— Minha nossa, foi você mesmo que fez? — perguntei com a boca cheia e Luna sorriu orgulhosa.

— Sim! Tenho a mão boa pra doce, não tenho?

— Muito boa, que delícia!

Terminei de comer o bolinho rápido demais e limpei a ponta do nariz e os cantos dos lábios, lambendo os dedos.

— Queria mais.

— Ah, eu fiz massa suficiente para encher umas vinte forminhas, tem um monte de bolinho lá em casa.

— E por que eu só ganhei um?

— Porque para ganhar mais, você vai precisar prometer que hoje teremos um dia de princesas! Eu tenho vários produtos de beleza lá em casa, vou trazer tudo para cá e vamos passar o dia fazendo unha e cabelo! — falou toda animada e, apesar de não compartilhar daquela alegria toda, sorri.

— Vamos fazer tudo isso para ficar em casa?

Ela deu de ombros.

— O que é que tem? O que importa é ficarmos bonitas! Sem contar que o seu Ramon deve chegar daqui a pouco... Imagina o que ele vai fazer quando te encontrar com o cabelo hidratado e brilhando... — ela me deu um sorrisinho safado e eu me joguei na poltrona ali perto.

— Ramon disse que só vai voltar amanhã.

Luna abriu e fechou a boca duas vezes, a expressão safada indo embora.

— Não acredito! Ele não viria embora hoje?

— Pois é, mas parece que aconteceu um imprevisto e ele só vai poder voltar amanhã. Nem acredito, queria tanto que ele chegasse logo, estou cheia de saudade!

Luna se ajoelhou aos meus pés e pegou em minhas mãos.

— Sei disso, amiga, mas hoje ainda é seu aniversário, não vou deixar você ficar assim! Olha, vamos lá no hospital visitar o seu pai, depois vamos voltar, fazer brigadeiro e pipoca, comer os bolinhos que fiz e começar a nossa tarde

de beleza. Juro que não vou deixar o sorriso sair do seu rosto hoje. Não sou o todo poderoso Ramon Baldez, mas sou Luna Amarantes, a melhor amiga de todas!

Nem tive como recusar aquela proposta. Quando Luna me puxou para sair da poltrona, fui com ela e a abracei com força. Pude sentir como ficou surpresa, mas acabou me abraçando também.

— Obrigada, Luna. Nunca tive uma amiga tão especial quanto você. Queria muito ter te conhecido antes, sinto que perdi dezenove anos da minha vida sem ser sua amiga — brinquei, arrancando uma gargalhada dela. Seus olhos brilharam com carinho.

— Não vou deixar você perder nem mais um segundo dessa minha companhia maravilhosa, pode deixar!



Foi mais difícil visitar o meu pai naquele dia. Estava emotiva por conta do meu aniversário e, enquanto segurava sua mão gelada e levemente enrugada, não consegui deixar de pensar em como perdemos inúmeras oportunidades de passarmos aquela data juntos. Meu pai sempre prometia que ia à São Paulo passar meu aniversário comigo, mas, quando chegava o dia, surgia algum problema e ele não conseguia ir. A última vez que esteve ao meu lado nessa data, foi quando fiz quinze anos. Ele me levou para jantar em um restaurante chique, me deu um solitário de diamante e disse que sentia muito orgulho da mulher que eu estava me transformando.

Guardei cada uma das suas palavra em um lugar muito especial dentro do meu peito, porque aquela foi uma das poucas vezes que meu pai pareceu realmente me olhar e me enxergar de verdade, como se percebesse que eu era sua filha, *parte* dele e não mais uma das obrigações que ele tinha que encarar. Não era uma pessoa rancorosa, por isso, não carregava uma mágoa enorme do meu pai, mas, sim, tristeza e incompreensão. Gostaria muito de entender o porquê de ele ter me afastado, sua única filha, a última pessoa viva da sua família.

— Te amo, pai. Volte logo — sussurrei em seu ouvido quando terminou o meu horário de visita. Rosa, a enfermeira, entrou no quarto assim que me afastei da maca e me deu um sorriso.

— Como você está hoje, querida? — perguntou ela.

— Estou bem, Rosa e você?

— Também, só cansada, sabe como é. Não é fácil encarar um plantão e a idade já está cobrando o seu preço.

Rosa tinha cinquenta e cinco anos e era baixinha, com um sorriso fácil. Havia a conhecido há dois dias, quando ela começou a integrar a equipe do médico que cuidava do meu pai.

— Quando vai poder ir para casa?

— Daqui a exatamente uma hora e vinte e três minutos, não que eu esteja contando — riu, aplicando algum remédio no acesso ao soro. — Pode ir tranquila, que vou ficar aqui cuidando muito bem do seu pai.

Não pude deixar de sorrir. Era fácil gostar de Rosa, sua simpatia passava confiança e tranquilidade em meio àquele quarto frio de hospital.

— Obrigada, Rosa.

Ela sorriu e acenou antes que eu abrisse a porta e saísse. Do lado de fora, Luna digitava furiosamente no celular e o guardou assim que me viu, me dando um sorriso.

— Vamos? Estou ansiosa para o nosso dia de princesas. Princesas não, rainhas! O que você acha de eu pintar meu cabelo de lilás? Acho que esse rosa já está bem apagadinho...

Fomos conversando sobre as inúmeras possibilidades de cores para o seu cabelo até chegarmos à fazenda. Cissa nos recebeu com um sorriso enorme e me abraçou com força. Ela já tinha me dado parabéns antes de eu ir para o hospital, mas isso não a impediu de me encher de mimos quando voltei. Disse que estava fazendo um almoço especial para mim e perguntou qual era a minha sobremesa favorita. Até tentei dizer que não precisava se preocupar, mas tentar convencer Cissa a sair da cozinha era tão difícil quanto lidar com Ramon. Ambos eram teimosos, acho que era por isso que se davam tão bem.

Por falar em Ramon, ele não havia respondido à minha mensagem, nem visualizado. Depois de fazer brigadeiro com Luna, peguei o celular e liguei para ele, mas só chamou e caiu na caixa postal. Apesar de estar magoada por ele sequer ter entrado no *WhatsApp* para me responder, comecei a ficar preocupada. E se tivesse acontecido alguma coisa? Mandei mensagem para ele, perguntando por que não me respondia, em seguida, mandei uma mensagem para Caio. Não era possível que os dois estivessem incomunicáveis. Torci para que Caio me respondesse logo e, depois do almoço delicioso que Cissa preparou e a torta de limão que comi até não

aguentar mais, Luna me arrastou para o meu quarto e começamos o nosso dia de beleza.

Colocamos uma música animada para tocar e cantamos alto, enquanto separávamos os produtos na bancada do banheiro. Ela surgiu com uma tinta lilás e até tentou me convencer a pintar o cabelo, mas recusei e fiquei só na hidratação, enquanto a via colorir as pontas dos dela. Não parecia que daria certo aquela mistura de rosa, castanho-claro e lilás, mas ela me garantiu que ficaria perfeito e, apesar de temer por ela, decidi confiar em sua loucura.

Com creme no meu cabelo e tinta no dela, dançamos com a música animada e ri até a minha barriga doer. Não me lembrava da última vez em que tinha me divertido tanto. Na hora de tirar o creme, aproveitei e tomei um banho longo, enquanto Luna se dividia entre digitar no celular e passar um creme de hidratação em frente à pia. Não me incomodava em estar dividindo o banheiro com ela, mesmo assim, tomei um susto quando abriu a porta do box de repente e me olhou sem disfarçar.

— Eu tenho um barbeador novinho aqui, quer raspar a virilha? — perguntou de repente, olhando para minha vagina.

Eu não estava tão peluda assim — havia me depilado toda no sábado, pois sabia que não daria para usar uma saia curta com as pernas cabeludas —, mas já havia crescido desde então. Só não entendi o porquê de ter enfatizado logo a minha virilha.

— Pra quê? Ninguém vai me ver pelada — falei, virando-me de costas para poder me lavar.

— Bom, o seu Ramon chega amanhã, vai que rola alguma coisa entre vocês... — Deixou no ar e eu mordi o lábio, tentando não ficar animada.

— Ramon não está merecendo esse tipo de atenção. Ele não respondeu à minha mensagem até agora, acredita?

— Com certeza ele deve estar ocupado, não deixaria de te responder de propósito — disse ela. — Pegue, se mudar de ideia, é só usar.

Virei-me de lado e pequei o barbeador rosa, com lacre ainda na ponta. Luna voltou a fechar a porta do box e eu olhei para o objeto em minhas mãos, considerando se me depilava ou não. Acabei usando no final e saí do banho sentindo não só meu corpo, mas a minha alma lavada.

Luna entrou logo depois e eu fiquei na cama esperando por ela e encarando meu celular. Nem Caio me respondeu e comecei a ficar preocupada de verdade. Com um frio na barriga, liguei para ele e depois para Ramon, mas, novamente, só tocou e caiu na caixa postal.

— E aí, alguma resposta? — Luna perguntou ao sair do banheiro.

— Nenhuma. Será que aconteceu alguma coisa, Luna? Nem o Caio me responde. Estou ficando preocupada!

Ela mordeu o lábio inferior, como se estivesse indecisa, em seguida, abanou a mão na frente do rosto.

— Que nada, eles com certeza estão em alguma reunião ou algo do tipo. Vou pegar o secador e deixar esse seu cabelo perfeito. Sou ótima na escova!

Ela sumiu dentro do banheiro e eu encarei novamente o celular, enviando uma nova mensagem para Ramon.

"Ramon, estou preocupada! Aconteceu alguma coisa? Atende o telefone!"

— Prontinho, sente-se aqui!

Luna posicionou uma cadeira em frente ao espelho de corpo inteiro que ficava perto do closet e me acomodei, ouvindo logo o barulho do secador. Depois de separar meus cabelos em mechas, ela começou a trabalhar nele e eu tentei relaxar. Luna tinha razão, eles com certeza estavam em alguma reunião, por isso não estavam respondendo e nem atendendo o celular. Consegui me entreter na nossa conversa e acabei tomando um susto quando meu celular vibrou em cima do meu colo. Era Caio, mas ele não estava apenas ligando, estava fazendo uma chamada de vídeo. Luna desligou o secador e eu atendi, posicionando o celular na frente do meu rosto. Caio apareceu na tela e nunca pensei que iria ficar tão feliz em ver o seu sorriso.

— Meu Deus, Caio, vocês queriam me matar de preocupação? Já estava doida achando que tinha acontecido alguma coisa!

Ele riu e acenou, olhando além de mim. Só então me dei conta de que Luna estava ali atrás e enquadrei melhor o celular para que ela aparecesse na filmagem também.

— Gabizinha, feliz aniversário!

— Nada de feliz aniversário! Por que vocês não responderam às minhas mensagens ou atenderam os meus telefonemas? E cadê o Ramon?

— Nossa, Gabizinha, assim você me magoa! Só conseguimos sair da reunião agora. Acredita que dois fazendeiros quiseram fazer reuniões com a gente justo hoje? Como Ramon firmou muitos contatos no encontro dos criadores de cavalos, nem pudemos recusar as reuniões. Ele ainda está lá dentro com um deles e eu vim aqui fora pegar um café.

A imagem não era muito nítida e eu só conseguia enxergar uma espécie de porta de madeira atrás de Caio. Fiquei desanimada. Passava das cinco da tarde, com certeza Ramon não conseguiria chegar em Santo Elias ainda hoje. Sabia que era bobagem ter criado esperança de que ele conseguisse vir, mas não consegui impedir o meu coração iludido.

— Mas vocês voltam amanhã, não é? — perguntei. A imagem ficou retorcida e meio congelada e eu mexi no celular, como se a posição fosse fazer com que o sinal melhorasse. — Caio? Caio, está me ouvindo?

Ouvi Luna suspirar ao meu lado.

— Nossa, o *advogato* fica lindo até nessa imagem ruim da vídeo-chamada. Ele tem cara de quem tem pau grande, né?

O celular quase caiu da minha mão e engasguei com a saliva, enquanto tentava segurar uma risada. Luna riu comigo e deu uns tapinhas nas minhas costas, enquanto eu tossia.

— Meu Deus, Luna! — gritei quando consegui me recuperar e voltei a olhar para o celular quando a voz de Caio saiu entrecortada. A imagem ainda estava congelada e retorcida.

— O que foi? Ele tem mesmo! E lembro muito que você me disse que sentiu as “posses” do seu Ramon — disse ela em meio a uma gargalhada.

— Luna! Ai, Deus! — Eu só esperava que Caio não estivesse nos ouvindo. Mordendo o lábio, falei baixinho e tampei a câmera. — Parece ser grande mesmo. O do Ramon, no caso. Pensando agora, tenho até um pouco de medo de não caber.

Luna balançou a cabeça e colocou o secador em cima da cama, olhando para mim.

— Você precisa ler mais romances, sabia? Olha, eu li um em que uma mulher se envolve com dois irmãos gêmeos que são atores pornôs e ela transa com os dois *ao mesmo tempo*. SS Pleasury[5] o nome.

Minha boca caiu aberta.

— Com os dois ao mesmo tempo?

— Pois é, e eram paus enormes, viu? Sabe qual foi o aprendizado que tirei desse livro?

— Qual?

— Que se Deus fez, amiga, é porque cabe! O do seu Ramon vai caber, com toda a certeza!

— *Hum, moças, eu ainda estou aqui.*

Jesus Cristo!

Foi a primeira vez na vida que vi Luna ficar vermelha de vergonha. Com os olhos arregalados, ela tampou a boca e eu fiz o mesmo, sem saber se ria, se me fingia de morta ou se jogava o celular pela janela. Só consegui tomar coragem para erguer o aparelho quase um minuto depois. Caio estava bem ali, a imagem nítida como água. Sua sobrancelha estava arqueada e ele voltou a olhar além de mim. Certamente encarava Luna, que havia falado que ele tinha cara de quem tinha o... Deus do céu, coitada da minha amiga.

— Nossa, a conexão ainda está péssima, Caio! Acho melhor a gente conversar depois — falei rápido demais, doida pra encerrar a ligação.

— *Pois é, a conexão está tão ruim, que até pensei que estava ouvindo coisas. Algo sobre* advogato *e paus enormes... Que loucura!*

— Tchau, Caio, dá um beijo no Ramon e voltem logo!

Desliguei.

Luna e eu não tivemos coragem de interromper o silêncio pelos próximos cinco minutos. Seu cabelo colorido ainda estava úmido e seu rosto ainda tinha resquícios da vermelhidão. Engolindo em seco, ela foi a primeira falar:

— Não deve ter sido a primeira vez que ele escutou sobre paus grandes na vida.

— Com certeza — a encorajei. Se eu estava envergonhada, imagina ela.

— E eu fiz um elogio. Falei que *ele* tem cara de quem tem pau grande. Com certeza, fiz muito bem ao ego dele. Caio deve estar feliz.

— Sim, claro que sim.

Ela me olhou com o rosto tenso.

— Mas, sobre o apelido... Não é possível que ele nunca tenha sido chamado de *advogato*. Tipo, é tão óbvio! Ele é advogado e é gato, ou seja, é só juntar as duas palavras e formar uma só.

— Tem razão — falei. — Sabe, amanhã ele já vai ter esquecido sobre o assunto.

— Óbvio! Ele é um cara cheio de responsabilidade, imagina que vai lembrar de algo tão bobo quanto a nossa conversa — disse ela balançando a cabeça em uma afirmação.

— Sim! E nem vai comentar sobre isso com Ramon. Sabe, a parte em que eu disse que estava com medo de não caber...

— Amiga, tenho certeza de que o Caio já esqueceu o que a gente falou. Qualquer coisa, a gente fala que foi culpa da interferência. A internet estava péssima, foi ligação cruzada.

— Exato. Ligação cruzada, não vai ter erro!

Olhamos uma para outra e explodimos em uma risada incontrolável segundos depois. Lágrimas quiseram escapar dos meus olhos e senti minhas pernas tremerem de nervoso, mas consegui me controlar depois de alguns minutos.

— Acho que essa foi a tarde mais louca da minha vida! — Declarei, limpando as lágrimas com as pontas dos dedos.

— Eu disse que não ia tirar o sorriso do seu rosto, mas não pensei que seria *assim*! — Falou ela, voltando a pegar o secador. — Vamos terminar logo esse cabelo, pois ainda precisamos pintar as unhas. E eu tenho que te dar o seu presente.

— Não acredito que gastou dinheiro comigo, Luna!

— Não foi nada demais e tenho certeza de que você vai gostar.

— Claro que vou. Ah, depois você precisa me emprestar o livro dos gêmeos.

Soltando um suspiro, Luna voltou a ligar o secador.

— Eu precisava era desses gêmeos aqui para me fazerem esquecer da vergonha que acabei de passar.

Foi impossível não rir dela, mesmo sabendo que eu estava envolvida até o pescoço em meio àquela vergonha toda.



Depois de finalizar o meu cabelo e pintarmos as unhas, Luna decidiu invadir o meu closet e ver que tipo de roupas eu havia trazido para a fazenda. Apesar de já ter preenchido quase metade do espaço com as minhas coisas, a maioria das minhas roupas ainda estavam em malas na casa do meu pai. Não tive ânimo para arrumar nada por lá, a única coisa que fiz foi abrir as malas e decidir o que traria para cá. Como usava mais roupas leves, não tinha trazido nada muito elaborado ou chique, só um vestido ou outro para o caso de ter alguma festa na fazenda de Ramon ou se eu precisasse sair para algum lugar.

Luna passava pelos cabides como se estivesse em uma missão. Fazia careta para algumas peças de roupa, como se elas não servissem para o que ela tinha mente, até parar na arara com os quatro vestidos que eu havia trazido de casa. Seus olhos brilharam quando passou as mãos por um vestido de seda azul, que eu havia comprado no ano passado para ir a um evento com o meu pai

em São Paulo. Foi a primeira vez que ele me convidou para o acompanhar e lembro de ter ficado animada, mesmo sabendo que, provavelmente, o evento seria enfadonho e cheio de gente que eu não conhecia. O vestido batia na altura dos meus joelhos, com uma pequena fenda nas laterais das coxas. Era comportado na frente, com um decote discreto na altura dos seios e um outro mais aberto nas costas, sem exagero, simples, bonito e elegante.

— Meu Deus do céu, é esse!

— É esse o quê?

— É esse vestido que você vai colocar agora! Que coisa linda, preciso te ver dentro dele! — disse, estendendo-me o vestido. Peguei-o de sua mão, mas olhei para ela sem entender muito bem o seu entusiasmo.

— Mas, Luna, quer que eu vista o vestido para ficarmos em casa?

Ela abriu a minha gaveta de *lingerie* e levantou umas três peças, até achar a menor que eu tinha, uma calcinha branca de renda com as tiras finas nas laterais e atrás. Não era, nem de longe, a peça mais confortável que eu tinha em meu guarda-roupa.

— Aqui, precisa usar uma calcinha assim pra não marcar o vestido — disse, colocando a peça na minha mão. — Vai lá, amiga! Acho que você vai ficar um sonho nesse vestido! Preciso ver!

Ainda sem entender o porquê de tanta curiosidade, fui ao banheiro e me troquei. A tira fina da calcinha enfiou-se entre as polpas da minha bunda e quase sumiu, dando-me a sensação de que eu estava pelada e me fazendo entender o porquê de eu praticamente nunca ter usado a *lingerie*. O vestido caiu como uma luva em mim, graças a Deus, porque só havia o usado uma vez e ele tinha custado uma pequena fortuna. Como o tecido era muito delicado, não dava para usar sutiã e a calcinha minúscula fez um bom serviço em fingir que não estava ali. Com o cabelo escovado e vestida daquele jeito, senti-me muito bonita e isso só serviu para me frustrar um pouco mais. Queria que Ramon estivesse ali e me visse daquele jeito. Com certeza conseguiria esquecer, pelo menos enquanto eu estivesse vestida, que eu era uma “menina”.

— Caramba, que espetáculo! Dá uma voltinha, por favor!

Ri de Luna e dei uma voltinha para que ela conseguisse me ver de corpo todo. Ela bateu palmas e soltou um assovio, aproximando-se de mim com a única sandália de salto que eu havia trazido.

— Só falta isso aqui e, claro, um pouco de rímel e blush nessas bochechas.

— Luna...

— Amiga, por favor! Hoje é seu aniversário, você precisa se vestir como uma deusa!

Cansada de tentar entender onde ela queria chegar, sentei-me na beirada da cama e calcei as sandálias, em seguida, deixei que ela fizesse o que quisesse no meu rosto. Luna levou uns vinte minutos para me maquiar e quando me olhei no espelho, fiquei um pouco emocionada. Ela não tinha feito nada mirabolante, mas a sombra levemente dourada e o rímel destacaram os meus olhos, o blush tirou parte do desânimo que havia me acompanhado durante todo o dia e o batom vermelho me deixou parecendo um mulherão.

— Pode falar, eu sou muito foda, não sou? — disse ela toda animada, quase dando pulinhos ao meu lado.

— Muito — concordei, levantando-me para poder me olhar direito no espelho. — Não acredito que estou tão bonita assim para ficar em casa. Sério, que desperdício.

Luna riu e eu me virei para encará-la. Ela me olhava como se soubesse de algo que eu não sabia e saiu correndo para mexer na mochila que havia trazido mais cedo com os produtos que usaríamos no cabelo. Depois de encontrar o que queria, ela se virou para mim e me estendeu uma bolsa pequena de loja com um embrulho bonito, próprio para dar de presente.

— Lembra que eu disse que comprei um presente para você? Vê se você gosta!

— Luna, ainda não acredito que gastou seu dinheiro comigo. Sério, não precisava. Só a sua companhia e o bolinho mágico foram melhores do que qualquer presente, alegrou demais o meu dia — falei enquanto pegava a bolsinha de suas mãos.

— Para de graça e é só uma lembrancinha. Não é nada demais.

Tirei uma caixinha pequena de dentro da bolsa e abri, encontrando um par de brincos delicados lá dentro. Não era diamante nem nada — como se eu me importasse com esse tipo de coisa —, mas era o par de brincos mais lindo e especial que eu já havia ganhado, simplesmente porque eu sabia que Luna havia dedicado parte do seu tempo para comprá-lo para mim. Quase chorei, mas ela se aproximou e passou a mão pelo meu braço.

— Gostou?

— Eu amei! Droga, acho que vou chorar...

— Não! Não pode borrar essa obra-prima que fiz no seu rosto. Vá colocar os brincos.

Foi o que fiz. Os brincos eram pequenos, do estilo que ficavam

penduradinhos e tinham pedras que imitavam brilhantes.

— Agora sim você está pronta!

— Pronta para o quê? — perguntei, apertando o canto dos olhos com delicadeza, pois realmente não queria borrar a maquiagem. Luna me deu um sorrisinho animado.

— Vou te levar a um lugar e nem adianta me perguntar que lugar é esse, porque não vou falar!

— Como assim? Luna, não estou com clima para sair.

Revirando os olhos, ela pegou o celular em cima da minha cama e começou a digitar. Curiosa, aproximei-me para tentar ver com quem ela falava, mas a danada bloqueou a tela na hora e me olhou com expectativa.

— Vamos? Já está tudo pronto!

— Tudo pronto o quê? Luna...

Tomando as minhas mãos, ela me olhou com uma expressão dramática.

— Amiga, você confia em mim?

— Sim, mas...

— Então, esqueça as perguntas e venha comigo. Eu prometo que você não vai se arrepender.

Desisti de tentar arrancar alguma informação dela e simplesmente deixei que me levasse para onde quer que fosse. Depois de pegar o meu celular, desligamos tudo dentro do meu quarto — que estava *ligeiramente* bagunçado — e descemos as escadas. Foi com surpresa que encontrei com Cissa nas portas do casarão. Ela ficou boquiaberta quando me viu e seus olhos brilharam rasos de lágrimas.

— Como você está linda, minha querida... — Abraçou-me com cuidado, quase como se estivesse com medo de que eu me amarrotasse e quando se afastou, passou as pontas dos dedos pelo meu rosto. — Divirta-se.

— Até você sabe para onde eu estou indo, Cissa? Poderia me contar — sorri, mas por dentro estava começando a ficar nervosa com todo aquele mistério. Cissa riu e balançou a cabeça.

— Nenhuma informação vai sair dessa boquinha aqui. Vai com Deus.

Soprando-me um beijo, ela se afastou e Luna me pegou pela mão para que descêssemos as escadas da varanda. Só naquele momento percebi que havia um carro esperando por nós duas, com um dos funcionários da fazenda ao volante.

— Luna, pelo amor de Deus, só me dá uma dica, só uma! — pedi depois que saímos da fazenda e ela riu.

— Não mesmo. Mas não se preocupe, chegaremos daqui a pouco.

Chegaríamos aonde? Meu estômago se retorceu de ansiedade e comecei a pensar em um monte de possibilidades. Diferente de mim, Luna usava um short jeans, All Star rosa e blusa branca. Os cabelos haviam secado naturalmente e ela não usava maquiagem. Isso me deu margem para descartar a possibilidade de que ela fosse ficar comigo, ou seja, ela me deixaria no tal lugar e iria embora. Mas que lugar era esse? Senti minha cabeça dar um nó e resolvi parar de tentar adivinhar, ou ficaria louca.

Como se pudesse sentir minha tensão, Luna começou a puxar assunto e tentei me entreter, mas não consegui. Fiquei o tempo todo observando a paisagem pela janela e me dei conta de que não estávamos indo para a cidade. O motorista pegou um acesso que nos desviou da rodovia principal e entrou em uma estrada livre de carros, com campos abertos de ambos os lados. Não senti medo, pois confiava em Luna de olhos fechados, mas fiquei ainda mais curiosa. Não fazia ideia de onde iríamos parar. Quando o carro entrou em uma rua mais estreita, com chão de terra, senti meu coração disparar.

— Acho que esse é um bom momento para você me garantir que não seremos mortas ou largadas sozinhas na beira da estrada.

Luna riu alto e vi até mesmo o funcionário soltar uma risadinha. Certo, todo mundo estava por dentro da piada, menos eu.

— Deixa de ser boba! Olha, chegamos!

O carro parou em frente a enormes portões de ferro, que se abriram automaticamente. Curiosa, quase colei minha testa no vidro da janela para observar o lado de fora. Passamos pelos portões e fiquei encantada ao perceber que o lugar se misturava à natureza, com o caminho pavimentado com pedras portuguesas, ladeado com luminárias presas em postes finos de cobre e um jardim bem-cuidado, cheio de flores e pequenos arbustos. Por fim, o carro parou em frente à uma casinha aconchegante toda de madeira e vidro. Parecia um chalé, mas em um tamanho maior.

— Minha nossa... — murmurei e me virei para falar com Luna, mas ela já estava abrindo a porta do carro, por isso, fiz o mesmo e saí.

Olhei ao redor para ver se encontrava algum rosto conhecido, mas somente Luna parou ao meu lado, enquanto o carro ia embora.

— Eu tenho certeza que um dos desejos que você fez ao meu bolinho mágico está prestes a se realizar — ela disse baixinho e vi seus olhos brilharem de alegria.

Quando abri a boca para perguntar sobre o que ela estava falando, vi a

porta principal do chalé se abrir e tomei um susto ao ver Caio saindo. Meu coração quase pulou da caixa torácica e comecei a rir que nem uma boba ao começar a me dar conta do que estava acontecendo ali.

— Eu não acredito nisso — murmurei com a garganta meio embargada e Caio me tomou nos braços, me apertando com delicadeza.

— Feliz aniversário, Gabizinha. Sei que sentiu raiva de mim em algum momento desse dia, mas espero que agora você me ame para sempre. Foi difícil pra caralho fazer tudo isso em pouquíssimas horas, mas você merece.

— Meu Deus, você e o Ramon me enganaram! — Falei o óbvio e me virei para encarar Luna, que tinha um sorriso excitado no rosto. — E você estava junto com eles! Sabia esse tempo todo!

— É, talvez eu tenha ajudado de alguma forma e dado algumas ideias... — ela disse e senti vontade apertar aquela cara de pau. Rindo, a abracei rapidamente e me afastei.

— Ainda não acredito nisso, Deus do céu! — Escondi o rosto com as mãos, cheia de vergonha, apesar de saber que não tinha motivos para isso e coberta de ansiedade.

Quando voltei a encarar os dois caras de paus na minha frente, percebi que Caio já estava do lado de Luna e olhava para ela com um sorrisinho na ponta dos lábios. Logo me lembrei da conversa que ele ouviu mais cedo, mas não consegui pensar muito nisso. Estava louca para ver o Ramon. Como se soubesse disso, Caio me olhou e passou um braço pelo ombro de Luna, a puxando para o seu peito. Minha amiga arregalou os olhos, mas não falou nada.

— Vai lá, Gabizinha, tem um fazendeiro chucro morrendo de saudade de você. Eu levo a pequena pra casa.

— Pequena? — Luna precisou levantar o pescoço para encarar Caio. Realmente, ao lado dele, sua cabeça batia abaixo dos ombros largos.

Sorrindo, Caio acenou para mim e se virou com Luna para poderem ir em direção a um carro estacionado mais aos fundos. Pude ouvir a sua voz nitidamente, enquanto se afastava.

— Foi um elogio. E eu também precisava encontrar algo diferente para dizer depois das coisas *enormes* que ouvi hoje mais cedo...

Balancei a cabeça com certa pena de Luna, mas logo esqueci dos dois e me virei para o chalé. Meu coração trepidou no peito, mas respirei fundo e caminhei em direção ao homem pelo qual eu estava perdidamente apaixonada.



“Inacreditável, eu me sinto confortável ao lado seu
É que eu não sabia que a vida me traria o que jamais me deu”

A Canção que Faltava – Isabella Taviani

GABRIELA

Minha mão suava e tremia levemente quando toquei a maçaneta e empurrei a porta pesada, entrando no chalé parcialmente iluminado por pequenos pontos de luzes que vinham do teto. Uma música calma tocava bem baixinho ao fundo e precisei de alguns segundos para olhar atentamente. Queria gravar cada detalhe em minha memória, para reviver sempre que eu quisesse.

Pelo lado de fora eu tinha certa noção de que o chalé era grande, mas, ali dentro, tive certeza. Dei alguns passos para dentro e parei de supetão quando meus olhos se deram conta da linda mesa de jantar no centro da sala, posta para dois. Tinha certeza que, antes, deveria ter sofás e poltronas no cômodo largo, mas a mobília não estava ali naquele momento. A mesa de madeira estava decorada com flores delicadas em um jarro pequeno, taças e talheres. Tão lindo e romântico que pensei estar vivendo um sonho, mas a figura de Ramon aparecendo na minha frente me mostrou que era muito real.

Ele se aproximou devagar, olhando-me lentamente de cima a baixo e eu aproveitei aqueles segundos intermináveis para fazer o mesmo. Ramon nunca esteve tão lindo aos meus olhos. A blusa social azul-escura tinha os três primeiros botões abertos e as mangas enroladas na altura dos cotovelos,

deixando amostra seus braços fortes com veias sobressalentes e a calça jeans de lavagem escura parecia abraçar suas coxas grossas. Diferente das botas que usava normalmente, Ramon calçava um sapato simples, quase social, na cor preta.

O homem estava lindo de morrer e senti minhas pernas ficarem bambas quando acabou com a nossa distância e estendeu a mão em minha direção. Coloquei minha mão gelada em cima da sua palma quente e vi um sorriso se abrir em seus lábios enquanto entrelaçava nossos dedos.

— Surpresa! — Ramon murmurou e parte do meu nervosismo foi embora enquanto uma risadinha excitada escapava do fundo da minha garganta.

Com delicadeza, ele me puxou para mais perto e abraçou a minha cintura com o braço livre. Por conta do salto, eu ficava quase na sua altura e precisei fechar os olhos por um segundo para estabilizar a minha respiração. O cheiro de Ramon me invadia e parecia tomar conta de cada pedacinho dentro de mim.

— Ainda não acredito em tudo isso — respondi ao abrir os olhos e encontrar aquele sorriso tão lindo e que quase nunca aparecia em seus lábios.

— Achou mesmo que eu ia passar essa data longe de você? — perguntou e eu assenti, sentindo meu rosto ficar quente de vergonha.

— Você não respondeu mais às minhas mensagens e o Caio falou sobre as reuniões... — Balancei a cabeça e ri baixinho. — Não sei como não pude perceber! A Luna inventou essa história de dia das meninas e, de repente, me mandou colocar essa roupa e entrar no carro... Só me dei conta do que estava acontecendo quando Caio apareceu na minha frente.

— Os dois me ajudaram muito. Queria fazer uma surpresa para você, tornar esse dia especial — falou, tocando a lateral do meu rosto com as pontas dos dedos. Vi tanto carinho misturado à intensidade do seu olhar, que quase perdi o fôlego. — Espero que eu consiga.

— Já conseguiu. Tudo o que eu queria era ter você ao meu lado hoje e agora estamos aqui, você preparou tudo isso para mim... Não imagina como estou feliz, Ramon.

Foi impossível conter a minha emoção e meus olhos ficaram cheios de lágrimas ao colocar tudo aquilo para fora. Eu não sabia ao certo em que pé estávamos, como nossa relação iria se desenrolar depois da última noite que passamos juntos, mas estar ali, naquele chalé, com toda aquela surpresa preparada por ele, me dava a sensação de que tudo daria certo entre nós dois, não importava os obstáculos que teríamos que enfrentar pelo caminho.

Com cuidado, Ramon tirou algumas mechas de cabelo dos meus ombros e passeou com as costas dos dedos pelo meu pescoço, até tocar a minha nuca. Àquela altura, as lágrimas em meus olhos eram apenas poças rasas, que não deixei que caíssem, e minha respiração era entrecortada e superficial. Senti meu coração voltar a disparar no peito e fechei de leve as minhas pálpebras quando os lábios de Ramon tocaram suavemente os meus. Foi quase como um toque de asas de borboleta, tão delicado, que um arrepio desceu pela minha coluna e se alojou dentro da minha calcinha, deixando meus pelinhos eriçados e despertando meus mamilos. Todo o meu corpo estava sensível e a emoção me inundava de dentro para fora, ao ponto de um gemidinho escapar do fundo da minha garganta quando a língua de Ramon tocou a minha.

Nada se comparava ao beijo dele, agora eu sabia disso e podia afirmar com certeza. Ramon não beijava apenas, ele parecia me engolir, tomar tudo de mim e eu me entreguei sem reservas, colando meu corpo ao dele, puxando-o para mim pelo pescoço, sentindo cada poro em minha pele corresponder às sensações que me dominavam. Queria que Ramon ficasse ali para sempre, que não desgrudasse a boca da minha e me levasse para um quarto, mas quando diminuiu o ritmo da língua em minha boca e se afastou deixando meu lábio inferior escapar por entre os seus dentes, voltei à realidade e me dei conta de que ele havia preparado um roteiro para aquela noite e eu não faria nada para atrapalhar os seus planos.

Sentia-me meio zonza, a cabeça nas nuvens e o corpo arrepiado, por isso, demorei alguns segundos para focar a visão e voltar a encarar aquele rosto bonito, que vinha invadindo meus pensamentos cada vez mais. Um sorriso parecia prestes a nascer na boca dele e ri baixinho ao notar seus lábios vermelhos.

— Está todo manchado de batom — falei, passando meus dedos pelos seus lábios e a barba cerrada, que eu amava sentir arranhando a minha pele.

— Estamos. Mas nada consegue tirar a sua beleza. Você está linda demais. — Ele me fez dar uma voltinha antes de me puxar novamente pela cintura e passar os lábios entre os meus. — Quer ir ao banheiro se ajeitar enquanto eu sirvo o jantar?

— Sim.

Ele me deu mais um beijo casto nos lábios e se afastou, apontando para um corredor ao lado direito.

— Segunda porta — falou.

Passei por ele torcendo para não tropeçar nos saltos, pois sentia minhas

pernas levemente trêmulas. Encontrei o banheiro largo e espaçoso e me encarei no espelho, observando como minhas bochechas estavam vermelhas e não tinha nada a ver com o blush que Luna havia passado. Por falar nela, sentia que o batom vermelho não havia sido uma boa escolha, pois estava toda borrada. Não me importei, muito pelo contrário, acabei rindo enquanto me limpava e aproveitei os minutos a sós para poder enviar uma mensagem rápida para ela, antes de largar meu celular em algum lugar do chalé e fingir que o mundo exterior não existia.

"Por favor, me diga que ainda está viva e não se enterrou no primeiro buraco disponível ao se dar conta que o Caio não ia te deixar em paz sobre a nossa conversa mais cedo."

Fiz tudo o que estava ao meu alcance para tirar a mancha de batom sem demaquilante disponível e esperei mais alguns segundos para que Luna me respondesse. Antes que eu deixasse o banheiro, meu celular vibrou.

"O *advogato* me trouxe para jantar, tem noção disso? Já me belisquei algumas vezes, mas ainda acho que estou sonhando. Agora, o que você está fazendo conversando comigo, estando sozinha com o seu Ramon nessa casa chique? Vai agarrar seu fazendeiro, pelo amor de Deus!"

"Vou agora, precisei vir ao banheiro para retocar o batom..."

"Ai, meu Deus! Depois eu vou querer saber todos os detalhes do que rolou entre vocês!"

"Digo o mesmo sobre você e o Caio! Se vocês ficarem juntos, vamos poder sair em quarteto. Imagina, um encontro de casais?"

"Gabi, o homem está me chamando de pequena. PEQUENA. Acha mesmo que ele me respeita? Estou pensando em enfiar o garfo nos olhos dele."

A risada que me escapou foi alta suficiente para que eu tivesse que tampar a boca com as mãos. Eu só poderia imaginar o que não estaria acontecendo nesse jantar.

"Caio é um amor, seja boazinha. Beijos!"

"Só se for com você, comigo ele está sendo um pé no saco. Beijos e esqueça desse celular, por favor!"

"Já esqueci."

Saí do banheiro e desliguei a internet do meu celular, deixando o aparelho em cima do primeiro móvel que vi antes de voltar à sala. Encontrei Ramon enchendo nossas taças com vinho branco e respirei fundo ao notar um cheiro diferente no ar, algo misturado com baunilha e sândalo. Só então me dei conta de que ele havia acendido pequenas velas aromáticas, que estavam espalhadas em pontos estratégicos na sala. Seus olhos se ergueram quando me aproximei e ele deixou a garrafa de vinho em cima da mesa para poder arrastar a cadeira, indicando com o olhar que eu deveria me sentar.

— Volto em um segundo — sussurrou em meu ouvido, dando um beijo em meu pescoço antes de sair.

Meu corpo parecia estar imerso em inúmeras sensações e eu sentia cada um dos meus sentidos aflorados, como se soubessem que aquela noite estava apenas começando. Ramon voltou segundos depois com dois pratos em mãos, deixando um à minha frente e colocando o outro em frente à cadeira que ocuparia. Encarei o prato branco e bonito e senti minha boca salivar ao ver o macarrão com vieiras e camarões.

— Minha nossa, que cheiro delicioso — comentei, tirando os olhos do prato só para poder olhar para Ramon. Ele me deu um sorriso orgulhoso.

— Esse é um dos poucos pratos que sei fazer. É um linguine na manteiga de limão siciliano com vieiras e camarões grelhados.

Fiquei boquiaberta com aquela informação.

— Espera, foi você quem cozinhou?

— Sim — ele respondeu com aquele sorriso irresistível e cativante.

— Você não sabia nem fazer pipoca naquela vez que vimos filmes juntos. Como assim fez um prato como esse?

Ramon gargalhou e eu ri junto, sem saber ao certo se acreditava ou não.

— Eu falei que esse é *um* dos *poucos* pratos que sei fazer. Pipoca não se inclui no meu seleto grupo de receitas, porque nunca tive que preparar antes.

— Mas precisou preparar um macarrão com vieiras e camarões.

— *Linguine*. É preciso respeitar o tipo de massa que você está prestes a comer — disse ele, colocando o guardanapo sobre o colo. Fiz o mesmo, não porque não soubesse sobre as regras de etiqueta e precisasse imitá-lo, mas porque estava ocupada demais observando o seu sorriso para poder me atentar no que fazer à mesa. — Não sou nenhum *chef*, mas aprendi a apreciar bons pratos conforme fui fazendo viagens para fora do país. Claro que meu sangue é metade espanhol, então, sei fazer alguns pratos da terra do meu pai, mas também aprecio a culinária em geral. Esse prato eu comi quando fui à

Itália pela primeira vez e me apaixonei. Como não queria perturbar Cissa com um monte de receitas, acabei pesquisando e aprendendo a fazer sozinho.

— Nossa, estou me sentindo muito importante por estar prestes a comer algo feito pelo poderoso Ramon Baldez — brinquei e ele sorriu, olhando-me com certa expectativa. Era a primeira vez que via Ramon quase ansioso, como se estivesse esperando muito por aquele momento.

— Espero que goste.

Juntei uma porção no meu garfo com o auxílio de uma colher e fiz questão de pegar as vieiras e o camarão também. Foi como se uma explosão de sabores tomasse conta da minha boca e acho que cheguei a gemer enquanto mastigava. Nunca tinha comido algo tão delicioso. A massa estava no ponto perfeito e o limão trazia um toque de frescor, que combinava perfeitamente com os frutos do mar. Só percebi que estava de olhos fechados, quando os abri de repente, depois de engolir.

— E então? — Ramon perguntou, girando o vinho delicadamente dentro da taça. Seu sorriso denunciava que ele já sabia perfeitamente qual seria a minha resposta.

— É muito bom. Nossa, é muito, muito bom — falei, pegando mais um pouco. — Não vai comer?

Ele tomou um gole do vinho e se acomodou melhor sobre a cadeira antes de pegar os talheres.

— Te ver comendo é um espetáculo que precisa ser apreciado. Não queria que nada me atrapalhasse.

Um arrepio intenso se alojou em minha espinha e precisei tomar um gole de vinho para ver se a sensação diminuía. Sem tirar os olhos de cima de mim, Ramon sorriu para amenizar o comentário cheio de duplo sentido e começou a comer. Uma expressão de prazer tomou conta do seu rosto e me lembrei do momento exato em que gozou no meio das minhas pernas dentro do carro. Não tinha a mesma intensidade que aquele momento, mas era tão excitante quanto. Por sorte, o vinho estava geladinho e tomei um bom gole, tentando acalmar um pouco as minhas emoções antes de voltar a comer.

Acho que Ramon percebeu que estava um pouco nervosa, pois logo emendou em uma conversa, perguntando como foram os meus dias enquanto ele esteve fora. Parte de mim queria pular tudo aquilo e conversar logo sobre a nossa situação, mas a outra parte não queria estragar o momento. Queria viver aquele sonho por mais um tempo antes de encarar a realidade. Limpei o meu prato e só não pedi por mais, porque Ramon disse que tinha sobremesa.

Até tentei me levantar para ajudá-lo a levar os pratos, mas ele não deixou e voltou minutos depois com duas taças de sorvete de frutas vermelhas. Um sorriso culpado nasceu em seu rosto.

— Bom, essa parte não fui eu que fiz, mas juro que esse é o melhor sorvete da região.

— Deixa de ser bobo, você já fez muito por mim, não só hoje, mas todos os dias desde que me conheceu.

O sorriso sumiu aos poucos dos seus lábios e apenas o seu olhar intenso me cobriu, fazendo com que meu coração disparasse. Tomei um pouco do sorvete e não desviei o olhar.

— Quero fazer muito mais, Gabi. Você nem imagina.

Ramon me pegou de surpresa ao se levantar e pegar um tablet em cima de um aparador que ficava atrás da mesa. Ele mexeu em algumas funções na tela e as luzes diminuíram até que o brilho das velas fosse o suficiente para iluminar a sala, em seguida, aumentou o som. Mordi o lábio em expectativa e precisei passar minhas mãos levemente molhadas de suor no tecido do vestido, antes de pegar a mão que ele estendeu para mim quando fechou a nossa distância.

— Dança comigo?

Tentei encontrar a minha voz para responder, mas senti medo de que saísse toda esganiçada, por isso, apenas me levantei fui com ele para o centro da sala, onde o chão de madeira quase brilhava por conta das luzes das velas. Ramon me puxou delicadamente pela cintura e colou o corpo quente e enorme contra o meu, me fazendo ofegar baixinho ao sentir o cheiro do seu perfume tão delicioso. Tudo naquele homem parecia me alcançar de um jeito diferente. Seu sorriso, seu jeito meio bruto e fechado, sua intensidade, seu cheiro, seu calor, seu toque... Era como se Ramon me envolvesse lentamente em sua teia e eu não tinha vontade alguma de me libertar, pelo contrário, queria ficar presa a ele para sempre.

Sua respiração bateu contra o meu rosto quando me tocou lentamente com o nariz, subindo e descendo pela minha pele, fazendo com que meus pelinhos se eriçassem e eu apertasse seu ombro com mais força do que o necessário. Pude sentir o seu sorriso, como se soubesse o que fazia comigo e podia apostar que ele gostava. Perguntei-me se eu fazia o mesmo com ele, nem que fosse só um pouquinho e fiquei ligeiramente chocada quando começou a cantar baixinho em meu ouvido, acompanhando a música, respondendo à minha pergunta silenciosa.

Eu não sabia mais sonhar
Eu preferia só ficar, sozinho nessa estrada
Eu esquecia quem sou eu
Eu refletia como o breu, antes da sua chegada

Você me trouxe o porquê
Me fez sorrir por merecer
Me deu seu horizonte e a ponte pra acessar
O brilho desse sol em mim e a coisa toda de ruim
Se foi

Meus olhos se encheram de lágrimas e, dessa vez, não consegui contê-las. Eu poderia estar ficando louca, quase delirando ou sonhando demais, mas sentia como se Ramon estivesse se declarando... Se declarando para mim. Seu nariz alcançou o meu pescoço e eu suspirei colando meu corpo ainda mais ao dele, querendo que sentisse como meu coração batia tão rápido quanto as asas de um beija-flor.

— Ramon... — O chamei, mas nem sabia o porquê.

Ele rodopiou lentamente pela sala, levando-me junto pela cintura, conduzindo-me e me deixando ainda mais apaixonada, enquanto voltava a cantar baixinho em meu ouvido com a voz rouca.

Ah se eu pudesse descobrir de onde vem o seu poder
Onde mora o seu mistério, o seu remédio
Prescrito pra me absorver do mundo que ficou
Pra trás

Inacreditável, eu me sinto confortável ao lado seu
É que eu não sabia que a vida me traria o que jamais me deu[6]

Ele continuou cantando o refrão, dançando comigo pela sala, passando a mão lentamente pelas minhas costas até a cintura, sem parar de me acariciar com o nariz em momento algum. Àquela altura, minhas bochechas já estavam molhadas e eu nem sabia como conseguia me manter de pé, já que meus joelhos estavam fracos e as pernas bambeavam. Era Ramon que me segurava com o seu poder, a sua voz, suas carícias, o modo firme e delicado como me tocava. A música terminou e recomeçou, mas Ramon não cantou mais, deixou que a cantora fizesse seu trabalho enquanto se afastava um pouco e

pegava meu rosto com uma mão. Com carinho, secou as minhas lágrimas e olhou em meus olhos. Fiquei completamente presa em suas irises cor de mel, que brilhavam com o reflexo das velas.

— Venho lutando desde o momento em que entrei na sala de espera daquele hospital contra os sentimentos que vêm crescendo em meu peito, Gabriela. Você não imagina o mundo de obstáculos que há entre nós dois, o tanto de motivo que tenho para não olhar para você, mas não consigo mais... Perdi a guerra antes mesmo de ter tido a chance de vencer a primeira batalha, que era simplesmente não sentir nada por você. Mas eu sinto, menina, eu sinto tudo — falou baixinho com aquela voz rouca e intensa que eu tanto amava. Meu peito subia e descia enquanto eu lutava para buscar o ar e Ramon passou o polegar pelos meus lábios entreabertos, desviando os olhos para eles antes de voltar a me encarar. — Usei esses dias para entender que não posso mais fingir que dentro do meu peito há um sentimento enorme, que me consome, que não me deixa em paz. Você é a dona desse sentimento, você é o motivo das minhas noites insones, dos meus ciúmes, do meu desejo... Só você, Gabi.

Ofeguei baixinho e Ramon tomou meu rosto com as duas mãos, encostando a testa na minha e fechando os olhos rapidamente. Era como se ele sentisse tudo fisicamente e o sentimento lhe causasse não só espanto, mas dor. Eu podia ver que ele lutava bravamente, mas entendi que tinha perdido quando voltou a abrir os olhos e falou com uma convicção que me deixou sem palavras e o peito cheio de amor.

— Estou completamente apaixonado por você, menina. Como nunca estive por nenhuma outra mulher em toda a minha vida.

Acho que Ramon não tinha ideia de como vinha sonhando em ouvir aquelas palavras saindo de sua boca, pois me olhou sem expectativa alguma, como se simplesmente tivesse colocado para fora tudo o que estava em seu peito. Cada músculo da minha face tremeu quando um sorriso emocionado se abriu em meu rosto. Nem preciso dizer que meus olhos voltaram a marejar, mas não deixei que as lágrimas caíssem, pois não queria que Ramon me interpretasse de forma errada. Com a garganta embargada, peguei o pescoço de Ramon em minhas mãos e olhei bem firme em seus olhos, para que ele não tivesse um pingo de dúvida das palavras que estavam prestes a sair pela minha boca.

— Eu também estou totalmente apaixonada por você, Ramon. E nem preciso dizer que nunca me senti assim antes, porque em São Paulo eu não

vivia, apenas sobrevivia com o que me era dado. Chegar em Santo Elias e conhecer você mudou completamente o rumo da minha vida.

Ramon pareceu engolir em seco, como se estivesse tão emocionado quanto eu e vi seus olhos brilharem um pouco mais.

— A minha vida também mudou completamente depois que você chegou — ele disse baixinho e me puxou pela cintura, passando os lábios levemente entre os meus. — Sinto que estive à sua espera durante todo esse tempo, Gabriela.

Ramon não me deu chance para responder, pois enfiou a língua em minha boca e me deu um beijo que tirou o meu fôlego e despertou novamente todo o meu corpo. O agarrei bem firme pelo pescoço, dando-me conta de que nada poderia me segurar naquele momento. Queria Ramon completamente e queria ser toda dele, queria me entregar como nunca havia me entregado para ninguém. Separando rapidamente os nossos lábios, beijei todo o seu rosto, arrastando minha boca até chegar a sua orelha, onde mordi o lóbulo com delicadeza, sentindo Ramon apertar com força a minha cintura e esfregar o corpo contra o meu. Podia sentir o início da sua ereção pressionar meu baixo ventre.

— Faz amor comigo — pedi baixinho em seu ouvido e Ramon enfiou a mão entre os meus cabelos para poder fitar o meu rosto. Seus olhos desceram para os meus lábios e subiram até encontrar os meus.

— Gabriela... — ele sussurrou meu nome naquele tom de aviso que me deixava louca e eu esfreguei meu corpo contra o dele, os mamilos duros se arrastando em seu peitoral por debaixo da roupa.

— Faz amor comigo, Ramon — pedi de novo cheia de desejo, cheia de vontade de me jogar em seus braços e não sair nunca mais.

— Se eu te fizer minha, não terá volta, Gabriela.

— Eu já sou sua, Ramon. Fui sua desde o momento em que te vi pela primeira vez — falei logo a verdade, pois era como eu me sentia. Se Ramon havia esperado dezenove anos para que eu chegasse à sua vida, eu também havia esperado todo esse tempo para que ele chegasse à minha.

Ramon sorriu discretamente com o canto dos lábios e arrastou o nariz pelo meu antes de passar o braço por debaixo das minhas pernas e me pegar no colo. Foi impossível controlar o gritinho de susto que escapou do fundo da minha garganta e agarrei o seu pescoço, sentindo sua boca tocar a minha enquanto ele começava a caminhar pelo chalé.

Nem fiz questão de prestar atenção no caminho, pois confiava em Ramon

de olhos fechados. Iria com ele para qualquer lugar e sabia muito bem para onde estávamos indo naquele momento. Estávamos prestes a conhecer um lugar totalmente novo, um nos braços do outro.



“A minha boca não consegue mais, desgrudar da sua pele
Da sua saliência, dos teus sais
De tudo que emana aqui
Quando o amor a gente faz e nunca é demais”

A Canção que Faltava – Isabella Taviani

GABRIELA

Ramon fechou a porta atrás de si com o pé assim que entrou em um quarto aconchegante, iluminado pelas mesmas luzes que havia no teto da sala. Nem fiz questão de olhar para o lugar ou notar os detalhes do quarto — depois que vi a cama *king size* bem atrás de Ramon, o resto se tornou sem importância.

O pensamento me fez prender um sorriso, porque eu parecia uma desesperada e acho que, na verdade, eu realmente estava. Estava desesperada, completamente louca por Ramon e nervosa por saber que estava prestes a fazer amor com ele. Senti seus lábios nos meus novamente e me obriguei a me acalmar quando ele voltou a andar pelo quarto e se abaixou até me colocar sentada na cama. Fiquei me perguntando qual seria o seu próximo passo, se iria se deitar em cima de mim ou tirar a minha roupa, mas agarrei a colcha com força quando seus lábios desceram pelo meu pescoço e pararam bem em cima da veia grossa que pulsava e denunciava como o meu coração estava disparado.

— Não precisa ficar nervosa — ele sussurrou, deixando uma trilha de

beijos até a minha orelha, antes de entrar novamente em meu campo de visão. Os olhos de Ramon brilhavam e transmitiam uma calma que me deixou com um pouquinho de inveja. — Nós não precisamos seguir em frente se você não estiver segura.

— Eu estou segura — afirmei com o cenho meio franzido. Será que estava transmitindo o contrário? Só faltava Ramon desistir por causa do meu nervosismo! Não iria me perdoar se isso acontecesse!

Decidida, o puxei pela gola da camisa e ele veio sem mostrar resistência, grudando os lábios nos meus e deixando que eu ditasse o ritmo do nosso beijo. Foi delicioso poder envolver a minha língua na dele e esquecer um pouquinho do nervosismo idiota que estava tomando conta de mim. Eu queria aquilo! Queria Ramon como nunca quis qualquer outra coisa em minha vida, não deixaria que a insegurança da primeira vez fizesse com que ele desistisse de ficar comigo.

Foi a minha vez de morder seu lábio inferior quando interrompi o beijo e um sorriso safado surgiu no cantinho da sua boca, fazendo com que meu baixo ventre estremecesse levemente. Queria continuar a ver aquele sorriso ali, queria que ele me olhasse daquela forma, como se estivesse com fome e sede de mim, por isso, o empurrei levemente pelo peito e me levantei, invertendo as nossas posições e o colocando sentado em meu lugar, parando na frente dele de pé. Acho que ele pensou que me sentaria em seu colo, pois me puxou com força pela cintura, mas o empurrei novamente pelos ombros e me afastei.

— Onde você vai? Gabriela...

Ele ousou se levantar, mas parou na beirada do colchão quando desci a alça do vestido. Fiquei arrepiada com o toque gelado dos meus dedos e a sensação da alça escorregando pelo meu braço, mas foi o pulsar em minha vagina que me deixou levemente assustada ao perceber a forma como Ramon olhava para mim. O sorriso havia sumido e, em seu lugar, uma expressão de puro desejo tomou conta do seu rosto. Ele sequer piscava ao acompanhar o movimento do tecido escorregando pelo meu corpo e deixando o meu mamilo exposto.

Não senti vergonha como sempre achei que sentiria ao ficar nua pela primeira vez na frente de um homem. Os únicos sentimentos que me tomavam eram o desejo, a paixão, a forma como queria me entregar para Ramon e esquecer que o resto do mundo existia. Por isso, segui em frente e desci a outra alça, deixando que o vestido terminasse de cair pelo meu corpo

e tocasse o chão. Observei os olhos de Ramon notando cada parte de mim, descendo lentamente pelo meu rosto, pescoço, se concentrando em meus seios com os mamilos muito duros e descendo pela barriga até parar na calcinha de renda minúscula, que fazia pouco para me cobrir. Suas mãos apertaram com força a beirada do colchão e seu maxilar ficou duro. Era como se ele se segurasse para não cometer uma loucura, justamente quando eu não queria que ele tivesse pudor algum.

— Vem cá — chamou com a voz dura, rouca, que fez com que eu ficasse ainda mais excitada.

Caminhei lentamente até ele, querendo que tivesse tempo para me olhar, e suas pernas se abriram quando cheguei mais perto, indicando onde eu deveria parar. Precisei segurar a respiração quando parei no meio de suas coxas grossas e senti o calor do seu corpo tão próximo ao meu. A cama era alta, por isso, Ramon ficava com o rosto na altura dos meus seios e fiquei esperando, ansiando pelo seu próximo passo, para que me tocasse, que me jogasse na cama, mas ele não fez nada disso. Simplesmente me olhou, como se quisesse me deixar louca com a espera.

— Você é linda — falou baixinho antes de voltar a descer os olhos pelo meu corpo. — Soube disso no momento em que te vi pela primeira vez. Fiquei chocado, encantado e demorei para perceber que você começou a me invadir ali, na sala de espera daquele hospital.

Ele sussurrou no final e eu estremeci visivelmente, precisando me apoiar em seus ombros para poder me manter firme em cima do salto alto. Ramon voltou a me olhar nos olhos e, sem me tocar com as mãos, abaixou o rosto e beijou minha barriga em cima do umbigo.

— Linda... — Seus lábios foram subindo lentamente, deixando uma trilha de beijos que me deixou doida, molhada entre as pernas. — Linda demais... — sussurrou, tomando minha cintura entre as mãos e apertando com força suficiente para me deixar com a pele vermelha. Não liguei, pelo contrário, acabei soltando um gemido de prazer enquanto fincava minhas unhas em seus ombros. — Cada parte sua é perfeita, Gabriela...

Seus lábios se fecharam sobre o bico do meu seio e eu quase desfaleci. Meus joelhos enfraqueceram e Ramon me manteve firme pela cintura, puxando-me para mais perto, como se não quisesse nenhum espaço entre os nossos corpos, antes de começar a chupar meu mamilo com urgência. A pressão em meu baixo ventre foi quase insuportável e precisei fechar os olhos e jogar a cabeça para trás, pois não estava conseguindo aguentar seu olhar tão

intenso em cima de mim. Quando seus dentes rasparam de leve o bico sensível, pensei que iria gozar sem que ele sequer me tocasse entre as pernas.

— Olhos em mim — ordenou antes de arrastar os lábios até o meu outro seio, que parecia implorar para que ele o chupasse logo. Engoli em seco e olhei para ele, vendo suas sobrancelhas levemente franzidas e o rosto coberto pelo desejo. — Quero seus olhos em mim enquanto mamo bem gostoso.

Minha boca caiu aberta e um sorrisinho pervertido fez sombra em seus lábios, antes de sua língua lamber meu bico duro e excitado. Gemi ao mesmo tempo em que tentava me manter de pé e quase caí de verdade quando ele fechou os lábios sobre o meu mamilo e chupou com precisão. O agarrei com tanta força pelos ombros, que meus dedos doeram e Ramon se afastou, como se soubesse que eu não aguentaria ficar nem mais um minuto naquela posição.

— Senta aqui — olhou para as próprias coxas ainda afastadas e não pensei uma segunda vez, apoiei os joelhos no colchão, um de cada lado do seu corpo e me sentei com as pernas trêmulas, parando bem em cima da sua ereção enorme, que, só naquele momento, notei que marcava a calça.

— Meu Deus — gemi baixinho com o fato de que ele parecia estar maior do que eu me lembrava. E eu nem tinha visto o seu pênis ainda.

Ramon mordeu de leve meu maxilar, subindo as mãos abertas pelas minhas costas até chegar no cabelo perto da minha nuca e puxar a minha cabeça para trás, inclinando meu corpo sobre o seu braço direito. Deixei que me levasse e mordi o lábio com força quando aproximou novamente o rosto do meu seio e começou a lamber antes de voltar a chupar. A corrente elétrica que passou pelo corpo poderia ter iluminado a cidade inteira de Santo Elias e talvez o estado de Goiás. Estremeci com força e senti minha calcinha ficar inundada e o clitóris pulsar, louco para receber aquela atenção também.

— Ai, Ramon... — gemi e tentei me movimentar sobre o seu colo para me esfregar em sua ereção, mas ele me segurou firme pela cintura com a mão esquerda.

— Quietinha.

— Mas, Ramon...

Parei de falar quando ele voltou a colocar o meu corpo para frente, ainda segurando meu cabelo bem firme perto da nuca. Não doía, mas ele me mantinha sob controle por ali, deixando-me ainda mais excitada. Ramon Baldez não era controlador apenas em sua vida profissional, era na cama também e descobrir aquilo estava me deixando doida. Com as minhas

paredes vaginais pulsando de tão excitadas e os mamilos inchados e levemente vermelhos depois de serem chupados com tanta intensidade, olhei bem nos olhos de Ramon e escorreguei meus dedos até os botões de sua camisa, abrindo um por um com o coração acelerado de ansiedade. Ele não tirou a mão do meu cabelo e da minha cintura, não disse nada, sequer piscou, só deixou que eu fosse até o fim e soltei um suspiro ao ver novamente seu peitoral nu na minha frente, podendo olhar sem pudor e guardar cada detalhe.

Ramon tinha corpo de homem que pegava duro no trabalho. Sua força física não vinha de horas na academia e sim na fazenda, lidando com a sua terra, com os cavalos, com os elementos que eram tão intrínsecos a ele, por isso, sua barriga era levemente trincada, o peitoral era firme e a pele brilhava com aquele toque dourado causado pelo sol. Minha boca salivou para provar seu gosto e deixei que minhas unhas percorressem sua pele quente até chegar ao cós da calça. Sua ereção parecia prestes a estourar o fecho e, sem perguntar se podia ou não, desabotoei e desci o zíper com dificuldade, mordendo o lábio quando Ramon tirou a mão do meu cabelo e a desceu pelo meu pescoço até tomar meu seio todo com a mão, roçando a palma levemente áspera no mamilo.

Aproveitei que não me segurava mais pela nuca e o segurei pelo pescoço, puxando-o para um beijo cheio de língua, que fez com que ele gemesse bem rouco de encontro a minha boca e levasse uma mão a minha bunda. Meu clitóris pulsou tanto que quase doeu e perdi completamente o controle sobre as minhas ações. O nervosismo de outrora foi substituído pelo tesão latente que Ramon despertava em mim e desci minha boca pelo seu pescoço, passando a língua e os lábios até chegar em seu peitoral, onde mordisquei e suguei um mamilo. Ramon estremeceu e, sem que eu esperasse, levantou-se comigo em seu colo e me colocou deitada na cama, ficando bem no meio das minhas pernas.

Meu peito subia e descia em meio a respiração ofegante e observei com atenção enquanto ele se livrava da camisa e chutava os sapatos e as meias ao mesmo tempo. Quando ele se levantou para tirar a calça jeans, precisei me apoiar com os cotovelos na cama para poder observar com atenção as suas coxas firmes e grossas ficando nuas, a cueca boxer preta que parecia pequena demais para conter a sua ereção enorme, a cabeça bem desenhada quase saindo pelo cós. Pressionei minhas pernas uma na outra pra tentar conter o fluxo intenso de tesão e Ramon se ajoelhou na beira do colchão, tomando meu pé nas mãos sem dizer uma palavra.

Seu olhar intenso encontrou o meu, alguns fios de cabelo tocando a sua testa, o maxilar rígido e bem marcado pela barba, o peitoral levemente avermelhado nos locais em que mordi. Tudo naquele homem gritava poder e luxúria e, de repente, me senti realmente uma menina diante dele. Será que aguentaria Ramon? Será que seria capaz de satisfazer a exigência por prazer que brilhava em seus olhos? Engoli em seco em meio a dúvida e soltei um gemidinho quando ele tirou a minha sandália e escorregou os lábios pelo meu calcanhar até o tornozelo, passando os pelos da barba e me deixando doida.

Seus lábios subiram até a parte de trás do meu joelho, antes de ele pegar meu outro pé e repetir o processo. Seus olhos pareciam me comer e minhas mãos comicharam para tocar em cada parte do seu corpo. Como não podia, apertei a colcha entre os meus dedos e joguei a cabeça para trás quando seus lábios tocaram a parte interna das minhas coxas, subindo lentamente até a virilha. Seu nariz tocou meu clitóris escondido pela calcinha e meus quadris se movimentaram sozinhos, as pernas se abrindo para que ele pudesse fazer o que quisesse comigo.

— Como você é cheirosa... — ele falou lá embaixo, esfregando o nariz pela minha virilha, os dedos passeando pelas laterais da calcinha. — Não consigo tirar o seu gosto da minha memória desde aquela noite. Preciso sentir direito, dessa vez bem aqui, com a cara enfiada na sua bocetinha.

Ai, Jesus.

Não sei como tive forças, mas consegui me apoiar nos cotovelos de novo e encarei os olhos de Ramon em cima de mim, um dedo se enrolando na lateral da minha calcinha e os lábios perto demais da minha virilha. Com a mão trêmula, enfiei um dedo do outro lado da calcinha e puxei a tira fina para baixo. Ramon sorriu.

— Quero isso. Quero você, Ramon.

Tomando o lugar do meu dedo, Ramon enganchou os indicadores nas tiras da minha calcinha e puxou a peça para baixo. Fiquei boquiaberta quando um fio grosso da minha lubrificação acompanhou o tecido e senti meu rosto ficar vermelho pela vergonha. Quase me escondi com um dos travesseiros que estava atrás de mim, mas a expressão de tesão de Ramon me manteve no lugar. Ele passou a língua pelos lábios e deixou a calcinha de lado, passando as mãos enormes pelas minhas coxas até mantê-las bem afastadas. Só consegui agradecer a Luna por ter me emprestado o barbeador e por eu ter depilado tudo, não só a virilha.

— Meu Deus, como você está melada, Gabriela... — Meu nome saiu em

um gemido rouco do fundo da sua garganta e senti minhas paredes vaginais pulsarem incontrolavelmente. Ramon parecia hipnotizado, não conseguia parar de olhar.

— A culpa... é sua — falei com a voz entrecortada, respirando fundo para tentar estabilizar as batidas loucas do meu coração.

Ramon mordeu rapidamente o lábio inferior e tocou minha virilha com a ponta dos dedos até o polegar tocar levemente o meu clitóris. Estremeci com força sobre a cama e fechei rapidamente as pernas por conta do choque que fez cada parte do meu corpo sofrer um espasmo. Ramon beijou meu joelho e olhou em meus olhos, descendo os beijos pela minha coxa até chegar em meus lábios vaginais. Senti seus dedos me abrirem de leve, minha lubrificação dificultando um pouco o seu trabalho e arqueei as costas sobre a cama quando, ainda olhando em meus olhos, Ramon passou a língua por toda a minha vagina até parar no nervo que pulsava incontrolavelmente.

— Gostosa — gemeu, segurando firme em minha cintura para que eu não conseguisse me mexer mais. — Você é deliciosa, minha menina...

Eu choraria de emoção se não estivesse tão ocupada em sentir prazer. Ramon não esperou nem que eu puxasse a próxima respiração antes de fechar os lábios sobre o meu clitóris e sugar o nervo com delicadeza, enviando um monte de mensagem desconexa para o meu cérebro. Minhas pernas estremeceram, meus mamilos pinicaram e pensei que meu coração iria explodir no peito quando sua língua serpenteou pelo ponto sensível e seu polegar pressionou a minha entrada, que piscava descontroladamente.

— Porra... Ramon! — Gritei enfiando minha mão em seu cabelo e me apoiando com os pés no colchão para tentar levantar meus quadris e esfregar a vagina em sua boca.

Ramon me segurou com mais força e brincou com a língua em meu clitóris rapidamente, antes de dar um beijo em minha virilha e engatinhar pelo meu corpo até beijar a minha boca. Eu não conseguia acreditar que ele tinha parado, mas o beijei mesmo assim, enlaçando sua cintura com as pernas e querendo que esfregasse aquela ereção na minha boceta. Ramon enfiou a mão no meu cabelo perto da nuca e chupou minha língua sem delicadeza, antes de me soltar de repente e olhar em meus olhos. Pensei que diria alguma coisa, mas passou os lábios pelos meus bem devagar, a respiração tão ofegante quanto a minha, apesar de seus olhos deixarem bem claro que ele estava calmo e não desesperado como eu.

— Ramon, continua, por favor... — choraminguei e ele passou a língua

pelos meus lábios, pelos meus dentes, enfiando uma mão entre os nossos corpos. Seu dedo rodeou meu clitóris e eu fechei os olhos, gemendo sem pudor nenhum. — Ah, assim...

— Olha pra mim. — Abri os olhos com certa dificuldade e o encarei meio vesga, rebolando de leve contra o seu dedo. — Gosta assim?

— Sim, você sabe que sim...

Ele sorriu de leve e lambeu meus lábios de novo, antes de perguntar:

— Gostou da minha língua na sua boceta?

Ai, Deus, eu amava aquelas baixarias sendo ditas por ele. Engolindo em seco, balancei a cabeça em sinal de afirmação e ele mordeu lábio inferior. Seu dedo médio escorregou pela minha vagina e senti a pontinha me penetrar, sem pressionar demais.

— Ai, Ramon... Nossa...

— Não ouvi a sua resposta. Gostou da minha língua na sua boceta, Gabriela?

Precisei reunir toda a minha força de vontade para poder raciocinar com o mínimo de clareza.

— Sim. Muito.

— Quero que você goze na minha língua, mas tem que prometer que vai ficar quietinha — falou arrastando o nariz pelo meu. Um sorrisinho nasceu novamente em seus lábios quando minha boceta pulsou, prendendo e soltando a ponta do seu dedo dentro de mim. — Promete?

— Prometo — saiu em um sussurro, mas ele ouviu com clareza, pois me beijou mais uma vez antes de descer pelo meu corpo e enfiar a cara entre as minhas pernas.

Seu dedo me penetrou mais um pouco e sua língua invadiu meus grandes e pequenos lábios até alcançar meu clitóris e me deixar doida. Eu não sabia que era possível sentir tanto prazer daquela forma, ao ponto do cérebro simplesmente se concentrar apenas naquilo. Era como eu me sentia, sem controle, sem filtro, gemendo e sentindo, entregando-me e caindo. Prometi para Ramon que ficaria quieta, mas só consegui até certo ponto. Não apoiei mais os pés na cama para levantar os quadris, mas rebolei de leve em sua boca e ele pareceu adorar, pois gemeu e me penetrou mais um pouco, fazendo com que eu sentisse uma pressão lá dentro, minha vagina se dilatando para o receber mais fundo, mais forte.

A pontinha dura da sua língua esfregou meu clitóris para cima e para baixo e seu dedo saiu de dentro de mim, deixando-me vazia. A sensação me deixou

ensandecida, como se estivesse faltando algo que eu nem soubesse o que era e minha barriga se contorceu quando senti dois dedos entrando juntos. A pressão foi boa demais e joguei a cabeça para trás quando o orgasmo me pegou de repente, totalmente de surpresa, me fazendo estremecer com a sensação surreal daquela língua e dos dedos, que me tocavam como se soubessem exatamente o que fazer para me deixar louca.

Ramon gemeu mais alto e tirou os dedos, penetrando-me com a língua de repente e apertando minha cintura, enfiando até o mesmo nariz entre meus lábios melados. Sua barba era um toque a mais e gemi até a garganta arranhar, sentindo meu corpo convulsionar e minhas pernas se fecharem sozinhas. Era tudo de mais, seu toque era de mais, sua língua, suas mãos, tudo e, como se soubesse disso, Ramon separou minhas pernas e se afastou, plantando beijinhos calmos em minha virilha e sussurrando alguma coisa que não consegui compreender, pois estava literalmente em outro mundo.

Desabei com tudo na cama e me concentrei apenas em respirar, tentando tirar a mente do torpor que parecia me envolver, sentindo cada parte do meu corpo, até mesmo músculos que nem sabia que existiam. Fiquei totalmente arrepiada, quando Ramon subiu passando os lábios pela minha barriga, meus seios, até chegar em minha boca e me beijar com delicadeza. Sem querer, comecei a rir e consegui encontrar forças para passar os braços pesados pelos seus ombros e esfregar meu nariz no dele.

— Foi bom? — O safado teve a coragem de me perguntar o óbvio e riu quando dei um tapa em seu ombro. Podia sentir meu cheiro bem ali, em todos os pelos da sua barba e em sua boca ainda melada. — Esse tapa quer dizer que foi bom?

— Quer dizer que você sabe que foi melhor do que bom — falei, cruzando as pernas em seus quadris, querendo que ele encostasse em mim, que esfregasse o pau duro na junção das minhas coxas, mas ele se manteve bem firme apoiado nos cotovelos e joelhos. — Não sabia que podia ser tão gostoso assim.

— E vai ficar cada vez melhor — disse ele, passando os lábios pelo meu rosto até descer para o meu pescoço. Gemi baixinho quando chupou minha pele com delicadeza, aumentando a pressão até fazer com que eu ficasse arrepiada e excitada. — Você é deliciosa... Vai ser difícil deixar que saia dessa cama depois dessa noite...

Sorri e passei minhas unhas pelas suas costas até tocar o cós da sua cueca. Ramon não tirou o rosto do meu pescoço e passou a língua até o outro lado,

mordiscando cada centímetro da minha pele.

— Vamos ficar aqui para sempre, então. Você já é rico mesmo, pode muito bem nos bancar pelos próximos cinquenta anos.

Ele riu alto e finalmente desceu o quadril de encontro ao meu. Pude sentir como sua cueca estava melada onde a cabeça se concentrava, a coluna grossa e pesada da sua ereção se concentrando bem no meio da minha vagina. Foi impossível controlar a respiração diante da sensação poderosa de saber que só o tecido da cueca separava nós dois.

— Daqui a cinquenta anos você nem vai querer saber de mim.

— Claro que vou. E ainda vou ser capaz de fazer seu pau ficar tão duro quanto agora — falei, puxando-o ainda mais com as pernas cruzadas. Seu sorriso divertido deu lugar a um sorriso mais sensual e sua mão subiu pela lateral do meu corpo.

— Eu fico louco com as coisas que saem dessa boquinha linda — falou, passando os lábios entre os meus. — Você me surpreende cada vez mais, meu amor...

Meu coração quase explodiu no peito pela centésima vez naquela noite e eu deixei que ele me beijasse da forma que queria, porque me sentia totalmente dividida entre o prazer e o amor que tomava conta de cada célula do meu ser. Sua língua viajou de um canto a outro em minha boca, até o beijo se tornar mais forte, exigente, assim como o peso do seu quadril pressionado contra o meu. Senti meus pelinhos ficarem arrepiados, os seios pesados e soube, naquele momento, que não poderia esperar. Queria Ramon e queria agora.

Não deixei de beijar sua boca enquanto enfiava as mãos dentro da sua cueca e apertava sua bunda dura. Ele gemeu, chupou a minha língua e meteu entre as minhas pernas, roçando contra o meu clitóris e me deixando maluca. Quando abaixei o elástico, ele soltou a minha boca e se ajoelhou entre as minhas pernas, deixando-me com os lábios melados, tanto os de cima, quanto os de baixo. Um tanto desesperada, sentei-me junto com ele e toquei novamente em sua cintura, mas ele pousou os dedos abaixo do meu queixo e me fez olhar em seus olhos.

— Tem certeza de que quer continuar?

— Nunca tive tanta certeza de alguma coisa em toda a minha vida — falei e mordi o lábio, sentindo-me insegura de repente. — Você não quer?

Ramon me olhou com muito carinho, quase com devoção e se inclinou sobre o meu corpo até me fazer deitar na cama e pairar em cima de mim.

— Quero você desde a primeira vez em que te vi — falou, tirando alguns fios de cabelo do meu rosto. — Sei que fui muito idiota e tentei esconder os meus sentimentos, mas jamais farei isso novamente, Gabi. De hoje em diante, serei totalmente seu. Nunca duvide disso.

Não queria chorar de emoção e estragar o momento, por isso, puxei seu rosto para mim e o beijei, aproveitando a delícia que era sentir a sua língua na minha para poder abaixar o elástico da sua cueca. Finalmente o homem não me interrompeu e tratou de arrancar a peça aos chutes quando ela chegou no meio das panturrilhas e se afastou para poder voltar a se ajoelhar na cama. Foi a minha vez de quase babar em seu corpo e prender o lábio entre os dentes ao observar a sua ereção enorme bem ali, na minha frente.

Sentei-me e toquei os quadris de Ramon, enquanto ele descia a ponta dos dedos pelo meu pescoço até os meus mamilos. Acho que ele sabia que eu estava tomando o meu tempo para o apreciar em toda a sua glória e toquei de leve seus pelos pubianos aparados e castanhos, enquanto notava como o seu pau era grande, com veias grossas, a cabeça inchada e vermelha, bem desenhada e melada pelo líquido transparente que formava uma pequena gota na abertura pequena. Minha boca se encheu d'água de repente e quis muito passar a minha língua, mas Ramon apertou meu mamilo entre os dedos e eu estremeci, olhando para cima e encontrando seu olhar intenso, a forma como parecia querer me engolir inteira.

Desviei rapidamente o olhar e tomei seu pau em minha mão de forma meio desajeitada, lembrando de alguns dos vídeos pornôs que via raramente na internet. Ramon gemeu baixinho e passou a outra mão pelo meu rosto, a ponta dos dedos em minha bochecha, até tocar meus lábios com o polegar. Olhando novamente em seus olhos, coloquei a língua para fora e lambi seu dedo com delicadeza, antes de chupar para dentro dos meus lábios. Ele gemeu mais alto, o quadril sofreu um espasmo e seu pau pulsou com força, me fazendo levar um susto. Pousando a mão sobre a minha, ele a movimentou para cima e para baixo rapidamente, antes de se inclinar sobre o meu corpo e beijar minha boca com delicadeza.

— Camisinha — disse de repente, enfiando o rosto meu pescoço e sugando a pele antes de se afastar. — Preciso pegar a camisinha.

Dando-me mais um beijo, ele desceu da cama e caminhou rapidamente até uma porta no canto do quarto, onde entendi ser o banheiro. Olhei para a minha própria mão, onde seu pau esteve minutos antes e arregalei de leve os olhos. Ele era enorme. Enorme pra caralho. Frio de expectativa inundou a

minha barriga e tentei disfarçar quando Ramon voltou com uma caixa de preservativos e colocou em cima do criado-mudo, subindo novamente na cama com um lacrado em mãos. Precisei lutar para não pressionar as pernas uma contra a outra quando ele rasgou o lacre com os dentes, antes de se aproximar e me beijar.

Estava começando a achar que o beijo de Ramon era capaz de silenciar o meu cérebro, pois qualquer receio foi embora quando senti a sua língua na minha. Toquei seu corpo, sentindo como ele estava quente, como era enorme e todo duro e gemi baixinho quando se enfiou entre as minhas pernas e me deitou na cama. A cabeça bem desenhada do seu pau tocou meu clitóris e mordi seu lábio com mais força do que o necessário, sentindo uma corrente elétrica passar pelo meu corpo. Ramon riu baixinho e passou a mão pelo interior da minha coxa, deixando-me com um pouco de vergonha quando vi seu lábio vermelho.

— Desculpa — pedi, apertando seu ombro e ficando nervosa. Ele balançou a cabeça e esfregou o nariz rapidamente no meu.

— Pode me morder à vontade, me arranhar também... Você me deixou com um chupão da última vez — falou tocando meu clitóris e eu estremeci em meio a surpresa.

— Jura?

— Sim. Pretendo retribuir, aliás — piscou e eu ri baixinho junto com ele, prendendo a respiração de repente quando me penetrou com um dedo. — Dói?

— Não.

Ele mexeu devagar, colocando e tirando, até que senti uma pressão maior ao me invadir com um segundo dedo, o polegar esfregando meu clitóris lentamente. O prazer me invadiu, apesar da pressão diferente no canal vaginal.

— E assim? É gostoso?

— Sim... — Queria logo que ele entrasse em mim e abri mais as pernas, enfiando a mão entre os nossos corpos até encontrar sua ereção. Era diferente o tocar com a camisinha, mas ele gemeu mesmo assim. — Vem, Ramon...

Ele riu da minha pressa e tirou os dedos de mim, invadindo a minha boca com um beijo antes de tirar a minha mão do meio dos nossos corpos e pressionar a minha entrada com a cabeça larga do seu pênis. Fiz de tudo para não pensar no fato de que ele era grande e grosso, mas acabei ficando tensa quando ele tentou me penetrar. Ramon parou, não forçou e passou a língua

com delicadeza pela minha, antes de se afastar um pouco e me olhar nos olhos.

— Relaxa pra mim, meu amor... — pediu baixinho, colocando a mão entre os nossos corpos de novo para tocar o meu clitóris.

Meu coração disparou com a ansiedade e o prazer e gemi baixinho quando tentou me penetrar de novo, minhas paredes vaginais abrindo espaço para que a cabeça me invadisse. Doeu. Doeu horrores, mas me mantive firme e Ramon travou o maxilar e respirou forte pelo nariz.

— Meu Deus — ele gemeu rouco e senti o tremor do cotovelo que apoiava o peso do seu corpo ao lado da minha cabeça. — Está doendo muito?

— Não, pode continuar — falei com a voz trêmula. Estava doendo pra caramba, mas tive medo de confessar e ele querer parar.

Ele me olhou com os olhos semicerrados e me penetrou mais um pouco. Foi impossível controlar as minhas paredes vaginais, que o apertavam e se afrouxavam, lutando para o receber dentro de mim e Ramon mordeu forte o lábio, pressionando a testa contra minha.

— Muito apertada, porra... — sussurrou, apoiando-se melhor sobre os joelhos e voltando a esfregar meu clitóris. Dessa vez gemi de prazer e ele pareceu reconhecer, pois aproveitou o momento para me penetrar mais um pouco e senti o momento exato em que o hímen rompeu. Ardeu forte e não consegui controlar o tremor do meu corpo e o gemido de dor. — Desculpa, meu amor, desculpa, desculpa...

Ramon beijou meu rosto todo, até as pálpebras fechadas e eu o abracei pelo pescoço. Ainda doía, mas eu queria ir até o fim, por isso, consegui passar uma perna pelo seu quadril e apertei, impulsionando-o a me penetrar. Ele até tentou conter o movimento, mas acabou entrando um pouco, me invadindo um pouco mais e eu arranhei sua nuca, fechando os olhos força.

— Coloca tudo logo, por favor — implorei. Era melhor sofrer tudo de uma vez do que aos poucos. O pensamento me parecia bem lógico, mas quando Ramon tentou me penetrar mais um pouquinho, não aguentei e o empurrei pelos ombros. — Ai, caramba!

Com cuidado, Ramon saiu alguns centímetros e ficou paradinho, tocando meu cabelo com a mão que antes apertava o travesseiro a cima da minha cabeça.

— Quer parar?

— Não! Eu só... Está doendo um pouco — murmurei a contragosto por ter que confessar e Ramon assentiu, como se soubesse daquilo o tempo todo.

— Vou bem devagar, tá bom?

— Tá bom. Me beija — pedi e ele veio sem pensar duas vezes, beijando-me com delicadeza, até me fazer perder o fôlego.

Passando os lábios entre os meus, ele murmurou alguma coisa que demorei um pouco para conseguir entender, porque estava lutando contra o pulsar incessante no meio das pernas, e tocou meu clitóris bem devagar, fazendo meu corpo despertar para outras sensações que não fosse só a dor. Quando abaixou a cabeça e chupou o bico do meu peito, estremeci.

— Linda... — sussurrou, passando a língua e começando a mexer os quadris bem devagar, sem meter muito fundo, só o suficiente para tocar algumas terminações nervosas que eu não conhecia dentro da minha vagina. — Gostosa... — Seu polegar aumentou os movimentos e eu gemi, arriscando movimentar os quadris. Ramon gemeu e me olhou com cara de safado. — Que bocetinha gostosa, minha menina... Não vou querer sair daqui nunca mais... Você me deixa doido...

Senti quando entrou mais um pouco e saiu, forçando mais e me abrindo. Ainda doía muito, mas não como antes, e apertei seu ombro por conta do prazer que seu dedo e sua boca me davam.

— Me chama assim de novo — pedi e ele meteu mais um pouco, saindo e entrando sem ir ao fundo, passando os lábios pelo meu seio.

— Minha menina... — sussurrou, passando a língua pela minha pele, os lábios, os dentes, entrando e saindo lá embaixo, me distraindo da dor. — Minha menina, só minha... Minha Gabriela... Mulher da minha vida...

Sua língua invadiu minha boca e eu gemi com força quando ele foi até o fundo e parou, me beijando com carinho e tocando meu clitóris com delicadeza. Doeu, mas consegui superar a sensação ruim com o seu carinho, suas palavras doces que ainda se repetiam em minha mente e me entreguei totalmente ao momento quando voltou a se movimentar devagar, a língua entrando e saindo da minha boca no mesmo ritmo, o polegar incansável, o barulho do seu quadril se chocando levemente contra os meus.

O prazer me golpeou de forma diferente. A dor era uma picada bem desagradável a cada vez que ele me invadia, mas eu também conseguia sentir mais do que aquilo. Era como se o nosso amor falasse mais alto do que o meu desconforto e consegui me soltar e até mexer meus quadris contra os dele, sentindo meu corpo se arrepiar levemente, o coração bater forte ao me dar conta de que, agora, eu era realmente uma mulher. Ramon havia me feito mulher. Sua mulher.

— Não para — pedi quando ele se afastou um pouco para respirar e observei sua expressão intensa. Ele parecia sentir tanto prazer, que me senti poderosa, uma supermulher por saber que *eu* estava lhe proporcionando aquilo. Toquei seu quadril e senti vontade de sentir mais, por isso, apertei e o puxei para mim. — Mais forte.

— Gabi...

— Mais forte, amor... Por favor...

Ele grunhiu baixinho e aumentou os movimentos. Não podia mentir, doeu, mas a sua expressão apagava tudo e comecei a me entregar aos pontos de prazer que me invadiam. Eu achava que não conseguiria gozar daquele jeito, mas não me importei, o momento era mais importante, a forma como ele me tocava, me penetrava, me olhava... Nada mais me importava, só aquilo. Senti quando seu corpo tremeu, pude ver em seus olhos a necessidade e gemi quando acelerou o polegar em meu clitóris excitado e duro.

— Goza — pedi, esfregando meus lábios nos dele. Ramon balançou a cabeça e eu apertei minhas paredes vaginais. Caramba, ardeu, mas ele estremeceu com tanta força, que valeu a pena. — Goza bem gostoso, Ramon... Quero sentir.

— Porra, Gabriela... Caralho...

Ele chocou a boca contra a minha e gemeu entre os meus lábios, metendo mais rápido, mais fundo e gozando. Eu sorri em meio ao beijo e me aproveitei de cada um dos seus tremores, das suas reações, me esfreguei contra ele, lambi sua língua, arranhei suas costas e, de repente, estremeci com força.

Estava gozando.

Deus do céu, estava gozando enquanto ele metia forte e esfregava meu clitóris incansavelmente. Minhas pernas tremeram com força, meus seios sensíveis rasparam em seu peito e seus lábios chuparam minha língua, enquanto gemíamos juntos. Milhões de sensações atravessaram meu corpo e Ramon deixou meu clitóris para poder tirar o cabelo da frente do meu rosto assim que parou de me beijar. Um sorriso emoldurava o seu rosto suado e eu tentei rir, mas não consegui. Estava abismada, assolada de sentimentos, os pensamentos desconexos e o corpo vivo.

— Meu amor... — seu nariz se arrastou contra o meu e eu respirei fundo, recuperando um pouco da minha consciência. Ramon ainda estava dentro de mim e eu conseguia sentir como ele pulsava de encontro as minhas paredes vaginais. — Minha menina, sou tão louco por você...

— E eu por você — falei, tocando em seu rosto com as mãos trêmulas. — Sou louca por você, Ramon.

Ele me olhou com carinho e me beijou lentamente, saindo de dentro de mim devagar. Sabia que deveria estar uma bagunça lá embaixo, me sentia melada demais e o corpo estava pegajoso, mas não pensei duas vezes antes de agarrar Ramon e puxar seu corpo ao meu encontro, sentindo sua pele suada na minha.

Não quis mais nada da vida, só viver para sempre ali, nos seus braços.



“Ouço sua voz e a alegria
Dentro de mim faz moradia
Vira tatuagem sobre a pele”

Inesquecível – Sandy & Junior

RAMON

Fiquei alguns minutos com a mente vazia e o corpo preenchido com a sensação do que havia acabado de acontecer entre mim e Gabriela. Sentia meu coração lutando para desacelerar e voltar a bater no ritmo normal, enquanto Gabi passava a ponta dos dedos pelo meu peito com as pernas entrelaçadas as minhas. Sabia que precisava cuidar dela, mas queria aproveitar aquela sensação de paz por mais alguns segundos.

Estava bem longe de ser um galinha como o Caio, mas não era um homem com uma lista sexual pequena. No entanto, naquele momento, era como se meu passado tivesse sido deletado. Não conseguia me lembrar de mulher alguma que havia passado pela minha cama, simplesmente porque nunca senti nada parecido com o que havia sentido hoje, nos braços de Gabriela. Cada toque, cada palavra sussurrada, cada gemido, cada arrepio... Tudo havia sido de mais. Intenso. Único.

O momento em que a penetrei, em que a fiz minha, me deu a certeza de que eu havia tomado a melhor decisão ao me desprender dos meus medos e me entregar ao que sentia por ela. Havia aproveitado aqueles dias longe, em

São Paulo, para poder pensar com clareza no que sentia, no que queria, mesmo sabendo que em momento algum havia sentido qualquer dúvida sobre os meus sentimentos. Estava completamente apaixonado por Gabriela e nada no mundo poderia nos separar agora que, finalmente, estávamos juntos.

Senti a cabeça dela pesar contra o meu peito e percebi que ressonava tranquila, por isso, a coloquei com delicadeza sobre o travesseiro e me levantei, tendo uma visão geral do quarto. Nossas roupas estavam espalhadas pelo chão e metade da colcha havia saído da cama, mas a bagunça só me fez sorrir e estremecer de leve com o tesão que queria voltar a cobrir o meu bom senso. Meu pau dava alertas de que já estava pronto para uma segunda rodada, mas tinha consciência de que Gabriela havia sofrido bastante nos últimos minutos, jamais insistiria para que transássemos de novo, pelo menos não naquele momento.

Mesmo assim, foi quase impossível controlar o leve pulsar nas minhas bolas ao observar Gabriela nua, deitada na cama, com uma perna dobrada e a outra esticada, deixando um espaço delicioso entre as nádegas e a boceta que estava com os lábios ainda melados e sujos de sangue. Senti meu coração voltar a bater forte, minhas mãos comicharem para tocar a sua bunda e a boca se encher d’água para passar a língua entre a sua fenda e provar o sabor da sua bocetinha de novo, mas respirei fundo e me afastei, indo até o banheiro e me obrigando a ficar calmo.

Sabia que ficaria completamente viciado em Gabriela. Soube disso no momento em que ela tocou os meus lábios quando montávamos Bruma e esse foi um dos motivos para que eu me mantivesse afastado. Tinha certa desconfiança de que Gabriela era virgem antes de ela ter me confessado isso em meu carro naquela noite, e, apesar de eu não ser um homem viciado em sexo, era intenso na cama e não tinha reservas para dar e sentir prazer. Tinha plena consciência de que, quando tivesse Gabriela, ia querer tudo, mas precisava ter calma. Ela era virgem há poucos minutos, não poderia simplesmente mergulhar em seu corpo novamente sem pensar nas consequências.

A camisinha que ainda estava em meu pau semiereto era a prova disso e a tirei, dando um nó na ponta e observando com certo interesse a forma como estava suja de sangue por fora. Eu era um homem alto, forte e bem maior do que a maioria dos caras. Nunca tinha sido um problema antes, mas morri de medo de machucar Gabriela quando comecei a penetrá-la e lutei muito contra mim mesmo, porque ela era tão apertada, que, por um momento, temi perder

a sanidade e acabar metendo com a força que meu corpo praticamente implorava. Cheguei a me frustrar um pouco quando estava prestes a gozar e percebi que ela não conseguiria vir comigo e decidi que, quando terminasse, iria fazer com que enlouquecesse em minha boca, mas a danada me surpreendeu ao ter um orgasmo logo depois de mim, gemendo em meu ouvido e estremecendo enquanto eu metia e esfregava seu grelinho duro, que pulsava contra o meu dedo.

Gabriela era como uma caixinha de surpresas e eu estava louco para desvendar cada uma delas.

Depois de me limpar, peguei uma toalha de rosto em cima do aparador e molhei com água morna na pia. Com medo de ficar com o pau duro e Gabriela entendesse errado o que eu queria naquele momento, vesti minha cueca de novo e me sentei na beirada do colchão, a encontrando na mesma posição em que havia deixado. Ela parecia um anjo dormindo e não deixei que aquela sensação ruim ao pensar em sua idade, me invadisse. Não que fizesse uma diferença enorme, mas Gabriela tinha vinte anos agora e resolvi focar no fato de que ela estava mais longe da adolescência do que vinte e quatro horas atrás.

Com carinho, toquei em seu cabelo e me inclinei para beijar seu rosto até a orelha. Ela suspirou e seus olhos tremeluziram, acordando do cochilo rápido que havia dado. Um sorrisinho nasceu em seus lábios inchados pelos meus beijos e suas bochechas ficaram levemente vermelhas.

— Desculpa, não queria ter dormido... — ela murmurou e eu beijei seus lábios de leve, só um selinho demorado, que fez com que meu coração batesse um compasso mais forte.

— Já vou deixar você voltar a dormir, só preciso te limpar antes, tudo bem?

Ela piscou um pouco mais, como se tentasse entender o que eu queria dizer e toquei em sua coxa macia, deixando meus dedos invadirem a parte interior. Seus olhos se iluminaram em compreensão e ela se sentou de repente, mordendo o lábio.

— Não precisa se preocupar, eu posso fazer isso. Vou ao banheiro.

Antes que ela pudesse se levantar da cama, me aproximei e toquei em seu rosto, sorrindo ao perceber que ela estava envergonhada. Gabriela era tão adorável, que eu não sabia como ainda conseguia me surpreender com os seus gestos.

— Quero cuidar de você. Posso? — Levantei a toalha úmida em minha

mão e ela a observou por alguns segundos, antes de rir um pouco nervosa e voltar a se deitar.

Suas pernas se abriram e eu precisei engolir em seco e colocar em minha mente que estava ali para *cuidar* dela, não para ficar animado e pensar em sexo. Ajoelhei-me entre as suas coxas afastadas e passei a toalha com delicadeza pelos grandes lábios, dando-me conta de que o lençol da cama também estava sujo e que precisaria trocá-lo. A risada de Gabriela me fez olhar para cima e a encontrei com as mãos na frente do rosto, mas com dois dedos separados em cada olho, olhando-me com as pálpebras semicerradas.

— Isso é meio constrangedor — murmurou ela e eu arqueei uma sobrancelha.

— Por quê? Não posso cuidar da minha namorada depois de ter feito amor com ela?

Gabriela prendeu a respiração e tirou as mãos da frente do rosto, encarando-me com os olhos arregalados e aquelas irises de cores de diferentes me deixando louco de paixão. Segurando um sorriso, fingi que não percebi o que havia acabado de falar e voltei a focar em sua bocetinha, abrindo os grandes lábios com os dedos para poder limpar melhor por dentro. Não passou despercebido por mim a forma como ela estava inchada e vermelhinha lá embaixo. Meu pau sofreu um espasmo dentro da cueca, mas consegui me controlar.

— O que você disse? — ela perguntou em um sussurro e eu voltei a olhar em seus olhos.

— Por que não posso cuidar de você depois de termos feito amor?

— Não, você me chamou de uma coisa... — ela mordeu o lábio meio nervosa.

— De namorada — sorri e beijei seu joelho, jogando a toalha no chão ao ver que ela estava limpinha e livre do sangue. Gabriela estava com os lábios entreabertos, como se estivesse em choque e eu me aproveitei do seu torpor para me encaixar entre as suas pernas e me deitar sobre o seu corpo, apoiando meu peso nos cotovelos. — Desculpa, acabei de perceber que pulei uma etapa importantíssima.

— Qual?

— O pedido. — O peito dela estremeceu sob o meu e eu arrastei meu nariz sobre o dela, sem deixar que nossos lábios se encostassem. — Quer namorar comigo, minha menina?

Quem poderia imaginar que um dia Gabriela suspiraria ao ser chamada de

menina, depois de ter batido de frente comigo várias vezes e reafirmar que era uma mulher? E que *eu* iria chamá-la dessa forma com carinho e não para tentar lembrar a mim mesmo que ela era bem mais jovem e, por isso, eu tinha que me manter afastado? Acontece que, enquanto estive dentro dela, percebi ela era minha. Não tinha mais jeito. Ser minha menina não era algo ruim, pelo contrário, era o melhor presente que eu poderia ter recebido na vida. Era hora de deixar qualquer preocupação de lado e simplesmente viver o que eu sentia por ela.

— É sério? — ela perguntou e eu precisei me afastar para poder olhar em seus olhos.

— Muito sério. E preciso deixar claro que, se sua resposta for não, vai ser difícil catar os caquinhos do meu coração que ficarão espalhados pelo chão desse quarto — brinquei, pois sentia como estava tensa embaixo de mim, nervosa.

Gabriela riu e seu corpo estremeceu, fazendo meu peito se encher de amor. Puta merda, a cada minuto que passava, eu ficava mais encantado por aquela menina. Suas mãos geladas e levemente molhadas de suor tocaram a minha nuca e suas pernas rodearam meu quadril, prendendo-me. Precisei segurar a respiração ao me dar conta de como meu pau estava perto da sua boceta.

— É claro que a minha resposta é sim. Eu não faria essa maldade com você, jamais quebraria o seu coração, Senhor Baldez.

Não pude deixar de rir e pensei rapidamente se, em algum momento da minha vida, imaginei que estaria completamente apaixonado e pedindo alguém em namoro no auge dos meus trinta e oito anos. A resposta era bem clara: nunca. Mesmo assim, não pude deixar de notar que, naquele momento, eu me sentia livre e mais jovem do que quando era um adolescente.

Tomei o rosto de Gabriela em minhas mãos e a beijei com carinho, sentindo seu corpo nu embaixo do meu, os mamilos intumescidos tocando meu peitoral e a bocetinha quente bem encaixada no meu pau. Nunca agradeci tanto a mim mesmo por estar usando uma cueca, ou esqueceria que Gabriela havia acabado de perder a virgindade e ia querer começar tudo de novo. Com delicadeza, deixei os seus lábios e me apoiei de joelhos na cama, afastando suas coxas deliciosas do meu quadril.

Demorei alguns segundos para olhar de novo para o seu corpo lindo, os seios cheios com mamilos marrons-claros, a cintura fina, a barriga lisa e a boceta com os lábios ligeiramente afastados, toda vermelhinha após me receber. Gabriela estremeceu de leve sentindo o meu olhar e senti minha

garganta ficar seca.

— Está dolorida? — perguntei e ela mordeu levemente o lábio. — Seja sincera — acrescentei, pois sabia que ela havia minimizado o seu sofrimento quando estávamos transando. Se eu fosse do tipo de homem que ligava apenas para o meu prazer, teria me apegado ao fato de ela ter fingindo que não estava doendo e metido sem pensar duas vezes.

— Estou. Mas queria transar de novo agora.

Não pude deixar de rir, ficando surpreso. Ela riu junto comigo e eu me deitei ao seu lado, puxando-a pela cintura para que ficasse de frente para mim. Ela rapidamente passou a perna pelo meu quadril e juntou os nossos corpos. Precisei usar todo o meu controle para fingir que seus seios não estavam roçando em meu peitoral.

— Eu também queria transar de novo, mas precisamos dar um tempo para você se recuperar.

— Eu já estou ótima! Pronta pra outra — sorriu, piscando um olho para mim. Senti aquela piscadela bem na cabeça do meu pau, mas ri para disfarçar. Se ela percebesse, estaria fodido.

— Pronta para outra? Engraçado, não foi você que disse que estava com medo de que eu não coubesse aí dentro? — perguntei, olhando em direção a sua boceta.

Gabriela abriu a boca e semicerrou os olhos, ficando completamente vermelha e eu precisei segurar uma nova risada, lembrando-me da conversa que ela teve com Luna mais cedo. A internet estava péssima, mas Caio e eu conseguimos entender tudo o que elas falavam.

— Você ouviu! Meu Deus, não acredito!

Ela tampou o rosto com as mãos e eu gargalhei, pegando em seus pulsos para fazer com que ela parasse de se esconder de mim. Ela balançou a cabeça e me olhou com um olho só, vermelha até a raiz dos cabelos.

— Eu ouvi e achei a conversa bem interessante, tirando o fato de Luna ser curiosa sobre o tamanho do pau do Caio.

— Ai, meu Deus, Ramon, para! Você podia ter fingido que não ouviu nada! — Ela quase gritou, dando um tapinha em meu ombro.

— Não tinha como fazer isso. Não imagina como meu pau e eu ficamos orgulhosos ao ouvir você — murmurei, beijando sua bochecha. — E no final coube direitinho, viu? Apesar de eu não ter enfiado tudo...

— Como assim você não enfiou tudo? É óbvio que você enfiou tudo! Eu senti quase no meu útero!

— Como você é exagerada — ri e ela voltou a semicerrar os olhos.

— Ramon Baldez, você está me dizendo que me comeu pela metade?

Ela ousou se afastar para tentar me olhar direito, mas eu a prendi pela cintura com um braço e a apertei com força suficiente para que sentisse o início da minha ereção. Com um sorriso, balancei a cabeça.

— Acha mesmo que eu ia conseguir me segurar quando estivesse dentro de você? Claro que não, meu amor, estava brincando. — Beijei seus lábios e a pontinha do nariz arrebitado, que dava a ela aquele arzinho de petulância que eu amava quando teimava comigo. — Mas confesso que meti até o fundo poucas vezes, porque não queria que você sentisse mais dor do que já estava sentindo.

— Não doeu *tanto* assim — falou, mas consegui enxergar a mentira em seus olhos.

— Eu sei que doeu, pode falar a verdade, não vou ficar chateado por causa disso. Claro que eu queria que fosse incrível para você, que não tivesse doído nem um pouquinho, mas sei que a primeira vez é desconfortável e, bem... Eu sou grande.

— Você é enorme, pelo amor de Deus, por isso que cria cavalos, se identifica com eles... — Ela parou de falar de repente e selou os lábios, como se tivesse se dado conta de que tinha falado tudo aquilo em voz alta. Uma gargalhada surgiu do fundo da minha garganta e ela balançou a cabeça, rindo baixinho. — Olha, você faz com que eu perca o filtro entre o meu cérebro e a boca!

— Que bom, porque eu amo as coisas que saem dessa boquinha — sussurrei, dando um beijo demorado em seus lábios. — Agora vira pra lá, quero dormir de conchinha com você de novo.

Ela se virou rapidinho e se grudou em mim. Dessa vez deixei que sentisse meu pau entre as nádegas macias e beijei sua nuca. Ela suspirou baixinho.

— Amanhã você vai me explicar direitinho como preparou essa surpresa para mim.

— Vou explicar tudo o que você quiser... — murmurei, sentindo o seu cheiro, o calor da sua pele na minha. Subi minha mão pela sua barriga e peguei um seio, apertando com delicadeza. Ela gemeu. — Gostosa.

Gabriela se remexeu virou apenas o tronco em minha direção, para poder olhar em meus olhos.

— Tem certeza que a gente não pode transar de novo?

— Tenho! Vira pra lá — ri e ela se virou. Depois de dar mais um beijo em

seu pescoço, resolvi parar de provocá-la. — Amanhã eu faço você enlouquecer de novo.

— Promessas, muitas promessas...

— Eu sempre cumpro as minhas promessas, meu amor.



Despertei com os raios do sol entrando pela enorme janela de vidro do quarto e precisei de alguns segundos para fazer meu cérebro começar a trabalhar. Um sorriso brincou em meus lábios enquanto revivia imagens da noite anterior e tateei o colchão para agarrar Gabriela e a acordar com um beijo na boca, mas ao encontrar apenas o lençol frio, abri os olhos e me dei conta de que ela não estava no quarto.

— Gabi?

Levantei-me e fui até o banheiro, encontrando o cômodo vazio e ajeitei melhor a minha ereção que pulsava dentro da cueca antes de deixar o quarto e ir atrás de Gabriela. Barulhos vindos da cozinha me atraíram e encontrei Gabi em frente ao fogão, mexendo em uma frigideira e cantarolando baixinho, enquanto rebolava distraidamente. A imagem me impactou de tal forma, que parei no meio do caminho, descendo meus olhos pelos seus cabelos presos em um coque desleixado no alto da cabeça e o corpo coberto pela camisa que usei na noite anterior. O tecido batia no alto das suas coxas e senti uma inveja filha da mãe por ele estar abraçando o seu corpo e não eu.

Se eu tinha qualquer esperança de fazer com que a minha ereção matinal diminuísse, perdi naquele momento e me parabenizei por conseguir voltar a raciocinar através da neblina de tesão que inundou o meu cérebro, antes de caminhar devagar até Gabriela e a abraçar pela cintura. Ela soltou um gritinho de susto e riu quando afundei meu rosto em seu pescoço. O cheiro dela... Deus do céu, o cheiro dela era o melhor perfume do mundo.

— Bom dia, Baldez... Perdeu a hora hoje?

Olhei rapidamente para o relógio na parede da cozinha e vi que passava das dez da manhã. Puta merda, nem me lembrava da última vez em que havia acordado tão tarde. Isso explicava o porquê de Gabriela já estar acordada.

— Trabalhei muito ontem à noite, Senhorita Rodrigues.

Ela estremeceu com a minha mordidinha no lóbulo da sua orelha e

desligou o fogo, esfregando a bunda em meu pau.

— E, pelo visto, já está pronto para trabalhar hoje de novo. Aproveita que essa amazona aqui está doida pra montar em um cavalão e me leva para o quarto.

Minha gargalhada ecoou nas paredes da cozinha pequena e precisei virar Gabriela de frente para mim, para que eu pudesse olhar aquela carinha sem vergonha. Ela sorria de forma espevitada e os olhos brilhando, parecendo até mesmo orgulhosa do que havia acabado de falar.

— Por um acaso, o cavalão sou eu?

Ela olhou ao nosso redor rapidamente.

— Bom, você é o único aqui que tem um pau *enooooooorme* — prolongou a palavra e eu ri mais um pouco, a puxando para mim pela mão. Ela veio ao meu encontro e ficou na ponta dos pés para passar os braços pelo meu pescoço.

— Acho que ontem você não perdeu só a virgindade, perdeu a vergonha nessa carinha linda também.

— Do jeito que você pareceu procurar petróleo dentro de mim, não duvido que eu tenha perdido mais coisas pelo meio do caminho — sorriu e eu balancei a cabeça, chocado com tanta ousadia.

— Petróleo eu não procurei, não, mas orgasmos, com certeza... Inclusive, estou preparado para uma nova busca — sussurrei e ela mordeu o lábio, claramente excitada. — Mas, antes, quero comer o que você estava aprontando ali.

Apontei para a frigideira atrás de mim e Gabriela saiu dos meus braços, voltando ao fogão.

— Não é nada demais, só estou fazendo algumas torradas com pão de forma que encontrei no armário. Já fiz ovos mexidos também — disse ela, apontando para um prato cheio de ovos mexidos em cima da bancada. Peguei alguns com as pontas dos dedos e comi.

— Nossa, Cissa ficaria orgulhosa.

— Eu sei, sou mestre em fazer ovos com torradas — falou, colocando as torradas dentro de um outro prato. O cheiro da manteiga derretida me deixou salivando. — Agora, mate a minha curiosidade, de quem é esse chalé?

— Meu. Quer dizer, aqui ficava a casa onde minha mãe cresceu, mas depois que meus avós maternos morreram, meu pai demoliu e começou a construir um chalé. Ele não conseguiu terminar antes de morrer, mas, assim que me vi bem financeiramente, resolvi levar o seu plano adiante. Mudei

algumas coisas no projeto original com o arquiteto que contratei e o chalé saiu do papel e se tornou real. Vim aqui poucas vezes desde então, só quando precisava descansar a mente longe da fazenda, mas tinha necessidade de ficar perto o suficiente para poder voltar se acontecesse alguma emergência — falei e a puxei para perto de mim, encostando suas costas na bancada e me abaixando um pouco para beijar a sua bochecha e o cantinho de seus lábios. Estava viciado, não conseguia manter minhas mãos longe dela. — Essa é a primeira vez que esse chalé é usado para algo realmente importante e especial.

— Então você nunca trouxe nenhuma outra mulher aqui?

— Nunca. Só a Cissa.

Gabi sorriu e passou a mão pelo meu peito, me deixando arrepiado.

— A Cissa pode ir a qualquer lugar, não sinto ciúmes dela. Mas, de resto, acabou a farra, Ramon Baldez. Agora você tem dona! — falou com aquele nariz arrebitado e cara de mandona, me fazendo rir.

— Digo o mesmo. Nada de sair pra festas com saias que mal tampam a bunda, mocinha. Porra, quase infartei naquela noite.

— Nossa, que pena — comentou com desdém e acabou soltando um gritinho quando mordi seu pescoço antes de me afastar.

— Vamos tomar café da manhã, antes que a minha fome por comida passe e reste só a minha fome por esse seu corpinho.

Rindo, Gabriela veio atrás de mim e montamos o nosso café na bancada da cozinha. Passei um café rápido e peguei um suco de laranja de caixinha e alguns frios que estavam dentro da geladeira, encontrando lá no fundo algo que eu tinha que ter dado para ela ontem à noite. Porra, havia me esquecido completamente! Só esperava que ela não tivesse visto. Enquanto Gabriela se servia de suco, comecei a comer, me dando conta de como a minha vida havia mudado desde o momento em que ela apareceu. Agora que havia decidido viver o que sentia por ela, percebi que era como se eu fosse um outro Ramon, mais vivo, mais jovem, mais alegre... Um Ramon totalmente novo para ela.

Com uma torrada cheia de ovos e queijo na mão, Gabriela me interrogou sobre como eu havia preparado a surpresa para o seu aniversário. A verdade era que tinha acontecido tudo muito rápido. Depois de ler a sua mensagem, me dei conta de que não queria simplesmente chegar na fazenda com um presente para ela, queria transformar seu dia em algo especial e inesquecível, queria que ela se esquecesse, pelo menos por algumas horas, de tudo de ruim

que estava acontecendo em sua vida atualmente. Então, me lembrei do chalé e perguntei a Caio se ele topava me ajudar. O resto do plano nós moldamos juntos.

Ele se lembrou de Luna e disse que tinha certeza de que ela nos ajudaria, pois sabia que ela torcia para que eu e Gabriela ficássemos juntos. A notícia me pegou de surpresa, pois, apesar de saber que ela e Gabi tivessem se aproximado muito desde o seu retorno à fazenda, não pensei que tivessem ficado tão amigas assim, muito menos que Caio tivesse essa informação. Ele acabou me falando que Gabriela comentou sobre o assunto com ele no dia em que almoçaram juntos na cidade e, sem me dar tempo de lançar a ele o meu olhar cheio de ciúmes, pegou o celular e ligou para Cissa para pegar o número de Luna.

Pousamos bem cedo em Santo Elias no dia anterior e Caio e Luna passaram o resto do dia trocando mensagens, com ela atualizando para ele cada passo que dava com Gabriela. Fiquei mais tranquilo ao saber que minha menina estava em boas mãos, se divertindo com a amiga e, nesse meio tempo, arrumamos tudo no chalé. Ficar o dia todo sem responder Gabriela ou atender às suas ligações foi a pior parte, mas, no fundo, eu sabia que valeria a pena e não me enganei. Faria tudo de novo só para ver os seus olhos brilhando, emocionados com a surpresa tão simples que eu havia preparado.

— Foi tão especial... Eu amei demais — Gabriela disse quando terminei de contar e se inclinou para me beijar.

— Fique assim mesmo, de olhos fechados, tá bom? — Pedi ao me afastar depois do beijo e ela franziu o cenho.

— Por quê? Outra surpresa?

— Sim, mas só vai ganhar se ficar de olhos fechados.

Ela me deu um sorriso ansioso e assentiu, segurando na beirada do banco em que estava sentada. Eu me levantei e fui rapidamente até o quarto, pegando o presente que havia escondido na gaveta do criado-mudo e voltei para a cozinha, a encontrando no mesmo lugar, ainda de olhos fechados. Aproveitei e peguei logo o bolo pequeno dentro da geladeira e a vela com o número vinte, acendendo e me aproximando dela. Coloquei o bolo na sua frente, em cima da bancada e parei atrás do seu corpo, beijando seu pescoço até a bochecha. Ela estremeceu e gemeu baixinho.

— *Parabéns pra você, nessa data querida...* — cantarolei em seu ouvido e Gabriela abriu os olhos. Vi pela lateral a sua reação, a forma como ficou boquiaberta e ao ver o bolo pequeno, coberto com glacê branco e rosa.

— Ai, meu Deus! Ai, meu Deus do céu, Ramon!

Ela saiu do banco e se jogou em meus braços, me dando tempo só de segurar a sua cintura com os braços. Ri do seu entusiasmo e beijei a sua boca quando encostou os lábios nos meus.

— Era para ter cantado parabéns para você ontem à noite depois do jantar, mas não seguimos o roteiro que eu havia planejado milimétricamente em minha cabeça. Espero que não se importe de partirmos o seu bolo com um dia de atraso.

— É claro que eu não me importo! É tão lindo... — Os olhos dela se encheram de lágrimas, mas ela piscou bem rápido para dispersá-las. — Não me diga que foi você quem fez o bolo também?

— Queria muito ter essa habilidade, mas não, não fui eu. Foi Cissa.

— Cissa? Mas, como? Eu nem vi! E como o bolo veio parar aqui?

— Ela pediu para que um dos meninos trouxessem ontem à tarde — falei, voltando a agarrar a sua cintura. — Vai lá assoprar a vela e fazer um pedido.

Animada, ela se virou para o bolo e fechou os olhos por alguns segundos antes de assoprar a vela. Aproveitei que estava entretida e abri a caixa com o colar que havia comprado ainda em São Paulo, seu presente de aniversário oficial. Deixei a caixa ao lado do bolo e Gabriela ofegou, colocando a mão na frente da boca.

— Feliz aniversário, meu amor — murmurei em seu ouvido e ela me olhou com os olhos esbugalhados, antes de tocar no colar com a ponta dos dedos.

— Meu Deus, é o Trovão! — Ela exclamou e eu assenti, vendo seus olhos se encherem de lágrimas de novo.

Eu já havia notado como ela e Trovão pareciam ter uma ligação especial, algo que nada no mundo poderia explicar. O animal arredio só ficava calmo quando ela estava por perto e parecia prestar atenção em cada um dos seus gestos e palavras, como se Gabriela o encantasse, o hipnotizasse. Quando vi o colar em uma joalheria, com um pingente delicado de um cavalo apoiado nas patas traseiras, não pude deixar de comprar. Para mim, parecia o presente perfeito.

— É lindo! É perfeito! Coloca em mim, por favor?

Tirei o colar da caixinha e coloquei em seu pescoço, fechando na nuca. Ela tocou o pingente com as pontinhas dos dedos e se virou para mim com a respiração entrecortada.

— Ficou maravilhoso em você — falei, admirado.

— Preciso ver no espelho, vem comigo!

Gabriela me arrastou atrás de si até o quarto e parou em frente ao espelho de corpo inteiro que eu havia posicionado ao lado da banheira de hidromassagem. Ela se admirou com um sorriso no rosto, toda feliz, antes de se virar para mim e me abraçar com força.

— Eu amei tanto! Muito obrigada, é o melhor presente de aniversário do mundo, depois da noite de ontem!

— Que bom que gostou, quando vi esse colar, lembrei logo de vocês dois.

— É a nossa cara! — ela riu baixinho e passou os lábios pelos meus. — Não sei se alguém já disse isso, mas você é o homem mais perfeito do mundo, Ramon Baldez.

— Sou, é?

— Sim. E eu nem acredito que é o meu namorado. Para se tornar melhor ainda, só precisa me levar até a cama e fazer amor comigo de novo.

— Agora mesmo, senhorita.

Pegando seu corpo maravilhoso em meu colo, caminhei até a cama ainda bagunçada e me preparei para tornar aquela manhã ainda mais intensa e deliciosa.



“Você me dá febre quando me beija
Febre quando me abraça apertado
Febre de manhã
Febre por toda a noite”

Fever – Ana Carolina

RAMON

Levei um tempo maior do que o necessário para desabotoar a minha blusa no corpo de Gabriela. Fui desvendando cada pedacinho de pele enquanto ela me olhava com expectativa, observando como havia deixado marcas avermelhadas em seu pescoço e na barriga e como os mamilos durinhos pareciam maiores do que na noite anterior, como se tivessem inchados por conta dos meus beijos. A danada não usava calcinha, por isso, quando separei os lados da camisa, seu corpo totalmente nu me saudou, deixando-me louco de tesão.

Pude ver que seus grandes lábios brilhavam, demonstrando como ela já estava excitada e eu sequer a havia tocado ainda. Isso me encheu de expectativas. Se Gabriela ficava assim só por estar em minha presença, eu mal podia imaginar como faria para manter o controle quando voltássemos para a fazenda. Provavelmente, ia querer ficar dentro dela vinte e quatro horas por dia.

Fiz com que tirasse a minha camisa e joguei a peça no chão, pronto para

mergulhar em seu corpo, mas Gabriela levantou os pés e enfiou um dedão em cada lado da minha cueca, puxando o tecido para baixo até o meu pau pular todo animado pra fora, bem duro e com a cabeça molhada. Seu olhar guloso e a pontinha da língua para fora da boca me encheram de tesão e fizeram com que minhas bolas sofressem um espasmo quase doloroso. Vinha negligenciando aquela ereção desde ontem à noite, meu corpo já estava cobrando o seu preço.

Abaixando os pés, Gabriela se sentou na cama e terminou de abaixar a minha cueca, deixando que eu terminasse o serviço ao me livrar da peça aos chutes. Ela mordeu os lábios, como se quisesse fazer tudo comigo, mas estivesse se contendo, por isso, fiz questão de tomar a minha ereção na mão, subindo e descendo bem devagar, expondo bem a cabeça para que ela observasse atentamente.

— Quer tocar? — perguntei com a voz rouca, fincando mais os joelhos no colchão e separando as pernas.

Gabriela voltou a lamber os lábios e me olhou. Deus do céu, eu amava a cor diferente daqueles olhos e o fato de serem tão expressivos. Eles me falavam tudo o que ela não conseguia me dizer em voz alta.

— Quero, mas eu não sei se eu sei... — Uma caretinha surgiu em seu rosto e eu sorri, pegando sua mão direita.

— Ontem você quase me enlouqueceu quando me tocou. Faz do seu jeitinho, vai ser uma delícia, tenho certeza.

Minhas palavras pareceram mexer com a sua confiança, pois ela me olhou com mais intensidade, decidida. Levei sua mão até o meu pau e ela fechou os dedos finos e delicados na base grossa, me fazendo estremecer pelo simples fato de ser *ela* a me tocar. Cada pequena parte de Gabriela mexia demais comigo e daquela vez não poderia ser diferente. Obviamente, ela não se tornaria uma *expert* em punheta logo na primeira vez, mas eu tinha certeza que aquela seria uma das melhores experiências da minha vida.

— Assim é bom? — ela perguntou com a voz levemente entrecortada pelo tesão, movimentando a mão para cima e para baixo bem devagar. Um assobio saiu pelos meus lábios e eu assenti.

— Sim. É uma tortura deliciosa.

Ela riu e acelerou um pouco o movimento, observando com atenção quando uma gota do líquido pré-ejaculatório escapou pela frestinha da glande. Precisei cerrar o maxilar quando ela passou o polegar bem ali e espalhou o líquido com um toque suave demais, melando minha cabeça toda,

enquanto continuava a me masturbar.

— Porra...

O gemido escapou por entre os meus dentes e ela me encarou com os lábios levemente separados. Precisei fechar meus olhos com força para não imaginar o meu pau entrando naquela boquinha, ou ia cometer uma loucura e acabar apressando as coisas. Ela aumentou a velocidade e eu respirei fundo ao sentir a pele do meu pênis ficar quente e sensível. Precisava de lubrificação, mas, ao mesmo tempo, não queria que ela parasse.

— Me dê a sua mão — pedi por fim, segurando seu pulso para que ela parasse com os movimentos. Com o cenho levemente franzido, ela me estendeu a mão e eu passei a língua na palma, observando o modo como sua pele ficou arrepiada e suas pernas se pressionaram uma contra a outra. Iria tocar aquela bocetinha em breve, não aguentaria esperar por muito tempo. Levando sua mão molhada pela minha saliva ao meu pau, falei: — Lubrificação é tudo.

Um sorrisinho nasceu em seus lábios e ela se aproximou mais um pouco. Não passou despercebido por mim o fato de sua boca ter ficado mais perto da minha ereção.

— Sim, professor Baldez — falou com aquela carinha de espevitada e eu estremeci com força. Puta merda, nunca fui um cara de ter fantasias sexuais, mas, de repente, só conseguia pensar em Gabriela como minha aluna. Seria um prazer ensinar tudo para ela.

Sua mão voltou a subir e descer pela minha extensão, movimentando-se melhor por estar úmida e eu desci meus dedos pelo seu pescoço até o seu seio. Deixei que meu polegar tocasse seu mamilo com delicadeza e Gabriela mordeu o lábio, olhando para mim e colocando a língua para fora de repente, só para lamber a cabeça do meu pau. Foi como levar um choque, minhas bolas se retesaram e cada pelo em meu corpo ficou arrepiado. Ela apenas lambeu e eu quase gozei como a porra de um adolescente de quinze anos vendo pornô.

— Hum... Você gosta disso — murmurou ela, lambendo duas vezes seguidas, antes de encostar meu pau em minha barriga e passar a língua desde a base até cabeça. *Caralho*. — Lubrificação é tudo — repetiu o que falei, antes de fechar os lábios sobre a coroa do meu pênis e chupar com delicadeza.

Puta merda, eu não sabia que conseguia ter tanto autocontrole até aquele momento, pois sentia os jatos de sêmen prontinhos para inundarem a boca

dela, mas consegui impedir que saíssem no último segundo. Gabriela me olhou com os lábios cheios pelo meu pau e segurou a base com mais firmeza do que o necessário, antes de me colocar mais em sua boca. Precisei morder meu lábio com força para não gritar, tanto de dor, quanto de prazer.

— Dentes! — Quase gritei e ela se assustou, deixando meu pau sair da boca.

— Machuquei você! Merda, merda... — ela passou a ponta dos dedos pela glande sensível e eu precisei me esquivar um pouco, pois estava realmente prestes a gozar. Respirando fundo, toquei em seu rosto e fiz com que olhasse para mim.

— Não machucou, mas precisa tomar cuidado com os dentes, tá bom?

Ela assentiu e me olhou com dúvida.

— Talvez seja melhor tocar só com a mão mesmo... — falou com uma careta linda e eu ri baixinho, ficando com as coxas doloridas por estar tanto tempo na mesma posição. Nem sentia mais os meus joelhos. — Mas eu queria pagar o melhor boquete do mundo.

— Gabriela! — Seu nome saiu quase como um gemido em meio a minha risada. Era impossível ouvir aquela boquinha linda falar putaria e não ficar chocado e cheio de tesão. — O fato de você estar aprendendo a pagar boquete no meu pau, já torna esse um dos melhores momentos da minha vida, meu amor.

Ela revirou os olhos e me tocou com delicadeza. Se ela soubesse como eu estava louco pra gozar naquela carinha e naqueles seios, não estaria me tocando tão deliberadamente.

— Vou fingir que acredito — murmurou a contragosto e eu levantei seu queixo com as pontas dos dedos.

— Estou falando a verdade. Você está me deixando tão louco, que estou me segurando pra não gozar desde o momento em que começou a me tocar.

Finalmente ela tirou aquela pontinha de descrença da sua expressão e me olhou com um sorriso.

— Isso explica o porquê de você ficar mais grosso e pulsar mais forte a cada segundo — falou e eu ri baixinho, assentindo. — Você é enorme, Ramon, não vou conseguir colocar tudo na boca.

Eu sabia que meu pau era grande mesmo, mas ouvir Gabriela falando aquilo mais uma vez, me deixou louco. Tocando em seus lábios com o polegar, falei.

— Não precisa colocar tudo, só até onde você aguentar.

Ela balançou a cabeça para falar que entendeu e eu senti meu coração disparar de ansiedade quando fechou os lábios em volta da cabeça e chupou com um pouco mais de força, antes de descer pela minha extensão. Ela não conseguiu pegar nem a metade, não porque eu era realmente enorme como um cavalo, como gostava de dizer, mas porque não tinha experiência, e eu podia ver como estava sendo cuidadosa para não passar os dentes. Mesmo assim, foi coisa mais erótica que já vi na minha vida. Seus olhos encontraram os meus e ela começou a mexer a cabeça para frente e para trás, acolhendo meu pau que se esfregava no céu da sua boca e em sua língua.

— Caralho, amor... — gemi e toquei em sua nuca por debaixo dos cabelos. — Que boquinha gostosa, porra...

Ela gostou do elogio, pois chupou mais forte, deixando as bochechas côncavas rapidamente, pegando-me de surpresa. Uma corrente elétrica passou pela minha espinha e se concentrou bem na glande, me fazendo sofrer um espasmo e despejar o líquido pré-ejaculatório em sua boca. Caralho, estava prestes a gozar e ela nem tinha conseguido tomar metade do meu pau. Seu dente encostou novamente em minha extensão, mas nem tive tempo de reclamar. Precisava sair logo da sua boca, ou iria despejar porra bem ali, na sua língua.

— Vou gozar — informei com a voz grossa e puxei meus quadris para trás, mas Gabriela acompanhou o movimento. — Se não me deixar sair agora, eu vou gozar na sua boca.

Ela nem piscou, simplesmente chupou com mais intensidade, levando-me mais um pouco. Quase engasgou quando cheguei perto da sua garganta, mas conseguiu se afastar para pegar só um pouco além da glande e me olhou com expectativa. Ela queria aquilo. Queria que eu gozasse em sua boca. Nem consegui voltar a raciocinar, toquei em sua nuca e comecei a gozar com força, despejando porra naquela boquinha deliciosa.

— Puta merda, Gabi... — gemi segurando seu cabelo, querendo jogar a cabeça para trás, mas me segurando, pois precisava gravar aquela cena em minha cabeça.

Gabriela franziu o cenho e me segurou pelos quadris, tentando engolir e me chupar ao mesmo tempo. Fiz de tudo para não meter em sua boca e fiquei encantado ao ver um fio de porra escorrer pelo cantinho dos seus lábios. Gabriela me chupou até o fim e precisei puxar de leve o seu cabelo perto da nuca para fazer com que me deixasse sair, pois estava sensível ao ponto de doer. Com os dentes cerrados, tirei meu pau da boca dela e me joguei ao seu

lado na cama, sem conseguir mais me apoiar sobre os joelhos, puxando seu corpo para cima do meu pela cintura. Ela passou as pernas pelos meus quadris e se sentou ao pé da minha barriga, a bocetinha encharcada molhando a minha pele. Caralho, meu pau deu sinal de vida lá embaixo e eu estremeci da cabeça aos pés, sensível até o último fio de cabelo.

— Foi bom?

Olhei para ela um tanto incrédulo por me fazer aquela pergunta e senti minha boca se encher d'água ao ver aquele fio de esperma no canto dos seus lábios. Levando uma mão até a sua nuca, fiz com que se deitasse sobre o meu peito e lambi meu próprio orgasmo, sem ligar para o gosto amargo e enfiei minha língua entre os seus lábios, beijando sua boca com toda a intensidade que sentia em meu peito. Gabriela gemeu e se esfregou em mim com a xoxota meladinha, me deixando maluco de tesão, apesar de ter acabado de ter um orgasmo fenomenal com aquele boquete de iniciante. Girando nossos corpos na cama, a deixei embaixo de mim e mordi seu lábio inferior.

— Foi perfeito — falei, descendo meus beijos pelo seu pescoço. — Estou viciado nessa boquinha agora.

Ela riu e gemeu ao mesmo tempo quando lambi o biquinho duro do seu peito. Puta merda, que delícia.

— Não precisa mentir, não foi perfeito. Arrastei os dentes no final — falou meio frustrada e precisei largar seu peito para poder olhar em seus olhos.

— Eu ficaria assustado se você *não tivesse* arrastado os dentes. Foi o seu primeiro boquete, meu amor, e foi sensacional. Gozei que nem um louco — falei, tocando em seus lábios inchados e vermelhos. Comecei a ficar duro de novo. — Só não precisava ter engolido. Sei que não é o melhor sabor do mundo.

— Mas também não é o pior. Não foi bom me ver engolindo?

— Porra, foi delicioso — sorri, juntando suas mãos acima da cabeça. — Mas agora é minha vez de te engolir inteira.

Ela arquejou e estremeceu de leve, passando a língua pelos lábios, ansiando pelo o que estava prestes a acontecer. Afastei-me um pouco, só o suficiente para visualizar aquele corpo delicioso abaixo do meu, os seios com os bicos pequenos e bem duros, as coxas afastadas exibindo a bocetinha levemente aberta e molhada. Gabriela parecia sentir tudo com a mesma intensidade que eu, conseguia ver na forma como estava excitada, ofegante, entregue, doida por mim.

Chupei sem delicadeza aqueles mamilos marrons-claros, deixando que

ficassem inchados. O gosto da sua pele me inebriava e deixei alguns chupões deliciosos sobre a pele delicada da sua barriga até chegar à vagina. Gabriela abriu mais as pernas e mordeu com força o lábio quando deixei minha língua passear pela bocetinha até chegar ao clitóris durinho, que palpitava, implorando para ser lambido e sugado.

— Amo o seu gosto — falei, deixando um beijo na sua virilha. — Seu cheiro... Suas curvas... Tudo em você me encanta, minha menina...

Ela se contorceu sobre a cama e chamou pelo meu nome em um chiado agudo quando enfiei minha língua em sua entrada apertada e toquei o grelinho com o polegar. Senti sua mão em meu cabelo e deixei que rebolasse em minha boca, como quis fazer ontem, e senti meu pau ficar em ponto de bala, duro e grosso, doido para entrar nela de novo.

— Não... Não quero gozar agora, quero gozar com você dentro de mim — ela disse ofegante, fechando as pernas ao redor da minha cabeça.

Estava louco para sentir o seu orgasmo na ponta da minha língua, mas fiz o que me pediu e não deixei que gozasse. Com muito custo, subi novamente pelo seu corpo e beijei a sua boca enquanto pegava uma camisinha dentro da caixa que havia deixado sobre o criado-mudo na noite anterior. Rasguei o lacre com os dedos mesmo e me vesti rapidamente, tocando as coxas deliciosas de Gabriela e me acomodando bem em sua entrada. Antes que eu a penetrasse, no entanto, ela me empurrou pelo peito.

— Posso ficar por cima?

Toquei em sua cintura e girei nossos corpos de novo, deixando que ficasse sentada sobre a minha cintura. Ela riu baixinho e seus cabelos se espalharam pelo rosto e pelas costas. Ajudei a tirar os fios da frente dos seus olhos e lambi meus lábios ao notar como ela ficava gostosa em cima de mim, com aquela cintura bem marcada, a pele vermelha pelos meus beijos, os seios deliciosos e a bocetinha perto do meu pau. Pegando meu pênis de modo desajeitado pela base, ela o posicionou em sua entrada e mordeu o lábio. Como na noite anterior, ela estava meio tensa.

— Com cuidado — pedi, tocando em sua cintura com uma mão e tomando meu pau na outra. — Apoie as duas mãos no meu peito. — Ela fez como pedi e pincelei a cabeça inchada entre as suas pernas, deixando que acariciasse bem o clitóris. Ao ouvir seu gemido de prazer, voltei a posicionar na sua entrada e apertei sua cintura. — Senta devagar.

Ela conseguiu levar a minha cabeça para dentro da bocetinha e estremeceu ao tentar sentar. Suas coxas se retesaram e segurei sua cintura com mais força

ao ver a sua careta desconfortável.

— Com calma — pedi, apesar de aquilo me custar muito. Deus do céu, ela parecia mais apertada do que eu me lembrava. Era uma tortura não poder meter tudo de uma vez até o fundo. Levei meu polegar até o seu clitóris e toquei bem devagar, vendo-a estremecer e morder o lábio com mais força. Senti medo de que tirasse sangue de repente. — Só vai até onde você aguentar.

— Esse é o problema, não sei se aguento nem a cabeça — choramingou e eu engoli em seco. Tadinha, ela estava sofrendo mesmo.

Sentei-me na cama e me encostei na cabeceira, puxando Gabriela pela cintura. Ela soltou um suspiro meio resignado e eu beijei seus lábios, querendo tornar aquilo mais fácil para ela, mas sem saber como. Talvez fosse melhor eu ficar por cima, mas fiquei com medo de sugerir e ela acabar achando que eu não acreditava que ela iria conseguir. Ela relaxou com o beijo e esfregou a bocetinha excitada no começo da minha barriga, fazendo meu pau sarrar em sua coxa. Ela estava cheia de tesão e isso me deu mais gás para continuarmos.

Levantando sua cintura, posicionei meu pau em sua entrada e ela voltou a se abaixar bem devagar, deixando entrar centímetro por centímetro enquanto apertava meu ombro com força, fincando a unha. Suportei a picada de dor e deixei sua língua escapar da minha boca quando não aguentei mais o prazer e precisei gemer. Que delícia que era sentir aquela bocetinha apertada em volta do meu pau.

— Ai Ramon, você é um cavalo — ela gemeu com o cenho franzido e eu ri em meio ao tesão. — Não ria, estou falando sério! Não sei se vou conseguir levar a nossa vida sexual adiante, está doendo... Porra!

Ela finalmente confessou e aquilo acabou com o meu humor. Tocando em seu clitóris, puxei sua boca na minha e ela me beijou de forma meio mecânica, desconfortável. Senti parte do meu tesão ir embora e só não brochei, porque metade do meu pau estava sendo massacrado pelas suas paredes vaginais. Com cuidado, puxei sua cintura para cima, mas ela parou de me beijar e me olhou com o cenho franzido.

— Nem pensar, eu vou até o final!

— Gabriela...

— Não! A gente vai transar até o final! — disse, mas quando tentou descer mais um pouco, voltou a fazer careta.

Tomando seu rosto em minhas mãos, olhei bem fundo em seus olhos.

— Escuta, tenho mais uma coisinha para te ensinar. Confia em mim?

— Você sabe que sim — murmurou com a voz entrecortada.

— Então, suba devagar pelo meu pau e me deixe sair.

Seus lábios formaram um biquinho, mas fez o que pedi. Foi difícil pra caralho ficar quieto enquanto ela deixava meu pau escapar pela bocetinha e beijei sua boca antes de colocar aquela bundinha deliciosa sentada na cama e me levantar.

— Onde você vai?

— Espere só um segundo.

Fui até o banheiro e joguei a camisinha fora, sentindo meu pau apontar mim, ainda pronto para darmos seguimento a penetração interrompida. Abri as gavetas sob a pia e achei o que procurava, em seguida, peguei o espelho que havia posicionado ao lado da banheira e o deixei em frente à cama. Gabriela observou tudo em silêncio, mas com uma curiosidade latente no olhar.

— Pra que isso? — perguntou, mas não respondi.

Depois de deixar o espelho na posição em que queria, coloquei o frasco que havia pegado no banheiro em cima do criado-mudo e voltei para a cama. Fiz Gabriela se afastar da cabeceira, tomando seu lugar e abrindo as minhas pernas. Meu pau ficou em riste encostado em minha barriga, mas o ignorei. Era hora de cuidar da minha menina e fazer com que ela gozasse bem gostoso.

— Sente-se aqui — pedi, apontando para o espaço entre as minhas pernas.

Gabriela veio, mas, antes que se sentasse de frente, a virei pela cintura e a coloquei com as costas em meu peito, juntando seu cabelo em minhas mãos e fazendo com coque desajeitado no alto da sua cabeça. Precisava do seu pescoço e nuca livres para mim e comecei a explorar ali, bem devagar, deixando só meus lábios tocarem a sua pele, enquanto descia as pontas dos dedos pelo seu braço. Quando cheguei em suas mãos, peguei com delicadeza os seus pulsos e fiz com que cruzasse os braços atrás do meu pescoço. Ao olhar para frente, encontrei seus olhos pelo espelho, que refletia nosso corpo todo sobre a cama.

— Eu sei que você está chateada por não ter conseguido ir até o fim — falei em seu ouvido, deixando um beijo atrás da orelha. Ela suspirou e estremeceu quando acariciei suas costelas com as pontas dos dedos. — Mas não precisa se frustrar por conta disso, é normal, você perdeu a virgindade ontem e nós precisamos respeitar os limites do seu corpo.

— Mas eu queria fazer amor com você... — falou com tom de desejo e melancolia.

— E quem disse que não estamos fazendo amor? — perguntei e ela me olhou com mais atenção pelo espelho. Toquei em sua barriga com a mão aberta e senti o movimento cadenciado da sua respiração. — Sexo está muito longe de ser apenas penetração. Sexo é beijo, abraço, toque, olhar, tudo que nos faça sentir prazer... Fiquei doido com a sua boca no meu pau e aquilo foi sexo. Você quase gozou com a minha língua agora pouco e aquilo também foi sexo. Vamos fazer sexo agora também e vai ser delicioso. Quer ver?

Sua respiração ficou mais acelerada e ela assentiu com expectativa, me olhando com o tesão renovado. Puxando seu rosto de encontro ao meu, a beijei com delicadeza, enquanto pegava o óleo corporal que havia encontrado na gaveta do banheiro e colocava um pouco em minhas mãos. Esfreguei as palmas até sentir a temperatura aumentar e toquei em seu corpo com delicadeza, apertando os ombros ainda tensos e ouvindo o seu suspiro. Sua língua deixou a minha boca e ela jogou a cabeça para trás, deitando sobre o meu ombro. Queria mesmo que relaxasse, antes que voltasse a ficar doida com o meu toque.

Tinha plena consciência de que, para Gabriela, não ter conseguido ir até o fim com a penetração poderia ser mais do que frustrante. Ela poderia começar a se questionar sobre a sua capacidade, sobre a sua sexualidade e não queria que pensasse em nenhuma daquelas coisas. Uma hora ela iria conseguir me levar dentro da bocetinha sem sentir dor alguma, no entanto, ainda tínhamos um caminho a percorrer até chegarmos nesse estágio.

Seu gemido baixinho encheu os meus ouvidos quando desci as mãos para os seus seios e toquei os dois ao mesmo tempo. Vi pelo espelho quando mordeu o lábio inferior e espalhei beijos em sua bochecha até chegar em sua orelha.

— Olhe para frente, veja nós dois.

Ela fez o que pedi e sua expressão mudou ao observar meu olhar e meu toque refletidos no espelho. Fiz questão de morder o lábio e gemer baixinho em seu ouvido, enquanto arrastava meu polegar pelos biquinhos duros e brilhando pelo óleo. O corpo de Gabriela começou a esquentar junto com o meu e ela apertou as pernas uma na outra, claramente excitada. Nem precisava falar que meu pau babava contra as suas costas.

— Abra as pernas, quero ver essa bocetinha deliciosa — falei e ela afastou as coxas. O cheiro da sua excitação ultrapassou a barreira do aroma

adocicado do óleo e penetrou o meu olfato, me deixando louco. — Como você é linda, olha como está molhadinha... Vai ter um dia que vou te pegar de jeito no meio da tarde, te arrastar para um dos celeiros e te comer com vontade, enquanto meus funcionários continuam a trabalhar do lado de fora, sem saber que o patrão está cheio de tesão, comendo a namorada bem gostoso.

Ela estremeceu com força e rebolou sobre a cama, como se precisasse de algo entre as pernas naquele momento. E eu sabia que precisava mesmo, mas continuei a tocar seus peitos.

— Meu Deus, Ramon... — gemeu, abaixando os braços e fincando as unhas em minhas coxas.

— Vou ter que tampar a sua boca, porque você vai gritar tanto, que vai acabar chamando atenção — continuei, vendo como ficava mais excitada a cada segundo. — Vou meter tão gostoso nessa bocetinha, que você vai me sentir aí dentro o dia todo, até te pegar de novo de noite. Sabe o que vou fazer com você quando estiver na minha cama, no meu quarto?

— O... O quê?

— Vou te colocar de quatro e bater nessa bundinha até você implorar pelo meu pau. Você não vai sentir outra coisa que não seja prazer...

Desci minha mão direita pela sua barriga e toquei sua virilha até a parte interior da coxa. Ela arreganhou as pernas, ao ponto de eu conseguir ver seu clitóris e a abertura pequena da sua vagina pelo espelho. Precisei engolir em seco com o espasmo de tesão que cobriu meu pau. Babei com força em suas costas e mordi seu pescoço de leve, descendo a outra mão e acariciando suas coxas. Tinha pouco óleo em minha mão, mas queria assim mesmo, pois precisava sentir apenas a sua lubrificação quando tocasse em sua boceta. Gabriela se contorceu entre os meus braços.

— Por favor, Ramon, me toca... Não aguento mais...

Eu também não aguentava mais, por isso, invadi sua boceta com os meus dedos e rocei no clitóris duro. Gabriela gozou na hora. Foi tão espontâneo que até ela gritou de surpresa, pulsando com força contra o meu dedo, estremecendo sobre a cama e gemendo alto o meu nome. Suportei a picada de dor das suas unhas em minhas coxas e sorri de encontro ao seu pescoço, sentindo seu cheiro, seus tremores, enquanto a tocava lá embaixo. Sensível, ela fechou as pernas com força e eu subi minha mão pela sua barriga. Ainda não havia terminado com ela.

— Que delícia, minha menina... Você é tão maravilhosa, deliciosa... —

gemi ao lamber meu dedo. Ela me viu pelo espelho com aquele olhar lânguido e a boca aberta. Toquei seus lábios com o dedo que havia acabado de chupar e ela engoliu a saliva antes de fechar os lábios sobre ele, rodando a língua bem na ponta. Caralho, senti no meu pau, mas me segurei para não gozar. — Abra as pernas, quero tocar essa bocetinha de novo.

— Estou sensível — reclamou ao soltar meu dedo e eu sorri, assentindo.

— Eu sei, mas vou te deixar mais sensível ainda. Mostra essa xoxotinha gostosa para mim.

Ela riu baixinho e abriu as pernas devagar.

— Você é tão depravado!

Toquei com delicadeza em seu clitóris de novo, descendo até a sua abertura, que piscou de leve quando pressionei o dedo. Penetrei devagar, sentindo as paredes vaginais me abrigarem, ensopadas. Mal podia esperar para sentir tudo aquilo no meu pau de novo.

— Você gosta da minha boca suja, ou não estaria molhadinha desse jeito — falei, puxando seu rosto para mim com a mão livre. — Beije a minha boca enquanto eu te fodo bem gostoso.

Ela ficou vermelhinha, mas me beijou sem delicadeza e gemeu quando aumentei o movimento do meu dedo, enfiando mais um, a penetrando até o fundo. Que delícia que era sentir como era apertada, delicada, macia e toda minha. Só minha. Meu coração chegava a disparar bem louco no peito ao pensar que a vida havia reservado Gabriela para mim. Era loucura, mas, agora, não conseguia deixar de me sentir grato. Era louco por aquela menina.

Seus quadris começaram a acompanhar os meus movimentos e um gemido alto saiu da sua boca quando consegui inserir um terceiro dedo. Iria deixar ela dilatada daquela forma, preparar seu corpo para a próxima vez que eu fosse penetrá-la. Deixando a minha boca, ela voltou a me encarar pelo espelho e ficou boquiaberta ao ver como a fodia gostoso.

— Olha como você é linda... Em breve será o meu pau bem enterrado aqui — falei, levando a outra mão até o meio das suas pernas para tocar seu clitóris. A visão era incrível e sentia que ela já estava prestes a gozar de novo.

Mordendo os lábios para não gritar, Gabriela levou a mão direita para trás e a enfiou entre os nossos corpos. Foi a minha vez de gemer quando sua mão tocou meu pau de forma meio esquisita por conta da posição, mas prazerosa do mesmo jeito. Estava tão excitado, que sentia que poderia gozar com qualquer fricção, por isso, aumentei a pressão em seu clitóris e encontrei um nervo macio atrás do grelinho na parte de dentro da vagina. Gabriela

arregalou os olhos e gemeu alto, se contorcendo.

— Goza nos meus dedos, meu amor. Vem... Vou gozar bem gostoso pra você também.

— Ah, Ramon...

Ela jogou a cabeça para trás e começou a gozar, tocando-me com mais firmeza perto da cabeça. Esporrei forte em suas costas, sugando a pele do seu pescoço e sentindo como se apertava em volta dos meus dedos. Deus do céu, foi sensacional. Perfeito pra caralho.

Sabendo estava sensível até o limite, tirei meus dedos de dentro dela e deixei que seu corpo caísse de encontro ao meu peito. Sua mão largou meu pau todo melado e vi um sorriso satisfeito nascer em seus lábios. Minha menina. Meu coração galopou no peito ao me dar conta de que nunca estive tão feliz quanto naquele momento.

— Você é perfeita... — sussurrei em seu ouvido e ela levantou o rosto para me encarar. Seus olhos brilharam, emocionados.

— Não mais do que você — respondeu no mesmo tom, tocando em meu rosto.

Tomei sua boca na minha e a beijei tendo consciência de que precisávamos de um banho para limpar toda aquela bagunça, mas deixando tudo para depois. Só precisava sentir sua boca e seu corpo contra o meu naquele momento, enquanto acalmava as batidas frenéticas do meu coração.



“O que há dentro do meu coração
Eu tenho guardado pra te dar”

Um Amor Puro – Djavan

GABRIELA

Só voltamos para a fazenda na manhã seguinte, depois de cozinharmos o nosso jantar — certo, depois de Ramon ter cozinhado e eu ter auxiliado com o corte dos vegetais e bebendo vinho — e passar o resto da noite na cama, um nos braços do outro, rindo, conversando e fazendo amor — sem penetração, pois achamos que era melhor deixar que aquela região do meu corpo se recuperasse um pouco mais.

Despedi-me do chalé com uma sensação nostálgica no peito, com certo receio de ter que voltar a encarar a realidade. Queria que a minha vida fosse tão perfeita quanto as horas que passei ali dentro com Ramon, mas depois de ter passado um dia todo sem ver o meu pai — apesar de ter ligado para o hospital para saber como ele estava — e com Ramon longe da fazenda por tantos dias, precisamos deixar o nosso pequeno paraíso para trás, com a promessa de que voltaríamos em breve.

Assim que pisamos no casarão, Cissa veio ao nosso encontro com um sorriso de orelha a orelha. Foi impossível olhar para ela e não me sentir envergonhada, pois era bem óbvio que ela sabia o que Ramon e eu havíamos feito enquanto estivemos longe, mas ela foi maravilhosa e não soltou nenhum

comentário constrangedor, só disse que estava morrendo de saudades e que estava caprichando no almoço, enquanto nos olhava meio encantada, notando a mão de Ramon em minha cintura e minha cabeça em seu peito.

Não poderia mentir, fiquei muito feliz por ver que Ramon continuou a me tocar enquanto conversávamos com Cissa. Não que eu não tivesse acreditado em seu pedido ou em tudo o que havia me falado enquanto estivemos no chalé, mas, depois de ele ter sido tão cabeça dura em admitir os seus sentimentos, tive certo receio de que evitasse me tocar ou me olhar quando estivéssemos na frente de outras pessoas. Mas ele foi maravilhoso, acariciando minha cintura enquanto ria das coisas que Cissa falava, deixando bem claro para ela, sem precisar de palavras, que estávamos juntos.

Estávamos juntos. Era até difícil de acreditar que aquilo realmente estava acontecendo, mas era a verdade. Para a minha felicidade ficar completa, só faltava meu pai acordar, com o mínimo de sequelas possível. Claro que eu tinha consciência de que seu estado de saúde era bastante delicado, mas me permiti ter esperança e fé naquela manhã. Depois de tomar um banho longo, sentindo dor em músculos do corpo que eu nem sabia que existiam, Ramon me acompanhou até o hospital e eu entrei no quarto de Abraão com o peito recheado de sentimentos.

Foi impossível não me perguntar sobre o que o meu pai pensaria do meu relacionamento com Ramon. Pelo o que havia entendido, eles não eram amigos, talvez meu pai não gostasse de Ramon por algum motivo em particular, mas haviam se tornado sócios antes do acidente e isso, talvez, quisesse dizer alguma coisa, certo? Coloquei em mente que iria pedir mais detalhes sobre esse assunto para Ramon e passei os próximos sessenta minutos ao lado de meu pai, conversando com ele, por mais que fosse unilateral e eu soubesse que, provavelmente, ele não podia me ouvir.

Depois de receber o boletim médico, em que dizia que meu pai estava na mesma, Ramon e eu fomos embora. No carro, com o rádio ligado preenchendo o silêncio confortável, olhei para a mão de Ramon aberta em minha coxa e passei meus dedos pelas veias sobressalentes. Até a mão do homem era perfeita e mordi o lábio ao lembrar de como aqueles dedos me tocaram e me penetraram na noite anterior.

— Está preocupada? — Ramon perguntou, movimentando o polegar em minha perna e despertando-me dos meus pensamentos nada puros. Se ele soubesse o que passava pela minha cabeça naquele exato momento, teria feito uma pergunta totalmente diferente. Resolvi fingir que eu não estava

lembrando das loucuras que fizemos no chalé.

— Impossível não ficar, mas estou me permitindo ter mais esperança, sabe? Talvez seja bobagem, mas quero acreditar que meu pai acordará em breve. Estou otimista.

Depois de tudo o que havia acontecido entre mim e Ramon, era impossível não ter pensamentos positivos sobre todos os outros âmbitos da minha vida.

— É isso mesmo, não pode perder a fé — ele disse enquanto entrávamos na fazenda. O tempo ao lado de Ramon sempre parecia curto demais, sequer o vi passar enquanto ele dirigia. Seu olhar um tanto ansioso encontrou o meu assim que estacionou em frente ao casarão. — Agora, venha comigo, quero te dar o seu outro presente de aniversário. Atrasado, eu sei, mas não deixa de ser especial.

— Outro presente? Como assim?

— Venha comigo e você verá.

Ele beijou a minha mão e saímos do carro, encarando o dia ensolarado do lado de fora. Ao longe, podia ver algum dos meninos trabalhando e arrumando a cerca do pasto principal em frente ao celeiro, onde Ramon abriu a porta e me deixou entrar primeiro. Confusa, olhei em volta, pensando que encontraria algo diferente, mas o lugar estava exatamente igual. Sem entender nada, olhei para Ramon prestes a perguntar o que ele estava tramando, mas ele foi mais rápido e tomou a minha mão, me fazendo uma pergunta.

— Tenho uma história para te contar, promete que vai prestar atenção?

— Prometo.

— Desde pequeno, sempre gostei de observar o crescimento dos potros e ver a evolução deles. Cada cavalo tem uma personalidade diferente e é preciso conhecer bem o animal para poder saber do que ele precisa. Foi assim que eu escolhi Capitão para mim. Ele sempre foi um cavalo mais reservado, quieto, com um olhar atento e um galope firme, mas, acima de tudo isso, ele sempre pareceu me entender. Se eu o pegar agora para cavalgar, ele vai conseguir sentir se eu preciso descontar minha raiva ou frustração, ou se preciso apenas fazer um passeio para desocupar a minha mente. Poucas pessoas acreditam na ligação entre o ser humano e os animais, mas eu sempre acreditei e é exatamente por isso que gosto de cuidar de cada cavalo pessoalmente, mesmo sabendo que a maioria deles vai para bem longe daqui e encontrará o seu “humano”, digamos assim.

Ele abriu um sorriso saudoso, como se estivesse se lembrando de cada cavalo que havia passado por suas terras. Os sentimentos de nostalgia e

carinho em seu olhar me deixaram emocionada.

— Por isso, quando Trovão nasceu, fiz com ele o que fiz com todos os outros. Observei seu crescimento, sua evolução e fui me dando conta do quanto ele era arredio e selvagem. Era quase impossível chegar perto dele, ganhar a sua confiança, fazer com que se acalmasse, mas você fez tudo isso sem qualquer esforço. Naquela noite em que teve o pesadelo e parou aqui, em frente ao Trovão, eu quase senti o meu coração parar, porque tinha certeza de que ele iria arrancar a sua mão com uma dentada quando ousou se aproximar para fazer carinho nele, mas ele não fez nada disso. Ele te olhava como se te reconhecesse, como se confiasse em você e veio mostrando isso durante todo esse tempo. Trovão nunca deixou que ninguém tocasse nele da forma como deixa você. Ele nunca ficou quieto com ninguém, nem mesmo comigo, que o vi nascer, da forma como fica quando você está por perto, conversando com ele. Ele te escuta, ele te entende e te ama, Gabriela. É exatamente por isso que, hoje, estou dando Trovão para você, ou melhor, o devolvendo para você, pois, no fundo, ele sempre foi seu, mesmo antes de te conhecer.

Eu fiquei alguns segundos sem reação. Não conseguia falar ou piscar, sentindo minha mente dar voltas com todas aquelas informações e travar na parte em que Ramon dizia que o Trovão era meu. Aturdida, abri a boca para tentar falar alguma coisa com os olhos arregalados, mas nada saiu e Ramon riu, me pegando pela mão e me levando até Trovão, que nos encarou com o olhar atento. Só naquele momento, olhando para o cavalo de olhos amendoados, foi que consegui esboçar parte do que pensava.

— Você... Você me deu o...

— Sim. O Trovão é todo seu, meu amor — Ramon disse com um sorriso, pegando meu rosto em suas mãos. — Só seu.

— Ai, meu Deus... — sussurrei com meus olhos se enchendo de lágrimas e um sorriso nascendo em meus lábios. Tantos sentimentos me envolviam que eu quase não conseguia respirar. — Ai, meu Deus! Meu Deus!

Soltei um gritinho de animação e Ramon precisou me segurar pela cintura quando me joguei em seus braços. Eu mal podia acreditar que aquilo estava acontecendo, que Trovão agora era meu! Comecei a gargalhar em meio ao choro, com o coração pulando tão forte, que eu tinha quase certeza de que Ramon conseguia sentir com o peito pressionado ao meu.

— Eu não acredito! Ai, meu Deus! Eu nem sei o que dizer, Ramon...

— Só me diga se está feliz ou não — pediu, apesar de saber exatamente qual era a resposta.

Afastei-me para olhar para ele com as bochechas completamente molhadas pelas lágrimas.

— Olha para mim! Sei que estou uma bagunça, mas é porque estou extremamente feliz! Eu ia conversar com você e pedir para que me deixasse escová-lo, para que me ensinasse... E agora ele é meu!

— Sim, ele é. Mas precisamos ir com calma, tudo bem? Sei que vocês têm uma ligação especial, mas Trovão ainda é um cavalo instável.

— Eu sei, tem razão. Ai, Deus do céu!

Passei por ele e me aproximei de Trovão, que me olhava como se não entendesse o porquê de toda a minha euforia. Feliz demais, passei meus braços com delicadeza pelo seu pescoço largo e o abracei, fechando os olhos.

— Você ouviu isso, Trovão? Agora você é meu! E eu sou sua! Nem acredito... — sussurrei por conta do nó que se formou em minha garganta. — Promete que vai me deixar te montar sem me derrubar? Eu sei que estamos muito longe disso ainda, mas um dia, eu vou querer pegar você e sair cavalgando por essa fazenda enorme... O que você acha? Você vai gostar? Ah, já sei! Ramon, você poderia me ensinar a domá-lo! — falei um pouco mais alto, quase surtando com a ideia, enquanto me virava para Ramon. — E, depois, pode me ensinar a adestrá-lo! Diz que sim, por favor!

— Eu falei que precisamos ir com calma — repetiu, se aproximando e começando a acariciar o focinho alongado de Trovão. — Mas é claro que posso te ensinar. Inclusive, tenho vários livros sobre doma e adestramento na biblioteca, você pode ler alguns deles e aprender um pouco sobre a teoria.

— Isso! Vou começar hoje mesmo!

Acho que meu entusiasmo era contagiante, pois peguei Ramon sorrindo enquanto me olhava. Na verdade, ele vinha sorrindo *muito* ultimamente, o que me deixava com o coração batendo feito louco. Acho que Ramon não tinha a mínima noção de como era lindo, por dentro e por fora.

— Eu nem sei como te agradecer, Ramon. Você nem imagina como me fez feliz com esse presente. Trovão é muito especial para mim.

— Eu sei disso. Sempre vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para que você se sinta feliz desse jeito. Tenha certeza disso.

Afastei-me um pouco de Trovão e abracei Ramon pela cintura, levantando o rosto para poder olhar em seus olhos.

— Agora você entende porque me apaixonei por você? Você é o homem mais incrível que eu conheço, Ramon.

— Para de ser boba — ele riu, ficando um pouco envergonhado. Deus do

céu, Ramon era adorável.

— Estou falando a verdade. Você é incrível e eu sou completamente apaixonada por você, pelo seu coração, pela sua gentileza e até pela sua cabeça dura — falei, ficando nas pontas dos pés para poder beijar o seu pescoço. — Eu amei demais o meu presente. Muito obrigada, amor.

— Não precisa agradecer, só me dar um beijo.

— Vou te dar vários beijos.

Dei um beijo nele de tirar o fôlego, tão intenso quanto o amor e a gratidão que eu sentia.



RAMON

Voltamos para o casarão na hora do horário do almoço, morrendo de fome. Cissa já nos esperava com a mesa posta e fiz com que colocasse mais um prato e a convidei para almoçar conosco. Queria comunicar a ela que Gabriela e eu estávamos juntos definitivamente, apesar de ter deixado isso bem claro ao ficar agarrado com ela para cima e para baixo desde que chegamos do chalé. Enquanto comíamos, Cissa me atualizou sobre o que havia acontecido na fazenda nos dias em que fiquei fora e lutei para dividir a minha atenção entre ela e Gabi, que ainda tinha um brilho intenso no olhar, como se não conseguisse parar de pensar no presente que havia ganhado ainda pouco.

— Ah, esqueci de falar, o Caio ligou hoje mais cedo, depois que vocês foram ao hospital. Disse que estava ligando para o seu celular, mas você não atendia.

— Esqueci o celular carregando no quarto, depois do almoço eu ligo para ele — falei, tomando a mão de Gabriela em cima da mesa. Era adorável o sorrisinho bobo que nascia no cantinho dos seus lábios todas as vezes em que eu tocava nela com alguém por perto. — Cissa, Gabi e eu estamos namorando.

— Ah, meu Deus! — Cissa gritou, colocando a mão no peito. Acho que ela não esperava pela notícia, mas já me conhecia e sabia que eu não fazia rodeios sobre nada, só falava e pronto. Um sorriso enorme se abriu em seus

lábios e seus olhos ficaram marejados. — Não acredito! Que felicidade! Nos últimos anos, acabei me convencendo de que você iria morrer solteiro.

Gabriela gargalhou e eu balancei a cabeça com falsa desdém.

— Nossa, Cissa, eu fico emocionado ao saber que você confiava tanto no meu potencial.

Ela balançou a cabeça e se levantou, aproximando-se de mim e de Gabi. Seus braços passaram pelos nossos ombros antes de plantar um beijo em nossas bochechas.

— Você sempre foi um homem difícil, mas eu tinha certeza de que Gabriela iria te enlaçar uma hora ou outra. Graças a Deus você parou de lutar contra o que sentia. Estou muito feliz por vocês! Vou até pegar a sobremesa para que possamos comemorar!

Ela saiu quase saltitando da sala de jantar e eu aproveitei aquele momento a sós para afastar um pouco a cadeira da mesa e chamar Gabi para se sentar em meu colo. Ela nem piscou, veio correndo e eu acariciei a sua coxa macia com a mão aberta, tomando seus lábios nos meus. Adorava quando ela usava aqueles shorts curtos, apesar de sentir uma pontinha de dor de cabeça ao pensar nos olhares que atraía para si. Acho que Gabriela não tinha noção de como era bonita e gostosa.

— Cissa vai voltar e vai brigar com você por ficar de saliência comigo — ela disse baixinho, dando um tapinha em minha mão boba.

— É capaz de ela agradecer a Deus por eu ficar de saliência com você — falei em tom de brincadeira, mas, no fundo, sabia que era verdade. Não duvidava de nada quando o assunto era Cissa. Gabriela riu e mudou rapidamente de assunto.

— Estou tão animada com a possibilidade de trabalhar com Trovão! Nossa, ainda nem acredito que ele é meu de verdade!

— Lembra quando falei que você poderia usar esse tempo aqui na fazenda para descobrir a sua paixão? Isso ainda está de pé.

— Mas eu já descobri a minha paixão... Você — sorriu, acariciando meu pescoço e me fazendo rir.

— Sim, eu sei que sou apaixonante e encantador — brinquei —, mas não estava falando desse tipo de paixão, apesar de estar bem feliz pela sua descoberta. Estou falando que você pode se descobrir como pessoa, o que você gosta de fazer, como vai querer viver a sua vida daqui por diante. Use essa oportunidade de trabalhar com Trovão para tentar descobrir se é isso que você realmente gosta, que realmente quer, mas, claro, tenha sempre em mente

que você pode ser e fazer o que quiser. É totalmente livre.

Ela mordeu o lábio, parecendo ansiosa e resolvi encerrar aquele assunto por enquanto. Eu sabia que era muita coisa para tentar entender ao mesmo tempo, portanto, era melhor deixar os conselhos de lado e abrir espaço para que ela começasse a pensar e decidir sobre a própria vida. Para distraí-la, puxei sua boca para a minha e a beijei com mais intensidade do que pretendia, cedendo espaço ao desejo que sentia por ela. Apesar de termos passado a noite nos braços um do outro, já estava morrendo de saudade do seu corpo, do seu sabor, de poder escorregar meus lábios pelo seu pescoço até os seios, enquanto a acariciava entre as pernas. Comecei a ficar duro ao pensar nisso e Gabriela sorriu entre os meus lábios.

— Tem alguém ficando animadinho — sussurrou e escorreguei meus lábios pelo seu maxilar.

— A gente sempre fica animadinho quando você está por perto, só que, agora, não precisamos mais disfarçar — falei, acariciando suas costas com as pontas dos dedos. Ela estremeceu e esfregou aquela bunda deliciosa no início da minha ereção. — Quero que você durma no meu quarto a partir de hoje.

Seus olhos brilharam e se arregalaram em surpresa.

— Jura?

— Sim, se você quiser, é claro.

— Claro que eu quero! Imagina se vou recusar um convite como esse — falou, me arrancando uma risada. Sua excitação com coisas pequenas sempre me divertia.

— Não sei se vai dar todas as suas roupas no meu closet, mas a gente pode arrumar um espaço para você mais tarde. Enquanto isso, continue a ocupar o closet do seu antigo quarto.

— Tá bom. Nem acredito que vou conhecer a suíte master... — murmurou com ansiedade.

— Não sei se vou deixar você observar muita coisa depois de passarmos pela porta, mas vou deixar que conheça cada detalhe da cama, enquanto te faço enlouquecer em cima dela.

Ela apertou as coxas e semicerrou os olhos.

— Você é um pervertido, Ramon Baldez!

— Mas eu sei que você gosta.

Ataquei seus lábios de novo enquanto ela ria e senti meu peito se encher de alegria e uma paz reconfortante. Nunca, nem em meus melhores e mais loucos sonhos, imaginei viver algo tão intenso assim. Era até difícil imaginar

como eu conseguia viver antes de Gabriela entrar em minha vida.

— Meninos, pelo amor de Deus! Todos os quartos desse casarão estão desocupados no momento, procurem um para vocês e parem de se pegar no meio da sala de jantar! — Cissa falou e Gabriela afastou a boca da minha de supetão, me deixando com a língua de fora.

— Desculpa, Cissa! A culpa é desse fazendeiro chucro e sem educação — Gabi falou com o rosto vermelho, tentando pular do meu colo, mas não deixei e comecei a rir.

— Eu tenho bastante educação! Cissa e meus pais me educaram muito bem.

— A gente educou, só resta saber se você está usando direitinho — Cissa disse em um tom falso de deboche, mas com os olhos brilhando de alegria. — Parece que não, mas, o que eu posso fazer? O amor é assim mesmo, ele tira o bom senso das pessoas. Fiz pavê de coco!

E, simples assim, Cissa deixou o falso desprezo de lado e serviu uma enorme fatia de pavê em um prato só, colocando na minha frente com duas colheres. Era como se ela soubesse que eu não deixaria que Gabriela saísse do meu colo, portanto, não tinha necessidade de nos servir dois pratos, se iríamos comer juntos. Ela se serviu voltou a se sentar em seu lugar. Precisei disfarçar o arrepio de tesão que tomou o meu corpo quando Gabriela gemeu ao comer o doce.

— Nossa, Cissa, que delícia! Você precisa me ensinar a cozinhar assim.

— Vai ser um prazer, menina, é só você não arranhar as minhas panelas. Eu tenho um apreço muito grande por elas.

— Cissa gosta mais das panelas do que de mim — falei com uma careta, arrancando risada das duas.

— Que menino ciumento! Já sinto pena de você, Gabi. Se ele te perturbar muito, pode me contar e eu dou uma surra de colher de pau nele.

— Pode deixar, Cissa — Gabi piscou, me olhando com um sorriso trapaceiro.

— Meu Deus, vou enlouquecer com essas duas mulheres na minha vida!

Estávamos quase terminando a sobremesa quando uma cabeça com cabelos coloridos apareceu entre as portas duplas da sala de jantar. Luna abriu um sorriso gigantesco ao flagrar Gabi sentada em meu colo.

— Luna!

Gabriela saiu correndo e abraçou a amiga, que ficou um tanto surpresa com o ataque repentino de carinho, demorando um pouco a abraçá-la de volta.

Observei a interação entre as duas com mais atenção, ficando feliz ao ver que realmente se davam bem e que pareciam ter muita intimidade uma com a outra. Gabriela precisava mesmo de uma amiga e eu gostava muito de Luna. Ela havia chegado a minha fazenda com uns seis ou sete anos de idade, tinha visto ela crescer e sabia que era uma menina maravilhosa e extrovertida. Depois de cochicharem, Luna se virou para mim e para Cissa.

— Boa tarde, seu Ramon. Cissa, adorei o bolo que você fez ontem, minha mãe me levou um pedaço!

— Tem mais lá na cozinha, querida, depois pegue mais um pedaço — Cissa disse, levantando-se da mesa e recolhendo as travessas de comida. — Ramon, pode levantar a bunda da cadeira e me ajudar. Deixe as meninas conversarem.

— Imagina, não quero atrapalhar vocês! É que eu esqueci alguns produtos de cabelo no quarto da Gabi e queria saber se podia pegar — Luna disse.

— Não está atrapalhando, Luna, pode ficar tranquila, e esqueça esse negócio de “seu Ramon”, certo? Sempre falei que você podia me chamar pelo nome, agora eu faço questão — falei, levantando-me também.

— Minha mãe arranca meu couro se me ouvir chamando o senhor pelo nome — ela disse com uma risada.

— Deixa que eu me entendo com a Rosana depois.

Ela assentiu e Gabriela se aproximou de mim, passando os braços pela minha cintura.

— Vou ficar um pouco com a Luna lá no quarto, tá bom?

— Tudo bem. Eu preciso dar uma volta pela fazenda e conversar com os rapazes... Nos encontramos na hora do jantar? — Ela assentiu e eu tomei seu rosto em minhas mãos, dando um beijo em seus lábios. — Vou sentir saudades — sussurrei para que apenas ela ouvisse.

— Eu também.

Depois de mais um beijo, ela se afastou e saiu da sala de jantar de braços dados com Luna. A observei que nem um bobo até a perder de vista.

— Nunca imaginei te ver assim, tão apaixonado — Cissa disse ao meu lado, tomando a minha mão. Tinha até esquecido que ela ainda estava ali e, por mais idiota que pudesse parecer, me senti como um menino envergonhado ao ser flagrado pela mãe. — Você parece até mais jovem... Quer dizer, mais jovem não, parece um homem de trinta e oito anos e não um fazendeiro todo durão que aparenta ser mais velho do que realmente é.

Não pude deixar de rir e acabei concordando com ela, pois era exatamente

daquele jeito que eu me sentia.

— Que loucura, não é, Cissa? Eu estar agindo como um doido apaixonado a essa altura da minha vida.

— Querido, o amor não tem idade e nem hora para acontecer, ele simplesmente vem. Não imagina como estou feliz por você! Gosto tanto da Gabi! Graças a Deus seu coração resolveu bater mais forte por ela e não por uma mulher qualquer.

— Ah, Cissa, você é uma figura! — Gargalhei, a abraçando pelos ombros. — Obrigado por tudo. Você abriu os meus olhos naquela noite.

— Sei disso. Ainda bem que estou por aqui para colocar ordem em tudo. Só peço para que me deem netos logo, porque estou velha e daqui a pouco não terei mais condições físicas de ficar correndo atrás dos *Baldezinhos* por essa casa enorme.

— Sem pressa, Cissa, sem pressa...

— Sem pressa? Diga isso para você mesmo. Do jeito que olha pra Gabriela, como se quisesse pular no corpo dela, não duvido que a menina apareça grávida já no próximo mês. Sou velha, mas não sou burra, Ramon!

— Cissa! Pelo amor de Deus, mulher, saia daqui! — A afastei com delicadeza pelos ombros e ela riu, me dando um tapa na bunda.

— Nem pense em fugir! Venha tirar a mesa comigo, eu ainda mando em tudo por aqui, apesar de você ser o patrão!

Cissa amava jogar as verdades na minha cara, por isso, a ajudei a levar tudo para a cozinha, me dando conta de que a minha vida não seria a mesma se não tivesse aquela senhora baixinha e abusada por perto. Amava Cissa com todo o meu coração.



“Toque meu corpo
Me jogue na cama
Eu só quero te fazer sentir
Como nunca se sentiu antes”

Touch My Body – Mariah Carey

GABRIELA

Joguei-me na cama ao lado de Luna e ela me olhou segurando uma risada.

— Não esqueci produto nenhum aqui, foi só uma desculpa para te tirar dos braços de Ramon e virmos fofocar! Me conte tudo! Quero detalhes!

Eu tinha quase certeza de que ela estava mentindo, mas não liguei, porque também queria muito contar tudo para ela. Luna me olhava com uma expectativa enorme, quase quicando na cama, abraçada ao meu travesseiro.

— Não sou mais virgem! — falei de uma vez só e Luna soltou um gritinho, dando soquinhos no ar.

— Eu sabia! Vocês não passariam duas noites naquela casinha se estivessem apenas conversando! Ai, meu Deus, ainda bem que fiz você raspar a perseguida.

— Luna! — Dei um tapinha em sua coxa e ela riu.

— E aí, como foi? Doeu muito? Coube direitinho, né?

Tampei meu rosto quente de vergonha, lembrando-me de tudo o que havia acontecido entre mim e Ramon. Era estranho ter que contar tudo em detalhes

para outra pessoa, mas, apesar de certo constrangimento, me sentia muito à vontade com Luna e sabia que podia confiar nela.

— Ele é enorme. Doeu horrores! — falei e Luna ficou de boca aberta. — Me fiz de forte, claro, mas quase chorei. Nem sei como consegui deixar entrar tudo na primeira vez.

— Misericórdia! — Ela passou a mão pelo peito, como se estivesse sentindo dó de mim. — E depois?

— A gente só foi fazer amor de novo pela manhã, mas não consegui deixar entrar. Sabe, doía de verdade, parecia que estava me abrindo. Fiquei frustrada, é lógico, porque a gente vê uns vídeos na internet em que a mulher recebe uma tora com facilidade, mas eu não consegui sentar no cavalão...

— Cavalão? Gabriela, pelo amor de Deus!

— É um apelido carinhoso — ri, vendo sua expressão de horror. — Enfim, resolvemos esperar antes de tentar de novo e fizemos outras coisas... Ramon é perfeito. Estou tão apaixonada! Parece que estou flutuando, ainda é difícil acreditar que isso tudo está acontecendo de verdade.

— É tão bonitinho ver vocês dois! Ramon te olha como se você fosse uma garrafinha de água no meio do deserto... Parece que você é única e especial demais aos olhos dele.

Fiquei toda boba ao ouvir aquilo, sabendo que agora eu poderia acreditar sem sentir medo de estar me enchendo de falsa esperança.

— Ele me pediu em namoro.

— Não acredito! Meu Deus do céu! Eu nunca vi o seu Ramon namorar ninguém e olha que o conheço desde que eu era uma criança! Ai, amiga, que coisa maravilhosa! — Ela segurou a minha mão com entusiasmo. — Quero ser madrinha do casamento, por favor!

— Claro que será e fará par com o Caio! Aliás, como foi o jantar?

— Constrangedor, né, Gabriela. O homem sabe que eu acho que ele tem pau grande e ficou me olhando com um sorrisinho convencido a noite toda. Nem sei como eu consegui engolir a comida.

Não consegui conter a gargalhada e Luna acabou me acompanhando, afundando a cara no travesseiro.

— Mas ele tocou nesse assunto?

— Assim, algumas vezes, ele fez alguns trocadilhos sobre coisas *grandes* e *enormes*, mas no assunto em si, ele não tocou. Bom, nem precisava né, porque mesmo em meio ao silêncio, eu sentia as minhas próprias palavras me rondando, tirando sarro de mim... Foi horrível, apesar de Caio ter tentado

contornar a situação. Tenho que dar o braço a torcer e admitir que ele fez de tudo para que eu me sentisse confortável, apesar das piadinhas.

— Caio é maravilhoso, Luna. Ele fez essas piadinhas, porque tem um senso de humor incrível e não perde uma oportunidade de tirar sarro sobre alguma coisa, mas, de resto, ele é perfeito.

As bochechas de Luna ficaram levemente coradas, mas ela logo disfarçou.

— Certo, sei que você gosta muito dele, mas, no que depender de mim, nossa relação terminou naquela mesa de jantar. Não quero mais passar vergonha, de verdade. Agora, vamos mudar de assunto? Quero mais detalhes sobre o seu tempo com o Ramon.

Nem precisava esconder que aquele era o meu assunto favorito, pois o meu sorriso e o meu entusiasmo ao compartilhar mais detalhes deixaram isso bem claro conforme voltávamos a conversar.



Nunca pensei, em toda a minha vida, que poderia passar mais de dez minutos para escolher uma roupa para dormir. Depois do jantar, Ramon precisou se trancar no escritório para atender o telefonema de um empresário e eu resolvi tomar um banho, já que fiquei com Luna até tarde no quarto e não consegui entrar debaixo do chuveiro antes de jantar. Agora, enrolada em uma toalha, eu encarava as opções à minha frente e queria tacar fogo em todas elas.

Nunca me preocupei em comprar roupas sensuais para dormir, até porque, nunca tive com *quem* usá-las, então, agora eu tinha que escolher entre um *baby-doll* de seda verde-água, outro com estampa de corações, outro com estampa de flores e uma camisola de algodão que quase chegava em meus joelhos. Aquela peça eu fiz questão de jogar para trás na primeira oportunidade, era horrível e tinha medo de que o pau de Ramon murchasse antes mesmo que tivesse a oportunidade de ficar de pé ao me ver vestida. Peguei o conjunto de seda nas mãos, lembrando que estava vestida com um idêntico, só que na cor azul, na primeira vez que dormi ao lado de Ramon e não passou despercebido por mim a forma gulosa com que me olhou. Por isso, acabei optando por ele mesmo, jurando que iria comprar roupas de dormir mais sensuais.

Ramon era um homem de trinta e oito anos e, apesar de nunca ter namorado sério, tinha bastante experiência na cama. Odiava ter que pensar em sua vida sexual antes de mim, mas tinha que admitir para mim mesma que, com certeza, ele havia se deitado com mulheres mais velhas, mais sexys e mais experientes, que tinham milhares de *lingeries* de renda para poder o enlouquecer. Não podia ficar atrás delas, de jeito algum. Por isso, peguei uma das poucas calcinhas fio dental que possuía e me vesti, hidratando o corpo com o meu creme favorito antes de terminar de me vestir. Assim que saí do closet, encontrei Ramon parado no batente da porta do meu quarto, usando apenas a calça fina de um pijama.

Seus braços cruzados deixavam os músculos e as veias bem destacadas e a barriga levemente trincada era uma perdição com aquele V levemente pronunciado, que se escondia por dentro da calça. Engoli em seco ao perceber que estava sem cueca. Não que ele ostentasse uma ereção, estava bem longe disso, mas o pano molinho praticamente moldava o seu pênis. O homem era um espetáculo e eu mal podia acreditar na sorte que eu tinha por saber que ele estava apaixonado por mim.

— Vim te buscar. Está pronta? — perguntou, me estendendo a mão.

— Estou.

Toquei na mão dele e senti meu coração disparar quando deixamos a minha suíte para trás. Estava indo para o quarto de Ramon. Ia dormir com ele lá todos os dias. A ideia era surreal e eu sentia que precisava de um beliscão para acreditar que era realidade. Ramon parou em frente às portas duplas de madeira maciça e abriu uma delas, deixando que eu entrasse primeiro. O lugar era enorme, pude notar uma sala pequena no canto direito, com sofás marrons-claros, uma mesinha de centro bem pequena em ferro preto retorcido e tampo de madeira, um tapete cinza felpudo no chão. Do lado esquerdo, uma estante de madeira dividia o cômodo. Do lado da sala tinha prateleiras com livros, objetos de decoração e alguns prêmios que Ramon havia ganhado ao longo dos anos e, do outro lado, eu chutava que deveria ter uma televisão. Só consegui captar esses detalhes antes de Ramon colocar meu cabelo para o lado em meu ombro e beijar a lateral do meu pescoço, me deixando totalmente arrepiada.

— Senti sua falta enquanto passeava pela fazenda... Acho que fiquei mal acostumado — sussurrou, puxando-me de encontro ao seu corpo com as mãos enormes em minha cintura. Precisei morder o lábio, ou iria gemer antes mesmo de irmos para a cama. — Preciso da sua companhia enquanto dirijo o

carro e escuto minhas músicas dos anos 80 e 90.

Soltei uma risada e me virei de frente para ele, abraçando-o pelo pescoço. Ramon me olhava com aquele sorriso safado que eu havia aprendido a amar. Como se fosse possível, ele ficava mais bonito com ele nos lábios.

— Vou dar uma olhada na minha agenda e ver se tenho algum horário disponível para andar por aí com você.

— Acho que para mim você poderia abrir uma exceção, não?

— Vou pensar no seu caso, Sr. Baldez.

Ele soltou uma risadinha e arrastou o nariz pelo meu, antes de me impulsionar para cima e fazer com que minhas pernas enlaçassem sua cintura. Meus cabelos cobriram as laterais dos nossos rostos quando encostei minha boca na dele, mas isso não impediu que Ramon andasse pelo quarto e chegasse à cama, onde me colocou deitada e veio por cima de mim. Eu amava sentir a forma como ele arrastava a língua pela minha, engolindo cada cantinho da minha boca, arrastando os dentes pelos meus lábios, deixando-me excitada apenas com um beijo. Ele parecia fazer amor com a minha língua.

Senti-me uma boba por me preocupar tanto com uma roupa para vestir, pois Ramon enfiou a mão debaixo da minha blusa até tirar a peça pela minha cabeça e me deixar nua da cintura para cima, os olhos ávidos descendo até os meus seios com os mamilos já duros, implorando por ele. Incrível como meu corpo correspondia ao seu toque como se fizéssemos aquilo há anos.

— Estou com vontade de chupar esses peitinhos desde a hora do almoço — ele disse com a voz rouca, passando um polegar em cada bico. — Ainda bem que consigo ser racional apesar do desejo insano que sinto por você, ou Cissa veria uma cena e tanto ao voltar para a sala de jantar.

— Vamos poupar a Cissa desse tipo de constrangimento, por favor — falei com a voz entrecortada e ele riu, presenteando-me com uma mordidinha no lábio inferior no final. Deus do céu, até fincando os dentes no lábio o homem ficava sexy.

— Sim, seria um constrangimento mesmo se ela ouvisse você gritar o meu nome em meio a um gemido... Ou a uma chupadinha... — Ia dar um tapa nele, mas perdi a linha de raciocínio quando lambeu um mamilo, enquanto apertava o outro entre os dedos. A sensação prazerosa fez uma conexão direta com a minha vagina, que fez um ótimo trabalho em deixar a minha calcinha molhada. — Como você é gostosa, nunca vou me cansar de dizer isso...

Seu nome realmente escapou dos meus lábios em meio ao gemido quando

ele começou a mamar em meu seio, fechando a boca acima do mamilo e sugando com pressão para dentro dos lábios, a língua rodeando o bico sensível, me deixando maluca de tesão. Meu corpo se contorceu na cama e senti o pulsar forte em minhas paredes vaginais quando rocei o clitóris em sua ereção, que fazia uma tenda na frente da calça. Com as mãos trêmulas, consegui abaixar a peça do seu corpo até fazer o seu pau pular para fora e o toquei de cima a baixo rapidamente, parando apenas para lamber a palma da mão. Ramon soltou um gemido ao ver o que eu fazia e passou para o outro seio no mesmo momento em que comecei a tocá-lo.

— Puta merda, amor, que delícia... — gemeu baixinho, lambendo o bico intumescido.

Seu pau estava quente e muito duro e me vi implorando a Deus para que eu conseguisse o receber todo dentro de mim naquela noite. Sabia que Deus provavelmente não deveria ser mencionado em momentos como aquele, mas só Ele poderia me ajudar, afinal, Ramon era obra Sua. O mínimo que Ele poderia fazer era nos tornar compatíveis lá embaixo.

Pensar nisso me deixou com um pouco de medo, não aguentava mais esperar para sentir tudo aquilo dentro de mim sem ficar com dor, mas relaxei quando Ramon empurrou meu short para baixo e enfiou a mão em minha calcinha. Como amava o seu toque, minha nossa... Ele sabia exatamente o que fazer para que eu delirasse e perdesse qualquer chance de ter um pensamento coerente.

Seu dedo me penetrou e ele mordiscou meu seio, antes de escorregar para baixo, deixando beijos e lambidas em minha barriga. Quando rodeou meu umbigo com a língua, juro que senti o toque em meu clitóris. Fiquei doida.

— Que calcinha linda — falou com aquela voz rouca, ajoelhando-se entre as minhas pernas e terminando de tirar meu short e sua calça. Lambi os lábios ao ver seu pau duro e erguido, com aquela cabeça avermelhada e melada. Minhas paredes vaginais piscaram com força. — Quero ver como é atrás.

Suas mãos tocaram minha cintura e eu virei de bruços, deixando a cabeça de lado para poder observar a sua reação ao ver a peça enfiada entre as minhas nádegas. Ele mordeu o lábio com força e tocou o pau de cima a baixo, batendo uma punheta enquanto descia os olhos pelas minhas costas até parar em minha bunda. Sem saber ao certo se estava fazendo algo sensual ou não, empinei a bunda para ele, quase ficando de quatro, com as coxas bem apertadas uma na outra para poder conter a excitação. Acho que estava sexy, afinal, pois Ramon soltou um gemido e se masturbou bem rápido, levantando

os olhos até encontrar os meus.

— Meu Deus, Gabriela... Você tem noção de como é linda? De como me deixa louco?

Balancei a cabeça negando e Ramon se aproximou do meu corpo, tocando em minha bunda com as duas mãos e abrindo as nádegas. Quando seu pau roçou entre elas, eu gemi e me empinei mais, querendo que descesse e se esfregasse em minha boceta. Ele acariciou a minha pele, a mão áspera do trabalho duro na fazenda me deixando toda arrepiada e excitada.

— Bunda gostosa — ele gemeu e deu um tapa que me fez pular na cama.

Não doeu, mas ardeu de um jeito delicioso. Nem sabia que era possível uma coisa dessas. Um de seus dedos afastou minha calcinha para o lado, deixando-me nua desde o ânus até a vagina, que piscava sem controle, me deixando melada. Seu pau voltou a roçar entre minhas nádegas lentamente, indo e voltando, me deixando doida. Eu já tinha ouvido falar que o ânus era uma zona erógena, mas, naquele momento, tive certeza. Ele me deu outro tapa e seu nome saiu mais alto dos meus lábios.

— Falei que um dia ia te comer de quatro e estou me segurando muito para não fazer isso agora mesmo... Puta merda, Gabriela...

Ele pegou o pau com a mão e fez com que a cabeça deslizasse até o meu clitóris, onde rodeou o nervo sensível, me fazendo gemer de prazer. Afastei as coxas e fiquei mais empinada, rebolando contra o seu pau, sabendo que ele estava ali tão perto e nem tentava entrar. Um pouco desesperada, toquei em seu quadril e Ramon moeu a coroa do pênis com mais força onde eu palpitava.

— Vem, Ramon, por favor...

— Quer que eu te coma assim? — perguntou olhando para mim, sem parar de me masturbar com o pau.

— Sim. Vem.

Nem ligava se iria doer, só queria que ele metesse logo e me fizesse gozar. Ele sorriu ao ver o meu desespero e balançou a cabeça, descendo minha calcinha pelas pernas, abaixando-se de repente e caindo de boca em minha boceta. O ataque me pegou desprevenida e eu gemi alto, minhas cordas vocais ficando arranhadas no processo, enquanto ele esfregava a língua em meu clitóris, segurando-me com as mãos apertando minha bunda. Afundei o rosto no travesseiro e me balancei contra o seu rosto, sendo golpeada pelo prazer que sua língua me proporcionava.

— Isso, se esfrega na minha cara — ele pediu, penetrando-me com o que

parecia ser o polegar.

Tentei olhar para trás, mas não tive forças, só agarrei o travesseiro e rebolei contra o seu rosto, sentindo sua língua me serpenteando, me tocando, lambendo, me deixando doida. Seu dedo foi mais fundo e eu mordi o travesseiro ao sentir o orgasmo me pegar com força e me fazer gritar, percorrendo cada terminação nervosa, fazendo meu clitóris pulsar de encontro à sua língua, que me enlouquecia.

Sem conseguir manter a estabilidade em minhas pernas, senti meu corpo ceder e Ramon me segurou pela cintura na hora, espalhando beijos pela minha bunda e costas, subindo até minha nuca. Fiquei arrepiada quando sua ereção roçou novamente as minhas nádegas e seus lábios sugaram a minha pele.

— Está viva? — O safado perguntou, me fazendo levantar o rosto para poder encarar a sua cara. Aquele sorriso estava lá, só para me deixar completamente ensandecida por ele.

— Ressuscitando — falei, tocando seus lábios melados com o meu polegar. Ele mordiscou meu dedo e meu corpo estremeceu, se preparando para outra. — Quero você dentro de mim hoje.

— Eu percebi enquanto rebolava contra o meu pau. Quase perdi a cabeça.

— A culpa foi sua, ninguém mandou ficar esfregando essa pouca vergonha em mim.

— Pouca? Quero ver você repetir isso enquanto eu estiver entrando nessa bocetinha — falou, roçando o dedo em mim por trás. Mordi o lábio em meio a um sorriso e ele me beijou, fazendo meu coração ficar acelerado. — Vamos testar em outra posição hoje, tá bom? Quero que fique confortável.

Só assenti, ficando encantada com o modo como ele conseguia ser safado e encantador ao mesmo tempo com todo aquele cuidado que tinha comigo. Depois de me dar mais um beijo, Ramon se esticou e pegou uma camisinha na gaveta do criado-mudo. Queria muito saber qual seria a sensação de o receber sem o látex, mas tinha plena consciência de que não seria possível no momento. Talvez eu devesse começar logo a tomar anticoncepcional. O pensamento sumiu da minha mente quando ele voltou a me beijar depois de colocar o preservativo e fiquei arrepiada com suas mãos em meu corpo, que desceram pelas minhas costas até pararem em minha cintura.

— Vire-se para lá, como se fôssemos dormir de conchinha — pediu contra os meus lábios e, com muito custo, consegui deixar sua boca e me virar.

Ele colocou meu cabelo para cima no travesseiro e mordiscou minha nuca,

meu pescoço, enquanto esfregava a ereção contra a minha bunda. Fiquei tão excitada que senti minha lubrificação molhar meus grandes lábios. Sua mão apertou meu seio, roçando o mamilo com o polegar, antes de descer os dedos pela minha barriga, parar no meio das minhas pernas e levantar a minha coxa. Gemi quando o dedo médio tocou meu clitóris com delicadeza.

— Amo a forma como fica meladinha pra mim — sussurrou em meu ouvido, mordiscando o lóbulo da minha orelha. Precisei me virar um pouco para tentar olhar em seu rosto.

— Você me deixa doida, Ramon — confidenciei, apesar de ele já ter ciência disso. Um sorriso brincou em seus lábios e eu respirei fundo ao sentir a cabeça larga do seu pênis tocar a minha entrada. Minhas paredes vaginais piscaram com força, mas não fiquei tensa, só ansiosa. — Vem, preciso de você.

— Também preciso de você, minha menina. Vou precisar para sempre.

Fiquei molinha ao ouvir aquilo e senti seus lábios roçarem os meus quando me penetrou e foi entrando bem devagar, me deixando cheia e excitada. Não doeu, apesar do incômodo ainda ser grande e gemi baixinho quando parou e só começou a meter de leve, voltando a esfregar meu clitóris.

— Pode colocar tudo — pedi tocando em seu quadril, porque sabia que ele deveria ter entrado só até a metade. Impossível que tivesse entrado tudo em tão pouco tempo.

— Vamos com calma, não precisamos ter pressa — disse com aquela voz rouca e meio entrecortada. Sabia que deveria ser uma tortura para ele. — Não quero machucar você.

— Não vai. Não está doendo. — Ele me olhou com uma sobrancelha arqueada, como se dissesse que sabia que eu estava mentindo, mas daquela vez estava sendo sincera. — Estou falando sério, juro.

— Gabriela...

— Eu juro. É só um incômodo, nada parecido com o que senti ontem de manhã. Vem Ramon, não me faça implorar.

Ele riu e esfregou o nariz em meu pescoço, metendo mais um pouco e me deixando sem ar. Deus do céu, ele era grosso mesmo, mas estava começando a perceber que aquilo era gostoso. Era bom me sentir preenchida daquele jeito, apesar de ter certeza de que, se sua circunferência fosse um pouquinho maior, talvez eu não fosse aguentar. Seus dentes mordiscaram meu ombro e eu resolvi ousar um pouco, até porque, se estava na chuva era para me molhar, e rebolei de leve contra ele, do jeito que dava. Ramon gemeu e levou

a mão até a minha cintura. Meu clitóris sentiu sua falta.

— Se fizer isso, vou gozar em meio segundo. Não faz ideia de como é sentir essa bocetinha apertada em volta do meu pau, Gabi — disse em um gemido que misturava dor e prazer. Ri, apesar de sentir pena.

— Mas é gostoso rebolar assim — falei, pois era mesmo. Quem diria, mas o cavalão estava me dando prazer de verdade daquela vez.

— É gostoso e torturante — disse, plantando um beijo em meus lábios e me olhando daquele jeito que parecia querer me comer viva. — Está doendo?

— Não.

— Mas precisa me dizer se doer, tá bom?

— Está bem.

— Ótimo, porque agora eu vou te comer de verdade, amor. Não aguento mais.

E meteu firme, indo até o fundo de repente. Gritei, mas não foi de dor, apesar do incômodo ter aumentado em alguns níveis e Ramon levou a mão ao meio das minhas pernas, roçando meu clitóris enquanto metia em golpes curtos, mas bem rápidos, fortes, que me deixaram louca. Nem sabia o que me atacava com mais pressão, seu pau, o prazer ou o incômodo que foi cedendo, até ser uma picada chata aqui e ali.

— Nossa, Gabriela, que gostosa, puta que pariu...

Ele moeu a boca contra a minha e começou a meter com tanta força, que eu parecia sentir o seu pau por todo o meu corpo. De alguma forma, seu pênis conseguiu encontrar algumas terminações nervosas dentro da minha vagina que me deixaram louca e mordi o lábio ao sentir o orgasmo me pegar de surpresa, pulsando com força de encontro ao seu pau grosso e enorme, que eu estava amando e aproveitando de verdade daquela vez. Ele gemeu rouco e me deixou terminar, antes de sair de dentro de mim e me colocar deitada de costas na cama, afastando minhas coxas e se colocando entre elas.

— Aguenta mais um pouquinho? — perguntou inclinando-se sobre o meu corpo e eu assenti, sentindo-o me penetrar novamente. Foi diferente daquela vez, o ângulo era outro e ele pareceu ir mais fundo, apesar de ter entrado devagar. Seu maxilar estava rígido, como se sentisse um prazer quase insuportável. — Quero gozar olhando em seus olhos.

Ai, caramba. Fiquei doida ao ouvir aquilo e o abracei, tocando em seu corpo, suas costas, até chegar em seus quadris. O trouxe para mais perto, abrindo bem as pernas e deixando que metesse e aumentasse o ritmo. Ramon gemeu e enfiou a língua em minha boca, indo até o fundo preenchendo-me de

uma forma que eu não sabia que era possível. Graças a Deus estava dilatada, ou estaria doendo mesmo. Tentei o acompanhar com os quadris, mas ele era intenso demais e moeu com força, fazendo o barulho ecoar pelo quarto. Quando senti seu corpo estremecer, deixei seus lábios escapar por entre os meus e olhei em seus olhos, sentindo-o gozar, o pau pulsando descontroladamente.

— Gabi, porra... Meu amor...

Ele falou um monte de coisa desconexa e beijou minha boca quando terminou, parando bem no fundo dentro de mim. Seu corpo tremeu de encontro ao meu e toquei sua nuca, acariciando sua língua com a minha, feliz demais por termos conseguido chegar até o final. Devagar, ele saiu e me deixou vazia lá embaixo, mas toda melada pelo orgasmo maravilhoso que havia me dado.

— Foi muito bom — falei antes que ele pudesse dizer qualquer coisa. Seu sorriso feliz me deixou toda boba. — Nossa, foi muito, muito bom, eu nem acredito...

— Eu falei que só precisávamos dar um tempo para o seu corpo se recuperar — disse ele. — Foi delicioso. Vou querer toda hora agora.

Eu ri alto da sua cara de pau.

— Vai com calma, porque ainda estou me acostumando ao tamanho do cavalão.

— Cavalão? Porra, Gabriela — ele gargalhou e tirou a camisinha cheia, dando um nó na ponta e largando no chão.

— Que coisa horrível, largar a camisinha no chão. Espero que tire amanhã, pois a Cissa não precisa lidar com esse tipo de coisa.

Ele balançou a cabeça e se deitou ao meu lado, puxando-me de encontro ao seu peito.

— Amanhã terá pelo menos mais umas três ao lado dessa e vou catar todas com prazer.

— Com quem você vai usar mais três camisinhas? Com a minha boceta é que não vai ser. No máximo mais uma e olhe lá!

— Veremos, meu amor, veremos... — murmurou antes de beijar a minha boca.

Eu nem podia acreditar que aquela agora era a nossa realidade. Se soubesse que minha felicidade estava nos braços de Ramon, tinha voltado para Santo Elias há muito, muito tempo.



RAMON

Aquela foi a primeira manhã em muito tempo que acordei com o barulho do despertador e não senti a mínima vontade de sair da cama. O motivo estava bem ao meu lado, deitada de bruços e completamente nua. Gabriela deveria ter sentido calor em algum momento da madrugada, pois havia chutado a coberta para longe e estava com aquela bunda para cima bem ali, na minha frente, não ajudando em nada a diminuir a minha ereção que havia deixado de ser matinal e começado a latejar.

Apesar de ter falado que iria usar mais três camisinhas na noite anterior, acabei não usando nenhuma, pois senti medo de acabar judiando demais do seu corpo e resolvi preservá-la. Gabriela havia conseguido me levar todo daquela vez — graças a Deus, porque boquete e masturbação eram deliciosos, mas estava louco pra sentir aquela bocetinha no meu pau — e sentiu prazer, o que fez com que eu me sentisse o homem mais foda do mundo. Era terrível imaginar a hipótese de que ela não conseguiria sentir prazer na penetração, mas cheguei a pensar que iria demorar um pouco mais para me aceitar. Deveria saber que a minha menina era persistente e conseguiu ir até o fim, gozando bem gostoso.

Só de lembrar, já sentia vontade de repetir tudo de novo, mas precisava me levantar, pois tinha uma videoconferência em uma hora com um empresário americano, Caio e Marcos Castilho e não poderia me atrasar. Com muita dor no coração, dei um beijo na têmpora de Gabriela e me levantei de pau duro, indo direto para o banheiro. Depois de mijar — com dificuldade, diga-se de passagem —, tranquei-me no box e abri o chuveiro, visualizando a banheira do outro lado do cômodo. Nem me lembrava de quando tinha sido a última vez que havia tomado banho nela, mas já conseguia me imaginar ali com Gabriela, com uma música suave tocando no fundo, duas taças de vinho e muitos orgasmos.

Soltando um gemido, virei-me de costas e entrei debaixo d’água, fechando os olhos e tocando rapidamente a minha ereção. Estava concentrado, visualizando o momento em que abri as pernas de Gabriela na noite anterior e

meti até o fundo, perto de gozar. Minhas bolas pulsaram e me preparei para dar uma caprichada na punheta, quando mãos pequenas e macias me tocaram meu peito e um beijo delicioso foi plantado em minhas costas. Um sorriso se abriu em meus lábios e precisei engolir em seco quando Gabriela colocou a mão por cima da minha.

— Não acredito que você veio aqui se masturbar enquanto eu estava lá na cama, *pelada* — enfatizou e eu me virei, encontrando sua carinha contrariada e o corpo parcialmente molhado. Ela voltou a pegar em minha ereção e me tocou com mais habilidade. Minha menina estava aprendendo.

— Você deu uma olhadinha no relógio? São seis da manhã, não queria te acordar — falei, puxando seu corpo para mais perto pela bunda deliciosa, que tinha gostado de levar uns tapas ontem. Caralho, pulsei com força só de lembrar.

— Podia ter me acordado, pode ter certeza que eu iria voltar a dormir bem tranquila depois de um orgasmo.

Não consegui deixar de rir daquela danada que era a minha namorada e tomei sua boca na minha, fazendo com que entrasse debaixo do jato d'água junto comigo. Ela soltou um gritinho, mas não deixou de me tocar em momento algum, passando o polegar pela cabeça, enquanto a outra mão tocava a base. Aproveitei que estava entretida ali e desci meus lábios pelo seu pescoço até os seios, enquanto enfiava a mão no meio das suas pernas, encontrando a boceta ficando meladinha.

— Sempre me perguntei como seria fazer sexo no chuveiro. Espero que não me deixe cair — falou com a voz entrecortada enquanto nos acariciávamos.

— Eu jamais te deixaria cair, meu amor, só que a gente precisa de uma camisinha se quisermos mesmo que isso aconteça. E, talvez, não seja tão confortável assim para você.

— Eu queria experimentar sem camisinha — confidenciou baixinho, pegando-me de surpresa. — Mas sei que não dá — acrescentou logo, arregalando um pouco os olhos.

Realmente, não dava. Não que eu tivesse infecções sexualmente transmissíveis — havia passado por um *check-up* há menos de dois meses e meu médico havia pedido esses exames em específico —, assim como sabia que Gabriela também não tinha, mas porque ela poderia engravidar e, pelo amor de Deus, não era hora para aquilo. Talvez mais para frente... Decidi deixar o pensamento de lado e foquei nela, que voltou a falar:

— Talvez eu pudesse começar a tomar anticoncepcional... Eu pensei nisso ontem... O que você acha?

A possibilidade fez com que meu coração acelerasse de ansiedade e também me fez enxergar como ela via o nosso relacionamento, como levava a sério do mesmo jeito que eu. Estávamos exatamente na mesma página, o que me deixava muito feliz.

— Acho que você tem que fazer o que sentir vontade, até porque, é o seu corpo. E precisa passar por uma ginecologista antes.

Ela assentiu e deu uma apertadinha no meu pau que me fez estremecer.

— Vou procurar uma. Eu me consultava em São Paulo e está na hora mesmo de fazer novos exames... Agora vai ser tudo diferente, até porque, não sou mais pura... — riu daquele jeitinho safado e eu gargalhei, a encostando contra a parede e enfiando um dedo na bocetinha melada, no ponto.

— Do jeito que está molhada, posso arriscar que puro era só o seu hímen, porque você se mostrou uma safadinha logo no nosso primeiro beijo.

— Meu Deus, Ramon, você tem uma impressão muito ruim de mim! — falou com falso espanto e soltou um gritinho quando a peguei em meu colo e desliguei o chuveiro, saindo do box.

— Nada disso, eu te enxergo exatamente como você é. Minha safadinha.

Saí do banheiro e a joguei em cima da cama enquanto ria de mim, sem me importar se estávamos molhando os lençóis. Vi como mordeu o lábio quando peguei uma camisinha e comecei a vestir o meu pau.

— Vamos deixar o sexo no chuveiro para quando eu puder gozar bem no fundo dessa bocetinha e te encher de porra.

— Deus do céu, você é um depravado!

Ela tentou engatinhar para a ponta da cama, mas eu a peguei pelo pé e a trouxe de volta, fazendo com que abrisse as pernas e me acolhesse enquanto eu estava de pé na sua frente. Um sorriso delicioso dançava em seus lábios e senti meu coração bater tão forte quanto o galope de um cavalo em meu peito. Era tão louco por aquela menina que mal podia começar a explicar. Beijando a sua boca, a penetrei devagar e fiz com que gemesse meu nome pelos próximos trinta minutos, sem me preocupar com qualquer outra coisa que não fosse nós dois.



Sabia que estava atrasado para a reunião, no entanto, quando encontrei Caio já dentro do meu escritório, esperando por mim com o computador ligado e tudo pronto para a videoconferência, dei-me conta de que havíamos invertido nossos papéis. Geralmente, o atrasado era ele.

— Bom dia, benzinho apaixonado. Lembrou que existe uma vida fora das paredes do seu quarto, ou melhor, fora da *cama* e da Gabizinha?

Caio fez a pergunta com um sorriso de quem sabia muito bem qual era o motivo do meu atraso e eu nem me preocupei em fazer com que pensasse o contrário, só dei uma olhada se o microfone e a câmera ainda estavam desabilitados e me sentei em minha cadeira com a xícara de café que peguei na cozinha.

— Consigo sentir a sua inveja daqui — falei com um sorriso e Caio me olhou boquiaberto.

— Um sorriso no seu rosto às sete e quinze da manhã? Realmente, a Gabizinha faz milagres!

— É uma manhã feliz e ensolarada, não tenho motivos para não estar sorrindo.

— Ramon, chove dois dias no ano em Santo Elias, ou seja, você precisa admitir logo que o motivo desse seu bom-humor é o amor — falou e me deu um sorriso sorrateiro. — E a boceta da Gabizinha.

Ele se abaixou a tempo do meu grampeador passar voando pela sua cabeça e gargalhou, levantando-se e arrumando a blusa.

— Respeito, por favor! — Exigi, tendo que segurar um sorriso. Sabia que Caio estava apenas tirando sarro com a minha cara, por isso, nem consegui ficar bravo. Realmente, acho que nada conseguiria me deixar bravo naquele dia. — Vamos começar logo essa reunião, preciso mostrar ao empresário que sou um fazendeiro pontual.

— A reunião era para ter começado às sete da manhã, se não se lembra.

— E os meus quinze minutos de tolerância? Eu conheço os meus direitos.

— Para a sua sorte, Marcos me mandou uma mensagem avisando que o americano pediu para que começássemos às sete e meia, ou seja, você vai poder fingir que ainda é um fazendeiro concentrado e não um homem bobo e

apaixonado. Por falar em trabalho, já deu uma olhadinha no seu *e-mail* e nas correspondências que chegaram enquanto estávamos viajando?

— Voltei ontem para casa, tinha muita coisa para resolver na fazenda e não tive tempo de sentar na frente do computador e nem de abrir as cartas. Deixei passar alguma coisa importante?

Caio mexeu nas correspondências na ponta da minha mesa e me estendeu uma. Já pelo papel acetinado do envelope, deduzi que se tratava de algum convite e franzi o cenho ao notar o remetente.

— Outro convite para o evento Escorcese?

O Grupo Escorcese era conhecido em toda a América do Sul por promover e incentivar todos os setores do empreendedorismo e, uma vez ao ano, promovia um evento onde premiava empresários e personalidades de diversos segmentos que haviam se destacado no ano anterior. O evento aconteceria em um hotel luxuoso em São Paulo dali a duas semanas e eu já havia recebido o convite. Não estava entendendo o porquê de terem me enviado um segundo.

— Talvez não seja um convite comum... — Caio disse como se já soubesse sobre o que se tratava.

Curioso, abri o envelope e li rapidamente as letras douradas em fonte cursiva, levando um choque ao entender do que se tratava.

— Minha nossa... — murmurei um pouco sem fôlego, olhando para Caio. — Tem certeza de que isso não é uma pegadinha?

— Tenho sim. A confirmação também chegou pelo seu *e-mail*, inclusive, e eles disseram que vai sair uma matéria especial sobre o prêmio em todos os jornais e canais de notícias amanhã — Caio falou com um sorrisão. — Você está concorrendo ao prêmio de Destaque Empresarial, meu amigo!

Poucas coisas na vida conseguiam me deixar em choque daquela forma. Concorrer a um dos prêmios mais importantes do Brasil era algo que, logicamente, sempre sonhei, mas que ainda me parecia distante. Ter aquele reconhecimento só mostrava que eu estava no caminho certo, transformando em realidade não só o meu sonho, como o sonho do meu pai e do meu avô, que tanto lutaram por essas terras e pelo nosso futuro.

Levantei-me e abracei Caio com força, sentindo que ele estava tão emocionado quanto eu. Caio, mais do que qualquer outra pessoa, sabia como aquele reconhecimento era importante para mim.

— Parabéns, meu irmão, você merece muito! Tenho certeza de que vai ganhar!

— Só por estar concorrendo, eu já estou feliz! Tem ideia do quanto

batalhamos para isso? Não consegui chegar até aqui sozinho, se eu ganhar esse prêmio, ele será nosso. Meu, seu e de todo mundo que esteve ao meu lado desde o começo.

Caio assentiu e apertou o canto dos olhos com o polegar.

— Merda, se já estou chorando agora, vou passar vergonha no evento.

— Acho que nós dois vamos — murmurei também emocionado, olhando rapidamente para o relógio. — Droga, sete e trinta e cinco! O empresário deve estar esperando a gente!

— Cara, agora mesmo que você não pode ganhar fama de empresário displicente. Isso não combina com o vencedor de um Prêmio Escorcese!

Gargalhando junto comigo, Caio deu a volta para se sentar na cadeira que havia posicionado ao meu lado. Entramos em videoconferência com Marcos e o empresário americano e me preparei para colocar meu inglês para jogo e conseguir vender meus cavalos por alguns milhares de dólares.



“Quando vi você naquele vestido
Estava tão linda
Eu não mereço isso
Querida, você está perfeita esta noite”

Perfect – Ed Sheeran

GABRIELA

Nunca me senti tão feliz e entusiasmada em toda a minha vida. Tirando o fato de o quadro do meu pai não ter evoluído, eu conseguia afastar um pouco a tristeza e me focar no meu relacionamento com Ramon e na forma como estávamos cada vez mais íntimos. Ele estava nas nuvens com a indicação ao Prêmio Escorcese e havia até mesmo organizado um jantar para comemorarmos no meio da semana, fazendo com que Cissa cozinhasse com um sorriso de orelha a orelha. Era nítido o orgulho que ela sentia de Ramon e disse que já estava planejando uma festa de comemoração para quando voltássemos de São Paulo, pois ela — assim como todos nós — tinha certeza de que ele iria ganhar.

Nesse meio tempo, eu resolvi seguir o conselho de Ramon e passei dias lendo vários livros sobre equitação, doma e adestramento. Também decidi que só começaria a praticar com Trovão quando eu já tivesse adquirido bastante conhecimento teórico, pois não queria fazer nada errado e sabia que não seria fácil lidar com ele, apesar de ficar calmo ao meu lado. Quando tinha

alguma dúvida, Ramon sempre estava ali para me explicar e conseguia sentir a paixão nos olhos dele enquanto conversávamos. Seus olhos só não brilhavam mais do que quando olhavam para mim e essa percepção me tocava tão profundamente que, às vezes, eu me perguntava se não estava sonhando.

Foram dias maravilhosos que antecederam à viagem a São Paulo. Ramon me fez o convite para acompanhá-lo no mesmo dia em que recebeu a notificação avisando que era um dos concorrentes e também me pediu ajuda para escrever um discurso. Passamos horas lado a lado conversando sobre o que ele queria falar, qual mensagem gostaria de passar, principalmente para as pessoas que estavam começando agora. O discurso ficou lindo e depois nos organizamos para escolhermos o que usaríamos no evento.

Ramon era rico, isso era bem óbvio, mas fiquei chocada quando solicitou a presença de representantes de uma grife famosa para irem à fazenda com inúmeras araras de roupas femininas e masculinas. Até Caio tirou uma casquinha e pegou um *smoking* azul-escuro para si, enquanto eu e Luna praticamente mergulhamos no mar de vestidos maravilhosos. Para nós duas, era como ter um pedaço do paraíso dentro daquela fazenda enorme e demoramos horas até que eu escolhesse um. Aproveitei que Ramon deixou que eu visse o *smoking* clássico que havia escolhido e optei por um vestido da mesma cor, sem deixar que ele visse. Queria fazer surpresa.

Embarcamos para São Paulo um dia antes do evento e nos hospedamos no Palácio Tangará, mesmo hotel onde aconteceria a premiação. Ramon fez questão de pegar uma das melhores suítes e a vista para o Parque Burle Marx era de tirar o fôlego. Era a minha primeira vez naquele hotel, portanto, quando Ramon me deu carta branca para usufruir do SPA no dia da premiação e ser acompanhada por uma assessoria que me deixaria pronta para o evento, nem sonhei em negar. Só voltei para a nossa suíte no início da noite e o encontrei sentado na cama, mexendo no *notebook.*

— Não acredito que você está trabalhando, Ramon!

Ele desligou o *notebook* e se levantou. Percebi que havia aparado um pouco mais a barba. Deus do céu, ser homem era tão fácil, que ele só tinha aparado os pelos do rosto e já estava lindo. Não precisava de mais nada.

— Precisei responder uns *e-mails* que chegaram ontem. Minha nossa, você está linda!

Ele pegou em minha mão me fez dar uma rodadinha devagar. Bom, eu estava maquiada e com o cabelo arrumado, mas ainda precisava colocar o

vestido. Optei por me vestir sozinha na suíte, pois queria que Ramon me visse sem que ninguém estivesse por perto.

— Acha que estou vestida adequadamente para a ocasião? — perguntei apontando para o short jeans e a regata que usava. A funcionária do SPA havia pedido para que eu usasse roupas confortáveis quando solicitei o serviço ontem à tarde.

— Sinceramente? Você poderia estar vestida em trapos e, ainda assim, estaria perfeita — disse ele, puxando-me pela cintura. — E eu faria questão de tirar cada peça bem devagar, pois sei que você fica ainda melhor quando está nua.

Ai, meu Deus. O fogo que subiu pelas minhas pernas e se concentrou no alto das minhas coxas me deixou cheia de calor.

— Ramon Baldez, eu sei muito bem o que você quer quando vem falando rouco desse jeito, mas pode tirar o cavalão da chuva, porque nesse corpinho você só vai tocar quando voltarmos com o seu prêmio em mãos! — falei me afastando e lhe arrancando uma risada. — Acho melhor você ir logo se vestir, pois não podemos chegar atrasados.

— Sim, senhora.

— E use o closet, porque o banheiro é meu!

— Você que manda — falou e me deu um tapa na bunda quando passei. — Gostosa!

— Seu safado sem vergonha!

Tranquei-me no banheiro e tirei a roupa, ficando apenas com a calcinha que tinha colocado após o banho de banheira no SPA e abri o zíper da capa onde estava o meu vestido, tirando a peça com cuidado para que não amarrotasse. Vesti-me e coloquei as sandálias de salto altíssimos, antes de ir para a frente do espelho. Caramba, me senti um mulherão!

O vestido era todo em renda preta, com as mangas compridas, decote reto ombro a ombro e descia colado ao meu corpo, com um tecido em tule da cor da pele por debaixo da renda, para que não ficasse transparente e não aparecesse meus mamilos e a calcinha. Quando chegava na altura das panturrilhas, ele se abria em estilo sereia e terminava em uma calda discreta aos meus pés. Nas costas, o decote era profundo e terminava um pouco acima da minha bunda, por isso, optei por um coque bem no alto da cabeça, com alguns fios soltos em volta do rosto, para que as minhas costas permanecessem nuas e uma maquiagem discreta com um batom levemente rosado. Queria que o destaque fosse o vestido e que todo o resto apenas o

complementasse.

Retoquei o batom e coloquei um par de brincos pequenos nas orelhas antes de sair do banheiro. Encontrei a suíte vazia e caminhei até a sala, onde encontrei Ramon de pé na porta da sacada, com um copo de uísque na mão. Ele estava de costas para mim, tão lindo que quase perdi o fôlego. O *smoking* abraçava o seu corpo, moldava as costas largas e a calça deixava claro que suas pernas e sua bunda eram bem duras, o que eu sabia que era verdade. O homem era perfeito da cabeça aos pés. Parecendo sentir o meu olhar, ele se virou e me encontrou parada no meio da sala. Seus olhos passearam lentamente pelo meu corpo, como se quisesse gravar cada pedacinho de mim dentro da sua memória.

— Uma voltinha, por favor — ele pediu, aproximando-se depois de deixar o copo em cima de uma mesinha com arranjo de flores naturais perto da sacada. Dei uma voltinha bem devagar e ouvi o seu assobio quando viu o decote profundo em minhas costas. — Meu Deus, Gabriela... Acho que não vou deixar você sair desse quarto.

— Ah, vai sim. Você não pagou uma fortuna nesse vestido à toa.

Ele riu e se fechou a nossa distância, colando meu corpo ao dele com as duas mãos em minha bunda. Fiquei toda arrepiada com o seu cheiro e com as pontinhas dos dedos acariciando as minhas costas, bem na linha da coluna.

— Você está perfeita — disse com aquela voz rouca, que me deixava de pernas bambas. — Tão linda que acho que não vou conseguir prestar atenção no evento. Só vou ter olhos para você.

— Digo o mesmo. Acho que você não imagina como fica um espetáculo de *smoking*.

Ele fez uma careta engraçada.

— Estou me sentindo um pinguim. Odeio esse tipo de roupa, sou muito mais os meus jeans e as minhas botas de montaria — disse, me fazendo gargalhar.

— Eu sei disso, meu fazendeiro, mas, pense bem, vamos voltar com um Prêmio Escorcese para Santo Elias. Vai valer a pena ficar vestido assim por algumas horinhas.

— Não, vai valer a pena ficar vestido assim para te acompanhar. Não poderia usar qualquer pedaço de pano com você vestida desse jeito. Esse decote quase me fez infartar, Gabriela. Graças a Deus eu tenho o coração forte — disse, arrastando o nariz no meu. — Mal vejo a hora de voltarmos para o quarto e tirar esse vestido do seu corpo bem devagar...

Ele me beijou bem de leve, acho que com medo de que borrasse o meu batom, mas foi uma delícia e me deixou toda acesa, prontinha para ficar excitada. Senti que falaria mais alguma daquelas baixarias que me deixavam doida, mas a voz de Caio do lado de fora da suíte fez com que ele fechasse a boca.

— Vamos, Baldez! Não podemos nos atrasar, não esqueça que ainda tem que tirar fotos para a imprensa.

— Caio anda tão pontual ultimamente, que sinto vontade de dar um soco nele — Ramon quase gritou para que Caio conseguisse ouvir e eu segurei uma risada.

— Eu ouvi, Ramon, eu ouvi! Pare de amarrotar a Gabizinha e saia logo desse quarto.

Dando-me um último beijo, Ramon tomou a minha mão e acatou o pedido do amigo, deixando a suíte para trás comigo ao seu lado.



RAMON

O salão onde ocorria o evento já estava parcialmente cheio quando chegamos, com convidados transitando de um lado para o outro, sentando-se em seus lugares. Uma das funcionárias que fazia parte do grupo que assessorava os convidados, nos levou até o espaço onde eram tiradas as fotos para a imprensa e fiz questão de que Gabriela posasse ao meu lado, tendo plena consciência de que os fotógrafos deveriam estar loucos por ela. Aos meus olhos, Gabriela era a mulher mais linda da noite e eu nem precisava ver qualquer outra para ter certeza. Aquele vestido colado ao seu corpo, com o decote enorme nas costas estava me enlouquecendo e eu me policiava para não ficar olhando para ela como se estivesse doido para levá-la para cama — coisa que estava morrendo de vontade de fazer.

Depois das fotos, fomos levados até a mesa que compartilharíamos com algumas pessoas que concorriam a uma outra categoria. Conhecia apenas de vista o empresário que estava sentado com sua esposa ao lado de Caio e os cumprimentei, apresentando Gabriela para eles, antes de arrastar a cadeira para que ela se sentasse ao meu lado. Um *jazz* instrumental tocava ao fundo e

Gabriela observava com certo encanto a decoração opulente do salão, com mesas redondas e arranjos de flores naturais, portas francesas que levavam à sacada com vista para a área verde ao redor do hotel e o palco à nossa frente, com um telão de *led* iluminado com o logo do Grupo Escorcese.

Alguns minutos se passaram até o orador subir ao palco e dar início à cerimônia, contando um pouco sobre a história do grupo e chamando ao palco Gregório Escorcese, CEO e bisneto do fundador da empresa. Ele foi aplaudido e fez um discurso bem rápido e pontual, agradecendo a presença de todos e ressaltando que o objetivo da premiação era incentivar não apenas os empresários que concorriam às categorias, como todos aqueles que tinham o sonho de empreender.

Eu já havia participado do evento antes, mas aquela era a minha primeira vez na linha de frente, concorrendo à um prêmio, por isso, a sensação de estar vivendo um sonho ainda nublava a minha mente. Deram início à premiação e eu tentei não ficar ansioso, pois sabia que demoraria um pouco para chegar à minha categoria, que era a principal da noite. Ao meu lado, Gabriela apertou a minha mão.

— Está nervoso?

— Com frio na barriga — confessei, olhando em seus olhos iluminados pelas luzes baixas do salão. Acho que jamais me acostumaria com a sua beleza, com aquele rosto delicado, que parecia ter sido pintado cuidadosamente à mão. — Mas a sua presença está desviando o meu foco do nervosismo.

Ela riu e me deu um beijo singelo, que me deixou com gostinho de quero mais. Ao meu lado, Caio conversava com um empresário e a esposa dele olhava para mim e para Gabriela com certo interesse e julgamento no olhar, o que me deixou um pouco incomodado. Era a primeira vez que eu ia acompanhado a um evento e era bem nítido que Gabriela era mais nova do que eu, apesar de estar maquiada e vestida para matar, por isso ao notar o olhar da mulher, senti como se estivesse julgando a nossa relação. O incômodo só não se tornou maior, porque a olhei de volta, deixando bem claro que havia percebido a sua inconveniência e voltei a focar em Gabriela e na cerimônia, mas, no fundo da minha mente, fiquei me perguntando o que não deveria estar passando pela cabeça dela.

"Não importa. Você resolveu passar por cima do fato de Gabriela ser bem mais nova quando assumiu seus sentimentos por ela, então, precisa passar por cima do preconceito das pessoas também" disse uma vozinha insistente

em meu cérebro e foi a ela que me agarrei pelo resto da noite, até a minha categoria ser anunciada.

— Meu Deus, é agora! — Gabriela comentou ao meu lado, apertando minha mão, mais nervosa do que eu.

O orador citou o nome dos cinco empresários que concorriam à categoria e eu senti a mão de Caio em meu ombro, passando-me força silenciosamente e torcendo junto comigo.

— E o vencedor da categoria Destaque Empresarial é... — O homem fez mistério e Gabriela tremeu ao meu lado. — Ramon Baldez!

— Porra! — Caio comemorou baixinho ao meu lado.

Gabriela se virou para mim com um sorrisão no rosto e me beijou.

— Sabia que você ia ganhar, meu amor, sabia! Parabéns!

Levantei-me e a apertei em meus braços, antes de receber o abraço de Caio e me dirigir até o palco. Gregório Escorcese me entregou a famosa estatueta dourada erguendo o símbolo do grupo e me parabenizou, abrindo espaço para que eu pudesse fazer o meu discurso. Quis muito que fosse algo curto, mas impactante e, enquanto lia o que Gabi e eu havíamos escrito, lembrei-me do meu pai e do meu avô, que, um dia, sonharam por eles e por mim. Havia lutado demais para chegar onde estava hoje e estar ali, recebendo aquele prêmio tão importante, era a prova de que estava no caminho certo.

Desci do palco recebendo aplausos e encontrei com Gabriela em pé na frente da nossa mesa, esperando-me com lágrimas nos olhos.

— Estou tão orgulhosa! Você merece muito esse prêmio — ela disse de encontro aos meus lábios.

— Obrigado, meu amor. O discurso ficou incrível por sua causa.

Ela riu e abriu espaço para que Caio me abraçasse. Podia jurar que ele estava chorando, mas o filho da mãe deu logo um jeito de dispersar as lágrimas e me deixou voltar a sentar. O orador encerrou a cerimônia sob os aplausos dos convidados e a música voltou a tocar, um pouco mais alto dessa vez, dando início à festa que sempre acontecia após à premiação. Aquele era o momento em que os convidados voltavam a circular ou que começavam a ir embora. No meu caso, mal consegui sair da mesa, pois alguns conhecidos vieram me parabenizar por ter vencido a categoria e só consegui uma folguinha para ficar sozinho com Gabriela em nossa mesa — já vazia — quase vinte minutos depois.

— Como está famoso! Com certeza vai ter um monte de jornalistas te ligando amanhã — Gabriela disse ao meu lado.

— Graças a Deus esse tipo de *e-mail* e ligação são transferidos para a empresa que cuida da assessoria de imprensa e parte publicitária da fazenda, ou eu iria enlouquecer.

Gabriela concordou ao meu lado e vimos Caio se aproximar acompanhado por um casal. O homem não me parecia estranho, mas a menina eu nunca tinha visto antes.

— Ramon, esse é Arthur Bittencourt Salazar, famoso advogado criminalista aqui em São Paulo. Já participamos de eventos em que ele estava presente, mas nunca tive a oportunidade de apresentar vocês dois. Arthur, esse é Ramon Baldez, dono da Fazenda Baldez.

— Sabia que já tinha visto você em algum lugar. É um prazer — falei, apertando a mão que Arthur me estendeu.

— O prazer é meu — Arthur respondeu, apertando minha mão. — Parabéns pelo prêmio, tenho certeza que o conquistou por muito mérito.

— Obrigado. — Puxando Gabriela um pouco mais para o meu lado pela cintura, a apresentei. — Está é minha namorada, Gabriela.

Pude observar o sorriso bobo de Gabriela. Ela sempre ficava assim quando a apresentava como minha namorada, era como se caísse a ficha de que estávamos realmente juntos. Ela os cumprimentou com simpatia e Arthur se virou para a menina que o acompanhava.

— É um prazer. Esta é... É... — O advogado parou no meio do caminho, como se estivesse tentando buscar a palavra certa para definir quem era a garota.

Franzi um pouco o cenho, sem entender direito o que estava acontecendo e Caio me olhou com a expressão um tanto confusa também, mas tentei disfarçar e fingir que não estava percebendo nada. Por fim, a garota o interrompeu:

— Marina Leão — disse, me estendendo a mão. — Parabéns!

Não pude deixar de notar como Marina parecia ser jovem, principalmente ao lado de Arthur e senti um baque por dentro. Ela não parecia ser jovem, ela *era* jovem. Por trás do olhar e das características de mulher fatal, percebia-se que ela não deveria ter mais de vinte e dois anos. Talvez tivesse a idade de Gabriela. Apertei a sua mão e ouvi Gabriela dizer ao meu lado:

— Minha nossa, você é linda! Eu amei o seu vestido, combinou tanto com o tom da sua pele!

— Obrigada! Quem escolheu foi o coroa aqui, mas também achei lindo.

Meu coração foi parar na garganta. De verdade, não sei como consegui

puxar a próxima respiração sem engasgar e senti Gabriela ficar meio tensa ao meu lado, apesar de disfarçar. Arthur aparentava ter quarenta anos e eu sabia que eu não estava muito atrás. Se Marina o via como um coroa, como me via? O que não estava pensando ao saber que Gabriela e eu éramos namorados?

— Você tem bom gosto, Arthur. Não sei o que Ramon escolheria para mim. Provavelmente uma calça jeans e botas de montaria, não é, amor? — Gabriela passou a mão pelo meu peito e me deu um sorriso, certamente para tentar aliviar o clima que havia se instaurado. Caio me salvou.

— Ou uma saia jeans. — Bom, logicamente, Caio não fez *nada* para ajudar. — Ramon adora que Gabriela use saias jeans — terminou com um sorrisinho irritante nos lábios.

Quis matar o Caio. Acho que aquela era a conversa mais estranha da minha vida.

— Ele ainda gosta das suas roupas, ponto positivo pra você — Marina disse em tom de queixa e comecei a perceber que, talvez, o objetivo dela fosse apenas perturbar o Arthur. — Arthur detesta tudo que eu visto, acho que se dependesse dele, sairia de burca na rua.

— O que importa é que as duas moças estão deslumbrantes — cortou Arthur. — Então, Ramon, a Fazenda Baldez atua em qual ramo? Agropecuária?

Por sorte, Arthur levou o assunto para um tema mais confortável e eu pude respirar com um pouco mais de facilidade. Estava ficando com medo de que ele perdesse a cabeça com o olhar cortante que, às vezes, Marina lhe dava. Acho que eu precisava de uma dose de uísque em solidariedade a Arthur e a mim também, pois ainda estava com o "coroa" ecoando em minha mente.

— Equinocultura. Crio cavalos de raça, principalmente os Quarto de Milha, mas venho aumentando meu leque de opções nos últimos anos, o que vem dando bastante certo.

— O mercado de equinos é exigente e o selo Baldez é um dos mais procurados da América do Sul — Caio complementou.

— Impressionante e...

— Você cria cavalos? — A menina interrompeu Arthur de repente, levando uma mão ao próprio peito e outra ao peito dele. — Ah, meu Deus! Isso é o destino! Você cria cavalos? Tipo, de verdade mesmo?

Foi impossível não observar os movimentos afobados dela e senti Gabriela prender o riso ao meu lado. Acho que Caio fez o mesmo e Arthur arregalou

levemente os olhos. De onde aquela menina havia saído?

— Sim, de verdade — falei e acabei sorrindo ao ver o brilho nos olhos dela. — Você gosta de cavalos? Já esteve em uma fazenda antes?

— Quando eu era criança fui em um parquinho chamado A Fazendinha, mas só tinha um cavalo para umas cinquenta crianças insuportáveis. E esse é todo o contato que tive com fazendas. — Ela olhou para Arthur com um sorriso saudoso. — Lembra desse dia, príncipe?

Ele retribuiu o sorriso e, de repente, o clima mudou totalmente entre os dois. A birra da menina foi embora em um piscar de olhos e a seriedade do advogado também, que acabou se aproximando um pouco mais dela.

— Claro que lembro — ele respondeu e deu um beijo na bochecha de Marina, antes de se voltar para gente. — Marina tinha uns sete anos e nos fez entrar na fila junto com as crianças, só para que ela pudesse andar três vezes no cavalo. Que na verdade, estava mais para burrico.

— Sete anos? — Gabriela perguntou de repente e eu fiz de tudo para não arregalar os olhos e demonstrar o meu espanto.

O que, exatamente, Marina era de Arthur? Ele a conhecia desde criança? Seria tio dela? O pensamento me causou um arrepio e tentei procurar alguma semelhança física entre os dois, mas não encontrei nada muito parecido, a não ser o tom de pele e a cor dos cabelos.

— Sim, sete anos — Arthur respondeu à Gabriela, tocando a cintura de Marina. — Nina é irmã de um grande amigo que faleceu, então nos conhecemos há muitos anos. Agora que ela tem dezenove anos e se tornou maior de idade, voltamos a nos reaproximar.

Bom, agora a história fazia um pouco mais de sentido e fiquei aliviado ao tomar ciência de que eles não tinham qualquer tipo de parentesco. O fato de Arthur ter ressaltado a idade de Marina não passou despercebido por mim e, por um lado, eu o entendia totalmente. Estremecia só de pensar que outras pessoas poderiam achar que Gabriela era menor de idade.

— Sempre fui apaixonada por ele desde criança, mas nunca fui correspondida. — Marina soltou de repente, antes que qualquer um de nós pudesse dizer alguma coisa. — Só que Arthur é um cabeça-dura e ainda me enxerga como se eu tivesse quinze anos. A diferença de idade entre vocês é muito grande?

Eu não sabia se Marina estava brincando ou não, mas acabei deixando sua declaração de lado depois de ter feito a pergunta que, eu tinha certeza, não queria calar. Mesmo assim, fiquei um pouco chocado e Caio riu ao meu lado,

pousando a mão casualmente em meus ombros.

— Nossa, parece que eu já vi essa história antes! Que coincidência! — disse o babaca do meu amigo. — A diferença de idade entre eles é de dezenove anos.

— Na verdade, quase dezenove. Ramon tem trinta e oito anos e eu fiz vinte recentemente — Gabi disse, encostando a cabeça em meu peito. — Sei como a questão da idade pode pesar, mas fiz com que Ramon entendesse que o que importa de verdade, é o que sentimos um pelo outro.

Foi impossível continuar a me sentir constrangido ou culpado depois de ouvir aquilo. Gabriela era tão maravilhosa, que conseguia me desarmar assim, com a mesma facilidade com a qual puxava o ar para respirar. A abracei com mais carinho e beijei os seus lábios quando levantou a cabeça para olhar em meus olhos com aquele sorriso que me deixava doido.

— É exatamente isso. E, você sabe, Arthur, pela lei, está tudo certo — Caio disse e eu me perguntei se ele tinha intimidade suficiente com o advogado para se meter daquele jeito em um assunto tão pessoal.

— Fico feliz por vocês dois — Arthur disse de forma amigável, sem demonstrar aborrecimento com a intromissão de Caio e se virou para Marina. — Mas essa mocinha aqui me dá bastante trabalho sem que estejamos num relacionamento.

— Se estivéssemos em um, você teria o trabalho, mas em compensação, também me teria.

Caramba. Assistir aos dois era como ver balas sendo disparadas no ar e a Marina tinha bastante munição e coragem de apertar o gatilho. Algo em sua atitude chegou a me lembrar um pouco de Gabriela, talvez o fato de não ter medo de enfrentar Arthur, assim como Gabi não teve medo de me encarar quando nos conhecemos. De qualquer modo, Arthur apenas pegou duas taças de champanhe com um garçom, tentando fingir que não estava acontecendo nada demais ali.

— Nina, posso te chamar assim, certo? — Gabriela perguntou e Marina balançou a cabeça em uma afirmação. — Quer ir ao banheiro comigo? Assim a gente pode se conhecer de verdade sem a presença desses homens — Gabi brincou e, novamente, senti como se estivesse nos salvando do início de outra conversa constrangedora.

— Claro! — Marina saiu de perto de Arthur e segurou a mão de Gabi. — Estou mesmo precisando retocar o batom.

— Ótimo, enquanto vocês vão ao banheiro, eu e os rapazes vamos até o

bar. Acho que uma dose de uísque cairia muito bem — Caio disse e tanto Arthur como eu assentimos.

Dei um beijo em Gabriela antes de ela se afastar com Marina e fui até o bar com Arthur e Caio, pedindo logo uma dose dupla de uísque, pois estava precisando liberar a tensão que ainda pesava em meus ombros depois da conversa estranha. Meu amigo logo começou um assunto sobre negócios e pisamos em terra firme pelos próximos minutos, longe da presença das garotas.



GABRIELA

Marina era deslumbrante e despertava olhares masculinos a cada passo que dávamos até banheiro. Acho que ela sequer percebia, parecia estar alheia ao que acontecia a sua volta, como se estivesse com a cabeça cheia depois da conversa estranha no salão e eu podia imaginar que estivesse mesmo. Durante os longos minutos que ficamos frente a frente, consegui sentir a tensão que emanava dela e de Arthur, como se estivessem entrando em choque. Quase podia me reconhecer em seu lugar na época em que Ramon ainda negava o que sentia por mim. Por sorte, encontramos o banheiro vazio e eu fiz questão de falar assim que entramos:

— Você e Arthur formam um casal lindo, Nina!

— Ah... É. — Marina murmurou em tom de desânimo, encarando-se no espelho. — Pena que não somos um casal. Ele não consegue deixar de lado o fato de ter me conhecido ainda bebê.

Ela olhou em direção ao reservado, como se estivesse em dúvida se arriscava entrar ou não. Tentei achar algum zíper no vestido exuberante que ela usava, mas não encontrei.

— Quer ajuda com o vestido?

— Sim, por favor! Você também percebeu a dificuldade que deve ser, né? Eu nunca usei roupa assim, é muito tecido para segurar.

— Muito menos eu. Sem contar que meus pés estão me matando, mas estou me mantendo firme — falei, trancando a porta do banheiro rapidinho e indo atrás dela até um dos reservados.

Marina subiu a tampa do vaso sanitário e eu a ajudei a enrolar o vestido até a altura da cintura. Ela usava um modelo lindíssimo, com renda vermelha e decotes profundos nos seios e nas costas, mas da cintura para baixo, era pano que não acabava mais, assim como o meu. Ela abaixou a calcinha e se ajeitou para fazer xixi.

— Voltando ao assunto, eu passei por algo semelhante com Ramon. Ele não me viu crescer, então, essa parte é diferente, mas a questão da idade é a mesma. O homem penou pra dar o braço a torcer. Sabe a fama de que fazendeiro é chucro e cabeça dura? Então, Ramon levava isso bem ao pé da letra.

— Tirando a parte de fazendeiro, parece que você está descrevendo o Arthur. Ele sempre foi muito reservado com a vida íntima e eu cresci achando que nunca me olharia de outra forma. Só que, pasme — ela deu uma paradinha para se secar e ajeitar o vestido —, o primeiro beijo partiu dele. Aí achei que fosse se declarar pra mim, né? Mas não, o homem não dá o braço a torcer.

Trocamos de lugar depois de ela ter dado a descarga e lutamos contra o tecido do meu vestido. Eu nem conseguia pensar em como a cena era meio constrangedora, principalmente por mal conhecer a Marina, porque o assunto estava mais interessante do que o fato de estar sendo ajudada a fazer xixi. Soltei um suspiro de alívio quando comecei a me aliviar. Estava apertada há quase duas horas.

— Eu dei o primeiro beijo no Ramon, mas ele surtou. Vou resumir a nossa história, eu só tenho o meu pai na vida, ele sofreu um acidente muito grave e está mal no hospital. Ramon é sócio dele e, para que eu não ficasse sozinha, me acolheu em sua fazenda. No começo, odiei o fato de ter que morar lá, pois mal o conhecia, mas não tive outra opção a não ser aceitar e, conforme o tempo foi passando, comecei a perceber que estava gostando cada vez mais dele, até me dar conta de que estava perdidamente apaixonada. Então, quis dar o primeiro passo e o homem quase me fez cair do cavalo literalmente. O beijei em cima de uma égua, ele estava me ensinando a montar — ri com o duplo sentido horrível da frase e comecei a me enxugar.

Marina riu junto comigo e me deu um olhar solidário, provavelmente por conta do meu pai.

— Mas agora vocês estão realmente juntos. Como foi para que ele saísse da fase de surto para a fase de beijos? Porque eu me encontro num limbo entre as duas coisas. E cada vez que o Arthur me beija, mesmo que seja um

selinho, eu quase entro em combustão espontânea, mas tenho muito medo de investir mais e ele fugir como já fez antes.

Terminei de colocar a calcinha e Marina me ajudou a ajeitar o vestido. Depois de dar descarga, saímos do reservado e fomos lavar as mãos. Podia sentir que ela me olhava como se eu fosse um baú cheio de respostas.

— Recorri à uma tática bem antiga, mas que geralmente dá certo. — Puxei duas folhas de papel e me virei para ela. — Fiz ciúmes nele. Fiz questão de que ele me visse sair de casa e deixei bem claro que não tinha hora para voltar. O homem ficou louco e foi atrás de mim. Depois disso, ele admitiu seus sentimentos, passou por cima do preconceito bobo sobre a nossa diferença de idade e me pediu em namoro. Estamos juntos desde então.

Marina ficou pensativa depois do que falei. Apesar de ter a conhecido há menos de meia hora, ela era bastante expressiva, por isso, quase podia ouvir as engrenagens do seu cérebro trabalhando. Por fim, disse:

— Sabe, há uns dias o Arthur falou umas coisas pra mim. Eu sei que ele me ama, mas não do jeito que eu gostaria. E ele meio que tem feito parecer que está se deixando conquistar, mas tá tudo tão devagar que eu acho que só vou me casar com oitenta e quatro anos se depender do ritmo dele.

— Ele te olhou de um jeito tão carinhoso quando você relembrou o dia no parquinho, que eu posso te falar com certeza que os sentimentos dele são mais profundos. Talvez ele ainda não tenha entendido isso, porque te conhece desde criança e não estava esperando sentir algo diferente por você, sabe? Mas, depois do que passei com Ramon, entendi que se há desejo, não tem quem consiga segurar o bom senso de um homem, nem mesmo o medo de se entregar aos sentimentos.

Marina concordou comigo e fiquei feliz por não ter falado nenhuma besteira. Eu não era acostumada a sair dando pitacos na relação alheia, até porque, há bem pouco tempo, *eu* não tinha experiência alguma. No entanto, ao observar Marina e Arthur, acabei me identificando muito com ela. Era nítido que Nina estava entregue, só faltava Arthur dar o próximo passo.

— Eu estou sendo paciente — ela disse, pegando um batom dentro da *cluch*. Aproveitei e fiz o mesmo, tendo ciência de que estávamos há mais de dez minutos no banheiro. — Ele nem pode ter do que reclamar, porque por mais que eu solte essas indiretas como fiz agora pouco, também tenho dado espaço para ele. Mas eu não sei se Arthur está realmente tentando mudar isso entre nós ou se só permanece se deixando levar pra ver onde vamos parar. Você e o Ramon parecem muito felizes!

— Ramon é o melhor homem do mundo. Claro que sou suspeita para falar, mas é assim que me sinto sobre ele. Foi difícil no começo, mas depois que ele se soltou e resolveu assumir o que sentia por mim, se tornou um príncipe. É o homem mais romântico e boca suja que conheço — falei, ficando com as bochechas coradas. Talvez fosse melhor deixar o "boca suja" de lado, mas não consegui me segurar e acabei rindo. — Tenho certeza que você e Arthur também vão se resolver, Nina. É nítido como um gosta do outro. Cheguei a pensar que já eram um casal quando Caio nos apresentou.

Marina apenas balançou a cabeça enquanto passava o batom. Era bem óbvio que o assunto mexia com ela e podia arriscar que havia sido sincera quando disse que era apaixonada por Arthur desde novinha. Sua situação era mais complicada do que a minha pelo fato de Arthur ter a visto crescer, mas eu iria torcer muito para que ele enxergasse e aceitasse os seus sentimentos e ficasse com Nina. Eles formavam um lindo casal e toda mulher merecia ser olhada com o mesmo carinho que ele olhava para ela. Terminamos de passar o batom e Marina me deu um sorriso, virando-se para mim.

— Depois me passa seu número pra contar quando conseguir... domar esse homem. É assim que fala de cavalo, né?

— É, sim. Aprendi que sou ótima nesse lance de domar homens com cabeça dura, você será também — falei, pegando meu celular. — Me passa seu número. — Trocamos os nossos contatos rapidinho, pois ouvimos duas batidas na porta do banheiro. Antes de sairmos, dei um abraço apertado em Nina. — Boa sorte! Vou ficar torcendo por você lá de Santo Elias e, depois, quando já estiverem juntos, vou pedir para que Ramon os convide para conhecer a fazenda. Acho que você vai adorar ver uns cavalos de verdade.

— Meu Deus, sim! — Marina comemorou ao meu lado, enquanto eu abria a porta. Recebemos olhares terríveis do pequeno grupo de mulheres que aguardava para entrar, mas nem liguei. Nina continuou: — Eu amo unicórnios! Quero muito poder ver um pessoalmente!

Eu pensei que ela estivesse brincando, mas ao ver o brilho em seus olhos e a ansiedade em suas feições, entendi que ela estava falando bem sério. Não pude deixar de rir.

— Vou ver se conseguimos achar uns unicórnios para você — falei, pensando em Trovão com um chifre no meio da cabeça. Combinaria muito com a sua personalidade arisca, com certeza.

Ramon me encontrou com o olhar assim que chegamos perto do bar. Ele estava lindo com um copo de uísque na mão, todo gostoso naquele *smoking*.

Mal via a hora de voltarmos para a nossa suíte.

— Demoraram — ele disse assim que fechamos a nossa distância, abraçando-me pela cintura e beijando o cantinho dos meus lábios.

— Eu falei que a gente ia aproveitar o momento a sós para nos conhecermos melhor. Marina é uma mulher maravilhosa. Deixou alguns homens babando pelo caminho — falei de forma despretensiosa, deitando minha cabeça em seu peito e observando discretamente a reação de Arthur.

O advogado todo sério só faltou unir as duas sobrancelhas em uma só de tanto que franziu o cenho e não sei como não engasgou ao virar o uísque, bebendo tudo em um único gole.

— Homem não pode ver mulher bonita andando sozinha que já quer ciscar em terreno alheio — murmurou com desagrado e Marina não deixou passar batido.

— E o terreno tem dono, por acaso?

Marina era das minhas. Não perdia uma oportunidade de confrontar o pobre coitado do Arthur, que, convenhamos, de coitado e pobre não tinha nada. Pousando o copo o balcão do bar, ele nos encarou.

— Acho que devemos encerrar a noite. Vocês fizeram uma viagem, devem estar cansados também, não é?

— Sim, chegamos ontem à tarde e não tivemos tempo de descansar. Foi um prazer imenso conhecer vocês dois — falei e Ramon assentiu ao meu lado.

— Digo o mesmo e quero muito que visitem a minha fazenda em breve.

— Tenho certeza que vocês vão adorar. É bom passar um tempo no campo quando se mora em uma cidade tão agitada quanto São Paulo — Caio completou.

Arthur apertou as mãos de Caio e Ramon e deu um beijo na minha, todo cavalheiro, antes de voltar a abraçar Marina pela cintura.

— Sem dúvida deve ser de uma tranquilidade invejável. Tem muito tempo que não me refúgio em um lugar como esse. Quando o trabalho permitir, pego Marina e faço uma visita a vocês.[7]

Fiquei toda animada com a ideia, pois seria incrível passar mais tempo ao lado de Marina. Foi impossível não pensar nas conversas que teríamos e acho que Luna também ia adorá-la. Nos abraçamos rapidamente enquanto os homens terminavam de se cumprimentar, em seguida, voltei para perto de Ramon, que já havia terminado de beber o uísque. Com um último aceno, nos afastamos deles e Caio suspirou ao nosso lado.

— Olha, quando eu falo que a vida é surpreendente, é sobre esse tipo de coincidência que estou me referindo. Arthur e Marina parecem vocês, com o agravante de Arthur ter visto a garota crescer, lógico.

— Já, já eles se acertam — falei com segurança e Caio me olhou com uma sobrancelha arqueada.

— É mesmo? Como sabe disso?

— Intuição feminina — sorri e me virei para Ramon. — Vamos para o nosso quarto? Meus pés estão me matando, não aguento mais esses saltos.

— Bom, essa é a minha deixa. Vou circular mais um pouco por aí — Caio disse já dando uma olhada pelo salão, certamente procurando por um rabo de saia.

— Seja responsável e use camisinha! — lembrei e ele riu para mim.

— Gabizinha, esse é o tipo de coisa que eu *nunca* esqueço.

— E também não se esqueça que vamos embora amanhã cedo, ou seja, não se atrase, ou vou deixar você para trás — Ramon disse daquele jeito sério, mas sabíamos que estava apenas brincando.

— Eu duvido que aquele pássaro de aço decole sem mim, Ramonzinho. Boa noite para vocês.

Caio se afastou e Ramon me pegou pela cintura, dando um beijo em minha boca antes de deixarmos o salão para trás.



“Pegue minha mão
Tome minha vida inteira também
Porque eu não consigo evitar
Me apaixonar por você”

Can’t Help Falling In Love – Elvis Presley

RAMON

Voltei com Gabriela para a nossa suíte, sentindo-me feliz por ter conquistado o prêmio mais importante da noite e um pouco pensativo com tudo o que havia acontecido na última hora.

Não era idiota, sabia que existiam muitos casais com diferença de idade por aí, mas encontrar com um que fosse tão semelhante a mim e Gabriela me deixou um pouco atordoado. Sem contar que percebi, diversas vezes, certo incômodo nos olhos de Arthur. O mesmo incômodo que eu sentia com maior frequência quando comecei a gostar de Gabriela e que senti hoje à noite, com o olhar daquela mulher à mesa.

— Você está tão calado... O que houve? — Gabriela perguntou quando deixei a estatueta no criado-mudo ao lado da nossa cama e comecei a tirar a gravata borboleta e o paletó. Estava louco para me livrar daquele tanto de roupa.

— Nada. Aconteceu muita coisa hoje à noite, ainda estou um pouco aéreo, sem acreditar que realmente ganhei o prêmio — falei, tirando os sapatos e as meias. Gabriela me olhou como se soubesse que havia muito mais em minha

mente, mas dei um beijo em sua boca e me afastei. — Que tal um banho de banheira pra gente relaxar?

— Ótima ideia!

Entrei no banheiro e ela veio logo atrás de mim, com o vestido se arrastando pelo chão por ter tirado as sandálias. Enquanto colocava a banheira para encher, reparei em Gabriela de costas para mim, tirando a maquiagem em frente à bancada do banheiro. Ela estava concentrada e sequer percebia meu olhar, enquanto milhares de sentimentos me invadiam. As últimas semanas ao seu lado haviam sido incríveis, algo que nunca imaginei viver em toda a minha vida. Dentro da fazenda, eu me sentia o dono do meu mundo, era onde eu encontrava a minha paz, onde poderia ser livre. Nesse evento, senti como se tivéssemos saído da bolha que havíamos criado em volta do nosso relacionamento e encarado o mundo real.

Deixei a banheira enchendo e me aproximei de Gabriela por trás, encontrando seus olhos pelo espelho. Agora sem maquiagem, com aquele rosto tão jovem bem ali, todo exposto para mim, senti meu coração falhar uma batida.

— Você está feliz? — questionei, envolvendo sua cintura fina com os meus braços.

— Que tipo de pergunta é essa? É claro que eu estou feliz — ela respondeu com um sorriso incrédulo, antes de arregalar um pouco os olhos. — Você não está?

— Estou, mas fiquei pensando em um monte de coisas na última hora... — Fechei os olhos e toquei seu pescoço com o meu nariz. Seu cheiro já era tão familiar para mim, que me sentia em casa. Era como se Gabriela fosse o meu lar.

— Pensando em quê?

Sua voz foi só um sussurro e me senti um idiota ao encontrar o medo em seu olhar através do espelho. Caramba, não queria aquilo. Não queria que Gabriela ficasse com medo pelo nosso relacionamento, por conta de pensamentos idiotas que estavam tumultuando a minha mente.

— Besteira. Só isso, nada demais.

Beijei o seu pescoço para fazer com que relaxasse e ela estremeceu. Senti o desejo me golpear com força total e resolvi deixar qualquer pensamento idiota de lado e aproveitar aquele momento com ela. Soltei a sua cintura para poder descer as mangas do vestido pelos seus braços e, como Gabriela não usava sutiã, seus seios me saudaram através do espelho assim que as mangas

escorregaram até os seus pulsos. Lambi os meus lábios e desci com beijos pelas suas costas, mordiscando e lambendo, matando o desejo que sentia desde o começo da noite ao ver o decote tão ousado do seu vestido. Gabriela havia me surpreendido ao ter escolhido aquele modelo. Era sensual, elegante e combinava muito com ela. Havia me enlouquecido a noite inteira.

Ela gemeu meu nome quando terminei de descer o vestido pelo seu corpo, revelando a calcinha minúscula que havia se enfiado entre as polpas da bunda. Mordi uma nádega e apertei a outra, sentindo meu pau endurecer completamente dentro da cueca. Gabriela soltou um gritinho e pulou para fora do vestido e da calcinha quando desci a *lingerie* pelas suas pernas torneadas.

— Vire-se para mim — pedi e ela se virou, apoiando as mãos na bancada de mármore. Puta merda, ela parecia uma deusa nua daquele jeito, com as bochechas coradas pelo tesão, os mamilos duros, a respiração ofegante e as pernas levemente afastadas. Dei um beijo no pé da sua barriga e toquei sua bocetinha com o polegar, sentindo como estava começando a ficar molhada. — Tem noção de como você é linda? De como quase babei por você a noite inteira?

— Você também estava lindo naquele *smoking* — ela disse com um sorrisinho, mordendo o lábio quando plantei um beijo no alto das suas coxas.

— Estava igual a todos os outros homens — murmurei com certo desdém. Não era como se tivéssemos outras opções de roupas para eventos como aquele. Gabriela riu e balançou a cabeça.

— Eu não percebi em qualquer outro homem, só no único que me interessava, você — falou, tocando em meu cabelo e me fazendo olhar em seus olhos. — Só você importa para mim, Ramon.

Precisava beijar aquela boquinha deliciosa depois de ter ouvido aquilo e foi isso que fiz. Levantei-me e beijei Gabriela, a colocando sentada em cima da bancada e parando no meio das suas pernas, enquanto acariciava o seu corpo e sentia as suas mãos desfazerem os botões da minha camisa e da calça social que eu vestia. As peças foram parar no chão, assim como a minha cueca e ouvi o gemido delicioso de Gabriela quando penetrei um dedo em sua bocetinha e toquei o clitóris com o polegar. Ela já estava molhadinha, mas sabia que precisava ficar mais lubrificada para a penetração, por isso, fiz com que apoiasse os calcanhares no mármore frio e caí de boca naquela boceta que me deixava louco.

— Hum... Ai, Ramon... — ela gemeu, arranhando a minha nuca e

empurrando o quadril de encontro a minha boca.

Estava tão duro que chegava a doer, mesmo assim, levei meu tempo acariciando o clitóris durinho com a língua e a deixando toda ouriçada, com os pelos do corpo arrepiados e os mamilos intumescidos, clamando pela minha língua. Quando senti que estava bem meladinha e perto de gozar, ataquei a sua boca e abri a gaveta abaixo da bancada, procurando pelas camisinhas que havia deixado ali ontem à noite, pois planejava usufruir da banheira em algum momento com ela. Mudei a rota só um pouquinho com o sexo na bancada, mas Gabi não parecia estar reclamando, pelo contrário. Foi ela quem tirou o preservativo da minha mão e abriu a embalagem, vestindo minha ereção com a habilidade que havia adquirido nas últimas semanas. Porra, ela me fazia perder o juízo.

— Vem — pediu baixinho, posicionando meu pau em sua entrada. Senti quando prendeu a respiração quando a penetrei, entrando bem devagar para que se acostumasse ao meu tamanho. Tinha ciência de como Gabriela era pequena e delicada e fazia questão de entrar lentamente na primeira vez, antes de começar a foder com força.

Acelerei os movimentos aos poucos, descendo minha boca até os seus mamilos e chupando sem delicadeza, deixando que ela sentisse o contraste entre a penetração e a chupada, confundindo seus sentidos. Gabriela gemia e me arranhava perto da nuca e me puxou pelo cabelo para beijá-la quando comecei a meter com mais força. Acho que eu sequer conseguia pensar em algo lógico, a não ser que era louco por aquela menina e que o prazer que sentia com ela era sem igual.

Quando começou a me apertar, com o orgasmo se aproximando, eu aumentei as investidas e toquei em seu clitóris, buscando nosso prazer juntos. Era inexplicável o tesão que eu sentia, a forma como meu corpo parecia estar pegando fogo, entrando em curto-circuito enquanto metia na bocetinha apertada e sentia minhas bolas pulsarem.

— Não para — Gabriela pediu entre os meus lábios, prendendo minha cintura com as pernas e movimentando os quadris de encontro aos meus.

— Não vou parar. Quero sentir essa bocetinha linda gozando no meu pau — falei, colando seu corpo no meu. Os mamilos duros roçaram em meu peitoral e um arrepio desceu pelo meu corpo. — Que delícia sentir você, Gabriela. Isso, me aperta assim...

Ela jogou a cabeça para trás e gemeu alto quando começou a gozar, apertando as paredes vaginais em volta do meu pau grosso, que começou a

pulsar enquanto eu enchia a camisinha de porra. Meti bem forte, até o fundo, querendo prolongar o nosso orgasmo o máximo possível, enquanto sentia o prazer se espalhar pela minha corrente sanguínea e fazer o meu pau latejar.

Só consegui parar quando Gabriela enfiou o rosto em meu pescoço e soltou um gemido cansado. Ela parecia estar esgotada e seu peso caiu sobre o meu corpo, antes de ela levantar a cabeça de repente e me olhar assustada.

— A banheira!

Merda! Saí apressado de dentro dela e corri até o outro lado do banheiro para poder fechar o registro. A banheira quase transbordava, faltava só um pouquinho para inundar o chão e precisei apertar o botão para que escoasse um pouco da água, antes de colocar os sais de banho. Ouvi a risada de Gabriela e a encontrei de pé atrás de mim.

— Que susto! Achei que o banheiro já estava alagado — ela entrou na banheira e soltou um gemidinho ao se sentar. — Nossa, está quentinha. Vem.

Descartei a camisinha usada e entrei, me acomodando atrás de Gabriela, que veio correndo de encontro ao meu peito. Com a mão em concha, molhei seu pescoço e observei o caminho da água até os seus mamilos.

— Agora você já pode me contar sobre o que estava pensando quando chegamos à suíte — Gabi disse, virando-se de lado para poder me encarar. — E não adianta falar que não era nada demais, pois não vou acreditar.

Eu deveria saber que ela não ia se esquecer do que havia acontecido. Pensei em um jeito de poder iniciar o assunto sem que ela começasse a pensar besteira, mas ela foi mais rápida do que eu.

— Tem alguma coisa a ver com a Marina e o Arthur? Eu senti que você ficou um pouco chocado enquanto conversávamos.

— Uma conversa bem estranha, diga-se de passagem — comentei rindo um pouco. Agora conseguia enxergar um lado cômico em tudo o que havia acontecido, mas, na hora, fiquei tenso em vários momentos.

— É, foi um pouco estranha mesmo, mas eu gostei muito deles dois, principalmente da Marina.

— Eu também gostei dos dois. Arthur é um cara muito inteligente e conversamos bastante enquanto vocês estavam no banheiro — falei, acariciando sua barriga sob a água. — Eu fiquei um pouco chocado com a similaridade entre nós quatro. Estranho pensar que, nesse momento, Arthur pode estar tendo os mesmos pensamentos que eu tive quando comecei a me dar conta de que estava me apaixonando por você. E a Marina não facilita em nada para ele. Fiquei até com um pouco de pena.

Gabriela riu e concordou.

— Verdade, mas ela está certa em não facilitar. Se afrouxar, ele foge.

Olhei para ela um pouco chocado.

— Era isso que você pensava sobre mim?

— Não exatamente, mas foi como comecei a enxergar a nossa situação depois de um tempo. Percebi que tomei uma ótima decisão quando aceitei ir àquela festa no bar dos Calouros, pois aquilo fez você acordar para a vida.

— Sim, me fez acordar para muitas coisas, principalmente para o fato de que eu deveria ter ateado fogo naquele pedaço de pano que você chama de saia jeans — falei com uma careta e Gabriela gargalhou.

— Deixa de ser bobo! — Ela acariciou o meu cabelo perto da nuca e me olhou com o semblante ameno. — Ainda estou esperando você me contar o que realmente te incomodou ao ponto de perguntar se eu estava feliz.

Com um suspiro, decidi que não iria esconder aquilo dela. Gabriela merecia saber o que eu sentia, mesmo que o sentimento fosse um pouco perturbador.

— Acho que você não percebeu, mas a esposa daquele empresário que estava conversando com o Caio na nossa mesa, ficou olhando pra gente o tempo todo.

— Olhando como?

— Como se estivesse nos julgando. — Senti Gabriela ficar tensa e a puxei para mais perto pela cintura, acariciando suas costas. — É nítida a nossa diferença de idade, Gabi, e as pessoas adoram julgar as outras. Não queria, mas fiquei imaginando o que ela não deveria estar pensando.

— Mas que velha mal-amada! Por que você não me falou? Eu teria colocado ela em seu devido lugar rapidinho! — Ela disse toda enfezada, cruzando os braços debaixo d’água. Foi impossível não rir daquele rostinho delicado se transformando em uma carranca. Nem assim ela ficava feia, pelo contrário, ficava adorável. — Pare de rir, Ramon! Isso não tem graça. Você deveria ter me falado!

— Não falei porque não valia a pena. Achei que seria mais interessante se ela soubesse que eu tinha notado o seu olhar e, mesmo assim, não me abalasse. Se não percebeu, continuei te tocando e te beijando durante todo o evento, não deixei que o julgamento dela me afetasse.

— Não deixou na hora, mas está deixando agora — ela disse, revirando os olhos. — Foda-se o que ela e todas as outras pessoas pensam, Ramon. Eles não têm nada a ver com a nossa vida. Nós dois sabemos o que sentimos um

pelo outro, eles não. Posso ser mais nova, mas sou adulta e nós dois temos todo o direito de ficarmos juntos.

— Eu concordo.

— Se concorda, por que ficou abalado daquele jeito? — perguntou deixando a raiva de lado e voltando a me olhar com carinho.

— Foi uma série de fatores, Gabi. Quando Marina chamou Arthur de coroa enquanto conversávamos, senti um baque por dentro. Ele aparenta ser uns dois ou três anos mais velho do que eu, então, fiquei me questionando se não é assim que seremos vistos, sabe? O coroa com a ninfetinha — revirei os olhos para mim mesmo e Gabriela balançou a cabeça.

— Só um cego acharia que você ou Arthur são coroas, Ramon, pelo amor de Deus! Acho que a Marina só disse aquilo para implicar com ele. Entendi que ela gosta de perturbá-lo um pouquinho — ela riu e se virou de frente para mim, sentando-se em meu colo e deixando aqueles peitinhos deliciosos perto da minha cara. Senti um tapa em meu ombro e sua risada preencheu o silêncio do banheiro. — Meus olhos estão aqui em cima, seu safado!

— Desculpa, estava apenas cumprimentando os meus melhores amigos — falei, deixando um beijinho em cima de cada mamilo enquanto ela ria. — Então quer dizer que você ficou reparando se Arthur parecia ser um coroa ou não?

Estava apenas brincando, não era ciumento àquele ponto, mas Gabriela também não levou muito a sério a minha provocação e só riu de mim.

— Na minha opinião, um coroa tem cabelos grisalhos e rugas aparentes. Não vi nada disso enquanto olhava *rapidinho* para o Arthur — disse ela, me fazendo sorrir. — Para que eu ia perder meu tempo olhando para ele, quando tenho você? Estou cega para o resto do mundo, Ramon.

— Hum... Gostei de saber disso — falei baixinho, beijando a sua boca. Senti como começou a ficar animadinha, movimentando-se sobre o meu colo, mas lutei para continuarmos a conversar. Ainda não havia terminado. — Perguntei se você estava feliz, porque fiquei com medo de que tivesse ficado incomodada com alguma coisa durante o evento. Pensei que você pudesse ter reparado no olhar da mulher ou ficado cismada com o que a Marina disse... Fico aliviado em saber que não.

— Se eu tivesse reparado no olhar da mulher, ela teria perdido os olhos e, sobre a Marina, entendi que aquela é a sua forma de chamar a atenção de Arthur. O relacionamento deles é meio complicado, mas dei umas dicas para ela enquanto estávamos no banheiro.

— É mesmo? E posso saber quais foram essas dicas?

— Claro... Que não — riu, beijando meus lábios rapidinho. — Homens não precisam saber das armas que as mulheres usam na hora da conquista.

— Nossa, me senti atingido agora e olha que você já me conquistou há muito tempo — falei, tocando em suas costelas e sentindo o seu corpo estremecer. Ela tomou meu rosto entre as mãos e olhou fundo em meus olhos.

— Você está feliz, Ramon?

Sabia que a resposta para aquela pergunta significava muito mais do que a definição da palavra “feliz” no dicionário, por isso, passei meus dedos pelo seu rosto e falei com sinceridade.

— Como nunca fui em toda a minha vida. Só fiquei um pouco atordoado porque, na fazenda, meus homens me respeitam e se acham estranho o nosso relacionamento, não demonstram nada, mas a vida fora das minhas terras é diferente. Pode ter certeza que, de hoje em diante, não vou deixar que nenhum olhar julgador me afete.

— Jura?

— Juro — falei, acariciando sua bochecha com o polegar. — Nada nem ninguém vai atrapalhar o que construímos e o que ainda vamos construir.

— Acho bom mesmo, meu amor, porque nem um guindaste vai conseguir me tirar de cima de você, agora que consegui te enlaçar de jeito! — Falou em meio a uma risada sacana e eu franzi o cenho, sentindo uma pontada atrás da cabeça.

— Espera, por que eu acho que já ouvi isso antes?

— Isso o quê? — A danada se fez de desentendida, o que só aumentou as minhas suspeitas.

— Esse negócio de guindaste... — Tentei buscar em minha memória o momento exato em que a ouvi falar algo parecido com aquilo, mas não consegui. — Tenho certeza que você já disse isso antes!

Suas bochechas ficaram coradas e ela rebolou de leve no começo da minha ereção. Segurei firme em sua cintura para que parasse de tentar me enrolar e ela mordeu o lábio.

— Eu meio que falei algo assim para você uma vez...

— *Meio* que falou? — Ela assentiu e eu fiquei mais curioso. — Quando? E por que eu não consigo me lembrar com clareza?

— Porque você não entendeu a frase toda e eu consegui contornar a situação.

Ela sorriu se achando bastante inteligente e eu estava quase concordando,

tendo em vista que não conseguia buscar na memória o momento em que a ouvi falar aquilo, mas, então, me lembrei. Minha boca caiu aberta enquanto olhava para a sua cara de safada.

— Foi no dia em que você me beijou no lombo de Bruma! Acabei de me lembrar! Eu ouvi você falar alguma coisa sobre guindaste e você me fez uma pergunta sobre o peso dos cavalos... — Ela só balançou a cabeça para confirmar e soltou uma gargalhada quando fiz cócegas em suas costelas. — Sua sem vergonha! Nem estávamos juntos e você já pensava em mim desse jeito? Estou chocado, Gabriela!

— O que eu posso fazer? Você estava todo gostoso enrolando aquela corda, com aquela expressão concentrada e os braços fortes se flexionando... Só consegui pensar que, se eu sentasse em você, nem um guindaste me tiraria de cima.

Ela deu de ombros com aquele sorriso zombeteiro e foi a minha vez de gargalhar. Eu não sabia como era possível, mas Gabriela sempre arrumava um jeito de me surpreender.

— Nunca ouvi nada parecido com isso em toda a minha vida, mas gostei — falei quando parei de rir e abracei a sua cintura, fazendo com que colasse o peito no meu. — Se um guindaste tentasse te tirar de cima de mim, eu te seguraria. Não se preocupe com isso.

— Levando em consideração que eu ainda não consigo ficar sentada por muito tempo, acho bom você também me falar que nem um guindaste te tiraria de cima de mim, ou vou ficar chateada.

Ainda era difícil para Gabriela ficar por cima na hora do sexo, mas vínhamos tentando com mais frequência ultimamente. Sabia que uma hora ela iria conseguir sem problema algum, enquanto isso, a gente ia testando todas as outras posições.

— Nem mil guindastes, meu amor. Se essa é a sua preocupação, já pode esquecer — falei, tomando sua boca na minha.

Ela sorriu em meio ao beijo e o meu coração deu um salto no peito, me deixando ainda mais apaixonado. Enquanto sentia sua língua na minha, pensei que não teria forma melhor de viver do que aquela ali, feliz e tranquilo ao lado dela, e me senti um bobo por ter ficado abalado com o julgamento das outras pessoas. Só Gabriela e eu sabíamos o que sentíamos um pelo outro e ninguém tinha direito de julgar o nosso relacionamento ou os nossos sentimentos. Sempre fui um homem centrado, que ia até o fim quando tomava uma decisão, que nunca fugia de suas responsabilidades e não seria

diferente agora.

Deixei para trás tudo o que havia me incomodado naquela noite e foquei apenas em curtir o restinho daquela madrugada com a minha menina.



“Apenas acredite em mim
Eu te farei ver
Todas as coisas que o seu coração precisa saber”

To Love You More – Céline Dion

GABRIELA

— Olha como estamos lindos, Ramon! Somos ou não somos um casal perfeito?

Mostrei para Ramon a nossa foto em uma coluna social na internet. Depois ter ganhado o prêmio mais importante do evento na noite anterior, seu nome aparecia em destaque em vários jornais e colunas *online* e, em praticamente todas elas, tinha uma foto nossa. Eles até haviam descoberto o meu nome, o que, claro, os levaram a falar sobre o acidente do meu pai e até acrescentar uma notinha sobre quem ele era, para que as pessoas se lembrassem. Sobre as colunas de fofoca que, logicamente, focaram em nossa diferença de idade, eu nem fiz questão de mostrar a Ramon e estava torcendo para que ele não lesse nada sobre aquilo. Depois do modo como se sentiu na noite anterior, não queria que soubesse de nada que pudesse reviver o incômodo que vi em seu olhar.

— Olha como *você* está linda. Entende agora por que eu disse que você era a mulher mais linda da noite? — ele perguntou com um sorriso orgulhoso, me dando um beijinho. — Somos mesmo um casal perfeito, amor.

— Meu Deus, acho que estou com diabetes — Caio disse sentado ao meu lado no carro. Já estávamos chegando em Santo Elias. — É difícil presenciar toda essa *melação* sem aumentar o nível de glicose no sangue.

— O nome disso é inveja, não diabetes — Ramon rebateu, me fazendo rir.

— Está vendo como você opera milagres, Gabizinha? O humor de Ramon melhorou drasticamente desde que assumiu um relacionamento com você. Obrigado por isso.

— Conte sempre comigo, Caio. Cheguei para melhorar a vida de todos vocês — falei e Caio me abraçou pelos ombros.

— Você é perfeita, Gabizinha. Um verdadeiro anjo por aturar o babaca do meu melhor amigo.

— Ok, já chega, pode devolver a minha namorada agora — Ramon disse, puxando-me de volta. Ele ria baixinho e adorei sentir o tremor em seu peito quando encostei a cabeça.

— Ele é ciumento também, mas nem tudo é perfeito, né — Caio deu de ombros.

— Tudo nele é perfeito.

Caio revirou os olhos soltando uma risada junto comigo e com Ramon. Eu amava demais aquele clima entre a gente e, principalmente, a forma como eles dois se entendiam, mesmo quando um xingava o outro. No fundo, era apenas brincadeira. A relação entre os dois era maravilhosa e ficava muito feliz em saber que Ramon tinha um amigo tão fiel quanto Caio. Apesar de serem tão diferentes, eu sentia que um completava o outro.

Chegamos em Santo Elias meia hora depois e deixamos Caio em sua casa antes de partirmos para a fazenda. Assim que pisamos no casarão, Cissa veio correndo ao nosso encontro e esmagou Ramon em seus braços.

— Eu sabia que você ia ganhar, filho, sabia! Vi a premiação toda pelo celular, Luna me ajudou a encontrar o site onde eles passaram a cerimônia ao vivo e fiquei muito emocionada com o seu discurso. Como tenho orgulho de você!

— Obrigado, Cissa. O discurso só ficou bom, porque Gabi me ajudou a escrever.

— A ideia foi toda sua, eu só complementei — falei e Cissa veio correndo em minha direção.

— Menina, você estava tão maravilhosa! Já viram as fotos de vocês? Estão em todos os sites na internet.

— Cissa está toda conectada... — Ramon comentou e ela o olhou de cima

a baixo.

— Mas é claro, estamos na era da modernidade e eu me adapto muito rápido! Vocês formam um casal lindo! Quero revelar a foto e colocar em um porta-retrato na minha sala!

Meu Deus, eu não aguentava com tanta fofura! Cissa era maravilhosa demais, não sabia o que seria da nossa vida naquele casarão sem ela. Depois de nos abraçarmos muito, Ramon e eu fomos tomar um banho e almoçar, para podermos partir para o hospital. Acho que todos os funcionários já me conheciam, a moça simpática da recepção sempre me dava um olhar solidário ao me passar o crachá de visitante e algumas enfermeiras me cumprimentavam pelo nome enquanto eu caminhava pelo corredor onde ficava o quarto do meu pai.

Passei a próxima hora ao lado dele, observando como parecia mais velho e bem mais magro. Já haviam retirado o gesso do braço esquerdo e das duas pernas, os hematomas haviam sumido e eu fiquei me perguntando por mais quanto tempo conseguiria sentir esperanças de que ele iria acordar. Meu pai já estava em coma há mais de dois meses e o médico havia deixado bem claro que o tempo era nosso inimigo. Resolvi deixar o pessimismo de lado e fiquei conversando com meu pai até acabar o horário de visitas.

Sair do quarto e encontrar com Ramon no corredor era quase um balsamo para a minha ferida. Ele sempre me abraçava em silêncio e deixava que eu tomasse a inciativa para irmos embora, como se soubesse quanto era difícil ter que partir e deixar o meu pai para trás. No carro, ele colocou uma música calma para tocar e ficou acariciando minha coxa enquanto dirigia.

— Fiquei me perguntando o que meu pai acharia do nosso namoro — falei sem parar para pensar muito, mas notei que o assunto mexeu com Ramon. Seus ombros ficaram tensos de repente e seu dedo parou de me acariciar. A mudança nada sútil em seus gestos me deixou em alerta. — O que você acha que ele faria se soubesse?

Ramon me olhou rapidamente e vi seu pomo de Adão subir e descer enquanto ele engolia.

— Acho que iria me matar.

Sua resposta me pegou totalmente de surpresa e olhei atentamente em sua expressão. Apesar de ver apenas o seu perfil, pude notar como estava sério.

— Por você ser mais velho do que eu? Ou por vocês não serem amigos e apenas sócios?

— Acho que pelos dois.

— Você não está sendo muito claro, Ramon — falei e ele me olhou novamente com o cenho carregado, como se mil pensamentos estivessem passando pela sua cabeça. — Caio comentou comigo que você e meu pai não se davam muito bem... Por quê?

— Caio falou isso?

— Sim, no dia em que fomos almoçar... Ele disse que esse poderia ser um dos motivos para você lutar tanto para não ficar comigo. Ele tinha razão?

Ramon parou em frente aos portões automáticos da fazenda e não me respondeu até voltar a dirigir e percorrer o extenso caminho que nos levaria até o casarão. Nervosa, fiquei olhando para ele com expectativa. Se achava que iria sair daquele carro sem responder às minhas perguntas, estava muito enganado. Depois de estacionar e puxar o freio de mão, ele se virou para mim.

— Seu pai e eu fomos próximos quando éramos mais jovens... Amigos, eu diria. Andávamos no mesmo grupo de rapazes, então, convivíamos bastante, mas, depois de um tempo, nos afastamos. Lembra quando eu te contei que não tinha o costume de sair demais, de cair na farra, como os garotos da minha idade?

— Sim.

— Isso contribuiu para que eu e seu pai começássemos a nos afastar. Na época, sua família era a mais rica da região. Seu avô, pai de Abraão, lutava com unhas e dentes para manter o monopólio que tinha sobre Santo Elias e ele e meu pai brigaram quando meu pai tentou comprar mais uma parte destas terras. — Ele olhou rapidamente para a fazenda, antes de voltar a me encarar. — O maior medo do pai de Abraão era que houvesse uma fazenda maior e mais rica que a dele e esse também se tornou o medo de Abraão, quando o pai faleceu. Na época, eu tinha dezessete anos e lembro muito bem de quando, depois do enterro do seu avô, seu pai se virou para mim e disse que não deixaria que o meu pai levasse adiante a compra dos hectares ao redor da nossa fazenda. Eu não acreditei no que estava ouvindo. O pai dele havia acabado de falecer, Abraão tinha apenas dezenove anos na época, mas agia como um homem ambicioso e sem escrúpulos. Ainda que meu pai comprasse as terras que queria, não chegaríamos nem perto da magnitude que era a Fazenda Rodrigues na época, mesmo assim, seu pai levou a promessa adiante e, a partir daquele momento, deixamos de ser amigos e nos tornamos rivais.

Eu não sabia o que pensar. Enquanto escutava Ramon falar, minha mente dava voltas, tentando formar imagens de uma época que não vivi para poder

visualizar com um pouco mais de clareza tudo o que estava ouvindo. Por mais que me doesse, eu sabia que a história fazia todo o sentido. Meu pai sempre foi ambicioso e focado nos negócios, assim como meu avô e bisavô. A Fazenda Rodrigues não tinha se tornado uma das maiores do país em criação de gado por ter sido comandada por homens fracos. Todos os Rodrigues tinham um histórico gigantesco de passar por cima de qualquer obstáculo que estivesse em seus caminhos, só não podia imaginar que Ramon e seu pai eram um deles.

— Espera um pouco... Naquela vez em que conversamos à mesa de jantar, você me disse que seu pai havia levado um golpe quando você tinha dezessete anos e, por isso, não tinha conseguido comprar as terras que queria — falei, sentindo meu coração acelerar no peito. — Meu pai que deu esse golpe no seu pai?

Ramon apertou um pouco o maxilar e nem precisei ouvir o que tinha para me dizer, pois a resposta estava bem ali, nos seus olhos, em sua expressão tensa, nas sobrancelhas franzidas e nas mãos que apertavam o volante.

— Eu nunca consegui provar, mas tenho certeza que sim — falou e, apesar do tom baixo, senti sua voz ecoar nas paredes do carro e me atingirem feito um tapa. — Ele foi o único que me ameaçou, que apontou o dedo e jurou que não deixaria que meu pai levasse adiante a negociação. Então, meses depois, quando meu pai finalmente conseguiu levantar a quantia para comprar mais uma parte das terras, levou um golpe do próprio advogado, que passou a mão no dinheiro e sumiu do mapa. Nunca encontramos o infeliz e Abraão só não conseguiu comprar o resto das terras, porque o antigo dono era amigo de infância do meu pai e se recusou a vender para ele. Nós perdemos quase tudo, porque toda a economia que tínhamos, foi embora de uma hora para outra. Por sorte, esse amigo do meu pai nos devolveu o dinheiro que pagamos pelos hectares comprados anteriormente e conseguimos manter as contas por um tempo, mas meu pai quase enlouqueceu e eu cheguei a pensar que teríamos que vender tudo o que tínhamos antes de morrermos de fome. Só consegui comprar as terras de volta anos depois, mas disso você já sabe.

O carro mergulhou no silêncio enquanto as palavras de Ramon se repetiam em *looping* na minha cabeça. Cada pequena informação se juntou a outra, me fazendo sentir uma pressão absurda no peito. A constatação de quem era o meu pai caiu como chumbo em cima de mim. Abraão Rodrigues era um monstro. Ele havia sido responsável por toda desgraça que havia acontecido na vida de Ramon. O golpe que sua família levou, a loucura de seu pai, que

culminou na morte dele e da sua mãe... *Tudo* havia sido culpa dele. Do *meu* pai.

— Gabriela — Ramon me chamou, colocando as mãos sobre as minhas. Só naquele momento eu percebi como tremia. — Não queria que você soubesse disso tudo, seu pai está no hospital e...

— Agora eu entendo — murmurei, sem prestar muita atenção no que ele havia acabado de falar.

— Entende o quê?

— Entendo porque você não queria ficar comigo — falei com a respiração meio ofegante, nervosa, ainda com aquela pressão horrenda em meu peito. Meus olhos se encheram de lágrimas, mas engoli em seco e não deixei que se derramassem. — Como consegue olhar para mim sabendo que sou filha *dele*?

Ramon arregalou os olhos e tirou o cinto de segurança com rapidez, antes de se inclinar um pouco sobre mim e tomar meu rosto em suas mãos.

— Pelo amor de Deus, Gabi, uma coisa não tem nada a ver com a outra...

— Claro que tem! Olha tudo o que meu pai fez para a sua família, tudo o que vocês sofreram... Ele praticamente matou os seus pais! — Falei com as lágrimas descendo sem controle. Não queria ter o sangue daquele homem correndo em minhas veias. Não queria, não queria...

— Gabi, olhe para mim.

— Não. — Tentei escapar de suas mãos, mas Ramon limpou as minhas lágrimas com os polegares e me olhou com firmeza.

— Gabriela, olhe para mim agora! — Sua voz aumentou em alguns decibéis e eu prendi meu lábio trêmulo em meus dentes, sentindo muita tristeza. — Você e o seu pai são pessoas totalmente diferentes!

— Não somos! Eu vim dele, sou *filha* dele!

— Exatamente, você é filha dele, não é ele. Eu nunca vi um traço da personalidade do seu pai em você, nunca! E esse é um dos motivos por eu ter me apaixonado perdidamente por você, meu amor... Você não poderia ser mais diferente dele e o fato de ele ser o seu pai não muda nada para mim. Entende isso? Tudo o que ele fez não influencia no que sinto por você.

Meu queixo tremeu ao encontrar a verdade em seus olhos, na firmeza com a qual disse cada uma daquelas palavras. Mesmo assim, foi impossível não me sentir culpada. Abraão era meu pai e ele havia feito tudo aquilo para Ramon e sua família. Como era possível? Por que havia feito tanta maldade? Não queria acreditar que aquilo estava acontecendo.

Só percebi que Ramon me liberou do cinto de segurança quando me puxou

para o seu colo pela cintura. Escondi meu rosto na curva do seu pescoço e chorei, me sentindo impotente de repente. Acariciando minhas costas, Ramon falou baixinho:

— Não lutei contra os meus sentimentos por você por conta do que o seu pai fez no passado. Isso nunca passou pela minha cabeça, até porque, olhando para você, vivendo ao seu lado, observando a sua personalidade doce e decidida, seu sorriso lindo, sua gentileza para com as pessoas e os animais, sequer conseguia me lembrar de que Abraão era seu pai. Lutei contra o que sentia por, principalmente, não conseguir entender o que você tinha visto em mim. Sou quase dezenove anos mais velho do que você, não sou o homem mais simpático do mundo, sou meio sistemático e turrão... Na minha cabeça, eu estaria te corrompendo ou algo do tipo.

Levantei meu rosto de repente e olhei para a sua expressão culpada e o cenho franzido. Não estava acreditando que havia acabado de ouvir tamanha sandice.

— Não, Ramon! Que coisa horrível de se pensar! Eu não sou nenhuma criança e o nosso relacionamento não é nojento. Não é possível que ainda esteja pensando assim, principalmente do que conversamos ontem na banheira!

— Nunca pensei assim, nunca achei que o nosso relacionamento é nojento e sempre soube que você não era uma criança, apesar de colocar isso na minha cabeça para tentar me manter afastado — ele disse, limpando minhas lágrimas. — Mas nada adiantou, Gabi. Entende isso? Nada conseguiu fazer com que meu sentimento por você parasse de crescer. O fato de ser filha de Abraão sequer chegou a ser uma questão para mim.

— Juro que não entendo... Meu pai fez tudo aquilo contra você e, mesmo assim, fechou sociedade com ele e me acolheu em sua casa... No seu lugar, acho que estaria desejando que ele morresse — estremeci, mas era verdade. Como Ramon não odiava meu pai? Eu estava quase odiando.

— Seria muito fácil se eu me prendesse à raiva e ao ódio dessa forma, mas sabe o que aprendi em todos esses anos? — perguntou e eu só balancei a cabeça. — Aprendi que guardar sentimentos assim apenas me faria mal. Por isso, resolvi focar em minha vida, reerguer esse lugar, fazer com que meu pai e meu avô sentissem orgulho do homem que me tornei e da forma como cuidei da fazenda que eles tanto amaram. Não pense que deixei de lado a minha desconfiança de que seu pai aplicou um golpe em minha família, porque não esqueci. Durante anos, movi céus e terras para achar o advogado

infeliz que provavelmente se vendeu para o seu pai e o ajudou a roubar a minha família, mas não consegui e acabei deixando que a vida tomasse seu rumo. E tomou. De repente, depois de muito trabalho, me vi sendo o maior fazendeiro de Santo Elias e um dos maiores do Brasil, fiquei rico, criei um império e seu pai começou a cair. Não precisei mover um dedo para que a justiça, divina, pelo menos, fosse feita e não perdi meu tempo nutrindo qualquer sentimento de vingança ou de ódio. Apenas vivi e Abraão também, a diferença é que eu cresci e ele diminuiu.

Meu peito abrandou ao ouvir as suas palavras. Era difícil olhar para Ramon e não admirar cada vez mais o homem incrível que ele era.

— Por que aceitou a sociedade com ele, então?

— Não aceitei, eu fiz a proposta — falou e eu fiquei surpresa. — Seu pai quebrou, Gabi. Durantes anos, gastou muito mais do que deveria, deu pequenos golpes em sócios, parceiros e frigoríficos e, uma hora, a bomba explodiu. Ele teve que se desfazer da maioria das cabeças de gado que tinha, precisou abrir mão de sociedades milionárias e devolver tudo o que havia embolsado, um acordo que conseguiu fazer para que o caso não fosse levado à justiça, e se viu completamente falido, então, propus a sociedade. Ou ele aceitava, ou perderia a fazenda e você sabe que seu pai jamais aceitaria perder, então, teve que engolir o orgulho e aceitar a mão que estendi. Hoje sou dono de cinquenta e um por cento de tudo o que o seu pai tinha e domino a Fazenda Rodrigues.

Não esperava mesmo ouvir tudo aquilo. Sabia que meu pai estava mal das pernas, mas não imaginei que fosse tão grave, nem que a nossa fazenda não fosse mais nossa de fato. Agora, era praticamente tudo de Ramon. Acho que ele viu o meu choque, pois tocou em meu rosto com carinho e colocou uma mecha do meu cabelo para trás.

— Eu não tinha necessidade alguma de fazer qualquer sociedade com o seu pai e ele sabia disso, mas fiz porque queria que aprendesse que ele não pode querer ser o dono do mundo, porque o mundo não é de uma pessoa só. Se ele não fosse tão ambicioso e mau caráter, hoje, a Fazenda Rodrigues ainda seria referência no Brasil e ele ainda seria um empresário de sucesso.

— Também ofereceu a sociedade porque sabia que ele iria preferir morrer a ter que firmar negócio com você. Pode admitir, não vou ficar brava ou chateada.

Ramon riu baixinho e assentiu quase que imperceptivelmente.

— Isso faz de mim um homem ruim? — perguntou e vi que não tinha sido

uma pergunta aleatória, ele realmente estava na dúvida.

— É claro que não. Faz de você um homem que buscou justiça da única forma que foi oferecida. No final, a sociedade caiu como uma bênção para o meu pai e, sinceramente? Acho que nem isso ele merecia — falei amarga, com um sentimento ruim no peito em relação a ele.

— Gabriela, não quero que você tome as minhas dores e se volte contra Abraão. Apesar de tudo, ele ainda é o seu pai e está em coma em um hospital.

— Eu sei, mas é muita coisa para digerir. Acho que preciso sentir cada uma das emoções que estão assolando meu peito, antes de voltar a pensar com clareza — falei, soltando um suspiro pesado.

— Sabe o que costumo fazer quando me sinto assim?

— O quê?

— Cavalgo. Pego Capitão e dou uma volta pela fazenda até ficar com a mente vazia... Quer cavalgar comigo?

Eu poderia fazer uma ou duas piadinhas sexuais com aquele seu convite, mas não me senti no clima para falar nada, por isso, apenas concordei com a cabeça. Dando um beijo casto em meus lábios, Ramon desligou o carro e eu desci do seu colo para poder sair do veículo pelo lado do passageiro, enquanto ele abria porta do motorista. Nos encontramos do lado de fora e senti meu coração pular forte no peito quando ele pegou a minha mão e passou o braço pelo meu ombro, aconchegando-me em seu peito.

Ramon estava ali, comigo. Ele havia se apaixonado por mim apesar de tudo o que meu pai havia feito contra ele e sua família no passado. Ainda era difícil de acreditar, mas fechei os olhos rapidinho e pedi silenciosamente para que a culpa pelo o que Abraão havia feito contra o homem que eu amava, deixasse de dominar o meu peito.



RAMON

Gabriela ficou quieta enquanto Capitão nos levava para o lado norte da fazenda, onde minhas terras se perdiam de vista. Sempre vinha para cá quando precisava esvaziar a minha mente de todos os problemas que enfrentava diariamente, mas, neste momento, fazia exatamente o contrário.

Não conseguia parar de pensar na nossa conversa no carro, no modo como falei quase tudo sobre o meu passado com Abraão.

Eu tinha plena consciência de que, uma hora ou outra, Gabriela me questionaria sobre o tipo de relacionamento que levava com seu pai. Ela já sabia que éramos sócios, mas sentia que tinha certa curiosidade sobre o fato de sermos amigos ou não, portanto, tentava me preparar para o momento em que teria que conversar sobre aquele assunto com ela, mas não esperava que fosse hoje. Fui pego completamente de surpresa e, por alguns minutos, enquanto estacionava em frente ao casarão, pensei em contar tudo de uma vez, mas algo me impediu. Senti medo de que perdesse Gabriela para sempre e resolvi contar tudo o que não envolvia a sua mãe.

A verdade era que minha vida, por quase um ano, esteve entrelaçada as de Abraão e Cecília até o meu último fio de cabelo. Conseguia me lembrar com exatidão o momento em que dei um basta e me afastei completamente deles, decidido a seguir o meu caminho sozinho e deixar tudo para trás, e havia cumprido com o meu propósito até Gabriela aparecer em meu caminho e virar tudo de cabeça para baixo.

Encontrar com ela naquela sala no hospital me fez levar um choque, porque, em um primeiro momento, pensei estar vendo Cecília na minha frente. Não porque eram idênticas, mas pelo olhar melancólico em seu rosto, a expressão triste, os ombros caídos em desanimo, como Cecília geralmente parecia toda as vezes que ia atrás de mim. Só me dei conta de que não era ela, quando Gabriela levantou os olhos e me fitou. Sua expressão mudou, os olhos se arregalaram, os lábios se separaram, como se não esperasse pela minha presença e, através da dor que ela sentia no momento, consegui enxergar também a sua surpresa.

As duas também eram diferentes, fisicamente. Cecília tinha os cabelos loiros, olhos extremamente azuis e era mais alta, enquanto Gabriela tinha os cabelos castanhos, um tom ou dois mais claros do que os de Abraão, olhos com heterocromia e era baixinha. Logicamente, tinha certa semelhança com a mãe, como o queixo pequeno e o formato das sobrancelhas, mas só. E a personalidade das duas era como água e vinho. Nunca que Cecília teria metade da coragem de Gabriela, ou sua impetuosidade e o sorriso dócil e fácil, encantador.

Não pensava em Cecília há muitos anos e, em todos os momentos que passei ao lado de Gabriela, continuei a não pensar nela — tirando o fato de me lembrar do nosso passado quando comecei a me apaixonar por Gabi — e

queria que continuasse assim.

— Você disse que não via o meu pai como um inimigo, naquela vez em que questionei se vocês eram amigos ou não. Como consegue não enxergar o meu pai como um inimigo depois de tudo o que ele fez? — Gabriela perguntou, quebrando o silêncio que se estendia desde o momento em que montamos Capitão.

Respirei fundo, sabendo que ela não esqueceria daquele assunto tão cedo e que, provavelmente, me faria ainda mais perguntas no decorrer daquele dia. Pensei em uma forma de explicar como me sentia.

— Considerei Abraão como um inimigo por muitos anos, enquanto buscava ferrenhamente uma forma de provar que ele havia dado um golpe em meu pai. Quando não consegui achar nada, percebi que só estava gastando o meu tempo e a minha energia ao nutrir um sentimento que não me ajudava em nada, só me machucava. Toda vez que entrava em contato com os detetives que contratei, me lembrava da época mais difícil da minha vida, quando tive que tomar o lugar do meu pai, com ele ainda vivo, e tentar salvar tudo o que tínhamos. Aquilo só me fazia mal, me deixava para baixo, com raiva e eu odiava esses sentimentos, principalmente a impotência que vinha junto com eles, por isso, decidi encerrar de uma vez por todas a investigação e o ódio que, de certa forma, nutria por Abraão. Isso não quer dizer que esqueci tudo o que ele fez ou que o perdoei, apenas parei de pensar na existência dele e segui com a minha vida.

— E você conseguiu ser feliz nesses últimos anos? Encontrou paz, de alguma forma?

Podia não ver a expressão de Gabriela, mas quase podia enxergar a culpa em seus olhos. O sentimento se refletia em seu tom de voz e no modo como estava tensa e amuada contra o meu peito. Naquele momento, comecei a nutrir por Abraão algo que não sentia há muito tempo: raiva. Senti raiva dele, por, de certa forma, fazer com que Gabriela sentisse culpa pelos erros que *ele* havia cometido.

— Eu fui feliz, Gabi e também encontrei paz. Conquistei tudo o que queria, realizei o meu sonho e o sonho do meu pai e do meu avô, honrei a luta deles, o suor, a forma como batalharam para conquistar seu espaço, a terra que aprenderam a amar... Tudo isso faz de mim um homem realizado. Mas só entendi o que era felicidade de verdade, quando você entrou na minha vida. Naquele momento eu não sabia, mas você estava chegando para mudar tudo dentro de mim. Passei todos esses anos à sua espera para descobrir o que era

felicidade.

Gabriela virou o tronco de lado e buscou o meu rosto até encontrar os meus olhos. Percebi como estava emocionada, surpresa com o que eu havia confidenciado.

— Tem certeza? — perguntou e eu ri baixinho. Só ela mesmo para me fazer aquele tipo de pergunta.

— Claro que eu tenho certeza. Nada do que falo é da boca para fora, principalmente quando tem a ver com você.

— Então estava falando sério quando disse que não sentia nada por mim naquele dia em que te beijei no lombo de Bruma? — Seus olhos estavam semicerrados e vi uma sombra de sorriso em seus lábios. O primeiro desde que começamos a falar sobre o meu passado com o seu pai.

— Não falei que não sentia nada, falei que gostava de você como um amigo.

— Isso é basicamente o mesmo.

— Não é não. E, de qualquer forma, eu menti. Ou melhor, preferi esconder o que eu realmente sentia.

— E o que você sentia?

— Sentia que eu estava ficando completamente louco por você e, se desse brechas para que me beijasse mais uma vez, iria jogar tudo para o alto e nunca mais deixar que você saísse dos meus braços.

Ela finalmente sorriu e voltou a olhar para frente, encostando a cabeça em meu peito.

— Você poderia ter feito isso, teria nos poupado de muito aborrecimento.

— Verdade, mas, se eu tivesse feito, não teria te beijado na chuva e nem teria lhe dado dois orgasmos dentro do carro.

Ela gargalhou baixinho e eu beijei seu pescoço, sentindo parte da minha tensão ir embora. Seu humor estava melhorando, graças a Deus.

— Foi quase uma cena de filme...

— Filme adulto, você quer dizer — falei, sorrindo e sentindo desejo ao me lembrar. Foi sensacional, algo que eu jamais iria esquecer.

Continuamos a cavalgar por mais algum tempo, até sentir a tensão deixar o corpo de Gabriela. Ela voltou a ficar calada e pensativa e deixei que tomasse o seu tempo. Sabia que era muita coisa para digerir, só queria que ela não se sentisse culpada por algo Abraão havia feito há tantos anos, nem que se prendesse demais a um passado que eu lutava para que continuasse enterrado.



“Para alguém tão pequena
Você parece tão forte
Meus braços te abraçarão
Manterão você aquecida e segura”

You’ll Be In My Heart – Phil Collins

GABRIELA

O celular de Ramon tocou várias vezes enquanto passeávamos com Capitão, mas ele ignorou todas elas e continuou firme comigo, mesmo quando eu não falava nada. Ele tinha razão quando disse que cavalgar era ótimo para relaxar e esvaziar a cabeça; depois de tanto pensar, eu me sentia mais leve e resolvemos que era hora de voltarmos para o casarão. Assim que chegamos, seu celular tocou mais uma vez e ele soltou um suspiro e revirou os olhos, checando o aparelho.

— É a minha assessoria, com certeza devem estar querendo me passar os convites que recebi para dar entrevistas sobre o prêmio.

— Por isso mesmo que você precisa ir para o escritório e atender o telefonema deles. Eu vou ficar bem, amor, juro — afirmei, ficando nas pontas dos pés para poder beijar sua boca.

— Não quero deixar você sozinha.

— Vou pedir para Luna ficar comigo no meu antigo quarto. A gente precisa conversar mesmo, tenho certeza que quer ela saber detalhes sobre o evento.

Ele pareceu ficar mais aliviado e a sua preocupação comigo me deixou com o coração cheio de amor. Acho que Ramon não tinha noção de como me deixava boba com pequenos gestos como aquele. Dando-me um beijo, ele se afastou e eu subi as escadas, indo direto para o quarto de hóspedes que eu ainda ocupava parcialmente com as minhas roupas.

Sentando-me na cama, mandei uma mensagem para Luna, perguntando se ela estava livre para podermos conversar. Ela bateu na porta e entrou no quarto minutos depois de me responder, com os cabelos presos em um rabo de cavalo. A cor lilás não tinha pegado muito bem nas pontas dos seus cabelos no dia do meu aniversário, por isso, uma semana depois, ela passou uma tinta azul. Agora as pontas estavam roxas. Não entendia muito bem aquela alquimia que ela havia feito, mas seu cabelo estava lindo.

— Ai, meu Deus, que carinha é essa? — ela perguntou, se desfazendo do sorriso alegre e se jogando ao meu lado na cama.

— Posso usar o seu ouvido um pouquinho?

— Mas é claro que sim, por favor! O que houve?

Comecei a falar e Luna me ouviu com atenção, demonstrando o seu choque conforme fui contando tudo o que meu pai havia aprontado contra a família Baldez. Sabia que tudo aquilo havia acontecido bem antes de eu nascer, mas isso não tornava mais fácil o fato de ter que engolir que meu pai havia cometido tantas atrocidades. Ainda era difícil aceitar que ele fosse tão ganancioso ao ponto de ter feito o que fez. Dar um golpe em uma família que sequer chegava perto do poder aquisitivo que ele tinha na época, foi crueldade. Não havia outra palavra para definir a sua atitude. E ele não parou por aí, tendo em vista que acabou perdendo tudo o que tinha ao trapacear, passar por cima de sócios e contratos firmados. Sempre soube que meu pai era um homem frio e calculista nos negócios, até mesmo em sua vida pessoal, se fosse considerar a forma como me manteve afastada todos esses anos, mas não imaginei que chegasse ao ponto de machucar outras pessoas.

— Nossa, eu nem sei o que dizer — Luna murmurou quando terminei. Se ela, que sempre tinha algo na ponta da língua para colocar para fora, não tinha palavras, quem diria eu.

— Pois é. É exatamente assim que estou me sentindo até agora. Também me sinto culpada mesmo que, conscientemente, eu saiba que as ações foram

do meu pai e não minhas.

— Isso mesmo, você não tem que sentir culpa, Gabi. Seu pai errou, não você.

— Sei disso, mas ele é meu pai, sabe? E Ramon é o homem que eu amo... Ele quase perdeu tudo por conta de Abraão e é impossível não tomar as suas dores. Ele conseguiu recuperar tudo, se reerguer, crescer, mas, e se não tivesse conseguido? E se tivesse perdido tudo e ido parar na rua com os pais? Sua vida poderia ter sido bem diferente.

— Poderia, mas não foi. Apesar de todas as maldades cometidas pelo seu pai, Ramon conseguiu vencer. Se ele, que sofreu tudo isso, conseguiu seguir em frente, você também vai conseguir. Só precisa deixar o choque passar — ela disse e eu fiquei mais aliviada ao ouvir as suas palavras. — Sabe o que você deve fazer a partir de agora?

— O quê?

— Deixar tudo de ruim para trás e viver esse momento maravilhoso ao lado de Ramon. Vocês estão muito apaixonados, ele te trata como se fosse uma princesa, não te culpa por nada, tem plena consciência de que a culpa foi do seu pai e não sua, então, não deixe que sentimentos ruins atrapalhem vocês dois. Claro, é impossível não ficar chocada, triste e com raiva por tudo o que aconteceu no passado, mas não se sinta culpada, porque isso você não é.

Suas palavras me tocaram profundamente, pois, no fundo, sabia que Luna estava certa. Não havia nada que eu pudesse fazer para mudar as ações do meu pai, logo, não adiantava ficar remoendo toda a situação e me sentindo culpada por algo que havia acontecido antes mesmo que eu chegasse ao mundo.

— Tem razão, vou lutar para expulsar esse sentimento horrível e focar apenas em Ramon. Só que tem algo que me machuca muito, Luna... Estou sentindo muita raiva do meu pai e acabo me sentindo culpada por isso também, pois ele está em coma no hospital e me dói saber que, talvez, ele nunca mais vai acordar. Acho que não terei oportunidade de conversar com ele, de tentar entender o motivo de ter feito tudo o que fez à família de Ramon, o porquê de ter me mantido afastada por todos esses anos, o porquê de ter sido um pai tão displicente... Tenho um milhão de perguntas para fazer a ele e, provavelmente, jamais terei as respostas.

— Não perca a esperança, ele ainda pode acordar.

— Acho improvável, mas, se acordar, pode ser que tenha sequelas muito

graves. Tenho certeza que meu pai iria preferir a morte do que ser um "invalido" — falei, soltando um suspiro doloroso. Por mais que sentisse raiva por tudo o que havia feito a Ramon, Abraão ainda era meu pai e eu o amava. — Eu sinto como se meu pai fosse uma pessoa totalmente desconhecida. Eu ainda o amo, mas, ao mesmo tempo, fico me perguntando quem ele é, ou era, de verdade. Nunca foi um pai ruim, só distante, então, nunca passou pela minha cabeça que ele poderia ser capaz de cometer tanta maldade.

— Sabe, meu pai e minha mãe tiveram um casamento meio conturbado, eles viviam reatando e separando, mas nunca deixaram de dar amor e carinho a mim ou a minha irmã. E quando meu pai se mudou para o Rio de Janeiro, fez questão de alugar uma casa com dois quartos, depois de arrumar um emprego melhor, e fez um quarto lindo pra mim e para a Fê. Mesmo distante, ele é o melhor pai que eu poderia ter. Eu queria muito que o Sr. Rodrigues tivesse sido um pai assim para você, porque você merece, Gabi. Quero que saiba que estou torcendo muito para que ele acorde e que possa lhe dar todas as respostas que precisa. Ah, também quero que ele se torne uma pessoa melhor, é claro. Nunca é tarde para se arrepender dos erros cometidos no passado.

Luna abriu os braços e me acolheu em um abraço fraterno, que me deixou muito emocionada e com um sentimento poderoso de gratidão. Era muito grata a Deus por ter pessoas tão maravilhosas ao meu lado naquele momento. Ramon, Luna, Cissa, Caio, todos eles vinham fazendo uma diferença enorme em minha vida.

— Obrigada, Luna, de verdade.

— Não agradeça, sabe que pode contar comigo para qualquer coisa que precisar — ela disse quando me afastei. — Agora, vamos dar uma pausa nos assuntos tristes e falar de coisas alegres. Quero saber todos os detalhes do evento! Como foi?

Limpei as lágrimas e comecei a contar para ela tudo o que havia acontecido na noite anterior, desde o começo da premiação, até o momento em que conhecemos Arthur e Marina. Aproveitei e mostrei a ela perfil de Marina no *Instagram*. Resolvi procurar por acaso, só para termos mais contato e acabei descobrindo que ela era *influencer digital*, com mais de cem mil seguidores e postava fotos bem ousadas. A boca de Luna caiu aberta.

— Caramba, que corpo é esse? Nunca que eu teria coragem tirar fotos com essa calcinha fio dental! Ela é linda mesmo — disse ela enquanto rolávamos o *feed*. — E o que aconteceu depois da conversa estranha?

— Ramon ficou meio abalado por conta do comentário dela e o olhar da vaca que estava compartilhando a mesa conosco, mas conversamos muito e ele logo percebeu que era bobagem ficar preocupado com o que as pessoas vão pensar sobre o nosso relacionamento.

— Isso mesmo, como diz minha mãe, ninguém paga as contas de vocês, logo, ninguém tem que se meter em nada. E o Caio? Vi que ele foi sem acompanhante. — Sua pergunta me fez sorrir e ela revirou os olhos antes mesmo que eu pudesse responder. — Só estou perguntando por curiosidade, antes que fale qualquer besteira sobre eu estar interessada nele.

— Ele me disse que não gosta de ir acompanhado a esses eventos, que prefere arrumar companhia por lá mesmo — falei, vendo Luna balançar a cabeça com certo desgosto. — E qual seria o problema se você estivesse interessada nele? Já falei que Caio é um homem incrível. Seria me iludir muito se eu começasse a torcer para que vocês dois ficassem juntos?

— Mas é claro que sim! Gabriela, Santo Elias em peso conhece a fama do *advogato*, o homem não vale nada, pega tudo o que veste saia. Eu que não me sujeito a me apaixonar por um homem assim.

— Mas ele é romântico, sempre torceu muito por mim e pelo Ramon, ajudou a preparar aquela surpresa junto com vocês... Não sei, mas algo me diz que Caio será fiel quando se apaixonar por uma mulher.

— Eu não sei dizer se ele será fiel ou não, só sei que *eu* não vou me arriscar e pagar para ver. Além do mais, por favor, olhe para mim. Não sou ninguém perto das mulheres com quem ele desfila pela cidade — ela revirou os olhos, debochando de si mesma.

— Luna, já se olhou no espelho? Você é linda demais, qualquer homem ficaria louco por você!

— Que homem? Tenho quase dezenove anos e nunca cheguei nem perto de namorar — ela estremeceu de leve. — Só beijei dois garotos em toda a minha vida e, sinceramente, não foram boas experiências. Um usava aparelho e quase cortou a minha língua, o outro quase me afogou em um litro de baba. Decidi deixar a minha vida amorosa de lado depois disso.

— Eu também nunca namorei antes, nunca me apaixonei e tive poucas experiências com meninos e hoje estou aqui, louca pelo Ramon. Você lê muitos romances, sabe que o sentimento surge sem que a gente tenha qualquer controle. Vai ser assim com você também.

Ela me olhou com certo receio, como se quisesse me contar alguma coisa, mas não tivesse coragem. Fiquei curiosa e quase pedi para que confiasse em

mim, mas decidi esperar. Luna era minha melhor amiga, queria que se sentisse confortável ao meu lado e não pressionada. Por fim, ela suspirou.

— Eu amo os romances que leio, mas, no fundo, sei que não vou encontrar um homem parecido com os mocinhos dos livros. Sabe, da minha roda de amigos, sempre fui considerada a mais idiota, a mais bizarra, a que fazia todo mundo rir e animava as festas, mas quando os meninos queriam se aventurar e dar uns beijos, não era para mim que eles olhavam, era para as outras meninas do grupo. Eu sempre sobrava e ficava segurando vela. Essas experiências me mostraram que, talvez, eu não sirva mesmo para namorar. Eu me encaixo no lugar de amiga maluca e está tudo bem, sou feliz assim.

Meu coração doeu ao ouvir aquilo, porque, ao meu ver, Luna ia muito além da menina autêntica que tinha o cabelo colorido. Como aqueles "amigos" a enxergavam como uma garota bizarra? Como tinham a coragem de virar as costas para ela e fingir que ela não existia enquanto pessoa, enquanto alguém que poderia querer beijar e se divertir como eles? Pegando a sua mão na minha, falei:

— Não está nada bem em se enxergar assim. Você tem tanto direito de amar e ser amada como qualquer outra pessoa. Luna, você é uma garota incrível, é espontânea sim, tem esse sorriso alegre e que contagia todo mundo, mas vai muito além disso. Não deixe que um grupo de amigos idiotas te faça pensar o contrário!

Olhos dela se encheram de lágrimas, mas, assim como eu, Luna não gostava de demonstrar fraqueza e piscou bem rápido para dispersá-las, abrindo um sorriso.

— Tá bom, vou acreditar em você, mas tira o Caio da cabeça, certo? Se ele tem o pau grande mesmo, isso significa que eu iria sofrer que nem você sofreu na sua primeira e eu não quero ter que passar por uma situação assim. Um pau pequeno está ótimo.

— Uma hora vai entrar sem doer, posso te garantir — falei com um sorriso safado e ela me deu um tapa na perna.

— Meu Deus, Ramon criou um monstro!

Caímos na risada e continuamos a conversar pelo resto da tarde, o que me fez muito bem, pois consegui me distrair de tudo o que havia descoberto naquela manhã e finalmente acalmar o meu coração.



RAMON

O humor de Gabi melhorou bastante depois de ter passado a tarde ao lado de Luna e, à noite, aproveitei para abraçá-la bem forte na nossa cama depois de termos feito amor. Ela dormiu rápido, claramente esgotada depois daquele dia cansativo, mas eu fiquei acordado por horas, deixando que minha mente resgatasse cada detalhe da nossa história desde o dia em que a vi no hospital.

Não poderia imaginar que estaria tão apaixonado por ela, mas estava. Na verdade, percebia cada vez mais que paixão já não era mais um termo apropriado, não abrangia tudo o que eu sentia em meu peito. Estava começando a amar Gabriela. Tinha certeza disso, pois nunca, em toda a minha vida, senti por qualquer outra mulher o que sentia por ela. Sempre tive em mente que só compartilharia a minha vida, a minha cama, o meu coração, com alguém que eu amasse e agora estava aqui, com Gabriela vivendo ao meu lado, dormindo ao meu lado, dominando cada espaço vazio que existia dentro do meu peito. Isso era amor. Não queria falar para ela ainda, pois temia assustá-la, mas tinha cada vez mais certeza de que eu a amava.

Algo pulsou dentro de mim com aquela convicção, um sentimento que me deixou um pouco atordoado e culpado. Atordoado pela sua força e culpado por não ter sido totalmente honesto com ela, por não ter contado tudo. Não iria esconder aquilo para sempre, essa era a única certeza que tinha, mas também sabia que não poderia contar agora. Não queria que nada nos atrapalhasse justo no começo do nosso relacionamento. Só esperava que ela entendesse a minha decisão quando eu lhe contasse, pois eu iria contar. Na hora certa, eu iria contar.

Peguei no sono com isso em mente e despertei junto com o alarme. Deixei Gabi na cama e tomei um banho rápido antes de descer e ir até a cozinha. Cissa já estava de pé e me serviu café e um pedaço da broa que havia acabado de sair do forno e engoli tudo bem rápido antes de ir para o escritório, pois tinha uma ligação importante para fazer com um fazendeiro de Mato Grosso e alguns *e-mails* que não poderiam mais esperar para serem respondidos.

Estava terminando de digitar um deles, duas horas mais tarde, quando Caio

entrou em meu escritório depois de bater na porta.

— Você não deveria estar a caminho do aeroporto? Ou esqueceu que tem uma reunião amanhã com um dos seus clientes em Minas Gerais? — perguntei com curiosidade e ele suspirou.

— A companhia aérea me mandou um *e-mail* ontem à noite falando que meu voo foi adiado para às três da tarde. Resolvi vir aqui para trazer logo a cópia do contrato que redigi ontem à noite, para que pudesse dar uma olhada — disse ele, colocando uma pasta na minha mesa.

— É tão bom ter a certeza de que tenho um advogado competente e atencioso, que vem na minha casa me trazer a cópia de um contrato, ao invés de me enviar tudo por *e-mail* — murmurei com sarcasmo, rindo ao mesmo tempo, enquanto o babaca gargalhava e se jogava na cadeira à minha frente.

— Também vim tomar o café da manhã da Cissa, é lógico! Acha que sou bobo?

— Sabia que havia algum interesse por trás. — Deixei a pasta ao lado do teclado do computador e joguei logo a bomba em cima de Caio. — Contei para Gabriela sobre o meu passado com Abraão.

Os olhos do meu melhor amigo e advogado quase caíram das órbitas.

— O quê? Como assim? Contou tudo?

— Não, não contei tudo. Não consegui.

— Minha nossa, quase que você me mata do coração, Ramon! A sua sorte é que não sou cardíaco. — Dramático como sempre, passou a mão pelo peito, o que me fez rir em meio a tensão que havia se instalado em meu corpo ao iniciar aquela conversa. — Por que você resolveu contar?

— Ela me perguntou se eu suspeitava de qual seria a reação de Abraão se ele soubesse que estávamos juntos e eu fui direto, disse que, provavelmente, ele ia querer me matar.

— Sim, com certeza ele ia querer te matar.

— Pois é. Ela ficou assustada e me perguntou o porquê, então, eu resolvi contar sobre o nosso passado. Só deixei a parte de Cecília de fora.

Caio assentiu e passou o dedo pelo queixo, pensativo.

— Bom, você sabe a minha opinião, não é? Se sente que contar tudo pode atrapalhar o romance de vocês, não conte. Já falei que pela minha boca Gabriela não saberá de nada.

— Você acha que essa é uma boa decisão? Eu gostaria de ser honesto com ela, mas sinto que Gabriela duvidará dos meus sentimentos se souber de tudo.

— Eu acho que você deve seguir a sua intuição. Talvez, possa contar a ela

depois, quando o relacionamento de vocês estiver mais sólido, entende? Sei lá, quando já tiverem dez anos de casados e três filhos correndo pela casa — disse dando de ombros e me fazendo rir. — Aliás, quero ser o padrinho dos pirralhos.

— Ah, com certeza! Porque você é uma ótima influência para crianças — falei com desdém, mas era claro que Caio seria padrinho dos meus filhos. Nunca pensei o contrário.

— Claro que eu sou! Vou ensinar as meninas a se defenderem dos babaquinhas machistas e vou ensinar aos meninos a arte da conquista, entende? Como ser um conquistador sem ser um babaca. Serei um padrinho perfeito!

— Minhas filhas não vão precisar aprender nada disso, porque só vão se casar depois dos trinta — falei e Caio riu da minha cara.

— Com certeza. Do jeito que essa fazenda é cheia de peão, elas vão é se fartar.

— Caio, não quero ficar de mau-humor, nem começar a ter dor de cabeça por conta de filhas que eu ainda nem tenho, por favor!

— Está bem, Ramonzinho, não está mais aqui quem falou — disse com aquele tom provocador, rindo mais um pouco de mim. — Mas agora é sério, você fez bem em contar para a Gabi sobre o seu passado com Abraão. Pelo menos agora ela sabe quem é o pai de verdade.

— Não contei com esse intuito, pelo contrário. Estou me sentindo mal por ter destruído a imagem de Abraão aos olhos dela. Gabriela ficou muito sentida, se encheu de raiva, se sentiu culpada pelas ações dele... Eu só contei porque sabia que, apesar de tudo, ela tinha o direito de saber sobre a minha história com o seu pai. Não tinha mais para onde fugir. E precisava saber também sobre a real situação da Fazenda Rodrigues e de como Abraão quase perdeu tudo.

— Antes eu achava que ele tinha que ter perdido tudo mesmo, hoje já agradeço pela sua decisão de ter se tornado sócio do babaca. Se não fosse isso, Gabizinha estaria completamente sozinha agora e nem gosto de imaginar essa possibilidade.

— Muito menos eu — murmurei, estremecendo. — Eu vou contar tudo a ela, sabe? No momento certo, eu vou contar — falei com convicção e Caio assentiu.

— Exato. Enquanto isso, vai aproveitando esse momento com ela. Dizem que o início do relacionamento é ótimo.

— Está na hora de você tentar descobrir, não? Está com quase quarenta já, quando vai arrumar alguém e sossegar o facho? — perguntei me levantando.

— Eu estou muito bem vivendo assim, obrigado pela preocupação — disse, levantando-se também. — Mas não sou nenhum babaca cabeça dura, então, não vou fingir que não estarei apaixonado quando sentir algo por alguma mulher gostosa.

— Caramba, parece que você estava tentando mandar uma indireta para alguém.

— E estava mesmo, espero que a carapuça tenha servido.

Caímos na risada e saímos do escritório indo direto para a cozinha, onde encontrei Gabriela já de pé, comendo o bolo de milho de Cissa ao lado de Luna. As mulheres falavam alto, mas ela encontrou os meus olhos assim que entrei no cômodo, como se tivesse sentido a minha presença antes de mesmo de me ver. Dei bom dia para todo mundo e um beijo especial nos lábios dela, ouvindo o suspiro de Caio atrás de mim.

— O amor é tão lindo, não é Cissa? — Ele perguntou e eu me segurei para não dar dedo para ele como se fosse uma criança de cinco anos de idade.

— Nem me fale, menino. Essa casa nunca esteve tão cheia de amor — Cissa comentou e todo mundo riu, inclusive eu e Gabi.

— Parece que vocês perderam o respeito por mim — murmurei tentando esconder o sorriso enquanto me sentava ao lado de Gabriela. A verdade era que sempre havia dado intimidade para as meninas e elas sabiam que podiam embarcar nas brincadeiras idiotas de Caio quando se tratava de mim.

— Para perder alguma coisa, a gente precisa ter. Ninguém te respeita aqui, Baldez, se enxerga — Caio disse, sentando-se ao lado de Luna, que encarou a xícara em cima da mesa. Sem querer, lembrei-me da conversa dela e de Gabi e precisei ocupar minha boca com algo para não rir. Mordi uma maçã e vi Caio se inclinar para perto da menina. — Bom dia, pequena. Senti a sua falta, nem me responde mais no *WhatsApp*.

Arqueei uma sobrancelha ao ouvir aquilo. *Pequena*? *WhatsApp?* Sabia que Caio havia levado Luna para jantar no dia do aniversário de Gabriela, mas não pensei que estivesse tão íntimo dela. Dei uma olhadela séria para ele, até porque, sabia muito bem como era a sua fama e não queria que brincasse com o coração da garota, mas ele apenas sorriu e esperou que ela respondesse. Limpando a garganta, Luna colocou uma expressão decidida no rosto e jogou os cabelos coloridos para trás, encarando Caio rapidamente.

— Acho que deletei o seu número sem querer. Vou precisar ver na minha

agenda depois.

Caio inclinou-se na cadeira com o semblante confiante, como se soubesse que ela estava mentindo e sorriu, pegando o celular no bolso e digitando alguma coisa. A tela de um aparelho celular que estava em cima da mesa se iluminou e só me dei conta de que era o de Luna quando ela o pegou correndo e o enfiou no bolso.

— Mandei um oi, depois salva meu número de novo — disse ele bem despreocupado, pegando uma fatia de bolo. — Cissa, senti saudade da sua comida. Acho que vou passar mais tempo por aqui, estou sendo ignorado por todo mundo, sabe? Pelo Ramon, pela Gabizinha, pela Luna... Estou triste.

Cissa riu e apertou o ombro dele.

— Pode vir, querido. Vou cozinhar especialmente para você.

— Ele vai ficar mal acostumado, Cissa — Gabi disse ao meu lado, pousando a mão sobre a minha, que eu descansava em sua perna. — E eu não te abandonei, seu bobo. Para de ser dramático.

— Me abandonou sim, agora só tem olhos para o Ramon. O que me resta é encher o saco da Luna até ela se tornar minha amiga — disse ele e Luna o olhou pelo cantinho do olho.

Era interessante observar a reação dela. Luna geralmente era comunicativa e expansiva, mas parecia contida ao lado de Caio. Por fim, acabou sorrindo.

— Tudo bem, então, vamos nos tornar amigos e veremos até quando irá me suportar — disse ela, arqueando uma sobrancelha.

Caio, que adorava um desafio, virou-se para ela e estendeu a mão.

— Veremos até quando *você* vai me suportar, pequena — disse ele quando ela apertou sua mão.

Consegui dar um chute em sua canela por debaixo da mesa, mas o idiota disfarçou a dor e só sorriu, voltando a comer e embarcando em uma conversa com Cissa. Não sabia o que Caio pretendia com aquela história de ser amigo de Luna, mas faria questão de descobrir em breve.



“Somos um barco no meio da chuva
Um edifício no meio do mundo
Fortes, unidos, como a imensidão”

Um Edifício no Meio do Mundo – Ana Carolina

RAMON

Caio foi embora logo após o café da manhã e Luna se despediu minutos depois, alegando que tinha algumas coisas para fazer em casa. Aproveitei aquele momento sem a companhia dos nossos amigos para conversar com Gabriela e fui com ela para o nosso quarto, observando que, apesar de calada, ela parecia estar mais tranquila do que no dia anterior. Havia uma sombra de tristeza que aparecia em sua expressão em alguns momentos, mas logo sumia.

— Já está pronta para irmos ao hospital? — perguntei quando ela se sentou em nossa cama.

Por sorte, tinha o resto da manhã livre e poderia acompanhá-la. Fazendo uma careta, Gabriela apertou os dedos sobre o colo.

— Não quero ir hoje.

Senti-me péssimo ao ouvir aquilo, porque sabia que ela não queria ir por conta da nossa conversa no dia anterior. Sentando-me ao seu lado, tomei seu rosto em minha mão.

— Gabriela, não quero que se afaste do seu pai por causa do que te contei ontem de manhã.

— Eu sei disso, mas ainda é difícil para mim, sabe? Meu peito está cheio

de sentimentos conflitantes, não quero ficar uma hora ao lado dele me sentindo assim.

— Não precisa ficar uma hora, pode ser apenas alguns minutos, só para saber como ele está.

— Eu vou ligar para o hospital. De qualquer forma, ele nem sente a minha presença mesmo — ela deu de ombros, magoada.

— Não temos como saber disso, pode ser que ele sinta a sua presença e anseie pela sua visita.

Ela me deu um olhar meio debochado e suspirou.

— Ramon, meu pai não ansiava pela minha visita nem quando estava forte e saudável, imagine agora. Depois de tudo o que ele foi capaz de fazer, nem sei se conseguia nutrir algum tipo de sentimento por mim.

Fiquei um pouco chocado ao ouvir aquilo, ao saber que era daquela forma que ela estava pensando.

— Escuta, o que seu pai fez para a minha família não tem nada a ver com você. Tenho certeza que ele te ama, você é filha dele — murmurei tentando amenizar a situação. Obviamente, não podia falar por Abraão e nem sentia certeza de nada, mas queria que Gabriela acreditasse em minhas palavras, pois sabia como a sua relação com o pai mexia com os seus sentimentos.

— Pode ser, mas eu prefiro deixar para visitá-lo amanhã ou depois. Mais tarde, eu vou ligar para o hospital — falou bem decidida e eu senti o meu estômago ficar embrulhado e uma sensação ruim tomar o meu peito.

Se Gabriela estava agindo daquela forma com o próprio pai depois de ter ouvido metade do que havia acontecido anos atrás, o que não sentiria por mim? O pensamento me fez estremecer e, mais do que nunca, ter a certeza de que havia tomado uma boa decisão ao não lhe contar tudo por agora.

— Sabe o que quero fazer hoje? — Ela perguntou, chamando a minha atenção.

— O quê?

— Tentar colocar em prática tudo o que aprendi sobre doma e adestramento junto com você e o Trovão. Acho que já me sinto minimamente preparada.

Ela fez uma careta nervosa antes de colocar um olhar decidido no rosto e eu ri, a puxando rapidamente para o meu colo.

— Eu acho que você está mais do que minimamente preparada. Não tirou a cara dos livros nas últimas semanas e aprendeu tudo bem rápido.

— Claro, eu tenho o melhor professor do mundo — falou, passando os

braços pelos meus ombros e acariciando a minha nuca. — Podemos colocar alguma coisa em prática hoje? Por favor!

Acariciei as suas coxas deliciosas e enfiei a outra mão dentro da sua blusa, tocando em suas costas. Ela estremeceu e mordeu os lábios.

— Podemos colocar muitas coisas em prática... — sussurrei, dando um beijo em seu pescoço. Ela riu e me deu um tapa no ombro.

— Deixa de ser safado! E tenho uma notícia chata para te dar — disse ela e eu me afastei um pouco para olhar o seu rosto. — Fiquei menstruada hoje de manhã. Isso significa que o senhor vai ter que ficar alguns dias sem tocar no meu corpinho delicioso, como gosta de o chamar.

— E mesmo assim vai tentar domar o Trovão? Você não sente cólicas?

— Nem sempre. Hoje, por exemplo, eu estou *muito* bem, ou seja, você não vai fugir de mim — disse ela, levantando-se do meu colo. — Vamos, já esperei tempo demais e estou doida para brincar com o Trovão!

— Estou me sentindo negligenciado. Até ontem, você estava doida para brincar com outra coisa... — falei enquanto ela me arrastava para fora do quarto. Sua gargalhada preencheu o corredor vazio e eu senti meu coração quase explodir dentro do peito. Amava aquele som.

— Eu posso brincar com o cavalão hoje à noite, ele só não vai poder se aventurar entre as minhas pernas.

Ela ainda ria quando a abracei por trás, faltando alguns passos para chegarmos às escadas. Senti seu corpo estremecer de leve quando apertei sua cintura e deixei que sentisse meu volume em sua bunda. Não estava duro nem nada assim, mas meu tamanho era considerável e sabia que ela conseguia sentir tudo. Beijando seu pescoço, sussurrei:

— Vamos cobrar essa promessa mais tarde.

— Não vai precisar, pois eu não vou esquecer — respondeu no mesmo tom, virando-se rapidamente para me beijar na boca. Senti uma onda de desejo me invadir quando sua língua acariciou a minha, mas me segurei e ela se afastou com as bochechas coradas e um sorriso enorme nos lábios. — Vamos! Estou ansiosa!



Trovão sempre foi um cavalo extremamente arredio. No começo, era até

mesmo difícil tirá-lo da baia e levá-lo até o pasto, mas, com o tempo, alguns dos meus funcionários e eu conseguimos ganhar um pouco da sua confiança, a ponto de apresentarmos a ele as rédeas e ele deixar que colocássemos os acessórios em torno do seu focinho, como a cabeçada e o fechador de boca, sem que ele tentasse arrancar as nossas mãos com os dentes.

Com Gabriela por perto, era nítido como ele ficava mais calmo, por isso, foi mais fácil para os rapazes prepará-lo para a doma. Com tudo pronto, o guiamos até o pasto principal e Gabriela foi ao seu lado, conversando com ele, que parecia ouvir atentamente cada uma das palavras ditas por ela. Não passava despercebido como Gabi parecia encantar o Trovão. Era como se ela tivesse sobre ele o mesmo poder que exercia sobre mim.

Pedi para que os meninos ficassem do lado de fora da cerca, mas perto o suficiente para nos ajudar, caso precisássemos, e me aproximei de Gabriela, que acariciava o focinho proeminente de Trovão. O pelo dele brilhava com a luz do sol e o seu semblante estava mais relaxado. Ele confiava em Gabriela e ter essa certeza me deixou mais tranquilo para começar.

— O que temos que fazer primeiro? — perguntei a Gabi, que me olhou de um jeitinho excitado e ansioso sob o chapéu.

— Deixar que ele conheça o pasto em círculos abertos, sempre com comando de voz para auxiliar.

— Muito bem. Pronta?

— Sim!

— Vamos começar, então.

Dei a rédea para Gabriela e ela caminhou até o meio do pasto, esticando a corda e deixando um bom espaço para que Trovão caminhasse em círculos. Eu fiquei perto de Trovão apenas para auxiliar, sem tocar nele e deixei que Gabriela comandasse, o que ela fez com maestria e confiança, deixando-me orgulhoso. Trovão seguiu o comando dela sem pestanejar, em passos cadenciados, sem forçar a velocidade, como geralmente fazia comigo e os rapazes.

Observei tudo com atenção, a harmonia entre eles, a confiança que um depositava no outro. Quando expliquei algum dos princípios da doma para Gabriela, deixei bem claro que ela não poderia ficar nervosa ou com medo, pois os seus sentimentos poderiam refletir em Trovão, mas, agora, me dava conta de que nem precisava ter me preocupado. Um conhecia o outro muito bem, conversavam de forma silenciosa, apenas com o olhar, apesar de ela comandar em voz alta. O medo e o nervosismo não tinham espaço entre eles.

— Muito bem, Trovão, bom menino — ela o elogiou e ele balançou o rabo, deixando que a crina flutuasse junto com o vento. — Será que podemos passar para o círculo fechado? — ela me perguntou.

Trovão já estava há mais de dez minutos no círculo aberto, tempo suficiente para que reconhecesse o pasto, por isso, assenti e auxiliei Gabriela com os próximos comandos. No círculo fechado, Trovão caminhava mais perto da gente, longe da cerca, o que demandava mais de sua confiança. Em um primeiro momento, pensei que ele iria resistir, mas quando Gabriela acariciou o seu focinho e falou com delicadeza em seu ouvido, ele bateu o casco no chão e se aproximou, deixando que ela encurtasse a rédea. Observei tudo em silêncio, um tanto impressionado e pensando em como tinha sofrido com Trovão quando comecei a domá-lo, enquanto Gabriela fazia tudo com facilidade.

— Ai, meu Deus, ele está me obedecendo mesmo! Isso não é incrível? — Ela me perguntou com um sorrisão e eu assenti, olhando para ela com mais orgulho do que antes.

— Era para você ter chegado à fazenda quando comecei a domá-lo. Teria sido bem mais fácil — comentei e ela riu.

— Concordo, assim, eu teria domado vocês dois há mais tempo.

A filha da mãe nem tinha medo de falar aquilo em voz alta na frente dos meus funcionários, pelo contrário, me deu um sorriso abusado, deixando claro que havia feito de propósito. Cerrei os olhos para ela, falando apenas com o olhar que iria me pagar por aquilo mais tarde e ela riu alto, antes de voltar sua atenção para Trovão, que passou para um trote firme, mas sem alterar demais a velocidade.

Deixei que eles aproveitassem bem os próximos minutos, antes de encerrarmos as atividades e levarmos Trovão de volta para a sua baia. Ele havia ido muito bem, a ponto de estar visivelmente relaxado após os exercícios e Gabi percebeu, me dando um sorriso orgulhoso, que me deixou cheio de alegria. Aquela conquista havia feito muito bem a ela, a sombra de tristeza que estava em seu rosto naquela manhã nem existia mais.

Juntos, tiramos os acessórios de Trovão e Gabriela me pediu para ensiná-la a escová-lo. Ele geralmente não gostava muito dessa parte, apesar de não ficar arisco demais, mas, com Gabriela, logicamente, ele ficou quietinho. O cavalo parecia um gatinho perto dela, deixando que ela fizesse com ele o que quisesse. Depois de terminarmos, os meninos colocaram água e ração para ele e deixamos a baia.

— Eu nem acredito que consegui! Foi tão incrível! — Gabi comemorou quando entramos no casarão. Seu sorriso era tão grande que me deixou fascinado.

— Você tinha dúvidas de que iria conseguir? Eu não tinha.

— Ah, eu estava com um pouco de receio, sim. Trovão quase te jogou de cara no chão naquela vez e ele te conhece desde que nasceu.

— Ele me conhece, mas não sou eu que ele *reconhece*. É você — falei, a puxando pelas mãos. — Ele confia em você de uma forma que não confiaria em mais ninguém. Claro que eu tinha certo receio, porque ele é um animal muito instável, mas, no fundo, eu sabia que você conseguiria. Acho que você tem o dom de domar corações arredios.

— Eu tenho mesmo — ela sorriu com aquela petulância deliciosa e eu ri.

— Você só não precisa ficar falando isso na frente dos meus funcionários, sabe? Eu ainda tenho um nome e uma reputação a zelar.

— E você acha que vou perder a oportunidade de deixar bem claro que eu domei o poderoso Ramon Baldez? Jamais!

— Espertinha.

Ela soltou uma risada quando fiz cócegas em suas costelas e a silenciei com um beijo, colando seu corpo suado ao meu. Queria lamber seu pescoço e a levar para a nossa cama, mas ainda tinha um mundo de coisas para resolver e ela estava menstruada. Infelizmente, meu desejo — e o dela, pois sentia sua respiração ofegante e sua pele arrepiada — iria ter que esperar.

— Nossa, que bom que encontrei vocês aqui! Achei que ia ter que revirar essa fazenda pra achar vocês — Cissa disse, parando no meio do caminho ao ver que estávamos aos beijos. Geralmente, ela soltaria uma piadinha sobre pararmos de nos agarrar pelos cantos da casa, mas a sua expressão séria logo me deixou em alertar.

— O que houve, Cissa?

Seu olhar se tornou aflito e ela apertou o telefone nas mãos ao olhar para Gabriela.

— É sobre o meu pai? — Gabi perguntou e eu senti um arrepio gelado passar pela minha coluna ao ver Cissa assentir.

— Eles acabaram de ligar do hospital, pediram para que você fosse até lá, querida.

Consegui segurar Gabriela pela cintura antes que ela fosse ao chão. Suas pernas fraquejaram e ela se agarrou em mim, olhando-me com os olhos arregalados e o rosto pálido.

— Meu Deus... Meu Deus, Ramon...

— Eles informaram alguma coisa, Cissa? Disseram o que aconteceu?

— Não, só pediram para que Gabriela fosse até o hospital.

— Então nós vamos até lá — falei, puxando Gabriela de encontro ao meu corpo e tocando em rosto. — Vamos até lá agora mesmo, tudo bem?

Gabriela apenas assentiu e me acompanhou até o carro sem falar nada. Estava muito pálida e gelada, tive medo de que entrasse em choque ou algo assim, mas quando coloquei o carro em movimento, ela se virou para mim e apertou a minha coxa com os olhos cheios de lágrimas.

— E se... E se ele... — Ela não conseguiu completar, mas entendi perfeitamente o que quis dizer. Seu queixo tremeu e as lágrimas rolaram pelas suas bochechas.

— Não, ele não morreu, Gabi. Se isso tivesse acontecido, eles teriam informado pelo telefone — falei com segurança, pois aquele era o protocolo em caso de óbito. Ela mordeu o lábio com força e pude ouvir um gemido vir do fundo da sua garganta.

— Não vou me perdoar se ele tiver partido sem que eu estivesse lá. Eu nem fui visitá-lo... E se ele sentiu, Ramon? Se sentiu que eu não estive lá?

Ela começou a chorar desesperadamente, com soluços altos e uma expressão de dor que nunca vi antes em seu rosto. Nervoso, tentei manter a calma ao jogar o carro para o acostamento e a peguei em meu colo assim que consegui deixar o veículo em ponto morto, a abraçando com força. Senti como se agarrou em mim como se eu fosse a sua tábua de salvação e me senti muito impotente por não poder fazer nada que pudesse jogar o seu medo e a sua dor para longe.

— Meu amor, não precisa ficar assim... Escuta, sei que está com medo, mas precisa se acalmar. Só vamos descobrir o que aconteceu, se conseguirmos chegar ao hospital.

— Não quero chegar lá e descobrir que ele mo-morreu ou piorou.... — ela soluçou contra o meu ombro e eu a amparei com mais força, acariciando as suas costas.

— Pode ser uma boa notícia, já pensou nisso?

Gabriela tirou a cabeça do meu pescoço e me encarou com os olhos inchados e cheios de lágrimas. Limpei suas bochechas vermelhas e a coriza que escorria pelo seu nariz, dando-me conta de que o amor era uma coisa louca mesmo. Nunca pensei que limparia o nariz de outra pessoa com aquela facilidade.

— Será?

— Vamos nos agarrar a isso.

Ela assentiu e me abraçou com força, ainda fungando por mais alguns minutos antes de sair do meu colo.

— Vamos, estou pronta para encarar a notícia que for — disse com convicção, limpando as lágrimas abaixo dos olhos.

Eu sabia que ela estava tentando ser forte, mas que desmoronaria se a notícia fosse ruim, por isso, pedi a Deus para que fosse algo bom. Dirigi até o hospital com um olho na estrada e outro nela, que mordia o lábio e apertava o canto dos olhos para não chorar mais e estacionei bem rápido, tomando a sua mão quando saímos do carro. Na recepção, uma mulher logo nos informou que deveríamos ir ao consultório do Doutor Orlando Garcia, médico que cuidava pessoalmente do caso de Abraão. Assim que entramos na sala espaçosa, ele veio ao nosso encontro com um sorriso polido.

— Que bom que chegaram! Sei que devem estar preocupados pelo telefonema repentino, mas já adianto que não precisam ter qualquer receio, tenho ótimas notícias para dar a vocês.

O suspiro de Gabriela foi audível e percebi que tentou esconder as mãos trêmulas ao se sentar em uma das cadeiras em frente à mesa do médico.

— Ótimas notícias? O que isso quer dizer? — Gabi perguntou e eu tomei a sua mão na minha ao me sentar ao seu lado.

— O resultado da última ressonância magnética feita em Abraão saiu ontem à tarde. Pelas imagens, pude constatar uma pequena reação ao tratamento que vem sendo realizado desde o dia em que ele entrou em coma, mas, para ter certeza, pedi para que fosse feito hoje de manhã uma tomografia computadorizada por emissão de fotón único, que é um exame mais específico para poder indicar o grau de funcionamento do cérebro e o resultado me surpreendeu. Se seu pai continuasse em coma por mais de 90 dias e não apresentasse nenhuma reação a estímulos ou ao tratamento oferecido, entraria em estado vegetativo persistente, do qual é mais difícil de voltar à consciência. No entanto, segundo o resultado da tomografia, seu cérebro começou a reagir ao tratamento e isso indica que ele está mais perto de estar em um estado de consciência mínima, o que nos dá mais esperanças de que ele possa evoluir e responder cada vez mais ao tratamento.

Gabriela apertou a minha mão com força e se aproximou da ponta da cadeira com um semblante cheio de esperança.

— Isso significa que meu pai vai acordar em breve?

— Não posso dar uma data ou afirmar com certeza que Abraão vai acordar hoje ou daqui a três anos, mas posso dizer que, a partir desse resultado, ele pode, sim, evoluir e vir a melhorar. Preciso que entenda que ele ainda se encontra em coma e que esse estado de consciência mínima quer dizer que ele pode apresentar resposta à alguns estímulos externos. Por exemplo, ele pode abrir os olhos e conseguir seguir um objeto com o olhar, pode reagir a comandos ao piscar, pode até mesmo tentar segurar algum objeto, mas isso ainda não indica que ele possa acordar definitivamente. Tudo vai depender da forma como reagirá daqui por diante.

Os ombros de Gabriela relaxaram visivelmente e um sorriso pequeno se abriu em seus lábios ao me olhar. Fiquei muito feliz por ela, por ver que estava cheia de esperança de novo. Naquele momento, ela sequer parecia pensar no que Abraão havia feito no passado e aquilo era muito bom ao meu ver, pois não queria que ela virasse as costas para ele em um momento tão difícil.

— Doutor Orlando, não imagina como estou feliz com essa notícia. Pensei em tanta coisa enquanto vínhamos para cá, estava cheia de medo de ter acontecido o pior.

— Seu pai é um homem muito forte, Gabriela, tenho certeza de que está lutando muito para poder melhorar. Quero que saiba que isso não descarta a possibilidade de que ele tenha sequelas mais graves, mas com essa parte a gente deixa para se preocupar quando ele acordar.

— Está bem. Eu posso vê-lo?

— Claro. Vocês já sabem o caminho — disse ele, apontando para a porta do consultório.

Apertamos as mãos rapidamente e saímos de sua sala, indo em direção ao elevador. Gabriela quase flutuava ao meu lado e quando as portas de aço se fecharam, ela se jogou em meus braços, apertando-me bem forte.

— Bem que você disse que poderia ser uma boa notícia! Nossa, eu nem acredito!

— Falei que não era para você perder a esperança, que tudo poderia ficar bem e vai ficar. Tenho certeza de que seu pai vai acordar em breve.

— Sim! — Ela se afastou um pouco e me olhou com um sorriso meio incerto. — Sei que o fato de ele acordar não é algo que te deixe completamente feliz, mas agradeço mesmo assim por me passar tanta força nesse momento.

— Gabi, não vou ser hipócrita e dizer que nunca desejei algo de ruim ao

seu pai, pois já desejei sim, mas isso foi há muito tempo. Neste momento, pode ter certeza que a única coisa que eu quero, é que ele fique bem, porque eu sei que é isso que te fará feliz. Só a sua felicidade importa para mim — falei com convicção, pois estava sendo totalmente verdadeiro.

Gabriela ficou emocionada de repente, os olhos ficando rasos d'água enquanto ficava nas pontas dos pés e passava os braços pelo meu pescoço.

— Você é o homem mais incrível que eu conheço, Ramon. Obrigada por tudo.

Ela nem me deixou responder, simplesmente colou os lábios nos meus em um beijo que me deixou sem ar, com o coração batendo forte no peito, cheio de amor por ela.



“O que está tomando conta de mim? Ciúmes
Um borbulhar dentro de mim? Ciúmes”

Jealousy – Marina and the Diamonds

GABRIELA

Passei a próxima semana cheia de esperança de que meu pai viesse a responder a alguns dos estímulos na minha frente, mas nada aconteceu. Rosa, a enfermeira com quem eu havia feito amizade, me disse que ele havia aberto os olhos por alguns segundos durante o seu plantão em uma das madrugada, o que me encheu de expectativa de que ele pudesse fazer o mesmo em minha presença, mas os dias foram passando e ele sequer parecia notar que eu estava ao seu lado.

Logicamente, não perdi a esperança por conta disso, muito pelo contrário. Apesar de ainda estar muito magoada e até um pouco chocada e culpada pelo o que ele havia feito a Ramon e sua família no passado, queria muito que meu pai acordasse, agora que estava respondendo ao tratamento. Sentia que pelo menos algumas das minhas dúvidas poderiam ser sanadas se ele recobrasse a consciência, mesmo estando ciente de que ele poderia ter sequelas que prejudicariam a sua fala e, em um caso mais grave, sua memória. O médico também havia me alertado sobre a demência, mas eu me agarrava à esperança de que ele não chegaria a esse estágio.

Fora do hospital, eu continuava a domar o Trovão com a ajuda de Ramon,

mas ainda não havia o montado. Sentia que estávamos cada vez mais perto disso, porém, eu precisava adquirir confiança no lombo de um cavalo, por isso, vinha treinando com Bruma. Ela era uma égua muito dócil, bem diferente de Trovão, mas para o treinamento, era perfeita e respondia a todos os comandos que Ramon me ensinava a dar. Sentia-me privilegiada de o ter como o meu professor particular, porque o homem entendia tudo sobre equinos e estava estampando a capa de inúmeras revistas especializadas sobre o assunto.

Cheguei até mesmo a observar Ramon dando uma entrevista na fazenda e fiquei encantada com a sua desenvoltura, a forma como tinha paciência para responder às perguntas e explicar a sua trajetória. Não passou despercebido por mim a forma como a jornalista quase suspirava enquanto ele falava, mas, apesar de sentir uma pontinha de ciúmes, notei que Ramon sequer percebia o olhar. Ele estava entretido e orgulhoso e, quando me aproximei, o mundo todo deixou de existir e um sorriso amoroso se abriu em seus lábios enquanto me apresentava à equipe e à jornalista, que deixou o olhar encantado de lado e assumiu uma postura mais séria ao me cumprimentar.

Cheguei a comentar com ele a forma como a mulher quase babava ao observar a sua beleza e ele riu, me chamando de exagerada e ciumenta. Eu não me considerava uma pessoa extremamente ciumenta, mas não era fácil ficar indiferente ao fato de Ramon ser um homem lindo e despertar o interesse das mulheres em geral. Graças a Deus a maioria dos funcionários da fazenda eram homens e as mulheres que trabalhavam para ele já estavam na fazenda há anos e não nutriam qualquer interesse, ou eu teria uma grande dor de cabeça.

De qualquer forma, a jornalista era competente, pois a matéria havia saído na segunda-feira e estava belíssima, com uma narrativa limpa e muitas fotos da fazenda. Os exemplares haviam chegado no primeiro horário da manhã e eu li na mesa de café enquanto conversava com Cissa. Infelizmente, Ramon não pôde comer comigo pois estava em uma videoconferência com alguns empresários, mas Luna logo chegou e me fez companhia, aceitando ir comigo ao hospital para visitar meu pai.

Foi com surpresa que encontrei João Marcelo, advogado de meu pai, deixando seu quarto antes que eu pudesse entrar. Ele chegou até mesmo a arregalar os olhos, como se não esperasse me ver, o que me deixou um pouco confusa. Desde quando ele estava em Santo Elias? E por que não havia me avisado que iria visitar Abraão?

— João Marcelo, que surpresa. O que faz aqui?

O advogado de meu pai era um homem mediano, estava na casa dos trinta e poucos anos e usava ternos feitos sob medida, mesmo em um ambiente informal. Apesar da surpresa, ele logo colocou uma expressão séria no rosto, tentando disfarçar.

— Bom dia, Senhorita Rodrigues, iria entrar em contato hoje à tarde. Resolvi vir à Santo Elias para visitar o Senhor Rodrigues. Também preciso conversar com o Senhor Baldez sobre negócios.

— Sobre a Fazenda Rodrigues?

— Sim. Sinto que o Senhor Baldez vem negligenciando a fazenda do seu pai e...

— Sabemos que a fazenda não é mais do meu pai, João. — As sobrancelhas do advogado quase se juntaram à raiz do cabelo de tão arqueadas que ficaram com a sua expressão de surpresa, mas fingi não notar. — Ramon fez questão de me deixar a par de tudo. Sei que ele detém cinquenta e um por cento de tudo o que era do meu pai.

— Ah, nossa... Fico feliz que ele tenha esclarecido esse ponto para a senhorita. Eu vi a foto de vocês dois no Prêmio Escorcese... É verdade que estão juntos?

— Sim, estamos, mas acho que aqui não é o melhor lugar para conversarmos.

— Sim, tem toda a razão. Fiquei sabendo que o Senhor Rodrigues começou a responder ao tratamento. Espero muito que acorde logo.

— Eu também. Vou entrar para visitá-lo e avisarei a Ramon que você está na cidade e que quer ter uma conversa com ele.

— Ótimo. De qualquer forma, entrarei em contato com ele ainda hoje — disse ele, estendendo-me a mão. Apertei rapidamente e acenei quando ele se afastou. — Até mais, senhoritas.

Ele se afastou e eu fiquei ainda um tempo ali, olhando para sua figura até sumir das minhas vistas. Ao meu lado, Luna me cutucou com delicadeza.

— Que homem esquisito. Ele é o que do seu pai?

— Advogado — respondi, virando-me para ela. Seu cenho franzido me deixou curiosa. — Esquisito como?

— Sei lá, ele não me inspirou muita confiança e pareceu estar bem desconfortável enquanto conversava com você. Parecia que não queria que você descobrisse que ele veio visitar o seu pai... — Ela parou de falar e deu de ombros. — Bom, pode ter sido só uma impressão.

— Não, não foi só uma impressão, eu senti o mesmo. Ele pareceu bem surpreso ao dar de cara comigo aqui no corredor. Não consigo pensar em um motivo para ele não querer que eu soubesse que veio visitar o meu pai. Como seu advogado, é normal que ele se preocupe e que o visite regularmente, apesar de não ter aparecido por aqui desde o dia do acidente.

— Será mesmo que não apareceu? Talvez tenha vindo e não tenha avisado.

A hipótese de Luna me deixou desconfiada. Seria possível que ele tivesse feito visitas a meu pai e eu não tivesse conhecimento? Acabei me dando conta de que sim, pois poucas pessoas tinham permissão para visitar o meu pai e João Marcelo era uma delas. Se quisesse vir aqui, o hospital liberaria a sua entrada sem precisar entrar em contato comigo para avisar. Fiz uma nota mental de tentar descobrir isso depois e entrei no quarto para passar à próxima hora ao lado do meu pai.



Luna e eu fomos ao centro de Santo Elias para fazer algumas compras em uma farmácia e uma loja de roupa e só voltamos para a fazenda perto da hora do almoço. Por sorte, o funcionário que Ramon havia pedido para que nos levasse ao hospital era um senhor muito simpático e não fez cara feia enquanto esperava por nós duas. Eu não sabia como era possível, mas as horas ao lado de Luna voavam e eu sempre me acabava de rir em sua companhia, principalmente quando falava besteiras.

— Olha só, Ramon ficaria doido com isso aqui! — Ela disse enquanto estávamos na loja de roupa, levantando uma calcinha vermelha de renda entre os dedos. Uma senhora que passava ao seu lado nos olhou de cara feia e eu tomei a *lingerie* de sua mão.

— Pensei que iriamos apanhar da senhorinha que passou ao nosso lado agora — comentei em meio a uma risada e Luna me acompanhou.

— Ora, acho que ela sentiu inveja. Mas, sério, a calcinha é linda! Queria comprar para mim, mesmo não tendo com quem usar, só para me admirar no espelho...

A calcinha era linda mesmo, bem sexy, com uma renda delicada e tiras finas na cintura e atrás. Enquanto olhava para ela, pensei em como Ramon era maravilhoso comigo, carinhoso, paciente, como vinha me apoiando em

relação ao meu pai... Acabei decidindo que ele merecia que eu comprasse algumas *lingeries* novas e até pensei em um jeito de estrear aquela em grande estilo.

Como não havia encontrado Ramon quando entrei no casarão, fui direto para o nosso quarto tomar um banho, pois queria pegar o caubói de jeito agora mesmo. No chuveiro, lavei a calcinha rapidamente e a deixei pendurada em frente ao secador ligado para que secasse. Como era de renda, sabia que secaria rápido e, enquanto o secador fazia o seu trabalho, levei meu tempo para pentear os cabelos, hidratar o meu corpo e escolher uma roupa que fizesse Ramon ficar doido. Quando vi a famosa saia jeans, sequer pensei, peguei ela mesmo e uma blusa decotada na altura dos seios e me vesti, usando as botas de montaria que eu sabia que ele amava e o chapéu que havia me dado.

Senti-me uma verdadeira amazona em frente ao espelho e passei até um pouco de rímel e um *gloss* para dar uma corzinha aos lábios, antes de descer as escadas e começar a procurá-lo. Assim que cheguei na sala, vi Cissa caminhar apressada e parar no meio do caminho antes de trombar comigo. Seu olhar assustado logo me deixou preocupada.

— Cissa, o que houve? — perguntei a segurando pelos ombros e ela mordeu o lábio, parecendo indecisa sobre se falava ou não. — Cissa, pelo amor de Deus! Aconteceu alguma coisa com o Ramon? Está me deixando nervosa!

— Ai, menina, nem sei se eu deveria falar, mas acho que você precisa saber...

— Preciso saber do quê? Ele se machucou? Fala, Cissa!

Comecei a ficar com medo. E se ele tivesse caído de algum cavalo enquanto eu secava a calcinha com o secador de cabelo? E se tivesse quebrado o pescoço? Batido a cabeça?

— A cantora está com ele no escritório.

Sabe quando o seu cérebro trava? Em um momento você está pensando em mil coisas e, de um segundo para o outro, você simplesmente não consegue mais raciocinar? Foi exatamente dessa forma que me senti quando Cissa terminou de falar. Dando um passo para trás, apertei os lados da minha cabeça com as pontas dos dedos, tentando repassar suas palavras em minha mente.

— O quê?

— Ela chegou na fazenda do nada e Ramon a deixou entrar...

— Como é que é?

O quê?

Cissa apertou as mãos, parecendo aflita, mas eu a deixei para trás e caminhei até o escritório sentindo cada parte do meu corpo ficar quente, cheia de raiva. Ramon havia *deixado* a cantora entrar? O que ele tinha na cabeça? Nem bati na porta, simplesmente abri e encontrei a loira de farmácia, sem o *megahair* dessa vez — uma pena, pois já planejava tirar o implante com as unhas —, encostada de forma sensual em frente à mesa, com aqueles peitos falsos quase pulando dos botões abertos da camisa xadrez. A sorte de Ramon, era que ele estava do outro lado do cômodo, pois se estivesse perto dela, eu não teria respondido por mim.

— O que está acontecendo aqui?

Ramon arregalou os olhos e a mulher teve a cara de pau de sorrir e enrolar uma mecha do cabelo, agora na altura dos ombros, entre os dedos.

— Gabriela...

— O que você está fazendo aqui? — perguntei diretamente para ela, parando na sua frente.

— Vim esclarecer algumas coisas com o Ramon...

— *Senhor Baldez* para você. Ramon não dá intimidade para qualquer uma!

— Ah, ele teria me dado muita intimidade se o seu pai não tivesse nos interrompido na noite em que nos conhecemos, ou se não tivesse sido seduzido por uma ninfetinha de quinta categoria...

Minha mão foi com tudo na cara dela, ardeu pra cacete, mas a dor só me fez sentir mais raiva. Quando fui agarrar o seu cabelo, senti Ramon me segurar por trás e me tirar de perto da vagabunda, mesmo sob os meus protestos, fazendo com que meu chapéu caísse no chão. A cantora desgraçada teve a coragem de rir da minha cara enquanto massageava a bochecha vermelha e Ramon se colocou na minha frente, segurando o meu pulso.

— Sai da minha frente agora, Ramon! — Gritei, tentando passar por ele, mas o filho da mãe me agarrou pela cintura e me deixou atrás de seu corpo. — Ramon!

— Fora daqui! — Ramon gritou, apontando para a porta aberta do escritório. — Fora, Patrícia!

— Ela me dá um tapa na cara e *eu* que sou expulsa? — perguntou com os olhos arregalados, desencostando-se da mesa.

— Você nem deveria ter entrado, sua quenga! Me solta, Ramon! — Dei um soco no braço dele, mas Ramon não me soltou, sequer me olhou, apenas

puxou o celular do bolso e mexeu rapidamente na tela, discando um número.

— Quero dois seguranças aqui agora! — Ele ordenou, antes de afastar o aparelho da orelha e o jogar em cima da mesa. — Pode ter certeza que, a partir de hoje, você nunca mais colocará os pés em Santo Elias. Se tem algo que não tolero, é que se metam em minha vida ou que faltem com respeito comigo ou com as pessoas que eu amo e você fez tudo isso em uma única frase. Acabou, Patrícia! Espero que nunca mais ouse pisar nessa cidade ou pense em me procurar, pois não vou hesitar em usar todo o meu dinheiro e o meu poder para acabar com a carreira que você ainda sonha em ter.

A mulher ficou branca, completamente sem reação e sequer piscou quando os dois seguranças a pegaram pelo braço. Eles não usaram violência ou força, simplesmente começaram a tirá-la da sala, mas a vaca ainda olhou para trás e teve a ousadia de abrir a boca.

— Eu só vim aqui para deixar claro que não aceito ser usada por ninguém, nem mesmo por um fazendeiro poderoso como você, Baldez!

— Não, você só veio aqui para deixar bem claro que eu sequer deveria ter olhado em sua direção naquela primeira vez, muito menos ter pensado em abrir as portas da minha casa para você. Sei que errei, Patrícia, e não me eximo da culpa, mas nada justifica o que você acabou de falar para a mulher que eu amo. Nada!

Os seguranças tiraram Patrícia do escritório antes que ela tivesse a chance de responder e aproveitei aquele momento para sair dos braços de Ramon. Ainda estava com tanta raiva, que sentia seu toque queimar a minha pele.

— Gabi...

— Por que você deixou ela entrar? — perguntei sem conseguir diminuir o meu tom de voz. Com uma expressão levemente culpada, Ramon fechou a porta do escritório e se virou para mim.

— Tente se acalmar primeiro...

— Eu não quero me acalmar! Eu quero saber o porquê de você ter deixado aquela vagabunda entrar aqui, quando sabe que eu não gosto dela!

— Deixei que ela entrasse porque errei com ela na última vez em que nos vimos, Gabriela. A usei para que você pensasse que eu não estava interessado em você e fiz com que ela criasse esperanças de que a gente... — Ele parou de falar e coçou a nuca com o maxilar cerrado.

— De que fossem transar — completei entredentes e ele suspirou.

— Agi de forma errada com ela, entendeu? Só a deixei entrar para que eu pudesse me desculpar. Sequer sabia que ela estava na cidade, fui pego de

surpresa e achei que seria rude da minha parte proibir que entrasse depois de tudo o que fiz.

— Ah, meu Deus, como você é gentil! Estava disposto a fazer mais o que para se desculpar? A abraçar? Se ajoelhar aos pés dela?

Sua expressão de culpa se transformou em uma carranca.

— Gabriela, não seja ridícula.

— Nossa, agora eu estou sendo ridícula? Meu namorado abre as portas da sua casa para a quase ex-amante, ou amante, né, porque não sei se você foi sincero ao me dizer que não transaram na noite em que dormiu fora de casa, e sou eu que estou sendo ridícula? Me poupe, Ramon!

Ia passar por ele para sair dali, mas antes que eu pudesse alcançar a maçaneta da porta, Ramon me segurou pelo braço e me virou para si. Pude ver seu rosto vermelho, com raiva de verdade daquela vez, o que me fez ficar mais irritada. Ele não tinha direito algum de estar com raiva, eu tinha!

— Eu não menti para você! Não transei com ela!

— Será? Ela pode muito bem ter vindo aqui para repetir o que fizeram na última vez em que se viram!

— Pelo amor de Deus, Gabriela, pensei que confiasse em mim! Se eu disse que não transei com ela, foi porque não transei! Só a deixei entrar porque queria me desculpar, porra!

Ele se afastou e foi em direção ao bar, servindo-se uma dose de uísque. Eu sabia que aquele era o momento ideal para ir embora e deixar que ele ficasse sozinho, mas não me aguentei.

— Bom, então talvez eu também tenha que me desculpar com Luan, até porque, ele tinha esperança de que fôssemos ficar juntos quando fomos à festa no bar dos Calouros naquela noite.

Ramon parou com o copo à altura da boca e semicerrou os olhos ao me encarar.

— Nem ouse chegar perto dele — ordenou com o maxilar cerrado, antes de engolir o uísque em uma golada que fez com que seu pomo de adão subisse e descesse. Era terrível achar que ele era sexy em um momento em que eu estava fervendo de raiva.

— Ora, por quê? Se você tem o direito de se desculpar com a cantora, eu também tenho o direito de me desculpar com ele. Fiquei sabendo que ele esteve em Goiânia na casa da avó nas últimas semanas, mas ouvi dizer que voltou ontem... Tenho certeza que vou encontrá-lo por aí, é só eu procurar.

— Gabriela... — Ele murmurou naquele tom de aviso que me deixava

doida e passou os olhos pelo meu corpo, como se, só naquele momento, estivesse se dando conta da forma como eu estava vestida. Vi o brilho de desejo cruzar as suas pupilas e me senti poderosa ao saber que *eu* causava aquilo. — Por que diabos você está vestindo a porra dessa saia?

Sem pressa, abaixei-me e peguei o meu chapéu do chão, sabendo que ele tinha uma visão privilegiada do meu decote e o coloquei em minha cabeça, caminhando rapidamente para perto da porta.

— Vou atrás de Luan, tenho um pedido de desculpas para fazer.

Bati a porta atrás de mim e saí correndo no momento em que ouvi Ramon gritar o meu nome dentro do escritório. Ainda estava com raiva do filho da mãe, mas uma chama de desejo se acendeu em meu estômago, enquanto descia as escadas da varanda e ouvia os seus passos correndo atrás de mim.



“Porque você é muito sexy, linda
E todo mundo quer tirar uma casquinha
É por isso
Que eu sinto ciúmes”

Jealous – Nick Jonas

RAMON

Meu coração batia tão forte, que fiquei com medo de sofrer uma parada cardíaca enquanto ia atrás de Gabriela. Pela primeira vez na vida, senti que ela realmente iria me enlouquecer! Mal conseguia enxergar o que estava a minha frente, enquanto passava pelo corredor e a sala e saía do casarão a tempo de ver a danada chegar perto do primeiro pasto. Ela corria e aquela saia infeliz fazia muito pouco para tampar a poupa da sua bunda.

“Vou atrás de Luan, tenho um pedido de desculpas para fazer.”

Ah, mas não ia mesmo!

— Gabriela!

Minha voz poderia muito bem ter ecoado pela fazenda inteira, mas fiquei satisfeito em saber que havia chegado aos ouvidos dos meus funcionários que estavam perto do pasto e do celeiro. Todo mundo me olhou, menos ela, é claro, que parou perto da cerca e observou atentamente cada um dos rapazes que estava lá dentro com três cavalos. Certamente, estava procurando pelo Luan e aquilo me fez enxergar vermelho. Gabriela não tinha ideia do que

estava fazendo, ou não ousaria me provocar daquela forma.

Sem dar um pio, aproximei-me dela tendo plena consciência de que meus funcionários observavam tudo sem disfarçar e parei na sua frente, a jogando sobre os meus ombros sem que ela tivesse tempo de reagir. Seu grito assustado fez pressão em meus tímpanos e suas mãos socaram a minha bunda.

— Ramon! Ramon, me coloca no chão agora! Ramon!

Dei um tapa naquela bunda ousada e olhei feio para os dois rapazes que observavam tudo boquiabertos, com os olhos fixos nas nádegas dela, que fiz questão de tentar tampar.

— Quieta!

— Quieta é o caralho! Ramon, me coloca no chão agora!

Precisava calar aquela boquinha suja o mais rápido possível, por isso, sequer pensei. Entrei no celeiro e observei os quatro funcionários que trabalhavam ali, dois dentro de uma baia e dois arrumando um estoque de feno na parte de trás.

— Todos vocês, saiam. Agora!

Eles nem ousaram falar nada, passaram por mim quase correndo com os olhos arregalados e eu fechei a porta pesada do celeiro com o pé, passando o trinco de ferro rapidamente, antes de caminhar até a parte de trás, longe dos cavalos. Gabriela bateu com força na parte de trás das minhas pernas e chiou quando a coloquei no chão, tentando passar por mim.

— Quem você pensa que é para me jogar nos ombros como se eu fosse um saco de ração dos seus cavalos, seu fazendeiro chucro?! — Gritou socando o meu peito. Tive que segurar seus pulsos para tentar contê-la.

— O saco de ração dos meus cavalos não seria tão ousado ou teria uma língua tão afiada quanto a sua!

Minha voz saiu em um tom rouco, uma mistura de raiva e desejo enquanto pressionava as costas dela contra a parede. Gabriela estava toda vermelha, descabelada, o chapéu havia caído em algum lugar e seu pescoço estava suado. Nunca esteve tão gostosa aos meus olhos e aquilo me deixou mais puto ainda. Se eu percebia como ela estava maravilhosa, meus homens também haviam percebido. Porra!

— Saia da minha frente!

— Não!

— Ramon, saia da minha frente agora!

— Pra quê? Para você ir atrás do filho da puta do Luan com essa saia que

mal cobre a porra da sua bunda? Não mesmo! — Falei com raiva, a cercando ao apoiar minhas duas mãos na parede, uma de cada lado do seu corpo. — Meus funcionários quase viram a sua calcinha, tem noção disso?

— Claro, você me colocou de cabeça para baixo, é lógico que eles veriam minha calcinha ou o meu útero, seu fazendeiro bruto! — Ela deu um tapa no meu ombro e eu senti vontade de sorrir, o tesão e o ciúmes estavam me deixando louco.

Sem pensar muito, desci minhas duas mãos para a sua cintura e pressionei seu corpo contra o meu, deixando que sentisse o começo da minha ereção. Gabriela não conseguiu segurar o gemido ao sentir como me deixava, mesmo tentando sustentar aquela caretinha de raiva, que estava começando a me deixar mais excitado.

— Ninguém vê a sua calcinha ou o seu útero, minha menina, só eu — sussurrei, passando meu nariz pelo dela.

— Você não vai ver nada — ela respondeu meio ofegante e eu passei os lábios entre os dela. — Ou melhor, pode ver, sim. Pode ver a calcinha da vaca da cantora, pois tenho certeza que ela vai adorar te mostrar!

Fechei a cara e a pressionei contra a parede, tomando sua mão e colocando bem em cima do meu pau, que já marcava a calça.

— Não é a merda da cantora que me deixa assim, duro que nem uma barra de ferro mesmo cheio de raiva e de ciúmes, é você! Entendeu isso? Só você, Gabriela! Agora chega dessa conversa, porque você está me deixando louco!

Ela abriu a boca para contestar, mas a calei com um beijo antes que dissesse qualquer coisa. Nada mais importava naquele momento, só Gabriela e todos aqueles sentimentos que pareciam se expandir e tomar cada espaço dentro de mim. Ela me agarrou em desespero, passando os braços pelo meu pescoço e eu a impulsionei pela cintura, fazendo com que suas pernas se fechassem ao redor do meu quadril, deixando minha ereção tocar bem no meio das suas coxas. Seu gemido ecoou pelo celeiro e eu desci os lábios pelo seu pescoço, finalmente lambendo a sua pele, sentindo o seu gosto que me deixava maluco, enquanto caminhava com ela segurando sua bunda.

A coloquei deitada em cima do monte de feno nos fundos do celeiro e chupei seu pescoço enquanto levantava a sua blusa, o suficiente para que seus seios me saudassem com aqueles mamilos duros e empinados, que imploravam pela minha língua. Caí de boca neles sem conseguir ser delicado e Gabriela gemeu mais alto, passando as mãos entre nossos corpos e desabotoando minha calça com dificuldade, enfiando a mão dentro da cueca e

puxando meu pau para fora. Foi a minha vez de gemer quando começou a me masturbar, fazendo uma pressão deliciosa sobre a cabeça, que me deixou completamente desesperado, sem poder aguentar mais um minuto longe do seu corpo.

Ajoelhei-me entre as suas pernas e puxei a saia para cima, deparando-me com uma calcinha vermelha toda de renda, que mal cobria os lábios da sua boceta. Gabriela me olhou com o tesão latente em sua expressão e segurou minhas bolas enquanto descia a outra mão pela minha extensão.

— Que linda... — sussurrei ao tocar seu clitóris por cima da calcinha. Suas coxas estremeceram e sua respiração ficou mais acelerada.

— É nova. Comprei hoje para você, queria fazer uma surpresa... Mas acho que você não merece mais — falou com a voz meio entrecortada, sem largar meu pau, que sofreu um espasmo ao ouvir aquilo.

Ela fechou os olhos rapidamente quando coloquei a calcinha de lado e penetrei um dedo na boceta molhadinha. Deus do céu, Gabriela ainda iria me matar, eu sentia.

— Claro que eu mereço. Amei o presente, pode ter certeza que vou aproveitar muito.

Ela soltou um gemido quando tirei meu dedo de dentro da sua boceta e a virei de bruços, espalhando feno para todos os lados. Sem que eu pedisse, ficou de quatro, empinando aquela bunda gostosa que lambi e mordi, antes de afastar a calcinha e descer minha língua desde o seu ânus até o clitóris. Dessa vez ela gritou mesmo, sabia que era bem possível que meus homens tivessem ouvido, por isso, afastei-me rapidamente, tirei minha camisa e a coloquei abaixo da sua cabeça, perto da boca.

— Morde, ou todo mundo vai saber que eu estou fodendo essa bocetinha com a língua — ordenei, dando um tapa em sua bunda antes de voltar a colocar sua calcinha de lado, afastar as nádegas e cair de boca.

O gemido de Gabriela soou abafado dessa vez e meu pau babou na ponta, louco para entrar nela. Suas paredes vaginais piscavam em necessidade, mas, mesmo assim, dei uma atenção especial ao clitóris, querendo que ficasse bem lubrificada para a penetração, pois, do jeito que eu estava, não conseguiria ser delicado. Precisava foder Gabriela bem forte, extravasar aquele sentimento que estava me deixando alucinado. Quando ela começou a rebolar em minha boca, esfregando-se e dando todos os sinais de que estava perto de ter um orgasmo, ajoelhei-me e posicionei a cabeça bem em sua entrada, enfiando devagar no começo, até meter tudo de uma vez, indo até o fundo.

— Porra, Ramon! — Ela gritou largando a blusa e se contorcendo, apertando-me lá dentro, tentando se ajustar ao meu tamanho. A puxei com firmeza pelo cabelo, sem machucar e tampei a sua boca, sussurrando em seu ouvido.

— Eu disse que um dia iria te comer bem aqui e que teria que tampar a sua boca para que meus homens não escutassem os seus gemidos. Esse dia chegou, meu amor.

Comecei a meter bem rápido, mas em movimentos curtos, sem tirar tudo, e ela agarrou os fenos com os dedos, gemendo contra a minha mão. Seus quadris tentaram me acompanhar e um arrepio desceu pela minha espinha e se concentrou na cabeça do meu pau quando suas paredes vaginais me apertaram, quase me prendendo conforme eu ia e voltava. Ela gritou abafado e esfreguei o clitóris com a mão livre, sentindo o grelinho duro pulsar contra os meus dedos.

— Meu Deus, Gabi, como você é gostosa... Acha mesmo que eu conseguiria olhar para qualquer outra mulher tendo você ao meu lado? Só se eu fosse louco, minha menina.

Beijei sua nuca suada, seu pescoço, a lateral do seu rosto, enquanto entrava e saía. A sensação era indescritível, sua boceta me agarrava como se estivesse com fome, encharcada e eu precisei cerrar o maxilar para não gemer alto demais, afastando-me um pouco para tentar ver o meu pau entrando e saindo da bocetinha. Precisei destampar sua boca e deixar o clitóris para poder agarrar sua cintura e Gabriela se inclinou, quase deitando o tronco todo sobre o feno e deixando a bunda bem empinada, olhando para trás e encontrando meus olhos. Só consegui manter o contato visual por alguns segundos, pois precisava ver meu pau invadindo sua boceta apertadinha.

A visão me deixou louco, meu pênis brilhava com sua lubrificação e me segurei para não gozar, voltando a meter mais forte. Gabriela mordeu minha camisa e eu apertei sua cintura, perdendo completamente a cabeça, só sentindo e fazendo com que ela embarcasse junto comigo naquela loucura. Ouvi meu nome abafado e dei um tapa em sua bunda suada, voltando a acariciar seu clitóris. Ela estremeceu com força, me apertou e começou a gozar, rebolando contra o meu dedo e meu pau, me fazendo ficar cego pelo prazer que começou a me deixar zonzo.

— Porra, Gabriela...

Esperei que ela terminasse e saí, a virando de frente e separando suas coxas para poder entrar de novo. Consegui abafar o seu gemido com a minha

boca e a beijei com desespero, sentindo suas pernas se cruzarem em volta do meu quadril e suas unhas arranharem minhas costas. Ela havia acabado de gozar, mas parecia louca para ter outro orgasmo, por isso, não medi esforços e comecei a meter bem gostoso, deixando que meu osso púbico esfregasse seu clitóris sensível e que meu pau fosse até o fundo.

— Só você me deixa assim, entende? — perguntei com a voz carregada e ela balançou a cabeça para cima e para baixo com as pupilas dilatadas e a testa molhada de suor. Afastei os fios de cabelo grudados em seu rosto e aumentei os movimentos do quadril, arrastando meus lábios pelos dela. — Linda... Minha menina...

— Fala de novo — ela pediu, puxando-me pela nuca, arrastando os lábios pelos meus.

— Minha menina, só minha...

Gememos juntos e voltei a beijá-la quando senti suas pernas me apertarem com mais força e seus quadris saírem do chão ao começar a gozar, levando-me junto sem que eu conseguisse mais segurar. Os espasmos eram tão fortes, que senti os músculos das minhas pernas retesarem enquanto meu pau pulsava, despejando porra bem fundo naquela bocetinha que me fazia perder a cabeça, o prazer dominando tudo, espalhando-se por todo o meu corpo. Não sei por quanto tempo ficamos gozando, perdi completamente a noção e o discernimento, só sei que terminei com o coração cavalgando no peito, pulsando tão forte que senti medo de que saísse pela minha garganta.

Foi difícil manter o peso do meu corpo apoiado nos braços e nos joelhos, quando tudo o que eu queria fazer era me jogar ao lado de Gabriela, mas me mantive firme e a beijei com delicadeza, sentindo suas paredes vaginais pulsarem levemente em volta do meu pau. Só me afastei quando seu corpo parou de estremecer e observei com atenção seus lábios inchados e as bochechas vermelhas, não mais de raiva, mas de prazer. Um sorriso nasceu no cantinho da sua boca e seus dedos acariciaram o meu maxilar.

— Você está todo suado.

Arrastei meu nariz pelo seu pescoço encharcado e ela riu, estremecendo com as cócegas que a minha barba provocava.

— Você não está muito diferente de mim.

Estava um calor infernal na parte de trás do celeiro, mas isso não havia nos incomodado em momento algum, só agora que o tesão havia se dissipado, que os elementos externos estavam começando a nos afetar. Mesmo assim, não saí de dentro dela, só me afastei para poder voltar a olhar em seus olhos.

— Mais calma?

— Não deveria estar, mas estou — falou com aquele nariz empinado e eu ri, ficando excitado de novo sem querer. Ainda estava dentro dela e sabia que precisava sair logo, antes que perdesse a cabeça e começasse tudo de novo.

— Ótimo, porque quero te fazer uma pergunta. Você ouviu o que eu falei para a Patrícia?

Gabriela perdeu o semblante relaxado e começou a ficar enfezada, fechando a cara.

— Bem, agora eu não estou mais calma. Qual é o seu problema, Ramon? Acha mesmo que eu quero conversar sobre essa vagabunda?

Ela tentou me empurrar, mas eu sorri e segurei seus pulsos acima da cabeça.

— Fica calma, eu só quero saber se ouviu ou não o que eu disse para ela.

— É óbvio que eu ouvi, eu não sou surda! Satisfeito?

— Então, repete para mim qual foi a última coisa que eu disse, antes que os seguranças a tirassem do meu escritório. — Pedi e Gabriela semicerrou os olhos.

— Você disse um monte de coisas.

— Jura que não guardou a parte mais importante do que falei para ela?

Ela franziu o cenho, tentando se lembrar, mas desistiu no meio do caminho, voltando a fechar a cara.

— Não importa o que você disse, Ramon! Agora, é sério, está muito calor e...

— Eu disse que amo você.

Gabriela parou com a boca aberta e os olhos levemente arregalados, totalmente pega de surpresa. Eu sabia que, em meu escritório, ela estava cheia de raiva e cega para bater em Patrícia de novo, mas não pensei que não tivesse prestado atenção no que eu disse para a cantora. A declaração saiu de forma tão natural que cheguei a me surpreender na hora, mas não voltei atrás. Infelizmente, Gabriela não tinha ouvido, mas eu faria questão de repetir.

— Mentira — ela sussurrou. — Você não disse nada disso.

— Sim, eu disse. — Ela balançou a cabeça e eu soltei os seus pulsos para poder tocar em sua bochecha suada. — Eu falei que nada justificaria o que ela havia acabado de falar para a mulher que eu *amo*. Porque essa é a verdade, Gabi... Eu amo você.

Eu sinceramente não saberia explicar como os olhos de Gabriela não saíram rolando de suas órbitas de tanto que ela os arregalou. Sua respiração

ficou entrecortada e ela passou a mão sobre o próprio peito, me dando a certeza de que seu coração deveria estar tão acelerado quanto o meu.

— Só está falando isso para que eu não fique mais com raiva...

Um sorriso quis surgir em meus lábios ao ouvir suas palavras, mas o escondi ao escorregar minha boca de leve pela sua pele, desde a bochecha até a orelha.

— Não, eu estou falando isso porque é a verdade — falei, subindo meus lábios até alcançar os dela, que estavam entreabertos, puxando a respiração. — Amo você, minha menina. Jamais mentiria sobre isso.

Ela ofegou baixinho e eu me afastei um pouco para poder olhar em seus olhos ainda arregalados. Observei quando começaram a se encher de lágrimas.

— Jura que não está falando isso para fazer com que eu pare de sentir ciúmes? Ou para que eu esqueça que você deixou aquela vaca entrar na nossa casa?

— Eu juro, meu amor. Eu tinha certeza desse sentimento há muito tempo, mas estava com medo de falar e assustar você. Pensei que ia querer fugir de mim.

— Ramon, eu estou assustada mesmo, mas acha que vou fugir? Eu não fugi ao ver o tamanho do seu pau, não iria fugir por causa do seu amor por mim, pelo amor Deus! — Ela falou exasperada, com lágrimas saltando pelas laterais dos olhos. Não queria, mas foi impossível não rir e ela deu um tapinha em meu ombro. — Para de rir de mim!

— Desculpa, mas quando você coloca o tamanho do meu pau em jogo dessa forma, fica difícil manter a seriedade — falei em meio a risada e beijei a palma da sua mão. — Acho que já chega de me agredir por hoje, não? Já paguei por todos os meus pecados.

— Deveria bater mais, já que não me deixou descontar a raiva na cara da...

— Chega de falar sobre ela — pedi, pousando um dedo na frente da sua boca. — Eu falei que te amo e você está querendo trazer a dita cuja de volta ao assunto. Pensei que eu tinha causado algum impacto dentro desse coraçãozinho cheio de ciúmes.

— Não fui eu que te joguei sobre os ombros na frente de todos os funcionários da fazenda, então, você não pode falar nada sobre ciúmes — disse ela, empurrando-me pelo peito.

Só me deixei ir porque entendi que ela queria ficar por cima e o movimento me deixou cheio de tesão. Soltei um suspiro quando meu pau caiu

pesado em minha barriga e seus seios deliciosos ficaram perto da minha cara.

— Eu também amo você — ela soltou de repente, inclinando-se sobre o meu corpo até os seus seios tocarem o meu peitoral. Tomei seu rosto em minhas mãos, sentindo um nó se formar em minha garganta.

— Não quero que você se sinta na obrigação de falar só porque eu falei.

— Eu jamais faria isso. Amo muito você, Ramon, amo tanto que parece que meu coração vai explodir. Sério que você não percebeu antes?

Eu estava emocionado, mas acabei rindo quando ela sorriu e a puxei para um beijo, sem acreditar que aquilo tudo realmente estava acontecendo, que havíamos nos declarado depois de uma briga recheada de ciúmes. Ela gemeu baixinho entre os meus lábios e se afastou de repente, franzindo o cenho.

— Hum... Tem alguma coisa escorrendo aqui...

Ela se ajoelhou e eu me apoiei nos cotovelos sem entender nada do que ela havia acabado dizer, até seguir o seu olhar e encarar o meio das suas pernas. Meu coração chegou a falhar uma batida quando vi o fio de esperma escorrendo para o início da sua coxa direita.

— Não usamos camisinha! — Ela constatou o óbvio, sem saber se olhava para mim ou para o meio das pernas.

A visão me abalou tanto, que eu não sabia se ficava desesperado ou xingava o meu pau por começar a ficar duro em uma situação como aquela, o desejo me varrendo enquanto via minha porra bem ali, escapando da entrada da sua boceta. Gabriela me encarou com os olhos arregalados, claramente sem saber o que fazer e resolvi que eu não deveria agir com desespero, muito menos com desejo e, sim, com calma. Sentei-me e tomei seu rosto em minhas mãos, ficando abalado ao ver que ela não sabia como reagir.

— Desculpa, me desculpa, Gabi, a culpa foi minha — falei, porque a culpa era minha mesmo. Eu deveria ter me lembrado da porra do preservativo e não ter agido baseado apenas no tesão que dominava o meu cérebro no momento. — Eu esqueci completamente e nem me dei conta de que estava sem camisinha, ou teria gozado fora.

Merda, eu *vi* meu pau saindo e entrando da boceta dela, como não me liguei que estava sem preservativo? Gabriela respirou fundo e sentou-se sobre o meu colo. Fiz de tudo para fingir que sua calcinha não estava deixando metade da boceta de fora e que ela não estava toda melada perto do meu pau.

— Ramon, você não estava transando sozinho, eu estava participando, lembra? — ela perguntou com aquela voz cheia de maturidade e atitude, que me deixava encantado. — Nós dois esquecemos e está tudo bem... Eu acho.

— Fez uma caretinha no final, tão adorável que senti meu coração ficar comprimido no peito.

— Realmente, eu não estava transando sozinho, mas era a sua bundinha que estava para o ar quando eu te penetrei, ou seja, eu deveria ter me ligado e lembrado do preservativo, apesar de não ter nenhum aqui comigo.

— E o que você iria fazer? Se tivesse me deixado com a bunda para o ar, eu teria batido na sua cabeça.

A minha gargalhada ecoou pelo celeiro e acho que perturbei algum dos cavalos que estavam ali, pois ouvi um ou dois cascos baterem contra o chão. Gabriela era uma realmente uma caixinha de surpresas e não cansava de me pegar desprevenido.

— Você está muito violenta hoje, acho que quem precisa de umas palmadas é você — falei, dando um tapinha na lateral da sua bunda. A filha da mãe sorriu e se esfregou contra mim sem dó alguma, sabendo muito bem que meu pau estava ali, debaixo dela.

— Vou tentar me comportar mais, é só não despertar o meu lado ciumento — disse, me dando um beijo. — Acho que eu deveria tomar a pílula do dia seguinte. Só por precaução.

Eu sabia que aquele remédio era uma bomba atômica de hormônios, mas, realmente, não tinha muito mais o que fazer naquela situação. Só rezar para que funcionasse. Não ficaria desesperado se Gabriela engravidasse, pois estava convicto de que queria que ficasse para sempre em minha vida, mas ela tinha apenas vinte anos, era jovem demais para ser mãe. Queria que ela se encontrasse profissionalmente, que estudasse, se formasse e só depois pensasse em filhos.

— Tudo bem, vou providenciar para você.

— E acho que está na hora de eu realmente ir à uma ginecologista e começar a tomar o anticoncepcional. Sabe, enquanto estávamos fazendo amor, percebi que tinha algo diferente, mas não sabia o que era, agora já sei. É bem mais gostoso sem camisinha — ela disse com um sorrisinho sacana, ficando com as bochechas vermelhas.

— É uma delícia — concordei, passando os lábios pela sua bochecha. — Mas só vamos repetir depois que você estiver tomando o remédio.

— Sim, Sr. Baldez.

Ela sorriu e me beijou, me deixando doido para fazermos tudo de novo, mas achei melhor pararmos por ali antes que eu voltasse a perder a cabeça. Além de não ter camisinhas, tinha certeza de que, mesmo tampando a sua

boca, tínhamos entretido bastante os meus funcionários do lado de fora e não queria repetir a dose. Nos vestimos e limpei o seu suor, percebendo o chupão que havia deixado em seu pescoço, que consegui esconder com o seu cabelo.

— Como é que vou olhar para a cara deles agora? — ela perguntou enquanto passávamos pela baia de Trovão, que nos olhava com certo interesse. Acho que estava tão entretida, que nem percebeu que ele estava ali.

— Vai olhar da mesma forma que eu, deixando bem claro que eles não têm nada a ver com a nossa vida íntima.

— Bom, eles realmente não têm, mas a gente também não facilita, né. Transar no celeiro no meio do horário de expediente é um prato cheio para a fofoca da semana.

— Eles sabem que eu acabo rapidinho com todo mundo se ouvir alguma gracinha — falei, assumindo meu semblante de patrão sério, antes de abrir a porta do celeiro.

Gabriela quase se fundiu em meu peito e eu a abracei, dando de cara com os mesmos homens que havia deixado ali fora antes de entrar com ela. Eles nos olharam rapidamente, alguns com os olhos arregalados, outros parando de cochichar e logo voltaram ao serviço, como se não tivesse acontecido nada demais. Era bom que agissem mesmo daquela forma, pois, apesar de estar completamente louco de amores por Gabriela, ainda era o dono daquela fazenda e meu temperamento como patrão não havia mudado.



“Me queira bem
Durma bem
Meu amor”

A Lua Que Eu Te Dei – Ivete Sangalo

RAMON

Fui direto para o nosso quarto com Gabriela e levei um tempo observando cada peça de roupa deixar o seu corpo. Era como uma tortura autoimposta, tendo em vista que debaixo do chuveiro não conseguiríamos transar, mas estava tudo bem. Apesar do desejo que sempre me invadia quando estava ao lado dela, eu estava satisfeito com o que havíamos feito no celeiro.

— Até agora você não me explicou o porquê de estar usando essa saia.

Ela deixou a peça cair no chão junto com a calcinha e se virou para mim, levantando a minha camisa e desabotoando a minha calça.

— Eu falei que queria fazer uma surpresa.

— Usando aquela saia que me faz morrer de ciúmes?

Ela riu e me agarrou pelo pescoço enquanto eu tirava a calça e a cueca aos chutes.

— Eu não tinha a pretensão de sair correndo pela fazenda. Nos meus planos, eu iria te surpreender no escritório, mas, tivemos uma pequena mudança de rota.

— Eu não diria que foi tão pequena assim — falei, indo com ela para debaixo do chuveiro. A água morna nos encharcou em minutos, levando

embora o suor impregnado em nossos corpos. — Mas eu amei a surpresa, mesmo tendo quase morrido do coração.

Ela prendeu o sorriso e fez uma careta de desdém, saindo dos meus braços e virando-se de costas para mim. Foi um sacrifício fazer com que meu pau não ficasse duro ao observar a água descendo por suas costas e a bunda dura e empinada.

— Você não deveria ter ganhado nada, eu fui muito boazinha.

— Você foi tudo, menos boazinha, Gabriela — ri, a abraçando por trás rapidamente, antes de moldar a sua cintura com as mãos e a virar de frente para mim. — Você realmente acredita que eu transei com ela?

Vi a surpresa cruzar os seus olhos ao ouvir a minha pergunta, mas precisava saber. Pensei que tivesse deixado bem claro que eu não tinha me envolvido com Patrícia, não esperava que ainda desconfiasse de mim. Abraçando-me pelo pescoço, Gabriela balançou a cabeça.

— Não acredito. Só falei aquilo porque estava morrendo de ciúmes e queria te atingir de alguma forma.

— Eu não tinha necessidade de mentir para você, sabe disso, não é? Se eu tivesse ficado com ela, não teria sido uma traição, pois não estávamos juntos na época.

— Eu sei, mas ainda bem que você não ficou, ou eu teria que ter batido mais na cara dela — ela disse e eu acabei rindo, lembrando-me do barulho do tapa que ecoou pelas paredes do meu escritório. — Sei que fui imatura, mas é que nunca me senti daquele jeito. Nem sabia que eu era capaz de sentir tantos ciúmes. Me desculpa?

— Não é você quem precisa se desculpar, sou eu. Se soubesse que Patrícia ia falar aquelas coisas, jamais teria deixado ela entrar.

— Você não tinha como saber, só quis ser gentil e se desculpar. Agora que estou mais calma, consigo entender. É só, da próxima vez, não deixar mais nenhuma mulher do seu passado entrar na nossa casa.

— *Nossa* casa, é? — perguntei, colando seu corpo ao meu. Já era a segunda vez que Gabriela falava aquilo, mas acho que sequer havia percebido. Vi suas bochechas ficarem vermelhas e sorri, tocando em seu rosto. — É realmente a nossa casa, Gabi, porque você transformou esse lugar desde que chegou. Fico feliz que você enxergue a fazenda como o seu lar.

— Você é o meu lar — ela disse baixinho, fazendo meu coração disparar no peito. Porra, ela nem me preparava antes de falar coisas como aquela. Ficando nas pontas dos pés, Gabi passou os lábios entre os meus. — Eu amo

você, Ramon.

— Eu também amo muito você, minha menina — sussurrei, tomando a sua boca na minha.



Saímos do chuveiro depois de muitos beijos e carícias que, apesar de terem terminado em orgasmo, me deixaram louco para que continuássemos na cama — coisa que não era possível no momento, infelizmente. Enquanto me secava, observei Gabi penteando o cabelo em frente ao espelho, com aquela bunda redondinha ali perto de mim. Eu era um homem forte, mas ainda não tinha criado superpoderes, por isso, fui logo para o closet vestir uma roupa, antes que ficasse com o pau duro de novo.

Repassei em minha mente tudo o que tinha para fazer na parte da tarde e percebi que dava para repassar para Zé a responsabilidade de visitar os celeiros mais distantes, pois precisava ter pelo menos uma hora livre para poder comprar a pílula do dia seguinte para Gabriela. Sabia que podia mandar um dos meninos ir comprar, mas não queria dar mais munição para que falassem sobre o que havia acontecido mais cedo no primeiro celeiro — e também não queria que soubessem sobre algo *tão* íntimo.

Estava terminando de me vestir quando Gabi entrou no closet completamente nua, abrindo a gaveta de *lingerie*. Sorri quando a vi pegar uma calcinha de algodão rosa.

— Nada de rendas pelo resto da tarde?

— Rendas são só para ocasiões especiais — ela disse, vestindo-se rapidamente. Aos meus olhos, ela ficava sensual de qualquer jeito e a calcinha era bem indecente. Não tão pequena quanto as outras, mas sexy da mesma forma.

— Você ficaria gostosa até usando um saco de batatas, meu amor — falei, dando um beijo rápido em sua bochecha, observando seu sorriso. — Como está o seu pai?

— Ele continua a reagir ao tratamento, graças a Deus! Voltou a abrir os olhos ontem à noite, mas só por alguns segundos e não conseguiu acompanhar o teste de reflexo que o médico fez, mas toda a equipe está otimista e eu também — ela disse bem animada, enquanto colocava um

vestido. — Ah, esqueci de falar! Sabe quem encontrei saindo do quarto do meu pai?

— Quem?

— João Marcelo. Ele tomou um susto ao me ver e ficou bem desconfortável.

— Desconfortável? Como assim?

— Não sei explicar, mas parecia que ele não queria que eu descobrisse que ele foi visitar o meu pai. Sei que é estranho, mas até Luna percebeu e ela sequer o conhece.

Franzi o cenho, tentando pensar em algum motivo para que João Marcelo não quisesse que Gabriela soubesse que ele havia visitado Abraão. Como seu advogado, era comum que ele visitasse o patrão ou ao menos ligasse para o hospital para colher informações.

— E o que ele disse para você? — perguntei.

— Ele disse que tinha vindo visitar o meu pai e falou que entraria em contato com você hoje à tarde para conversar sobre negócios, mas, não sei, Ramon... Parecia uma desculpa, sabe?

— Bom, vamos descobrir agora — falei, saindo do closet e ouvindo seus passos atrás de mim.

— O que você vai fazer?

— Ligar para ele. Se João Marcelo tem realmente algum assunto para tratar comigo, não vai negar o meu convite para jantar aqui em casa hoje à noite. Vou colocar no autofalante.

Gabriela assentiu e eu peguei meu celular, entrando em minha agenda e achando o contato do advogado. Ouvimos o barulho da chamada por cinco vezes antes de ele atender.

— Boa tarde, Sr. Baldez, como vai?

— Estou bem, João Marcelo. Gabriela comentou que o encontrou no hospital e disse que você tinha um assunto para tratar comigo. Infelizmente, estou com a agenda cheia para hoje à tarde, mas posso o receber à noite para um jantar. O que acha?

Gabriela me olhou em expectativa e me sentei na cama, puxando-a para o meu colo enquanto ouvíamos o silêncio do advogado do outro lado da linha. Era como se João Marcelo estivesse pensando no que iria dizer.

— É uma pena, mas terei que recusar, Sr. Baldez. Preciso voltar para Goiânia antes das cinco horas, pois tenho uma reunião bem cedo amanhã. Mas não se preocupe, retornarei em breve à Santo Elias e marcarei uma

reunião com o senhor.

— Tem certeza que não quer adiantar o assunto por telefone?

— Não, o assunto que tenho para tratar não é em caráter de urgência, fique tranquilo. Preciso desligar agora, mas entrarei em contato em breve. Boa tarde.

Ele desligou e fiquei alguns segundos olhando para o celular em minha mão, repassando aquela conversa de dois minutos em minha cabeça. Estranho demais. Tudo aquilo era estranho demais.

— Eu sabia! Não falei que essa história de entrar em contato com você parecia uma desculpa? Ele inventou isso para que eu não achasse estranho o fato de estar em Santo Elias e ter ido visitar o meu pai sem entrar em contato conosco!

— Sim, tem razão. Só quero entender o porquê. Não consegue pensar em algum motivo para ele vir visitar o seu pai escondido da gente?

— Nenhum, o que me leva a pensar que, provavelmente, ele já deve ter feito isso antes. O nome dele está na lista de visitantes, ele pode visitar o meu pai quantas vezes quiser.

Assenti, sabendo que ela estava certa.

— Vou falar para Caio entrar em contato com o hospital em nosso nome e pedir a lista de frequência de visitas ao seu pai desde o dia do acidente.

— Será que não é confidencial?

— Por que seria? Se eles exigiram que deixássemos listados os nomes de pessoas que poderiam visitar o seu pai, também podemos exigir saber com que frequência essas pessoas o visitam.

— Tem razão! Caio já voltou de Minas Gerais?

— Ele volta na próxima semana, mas vou entrar em contato com ele hoje mesmo. Talvez ele consiga resolver tudo isso por *e-mail* — falei, colocando uma mecha úmida do seu cabelo atrás da orelha. — Você já desconfiou de João Marcelo em algum momento?

— Nunca, não porque o conheço, mas porque sempre estive longe. Tudo o que sei, é que ele se tornou o principal advogado do meu pai há uns três anos e foi o único que restou. Era ele quem entrava em contato comigo para falar sobre dinheiro e foi ele quem me ajudou com a mudança para Santo Elias. Até hoje, nunca tive motivos para pensar mal dele ou desconfiar de alguma coisa.

— Ele sabe tudo sobre o seu pai, até onde sei, era o homem de confiança dele e foi quem convenceu Abraão a fechar negócio comigo. Também nunca

tive motivos para desconfiar dele, apesar de achar que, algumas vezes, ele parecia não ter experiência no que estava fazendo. Era como se ele não me transmitisse confiança, entende? Mas isso nunca me preocupou, até porque, ele era advogado do seu pai e não meu.

Gabriela ficou alguns segundos em silêncio, refletindo sobre o que eu disse e eu acabei me lembrando das vezes em que encontrei com João Marcelo no passado. Ele realmente foi um ótimo intermediador entre mim e Abraão e sempre deixou muito claro que, em sua opinião, nossa "parceria" era a última oportunidade que Abraão tinha de não perder totalmente a fazenda. De certo modo, ele acabou fazendo a cabeça do pai de Gabriela, o que me surpreendeu um pouco, pois ele realmente parecia ser alguém inexperiente. Era como se pisasse em ovos, exatamente da mesma forma que agiu ao me pedir para abrigar Gabriela em minha casa no dia do acidente.

— Temos que descobrir o que ele está escondendo, Ramon — Gabriela disse por fim, acariciando a minha nuca.

— Vamos descobrir. Como você mesmo disse, ele com certeza visitou o seu pai outras vezes, então, quando tivermos essas provas, iremos até ele e o colocaremos contra a parede. Ele não terá para onde fugir.

Ela assentiu, confiando em minha palavra, e a puxei para um beijo, antes de pegar o celular e ligar para Caio.



GABRIELA

Tentei não ficar ansiosa pelos próximos dias, à espera de que o hospital respondesse à solicitação de Caio e foquei em meu trabalho com Trovão. Conseguimos evoluir muito e, naquela tarde, decidi que queria tentar montá-lo. Ramon pareceu um pouco apreensivo a princípio, mas logo entendeu que eu estava um tanto ansiosa para chegarmos logo naquela parte e me deu uma série de instruções antes de eu subir no cavalo.

— Lembre-se sempre de montar pelo lado esquerdo, certo?

— Sim.

— E não puxe muito as rédeas, deixe que ele sinta que você está no comando, mas não o force.

— Pode deixar. Posso subir?

Ramon assentiu e eu respirei fundo antes de pegar impulso e montar pelo lado esquerdo, passando a perna rapidamente e me sentando no lombo de Trovão. Não foi a melhor aterrissagem da minha vida, mas, pelo menos, ele não se rebelou. Ramon se afastou um pouco e eu puxei levemente as rédeas, guiando Trovão à um passeio em círculos.

— Ai, meu Deus... Estou conseguindo! — falei sem nem mexer a cabeça, só sorrindo, com um pouco de receio de me animar demais e Trovão ficar arredio.

— Está indo muito bem, meu amor.

Continuamos daquele jeito por longos minutos e eu comecei a me dar conta de como era maravilhoso ter aquele contato tão íntimo com o animal. Não apenas montá-lo, mas guiá-lo pelo caminho que teria que percorrer para chegar até ali. A doma, o adestramento, a montaria, tudo aquilo era encantador, algo que mexia comigo, me deixava excitada, sempre querendo por mais. Comecei a me questionar se eu conseguiria trabalhar daquela maneira com outros cavalos da fazenda, talvez com alguns mais dóceis e depois com os mais difíceis de se lidar.

Será que eu poderia? Será que era aquilo que eu realmente amava fazer? Animada, tentei guiar Trovão para um trote cadenciado e ele obedeceu, fazendo meu corpo quicar levemente para cima e para baixo. Lembrei-me de manter a postura, firmando a coluna e arrisquei olhar para Ramon. Ele tinha uma ponta de sorriso no cantinho dos lábios que me deixou feliz e orgulhosa.

— Realmente, Trovão ama você. À essa altura, ele já estaria me expulsando para bem longe — ele disse e eu ri, acariciando o pescoço de Trovão rapidamente.

— Respeite a nossa ligação, por favor. Trovão sabe quem é a alma gêmea dele.

— Eu também sei quem é a minha — ele disse me dando um sorriso lindo que quase me tirou o foco.

Como ainda não estava pronta para o galope, decidi encerrar as atividades com Trovão minutos depois. Ramon sempre deixava claro que a paciência era o melhor método para lidar com os cavalos, por isso, eu sentia que era melhor não cobrar muito de Trovão — e até mesmo de mim.

Naquela noite, antes de dormirmos, virei-me para Ramon e encontrei os seus olhos já meios pesados com sono, mas ele despertou assim que perguntei:

— Você acha que eu seria uma boa adestradora?

— Acho — ele respondeu prontamente, colocando uma mecha do meu cabelo para trás. — Você lida muito bem com Trovão e isso vai além da sua ligação com ele. Ter uma ligação especial com um animal e ter competência para ensiná-lo são duas coisas bem diferentes.

Sua resposta me deixou toda boba e eu acabei sorrindo.

— Então, talvez, eu consiga fazer o mesmo com outros cavalos, certo?

— Provavelmente sim. Por quê? Está querendo tentar?

— Sim, eu quero. Eu amei trabalhar daquela forma com Trovão, acho que, se conseguir fazer isso com outros cavalos, posso fazer dessa a minha profissão.

Os olhos de Ramon pareceram brilhar e ele se apoiou em um cotovelo para poder me olhar com mais atenção.

— Quer mesmo trabalhar com doma e adestramento?

— Eu acho que sim. O que eu precisaria fazer para me tornar uma profissional?

— Um curso de treinador de cavalos. Nele, você vai aprender a rotina, saúde e como gerir um centro equestre. Também vai ter treinamento com aulas práticas. Levará, em média, dois anos para se formar e terminará o curso preparada para domar e adestrar cavalos de forma profissional.

Eu já podia me imaginar ali, na fazenda de Ramon, lidando com seus cavalos, o ajudando no trabalho, estando lado a lado com ele como muito mais do que uma namorada. A possibilidade me deixou tão animada, que senti vontade começar o curso no dia seguinte.

— Eu acho que é isso que eu quero, Ramon.

— Tem certeza? Não quero que esteja tomando essa decisão por alguma influência minha, Gabi. Esse é o seu futuro, você que precisa decidir o que quer.

— E eu estou quase me decidindo, só preciso ter um pouquinho mais de certeza. Claro que ver o seu amor pelos cavalos me encantou muito, mas o que senti ao trabalhar com Trovão, foi algo surreal, Ramon. É incrível como ele confia em mim e eu confio nele. Quero sentir isso com outros cavalos também.

— Vamos tentar amanhã, então. O que acha?

— Acho ótimo! Já estou animada!

Ramon sorriu e me deu um beijo longo, antes de me abraçar e me puxar para dormir.



Vou proteger-te de todo mal
Não há razão pra chorar”

No Meu Coração Você Vai Sempre Estar – Ed Motta

GABRIELA

Ter a experiência de lidar com outro cavalo foi incrível. Ramon me apresentou à Gaia, uma égua dócil, que acompanhou certinho os comandos que dei a ela, sem apresentar nenhuma resistência. Enquanto a guiava, senti que era realmente aquilo que eu queria fazer. Queria aprender mais, ter mais confiança ao comandar, levar adiante aquela paixão que me invadia. Quando pensava em meu futuro, não conseguia ficar animada, pois Administração não me interessava e eu também não conseguia visualizar algo em que eu realmente quisesse trabalhar pelo resto da minha vida. No entanto, agora, sentia que era essa a profissão que eu queria aprender.

Estava terminando de sair do banho depois de ter passado a manhã com Gaia e ouvi Ramon falando no celular. Geralmente, não prestava atenção em suas conversas, mas quando ouvi o nome de João Marcelo ser citado, me aproximei. Ele bateu em suas coxas e me acomodei em seu colo, ansiosa para saber o que estava acontecendo.

— Certo, encaminhe esse relatório para o meu *e-mail,* Caio. Vou dar uma olhada depois.

Caio disse mais alguma coisa do outro lado da linha, em seguida, Ramon se despediu dele e desligou.

— Então, Caio recebeu a resposta do hospital?

— Sim. João Marcelo vem pelo menos uma vez por semana visitar Abraão. Pelo registro de frequência, ele não fica muito tempo no hospital, coisa de dez, quinze minutos, gosta de conversar com o médico para saber como ele está e, depois, vai embora. Sei que, em circunstâncias normais, não poderíamos levar essas visitas como algo suspeito, até porque, ele é advogado de Abraão, mas o fato de ele vir sem nos comunicar me deixa muito incomodado.

— A mim também. E se proibíssemos a visita dele? Ou, talvez, colocasse que ele precisa que um de nós esteja presente para poder visitar o meu pai?

— Poderíamos fazer isso, mas, se ele está tramando alguma coisa, é melhor que não pense que nós estamos desconfiados, entende? Vamos manter o plano original e tentar marcar com ele um jantar aqui em casa, assim, poderemos analisar a sua postura, se estará nervoso ou não e, então, o confrontamos sobre as visitas. Com o relatório que o hospital enviou para Caio, ele não terá como mentir.

Assenti, sabendo que Ramon tinha razão. Era melhor mesmo que mantivéssemos João Marcelo em banho-maria até o fazer confessar o que estava tramando com todas aquelas visitas escondidas ao meu pai.



Ramon teve um dia atarefado na fazenda, por isso, só conseguimos ir ao hospital à noite e ele acabou optando por me esperar do lado de fora do quarto. Ele não gostava muito de ficar perto do meu pai, o que era totalmente compreensível, tendo em vista tudo o que havia acontecido entre os dois no passado. Entrei no quarto e encontrei Rosa anotando alguma coisa em sua prancheta, enquanto olhava as máquinas que monitoravam os batimentos cardíacos e a pressão arterial do meu pai. Ela se virou assim que ouviu a porta do quarto se fechar e me deu um sorriso.

— Olá, querida! Como você está hoje?

— Animada! Soube que meu pai voltou a abrir os olhos, Rosa — falei, já me acomodando ao lado dele depois de passar álcool em gel. Tomei sua mão magra e enrugada na minha e apertei de leve. — Boa noite, pai. Cheguei.

— Tenho certeza de que ele deve esperar ansiosamente pela sua visita. Olha, seus batimentos cardíacos até aceleraram um pouco. Ele já notou a sua presença — disse ela, apontando para a máquina.

— Muito bem, Sr. Rodrigues. Agora pode abrir os olhos de novo.

Olhei para o meu pai, cheia de esperança de que ele voltasse a acordar, nem que fosse por apenas alguns minutos, mas nada aconteceu.

— Ontem à noite ele abriu os olhos novamente — Rosa comentou, chamando a minha atenção.

— Jura? E fez mais alguma coisa?

— Eu não estava presente na hora, mas tive que vir correndo quando a equipe foi chamada, pois ele ficou bastante agitado com a visita da mulher.

— Mulher? Que mulher?

Rosa me olhou como se não tivesse entendido a minha pergunta.

— A mulher que veio o visitar ontem à noite, por volta das sete e meia.

— Rosa, acho que você deve ter confundido, nenhuma outra mulher visita o meu pai, apenas eu, e eu vim o visitar de manhã, não à noite — falei, vendo o seu cenho se franzir. Luna também me acompanhava às visitas, mas ela nunca viria aqui sozinha. Sem contar que estava ao meu lado na noite de ontem no horário citado pela enfermeira. — Há algum outro paciente com o quadro similar ao dele aqui nesse andar? Isso pode explicar a sua confusão.

Ela balançou a cabeça com o semblante bem sério e me fitou com convicção.

— Não, Gabriela, não estou me confundindo. Uma mulher veio visitar o seu pai ontem à noite. Tenho certeza disso, porque havia começado o meu turno meia hora antes e tivemos que estabilizar o seu pai quando ela saiu. Ele realmente ficou muito agitado, não chegou a falar nada, mas sua pressão arterial subiu um pouco.

Senti meu corpo gelar quando ela se calou e me levantei de repente, empurrando a poltrona pesada para trás. Rosa se assustou, mas não chegava nem perto de estar sentindo o que eu sentia naquele momento.

— Que mulher veio visitar o meu pai? — perguntei dando a volta na cama, sentindo minhas mãos começarem a tremer.

— Eu não sei, não a conheço. Nunca a vi aqui no hospital...

— Como ela era? Como a deixaram entrar? Ninguém me ligou para avisar que uma mulher queria visitar o meu pai!

Rosa arregalou os olhos e apertou a prancheta contra o peito, visivelmente nervosa.

— Eu... Eu não sei quem permitiu a entrada dela, mas...

— Como ela era, Rosa? Você precisa me descrever com clareza cada detalhe do que viu!

— Eu não consegui observar com atenção, foi uma correria quando a equipe foi chamada, só consegui notar que ela era alta, loira e usava uma calça jeans escura e um casaco branco com capuz...

Meu coração deu uma guinada no peito e a interrompi com outra pergunta:

— Loira? O cabelo dela batia em que altura?

— Nos ombros.

Não consegui ouvir mais nada. Com os nervos à flor da pele, abri a porta do quarto de supetão e Ramon, que estava sentado em uma das poltronas que ficava no corredor, levantou-se com o semblante assustado, interrompendo uma ligação e enfiando o celular no bolso.

— Gabriela, o que foi? — perguntou assim que fechei nossa distância.

— Uma mulher veio visitar o meu pai ontem à noite, Ramon!

— Como é que é? Que mulher?

— Uma mulher loira! — falei entredentes, porque sentia muita vontade de gritar. — Se aquela cantora filha da puta tiver se aproximado do meu pai, eu vou atrás dela nem que seja no inferno!

Vi o seu cenho se franzir, mas não esperei que falasse nada, saí andando em direção ao elevador, pois precisava que alguém na porcaria daquele hospital me explicasse como haviam deixado que uma mulher qualquer conseguisse entrar no quarto do meu pai. Ramon veio logo atrás de mim e apertou o botão para fechar as portas antes de me segurar pelos ombros.

— Gabi, fica calma e olha para mim.

— Calma é o caramba! Tem noção disso, Ramon? Aquela vaca conseguiu entrar no hospital e se aproximar do meu pai!

— Gabriela, fica calma e tenta pensar um pouco! Por que Patrícia ia querer se aproximar do seu pai? Isso não faz o menor sentido!

— Ela não pareceu nem um pouco satisfeita com o fato de eu e meu pai termos atrapalhado os planos dela de ficar com você! Pode muito bem ter tentado se aproximar para se vingar!

Os olhos de Ramon brilharam em compreensão e senti suas mãos pesarem em meus ombros, seu corpo ficar tenso próximo ao meu.

— Se foi ela, nós vamos descobrir, está bem?

— Eu vou descobrir agora mesmo.

Passei por ele quando as portas do elevador se abriram e me aproximei da

recepção a passos largos, observando um senhor conversar com uma das atendentes na ponta do balcão. Tentei me policiar para não fazer um escândalo, mas minha voz saiu mais alta do que o necessário, praticamente criando eco no ambiente quieto e luxuoso do hospital.

— Quero saber quem foi a mulher que visitou o meu pai ontem à noite!

A recepcionista arregalou os olhos e chegou a empurrar a cadeira de rodinhas para trás, um pouco assustada com o meu estado. Ao meu lado, Ramon apertou o meu ombro e exigiu com mais gentileza:

— Há uma lista com o nome das pessoas que têm permissão para visitar o paciente Abraão Rodrigues e soubemos que, ontem à noite, uma mulher desconhecida teve acesso ao quarto dele, certamente depois de ter se identificado na recepção. Como responsáveis pela internação de Abraão, queremos saber quem foi essa mulher e como ela conseguiu entrar sem que fôssemos informados previamente.

Caramba. Olhei para Ramon sentindo meu peito se apertar em gratidão por tê-lo ao meu lado naquele momento, mas logo me voltei para a recepcionista.

— Isso. Queremos saber agora!

A mulher piscou duas vezes e voltou posicionar a cadeira em frente ao computador, limpando rapidamente a garganta.

— Eu vou verificar, mas, antes, preciso do documento de identificação dos senhores...

— Ah, agora você precisa dos nossos documentos de identificação? Será que tiveram essa mesma preocupação antes de deixar uma desconhecida visitar o meu pai?

— Gabriela, calma — Ramon pediu, tirando a carteira do bolso e pegando as nossas identidades, antes de dar para a mulher. — Não adianta ficar nervosa desse jeito.

Ele me abraçou pelos ombros e eu cruzei os braços, respirando fundo e me obrigando a ficar um pouco mais calma enquanto a mulher via as nossas identidades e digitava algo no computador.

— Segundo os registros, nenhuma mulher visitou o paciente Abraão Rodrigues na noite anterior, apenas um homem chamado João Marcelo Neto e o nome dele consta na lista de pessoas permitidas para a visita — a mulher disse, virando a tela do computador para que pudéssemos ver.

Realmente, na tela constava os nomes de cada pessoa que havia visitado o meu pai no dia anterior, bem como os horários.

— Impossível! Meu pai não só recebeu a visita de uma mulher ontem, por

volta das sete da noite, como ficou agitado enquanto ela estava com ele no quarto, a equipe médica precisou ser chamada para o estabilizar!

A mulher abriu a boca, certamente para dar alguma desculpa esfarrapada, mas se calou quando Ramon puxou meu rosto com delicadeza, me fazendo encarar as suas sobrancelhas franzidas. Baixinho, ele disse só para mim:

— Gabi, escutou o que ela disse? João Marcelo veio aqui ontem à noite.

— E o que isso tem a ver com a cantora, Ramon?

— Com a cantora eu não sei, mas com certeza tem algo a ver com a mulher que veio visitar o seu pai. Ele veio no mesmo horário que você acabou de citar para a recepcionista, olha só. — Ramon apontou para a tela do computador e reli o nome de João Marcelo e o seu horário de entrada, sete e quinze da noite.

— E a mulher? Rosa foi bem clara ao dizer que havia uma mulher no quarto do meu pai, Ramon. Ela não disse nada sobre um homem.

— Não sei como ele conseguiu entrar com uma mulher sem que ela fosse identificada, mas vamos descobrir. E sobre Rosa não ter o visto, ele pode muito bem ter ficado do lado de fora, enquanto a mulher estava no quarto — Ramon disse, tocando em meu cabelo. — Se era Patrícia ou qualquer outra mulher com ele, nós vamos descobrir também, meu amor.

— Como?

— Exigindo as gravações das câmeras de segurança.



Ramon ligou para Caio e pediu que ele viesse nos auxiliar, depois de ter exigido conversar com o diretor do hospital. Como Ramon era o homem mais influente e respeitado da região, foi prontamente atendido por César Aguiar, um senhor na faixa dos sessenta anos, que só faltou estender um tapete vermelho quando entramos em sua sala opulente no último andar do hospital.

Como estava nervosa demais, resolvi ficar quieta e deixei que Caio e Ramon explicassem a situação, o que fizeram com uma calma que eu comecei a invejar. Enquanto falavam, fiquei repassando em minha mente a última vez que vi Patrícia, pouco mais de uma semana atrás, no escritório de Ramon, a forma como olhou para ele antes de ser tirada pelos seguranças, suas palavras ácidas. Ela não havia feito nenhuma ameaça, mas deixou claro

que havia ido até à fazenda para mostrar que não gostava de ser usada. Certamente, atrapalhei seus planos ao invadir o escritório e dar um tapa na sua cara, o que me levava a crer que, talvez, ela estivesse com mais raiva e tivesse tentado se aproximar do meu pai para se vingar de mim — e, consecutivamente, de Ramon.

No entanto, chegar à essa conclusão me levava a outro questionamento. Como ela conhecia João Marcelo? Qual era a sua ligação com ele? Por que ele havia a ajudado a entrar no hospital?

— Claro que os senhores terão livre acesso às gravações das câmeras de segurança, isso sequer entrará em discussão. E, desde já, peço perdão pelo inconveniente...

— Não foi um inconveniente, foi um erro inaceitável, que poderia ter matado o meu pai — falei depois de ter ficado todo aquele tempo calada.

Talvez ele achasse que eu estivesse exagerando, mas eu sabia que não estava. De alguma maneira, a mulher — fosse a cantora ou não — havia provocado uma reação em meu pai. E se a equipe médica tivesse demorado para socorrê-lo? E se ela realmente tivesse a intenção de o matar? Eu jamais saberia.

— Tem razão, Senhorita Rodrigues. Pode ter certeza que demitirei cada pessoa que teve contato direto com João Marcelo e a mulher desconhecida — disse o diretor, pegando o telefone sem fio em cima da mesa e discando um número. — Afonso? Avise a Rodrigo que estou descendo, quero que todos deixem a sala de segurança e que apenas ele aguarde por mim. — Ele desligou e voltou a nos encarar. — Acompanhem-me, vamos agora mesmo à central de segurança do hospital, que fica no andar debaixo. O chefe da equipe já está esperando por nós.

Ramon segurou a minha mão e acompanhamos o diretor, eu com o coração acelerando um pouco mais a cada passo que dava, Ramon tenso e Caio com uma expressão séria, como nunca vi antes. Entendi que aquela era a sua faceta de advogado e agora entendia porque Ramon confiava tanto nele — não que eu duvidasse de sua capacidade, isso nunca esteve em questão, mas porque Caio era um homem extrovertido, com a língua solta e um sorriso que nunca deixava seu rosto. Observá-lo naquele *modus operandi* era diferente.

Chegamos à sala de segurança e encontramos com Rodrigo, um homem simpático, que dominava uma mesa enorme e cheia de botões, que controlavam cada televisor a nossa frente. César ordenou que ele colocasse às gravações da noite anterior em exibição e eu observei com atenção, vendo-o

adiantar a imagem devagar até chegar às sete e doze da noite, horário em que João Marcelo saiu do elevador que levava ao estacionamento, ao lado de uma mulher.

— É ele — Caio indicou, apontando para o advogado do meu pai. — Coloque a gravação em uma velocidade mais devagar, por favor. Não podemos perder nada.

Rodrigo obedeceu e, com a velocidade reduzida, conseguimos observar melhor o rosto de João Marcelo, mas não o da mulher. Ela ficou usando o capuz o tempo todo, com as mãos enfiadas no bolso do casaco e a cabeça baixa. Era como se soubesse que havia câmeras de todos os ângulos e, mesmo quando era filmada de frente, não dava para ver quase nada, só a parte loira do seu cabelo que escapava para perto do pescoço.

— Não é possível que não dê para ver a cara dessa vadia — xinguei baixinho e Ramon me abraçou pela cintura.

— Não consigo reconhecer se é Patrícia ou não — Ramon disse sem tirar os olhos da tela. — O casaco é muito largo.

— Mas a altura é parecida — Caio disse.

A gravação continuou. João Marcelo foi para perto da recepção e um homem uniformizado lhe entregou dois crachás, sem sequer pedir o documento da mulher, em seguida, digitou algo no computador, certamente registrando a visita de João Marcelo.

— Entrarei em contato agora mesmo com o RH e vou descobrir o nome desse funcionário — César disse.

— Do jeito que estão interagindo, fica bem claro que já se conhecem de outro lugar e, reparem, o funcionário já tinha os dois crachás preparados para eles. Só deve ter registrado a visita de João, porque ele não se deu ao trabalho de se esconder das câmeras — Caio disse.

— E porque o seu nome está na lista de visitantes permitidos. João Marcelo com certeza molhou a mão dele. Filho da puta! — Ramon praguejou entredentes e eu estremeci, tentando entender onde o advogado do meu pai queria chegar com tudo aquilo.

Eles pegaram o elevador e em momento algum a mulher levantou a cabeça. João Marcelo sequer dirigia a palavra ou o olhar para ela, com as duas mãos dentro dos bolsos da calça social. Era como se não se conhecessem, apesar de estar bem claro que estavam juntos. Ao chegar no andar em que meu pai estava internado, andaram lado a lado até o quarto dele e ela entrou, enquanto ele ficou do lado de fora.

Depois disso, pouco menos de quinze minutos se passaram, até duas enfermeiras ouvirem algum tipo de alarme e saírem correndo até o quarto do meu pai, antes de a equipe médica se aproximar, incluindo Rosa. A mulher saiu assim que a equipe entrou, com o capuz na cabeça, e encontrou João do lado de fora, indo com ele até o elevador.

— Quero ver as gravações do estacionamento — Caio exigiu e Rodrigou mexeu na mesa de controle, mudando as imagens para o estacionamento.

— Se souberem a placa ou o modelo do carro que eles possivelmente usaram para vir ao hospital, ficará mais fácil de localizar onde estacionaram — Rodrigo pediu e senti Ramon e Caio olharem para mim.

— Eu só sei que é um modelo sedan na cor preta. Nunca prestei atenção na marca ou na placa.

— Ótimo, eles entraram no hospital às sete e doze, devem ter passado pela catraca do estacionamento às sete em ponto. Vou colocar a filmagem a partir de seis e cinquenta e vamos observar — Rodrigo disse e nós concordamos.

Duas câmeras filmavam em ângulos diferentes, mas estratégicos, uma ficava acima do painel de onde era retirado o cartão para liberar a catraca e a outra ficava bem de frente para o carro. Ambas conseguiam filmar bem o motorista, por isso, foi fácil identificar o rosto de João Marcelo, mas, novamente, a mulher continuou indecifrável, escondida pelo capuz e pelas sombras dentro do carro. Rodrigo foi mudando de câmera em câmera conforme João foi dirigindo, até parar no mesmo local onde ele estacionou. Àquela altura, a minha expectativa já havia sido substituída pela frustração, pois, se a mulher estava com o capuz dentro do carro, com certeza não zanzaria pelo estacionamento com o rosto livre. Dito e feito, ela saiu com o capuz na cabeça, olhando para baixo e se escondendo das câmeras e continuou dessa forma dentro do elevador que os levaram até a parte de dentro do hospital.

— É inadmissível que uma pessoa ande dessa forma dentro de um local cheio de câmeras e de seguranças e ninguém desconfie de nada. Acho melhor não demitir apenas o funcionário que os deixaram entrar sem serem identificados, Sr. Aguiar, mas a sua equipe de segurança também — Caio disse, virando-se para o diretor. O homem estava meio pálido.

— A equipe de segurança do hospital é chefiada pela melhor empresa de segurança privada de Goiás, senhor.

— Então talvez seja melhor procurar fora de Goiás — Caio disse de forma implacável. — Ramon, ficou claro que não conseguimos nada vindo aqui.

— Sim, mas, antes de irmos embora, quero deixar de sobreaviso que a partir de hoje, dois seguranças de minha total confiança ficarão de prontidão em frente ao quarto de Abraão, vinte e quatro horas por dia. Um ficará pela parte da manhã e outro pela parte da noite. Infelizmente, não posso mais confiar na segurança do seu hospital, Sr. Aguiar.

— Como quiser, Sr. Baldez. Tenham certeza que levarei em consideração tudo o que foi dito hoje e erros como esse não voltarão a se repetir.

— Envie-me por *e-mail* todos os dados do funcionário que liberou a entrada de João Marcelo e da mulher — Caio pediu e o diretor concordou, meneando a cabeça.

— Farei isso assim que voltar para a minha sala. Se puder ajudá-los em mais alguma coisa...

— Apenas me dê a garantia de que os cuidados com o meu pai serão redobrados, Sr. Aguiar. Não se esqueça que Abraão Rodrigues deu muito dinheiro para colocar esse lugar de pé, não merece ser tratado de forma tão displicente.

Nunca imaginei que, um dia, seria capaz de agir de forma semelhante à de meu pai, mas não consegui ficar calada diante de tudo o que havia acontecido com ele, na forma como foram descuidados. Tinha plena consciência de que meu pai tinha os piores defeitos do mundo, mas era inegável como havia ajudado na construção daquele hospital, o mínimo que eles poderiam fazer, era prezar pela sua saúde e segurança.

— Tem toda razão, Senhorita Rodrigues. Pode ter certeza que esse foi um erro que jamais se repetirá.

Despedimo-nos do diretor e entramos no elevador que nos levaria direto ao estacionamento. Coçando os olhos, Caio soltou um suspiro exasperado.

— Ainda não estou acreditando na inutilidade desse tanto de câmeras e de seguranças. De verdade, que merda foi aquilo? Aquela mulher perambulando toda encapuzada pelo hospital e ninguém desconfiou de nada? Inacreditável!

— Uma falha inadmissível. Como Gabriela disse, poderia mesmo ter acontecido o pior. Não sabemos qual era o real intuito da mulher, mas coisa boa não deveria ser.

— Como vamos fazer para descobrir se é realmente a cantora ou não? Eu tinha esperança de conseguir o rosto dela pelas câmeras, mas a filha da mãe foi esperta — murmurei contrariada, começando a sentir uma dor de cabeça infernal.

Ramon me abraçou pelos ombros e deu um beijo em minha testa, antes de

puxar meu rosto para cima e encarar os meus olhos.

— Vamos descobrir quem ela é, tudo bem? Nem que eu tenha que ir à Goiânia para socar a cara do filho da puta do advogado.

— Talvez ele ainda esteja em Santo Elias, não? Se veio ao hospital ontem à noite — falei.

— Acho que ele não ficaria na cidade por todo esse tempo, mas vou mandar um dos meus homens ir ao hotel agora para poder descobrir — Ramon disse, pegando o celular do bolso e enviando uma mensagem para um de seus funcionários.

— Ouçam, eu acho que é melhor o funcionário do hospital não ser demitido agora — Caio disse, chamando a nossa atenção. — Não sabemos qual é o tipo de ligação que ele tem com João Marcelo, pode ser que o advogado só tenha molhado a mão dele para conseguir os crachás de visitante ou, talvez, eles se conheçam há algum tempo e tenham intimidade. Não podemos correr o risco de a segunda opção ser verdadeira, pois, se for, ele com certeza vai contar a João Marcelo que foi demitido por permitir a entrada dele e da mulher no hospital.

— Tem toda a razão. Se ele contar, João Marcelo pode dar um jeito de sumir do mapa e, se isso acontecer, perdemos a chance de tentar descobrir quem é a tal mulher — Ramon disse guardando o celular. — Caio, volte na sala do diretor e converse com ele. Tenho certeza que ele vai aceitar esperar mais um pouco antes de demitir o funcionário.

— Sim, farei isso. Aproveito e pego logo todas as informações do cara. É melhor que a gente se aproxime dele e tente descobrir qual é o tipo de ligação que ele tem com o advogado, antes de ele ser demitido.

— Tomara que dê certo — pedi baixinho, mais para Deus do que qualquer outra coisa.

— Vai dar certo, Gabizinha. Vamos descobrir exatamente o que esse babaquinha está tramando — Caio disse no momento em que as portas do elevador se abriram no estacionamento. — Ligo para vocês mais tarde.

Caio continuou no elevador e Ramon e eu fomos direto para o carro. A viagem de volta para a fazenda foi feita em meio a um silêncio pesado, em que fiz questão de ficar quieta para tentar silenciar as vozes em minha cabeça, que criavam um milhão de teorias. Não aguentava mais pensar.

— Por que não vai tomar um banho? — Ramon perguntou assim que entramos no casarão. — Vou na cozinha preparar alguma coisa para você comer e levo para o quarto.

— Não estou com fome, na verdade, estou até um pouco enjoada, acho que é culpa da dor de cabeça.

— Mesmo assim, precisa comer alguma coisa. Vou preparar algo leve e pegar um analgésico pra você. Vai lá.

Ele me deu um beijo carinhoso e eu subi as escadas quase me arrastando, com a cabeça latejando loucamente, um cansaço enorme me invadindo. Tirei as roupas sem qualquer cuidado quando cheguei ao banheiro e fiquei por quase dez minutos debaixo do chuveiro, deixando que a água morna batesse na nuca e relaxasse os meus músculos tensos. Em meio ao silêncio, não pude deixar de pensar no que teria acontecido se a equipe médica não tivesse sido rápida em atender o meu pai. Rosa só disse que ele precisou ser estabilizado, que a pressão arterial havia subido um pouco, mas, e se algo mais grave tivesse acontecido? E se a intenção da mulher fosse injetar algum remédio no soro dele? Veneno? Já tinha visto coisas assim em filmes e não duvidava que poderia acontecer na realidade.

Só queria saber quem realmente era a mulher e qual era a sua intenção. A cantora foi a primeira pessoa a aparecer em minha cabeça, mas poderia ser qualquer outra mulher. Meu pai havia feito muitas inimizades ao longo da vida... E se fosse uma ex-amante louca? Alguém que eu sequer tinha conhecimento? Soltei um suspiro resignado e saí do chuveiro depois de me ensaboar, secando-me rapidamente e indo até o closet para me vestir. Peguei a primeira calcinha e a primeira regata que vi, antes de me jogar na cama e fechar os olhos, querendo dormir e só voltar a acordar quando tudo estivesse bem de novo.

Acho que acabei cochilando, pois despertei com beijos em minha bochecha e pescoço e a voz sussurrada de Ramon em meu ouvido.

— Acorda, dorminhoca. Trouxe um lanche pra você.

Encontrar o sorriso de Ramon — mesmo que não fosse o mais feliz e animado de todos — ao abrir os olhos era como um bálsamo. Ele estendeu a mão e eu segurei, sentando-me na cama como se chumbo revestisse meus ombros.

— Fiz uma omelete de queijo, tomate e cenoura pra você. É para comer tudo — falou, colocando um prato no meu colo. O cheiro da omelete me invadiu e estava tão bonita, que até comecei a sentir fome. — Depois você toma o remédio para dor de cabeça.

— Sim, Sr. Baldez. — Consegui dar um sorriso e cortei um pedaço da omelete. — Hum... Nossa, você precisa cozinhar para mim mais vezes.

Ramon riu e deu a volta na cama, sentando-se atrás de mim. Soltei um outro gemido, mas dessa vez não tinha nada a ver com a comida e, sim, com a massagem que ele começou a fazer em meus ombros. Quem diria que aquelas mãos enormes, com a pele levemente áspera, fossem tão delicadas.

— Se for para ouvir mais desses seus gemidinhos, eu cozinho pelo resto da minha vida — falou, deixando um beijo atrás da minha orelha.

Inclinei-me um pouco para poder olhar para ele e senti meu coração ficar acelerado no peito, transbordando de sentimentos por aquele homem.

— Já disse que eu te amo hoje?

— Não, mas vai poder provar que me ama se comer tudo — falou com um sorriso, apontando para o prato com as sobrancelhas.

A omelete estava maravilhosa e comi tudo rapidinho enquanto sentia suas mãos em meus ombros, me deixando relaxada e com os olhos pesados de sono. Assim que terminei, ele me deu o remédio e um copo d'água, que sequei antes de me levantar e ir escovar os dentes. Pelo espelho do banheiro, observei Ramon se despir para tomar banho e fiquei cheia de vontade de entrar debaixo do chuveiro de novo, só para o acompanhar, mas, no fundo, não estava com clima para sexo naquela noite. Apesar de ter relaxado com a massagem, meu peito ainda estava pesado de preocupação.

Voltei a me deitar e lutei contra o sono até Ramon sair do banheiro, totalmente nu, secando a nuca com uma toalha. Meu pai amado, já tinha visto aquele homem pelado inúmeras vezes e, mesmo assim, a visão era de tirar o fôlego. Ele deixou a toalha pendurada nas costas de uma poltrona e veio se deitar ao meu lado, puxando-me para os seus braços.

— Esqueci de falar, meu funcionário foi até o hotel e conversou com Rubens, o gerente. Ele é um velho conhecido meu, então, não pensou duas vezes antes de consultar o sistema e ver se João Marcelo ainda estava no hotel, mas ele sequer deu entrada ontem à noite. Tudo indica que ele veio à Santo Elias e foi embora ontem mesmo, já que não se hospedou no hotel.

— Não acredito! Se ele tivesse se hospedado no hotel, talvez a gente pudesse ir até lá para ver as gravações das câmeras de segurança.

— Foi o que pensei enquanto estava dirigindo, mas o filho da mãe foi esperto, não quis deixar rastros.

— O que será que ele está tramando, Ramon? Não aguento mais criar teorias na minha cabeça.

— Por isso mesmo que você precisa descansar agora e tentar dormir. Conversei com o chefe da equipe de segurança da fazenda e ele designou dois

dos seus melhores homens para cuidarem da segurança do quarto do seu pai. Um já foi para lá, então, pode ficar tranquila, pois ninguém passará por ele.

— Jura? Já tem um segurança lá?

— Sim, meus homens são eficientes — disse com orgulho e me joguei em cima do seu corpo, pegando seu rosto em minhas mãos.

— Obrigada por pensar em tudo, meu amor. Te amo, te amo, te amo! — falei, dando vários beijos em seu rosto até chegar em sua boca.

Ramon acariciou minha cintura por debaixo da blusa e me deixou conduzir o beijo, nada muito sexual, mas cheio de amor. Um sorrisinho se abriu em seus lábios quando me afastei.

— Eu também te amo, minha menina. No que depender de mim, nada mais vai acontecer com o seu pai.

Senti minha garganta ficar apertada ao ouvir aquilo, pois sabia que meu pai não merecia nada daquilo vindo de Ramon.

— Obrigada. Eu sei que ele não merece, mas...

— Abraão pode ter cometido todos os erros do mundo, mas ele fez algo maravilhoso, Gabriela, você — disse com intensidade brilhando nos olhos. — E você é a mulher da minha vida, é a minha menina, aquela por quem eu enfrentaria o mundo apenas para fazer sorrir. Cuidar da segurança do seu pai é o mínimo que posso fazer nesse momento para te ver tranquila, mas quero que saiba que vou fazer muito mais. Vamos descobrir o que João está tramando e vamos desvendar a identidade daquela mulher, eu prometo.

Nem preciso dizer que as lágrimas começaram a rolar pelos meus olhos depois de ter ouvido tudo aquilo. Meu coração quase explodiu no peito.

— Eu te amo muito — sussurrei com a voz embargada, dando beijinhos em sua boca. — Você é o amor da minha vida, Ramon. Todos os dias eu agradeço a Deus por ter cruzado os nossos caminhos.

— Eu também, meu amor. Eu também.

Ele limpou minhas lágrimas e me abraçou com força, deixando que eu me acomodasse sobre o seu corpo e descansasse a cabeça em seu peito, bem em cima do seu coração, que batia de forma cadenciada. Adormeci ouvindo aquele som que, para mim, era o mais bonito do mundo inteiro.



“Eu sempre vou te amar
E quando o vento ficar frio
Vou te manter aquecida em meus braços”

The Only One Reason – JP Cooper

GABRIELA

Acordei no meio da madrugada com o coração acelerado e a respiração ofegante depois de ter tido um pesadelo horrível, em que a cantora desgraçada tentava matar meu pai asfixiado na cama de hospital. Por sorte, Ramon não havia acordado com o meu sono agitado e ainda dormia com o braço agarrado em minha cintura, que eu precisei desvencilhar com cuidado, pois precisava me jogar debaixo do chuveiro para tirar o suor gelado e pegajoso que cobria o meu corpo.

O sonho parecia tão real, que eu o visualizava a cada vez que piscava. Nervosa, tirei as roupas e abri o chuveiro, mas antes que eu pudesse entrar, vi Ramon entrando no banheiro pelo reflexo do espelho, com uma expressão carregada no rosto.

— Gabi, o que houve?

Meu queixo tremeu e, antes que ele me visse cair em um choro horroroso, escondi meu rosto com as mãos e consegui falar antes das lágrimas explodirem:

— Sonhei que a Patrícia tentava matar o meu pai.

— Ah, meu amor...

Ramon me puxou para os seus braços e eu o apertei com força pela cintura, escondendo meu rosto em seu peito e chorando alto, a ponto de soluçar. Eu não sabia explicar, mas sentia que algo muito ruim estava prestes a acontecer. Nunca fui uma pessoa sensitiva, mas aquele sentimento ruim estava praticamente esmagando o meu peito e eu não conseguia deixar de pensar que ele tinha alguma coisa a ver com o meu pai. E se quisessem realmente o matar? E se não conseguíssemos descobrir tudo, antes que o pior acontecesse?

Senti Ramon me pegar no colo e enlacei sua cintura com as pernas, querendo que ele me protegesse do mundo, mesmo sabendo que não era possível. Ele andou pelo banheiro, mas nem fiz questão de tirar o rosto da curva do seu pescoço para poder ver o que estava fazendo. Só notei que estávamos dentro da banheira quando ele se sentou e os jatos suaves de água quente começaram a molhar nossas peles.

— Olha para mim — Ramon pediu, tomando meu rosto entre as mãos e tentando secar as minhas lágrimas. — Quer me contar como foi o sonho?

— Foi um pe-pesadelo — solucei e ele acariciou as minhas costas. — Ela estava tentando as-asfixiar o meu pai e eu só conseguia olhar, pedir para que parasse, mas não conseguia me mo-mover para tirá-la de cima dele.

— Foi só um sonho ruim, meu amor, agora ela não vai chegar perto dele, nem o advogado. Meu segurança está lá, lembra?

— Meu lado racional sabe, mas eu estou com medo, Ramon. — Outro nó intenso se instalou em minha garganta, mas tentei engolir. — Eu sei que meu pai fez muita coisa ruim, mas eu não quero que ele morra, ainda mais assim.

— Claro que você não quer que isso aconteça, ele é seu pai, Gabi, e você o ama.

Ele prendeu meu cabelo com cuidado em um coque e acariciou as minhas costas quando deitei a cabeça em seu peito, me deixando chorar até as minhas lágrimas secarem. Eu me lembrava com exatidão do medo que senti quando Cissa recebeu o telefonema do hospital, pedindo para que fôssemos até lá. Estava toda dividida com a certeza de que meu pai era um monstro, mesmo assim, fiquei aterrorizada com a hipótese de perdê-lo, agora, eu me sentia ainda pior, pois sabia que ele não corria risco apenas por conta da sua saúde, mas porque outras pessoas queriam lhe fazer mal.

Ele era meu pai, meu único familiar vivo, não tinha como ficar indiferente a tudo isso. Com todo o perigo que ele estava começando a correr, consegui entender que eu realmente o amava, mesmo sabendo de tudo o que ele havia

feito no passado para Ramon e do modo como me manteve afastada por todos aqueles anos.

— Eu amo, mesmo ele não tendo sido o melhor pai do mundo — falei baixinho longos minutos depois, sentindo Ramon me acariciar por debaixo d'água.

— Eu não esperaria nada diferente do que isso, Gabi, porque sei que você tem um coração lindo — Ramon disse e eu levantei a cabeça para olhar em seus olhos com as minhas vistas embaçadas. — Sabe qual é o meu maior desejo?

— Qual?

— Que seu pai se recupere, se arrependa de tudo o que fez no passado e aproveite o resto da vida ao lado da filha maravilhosa que ele tem. Acho que ele não faz ideia da mulher incrível que você se tornou e tenho certeza que, quando descobrir, vai querer recuperar todos os anos perdidos ao seu lado, convivendo e aprendendo com você.

Meu coração só faltou explodir de amor.

— Ai, Ramon, você não pode ficar falando essas coisas, vou chorar de novo...

Ele riu e me puxou para mais perto pela cintura, antes de passar o polegar molhado pela minha bochecha.

— Só falei a verdade, meu amor, nada mais do que isso.

— Você é um homem incrível e tenho certeza que será um pai maravilhoso para os nossos filhos. Jamais vai repetir os erros que meu pai cometeu comigo.

— Nunca. Vou ser o melhor amigo dos meus filhos e só vou deixar as minhas meninas se casarem depois dos trinta ou quarenta, ainda estou decidindo.

Minha risada ecoou pelo banheiro e senti parte da minha tristeza e angustia ir embora, principalmente quando os olhos de Ramon brilharam e uma expressão de felicidade estampou o seu rosto.

— Você sabe muito bem que essa coisa de idade não funciona, não é? Eu tive o meu coração roubado aos dezenove anos por um fazendeiro chucro que está perto de completar quarenta. Pode ser que isso aconteça com elas também.

— Jamais, com dezenove anos, minhas filhas ainda serão um bebê!

— Só para você.

— Vou fazer com que todos os malandrinhos as enxerguem da mesma

forma que eu, pode ter certeza — falou com os olhos semicerrados em falsa ameaça, antes de passar os lábios pelos meus. — Então, quer dizer que eu roubei seu coração?

— Completamente, sem nem pensar nas consequências. Agora eu fico assim, que nem uma boba apaixonada pelos cantos.

— Pode ter certeza que você não é a única, eu também tive o meu coração roubado sem dó por uma mocinha que gosta de domar homens e cavalos de temperamento arredio.

— Você só foi arredio no começo, agora é um príncipe

— Príncipe? Eu não sei se esse título combina muito comigo.

— Combina, sim — falei, tomando seu rosto em minhas mãos. — Você é um homem maravilhoso que se preocupa comigo, se importa, acorda de madrugada para cuidar de mim quando tenho pesadelos, coloca seguranças para tomar conta do meu pai, mesmo ele tendo te machucado tanto no passado... Você é perfeito, Ramon. Meu príncipe-fazendeiro.

Ele deu uma risadinha e beijou meu pescoço depois de me dar um olhar envergonhado, como geralmente ficava ao receber um elogio.

— E você é a minha menina. Te amo muito — sussurrou, arrastando as mãos pelas minhas costas. Podia sentir que ele já estava ficando animadinho lá embaixo, mas não investia em sexo, como se estivesse respeitando o meu momento. Mais um motivo para eu ficar ainda mais louca por ele.

— Me mostra todo esse amor lá na nossa cama — pedi, rebolando contra o início da sua ereção.

Ele segurou a minha cintura e me encarou, sondando meus olhos.

— Tem certeza?

— Sim. Quero esquecer de todos os problemas nos seus braços, meu amor — murmurei, beijando seu pescoço até chegar à sua orelha. — Não me faça implorar.

Ele não fez. Saindo comigo de dentro da banheira, Ramon nos levou direto para a cama, onde me amou com intensidade, fazendo-me esquecer, pelo menos por algumas horas, de todos os sentimentos ruins que dominavam a minha alma.



RAMON

Gabriela acordou um pouco mais animada e praticamente devorou o café da manhã feito por Cissa, enquanto a atualizávamos sobre tudo o que havia acontecido na noite anterior. Fazendo o sinal da cruz, Cissa começou a tirar a mesa quando terminamos de comer, falando que iria tirar uma horinha para rezar e pedir proteção não só para Abraão, como para todos nós. Ela era uma mulher que tinha muita fé em Deus e, do jeito que era especial, tinha certeza que Ele a ouvia com mais atenção e carinho.

Pensei que Gabi ia querer visitar Abraão logo pela manhã, mas ela me surpreendeu ao pedir para cavalgarmos. Com Trovão domado e demonstrando que obedecia aos comandos de Gabriela, senti confiança em atender o seu pedido, mas reiterando que ela tinha que se manter ao meu lado durante todo o percurso, pois se Trovão se rebelasse ou fizesse qualquer movimento brusco, eu conseguiria tomar as rédeas de sua mão e controlá-lo.

Ficamos por um tempo em silêncio depois que nos afastamos dos rapazes. O sol batia contra a pele e os cabelos de Gabriela, a deixando mais linda do que nunca e mal consegui prestar atenção na paisagem, pois só tinha olhos para ela. Como se soubesse que estava sendo observada, ela inclinou o rosto para o lado e me olhou, me dando um sorrisinho.

— O que foi?

— Nada, só estou admirando a sua beleza. — As bochechas dela ficaram coradas e seus olhos brilharam sob a aba do chapéu. — O que está passando dentro dessa cabecinha? Quer compartilhar?

— Acredita que eu não estava pensando em nada? Acho que é a primeira vez, desde a hora em que acordei, que fico com a cabeça vazia — ela disse e me deu uma olhadinha sacana. — Parece que cavalgar e fazer amor com você são métodos perfeitos para desanuviar a mente.

Não consegui segurar a risada que escapou pela minha garganta, surpreso por ela falar aquilo bem na minha cara, quando achei que estaria pensando em toda a situação com Abraão.

— Bom, saiba que eu sempre estarei à disposição, principalmente se você quiser cavalgar em mim enquanto fazemos amor — entrei na onda dela e recebi um soquinho na altura das costelas.

— Como você é safado, meu Deus.

— Foi você quem começou, dessa vez eu sou inocente.

— Você não tem nada de inocente, Ramon Baldez.

O sol iluminou seus olhos fantásticos quando ela levantou a cabeça para me olhar e eu senti uma pontada no peito ao ver como ela estava mais relaxada, apesar de ainda estar muito preocupada com Abraão. Foi impossível não me lembrar de como a encontrei no banheiro de madrugada, seu desespero silencioso, a forma como desabou em meus braços e colocou todo o seu medo para fora. Acho que ela precisava daquele momento para poder se estabilizar e fiquei feliz por estar ali, por ser o seu suporte, por poder ampará-la, tanto dentro da banheira quanto depois, quando fomos para cama. Nos amamos com tanta intensidade que, por um momento, me permiti pensar que a nossa vida era perfeita, que nada ameaçava o seu pai e a deixava triste e que nenhum segredo do meu passado ainda esperava para ser revelado.

Eu sabia que estava chegando a hora de contar, não achava justo continuar a esconder aquilo de Gabriela, mas decidi que iria esperar só até descobrirmos o que João Marcelo estava pretendendo ao visitar Abraão com aquela mulher. Havia passado boa parte da noite, depois de Gabi pegar no sono, tentando imaginar o que ele estava planejando e quem poderia ser aquela mulher ao seu lado. Não havia descartado a possibilidade de ser Patrícia, mas algo naquela história não fazia o menor sentido. Sabia que havia errado com ela, mas não havia sido nada tão grave ao ponto de tentar se vingar. No entanto, se fosse ela, por que teria se aproximado justamente de Abraão? Qual seria o seu interesse nele? Como havia chegado até João Marcelo? Ou ele teria ido até ela?

Era praticamente impossível tentar controlar as voltas que minha mente dava, conforme inúmeras teorias iam se formando em minha cabeça. Tentava não deixar que Gabriela percebesse as minhas dúvidas — e até certo desespero, pois odiava a sensação de estar sendo enganado, de não ter controle sobre o que estava acontecendo —, mas, a verdade, era que estava tão preocupado quanto ela.

Voltamos para o casarão uma hora depois e, enquanto ela foi tomar banho e trocar de roupa, eu fui para o meu escritório ligar para Caio. Ele havia conseguido os dados do funcionário do hospital, me disse que ele se chamava André Santos, tinha vinte e sete anos, e morava com a mãe em uma vila que ficava atrás da rua dos restaurantes, bem no centro da cidade. Aparentemente, não parecia ter qualquer ligação direta ou indireta com João Marcelo, mas Caio providenciou alguém para ficar na cola do garoto, acompanhar a sua rotina, só por precaução e pediu ao diretor do hospital que ele não fosse

demitido até que déssemos o nosso aval. Obviamente, o diretor acatou o nosso pedido sem sequer questionar. Às vezes, ter dinheiro e poder era tudo o que um homem precisava para conseguir o que queria.

Nosso próximo passo seria ligar para João Marcelo e marcar uma reunião com ele, em caráter de urgência. Atraí-lo para a fazenda e o colocar contra a parede, tendo provas em mãos do que havia feito, faria com que abrisse o bico. Algo me dizia que, se apertássemos um pouquinho o advogado, ele não aguentaria e colocaria tudo para fora.

Depois de tomar um banho, Gabriela e eu nos despedimos de Cissa e fomos ao hospital visitar Abraão. Na porta de seu quarto, encontrei meu segurança, que me passou um relatório rápido assim que Gabi entrou, deixando bem claro que não houve nenhum movimento suspeito e que a noite havia sido tranquila. Em uma hora o outro segurança chegaria para o render e eu agradeci pelo trabalho, antes de entrar no quarto de Abraão.

Eu não gostava muito de ficar no mesmo ambiente que ele, mas não queria deixar Gabriela sozinha. Ela levantou a cabeça assim que me viu e me deu um sorriso, antes de voltar a segurar a mão do pai e conversar baixinho com ele, acariciando seus cabelos. Não conseguia deixar de pensar em como Abraão havia perdido anos da sua vida completamente sozinho naquela fazenda enorme, quando poderia ter vivido ao lado de Gabriela. Minha menina era tão maravilhosa que, talvez, poderia até ter mudado a personalidade do pai, se tivesse convivido com ele. De Gabriela, eu não duvidava nada.

— Ah, meu Deus! Ramon, vem cá, olha isso! Meu pai está apertando a minha mão! — Ela disse eufórica e eu me aproximei a passos largos, olhando as mãos unidas em cima cama. — Olha! Está vendo?

Realmente, Abraão apertava a mão de Gabriela por alguns míseros segundos e depois soltava, quase como se fosse um espasmo, ao invés de ser realmente um movimento voluntário de sua mão. Apesar de ter notado isso, não falei nada, pois não queria tirar a alegria de Gabriela.

— Isso é muito bom, meu amor.

— Sim! Acho que ele está me ouvindo! Pai, você está me ouvindo? Se estiver, aperte a minha mão com mais força.

Gabriela esperou com expectativa e até eu fiquei um pouco nervoso, esperando que Abraão seguisse o comando dela, mas segundos se passaram e nada aconteceu. Observei Gabriela murchar um pouco sobre a poltrona, a expressão animada sumindo do seu rosto, quando, de repente, ela se levantou

e se inclinou sobre o Abraão. Foi com espanto que o vi de olhos bem abertos, encarando o teto.

— Pai? Pai, está me ouvindo? Pai?!

Abraão começou a piscar rapidamente e movimentou a cabeça, como se procurasse por Gabriela, sua mão apertando a dela com mais força. Gabi me olhou com a boca aberta, visivelmente assustada, antes de voltar a falar com ele.

— Pai, estou aqui. Sou eu, Gabriela, o senhor está me ouvindo? Aperte a minha mão se...

— A... *Han*... A... — Ele começou a murmurar, abrindo a boca e tentando formar palavras.

— O que, pai?

— Calma, Gabi, vou chamar o médico — falei, mas acho que ela nem me ouviu.

Ao lado da cama havia um botão que acionava a equipe médica e estava prestes a apertá-lo, quando Abraão voltou a falar:

— I... A...

— O quê? Pai, calma, por favor...

— A... I... A... Ri... A...

Gabriela me olhou em desespero e eu apertei o botão várias vezes, vendo Abraão começar a balançar a cabeça, seus batimentos cardíacos aumentando rapidamente.

— Meu Deus, pai!

— Abi...

— Sim, pai, sou eu, a Gabi!

— Abi... A... E... Ia... A... Ri... A....

— Patrícia? É isso que o senhor está querendo dizer? É isso? — Gabriela perguntou com lágrimas saltando dos olhos, tocando o rosto vermelho de Abraão. — Pai, por favor, eu preciso saber...

— E... Ia... A... Ri... A...

A equipe médica entrou no quarto de repente e eu só tive tempo de tirar Gabriela de cima de Abraão antes que eles começassem a socorrê-lo. Ela ainda tentou tirar os meus braços de sua cintura, mas consegui a virar de frente para mim e colocar sua cabeça em meu peito antes que uma enfermeira injetasse uma medicação no soro de Abraão. A tirei do quarto antes que acabasse vendo mais alguma coisa que a deixasse traumatizada e fiz um sinal para que o segurança fechasse a porta.

— Meu amor, calma — pedi baixinho em seu ouvido, parando do outro lado do corredor.

— Ramon, você ouviu? Ele disse o nome dela, ele disse, eu entendi! — Ela disse em meio ao choro, desencostando-se do meu peito e me olhando nos olhos. — Ele disse um pouco enrolado, eu sei, mas eu entendi. Ele quis dizer Patrícia!

— Gabriela, calma...

— Não! Não é possível que você não tenha entendido!

Ela estava toda vermelha e tremia das cabeças aos pés, por isso, tomei seu rosto em minhas mãos e falei bem sério:

— Meu amor, você precisa se acalmar! Sei que está assustada e nervosa, eu também estou, mas ficar desse jeito não vai adiantar. Vai acabar passando mal.

Ela soluçou e me abraçou forte pela cintura, enfiando o rosto em meu peito. À nossa volta, alguns visitantes e enfermeiros davam olhares curiosos, mas ignorei todo mundo e a abracei com carinho, tocando em suas costas e deixando que levasse seu tempo para ficar mais calma. Seu corpo ainda tremia contra o meu e me senti impotente pra caralho por não poder sanar todas as suas dúvidas, por não poder arrancar o seu medo e dar a segurança que ela precisava naquele momento.

— Estou com medo. E se ele passou mal de novo? Ele estava muito nervoso... — ela sussurrou contra o meu peito.

— O médico virá falar com a gente em breve. Vamos torcer para que não tenha acontecido nada muito grave.

Como se tivesse me ouvido falar, o médico saiu do quarto de Abraão junto com os enfermeiros e Gabriela se afastou do meu peito, limpando rapidamente as lágrimas enquanto ele encurtava a nossa distância.

— Como ele está, doutor? — ela perguntou com a voz trêmula.

— Abraão está bem, conseguimos estabilizar a pressão e os batimentos cardíacos e irei adiantar para hoje a ressonância magnética que estava marcada para amanhã, para poder observar melhor os avanços do seu cérebro. Essa foi a primeira vez que ele tentou proferir algumas palavras e, pelo o que percebi, ele estava olhando diretamente para você, certo?

— Sim. E ele também apertou a minha mão. No começo foi bem fraco, mas depois apertou muito forte, como se quisesse me manter no lugar.

— Isso é muito bom, mas o que realmente não pode acontecer mais, é ele ficar agitado dessa forma ao acordar. Ministramos um sedativo para que se

acalmasse, mas vamos ficar observando conforme o efeito for passando, para ver se ele vai despertar.

— Está bem. Eu posso ficar mais um pouco com ele?

— Claro. Se houver qualquer alteração no quadro de Abraão, eu mesmo ligarei para informá-los — o médico garantiu, antes de se afastar.

Tomando a mão de Gabi, voltei com ela para o quarto de Abraão, que agora dormia como se nada tivesse acontecido. Sem falar nada, Gabi sentou-se ao seu lado e voltou a segurar sua mão, olhando para o seu rosto como se ali estivesse todas as respostas para as suas perguntas e me peguei fazendo o mesmo, estudando as feições mais velhas de Abraão, tentando entender o que ele quis dizer a Gabriela. Será que quis mesmo dizer o nome de Patrícia? As vogais proferidas por ele abriam um leque de possibilidades. Entendia que Gabriela havia ligado ao nome de Patrícia, pois estava com ela em mente, mas poderia ser um milhão de outras coisas.

Senti meu celular vibrar no bolso e fui mais para o fundo do quarto para poder atender. Li o nome de Cissa brilhando na tela.

— Oi, Cissa, pode falar.

— Ramon... Você precisa vir para casa agora — ela disse com a voz assustada, o que me deixou em alerta automaticamente.

— O que aconteceu?

— Não é algo que eu possa falar por telefone, mas você e Gabriela precisam voltar agora.

— Como assim não pode falar por telefone, Cissa? Fale agora o que está acontecendo!

— Venham logo, Ramon, por favor.

— Cissa...

Ela desligou e eu encarei o celular em minha mão como se ele tivesse criado uma cabeça. Que porra havia acabado de acontecer?

— Ramon, o que houve?

Virei-me e encontrei Gabriela atrás de mim com o semblante preocupado e as mãos ainda levemente trêmulas.

— Eu não sei. Cissa me ligou agora e disse que precisamos voltar para casa. Ela não quis me dizer mais nada. Podemos ir?

— Claro, vamos agora mesmo.

Gabriela deu um beijo na testa do pai e saímos juntos do hospital, ela em silêncio e eu tentando adivinhar o que havia acontecido em minha casa. Será que algum celeiro havia pegado fogo? Algum cavalo havia se machucado?

Odiava a sensação de não ter certeza de nada. Nunca dirigi tão preocupado em toda a minha vida e, quando estacionei em frente ao casarão, só tomei tempo para agarrar a mão de Gabriela e subir os degraus da varanda com pressa, encontrando com Cissa na porta de casa. Seu olhar aflito me deixou mais nervoso ainda.

— Cissa, o que aconteceu?

Os olhos dela ficaram cheios de lágrimas de repente ao fitarem Gabriela, o que me deixou confuso e assustado. O que quer que tivesse acontecido, tinha a ver com ela.

— Acho melhor vocês verem com seus próprios olhos, porque... Meu Deus, eu nem sei como começar a falar — ela disse, apontando para a sala.

Algo dentro de mim me disse que a minha vida e a de Gabriela mudariam para sempre quando colocássemos os pés na sala, mas respirei fundo e fui mesmo assim, agarrando a mão da minha menina como se ela fosse ser arrancada de mim a qualquer momento. Ela me olhou um tanto aflita, sem saber o que esperar, mas parou de supetão ao virar para frente e encontrar João Marcelo e a mulher que estava de pé ao seu lado.

Senti meu coração falhar duas batidas e me vi sem palavras ao entender exatamente o que Abraão havia tentado falar para Gabriela naqueles minutos de lucidez. A resposta para todas as minhas dúvidas, de repente, estava bem ali, na minha frente, em carne e osso. *Viva.*

Cecília estava viva.



“Então, olhe para mim agora
Porque existe apenas esse espaço vazio
E não restou nada para eu recordar
Só a lembrança do seu rosto”

Against All Odds (Take A Look At Me Now) – Phil Collins

GABRIELA

O meu senso de realidade ficou para trás no momento em que coloquei os pés naquela sala. Essa seria a única explicação plausível para justificar o que estava bem ali, na minha frente, tão real, que eu não queria acreditar. Meus olhos desceram lentamente pelos cabelos loiros, as sobrancelhas levemente arqueadas, os olhos azuis, o nariz pequeno e afilado e os lábios entreabertos. Todas as características que eu conhecia de cor, de tanto olhar a sua foto ao longo da minha vida, pois morria de medo de me esquecer dos seus traços, de me esquecer de como ela era. Mas não era ela. Simplesmente não poderia ser.

— Gabi!

Só senti que minhas pernas fraquejaram, quando Ramon tomou a minha cintura, mantendo-me firme enquanto eu sequer conseguia piscar. Sentia meus olhos secos, vidrados em cima daquela cópia surreal — e um pouco mais velha — da minha mãe. Pois *essa* era a única explicação. Aquela mulher estava fingindo ser a minha mãe. Os olhos dela se arregalaram e uma expressão de dor tomou conta do seu rosto, seus braços se esticando, como se

quisessem me pegar no colo.

— Filha... — Ela deu dois passos em minha direção e observei com pavor os seus olhos se encherem de lágrimas.

— Não...

— Filha, por favor, eu...

— Não! — Gritei, desvencilhando-me dos braços de Ramon e dando dois passos para trás. — Para com isso, para de me chamar... Disso.

Lágrimas grossas escorreram pelas suas bochechas e sua mão pressionou o peito, como se sentisse dor no coração. Observei tudo aquilo com pavor, meu corpo ficando trêmulo, o peito apertado e a mente dando voltas. Eu só poderia estar sonhando, pois não havia a mínima possibilidade de aquilo ser real.

— Que brincadeira de mau gosto é essa? — Ramon perguntou, bem mais controlado do que eu, parando ao meu lado e tomando a minha mão.

Pude sentir o olhar da mulher em cima de nós dois, enquanto observava seu queixo tremer e o rosto ficar avermelhado pelo choro. Atrás dela, João Marcelo passou a mão pela testa, como se estivesse incomodado, mas não falou nada.

— Gabriela... — A mulher voltou a se aproximar, mas parou quando Ramon me abraçou pelos ombros e encostou minha cabeça em seu peito. Seu coração batia tão forte e acelerado quanto o meu, apesar de estar visivelmente mais calmo. — Por favor, vamos conversar, eu preciso explicar...

— Não há nada para explicar! A minha mãe está morta há quinze anos, você é só... Uma cópia — sussurrei no final, sentindo meus olhos ficarem cheios de lágrimas de repente. Doía olhar para ela. Doía tanto, que senti meu estômago começar a embrulhar. — Ramon, por favor, tira ela daqui — pedi baixinho, agarrando-o pela cintura e fechando os olhos com força. — Por favor.

Senti o corpo de Ramon ficar tenso e seus braços ficaram mais pesados ao meu redor, os dedos se infiltrando em meu cabelo perto da nuca.

— Acho que deu para entender que esse não é um bom momento. Por favor, vão embora, ou não hesitarei em chamar os seguranças.

— Talvez seja realmente melhor voltarmos outra hora — ouvi João Marcelo dizer.

— Não! Eu não saio daqui enquanto não explicar tudo para a minha filha!

Senti uma revolta tão grande ao ouvir aquilo, que um gosto amargo tomou a minha boca e um arrepio gelado desceu pela minha nuca, fazendo cada

parte do meu corpo estremecer. Desvencilhando-me de Ramon, virei-me para a mulher e me aproximei dela a passos rápidos, fechando a nossa distância e olhando bem fundo em seus olhos. Meu coração se espatifou no peito, porque eram exatamente os mesmos olhos que me fitavam com carinho quando eu era apenas uma criança, mas não me permiti acreditar.

— Apenas duas coisas podem sair da sua boca e nenhuma delas me deixará feliz! Ou você é uma farsa, uma mulher muito parecida com a minha mãe e resolveu se juntar a esse advogado para tentar fazer algo contra mim e contra o meu pai, ou realmente *é* a minha mãe e se fingiu de morta por mais de uma década, deixando-me para trás sem pensar em mim sequer uma vez! — Gritei apontando o dedo trêmulo na cara dela, antes de Ramon me puxar para trás pela cintura.

A mulher quase se curvou, os ombros caídos e as lágrimas descendo como fossem a queda de uma cachoeira. Ela transmitia tanto pesar que, por um momento, minha indignação começou a vacilar, mas me esforcei para não cair naquele teatro. Para mim, não havia outra explicação para o que estava acontecendo naquele momento, no meio daquela sala. Se ela fosse uma farsa, faria questão de expulsá-la dali aos chutes, mas se fosse minha mãe... Eu não queria nem pensar naquela possibilidade.

— Não foi assim... Eu nunca deixei de pensar em você, filha, eu juro. Todos os dias, durante esses quinze anos, foi apenas em você que eu pensei, só em você... — ela murmurou com a voz trêmula, passando a mão pelo peito.

— Mentira. Pare de mentir, você não é a minha mãe!

— Sou eu, filha. Sei que deve estar com raiva e confusa, mas sou eu. A lembrança mais bonita que eu tenho em minha memória foi do momento em que você nasceu. No dia dezesseis de março, depois de cinco horas de trabalho de parto, você veio para os meus braços, uma bolotinha de três quilos e duzentos gramas, com uma penugem fina na cabeça e olhos encantadores. Minha Gabriela... — Ela sorriu em meio às lágrimas, como se a lembrança fosse muito especial. — Eu vivi os melhores dias da minha vida ao seu lado. Ter que me distanciar de você foi a maior dor que já enfrentei. Por favor, acredite em mim, fiz isso para o nosso bem, meu amor. Eu juro.

Suas palavras me golpearam com força, cortando ao meio a raiva e a indignação que eu sentia, enquanto a realidade me dava um tapa atrás do outro, bem no meio da minha cara. Olhei para aquela mulher, sua postura arrasada, o rosto molhado pelas lágrimas, os olhos azuis que praticamente me

imploravam para acreditar em suas palavras e me vi sem forças quando percebi que não dava mais para fingir que ela não era quem dizia ser. Aquela mulher era Cecília, minha *mãe*. Atrás de mim, Ramon me amparou quando minhas lágrimas voltaram a se derramar e um soluço escapou da minha garganta.

— Por quê? — perguntei baixinho, sem saber se realmente queria ter conhecimento da verdade.

Com os lábios trêmulos, Cecília se aproximou e passou a mão pelo meu rosto, secando as minhas lágrimas com o polegar. Seu toque pareceu me queimar, trouxe de volta à minha memória, cenas entrecortadas de momentos que passamos juntas. Seu abraço, sua voz sussurrada em meu ouvido quando me colocava na cama, sua mão na minha, levando-me ao pasto para podermos montar à sua égua. Coisas pequenas que eu nem sabia que ainda tinha registradas em minhas lembranças.

— Por que fez isso? — perguntei novamente, sentindo os braços de Ramon ao meu redor, me apertando um pouco mais quando minha mãe terminou de fechar a nossa distância. Era como se ele quisesse me arrancar dali e me proteger de todo mal.

— Porque se eu não me fingisse de morta, seu pai iria me matar — confidenciou, olhando rapidamente na direção de Ramon, antes de voltar a me olhar.

— O quê?

Pensei que eu tivesse entendido errado, mas sua mão trêmula ainda contra o meu rosto e seus ombros curvados me mostraram o contrário.

— Seu pai era um homem extremamente ciumento e... Ele perdia o controle com muita facilidade quando tinha ataques de raiva...

— Está querendo dizer que meu pai batia em você? — Ela apenas assentiu e eu senti meu estômago ficar gelado, retorcendo-se a ponto de me fazer sentir vontade de vomitar. — Mentira! Eu não me lembro de nada disso!

— Você nunca presenciou porque, sempre que ele começava a ficar nervoso, eu pedia para que a babá ficasse com você no quarto. Meu maior medo era que você visse o que ele fazia comigo, ou pior, que ele acabasse se voltando contra você. Abraão ficava irreconhecível naqueles momentos, eu não conseguia confiar nele. Então, começaram as ameaças... Ele deixava cada vez mais claro que estava perto de perder o controle comigo e eu senti muito medo de que me matasse. Meu plano inicial era fugir com você, mas, de alguma forma, ele descobriu e ameaçou me prender dentro da fazenda. Vi nos

olhos dele que era capaz de me matar antes de me deixar fugir, por isso, resolvi ser mais rápida do que ele e planejei a minha falsa morte.

Era coisa demais para processar, senti minha mente dar voltas e um bolo se formar em minha garganta, suor frio molhando a minha pele. Minha visão ficou turva de repente e, quando forcei para enxergar alguma coisa, vi Ramon na minha frente, suas mãos tomando o meu rosto. Seu olhar preocupado me deixou mais afetada ainda.

— Gabriela, fala comigo!

— Me tira daqui... Estou passando mal...

Minhas pernas falharam e Ramon me pegou no colo rapidamente, indo em direção às escadas. Mesmo com a cabeça zonza, consegui escutar a voz de Cecília me chamando e a vi caminhando rapidamente atrás de Ramon, prestes a subir as escadas.

— Fique aí! — Ramon ordenou a ela com a voz dura, antes de terminar de subir os degraus e praticamente correr para o nosso quarto. Minha boca se encheu de saliva e a bile parou em minha garganta quando ele me colocou sentada na cama. — Meu amor, fala comigo, o que você está sentindo?

— Vou vomitar.

Só tive tempo de andar a passos trôpegos até o banheiro e me ajoelhar em frente ao vaso sanitário, antes de colocar para fora tudo o que havia comido no café da manhã. Senti Ramon segurar meu cabelo e espasmos horríveis dominaram o meu abdômen enquanto eu vomitava, uma dor agonizante se espalhando por todos os músculos do meu corpo e me deixando cansada, com a cabeça latejando e o peito apertado. Terminei esgotada, com lágrimas, que eu não sabia dizer se eram por conta do esforço ou do desespero que eu sentia, molhando minhas bochechas.

Ramon passou uma toalha úmida em minha boca e me deixou encostar a cabeça contra o seu peito, permitindo-me ouvir o barulho acelerado dos seus batimentos cardíacos. Com cuidado, me pegou novamente no colo e me levou de volta para o quarto, sentando-se na cama junto comigo, seus braços ao redor do meu corpo, esquentando-me e me protegendo. Queria ficar ali para sempre, escondida de tudo o que me fazia chorar.

— Minha menina... — sussurrou, passando os lábios pela minha testa levemente molhada de suor. Era como se, assim como eu, ele não soubesse o que dizer.

— Diz pra mim que isso tudo é um pesadelo, Ramon. Que eu vou acordar e que a nossa vida vai voltar ao normal.

Ele suspirou e tocou em meu rosto, levantando a minha cabeça para poder olhar em meus olhos.

— Era tudo o que eu mais queria, pode ter certeza. Está se sentindo melhor?

Balancei a cabeça, negando. Parecia que um trator havia passado pelo meu corpo umas dez vezes seguidas. Tudo doía, minha cabeça latejava e meu estômago parecia preparado para me fazer vomitar de novo, caso ainda houvesse alguma coisa dentro dele. Fechei os olhos e deixei que Ramon acariciasse minha nuca, minhas costas e minha bochecha, sentindo muita vontade de chorar, mas sem forças para deixar que as lágrimas rolassem. Em minha mente, imagens da minha mãe me perturbavam, sua versão no passado e essa versão de agora, viva, contando-me coisas que eu não queria acreditar que eram verdades.

— Por que ela voltou? Saber que estava morta doía menos do que saber que esteve viva durante todos esses anos — confidenciei ainda de olhos fechados e o rosto pressionado ao peito de Ramon.

— Só ela poderá responder às nossas perguntas, Gabi.

Abri os olhos e encontrei os dele aflitos, sérios. Era como se mil coisas passassem pela sua cabeça naquele momento.

— Você também está confuso, não é? Vocês foram amigos no passado? Na época em que ainda se dava bem com o meu pai?

Os dedos de Ramon pararam de se movimentar em minha nuca e suas sobrancelhas se franziram. Por um momento, pensei até ter visto seu maxilar ficar cerrado, mas acho que foi apenas uma ilusão.

— Sim, fomos próximos durante algum tempo — murmurou com os olhos distantes, antes de voltar a me encarar. — Mas sei que o que estou sentindo agora não chega nem perto do que está acontecendo aqui.

Sua mão tocou meu peito, bem em cima do coração e eu assenti, sem saber mais o que dizer. Tinha um mundo de perguntas se formando em minha cabeça e sabia que apenas Cecília tinha as respostas, mas não queria ter que olhar para ela de novo. Sentia-me mal só de lembrar que ela estava lá embaixo, há pouquíssimos metros de distância de mim, quando, até hoje de manhã, ela estava morta. Um arrepio horrível passou pelo meu corpo e aquela sensação ruim, a mesma que senti de madrugada, me invadiu de novo, me deixando deprimida e morrendo de medo do que estava por vir.

— Pelo menos agora a gente sabe quem era a mulher foi visitar o seu pai ontem à noite e o que ele estava tentando dizer a você quando acordou hoje

— Ramon disse, voltando a acariciar minha nuca.

— Bom, agora estou com mais dúvidas do que antes. Por que ela foi visitá-lo daquela forma? Ela poderia ter vindo aqui antes, se sua pretensão era revelar para mim que estava viva.

— Não consigo imaginar a intenção dela com tudo isso, Gabi — Ramon disse com sinceridade e eu o entendia completamente. — O que você quer fazer agora?

— Escovar os dentes.

Ramon riu baixinho e passou o polegar pelos meus lábios, mas os fechei antes que ele pudesse molhar o dedo com a minha saliva. Minha boca estava com gosto de azedo, pelo amor de Deus! Voltando a ficar sério, ele tocou o meu queixo.

— Quer que eu mande os dois embora?

— Não sei. E se ela não voltar mais? — perguntei baixinho, me sentindo uma boba por pensar naquilo. Ela havia me abandonado por quinze anos, eu deveria *querer* que ela não voltasse mais.

— Eu duvido que ela não volte. Cecília vai querer conversar com você e, sinceramente, Gabi? Você tem que encará-la e exigir saber o porquê de ela ter feito tudo isso. É o mínimo que ela pode fazer depois de ter fingido que estava morta durante todo esse tempo.

— Tem razão, mas não quero fazer isso hoje. Parece que um caminhão passou por cima de mim, estou cansada de tudo.

— É compreensível, meu amor. Você passou por emoções demais hoje. Vamos fazer assim, vai escovar os dentes e enche a banheira, prepara um banho bem gostoso e eu vou lá embaixo despachar as visitas indesejadas.

Acabei rindo sem querer da careta que ele fez e o abracei com força, beijando seu peito bem em cima daquele coração que eu amava tanto.

— Vai voltar para tomar banho comigo?

— Você achou que eu não voltaria? Não seria louco de te deixar sozinha hoje, vou cancelar todos os meus compromissos para cuidar da minha menina.

Meus olhos se encheram de lágrimas ao ver o amor em sua expressão, a preocupação e o cuidado comigo. Deus do céu, amava tanto aquele homem que chegava a sentir meu coração se apertar. Tocando meu rosto, ele disse com seriedade.

— Eu te amo muito, Gabriela. Promete para mim que nunca vai duvidar disso? Que nunca vai duvidar do tamanho do amor que eu sinto por você?

— Nada no mundo seria capaz de me fazer duvidar do seu amor, Ramon. Eu vejo esse sentimento em cada um dos seus atos, eu sinto no seu toque, no seu olhar, nos seus beijos... Em tudo o que faz por mim.

Pude ver seus olhos se encherem de lágrimas rapidamente e senti meu coração ficar acelerado. Meu Deus, Ramon iria chorar? Acho que nunca tinha o visto daquela forma. Antes que as lágrimas rolassem, ele fechou os olhos e encostou a testa na minha, me apertando com tanta força que cheguei a ficar sem fôlego.

— Te amo muito — sussurrou de novo, espalhando beijos pela minha bochecha. — Te amo demais, meu amor.

— Eu também te amo muito, mas não vou deixar você beijar a minha boca.

Ramon gargalhou e se afastou um pouco, me olhando como se não pudesse acreditar que eu havia realmente falado aquilo.

— Eu estava sendo romântico e me declarando, mas você estragou o clima.

— Melhor estragar o clima do que você pegar trauma dos meus beijos com o gosto que está na minha boca — falei, ajoelhando-me entre as suas pernas. — Obrigada por ser o melhor namorado do mundo e por cuidar tanto de mim, meu fazendeiro romântico.

— Me agradeça me dando um beijo — ele disse e eu fiz uma careta, vendo o seu sorriso. — Depois de escovar os dentes — acrescentou logo, apertando a minha cintura.

Deixei um beijo em sua bochecha e me levantei, sentindo-me tonta, mas menos triste do que minutos atrás. Ramon era o único responsável por sarar cada ferida dentro do meu coração.



RAMON

Meu bom-humor ficou no quarto assim que fechei a porta atrás de mim. Abalado, encostei-me rapidamente na parede e fechei os olhos com força, passando a mão pelos cabelos e sentindo minha cabeça latejar. Gabriela não era a única a sentir os efeitos físicos do que havia acabado de acontecer, no entanto, não poderia demonstrar a ela como estava assustado, desesperado

por simplesmente não saber o que esperava por nós dois dali em diante.

Cecília estava viva. A ficha ainda não havia caído completamente. Uma parte de mim achava que tudo aquilo realmente era um sonho muito ruim e que, ao acordar, minha vida ainda seria a mesma e a única preocupação em minha mente seria encontrar um jeito de contar a Gabriela sobre o meu passado com a sua mãe, enquanto a outra parte queria dar um jeito de esconder a minha menina, pois algo dentro de mim dizia que Cecília não havia voltado à toa. Não conseguia confiar nela. Não consegui acreditar em uma única palavra que havia saído da sua boca enquanto estivemos em sua presença.

Respirando fundo, coloquei uma expressão impenetrável no rosto e desci às escadas, encontrando Cissa e Caio cochichando na varanda. Assim que me viu, Caio passou as mãos nos ombros de Cissa e se aproximou de mim. O assombro em seu rosto poderia ter espelhado a minha reação quando entrei na sala e vi Cecília de pé ao lado do *advogadozinho* filho da puta.

— Que porra é essa, cara? Eu ainda não consigo acreditar! — Sussurrou como se Cecília pudesse ouvir no outro cômodo.

— Ainda estou tentando digerir tudo o que está acontecendo.

— Se eu não tivesse visto a ex-morta com os meus próprios olhos, acharia que Cissa estava querendo tirar sarro com a minha cara.

— Ela te viu?

— Não, eu só olhei pela fresta da sala, escondido atrás da parede. Ela e o babaquinha estavam conversando aos sussurros, sentados no sofá. — Caio coçou a testa e me olhou com preocupação. — Não estou gostando nada disso, Ramon. Essa mulher é maluca? Como alguém se finge de morta por quinze anos? Quinze anos, porra! E volta assim, de repente?

— É isso que eu quero saber. Ela contou uma história muito esquisita para Gabriela enquanto chorava, mas não consegui acreditar em nada. Só quero descobrir qual é a verdadeira intenção dela. A mulher estava morta até hoje de manhã, pelo amor de Deus! — Falei, demonstrando como estava exasperado. — Quase infartei quando a vi na minha sala.

— Quase morri quando Cissa me contou. Ela me disse como a Gabizinha reagiu. Como ela está agora?

— Abalada e confusa, chegou a passar mal, fiquei preocupado que desmaiasse, mas agora está um pouco melhor. Desci pra expulsá-los daqui e vou voltar para ficar com ela.

— Faça isso e, depois, tire um tempo para pensar, Ramon. Agora eu mudei

totalmente de opinião e acho que você tem que contar tudo para Gabizinha, antes que essa louca faça alguma besteira

— Eu sei, vou contar a ela — murmurei, sentindo-me sufocado, como se duas mãos apertassem meu pescoço até cortar a passagem de ar.

— Logo — ele reiterou, apertando rapidamente meu ombro. — Vamos lá expulsar a ex-defunta da sua casa. Não sei se percebeu, mas o clima está meio mórbido, não gosto nada disso.

Cecília se levantou do sofá assim que entrei na sala ao lado de Caio, seus olhos levemente arregalados me varrendo da cabeça aos pés, me fazendo sentir mal. Não deixei que percebesse a reação que causava em mim e lancei um olhar duro para o advogado, que se levantou ajeitando a gravata, como se a peça estivesse apertando demais o seu pescoço. Ali estava uma coisa que queria fazer naquele exato momento, trucidar seu pescoço entre as minhas mãos até que soltasse qual era o plano que havia armado com Cecília.

— Ramon, será que a gente pode conversar? — Ela perguntou, torcendo as mãos na frente do corpo.

Tudo em sua expressão, em seu jeito de agir, lembrava-me o passado, só que agora, eu não sentia nada. Olhando para ela, só conseguia enxergar uma farsa. Será que sempre havia sido assim e eu nunca me dei conta?

— Não temos nada para conversar.

— Como não? Ramon, eu voltei! Não é possível que não esteja curioso sobre tudo o que aconteceu comigo nesses últimos quinze anos.

— Nos últimos quinze anos eu achei que você estava morta, Cecília, o que você fez durante esse tempo não me interessa nem um pouco. A única pessoa que precisa saber de tudo é a Gabriela, porém, no momento, ela está abalada demais e não quer conversar.

— E ela sabe de *tudo*, Ramon? — perguntou com o queixo tremendo, mas os olhos sem lágrimas. Não sabia identificar se estava triste ou com raiva.

Não deixei que seu questionamento me abalasse, nem que tentasse descobrir através da minha expressão se Gabriela tinha conhecimento sobre tudo ou não.

— Ela sabe que a mãe dela apareceu viva, depois de ter sido declarada como morta há quinze anos, Cecília. Creio que isso é o suficiente por hoje — falei, dando um passo para trás. — Quero que saia agora da minha casa e leve esse aprendiz de advogado com você. Quando Gabriela estiver disposta a conversar, entro em contato com esse fantoche e aviso.

Ela colocou uma mecha do cabelo atrás da orelha e passou a língua pelos

lábios, o rosto se transformando em uma careta de pesar.

— Não sei por que está me tratando assim. Sei que o meu retorno foi um choque, mas isso não é justificativa para ser tão frio e grosso comigo. Se soubesse por tudo o que passei...

— Não me interessa o que você passou! A única coisa que realmente importa para mim é a Gabriela e, neste momento, ela está sozinha no nosso quarto, enquanto estou aqui, perdendo meu tempo com você. Por favor, vá embora, antes que eu seja obrigado a chamar os seguranças!

A melancolia em seu olhar passou em um piscar de olhos, enquanto se aproximava de mim a passos largos.

— Gabriela é minha filha, Ramon, *minha* filha! Não sei se você ainda se lembra desse detalhe, mas eu lembro muito bem!

— E quando foi que você se lembrou disso? Porque não foi durante os quinze anos em que esteve se fingindo de morta, Cecília — falei bem frio, vendo seu olhar furioso vacilar. — Vou precisar chamar os seguranças?

— Não será preciso, Sr. Baldez, estamos indo embora agora mesmo — João Marcelo disse, apoiando uma mão no ombro de Cecília, que não tirou os olhos de cima de mim. — Eu aluguei uma casa no centro da cidade, posso passar o endereço por mensagem, se quiser.

— Mande para mim, você tem o meu número — Caio disse e o advogado assentiu.

— Certo, farei isso ainda hoje. Cecília, vamos?

Cecília piscou, fazendo algumas lágrimas molharem as bochechas e secou o rosto rapidamente para tentar se recompor.

— Pode dizer a Gabriela que estarei aguardando o contato dela, por favor? Diga que eu sinto muito e que quero explicar melhor tudo o que aconteceu e o porquê de eu ter precisado mentir.

— Farei isso.

Ela assentiu e passou por mim com João Marcelo ao seu lado, mas antes de sair, virou-se e me fitou exatamente da mesma forma que me olhava no passado. Devoção e tristeza se misturavam em seus olhos azuis.

— Posso ter me fingido de morta por todo esse tempo, mas isso não significa que eu não tenha pensado em você, Ramon. Se eu pudesse voltar atrás, teria feito tudo diferente.

Senti a descrença se misturar a todos os outros sentimentos que me assolavam desde o momento em que voltei para casa. Cecília não era burra, ela sabia muito bem que Gabriela e eu éramos um casal. Como tinha coragem

de olhar nos meus olhos e me dizer uma sandice daquela? O que passava pela sua cabeça? Acho que não consegui sustentar a minha máscara de indiferença por mais tempo, pois seus olhos se arregalaram enquanto me encaravam, provavelmente em choque ao ver o asco refletido em minha expressão.

— Eu não faria nada diferente, Cecília. Nem antes e muito menos agora.

Ela ofegou baixinho e se virou quando João Marcelo a puxou delicadamente pelo braço, finalmente a tirando da minha casa. Assim que vi pela janela eles entrando no carro sedan, joguei-me no sofá, sentindo meu coração lutar para acalmar suas batidas frenéticas. Naquele momento, acho que eu me sentia quase igual a Gabriela; era como se um caminhão tivesse passado por cima do meu corpo.

— Essa mulher tem um objetivo em mente, Ramon, é perceptível em cada gesto que ela faz. Tudo ali é premeditado — Caio disse, chamando a minha atenção. Ele estava tão sério, que sequer ousei o interromper. — Tome cuidado, não deixe que ela fique sozinha com Gabriela, Cecília não era confiável antes e está pior agora.

— Que bom que eu não fui o único a perceber isso — murmurei, esfregando meus olhos. — Pensei que a minha maior preocupação seria Abraão acordar com consciência suficiente para mandar me matar, ou contar tudo para Gabi antes de mim... Quem dera esses ainda fossem o meu pior pesadelo — falei, soltando uma risada sem humor.

— Essa hipótese ainda não pode ser descartada — ele comentou e eu assenti, tendo plena consciência disso. — Vai lá cuidar da Gabizinha, Baldez, e deixa que eu me viro com os seus *e-mails* e telefonemas. Vou avisar ao Zé que você não vai poder fazer a ronda pela fazenda e falar para o diretor do hospital que já pode demitir o funcionário. Agora que sabemos quem é a tal mulher, ele não tem serventia alguma pra gente.

Ele me estendeu a mão para me ajudar a levantar do sofá e eu aceitei, o puxando rapidamente para um abraço.

— Obrigado por tudo, irmão.

— Para, Ramon, não vou entrar na fila de corações apaixonados por você — o babaca disse antes de se afastar. — Sabe que pode contar comigo pra tudo. Inclusive, se quiser entrar com uma denúncia contra a falsa defunta, é só me avisar. Pelas minhas contas, ela pode responder por uns cinco ou seis crimes.

— Minha prioridade é a Gabriela e acho que ela não quer que a mãe, que até ontem estava morta, vá parar na cadeia. Vamos com calma.

— Tem razão. Mas tem algo que precisamos fazer com urgência, Ramon — ele disse e eu o olhei com atenção. — Colher informações de Cecília e checar a veracidade de tudo o que ela disser. Ela disse que quer conversar e contar tudo para Gabriela, então, assim que ela fizer isso, precisamos tomar conhecimento de tudo o que foi dito e investigar para saber se é verdade ou não.

Caio tinha muito conhecimento, sabia que, para ele, seria fácil descobrir se Cecília contaria ou não a verdade para Gabriela.

— Assim que as duas conversarem, vou contar a Gabriela sobre o seu plano. Acho que ela não vai se opor.

— Faça isso, estarei esperando. E fala para Gabizinha que mandei um beijo para ela.

Ele apertou meu ombro antes de ir para o meu escritório e eu respirei fundo, indo para o meu quarto.



O que quer que aconteça
Não solte a minha mão”

Whatever Happens – Michael Jackson

RAMON

Entrei em meu quarto e, antes de entrar no banheiro, parei por um segundo e fechei os olhos, tomando coragem para encarar Gabriela e contar tudo logo de uma vez. Sabia que era isso que precisava ter feito há muito tempo, mas vinha sempre adiando, esperando o momento certo chegar para não a chocar demais. Talvez *esse* fosse o momento certo. Era melhor que soubesse por mim do que por Cecília, principalmente porque eu não fazia a mínima ideia de qual era o seu verdadeiro intuito ao revelar que estava viva depois de quase duas décadas.

Engolindo em seco, decidi que contaria tudo em detalhes, não esconderia nada, justamente porque não queria que lhe restasse qualquer dúvida. Tentando ser positivo, apeguei-me à promessa que Gabi havia me feito quando estávamos na cama, onde disse que nunca duvidaria do meu amor. Ela só precisava confiar no meu sentimento por ela, apenas isso, e enfrentaríamos o resto juntos. Preparado, entrei no banheiro pensando que iria encontrá-la na banheira, mas me assustei ao vê-la de pé em frente ao espelho, usando apenas calcinha e sutiã. Ela estava tão entretida observando a própria imagem, que sequer havia percebido a minha presença.

— Gabi, o que está fazendo?

Seus olhos encontraram os meus através do espelho e me aproximei a passos largos, encurtando logo a nossa distância, enquanto descia meus olhos pelo seu corpo através do reflexo. Não consegui enxergar nada de diferente.

— Você acha que sou parecida com ela?

Sua pergunta me atingiu como um soco e parei a dois passos de alcançá-la, quase perdendo o ar dos pulmões. Gabriela sequer percebeu a minha reação, voltando a encarar o próprio reflexo.

— Eu me lembro de ficar encarando a minha imagem no espelho com uma foto da minha mãe nas mãos, assim que ela morreu. Acho que é a lembrança mais nítida da minha infância. Quando criança, meus cabelos eram mais claros e isso fazia com que eu me sentisse mais parecida com ela, mas o tempo passou e eu fui mudando. Sei que sou mais parecida com o meu pai, mas você acha que eu tenho algum traço similar ao dela, tirando a cor do olho esquerdo?

Meu coração batia como o galope de um cavalo em meu peito, enquanto eu pensava no que fazer, no que dizer. Tinha medo de que qualquer uma das minhas palavras a magoasse. Fechando de vez a nossa distância, a abracei por trás e beijei seu ombro, escondendo meu rosto na curva do seu pescoço e respirando fundo, tentando resgatar a coragem que havia reunido antes de entrar no banheiro.

— Acho que suas sobrancelhas e seu queixo são parecidos com os dela — falei baixinho, voltando a encarar seus olhos através do espelho. Ela assentiu.

— Notei isso também. Eu não me lembrava que ela era tão alta, nem que tinha a pele tão clara, apesar das fotos que ainda tenho guardadas. No fundo, eu ainda acho que tudo isso é um sonho muito maluco, Ramon. Acho que a minha ficha ainda não caiu.

Não podia deixar de concordar com ela, pois, para mim, tudo aquilo também um sonho bem louco. Um pesadelo, na verdade. Nunca pensei que seria visitado por fantasmas do meu passado. Observei a banheira já cheia do outro lado do cômodo através do espelho e tirei minha blusa, as botas e as meias rapidamente, antes de soltar o sutiã de Gabriela na altura das costas e descer as mãos pela lateral do seu corpo até enganchar os dedos na calcinha. Ela ficou completamente nua e eu senti um desejo ferrenho de tirá-la da fazenda, levá-la para o chalé e ficar lá até toda aquela loucura terminar.

Depois de tirar a calça jeans e a cueca, fomos juntos para a banheira e a acolhi entre os meus braços, sentindo seu corpo bem colado ao meu, as costas pressionadas contra o meu peito e minhas mãos acariciando sua barriga. Por

um segundo, fechei os olhos e passei o nariz por sua nuca, angustiado, com muito medo de que ela fosse me deixar depois que eu contasse tudo.

— Será que o que ela contou é verdade? Sobre o meu pai bater nela no passado? — ela perguntou no momento em que abri a boca para começar a revelar tudo. — Eu nunca ouvi nada sobre isso, Ramon. Não quero acreditar que meu pai seja tão ruim a esse ponto, mas, ao mesmo tempo, se ela forjou a própria morte para fugir dele por conta disso, eu sinto que, talvez, eu possa perdoá-la. Mas como vou perdoá-lo?

Sua angústia e dúvida eram tão grandes que, de repente, me senti um covarde por cogitar jogar sobre ela a verdade do meu passado com Cecília. Era nítido como Gabriela estava sofrendo com tudo o que estava acontecendo, como eu teria coragem de jogar mais uma bomba em seu colo? Ela não precisava lidar agora com o fato de que eu havia me envolvido com a sua mãe no passado. Decidi que esperaria mais alguns dias, só até ela conseguir processar tudo o que estava acontecendo. Virando-se de lado, ela me encarou.

— Como vou conseguir olhar para o meu pai se Cecília estiver falando a verdade, Ramon?

— Eu não sei se ela está falando a verdade ou não, Gabi. A única coisa que sei, é que Santo Elias é uma cidade pequena, quando Cecília “morreu”, seu pai ainda era o homem mais poderoso da região, empregava mais da metade da cidade e nunca ouvi ninguém comentar sobre isso. Se ele realmente agredia Cecília, ambos escondiam isso muito bem.

Senti-me mal de repente, porque, se fosse realmente verdade, talvez eu não devesse ter sido tão cruel com Cecília ao mandá-la embora da minha casa. No passado, sempre me senti tocado pela tristeza em seus olhos, pelo modo como parecia frágil. Era quase como se me jogasse um encanto, como se quisesse me cegar para o fato de que estava se envolvendo comigo e com Abraão ao mesmo tempo. Depois que descobri a sua farsa, fiz de tudo para me afastar e coloquei um ponto final quando percebi que, no fundo, ela jamais ficaria comigo, pois eu não tinha algo que Abraão praticamente esbanjava: dinheiro.

Talvez tenha sido isso que me fez agir de forma tão dura minutos atrás. O encanto e a paixão que eu havia sentido por Cecília haviam morrido no momento em que decidi sair da sua vida, há mais de vinte anos. Pensei que não houvesse restado nada, mas agora eu conseguia entender que tudo o que eu sentia por ela, era desconfiança. Não conseguia enxergar verdade em

nenhuma de suas atitudes.

— Meu pai nunca foi um homem agressivo, pelo menos não comigo. Ele sempre foi frio e distante, mas nunca me tratou com violência, nunca levantou a voz para mim. Não consigo colocá-lo no papel de um agressor de mulheres, apesar de saber que homens assim não vêm com uma placa escrita na testa — ela disse com certo desespero e eu acariciei suas costas, tentando a acalmar. Por fim, ela soltou uma risadinha sardônica. — Mas o que eu sei, de verdade, sobre o meu pai, afinal? Ele cometeu um monte de maldade contra você e sua família, pode muito bem ter feito o mesmo com a minha mãe.

— Seu pai parecia realmente amar a Cecília, Gabi — falei, achando inacreditável o fato de eu estar defendendo Abraão. No entanto, precisava ser justo. — Era como se ela fosse o mundo dele.

— Eu sei, eu me lembro de como ele sofreu com a morte dela, como se fechou para tudo, para mim. Acho que foi por isso que aceitei, sem questionar, quando ele resolveu me mandar para São Paulo. Ele me olhava como se estivesse vendo a minha mãe e, você sabe, nós nem somos tão parecidas assim.

— Não, realmente não são — murmurei tendo plena consciência de que eu não falava apenas sobre a aparência física. Agora, mais do que nunca, eu sentia como as duas não tinham nada em comum na personalidade.

Gabriela encostou a cabeça contra o meu peito, ficando em silêncio e eu também não fiz nada para puxar uma outra conversa. Sentia que nós dois estávamos com a cabeça cheia, mas cansados demais até mesmo para falar. Um mundo de coisas havia acontecido naquele dia e não eram nem duas da tarde ainda. Fiquei acariciando suas costas e seus braços sob a água, sentindo seu corpo relaxar contra o meu, enquanto me permitia fazer o mesmo e sentia o medo e as dúvidas darem lugar ao amor que sentia por aquela menina. Era um sentimento tão forte, que me impelia a querer protegê-la do resto do mundo, até de mim mesmo e do meu passado.

— Acho que amanhã eu vou conseguir conversar com ela — ela disse baixinho, sem levantar a cabeça para me olhar. — Mas estou com medo do que ela vai me contar.

— Você não precisa conversar com ela se não estiver preparada, meu amor. Sua mãe demorou quinze anos para voltar, é obrigação dela esperar o momento em que você estiver pronta para conversar. Ela não está em posição de exigir qualquer coisa de você.

— Eu sei, mas eu tenho um mundo de perguntas que só ela pode

responder. Quero entender melhor o porquê de ter decidido forjar a própria morte, como conseguiu isso, onde esteve durante todos esses anos.

— Ela teve ajuda de muitas pessoas, isso é uma certeza e como, aparentemente, havia sido cremada, creio que tenha sido mais fácil. Ninguém precisou lidar com um corpo.

Gabriela estremeceu e me senti um estúpido por compartilhar aqueles pensamentos com ela. Realmente, não era o momento de falar sobre aquilo. A apertei mais contra o meu corpo e beijei sua testa.

— Desculpa — pedi baixinho e ela balançou a cabeça.

— Não, você tem razão, não tinha pensado por esse lado. Realmente, ela "foi" cremada e meu pai espalhou parte de suas cinzas na fazenda. O resto ele guardou em uma urna pequena e deixou sob um aparador em seu quarto, perto de um quadro dela. Esse não seria um gesto de um homem que batia em sua esposa, seria? — perguntou, erguendo os olhos para me encarar.

— Aparentemente, não.

Seus olhos ficaram cobertos de dúvida e um suspiro cansado escapou dos seus lábios, antes de sua cabeça voltar a repousar em meu peito.

— Eu só não quero descobrir mais coisas que me deixem triste e confusa, Ramon. Nesse momento, eu não tenho certeza de mais nada, só sobre o amor que sinto por você. Acho que você é a única pessoa no mundo que não vai me magoar.

Por um segundo, senti que meu coração correu o sério risco de parar de funcionar. Ele se apertou e se expandiu muito rápido, aumentando as batidas rapidamente, enquanto parte do meu cérebro me obrigava a respirar e a outra parte repetia as palavras de Gabriela como se fosse um disco arranhado. Senti seus braços apertarem a minha cintura e fiquei gelado sob a água quente, encarando o azulejo do outro lado do banheiro.

"*Acho que você é a única pessoa no mundo que não vai me magoar*."

Senti algo se partir bem no fundo da minha alma, pois sabia que, querendo ou não, acabaria magoando Gabriela. Se havia escondido a verdade durante todo aquele tempo, era porque tinha consciência disso e, agora, com Cecília viva, eu tinha certeza. Um nó intenso se formou em minha garganta e apertei Gabi com mais força em meus braços, fechando os olhos e me proibindo de chorar. Precisava encontrar uma forma de dizer tudo para ela sem quebrar o seu coração.



GABRIELA

Ramon e eu só voltamos a descer no meio da tarde, quando Cissa bateu na porta insistindo que precisávamos almoçar. Eu ainda estava com o estômago enjoado e uma dor de cabeça chata, no entanto, me forcei a comer a sopa de legumes feita por ela, pois sabia que a última coisa que eu precisava naquele momento, era ficar doente. Já não bastava o que os últimos acontecimentos vinham causando no meu corpo. Nunca pensei que o choque poderia causar danos físicos de verdade, apesar de já ter ouvido falar alguma coisa sobre isso em um programa de televisão.

Sentia Cissa me rondando com preocupação enquanto eu comia, sempre passando mão pelo meu braço e pelo meu ombro, me reconfortando, enquanto conversava sobre algum assunto qualquer com Ramon. Eu adorava seu jeito carinhoso comigo, a forma como tentava me reconfortar sem precisar tocar no assunto que sabia que me machucava. Cissa era muito cuidadosa, tinha um coração enorme e, olhando para ela, tinha certeza de que jamais abandonaria um filho seu, fosse por qualquer motivo. Provavelmente, se tivesse que fugir, levaria a cria junto, debaixo das suas asas.

Chegar àquela conclusão me fez perder a fome que eu nem sentia e empurrei o prato para longe com metade sopa ainda intocada, sentindo que estava sendo observada por dois pares de olhos bem atentos.

— Come mais um pouco, querida, vai acabar ficando fraquinha desse jeito — Cissa disse, pousando a mão sobre a minha.

— Ainda estou um pouco enjoada, acho que é por causa da dor de cabeça.

— Vou pegar um remédio para você — Ramon disse, já arrastando a cadeira para se levantar, mas Cissa foi mais rápida e levantou-se primeiro.

— Não, deixa que eu vou. Você também precisa comer, mocinho — ela disse, já saindo da sala de jantar.

Diferente de mim, Ramon comia arroz, feijão, carne assada e batatas coradas. Geralmente, só o cheiro do tempero de Cissa já seria o suficiente para me fazer sentir água na boca, mas olhar para aquele prato de Ramon só

estava me deixando mais enjoada. Respirando fundo, tomei um gole d'água generoso, querendo limpar o gosto de comida da minha boca.

— Gabizinha!

Caio entrou na sala de jantar ao lado de Luna e abriu os braços, me chamando para um abraço sem precisar dizer nada. Eu fui e me senti muito acolhida quando me apertou com delicadeza, deixando um beijo em meus cabelos.

— Como você está se sentindo? — perguntou quando me afastei.

— Mal, ainda. Estou me recuperando do choque.

— Eu imagino! Fiquei preocupado, mas sei que Ramon está cuidando muito bem de você — ele disse e olhou além de mim, certamente para Ramon, dando um sorriso para o amigo.

— Quando é o que Ramon não cuida bem de mim?

Encontrei o olhar de Ramon em cima de mim e ele me deu um sorriso curto, de canto de lábio. Podia sentir como estava tenso, por mais que tentasse disfarçar, mas não estranhava o seu jeito. Imaginava que ele ainda deveria estar em choque, assim como todo mundo.

— Amiga, Caio me contou o que aconteceu. Eu nem sei o que dizer — Luna disse, me abraçando com força. — Quer conversar?

— Quero sim, só um minuto. — Afastei-me dela e fui até Ramon, que me olhava sem disfarçar. Sentei-me rapidamente em seu colo e dei um beijo em seus lábios. — Vou ficar com a Luna ali na varanda, tá bom?

— Tudo bem, eu levo o remédio para você daqui a pouco — ele disse, colocando uma mecha do meu cabelo para trás. — Amo você — sussurrou e meu coração se aqueceu, como sempre acontecia quando ele se declarava para mim.

— Também amo muito você.

Dei mais um beijo em seus lábios, antes de me levantar e seguir com Luna até a varanda. Uma brisa fresquinha tocou a minha pele e eu respirei fundo, sentindo parte do enjoo ir embora, agora que estava longe do cheiro da comida. Sentamo-nos em um dos sofás que haviam ali e Luna me olhou com pesar, como se não soubesse exatamente o que dizer para fazer com que eu me sentisse melhor.

— Como você está se sentindo de verdade?

— Péssima. Parece que alguém arrancou um pedaço de mim — falei, finalmente encontrando uma definição melhor para o que estava sentindo. — É como se tivessem pegado boa parte da minha vida e arrancado de mim sem

dó ou piedade. Luna, eu cresci sabendo que minha mãe havia morrido quando eu tinha cinco anos de idade. Só eu sei como sofri com a perda dela, porque, por mais que eu não tenha lembranças muito nítidas, eu sempre senti que éramos próximas, entende? Então, agora, eu descubro que ela simplesmente *não* morreu. Esteve viva por todos esses anos, morando não sei onde, fazendo não sei o quê... Eu nem sei o que pensar.

Luna pegou a minha mão e apertou com força, entrelaçando nossos dedos.

— Se eu não sei o que pensar, só consigo imaginar como deve estar a sua cabeça. Ela não deu nenhuma explicação? Não disse nada? Simplesmente apareceu e falou "alô, estou viva"?

— Não, ela disse que precisou forjar a própria morte, porque meu pai batia nela e a ameaçava. Disse que planejou fugir comigo, mas ele descobriu, então, precisou se fingir de morta para sobreviver — falei baixinho no final, sem saber ao certo se sentia vergonha ou dor ao repetir tudo aquilo em voz alta. Luna me encarou com a boca aberta.

— Meu Deus! Será que é verdade?

— Eu não sei. Eu não lembro de nada sobre isso, mas ela disse que eu não estava presente nesses momentos, parece que a babá me levava para outro cômodo, algo assim... Eu não consegui escutar até o final, Luna. Minha cabeça simplesmente deu um nó, não consegui ficar na presença dela e Ramon me levou para o quarto, depois a mandou ir embora.

— E será que ela vai voltar?

— Vai, sim. Ramon me disse que o advogado do meu pai alugou uma casa na cidade e que ficarão por aqui até eu me sentir preparada para conversar com ela — falei, olhando nossas mãos unidas em meu colo. — Uma parte de mim quer escutar o que ela tem para dizer, quer entender o que realmente aconteceu, por que ela fugiu e não me levou, mas uma outra parte simplesmente quer que tudo isso que está acontecendo agora, seja mentira. Algo dentro de mim preferia que ela realmente estivesse morta e isso é horrível, porque, pelo amor de Deus, que filha iria preferir que a mãe estivesse morta? Eu deveria estar agradecendo por ela estar viva, mas só consigo me sentir traída, porque ela passou quinze anos sem sequer me procurar.

Lágrimas grossas começaram a descer pelas minhas bochechas e me senti uma pessoa horrível por ter colocado tudo aquilo para fora, por expor aquele lado que eu não queria que existisse. Senti Luna me abraçar e, por cima do seu ombro, enxerguei Ramon na porta do casarão, segurando um copo com

água em uma mão e o remédio em outra. Pela sua expressão de pesar, entendi que tinha ouvido tudo e me senti ainda pior, cheia de vergonha. Não queria que ele pensasse mal de mim, nem que achasse eu era uma pessoa ruim.

— É normal se sentir assim, Gabi. Você não é uma pessoa horrível por estar se sentindo enganada, pelo contrário — Luna disse ao se afastar e observei Ramon se aproximar de nós duas com as sobrancelhas levemente franzidas.

Ele se agachou perto da minha perna e deixou o copo no chão, usando a mão livre para secar as minhas lágrimas.

— Luna tem razão, meu amor. Você está confusa e esse sentimento de traição não é algo abominável, na verdade, é algo que qualquer filho sentiria se soubesse que a mãe se fingiu de morta durante tantos anos. Não se cobre tanto, Gabi.

— Isso mesmo. Leve o seu tempo para sentir cada uma das emoções que surgirem em seu peito. Creio que essa é uma situação parecida com o luto, mas ao contrário, se é que conseguem me entender.

— Exatamente — Ramon concordou, acariciando a minha bochecha. — Reprimir o que você está sentindo não vai fazer bem. Grite, chore, sinta raiva e saiba que estaremos ao seu lado o tempo todo, apoiando você.

Ai, meu Deus. Foi impossível não deixar que meu choro se transformasse de vergonha e dor para emocionado. Sem saber o que dizer, abracei os dois pelo pescoço, sentindo meu coração ficar pequenininho dentro do peito.

— Eu amo muito, muito, muito vocês, de verdade. Eu não sei o que seria de mim sem ter vocês ao meu lado. E o Caio também, e a Cissa... Vocês são maravilhosos demais comigo.

— É porque amamos você, sua boba — Luna disse em meio a uma risada, mas pude sentir sua voz embargada. — Vai ter que nos aturar ao seu lado para sempre, em todos os momentos.

Ramon assentiu e vi seus olhos brilhando com lágrimas não derramadas, uma emoção tão intensa, que senti pulsar dentro da minha alma. Se não fosse por ele, eu jamais teria conhecido a Luna, a Cissa, o Caio e todo o amor que eles me davam. Amor esse que, certamente, valia por uma vida inteira. Todo o cuidado e a proteção que não tive antes, estava tendo agora e me senti muito grata por tê-los ao meu lado no momento mais difícil da minha vida.



“Vou proteger-te de todo mal
Não há razão pra chorar”

No Meu Coração Você Vai Sempre Estar – Ed Motta

GABRIELA

Passei boa parte da madrugada acordada, repassando na minha mente tudo o que havia acontecido nas últimas vinte e quatro horas. Era como se aquele dia tivesse durado dez anos, tanta coisa havia acontecido, que eu mal tive tempo de assimilar tudo separadamente. Meu pai havia acordado, tentado falar comigo e, agora que minha mãe havia aparecido na minha frente, conseguia entender com mais clareza o que meu pai quis me dizer ao murmurar todas as aquelas vogais. Não tinha nada a ver com Patrícia e, sim, com o fato de Cecília estar viva.

Por que ele quis tanto me contar que ela estava viva? Será que estava com medo de Cecília me contar sobre o que ele havia feito com ela no passado? Ou queria me dizer mais alguma coisa, algo que não tinha nada a ver com a história dela? Meu pai me pareceu bem lúcido, apesar de não ter conseguido dizer nada com clareza.

Decidi que não iria ficar me fazendo um monte de perguntas, quando minha mãe estava disposta a me responder cada uma delas. Se iria me contar a verdade ou mentir, eu não sabia, mas precisava ouvir o que ela tinha para me dizer. Por isso, assim que acordei, pedi para que Ramon entrasse em contato com ela e falasse que eu estava pronta para conversar. Pude ver como

ficou surpreso, chegou até a me perguntar se eu estava certa sobre aquilo e eu disse que sim. Queria sanar todas as minhas dúvidas e começaria por ela, já que meu pai ainda não estava hábil para me responder.

Esperei com ansiedade depois do café da manhã, olhando através da janela da sala o caminho que o carro de João Marcelo teria que percorrer para chegar ao casarão. No sofá, Ramon respondia alguns *e-mails* pelo *notebook* e delegava funções aos rapazes pelo celular.

— Senta aqui, vai acabar furando o chão de tanto andar de um lado para o outro — ele brincou, colocando o computador na mesinha de centro e batendo no lugar vazio ao seu lado. Sentei-me e senti seus braços me envolverem com carinho. — Tem certeza de que quer fazer isso? Posso ligar para o advogado agora mesmo e mandar ele dar meia volta.

— Tenho certeza. Se ela não me contar tudo o que aconteceu durante esses quinze anos, ninguém o fará, Ramon. Melhor enfrentar tudo logo de uma vez.

Ele assentiu e passou os dedos pelo rosto.

— Você é muito corajosa, minha menina. Espero que saiba disso.

— Depois da reação que eu tive ontem, me chamaria de tudo, menos de corajosa.

— Qualquer pessoa no seu lugar teria a mesma reação ou até pior.

— Se estiver falando sobre desmaio, teve um momento em que pensei que iria desmaiar, mas você foi mais rápido me pegou no colo — falei, abraçando-o pelo pescoço. — Já percebeu que você está sempre me salvando, Ramon? Me salvou quando pensei que ficaria sozinha na fazenda do meu pai, me salvou quando fui assediada por aquele babaca no bar dos Calouros, me salvou quando pensei que iria desmaiar na frente da minha mãe que, até ontem de manhã, achei que estivesse morta... Por isso que eu falo que você é o melhor homem do mundo, meu fazendeiro.

Ele riu e me puxou para o seu colo, escondendo o rosto em meu pescoço. Sua barba me deixou toda arrepiada.

— Olha o que amor faz, não é mesmo? Uma hora eu sou um fazendeiro chucro, em outra eu sou o melhor homem do mundo.

— Quem foi que te chamou de fazendeiro chucro? Preciso ir atrás dessa pessoa agora, como podem mentir sobre você desse jeito? — perguntei, gargalhando no final quando ele começou a me fazer cócegas na altura das costelas.

Enquanto ria, só consegui pensar que era assim que queria viver, rindo junto com o homem que eu amava. Seria pedir demais?

— Ainda não acredito que eu me apaixonei por essa sua carinha de boa moça, Gabriela! No fundo você é uma safadinha sem vergonha — falou em meio a uma risada, beijando a minha boca ao se calar.

A noite anterior só deitamos lado a lado na cama e nos beijamos com muito carinho, antes de nos abraçarmos para dormir. Não havíamos feito amor, pois entendia que não havia clima depois de tudo o que aconteceu, mas, agora, eu queria fingir que não estava esperando pela minha *mãe* e que tinha todo tempo do mundo para cair nos braços de Ramon. Seu beijo me deixou sem fôlego e fiquei cheia de vontade de mais antes mesmo de ele se afastar. Por fim, um pigarro delicado interrompeu o nosso momento e tomei um susto quando vi Cecília ao lado de Cissa na sala.

— Cecília chegou — Cissa anunciou, mas nem era preciso. O olhar atento de minha mãe voou de mim para Ramon, que segurou firme em minha cintura quando tentei levantar.

— Quer que eu fique aqui com você? — ele perguntou sem disfarçar o tom de voz.

— Não. Acho que eu preciso fazer isso sozinha.

— Tudo bem. Eu estarei no escritório, qualquer coisa, é só me chamar.

Dando-me mais um beijo, ele me colocou sentada no sofá e se levantou, pegando o *notebook* e o celular. Acenou para minha mãe com um gesto de cabeça e se afastou, deixando-nos sozinha com Cissa.

— Aceita alguma coisa para beber, Cecília? Uma água, um suco? — Cissa perguntou.

— Não, estou bem.

— Vou deixá-las a sós, então. Com licença.

Cissa me deu um sorrisinho, passando-me sua força silenciosamente e saiu da sala, me deixando completamente sozinha com a minha mãe. Por um momento, pensei em me levantar e pedir para que Ramon ficasse ao meu lado, pois me sentia muito vulnerável sob o olhar atento de Cecília, mas me segurei em meu lugar e respirei fundo. Realmente, aquela era uma batalha que eu deveria lutar sozinha.

— Posso me sentar ao seu lado? — ela perguntou, indicando o lugar onde Ramon estava sentado minutos atrás.

— Claro.

Levei o meu tempo para absorver a imagem da mulher estranha — e conhecida, de certa forma — à minha frente. Minha mãe era um pouco mais alta do que eu, usava uma calça jeans de lavagem clara, *scarpin* de saltos

baixos e finos e uma blusa de seda lisa na cor vinho. Um colar com uma única pérola pendia do seu pescoço e os dedos estavam livres de anéis. Parecia simples, mas eu reconhecia de longe roupas de grife e sabia que ela estava carregando uma pequena fortuna em seu corpo conforme se aproximava de mim e se sentava ao meu lado. Fiquei ainda mais curiosa para saber como havia vivido durante aqueles quinze anos.

— Você veio sozinha? — perguntei ao perceber que João Marcelo não estava por ali.

— Sim, eu peguei o carro de João emprestado.

Fiquei os próximos segundos em silêncio, sem saber ao certo o que falar e me senti muito desconfortável quando ela começou a me olhar de cima a baixo, lentamente, como se quisesse gravar cada um dos meus detalhes em sua mente, assim como eu havia acabado de fazer com ela. Um sorriso doce se abriu em seus lábios quando seus olhos voltaram a se concentrar nos meus.

— Meu Deus, eu não tive a oportunidade de dizer antes, mas você está linda, minha filha. Muito mais bonita do que as fotos que tenho guardadas.

— Você tem fotos minhas?

— De todas as fases da sua vida. Por mais que eu estivesse distante, nunca te deixei sozinha, Gabriela.

— Eu não entendo. Como tem fotos minhas de todas as fases da minha vida? Onde você esteve durante todos esses anos?

Cecília colocou uma mecha do cabelo para trás e respirou fundo.

— Eu morei durante os dois primeiros anos em Barcelona, depois me mudei para Murcía, uma cidade que fica no sudeste da Espanha. Antes de te dar mais detalhes sobre isso, gostaria de explicar melhor o porquê de eu ter tomado a decisão de forjar minha própria morte e, claro, como consegui arquitetar tudo. Em nenhum momento, filha, eu pensei que realmente teria que deixar você para trás. Como disse ontem, eu planejei fugir com você, mas Abraão descobriu tudo e me ameaçou. Naquele momento eu entendi que só conseguiria fugir se estivesse morta e acho que jamais conseguirei colocar em palavras a dor que senti quando percebi que seria impossível levá-la comigo.

Os olhos de Cecília se encheram de lágrimas e senti meu coração ficar pesado no peito, sem saber se acreditava ou não em suas palavras.

— Meu pai realmente agredia você? — perguntei, pois precisava olhar em seus olhos daquela vez, enquanto me dizia sim ou não. Seu queixo tremeu levemente e sua cabeça balançou para cima e para baixo.

— No começo não era algo constante, sabe? Seu pai sempre foi muito ciumento, apesar de eu nunca ter dado motivos para que desconfiasse de mim. Sempre deixei claro que, se eu havia o escolhido, era porque queria ficar apenas com ele, mas ele sempre foi um homem muito desconfiado e explosivo.

— O escolhido? O que isso quer dizer? — perguntei, ficando confusa. Será que havia outro homem entre os dois? Um amante, talvez? Fique arrepiada só em imaginar.

— Sim, o escolhido. Naquela época, eu e minhas amigas saíamos para festas e acabávamos beijando outros meninos, quando estávamos solteiras, é claro, mas quando Abraão me pediu formalmente em namoro, eu o escolhi e disse sim. A partir daquele momento, pensei que fôssemos viver um conto de fadas, mas, meses depois do nosso casamento, nossas brigas se tornaram mais constantes. Ele nunca encostou em mim quando estava grávida de você, mas depois que ficou maiorzinha, as agressões começaram. Eram coisas sutis como puxões no braço, um aperto de mão firme demais quando estávamos em público, até a situação sair de controle. Às vezes eu ficava dias sem levantar da cama e sentia uma parte de mim morrer um pouquinho mais a cada vez que você me chamava para brincar e eu não conseguia ir.

Uma tristeza tão crua tomou conta da sua expressão, que me senti mal por não conseguir acreditar totalmente nela. Isso, claro, não queria dizer que eu não me compadecia ou que não conseguia imaginar a sua dor. Só me perguntava se realmente era verdade, se eu podia confiar ou não.

— Então, você não aguentou mais e resolveu sumir — concluí sem a ponta de julgamento que achei que acabaria se sobressaindo em minha voz. Cecília assentiu.

— Não foi uma decisão fácil e levei quase um ano para conseguir arquitetar tudo direitinho. Na época, Juan Banderas era advogado de Abraão e ele acabou presenciando seu pai me dar um tapa na cara dentro do escritório. Aquilo o chocou e, dias depois, ele acabou entrando em contato comigo para dizer que sentia muito e que queria me ajudar a sair daquela situação. Eu estava tão desesperada, que acabei falando que só conseguiria sair daquele casamento, se estivesse morta, então, a ideia surgiu. Juan tinha cidadania espanhola por conta dos pais, havia até mesmo residido no país anos antes, mas morava no Brasil na época, era um homem de posses e conceituado, tinha muitos contatos e me ajudou a montar o plano. Ele cuidou de toda a parte funerária, pois Abraão estava em choque com o ocorrido,

pagou os legistas, fraudou um atestado de óbito e cuidou da cremação. Enquanto isso, fiquei escondida na sua casa em Goiânia, já com os documentos falsos para poder sair do país.

— No atestado de óbito dizia que você morreu na hora, em decorrência ao trauma cranioencefálico. Meu pai não quis te ver uma última vez, antes de ser cremada?

Era muito esquisito falar aquele tipo de coisa com ela viva na minha frente, mas não tinha outra forma de fazer aquelas perguntas. Minha mente dava voltas enquanto eu tentava encaixar todas as peças daquele enorme quebra-cabeças e Cecília, no momento, era a única pessoa que poderia me dar as respostas.

— Como eu disse, ele estava em choque, quase em estado de negação, então, Juan aproveitou aquele momento em que ele estava "fora do ar" para agilizar tudo. Um dia depois, foi o meu velório e, não sei se você se lembra, mas dentro da igreja, só havia a urna com as cinzas e um porta-retrato gigante com a minha foto. Juan me contou todos os detalhes depois.

— Eu não me lembro direito desse momento, mas sei que teve um velório e que a cidade toda se reuniu para se despedir.

— Depois disso, eu usei os documentos falsos para poder fugir para a Espanha. Fiquei em Barcelona nos dois primeiros anos, morando no apartamento de Juan.

— Você e ele ficaram juntos?

— Apenas quando ele foi embora definitivamente do Brasil, um ano e meio depois — ela disse, pegando a minha mão rapidamente. Seus dedos estavam frios e senti um choque ruim passar pelo meu corpo, mas não consegui me afastar. — Filha, eu passei o primeiro ano em prantos, completamente desesperada por estar longe de você. Gabriela, você era a minha bebezinha, a minha princesa e, de repente, eu não podia mais te abraçar, te beijar, *ver* você, a não ser pelas fotos que Juan me enviava. Ele me ligava todos os dias para dizer como você estava, mas isso não diminuía a dor de estar tão longe de você, de saber que você pensava que eu estava morta. Foi o pior ano da minha vida.

Um nó insistente se formou em minha garganta ao ouvir aquilo e precisei engolir com força para não chorar. Olhando nossas mãos unidas, quis sentir que parte do que havia sido tirado de mim quando era apenas uma criança, estava de volta, mas não consegui sentir nada, só uma tristeza que me deixou muito mal.

— Eu não entendia direito o que era a morte. Na minha cabeça, uma hora você iria voltar — falei baixinho, voltando a olhar para ela. Meus olhos estavam cheios de lágrimas que eu não queria derramar. — Mas o tempo foi passando e eu fui entendendo que a morte era para sempre e que nunca mais andaríamos a cavalo juntas, você nunca mais seguraria a minha mão ou faria cafuné em meus cabelos na hora de dormir. A partir daí, comecei a tentar imaginar como seria a nossa vida se você ainda estivesse conosco, eu costumava pensar que nós seríamos melhores amigas e que eu poderia contar tudo para você, todos os meus medos e angústias e você sempre iria me apoiar. Foi a isso que me agarrei quando meu pai me mandou para São Paulo com uma babá. Eu pensei que, se você estivesse viva, eu não estaria sozinha.

Minha mãe largou as minhas mãos e secou as minhas lágrimas com delicadeza. Muito abalada, fechei os meus olhos por apenas alguns minutos e lutei para encontrar mais do que um conforto comum em seu toque, mas não consegui.

— Eu lutei com todas as minhas forças para não te deixar sozinha, filha. Quando Juan cortou laços com o seu pai e me disse que iria embora do Brasil, insisti para que ele a levasse para a Espanha consigo, falei que daria um jeito de sumir no mundo com você, mas ele se recusou, disse que uma coisa era forjar a minha morte e outra bem diferente era sequestrar uma criança, pois tinha certeza de que Abraão iria até o inferno para te achar. No fundo, eu sabia que ele tinha razão, mas coração de mãe tem uma esperança inesgotável e coloquei na cabeça que ele poderia se arriscar, mas ele não quis e eu me vi de mãos atadas. Se voltasse para o Brasil e seu pai descobrisse que eu estava viva, eu realmente estaria morta no dia seguinte, pois ele não iria me perdoar. Então, quando Juan voltou e nós ficamos juntos, ele decidiu colocar uma espécie de detetive atrás de você, o homem era amigo dele e começou a tomar conta de todos os seus passos. Ele tirava fotos suas, fazia um relatório da sua rotina e foi por esse meio que eu tomei conta de você enquanto estava longe.

Assenti, finalmente entendendo o que ela quis dizer sobre ter fotos de várias fases da minha vida. Nem conseguia começar a explicar como era estranho descobrir que eu vinha sendo seguida há tantos anos, sem nunca ter desconfiado de nada.

— Por que você fala nesse Juan no passado? Ele morreu?

— Sim, Juan morreu um ano depois de termos mudado para Murcía. Nós nos casamos e ele acabou me deixando tudo o que era dele, pois não tinha

mais nenhum parente vivo.

— Você se casou com documentos falsos? Eu não sabia que isso era possível.

— Como falei, Juan era um homem muito conceituado, ele tinha muitos contatos e os documentos eram perfeitos. Meu nome continuou sendo Cecília, mas meu sobrenome falso foi substituído pelo de casada.

Cecília Banderas. O nome soou estranho em minha cabeça.

— E depois que ele morreu, o que você fez?

— Continuei a viver da forma que sabia. Mantive-me com a herança que Juan me deixou, continuei a ter contato com o amigo dele que cuidava de você aqui no Brasil e tentei fazer de tudo para não cair em tentação e voltar para cá, para perto de você.

— E por que voltou agora?

— Porque soube do acidente do seu pai através das notícias. Abraão ainda é um homem muito conhecido, tanto dentro quanto fora do Brasil e fiquei chocada ao saber que estava em um estado tão grave no hospital. Não quero que pense que sou uma mulher ruim, ou que desejo o mal do seu pai, mas quando soube do acidente, só consegui pensar que esse era o momento perfeito para me aproximar de você. Demorei alguns meses, porque precisava saber como iria me aproximar sem causar um alarde, então, usei os contatos que Juan tinha aqui no Brasil e descobri quem era o advogado do seu pai. João Marcelo é um homem muito bom, íntegro e, quando soube da minha história, não hesitou em me ajudar. Sei que parece muito estranho o fato de ele estar ao meu lado, sendo que é advogado do seu pai, mas ele entendeu que o meu objetivo era chegar em você e não fazer qualquer mal a Abraão.

— Então por que foi visitá-lo no hospital? Meu pai ficou agitado quando viu você, soube que precisou ser medicado para poder se acalmar.

— Não quis fazer mal algum a ele, fui lá apenas porque queria vê-lo com os meus próprios olhos, rezar por ele... Não sei explicar muito bem, mas só sabia que precisava visitá-lo — ela disse, passando a mão sobre o peito. — Fico angustiada só de lembrar de como me senti ao ver como ele parecia frágil. Seu pai sempre foi um homem forte, implacável, vê-lo daquela forma mexeu muito comigo. Só posso imaginar como você está se sentindo com toda essa situação.

— Não está sendo nada fácil, mas agora que meu pai está apresentando melhoras, eu estou ficando mais confiante.

Cecília assentiu e voltou a pegar as minhas mãos, acariciando minha pele

com o polegar. Sua unha vermelha e bem-cuidada me chamou a atenção, mas voltei a encarar o seu rosto quando ouvi a sua voz.

— Tenho certeza que foram meses muito difíceis, mas, pelo o que sei, você e Ramon se aproximaram muito, não é?

Não havia julgamento em seu tom de voz, mas a curiosidade latente em seu olhar me deixou um pouco incomodada.

— Nós estamos juntos — falei, observando seu rosto atentamente para ver se sua expressão facial iria se alterar, mas nada aconteceu. — Eu amo muito o Ramon e ele me ama muito também. Se não fosse por ele, não consigo imaginar como estaria agora.

— Quando João Marcelo me contou que você estava passando esse tempo aqui, fiquei um pouco chocada. Não sei se você sabe, mas seu pai e Ramon não se davam muito bem quando eram mais jovens.

— Sim, Ramon me contou.

Suas sobrancelhas se arquearam e um brilho de surpresa passou pelos seus olhos.

— Contou?

— Sim, eu sei sobre o passado dos dois e acho que Ramon é um homem incrível por ter aberto as portas da sua casa para mim, sabendo que sou filha do homem que fez tanto mal a ele no passado.

Cecília abriu um sorriso terno e deu um tapinha em minha mão, antes de entrelaçar nossos dedos.

— Sim, Ramon parece mesmo ter continuado a ser um bom homem. Parece loucura ver tudo o que ele conquistou durante esses anos.

— Não é loucura, Ramon é um homem muito forte, que lutou demais para estar onde está hoje. — Parti em sua defesa, porque não gostava de ver alguém desmerecendo todo o esforço de Ramon e foi isso senti no tom de voz de Cecília. Seus olhos se arregalaram rapidamente depois que me calei.

— Não foi isso que quis dizer, sei que ele deve ter batalhado muito e merece todo o reconhecimento que vem ganhando. Vi a foto de vocês dois no Prêmio Escorcese e soube que ele ganhou a principal categoria da noite. Ele não estaria ali se não tivesse trabalhado muito.

— Exatamente — concordei, tirando a minha mão da dela. — O que pretende fazer agora, Cecília? Talvez meu pai acorde em breve e ele já sabe que você está viva. Tentou me contar isso ontem, quando fui visitá-lo.

Seu cenho se franziu e a expressão calma sumiu do seu rosto, substituída por algo que não consegui identificar. Senti um arrepio na espinha, me

arrependendo amargamente de ter dito aquilo para ela. Algo me dizia que eu precisava agir com cautela e isso significava que eu precisava ter cuidado com que fosse lhe contar, principalmente sobre o meu pai.

— Não sabia que o quadro de Abraão havia evoluído tanto — ela comentou, voltando a colocar uma expressão plácida no rosto. — Bom, de qualquer forma, não estou torcendo pelo mal dele e espero que se recupere. Eu ainda não sei exatamente o que farei de agora em diante, mas de uma coisa eu tenho certeza, filha — ela voltou a pegar a minha mão e sorriu. —, quero ficar ao seu lado e tentar recuperar, pelo menos um pouco, o tempo que perdemos. Sei que não será fácil, que ainda precisamos nos conhecer melhor, mas tenho esperança de que, em breve, nossa relação estará mais forte. E espero que você volte a me chamar de mãe. Não agora, é claro, mas no momento em que se sentir pronta e à vontade.

Eu com certeza não estava me sentindo à vontade naquele momento. Sentia-me exposta, vulnerável, como se tivesse escancarado parte da minha alma para uma mulher que eu conhecia apenas em minhas lembranças. Essa Cecília de agora ainda era uma desconhecida, que havia surgido do nada e jogado em meu colo um monte de informações que eu ainda tinha que digerir. Mesmo assim, assenti e deixei que me abraçasse quando se aproximou. Suas mãos tocaram as minhas costas com delicadeza e eu fiz o mesmo, sentindo seu corpo magro, mas firme, pressionado contra o meu.

De olhos fechados, esperei sentir com ela alguma ligação, algo que eu tanto ouvia falar que existia entre mãe e filha, mas tudo o que senti foi uma saudade enorme de me sentir bem em seus braços. Parte de mim a reconhecia, mas apenas porque seu rosto e seu sorriso estavam gravados em minha memória, mas a conexão que deveria estar ali, parecia ter se perdido em algum lugar no meio do caminho.

— Quero muito criar novos laços com você, minha querida. Ansiei por esse momento durante muitos anos, não vou perder essa oportunidade — ela disse em meu ouvido, antes de se afastar. — Aceita me conhecer melhor?

Como eu poderia não aceitar? Cecília era minha mãe e, apesar de não saber se poderia confiar nela, se poderia acreditar em tudo o que havia me contado, também sentia que não poderia lhe virar às costas. A vida havia nos dado uma nova oportunidade, não podia perder essa chance, por mais abalada que estivesse.

— Aceito.

Ela sorriu e me abraçou de novo, mais forte dessa vez, demonstrando uma

felicidade que eu também queria sentir.



RAMON

A primeira coisa que fiz quando Cecília foi embora, foi me certificar de que Gabriela estava bem. Fiquei aflito enquanto estava no escritório, mal consegui me concentrar no trabalho, preocupado com como ela deveria estar se sentindo, se Cecília estava sendo gentil e, o principal, se não tinha falado nada sobre o nosso passado. Logicamente, sabia que era muito arriscado deixar as duas sozinhas quando ainda não tinha contado tudo para Gabriela, mas eu não podia fazer muita coisa, não tinha o direito — e também não queria — de proibir que as duas se aproximassem, bem pelo contrário, queria que Gabriela tivesse a oportunidade de conversar com a mãe, por mais que essa fosse Cecília e eu não confiasse nem um pouco no que saía pela sua boca.

Assim que vi seu carro saindo da fazenda pelo acesso que tinha às câmeras de segurança em meu computador, desliguei tudo em meu escritório e encontrei com Gabriela ainda na sala. Ela estava sentada no sofá, olhando pela janela com o olhar perdido e a cabeça bem longe dali, por isso, me aproximei com cautela e me sentei ao seu lado, chamando a sua atenção ao colocar minha mão em sua coxa. Meu coração disparou no peito, nervoso por, de certa forma, não saber como ela iria reagir, não ter ideia se Cecília havia falado sobre o nosso passado ou não, mas quando Gabi se virou para mim e sorriu, senti meu peito ser inundado pelo alívio.

— Como você está?

— Melhor do que pensei que estaria — ela disse, passando a pontinha do dedo indicador pelas veias altas da minha mão. — Ela me contou muita coisa, Ramon, mas não sei se posso acreditar em tudo e isso mexe demais comigo. É triste não poder confiar na minha própria mãe.

— Eu imagino, meu amor, mas, talvez, exista um jeito de descobrir se ela está falando a verdade ou não.

— Como?

— Caio tem muito conhecimento na área de investigação e disse que pode usar o que Cecília te contou, para descobrir se ela está falando a verdade ou não — falei, segurando a mão dela. — Claro que ele só vai fazer isso se você estiver de acordo. Se quiser compartilhar comigo o que ela te disse, mas não quiser que ele investigue ou não quiser que ele saiba, não falarei nada.

Iria me custar muito não contar nada a Caio, mas respeitaria a decisão de Gabriela, apesar de o meu instinto protetor estar em alerta máximo e eu estar louco para descobrir se Cecília estava sendo sincera ou não. Se não estivesse, Gabi que me perdoasse, mas não deixaria que ela voltasse a se aproximar.

— Eu quero — Gabriela disse de forma decidida e eu fiquei mais aliviado. — Acho que essa é a única forma de descobrir se ela foi sincera ou se inventou tudo, então, não vou perder essa oportunidade. Posso ser nova, mas não sou boba, Ramon. Não vou me fingir de cega só porque ela voltou e contou uma história triste, até porque, seria injusto também com o meu pai, que, no momento, sequer pode se defender das acusações que ela lhe fez.

— Tem razão e eu sei que você não é boba, idiota é quem pensa isso — falei, dando um beijo em sua boca antes de puxar o celular. — Vou pedir para Caio vir aqui para que possamos conversar.



Gabriela decidiu não visitar Abraão naquele dia, pois estava abalada demais com os últimos acontecimentos, por isso, apenas ligou para o hospital para saber como ele estava. Foi informado que ele acordou mais três vezes, duas de madrugada e uma no início da manhã, mas não voltou a se agitar como antes, apesar de ter tentado se comunicar. O médico explicou que, naquele estágio de consciência e inconsciência, o cérebro estava lutando para voltar a se readaptar, por isso, era normal que ele acordasse por poucos minutos e que o fato de estar tentando se comunicar era muito bom, mas que o retorno do coma não acontecia do dia para a noite e a sua evolução aconteceria aos poucos.

Gabriela ficou visivelmente aliviada com a notícia e, quando Caio chegou, estava mais relaxada e preparada para contar tudo o que Cecília havia dito para ela. A cada informação que ela jogava sobre nós dois, eu sentia minha cabeça dar voltas e ir ao passado, lembrando-me que Juan Banderas era

advogado de Abraão na época — ele vivia em Santo Elias por conta disso, então, acabou se tornando um rosto conhecido na cidade —, mas acabou desocupando o cargo tempos depois e nunca mais havia aparecido.

Caio anotava tudo de um jeito um pouco esquisito em um caderno, como se fizesse uma linha do tempo e, quando Gabi terminou, ele ficou alguns minutos analisando as informações.

— Eu acredito que Juan realmente tenha agilizado essa parte da "morte" — Caio disse, frisando a palavra com um lápis. — Mas não sei se acredito que essa aproximação dos dois tenha acontecido a partir de uma cena de agressão. Na minha cabeça isso não se encaixa, porque, veja bem, se Juan, que não convivia com Abraão todos os dias, presenciou ele batendo em Cecília, como outros empregados não presenciaram o mesmo? Em uma fazenda enorme como aquela, com tantos funcionários, a história teria vazado, principalmente depois da morte de Cecília.

— Então por que ele a ajudaria a fugir? — Gabriela perguntou ao meu lado, ficando tensa.

— É isso que precisamos descobrir, Gabizinha — Caio disse, voltando a olhar para o caderno. — Ela disse que se casou com ele e começou a usar o sobrenome de casada, então, creio que a nossa busca tenha que começar por esse nome: Cecília Banderas. É a partir daqui que vamos reconstruir cada passo que ela deu nos últimos quinze anos, enquanto residiu na Espanha.

— Será que vamos conseguir?

Caio deu um sorrisinho confiante para Gabi e se sentou na ponta da poltrona, apertando o joelho dela.

— Gabizinha, eu não rodo Brasil à toa, tenho os meus contatos e eles são muito bons no que fazem. Vai dar certo.

— Eu não confiaria nesse idiota se ele não fosse bom no que faz, meu amor — falei em tom de brincadeira para expulsar o nervosismo do corpo dela e sua risada preencheu a sala, me deixando feliz.

— Está vendo como ele me trata, Gabizinha? Às vezes, eu acho que Ramon só me mantém por perto, para poder me usar.

— Ramon, seja bonzinho com o Caio, por favor — Gabi pediu e eu ri, puxando-a para mim pelos ombros.

— Pare de dar ouvidos a ele, Caio não vale nada.

— Assim você me magoa, Ramon! — Ele disse em meio a uma risada, se levantando do sofá. — Preciso ir, pois tenho que fazer alguns telefonemas e repassar todas essas informações para pessoas de confiança. Gabizinha, só

não se esqueça de que Cecília não pode desconfiar de nada, tudo bem? É imprescindível que estejamos pelo menos cinco passos à frente dela.

— Pode deixar, não vou contar nada — Gabi disse, se levantando e ficando nas pontas dos pés para abraçar Caio pelos ombros. — Obrigada, Caio, de verdade. Amo você como se fosse o meu irmão mais velho.

Caio riu e me olhou por cima dos ombros de Gabriela, visivelmente emocionado e até um pouco tímido, eu diria. Coisa rara para o meu melhor amigo.

— Também te amo como se fosse minha irmã, Gabizinha. Graças a Deus Ramon se apaixonou por você, eu morria de medo de ele morrer sozinho, ou pior, acabar com uma megera.

"*Como a Cecília*", o babaca disse para mim sem som e eu revirei os olhos, puxando Gabriela para o meu colo quando se afastaram.

— Não foi à toa que ele ficou solteiro por dezenove anos, Caio. Ele estava me esperando para ter o coração enlaçado — ela disse para Caio, mas olhando para mim. Pude ouvir a risada do meu amigo, mas nem fiz questão de olhar para ele, quando tinha o sorriso de Gabriela estampado bem ali, pertinho dos meus olhos.

— Ai, meu Deus, vou embora antes que vocês comecem a se pegar na minha frente. Essa fazenda tinha que parar de criar cavalos e começar a criar coelhos...

Caio saiu a tempo de eu arremessar a almofada do sofá em sua cabeça e Gabriela gargalhou, sem deixar de ficar com as bochechas vermelhas.

— Essa é a fama que você me faz carregar, Ramon. Agora o Caio acha que eu sou uma tarada!

— Mas você é. Minha tarada — falei, beijando a sua boca. — Toda minha.

Ela sorriu entre os meus lábios e me abraçou pelo pescoço, aprofundando o nosso beijo e me fazendo sentir o homem mais sortudo do mundo por ter sido o escolhido para morar dentro do seu coração.



“Tu é labirinto, rua sem saída
Me rendi a tua alma nua, vem cá”

Fica – Anavitória e Matheus e Kauan

RAMON

A semana passou rapidamente e Cecília manteve contato com Gabriela através de mensagens e telefonemas. Era nítido que ela queria se aproximar mais e vê-la pessoalmente, mas Gabi preferia agir com cautela, dava abertura para conversarem, mas dizia que ainda não estava preparada para encontrá-la novamente. Eu podia entender a sua situação, não deveria ser fácil encarar o fato de que a mãe estava viva e ainda tinha a questão da confiança. Gabriela não conseguia acreditar totalmente no que Cecília havia contado e eu sentia que esperava com ansiedade por notícias sobre a investigação que Caio comandava.

Claro que meu amigo não conseguiria respostas de um dia para a noite, por isso, esperávamos com paciência e íamos vivendo um dia de cada vez. Um pouco mais recuperada do choque de rever a mãe e ouvir tudo o que ela tinha para contar, Gabi voltou a visitar Abraão no hospital e ele demonstrava uma melhora impressionante. Por duas vezes, manteve-se acordado por mais de dez minutos enquanto Gabriela estava ao seu lado e chegou até mesmo a tentar falar, agitando-se, mas Gabi o acalmou.

Como não queria deixá-la sozinha, com medo de que ficasse nervosa ou coisa semelhante, presenciei todos esses momentos e fiquei em dúvida se a

notícia havia deixado Abraão feliz ou incomodado. Ele se comunicava através das vogais que conseguia proferir com muita dificuldade e o aperto da mão direita, mas era difícil entender as suas reações ou o que estava pensando. Também era visível que ele não conseguia mexer o lado esquerdo do corpo, principalmente quando abria a boca de um jeito torto e tentava falar.

O médico explicou que, agora que Abraão estava recobrando à consciência, seria possível entender melhor com quais sequelas ele teria que conviver, bem como a gravidade de cada uma delas. Também disse que apenas o fato de ele estar lúcido o suficiente para reconhecer Gabriela e tentar conversar com ela, já eram notícias animadoras. Eu conseguia sentir como Gabi ficava dividida entre ficar feliz e um pouco culpada, como se pensasse em tudo o que havia ouvido sobre Abraão e ficasse em dúvida se deveria realmente torcer por sua recuperação.

Em minha cabeça, não conseguia julgá-la por ficar animada por Abraão estar melhorando, pelo contrário, ele era seu pai e, talvez, no mundo inteiro, Gabriela fosse a única pessoa que realmente o amasse. Ela não tinha que se sentir culpada por nutrir bons sentimentos por ele. Era isso que estava explicando a ela no início daquela manhã de terça-feira, enquanto estávamos deitados lado a lado na cama. Meu celular já havia despertado há pouco mais de meia hora, mas como não tinha nenhum compromisso urgente, enrolei um pouco para me levantar e Gabi acabou acordando. Não sabia ao certo como o assunto havia começado, mas queria que terminasse com ela se sentindo menos culpada.

— É como se eu conseguisse separar dois Abraão dentro de mim, sabe? O homem que cometeu maldades contra você e contra a minha mãe e o meu pai. Por mais que não tenha sido o melhor pai do mundo, ele nunca me tratou com violência, nunca sequer gritou comigo. Era um tanto rígido, sim, frio e distante, mas agressivo, nunca.

— Ele não foi ruim para você, Gabi, e, no fundo, eu agradeço por isso. Não acho certo o fato de ter te afastado, te mandado morar em São Paulo durante tantos anos, mas pelo menos nunca foi além e te magoou a ponto de você não conseguir o perdoar. Sobre o que ele fez comigo, já falei que não quero que isso interfira nos seus sentimentos por ele. Já sobre a sua mãe, eu acho que você deve esperar um pouco mais para começar a julgá-lo. Não sabemos se ela foi sincera ou não em tudo o que disse.

Olhando para o passado, eu não conseguia visualizar Abraão sendo um

homem agressivo com Cecília. Ele tinha todos os defeitos do mundo, mas, quando o assunto era ela, ele só faltava beijar o chão em que ela pisava. Claro que, dentro de quatro paredes, a história poderia mudar de figura, mas eu não conseguia acreditar nisso. Convivi entre os dois durante muito tempo para ser enganado assim.

— Eu me sinto muito dividida, porque sei que, se minha mãe estiver falando a verdade, meu pai será realmente um monstro, mas, se ela estiver mentindo... Não consigo encontrar uma palavra que defina quem ela realmente se tornará diante dos meus olhos. No final, não sei para quem eu torço. Para o pai que, mesmo distante, eu sempre tive ao meu lado desde o dia em que nasci, ou para a mãe que me abandonou por quinze anos?

Deus do céu, não tinha parado para pensar naquilo e me senti muito mal por Gabriela, principalmente por saber que ela não merecia enfrentar tudo aquilo. Era uma mulher maravilhosa, delicada, com um coração que quase não cabia no peito. Era a minha menina. Como eu poderia ajudá-la naquele momento? O que poderia falar para tentar diminuir a sua angústia? Sem saber ao certo o que dizer, a abracei com firmeza e beijei sua bochecha, sentindo seu corpo se aconchegar ao meu.

— Eu torço para que tudo isso termine da melhor forma possível e que você volte a ficar tranquila. Sei como está tensa nesses últimos dias.

— Claro que você sabe, fico grudada em você o dia todo, praticamente. — Sorriu, dando um beijo em meu pescoço. — Daqui a pouco vai enjoar de mim.

— Eu não acredito que isso seja possível, acho que é você quem vai ficar enjoada desse fazendeiro bronco aqui.

— Você é bronco sim, mas é só meu — ela disse com aquele sorrisinho petulante e mandão que eu tanto amava, apoiando-se em um cotovelo para poder me olhar.

Seu corpo estava parcialmente sobre o meu e eu conseguia sentir tudo, já que estava peladinha. Foi impossível não começar a ficar animado, principalmente quando ela mordeu o lábio inferior e passou o dedo pelo meu peito.

— Hum... Ramon, sabe o que eu quero fazer agora?

— O quê? — perguntei já ficando excitado, passando minha mão pelas suas costas até chegar na bunda. Ela riu e me deu um tapinha no ombro.

— Não é nada disso que você está pensando, seu safado! Eu quero comer...

Ela parou de falar quando a derrubei de costas na cama e montei em seu

corpo, deixando que sentisse o começo da minha ereção. Uma gargalhada escapou do fundo da sua garganta quando dei uma mordidinha no seu pescoço, deixando que minha barba lhe fizesse cócegas.

— Eu também quero muito comer — falei, investindo meus quadris contra o dela.

— Meu Deus, você não me dá um minuto de sossego!

— Você também não me dá um minuto de sossego sendo gostosinha desse jeito...

— Gostosinha? No diminutivo? Ramon, eu pensei que você me respeitasse! — falou com falsa indignação, mordendo o lábio quando lambi o biquinho duro do seu seio.

— Estava tentando ser romântico — murmurei, deixando um beijo entre o vale daqueles peitinhos que me enlouqueciam. — Mas, se quiser, posso começar a falar aquelas baixarias que você adora.

— Eu não gosto...

— Ah, gosta assim. Fica toda meladinha quando falo umas putarias no seu ouvido.

Ela abriu a boca para responder, mas soltou um suspiro quando fui descendo com uma trilha de beijos até o meio das suas pernas e dei uma lambidinha entre os lábios levemente separados da sua boceta. Afastei-os com os dedos e olhei para ela quando se apoiou nos cotovelos para poder me observar.

— O que você estava falando mesmo? — perguntei antes de lamber seu clitóris com delicadeza.

— Nada.

— Nada? Pensei que queria comer alguma coisa...

Ela balançou a cabeça e sorriu, abrindo mais as pernas para mim. Minha nossa, meu pau pulsou com tanta força, que chegou a doer.

— Agora eu só quero que você me coma. Depois a gente dá um jeito de matar a minha outra fome.

Bom, seu pedido era uma ordem e eu acatei sem pestanejar.



Quando Gabriela disse que queria comer, pensei que estivesse se referindo

ao café da manhã e não a uma coisa específica, como deixou bem claro para Cissa quando chegamos à cozinha, uma hora mais tarde.

— Eu quero um bolo de cenoura bem grande, com muito brigadeiro, Cissa — ela disse sentada à mesa ao meu lado. — Muito, muito brigadeiro. Sonhei com isso à noite toda.

— Sonhou? — perguntei sem entender nada e ela assentiu, ignorando a mesa farta à sua frente.

— Sim. Sonhei que eu comia um bolo enorme, agora eu preciso comer de verdade!

Cissa franziu um pouco o cenho e me olhou como se eu tivesse uma explicação lógica para tudo aquilo, mas apenas dei de ombros. Às vezes eu também sentia vontade comer alguma coisa específica, então, não achava que estivesse acontecendo nada de anormal. Rindo, Cissa foi abriu uma das portas do armário, inspecionando lá dentro.

— Bom, meu leite condensado acabou, mas não tem problema, preciso mesmo ir até à cidade com Rosana, passo no mercado e compro. Quando você voltar do hospital, seu bolo estará esperando por você.

Gabi só faltou dar pulos de alegria enquanto ia até Cissa e a abraçava pelos ombros.

— Ai, Cissa, você é maravilhosa!

— Estarei sempre aqui para atender aos seus desejos culinários, menina — Cissa sorriu, a abraçando de volta. — Agora sente-se e vá tomar café da manhã! Precisa ficar forte para continuar enfrentando tudo o que está por vir.

Gabi assentiu e voltou a se sentar ao meu lado para comer. Podia notar sua ansiedade enquanto beliscava uma salada de frutas e pesei as palavras de Cissa em minha cabeça, realmente, Gabi ainda teria muita coisa para enfrentar, só esperava que continuasse a permitir que eu estivesse ao seu lado, depois que eu lhe contasse o que faltava sobre o meu passado.

Fomos direto para o hospital depois do café da manhã e, antes de entrarmos no quarto de Abraão, Rosa, a enfermeira com quem Gabi havia feito amizade, nos encontrou no corredor e abriu um sorriso enorme, tocando na mão de Gabriela.

— Seu pai está acordado há mais de duas horas, Gabi, e está bastante lúcido! Acho que está esperando por você. Não tentou falar muito coisa, mas notei seu olhar ansioso para a porta enquanto estive trocando a sua medicação.

— Ah, meu Deus! — Gabi sussurrou com os olhos arregalados, encarando-

me rapidamente. — O Doutor Orlando já o consultou?

— Sim, ele disse que quer falar com você quando o horário de visita terminar. Acho que tem ótimas notícias para dar para vocês — a enfermeira disse, dispensando um sorriso animado para mim também.

— Isso é muito bom, meu amor — falei, dando um beijo na têmpora de Gabi. Estava sendo sincero, principalmente porque torcia para que Gabriela tivesse mais notícias felizes para se agarrar.

— Vou deixar vocês à vontade, com licença — Rosa disse, apertando a mão de Gabriela mais uma vez antes de se afastar.

Gabi andou apressada até o quarto de Abraão, mas antes de girar a maçaneta, me deu um olhar emocionado.

— Entra comigo? Estou nervosa — pediu.

— Claro, vamos lá.

Ela abriu a porta devagar e colocou a cabeça para dentro, antes de dar um passo a frente e entrar. Disfarcei o meu incômodo e fui logo atrás dela, vendo o olhar firme de Abraão sair da filha e bater em mim, sua sobrancelha direita franzindo-se levemente, deixando bem claro que, em outras circunstâncias, seu rosto seria o espelho da descrença, confusão e, se eu não estivesse enganado, raiva também.

— Pai!

Gabi correu até ele e o abraçou com cuidado pela cintura, encostando a cabeça em seu peito. Com um pouco de dificuldade, Abraão passou a mão direita pelas costas dela, acariciando levemente. Observei a interação dos dois em silêncio, encostado nos fundos do quarto, próximo à janela. Tinha uma visão privilegiada, por isso, percebi como Abraão ficou emocionado, seus olhos brilhando com lágrimas rasas enquanto Gabi se afastava e acariciava o seu rosto.

— É tão bom ver o senhor acordado, pai. Não sei se consegue se lembrar, mas o senhor despertou por alguns minutos durante essa semana, chegamos a conversar um pouco.

— Eu... *Han... Emvlo* — ele tentou falar, mas ficou frustrado ao não conseguir. Era estranho observar como só o lado direito do seu rosto se mexia. — *Emblo*.

— Que bom que o senhor lembra! Olha, não precisa se esforçar para falar, tudo bem? Só de estar acordado, eu já estou feliz.

Era nítida a alegria de Gabriela e fiquei contente ao ver que, pelo menos ali, na frente do pai, ela conseguia esquecer um pouco todas as dúvidas e a

culpa que a dominava por torcer por sua recuperação. Ela entrelaçou os dedos à mão direita de Abraão e olhou rapidamente para mim, me dando um sorriso emocionado, que me vi retribuindo. Quando voltei a levantar o olhar, encontrei os olhos Abraão fixos em mim, seu rosto sério em minha direção. Acho que era a primeira vez que ele conseguia, de fato, enxergar a minha presença em seu quarto. Poderia imaginar como deveria estar confuso.

Seguindo o olhar do pai, Gabi encontrou-me e observei seus olhos se arregalarem levemente, o corpo ficar tenso. Tentando abrir um outro sorriso, ela se virou para Abraão e apertou a sua mão.

— Pai...

— O que... *Han... hum...* Ele *aí...* — O olhar de Abraão caiu sobre mim de novo e pensei em me aproximar, mas a voz de Gabi me deteve.

— O que Ramon está fazendo aqui?

— É — Ele tentou balançar a cabeça para cima e para baixo, mas não conseguiu.

— Pai, muitas coisas aconteceram durante esses meses em que o senhor ficou em coma. Quero contar tudo, mas não agora. Não quero que fique nervoso.

Abraão olhava para Gabriela com gentileza, mas seu semblante mudou drasticamente ao olhar para mim. Seu rosto ficou levemente vermelho e o lado direito se transformou em uma carranca.

— Pai, por favor...

— *Amon* — ele me chamou com a voz grossa e rouca. Quem conhecia a fama de Abraão Rodrigues certamente o temia, mas isso não acontecia comigo. Abraão nunca me despertou medo e não começaria agora, por isso, aproximei-me devagar, sem ameaçá-lo e parei ao lado de Gabriela. — *Elo aber...*

Era como se ele me desafiasse a contar o que estava acontecendo e Gabriela me olhou um pouco assustada, passando a mão sobre o peito do pai.

— Pai, esse não é o momento, o senhor acabou de acordar, não pode ficar assim — ela pediu um pouco desesperada e Abraão a olhou com o semblante mais ameno.

— *Elo aber* — insistiu.

— Gabriela está morando comigo desde o dia do seu acidente, Abraão — falei logo de uma vez, vendo um brilho de surpresa passar pelo seu olhar, antes de seu rosto ficar mais vermelho.

— *O* que?

— Por quê? — perguntei e ele tentou assentir com o rosto fechado. Quase podia ver a raiva em sua expressão, se seu lado esquerdo não estivesse paralisado. — Seu advogado me pediu para acolhê-la em minha casa, para que não ficasse sozinha em sua fazenda e eu aceitei. Achei que era o certo a se fazer.

Os olhos dele se arregalaram e ele soltou a mão de Gabriela para apertar os dedos em punho. Seu coração acelerou, segundo às máquinas que monitoravam os seus batimentos cardíacos, mas não foi nada alarmante. Era como se ele estivesse nervoso, mas não passando mal. Assustada, Gabriela tocou no rosto do pai e ele e a olhou com certo pesar.

— Pai, está tudo bem. Ramon foi muito bom comigo e cuidou muito de mim.

— *Ão Acelo ão... Han...* — Ele pressionou os olhos com força antes de respirar fundo e tentar voltar a falar. — *Ão* é *oniável...*

— João Marcelo não é confiável? Foi isso que quis dizer? — Gabi perguntou.

— É. — Pegando a mão de Gabriela novamente, Abraão deu um aperto trêmulo. — Volte *ara San Aulo, Abi...*

— O quê? — Gabriela ficou pálida e me olhou arregalando os olhos, antes de voltar fitar o pai. — Mas, pai, não posso voltar para São Paulo e deixar o senhor aqui. E o apartamento onde eu morava foi vendido, esqueceu?

— Eu *enho ua asa...*

— O senhor tem uma casa em São Paulo?

— Em *Ibeirão Eto... Asa equena...* Tem que ir *a* lá.

Dava para ver como Abraão estava desesperado, o medo brilhava em seus olhos, de uma forma que nunca vi antes. Aproximando-me um pouco mais de Gabi, apertei seus ombros tensos e olhei direto para Abraão.

— Gabriela não vai voltar para São Paulo, Abraão. Ela está segura ao meu lado.

Abraão olhou para mim, então, olhou para as minhas mãos pousadas nos ombros de Gabriela. Um ano pareceu se passar até o momento em que ele voltou a erguer os olhos para mim, o lado direito do seu rosto se contraindo, ficando vermelho, seus lábios se transformando em uma linha fina.

— Meu Deus, pai!

— Sai! — Ele gritou olhando diretamente para mim. — Sai *di erto* da *mia ilha!*

— Pai, fica calmo! — Gabi pediu, indo para mais perto dele, acariciando

seu peito. — Ramon, chame o médico!

Eu fui correndo até o botão que ficava ao lado da cama de Abraão, mas antes que eu pudesse apertar, ele tentou balançar a cabeça em negativa, pronunciando a carranca em seu rosto.

— *Ão, édico ão...* Sai! Sai! — gritou de novo e Gabriela me deu um olhar aflito.

Senti tanta vontade de falar umas verdades na cara daquele filho da puta, mas me segurei por conta de Gabriela e apenas apertei a porra do botão, acionando a equipe médica. Abraão me olhava deixando bem claro que, se pudesse, sairia daquela cama para me matar e precisei me conter para não retribuir o seu olhar, pois não queria que Gabi presenciasse aquilo. Um mundo de sentimentos ruins passou entre nós dois e só consegui sair daquela bolha, quando as enfermeiras e o médico entraram no quarto.

— O que houve? — Doutor Orlando perguntou, já checando todos os sinais vitais de Abraão, que não parecia estar perto de desmaiar ou algo do tipo, pelo contrário. Acho que o ódio que parecia sentir por mim era forte o suficiente para o manter bem acordado.

— Nós estávamos conversando, aí ele começou a ficar muito nervoso... — Gabriela começou a explicar, afastando-se da maca para dar espaço para a equipe trabalhar.

— *Han...* Ele fora! — Abraão apontou para mim com a mão direita trêmula, o dedo indicador em riste. O médico me olhou e Gabi parou ao meu lado, segurando a minha mão. O rosto de Abraão se contorceu. — Sai *di erto* da *mia ilha, esgraçado!*

— Preciso que vocês dois saiam! — O médico ordenou e Gabi estremeceu ao meu lado, querendo soltar a minha mão, mas eu não deixei.

— *Ão! Mia ilha ão!* Só ele!

— Se não se acalmar, não permitirei que sua filha volte até você ter alta, Abraão! — Doutor Orlando disse com firmeza e Abraão arregalou os olhos, se calando.

— Pai, eu vou ficar lá fora, tudo bem? Não se preocupe, não vou embora — Gabi disse, antes de apertar a minha mão e começar a andar em direção à porta.

Eu fui junto com ela, sentindo o olhar de Abraão praticamente perfurando a minha nuca. Não voltei a olhar para ele e fechei a porta do quarto atrás de mim, vendo os ombros de Gabriela desabarem.

— Não era para ele ter descoberto assim... — ela murmurou, virando-se

para mim e encostando a cabeça em meu peito. — E agora, Ramon? Se ele já queria que eu voltasse para São Paulo, agora vai me obrigar!

— Ei, olha para mim — pedi, erguendo seu queixo para olhar em seus olhos. — Você é maior de idade, Gabriela, seu pai não pode te obrigar a fazer nada que você não queira.

Ela engoliu em seco, demonstrando como era fácil se deixar ser dominada pelo pai. Podia entender a sua situação, o fato de ter seguido todas as ordens de Abraão sem pestanejar quando era mais nova, mas, agora, a situação era outra. Gabriela era adulta e tinha o direito de escolher sobre o próprio destino.

— Será que ele nunca vai aceitar o nosso relacionamento? — perguntou baixinho, como se estivesse com medo da minha resposta.

Eu sabia que Abraão jamais aceitaria, mas resolvi mudar o foco e não insistir naquele assunto. Gabriela não precisava ter mais uma preocupação martelando em sua cabeça.

— Tanto o seu pai, como nós dois, ainda temos muita coisa para enfrentar e descobrir, Gabi. Vamos deixar para nos preocupar com isso depois, tudo bem?

Ela assentiu e me abraçou com força pela cintura, como se eu fosse seu colete de salva-vidas no meio daquele mar turbulento.

— Eu só queria que tudo fosse mais fácil, Ramon, só isso — confidenciou, fazendo meu peito ficar apertado.

— Eu também queria, meu amor.

A equipe médica deixou o quarto de Abraão e o Doutor Orlando deixou bem claro que ele não queria que eu entrasse, queria apenas ver a filha, por isso, dei um beijo em Gabriela e a observei passar por entre a porta, sentindo meu coração ficar acelerado. Fechando os olhos, soltei um suspiro e torci para que Abraão não falasse nada sobre o nosso passado.



“Agora eu te digo de onde venho
E do que é feito o meu coração”

Não Me Compares – Ivete Sangalo e Alejandro Sanz

GABRIELA

Meu pai estava recostado contra os travesseiros, parecendo estar bem mais calmo do que quando saí do quarto com Ramon. Seus olhos encontraram os meus assim que fechei a porta atrás de mim e consegui enxergar um mix de sentimentos brilhando em suas pupilas castanhas. Era como se ele quisesse me falar um monte de coisas e não soubesse exatamente por onde começar. Sentei-me na beirada da cama e me surpreendi quando ele abriu a direita, esperando que eu entrelaçasse os nossos dedos.

— Está mais calmo, pai? — perguntei, apertando a sua mão.

— Sim. — Sua sobrancelha direita ficou levemente franzida e seu olhar penetrou o meu. — O que *a aonecendo ene ocê e Amon?*

Senti um arrepio gelado descer pela minha espinha e desviei o olhar, querendo fugir de todas as suas perguntas. Não foi assim que imaginei que seria a nossa primeira conversa, quando ele acordasse. Falar sobre o meu relacionamento com Ramon só estava servindo para me deixar desconfortável, cheia de sentimentos contraditórios sobre o meu pai, já que acabava me lembrando de tudo o que ele havia feito contra a família Baldez no passado.

— Pai, eu acho que esse não é o melhor momento para falarmos sobre isso.

— Eu *elo aber, Abiela!*

Podia sentir como meu pai estava desconfortável com toda aquela limitação, mas ele fingia que nada estava acontecendo. Seu olhar austero estava ali, presente, mas também havia algo que eu não conhecia. Era um sentimento de carinho, de cuidado, que me tocou profundamente e me deixou ainda mais confusa.

— Nós estamos juntos, pai.

Ele apertou os olhos com força, o lado direito do seu rosto se contorcendo e a mão tremendo levemente contra a minha. Senti medo de que acabasse se exasperando de novo, mas antes que eu pudesse falar qualquer coisa, voltou a me encarar e disse com firmeza:

— *Ão esão* mais!

— Não estamos mais?

— *Ão! Aume* suas *oisas* e *olte ara San Aulo!*

Meu pai sempre foi assim, ele apenas dava a ordem e esperava que todo mundo fizesse as suas vontades. Se fosse antes, eu obedeceria sem pensar duas vezes, mas lembrei-me do que Ramon havia falado para mim minutos atrás e me enchi de coragem, olhando bem nos olhos dos meus pais e me rebelando contra às suas ordens pela primeira vez na minha vida.

— Pai, as coisas não funcionam mais assim. Não vou arrumar as minhas malas e voltar para São Paulo, vou continuar morando com o Ramon e ficando perto do senhor.

Ele abriu ligeiramente os lábios, como se estivesse em choque e engoliu a saliva com dificuldade.

— *Abiela, ocê ão ode icar* com ele*!*

— Pai, eu amo o Ramon — confidenciei, vendo seus olhos brilharem em surpresa. — E ele também me ama.

Uma risada rouca escapou do fundo da sua garganta e eu estremeci.

— Ama *ada* — murmurou em um tom amargo, voltando a me encarar. — *Amon* me *oeia, Abiela.*

— Não, Ramon não te odeia, apesar de tudo o que aconteceu no passado.

Os olhos de Abraão ficaram tão arregalados, que pensei que sairiam rolando das órbitas e sua mão ficou gelada contra a minha.

— Ele *ontou?*

— Contou, mas não quero falar sobre isso agora, pai. O senhor acabou de acordar de um coma, não pode ficar passando por tantas emoções assim, eu

fico preocupada.

Seu olhar duro e incrédulo recuou um pouco e vi aquele brilho carinhoso ali de novo, enquanto sua mão apertava a minha. Por um momento, até pensei ter visto o lado direito dos seus lábios se erguerem em um sorrisinho, mas foi passageiro.

— Eu *ão ui um bom* pai *a ocê* — ele disse baixinho. — *Uando* me dei... *Onta* disso, *oi ade emais.*

— Quando se deu conta disso, foi tarde demais? — perguntei só para ter certeza de que eu tinha entendido direito e ele meneou levemente a cabeça em afirmação. — Não foi tarde demais, pai. Você está vivo e vamos ficar juntos por muitos e muitos anos.

Pensei que ele diria alguma coisa, mas seus olhos se encheram de lágrimas ao inspecionarem o meu rosto. Acho que era a primeira vez, desde o meu aniversário de quinze anos, que meu pai realmente me via e não apenas olhava para mim. Ele levou o seu tempo, descendo os olhos pela minha testa, nariz, queixo, até voltar a me olhar nos olhos.

— Eu *ui uim* com *ocê*.

— Não, pai, o senhor nunca foi ruim comigo. Frio e distante sim, mas ruim, nunca — garanti, vendo a culpa brilhar em seus olhos cheios de lágrimas. Meu coração ficou apertado quando elas começaram a cair e molhar a suas bochechas. — Pai, não chora...

— Eu me *echei* no luto... — ele parou de falar para respirar, sua voz embargada dificultava ainda mais a pronuncia das palavras, mas consegui entender quando ele disse que havia se fechado no luto. — *Aastei ocê... Ão* quis *aber di ais ada... Orque* doía, *Abi.* Doía muito a *erda da* sua mãe.

Nunca, em toda a minha vida, esperei que meu pai me confidenciasse aquilo. Ele chorava de verdade e eu conseguia sentir a sua dor em mim, como se fosse algo físico. Sem querer, me lembrei de Ramon falando que meu pai parecia amar muito a minha mãe e tentei colocar esse homem na minha frente ao lado do monstro que Cecília havia descrito para mim. Não consegui encontrar nenhuma similaridade, era como se fossem duas pessoas completamente diferentes.

— O senhor a amava?

— *Ais* do que *udo no* mundo — falou com o rosto se transformando em uma careta de dor, apenas o lado direito contraindo os músculos. — Só que *odo o* meu amor foi *iútil, orque* ela *a ia...* — Ele apertou os lábios ao não conseguir falar direito a última palavra e eu apertei sua mão para o confortar.

— Sim, ela está viva.

Ele me deu um olhar surpreso.

— *Ocê abe...* Como *ocê abe?*

— O senhor tentou me contar na primeira vez que tentou falar comigo. No momento eu não entendi, mas, quando Ramon e eu voltamos para a fazenda naquele dia, ela estava lá, ao lado de João Marcelo. Foi um choque. Eu ainda estou me acostumando, parece que a ficha ainda não caiu. Como o senhor descobriu? Foi na noite em que ela veio te visitar?

Ele tentou balançar a cabeça em negativa.

— Foi antes do *aidente*.

— Antes do acidente? Mas, como?

Ele se recostou nos travesseiros, parecendo estar muito cansado e me senti culpada por estar cobrando tanto dele. Mesmo assim, meu pai voltou a me responder:

— Eu *esconfiei* e *deois* ela me *liou* — ele suspirou no final, claramente esgotado e revirou os olhos pesados. — Eles *oloaram almante* no soro. *Oeio osital, quelo i emboa.*

Entendi quando ele disse que a equipe médica havia colocado calmante em seu soro. A parte de que odiava hospital e que queria ir embora, eu decidi ignorar.

— Tudo bem, pai, pode dormir. Meu horário de visita está terminando, mas eu volto amanhã, tudo bem?

Ele piscou com um pouco de dificuldade para voltar a manter os olhos abertos e apertou a minha mão sem muita força.

— Ela *ão* é *oniável... Oão Arcelo ão* é *oniável, Abi... Uidado. Olte a San Aulo, or avor.*

— Minha mãe não é confiável? Por quê? — perguntei, ignorando o seu pedido para voltar para São Paulo.

Esperei com expectativa por uma resposta, mas meu pai soltou um suspiro e adormeceu, afrouxando ainda mais o aperto da sua mão na minha. Ainda fiquei ali por alguns minutos, completamente inerte, sem saber ao certo o que pensar ou o que fazer com todas aquelas informações. Com o coração acelerado, dei um beijo em sua testa e me levantei, saindo do quarto e encontrando com Ramon do outro lado do corredor, sentado em uma poltrona.

— O que houve, Gabi? Você está pálida — Ramon perguntou assim que encurtei a nossa distância, levantando-se e passando a mão em meu rosto. —

Está gelada também. Está se sentindo mal?

Eu estava mesmo um pouco enjoada, mas não era nada demais. Ansiosa, neguei com a cabeça e aproveitei que não tinha ninguém perto da gente para poder começar a falar.

— Meu pai me contou algumas coisas... Ramon, não sei o que pensar.

Ele ficou tenso e seu cenho se franziu.

— O que ele contou?

— Ele disse que descobriu que minha mãe estava viva antes do acidente e que ela ligou para ele. E disse que tanto ela, quanto João Marcelo, não são confiáveis, também me mandou tomar cuidado. Esperei que falasse mais alguma coisa, mas o calmante que aplicaram em seu soro começou a fazer efeito e ele dormiu... Ramon, não sei o que pensar.

Ramon arregalou levemente os olhos, como se também não esperasse por aquilo e pegou em minhas mãos.

— Vamos conversar com calma quando estivermos no carro, tudo bem? Agora a gente precisa falar com o médico e entender melhor o que vai acontecer com o seu pai de hoje em diante.

Eu apenas assenti e fui com ele até o consultório do Doutor Orlando, sentindo minha cabeça girar no meio de tantos acontecimentos. O médico nos tratou com a simpatia de sempre e foi bem claro ao dizer que meu pai estava oficialmente fora de perigo. Citou uma lista de exames que havia feito nele, algo sobre encefalograma e um outro nome difícil e me vi lutando para tentar acompanhar tudo o que dizia. Ramon praticamente conversou com o médico por mim e a única coisa que realmente gravei em minha memória, era que meu pai continuaria por mais algumas semanas no hospital, começaria a fazer fisioterapia e receberia visitas de uma fonoaudióloga, também passaria por mais uma bateria de exames para constatar se tinha ou não mais alguma sequela.

Era para eu ter saído mais calma e aliviada do hospital, mas, apesar de estar muito feliz com as notícias sobre a recuperação do meu pai, também estava aflita com tudo o que ele havia me dito e as milhões de perguntas que eu ainda precisava de resposta.

— Me conta melhor tudo o que o seu pai disse. Acho que Caio vai gostar de ter essas informações — Ramon pediu assim que colocou o carro em movimento.

Contei tudo a ele detalhadamente, inclusive a parte em que meu pai disse que queria que eu saísse de sua casa e voltasse para São Paulo. Falei sobre

como ele ficou emotivo enquanto conversávamos e, por fim, cheguei na parte em que falou sobre a minha mãe. Quanto mais informações eram jogadas em meu colo, mas perdida eu ficava. Era como se eu tivesse mil peças de um quebra-cabeça em mãos e não soubesse por onde começar a montar.

— Se ela ligou para o seu pai antes de ele se acidentar, isso significa que ela mentiu para você, Gabi. Cecília te disse que só pensou em voltar ao Brasil depois que soube do acidente.

— Sim e isso está me deixando ainda mais confusa. Por que ela ligaria para ele, se o seu intuito era continuar a fingir que estava morta? Ela disse que não podia correr o risco de ele descobrir que ela estava viva.

— Nós também não podemos confiar cegamente no que o seu pai está nos contando, apesar de eu achar que ele não inventaria isso logo depois de sair de um coma — Ramon disse, tentando analisar tudo de modo frio, diferente de mim. Em meu coração, eu não sabia direito o que fazer ou para onde fugir, só me via mais dividida, sem saber em quem deveria acreditar. — Acho que ele pode nos dar mais respostas, Gabi, só precisamos ter paciência e esperar que ele fique melhor para contar em detalhes, tudo o que aconteceu no dia do acidente.

— Esse é problema, não aguento mais esperar. Cada minuto que passa, é uma chance que a minha mente encontra para criar um monte de teorias malucas.

— Sei disso, meu amor, mas não há muito o que possamos fazer nesse momento. Também não podemos colocar Cecília contra a parede, pois é melhor que ela continue ao nosso lado. Ela não pode escapar de novo, Gabi.

— Tem razão. Vou fingir que meu pai não me falou nada sobre ela ou sobre João Marcelo.

Ramon pegou minha mão e deu um beijo, olhando-me rapidamente antes de voltar a prestar atenção na estrada.

— Vai dar tudo certo, meu amor. Em breve, teremos respostas para todas essas perguntas e voltaremos a viver em paz, sem segredos e sem surpresas.

— Que Deus te ouça.



Cissa fez o meu dia mais feliz quando entrei na cozinha e senti o cheiro do

bolo de cenoura perfumando todo o ambiente. Ela estava terminando de passar uma camada generosa de brigadeiro e eu salivei com força, sentindo tanta vontade de atacar aquela maravilha que quase fiquei louca.

— Meu Deus, Cissa, que perfeição! — falei, sentando-me na mesa de frente para o bolo.

Precisava comer pelo menos uns cinco pedaços. Não, precisava comer tudo de uma vez só, como a cena daquele menino no filme da Matilda. Cissa sorriu e me deu um olhar engraçado.

— Só vou colocar para gelar um pouco e depois eu corto — ela disse, prestes a tirar a travessa da mesa, mas fui mais rápida e a puxei para perto de mim.

— Não, não, eu vou comer agora! Só preciso de um prato e um garfo para fingir que ainda sou uma mulher educada e não uma louca que quer atacar esse bolo maravilhoso.

— Mas eu tirei do forno tem vinte minutos, Gabi, ainda está quente.

— Melhor ainda, amo bolo quente!

Não era exatamente uma verdade, pois raramente comia bolo sem ser em festas ou no café da manhã e todos eles estavam frios, mas isso não vinha ao caso naquele momento. Desistindo de tentar me convencer, Cissa pegou um prato, um garfo e uma faca grande, cortando um pedaço generoso para mim. Ansiosa, dei uma boa garfada e quase derreti sobre a cadeira com o gosto maravilhoso que invadiu as minhas papilas gustativas.

— Ai, minha nossa senhora dos bolos perfeitos... Cissa, está muito bom!

— Ah, que bom que você gostou! Fiquei até com medo de errar a mão, tamanha a sua expectativa.

— Está melhor do que o do meu sonho, nossa...

Acabei com o pedaço em menos de dois minutos, cortando outro e me deliciando. Com certeza a minha boca estava suja de chocolate, mas eu nem ligava; naquele momento, minha mente estava longe de todos os problemas e focada apenas em degustar aquela maravilha, como no sonho que tive na noite anterior. Comi até ficar empanturrada e sentir a barriga pressionando o fecho da calça jeans. Precisei abrir o botão, sem me preocupar com o olhar atento e curioso de Cissa em minha direção.

— Nossa, Cissa. Queria mais, mas acho que não cabe mais nada aqui dentro — falei, passando a mão pela minha barriga.

— Levando em consideração que você comeu metade do bolo, eu acredito — ela riu e eu nem consegui sentir vergonha da minha falta de educação. —

Cadê o Ramon?

— Foi fazer uma ronda pela fazenda. Ele pediu pra guardar um pedaço para ele, mas não sei se vai sobrar.

Precisei tirar mais um pedacinho pra mim — bem fino, em comparação aos outros — e coloquei em meu prato, voltando a comer. Derretia na boca, Deus do céu.

— E como você está, querida? Mal tivemos tempo para conversar no meio dessa loucura toda — ela perguntou, acariciando meu braço por cima da mesa.

Como estávamos sozinhas na cozinha, me senti à vontade para poder desabafar.

— Parece que alguém descarregou um caminhão de sentimentos dentro do meu peito e disse assim "se vira para lidar com tudo isso". Nunca imaginei estar vivendo algo assim, Cissa.

— Eu imagino, meu bem. A situação nem está acontecendo comigo e eu estou aflita, só consigo pensar em como você está.

Eu assenti e comi mais um pedaço do bolo, sentindo meu estômago começar a protestar, cheio demais.

— Cissa, sei que você não teve filhos, mas, se tivesse, teria coragem de deixá-los para trás do jeito que a minha mãe fez comigo?

— Nunca — ela disse de supetão, sem nem me dar chance de me arrepender de ter feito a pergunta. — Eu sei disso, porque amo o Ramon como se ele fosse o meu filho e, quando enfrentou a pior fase da sua vida e teve que demitir mais da metade dos funcionários para tentar reerguer a fazenda, eu me sentei na frente dele e disse que eu não iria embora, estaria ao seu lado e enfrentaria tudo aquilo junto com ele. Ele quase não tinha dinheiro e eu muito menos, mas nunca passou pela minha cabeça virar as costas para o meu menino e ele nem é sangue do meu sangue. No lugar da sua mãe, eu teria enfrentado o mundo, mas jamais iria embora sem você.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas e empurrei o prato para longe, agarrando as duas mãos de Cissa em cima da mesa.

— Cissa, você é uma mulher maravilhosa e eu tinha certeza de que essa seria a sua resposta. Olhando para você, não consigo imaginar você dando as costas para um filho.

— O amor de mãe é o maior do mundo, querida, em breve você descobrirá isso, quando chegar a sua vez. Sabe, não sou ninguém para dizer se sua mãe é ou não é uma boa pessoa, mas algo me diz que você e Ramon devem tomar

cuidado. Eu não consigo confiar nela.

— Eu também não. Isso é muito triste, não é, Cissa? Não conseguir confiar na própria mãe?

— Acho que pior do que isso, é ela ter perdido a oportunidade de conviver com uma filha tão maravilhosa quanto você. Deus te deu de presente para ela e ela jogou fora a chance de ter você ao seu lado.

— Ai, Cissa! Olha só, você está me fazendo chorar — falei, sentindo minhas lágrimas descerem sem controle.

Cissa sorriu e se levantou, dando a volta na mesa até parar na minha frente. Seus dedos gentis secaram as minhas lágrimas, antes de seus braços finos passarem pelos meus ombros em um abraço que me aqueceu por dentro.

— Você chegou nessa casa para trazer alegria e amor, minha querida. Quero que saiba que, dentro do meu coração, você já é minha filha há muito tempo. Conte sempre com essa velha aqui para te apoiar e estar ao seu lado em todos os momentos que precisar.

— Oh, Cissa. Eu também te amo muito e nem sei como começar a agradecer por todo esse carinho — murmurei em meio ao choro, me levantando para abraçá-la de volta.

— Só prometa que não vai deixar que nada atrapalhe a sua felicidade com o Ramon. Aquele menino esperou a vida inteira para te encontrar, acho que você não imagina o quanto ele te ama.

— Eu imagino sim, porque o amo da mesma forma. Não vou deixar que nada atrapalhe o nosso amor, Cissa.

— Isso mesmo, querida. Vocês são mais fortes do que qualquer tempestade que queira derrubá-los — disse ela, limpando as minhas lágrimas. — Agora, vamos falar de coisa boa. O que você vai querer para o jantar?

Acabei rindo com a sua pergunta, porque só Cissa conseguia sair de um assunto tão emocional, para falar sobre comida. Era por isso que a amava tanto, por ter aquele jeitinho único e muito especial.



Passei o resto do dia me sentindo estufada, tão cheia após ter comido mais da metade do bolo, que me sentia até enjoada. Ramon ainda me chamou para almoçar junto com ele, mas eu sentia que não conseguiria colocar nada em

meu estômago pelas próximas setenta e duas horas, por isso, aproveitei o resto da tarde para ficar deitada no sofá ao lado de Luna, conversando e tentando relaxar, morta de cansada mesmo sem ter feito quase nada o dia todo.

Luna pesquisou na internet e o Dr. Google nos informou que o estresse realmente mexia com a nossa disposição. Como eu vinha passando por um turbilhão de acontecimentos, entendemos que o meu cansaço era por causa disso e, depois de muito conversar, acabei cochilando em algum momento e acordando com o toque do meu celular. Já estava de noite e eu estava sozinha na sala, com a TV em um volume baixinho. Entendi que Luna havia ido embora e me deixado dormindo. Um tanto sonolenta, demorei para identificar o nome da minha mãe brilhando na tela e atendi com o coração disparando no peito.

— Oi.

— Oi, filha! Como você está? Te mandei mensagem hoje cedo, mas você não me respondeu.

Xinguei-me internamente, pois preferia responder às suas mensagens do que falar com ela pelo celular. Sempre me sentia estranha ao ouvir a sua voz.

— Eu estou bem e você? Passei o dia longe do celular, por isso não vi suas mensagens.

— Não tem problema, meu anjo. Só liguei porque estava com saudade de falar com você. Sei que ainda deve estar assustada com o meu retorno, mas eu esperei tanto tempo para finalmente poder te ligar, mandar mensagens, te abraçar e agora não consigo ficar longe por muito tempo.

Sempre que Cecília falava isso, eu me sentia muito mal por não me emocionar ou sentir uma conexão real com ela. Era como se eu fosse uma ingrata, uma pessoa sem coração, sendo guiada apenas pela desconfiança. Acabava brigando comigo mesma por não me esforçar mais, porque sabia que, se ela estivesse sendo sincera em tudo, eu nunca iria me perdoar por mantê-la distante.

— Não quero que se sinta desconfortável, Gabi — ela disse quando não respondi nada. — Se quiser, eu posso desligar.

— Não, não precisa, eu só... Eu ainda estou me acostumando com tudo isso.

— Eu sei, filha, e não estou te julgando ou cobrando nada. Só quero que saiba que estou aqui agora, disposta a esclarecer qualquer uma de suas dúvidas, meu amor.

“Comece me falando sobre a ligação que fez ao meu pai antes do acidente. Por que não me contou sobre isso? O que mais você está escondendo?”

Eu cheguei a abrir a boca para deixar aquela enxurrada de perguntas passar, mas, no último segundo, lembrei-me que Caio já estava ciente sobre tudo o que meu pai havia me contado e não podíamos correr o risco de Cecília desconfiar de alguma coisa.

— Estava pensando que, talvez, você pudesse vir aqui um dia desses, para almoçarmos juntas. Não sou a melhor cozinheira do mundo, mas prometo caprichar. Qual é o seu prato preferido?

— Eu não tenho um prato preferido, mas também não sou fresca para comer, não precisa se preocupar com isso.

Ela soltou uma risada.

— Tão parecida comigo! Acredita que também não tenho um prato preferido? Como de tudo, sem problema algum. Pode deixar que vou pensar em algo bem gostoso. Quero muito poder olhar nos seus olhos de novo, filha, descobrir mais sobre você, saber como foi a sua vida e como está se sentindo agora. Sei que está passando por muita coisa, mas, pelo o que pude perceber, você parece bem feliz ao lado de Ramon.

— Sim, Ramon é o melhor homem do mundo.

— Posso apostar que sim. Espero que ele goste de você tanto quanto você gosta dele.

— Ele gosta — falei com certeza, sem saber o que sentir com o rumo que aquela conversa estava levando.

— Eu sei que não tenho direito algum de me meter na sua vida, filha, mas é que eu fico um pouco chocada com esse namoro de vocês, sabe? Ramon é tão mais velho, ele poderia ser seu pai. Toda vez que penso nisso, fico preocupada, com medo de que você acabe se magoando.

— Você e meu pai me tiveram bem novos, então, eu logo descarto essa história de Ramon ter idade para ser meu pai — falei com firmeza. — E, realmente, você não precisa se preocupar, nós somos adultos e passamos por cima dessa diferença de idade. Isso não nos incomoda mais.

— Sou sua mãe, Gabi, sempre vou me preocupar, não há nada que eu possa fazer sobre isso. Mesmo longe, sempre dei um jeito de ficar sabendo sobre você, justamente para tentar aplacar um pouco essa preocupação. Mãe só fica em paz quando morre, meu amor.

— Você estava morta até semana passada — falei, mas me arrependi assim

que fechei a minha boca. Deus do céu, parecia que eu não conseguia controlar os meus próprios pensamentos! — Desculpa, eu não queria ter falado assim...

— Não, tudo bem, filha — ela me interrompeu, soltando um suspiro doloroso. — Você tem razão, eu estive morta para você por quinze anos. No seu lugar, agiria da mesma forma. — Ela se calou e eu não soube mais o que dizer. Acho que aquele era o momento ideal para eu inventar uma desculpa e desligar, mas ela foi mais rápida e continuou: — Só quero que você saiba que eu te amo, ouviu? Sempre te amei e sempre vou te amar, Gabriela. Nada no mundo vai poder mudar isso.

Eu queria dizer que também a amava, mas estaria mentindo. Eu amava a mãe que conheci quando era criança, aquela que conviveu comigo até os meus cinco anos de idade, que cuidou de mim, me amparou, andou a cavalo comigo. Essa mulher eu simplesmente não conhecia, sequer sabia se podia ou não confiar. Cecília se despediu e eu desliguei o celular com uma pressão horrível no peito e uma imensa vontade de chorar.



“É tão mais fácil quando
Tem você pra dormir junto
Tem pra acordar junto viver junto
Tem você para contar dos meus dias seguros”

Dói Sem Tanto – Anavitória

RAMON

Gabriela passou a noite amuada depois de me contar sobre o telefonema de Cecília. Eu não sabia realmente qual era a intenção dela com tudo aquilo, mas era nítido que, se queria deixar Gabriela ainda mais confusa e magoada, estava conseguindo. Minha menina acabava se sentindo culpada depois de ouvir as inúmeras declarações da mãe e não conseguir retribuir, depois demonstrava como ficava dividida, sem saber se acreditava ou não em tudo o que ela dizia. Minha vontade era de pegar o celular e mandar Cecília se afastar completamente, mas sabia que não podia, por isso, fazia o meu máximo para deixar Gabriela se sentindo melhor.

Nesses momentos, eu me questionava como conseguiria reunir coragem para contar a ela sobre o meu passado com Cecília. Sentia que Gabriela via em mim um porto seguro, alguém com quem podia confiar e contar de olhos fechados. Como seria capaz de romper essa ligação? Essa confiança? Toda hora eu falava para mim mesmo que era melhor contar tudo de uma vez, mas, então eu olhava para ela, via a tormenta em seus olhos, a forma como estava lutando para enfrentar tudo aquilo de cabeça erguida e recuava, me

acovardava.

Ela acordou passando muito mal no dia seguinte, enjoada e vomitando, cheia de dor de cabeça. Cheguei a falar que era melhor irmos ao hospital, mas ela se recusou e disse que só precisava ficar quieta e dormir mais um pouco até a náusea passar. Preocupado, quis ficar com ela pelo resto da manhã, mas tinha muita coisa para resolver em meu escritório, então, o máximo que consegui fazer, foi pegar meu *notebook* e os documentos que precisava analisar, sentar na área de estar em meu quarto e manter um olho na tela do computador e em Gabriela na cama.

Perto das onze da manhã, meu celular tocou, despertando-me das anotações que estava fazendo em um contrato que fecharia com uma hípica em Mato Grosso. Estranhei o número desconhecido, mas salvei o documento em meu computador e atendi, reconhecendo a voz de Doutor Orlando do outro lado da linha. Levantei-me do sofá e caminhei até a área de dormir, observando que Gabi ainda dormia e fui para a sacada, fechando a porta atrás de mim.

— Bom dia, doutor. Aconteceu alguma coisa?

— Bom dia, Ramon. Pode ficar despreocupado, não liguei para dar uma notícia ruim, pelo contrário. Abraão acordou muito bem hoje e me fez um pedido ainda pouco. Ele quer muito conversar a sós com você e pediu para que eu lhe telefonasse e passasse o recado.

Encostei-me no parapeito e observei minhas terras a se perderem de vista, sem conseguir deixar de pensar na ironia de estar olhando justamente para elas, enquanto descobria que Abraão queria conversar comigo. Só de pensar em tudo o que ele havia feito contra a minha família justamente por causa dessas terras — e por causa de Cecília — eu sentia vontade de mandar o médico avisar a ele que não sairia da minha casa para olhar na sua cara e ouvir o que tinha para me dizer. No entanto, tinha plena consciência de que, agora, uma coisa muito mais importante nos ligava e o nome dela era Gabriela.

— Diga a ele que chegarei ao hospital em menos de uma hora.

— Está bem, falarei com ele agora mesmo. Até mais, Ramon.

Desliguei o aparelho e respirei fundo, já sentindo a tensão pesar em meus ombros e ainda não era nem meio-dia. Um tanto ansioso para resolver logo aquele assunto com Abraão, voltei para o quarto e tomei um banho rápido, indo trocar de roupa em meu closet. Assim que saí, sentei-me ao lado de Gabi na cama e beijei a sua testa, sentindo que não tinha febre, portanto, logo

descartei a possibilidade de estar resfriada e me agarrei na hipótese de que estava passando mal por ter se empanturrado de bolo no dia anterior. Ela abriu os olhos de forma sonolenta e tentou me dar um sorriso.

— Está melhor?

— Só um pouquinho enjoada.

— Pode deixar que vou fazer questão de te lembrar que passou por isso, na próxima vez que quiser comer um bolo inteiro.

Ela revirou os olhos de forma dramática.

— Não foi inteiro, foi só a metade.

— Umas duas fatias *a mais* que a metade, mocinha — falei, passando o dedo pela pontinha do seu nariz e ela riu.

— Pelo menos eu matei a minha vontade. Em compensação, só de ouvir falar em bolo de cenoura, já sinto vontade de vomitar — disse ela, passando os olhos pelo meu corpo. — Onde você vai cheiroso e gostoso desse jeito?

Minha gargalhada interrompeu o silêncio do quarto com o olhar sedutor que ela me lançou ao alcançar novamente os meus olhos. Eu não estava vestindo nada de diferente do que vestia normalmente, calça jeans, camisa branca de mangas e a blusa xadrez de botões. Mesmo assim, ser chamado de gostoso por ela mexeu com o meu ego.

— Vou precisar ir à cidade, mas volto logo, nem vai dar tempo de sentir saudade — falei, optando por não contar a ela onde eu realmente iria, pois não queria que ficasse preocupada.

— Já estou com saudade, principalmente porque ontem a gente só dormiu...

A danada passou as pontinhas dos dedos pela minha coxa e eu fiquei arrepiado, mesmo tendo a calça jeans bem ali, me impedindo de sentir seu toque por completo.

— Vou recompensar hoje à noite, não se preocupe — falei, inclinando-me para dar um beijo em sua boca. — Não abuse nas besteiras hoje, entendeu? Ou vou falar para Cissa preparar aquele chá de boldo que falei que iria te dar de manhã.

— Não, que nojo! Juro que só vou comer salada.

— Quero só ver. — Dei-lhe mais um beijo e murmurei entre os seus lábios: — Te amo, minha menina.

— Também te amo, meu caubói.

Saí do quarto sentindo que mais da metade do meu coração e da minha alma haviam ficado lá dentro, nas mãos de Gabriela.



Cumprimentei o segurança em frente à porta do quarto de Abraão e respirei fundo antes de entrar, preparando-me para o embate que, provavelmente, teríamos. Ainda tinha o fato de que eu nem podia me exceder tanto, tendo em vista que o homem ainda estava enfermo e eu não queria ser o responsável por fazer com que batesse as botas de vez. Assim que entrei, o encontrei com os olhos fixos na TV, que passava o noticiário. Ele rapidamente desligou o aparelho apertando o botão do controle remoto com a mão direita e me olhou de cima a baixo, avaliando-me.

— Não queria falar comigo? Estou aqui.

Não fiz muita questão de ser educado e me aproximei um pouco mais da cama, observando seu rosto magro e mais enrugado do que o normal. Era como se Abraão já passasse dos cinquenta, apesar de ter apenas quarenta e um anos.

— Chamei *ocê* aqui *orque queo te* uma *onersa* de homem *a* homem.

— Quer ter uma conversa de homem para homem comigo?

— Sim.

Eu tinha que dar o braço a torcer. Mesmo naquelas condições, cheio de dificuldade para falar, Abraão agia como se aquilo não o abalasse e olhava para mim como se estivesse em condições normais, sem desviar o olhar ou se acovardar.

— *Tá* com a *mia filia a oder* se *ingar* de mim, *ão* é?

Era praticamente uma afirmação, o que fez com que metade de mim sentisse raiva e a outra metade quisesse rir.

— O mundo não gira em torno do seu umbigo, Abraão. Nem tudo o que acontece ao seu redor, tem a ver necessariamente com você. Sem contar que somos diferentes em muitas coisas, mas a principal delas, é que eu não sou um homem vingativo, não uso as pessoas e nem cometo maldades apenas para amaciar o meu ego. Jamais usaria Gabriela como arma de vingança, principalmente contra alguém tão insignificante quanto você.

Ele não se abalou, não tirou a arrogância do olhar, simplesmente continuou a me fitar como se estivesse perto de sair daquela cama e cair no soco comigo.

— E o que isso *qué dizê?* Que *ocê* a ama? — Seu tom era de deboche, apesar da dificuldade para proferir a maioria das palavras.

— Exatamente. Eu amo Gabriela, Abraão e o fato de ela ser sua filha, não importa para mim.

— E o fato de ela *sê filia* de *Eília?* Isso *ão imorta tamém?*

— Não mais.

Ele me olhou de cima a baixo novamente, o lado direito dos seus lábios se abaixando levemente.

— *Tá* com ela *a tentá uistituir Eília?*

— Tentar substituir Cecília? Pelo amor de Deus, está se ouvindo? Não enxerga que, falando isso, está desmerecendo a mulher incrível que Gabriela é?

— Ela é uma *minina!*

— Acredite, durante um bom tempo, eu fiz de tudo para enxergar isso, mas Gabriela está muito longe de ser uma menina, Abraão! Você saberia disso se tivesse convivido com ela e não a mandado sozinha para São Paulo! — falei com raiva, apontando o dedo em sua cara.

Foi a primeira vez na vida que vi Abraão se desarmar completamente. Sua postura altiva e aquele olhar arrogante deram lugar a um arrependimento latente, que, mesmo sendo difícil de admitir, eu vi que era verdadeiro. Seu queixo chegou a tremer um pouco e ele desviou o olhar, como se não quisesse que eu visse como estava vulnerável.

— Eu me *aependo uito* disso... — falou ele, voltando a me olhar. — Eu *queia oltar* no *temo,* mas *ão* é *ossíel...*

— Sim, não é possível voltar no tempo, mas você pode recuperar a confiança e o amor de Gabriela, Abraão. Disse isso para ela muitas vezes e vou dizer agora para você, espero que use esse acidente para tentar mudar e se tornar um homem melhor. Por Gabriela, estou até mesmo disposto a deixar a nossa inimizade de lado e tentar, de alguma forma, conviver pacificamente com você, mesmo tendo feito tudo o que fez comigo e com a minha família.

Seus olhos brilharam e, por um momento, pensei que veria cólera ou ódio neles, mas o que vi me deixou desconcertado. Ele me olhou de uma forma diferente, com um sentimento de indignação e injustiça que foi difícil de engolir.

— *Ão* fui eu — falou e eu franzi o cenho.

— Não foi você o quê?

— Sei que acha que fui eu, mas *ão* fui eu, *Amon. Ão* dei um *olpe* no seu

pai.

Precisei esfregar os olhos e passar as mãos pelo cabelo para não perder completamente a paciência e gritar com ele no leito de um hospital. Respirando fundo, apertei o maxilar e tentei não ficar estressado.

— Abraão, se eu fosse você, não começava com essa conversa. Vamos deixar o passado no passado.

— *Ão!* O *assado oltou, Amon! Eília oltou, ão odemos deixá* isso *ieto!* — disse com certa raiva, mas não sabia se era de mim ou de Cecília.

— Não podemos deixar o que quieto, Abraão?

— O fato de que *Eília* é uma *meniosa!* Ela *meniu a odos* nós!

— Sim, ela mentiu muito e isso eu concordo, essa parte nós não podemos deixar quieta, mas, sobre o golpe que você aplicou no meu pai? Esse é um assunto que eu não quero desenterrar!

— *Ão* fui eu! — falou com o rosto ficando vermelho e a sobrancelha direita franzida. — Deixei que *ocê ensasse* que *ia* sido eu, mas *ão* fui eu! *Aora* eu sei *eatamente* quem foi. *Eília!*

Abraão viu a descrença em meu rosto, pois ficou um pouco mais nervoso, fechando a mão em punho.

— Isso não faz o menor sentido. Por que Cecília faria isso? E por que deixou que eu pensasse que você fosse o culpado? — perguntei, sem sequer cogitar acreditar naquela possibilidade. — Você foi o único que ameaçou a mim e a minha família no enterro do seu pai, Abraão. Sem contar que tinha ódio de mim por conta de Cecília. E tentou comprar as terras quando meu pai perdeu tudo!

— Sim, eu sei! Eu *enei ompá,* mas o dono *ea aigo* do seu pai e *ão is* me *endê* e eu *esisti*.

— Sim, você tentou comprar e só não conseguiu, porque o dono era amigo de infância do meu pai e se recusou a vender para você! — Repeti o que disse, travando o maxilar e me obrigando a respirar fundo. — Sei que deve estar querendo se livrar da culpa, porque tem medo de que Gabriela lhe vire as costas, mas fique tranquilo, ela já sabe e, mesmo assim, não deixou de estar ao seu lado. Ficou chocada e muito chateada, até um pouco culpada, mas creio que ela vai conversar sobre isso com você no momento certo. Só acho que você não deve se aproveitar do retorno de Cecília para se livrar das coisas que fez no passado.

Ele tentou balançar a cabeça com dificuldade e bateu o punho direito sobre a cama, sem muita força.

— Deixei que *ocê ensasse* que ia sido eu, *orque queia* que *ocê* achasse que eu *ia conistado* tudo o que *ocê queia*.

— Que você tinha conquistado tudo o que eu queria?

— Sim. Suas *teas* e a *Eília*. Eu *sempe oube* que ela ia me *escoler* e foi isso que *aoneceu* — falou com certa arrogância, desarmando-se em seguida. — Mas *ão* fui eu, *Amon.* Eu *escobi oisas sobe Eília, oisas oíveis.*

— Descobriu coisas horríveis sobre Cecília? Que coisas?

— Eu *ão ou onseguí falá aora...* Muitas *oisas* e eu estou *iútil* — disse, apontando para a própria garganta com desagrado. — Mas eu *teo ovas.*

— Tem provas?

— Sim. Mas, *anes* de eu *falá* onde estão, *eciso sabe uma oisa.*

— Do que você precisa saber?

— Se *osso onfiar* em *ocê* a *cuidá* da *mia filia.*

Nunca esperei ouvir nada parecido de Abraão. Seu olhar para mim era quase suplicante, como se eu fosse a última pessoa no mundo com quem ele queria contar. Antes que eu pudesse responder, ele reiterou:

— Se *ocê* ama *mia filia, ai te* que *otege-a.*

— Eu vou protegê-la, Abraão. Gabriela é a coisa mais importante da minha vida.

— Eu mesmo *cuidaia* dela, mas *ão* posso — falou em um tom frustrado, olhando para a própria cama.

— Eu farei isso, Abraão. Na verdade, cuidar de Gabriela se tornou a minha prioridade desde o momento em que a levei para a minha casa. Sei que pode parecer confuso, mas eu realmente a amo, de um jeito que nunca amei qualquer outra mulher.

Ele me olhou sem saber se acreditava em mim ou não e franziu levemente o cenho.

— *Abi* disse que *ocês* estão *untos*.

— Sim, estamos namorando.

Seu rosto ficou levemente vermelho e uma expressão contrariada cruzou o lado direito do seu rosto.

— Isso é *oucura, Amon! Ão onsegue vê* isso?

— Eu pensei o mesmo quando comecei a me apaixonar por ela, mas o amor é um sentimento que não tem como controlar, Abraão, e você sabe muito bem disso.

Ele retesou o maxilar e respirou forte.

— *Ão queo imaginá* o que *ocê* fez com a *mia filia esses* meses...

Bom, em seu lugar de pai, era melhor mesmo que nem começasse a imaginar. Fiquei calado e ele arregalou levemente os olhos, levando meu silêncio como uma resposta afirmativa para tudo o que se passava em sua cabeça.

— *Queia podê* te *dá* um tiro *aora!* — falou com raiva, mas, surpreendentemente, não consegui sentir raiva dele também e nem levar para o lado pessoal. O vi apenas como um pai ciumento e o papel até que lhe caía bem.

— Guarde a sua raiva para quando puder se levantar dessa cama. Onde estão as tais provas?

Ele tentou engolir o ciúme e falou com uma expressão mais amena:

— Em *mia asa em Ibeião Eto.*

— Em São Paulo? Porra, Abraão, por que não escondeu em um lugar mais acessível?

— *Orque Oão Arcelo oderia achá!* Ele *ão* sabe da *asa* em *San Aulo*. Em meu *uarto* na *azenda*, há um *cofe* no *croset*, a *seia* é *um... Aotá!*

Peguei meu celular e anotei rapidamente a senha que ele me passou e as instruções para achar o tal cofre em seu closet. Quando terminei, ele me fitou.

— Nesse *cofe tá* a *ave* da *asa* em *San Aulo. As ovas* estão no *cofe* no *esitório* e a *seia* é a mesma.

— As provas estão no cofre do escritório... — murmurei, anotando tudo em meu celular. — Está bem, vou agora mesmo até a sua fazenda, em seguida, mandarei alguém de confiança para ir a São Paulo pegar as provas. Tem certeza do que está me mandando fazer, não é, Abraão? Se for uma armadilha, nem mesmo Gabriela conseguirá conter a minha fúria sobre você.

Ele revirou os olhos e me fitou de forma impaciente.

— Eu *ão* sou um *hoem* de *bincadeias, Amon!* Só *queo oteger* a *mia filia!*

— Está bem, vou dar esse voto de confiança em você — falei, sem entender ao certo o que me impelia a acreditar em Abraão, mas seguindo meu instinto que, geralmente, não falhava.

— E eu em *ocê. Ão tie os olios* de cima *de Abiela. Eília ão* é *onfiável.*

— Não vou tirar os meus olhos dela, Abraão. Se alguma coisa realmente pode nos unir nessa vida, é Gabriela.

Ele assentiu sem pestanejar e eu saí do seu quarto, ligando para Caio e compartilhando com ele a conversa mais estranha e intensa que eu já tive em toda a minha vida.



Caio decidiu me encontrar na fazenda de Abraão enquanto conversávamos pelo celular. Contei tudo a ele, ouvindo seus murmúrios de indignação e surpresa, como se também não esperasse por tudo aquilo. Quando recebi o recado de Abraão, achei que teríamos um embate ferrenho, cheguei até mesmo a pensar que ele tentaria me obrigar a ficar afastado de Gabriela, mas, apesar de estar claramente contrariado sobre o nosso relacionamento, ele tinha visto em mim alguém que poderia proteger a sua filha quando ele mesmo não podia.

Entrei na Fazenda Rodrigues e cumprimentei Anderson, o caseiro que tomava conta de tudo por ali e esperei por Caio em frente ao casarão. Ele chegou dez minutos depois e me deu um olhar tenso, fazendo uma careta.

— Cara, minha mente não para de dar voltas desde a hora em que você me ligou. Que loucura é essa, Ramon? Nem sei o que dizer!

— E eu muito menos. Vamos logo achar o tal do cofre, pois não vejo a hora de acabar logo com tudo isso.

Entramos no casarão, que estava conservado e limpo por conta da diarista que ia ali uma vez por semana, e subimos as escadas que nos levaria ao segundo andar. O quarto de Abraão ficava nos fundos do corredor e, assim que entramos, encaramos um quadro enorme de Cecília na parede. Os olhos dela pareceram me invadir e Caio se arrepiou ao meu lado.

— Olha, eu sei que ela está viva e tudo mais, mas tudo isso ainda é estranho para mim. Não consigo desassociá-la de uma defunta.

— Tem medo de espíritos, Caio?

— Medo não, respeito — falou, passando por mim e olhando rapidamente em volta do cômodo enorme. — Abraão tem um péssimo gosto, móveis muito escuros e antiquados. Não gostei.

Só mesmo Caio para reparar na decoração do quarto em um momento como aquele. Revirando os olhos, passei por ele e fui até o closet, seguindo as instruções de Abraão e afastando seus sapatos da prateleira mais baixa, perto do chão. Caio apareceu ao meu lado e me ajudou a tirar os calçados, em seguida, removi o painel que revestia o fundo do closet. Lá estava, um cofre digital na cor chumbo, afixado à parede.

— Se tiver uma bomba aí dentro e ela explodir depois que você colocar a senha, eu nunca vou te perdoar, Ramon. Sou muito novo para morrer! Vou ficar no seu pé lá no céu, te perturbando por toda a eternidade.

— Você acha mesmo que vai para o céu? — falei em meio a uma risada, sentindo a tensão deixar um pouco os meus ombros, enquanto tirava o celular do bolso para ver a senha.

— Mas é claro que eu vou para o céu! Se você olhar para mim e olhar para um anjo, não vai saber reconhecer quem é quem.

— Lúcifer também era um anjo.

— Meu Deus, Ramon! Você não sabe brincar!

Ele acabou rindo junto comigo, mas paramos assim que comecei a digitar a senha. Sabia que Caio estava brincando, mas comecei a pensar que, talvez, pudesse mesmo ter uma bomba ali, afinal, era com Abraão que estávamos lidando e, apesar de ter visto a verdade em seus olhos enquanto conversávamos, não poderia confiar cem por cento nele. Por fim, ouvimos o barulho característico da porta do cofre destravando e o silêncio voltou a dominar o cômodo pequeno.

— Vou abrir — avisei e Caio assentiu.

Afastei a porta e não encontramos nada demais lá dentro. Segundo Abraão, a chave estava dentro de uma caixinha preta de veludo e a identifiquei rapidamente no meio do cofre, em seguida, dei uma olhada geral no que havia ali. Uma caneta de ouro e um broche com o brasão da família Rodrigues e uma aliança de diamante, que provavelmente tinha pertencido à Cecília.

— Nenhuma bomba, graças a Deus — Caio concluiu.

Depois de checar se a chave estava mesmo dentro da caixinha, tranquei o cofre e coloquei o painel no lugar, recebendo a ajuda de Caio para colocar os sapatos em cima da prateleira.

— Preciso que você faça um grande favor para mim, Caio — falei assim que saímos do closet. — Não posso deixar Gabriela sozinha, ainda mais com Cecília a rondando desse jeito, então, não vou poder ir à São Paulo buscar as tais provas.

— Nem precisa continuar, Ramon, é claro que eu vou! Tenho reuniões em Goiânia nos próximos três dias, mas de lá, eu vou direto para a São Paulo. Se eu pudesse, cancelaria as reuniões e ia hoje mesmo, mas não dá.

— Não se preocupe, esperar três dias não vai nos matar.

— O que não pode mais esperar, é a conversa que você tem que ter com a

Gabizinha, Ramon. Eu sei que você está esperando o momento certo, porque não quer magoá-la, mas precisa contar logo, antes que a ex-defunta decida dar com a língua dos dentes e estrague tudo. Não confio nela, do jeito que é, é capaz de aumentar a história e inventar coisas absurdas sobre você.

Sabia que Caio estava coberto de razão e senti um aperto no peito só de imaginar isso acontecer.

— Vou contar a ela hoje — decidi. Não podia mais protelar, Cecília vinha cercando Gabriela, ligando, mandando mensagens, tentando se aproximar. Se eu bobeasse, ela podia realmente fazer o que Caio havia acabado de falar. — Assim que eu chegar em casa, vou chamar Gabriela para conversar e contarei tudo para ela.

— Isso aí, irmão — Caio disse, apertando meu ombro. — A Gabizinha te ama, sei que vai te entender que tudo aquilo aconteceu há muitos anos, que não tem nada a ver com o que você sente por ela e vai te perdoar por não ter contado antes.

— Espero que sim, porque ela está enfrentando muita coisa, Caio. Não quero que se afaste de mim nesse momento.

— Ela não vai se afastar, confie.

Obviamente, Caio não poderia me dar certeza de nada, mas, mesmo assim, me agarrei às suas palavras e confiei.



“Porque o maior amor de todos
Está acontecendo comigo
Eu descobri que o maior amor de todos
Está dentro de mim”

The Greatest Love Of All – Whitney Houston

GABRIELA

Tirei mais um cochilo depois que Ramon saiu e acordei mais disposta perto de uma da tarde. Fiquei um pouco zonza ao levantar da cama, provavelmente por estar com o estômago vazio e fui direto para o chuveiro tomar um banho e tirar aquela sensação pegajosa do meu corpo. Fiquei alguns minutos parada sob o jato d’água, aproveitando o silêncio da minha mente e recarregando as minhas energias, antes de planejar o que faria naquele dia. Tinha que visitar o meu pai, mas esperaria Ramon chegar para ir comigo e, como não sabia se ele iria demorar ou não no centro da cidade, resolvi que iria passar um tempo com Trovão. Em meio a correria, mal tinha dado atenção a ele naquela semana.

Arrumei-me rapidamente e penteei os cabelos antes de sair do quarto. Assim que entrei na cozinha, ouvi as vozes das meninas e Cissa veio correndo me perguntar se estava tudo bem e falando que faria uma vitamina para mim. Meu estômago embrulhou, mas eu disfarcei a sensação e dispensei a vitamina, pegando uma maçã e uma banana para comer. Obviamente, Cissa

não gostou nada de me ver comendo tão pouco, mas aleguei que esperaria Ramon para almoçar e ela acabou aceitando a minha desculpa.

Depois de comer, falei que iria pegar Trovão e Cissa decidiu que iria comigo. Ela gostava de me ver trabalhando com ele, ficava animada com a possibilidade de, em um futuro próximo, eu começar a fazer o mesmo com outros cavalos. Em meio a tantos acontecimentos, nem havia voltado a pensar no curso de adestramento que Ramon disse que eu poderia fazer para poder me aperfeiçoar e me tornar uma profissional, mas voltaria a focar naquilo em breve. Sentia que trabalhar com os cavalos daquela maneira, era o que eu queria fazer pelo resto da minha vida.

Pedi para que os rapazes me ajudassem a tirar Trovão de sua baia e fui com ele até o pasto, conversando e acariciando sua pelagem marrom, que brilhava sob a luz do sol. Ele parecia estar de bom-humor naquela tarde, pois o guiei pela corda até onde Cissa estava, do outro lado do cercado e ele deixou que ela acariciasse seu focinho.

— Olá, Trovão! É tão bonitinho ver que você não dá trabalho a Gabi. Se tornou um menino muito educado — Cissa disse para ele e eu ri, assentindo.

— Nem parece o mesmo cavalo rebelde, não é, Cissa?

— Não mesmo, mas isso não me surpreende. Se você domou o Ramon, pode domar qualquer cavalo dessa fazenda.

— Ai, Cissa, você não existe!

Trovão ficou impaciente com o nosso bate-papo e eu me afastei para poder fazer alguns exercícios com ele. Deixei que trotasse em círculos pelo pasto e reconhecesse o terreno, segurando-o firme pela corda longa e Cissa acompanhou tudo de perto, soltando alguns comentários uma vez ou outra e perguntando se eu estava me sentindo bem. Graças a Deus, eu estava ótima. O mal-estar havia passado e estar ali, ao lado de Trovão, estava me enchendo de energia.

Encurtei um pouco mais a corda para fazer com que ele diminuísse a velocidade e passasse a dar passos mais perto de mim e diminuí totalmente a nossa distância minutos depois, levando-o novamente para perto de Cissa para poder colocar a sela sobre o seu lombo. Ele voltou a deixar que ela o acariciasse e eu me aproximei depois de terminar a selagem, acariciando seu pescoço.

— Vamos brincar, Trovão? Vou montar em você, não esqueça de ser gentil — avisei e ele balançou o rabo como se estivesse me respondendo. — Muito bem.

Fui para perto do arreio para poder montar, mas, antes que eu pudesse colocar o meu pé e dar impulso, Trovão deu dois passos para trás e balançou firme a cabeça, antes de enfiar o focinho na altura da minha barriga. Sua respiração forte chegou a deixar a minha blusa úmida.

— Que isso, Trovão? Está quase me fazendo cócegas! — Ri, afastando-me para tentar me aproximar novamente do arreio, mas ele deu mais um passo para trás. — Trovão! O que você está fazendo?

Ele enfiou novamente o focinho em minha barriga e respirou forte, batendo o casco no chão e balançando o rabo. Sem entender nada, olhei para Cissa como se ela pudesse me dar uma resposta para o que estava acontecendo e a encontrei com o rosto pálido e a boca levemente aberta.

— Está vendo, Cissa? A gente não pode nem fazer um elogio e ele já fica rebelde de novo — comentei, tocando no focinho de Trovão e tentando olhar em seus olhos. — Trovão, você nunca fez isso comigo. Por que não quer me deixar montar em você?

— Eu só vi isso uma vez na minha vida — Cissa disse, chamando a minha atenção.

— Isso o quê? Um cavalo rebelde? — perguntei sem conseguir deixar de rir, mas ela não me acompanhou e balançou a cabeça.

— Descobrimos que a mãe de Ramon estava grávida dele, porque o cavalo dela se recusou a deixar que ela o montasse. Ele agiu exatamente da mesma forma que Trovão está agindo com você, cheirou a barriga dela e se afastou — ela disse e meu coração só faltou despencar do peito e cair bem ali, naquele pasto. — Eu cheguei a desconfiar de que você poderia estar grávida ontem, quando me pediu para fazer o bolo e comeu com tanto entusiasmo, mas agora eu tenho certeza. Gabriela, você está grávida!

Cissa abriu um sorriso enorme, emocionado, mas eu não consegui ter nenhuma reação, acho que sequer conseguia piscar. Vi o momento em que ela caminhou até a porteira e entrou no pasto, caminhando rapidamente em minha direção. Seus braços me envolveram em um abraço apertado e cheio de amor.

— Minha filha, eu sei que você deve estar em choque, mas essa é uma notícia muito boa! — ela disse, afastando-se para pegar meu rosto em suas mãos. — Uma criança é sempre motivo de alegria!

Sentia meus olhos secos, super arregalados, enquanto Cissa quase chorava. Abri a boca para tentar falar alguma coisa, mas paralisei com as palavras dela se repetindo em minha mente.

— Criança? Gabriela, você está grávida?

Cissa tomou a minha frente no momento em que a voz da minha mãe soou em nossos ouvidos. Assustada, olhei para ela bem ali, do lado de fora da cerca, com os olhos cravados nos meus e o cenho franzido, as bochechas brancas ficando vermelhas.

— É isso mesmo que eu ouvi? Você está *grávida*?

Ela praticamente cuspiu a palavra e eu senti meu corpo começar a reagir, meu cérebro ligar novamente e voltar a raciocinar. Segurando firme na corda em que guiava Trovão, olhei para Cecília sem entender o porquê de parecer tão incomodada, quase furiosa.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, tentando ficar calma e não surtar.

Talvez, eu estivesse grávida. *Grávida*. Tentei fazer algumas contas em minha cabeça e me lembrar da minha última menstruação.

— E quem deixou você entrar? — Cissa perguntou, afastando-se um pouco de mim.

Os olhos da minha mãe caíram sobre a minha barriga e eu estremeci, sentindo vontade proteger algo — uma *criança* — que eu nem sabia se realmente existia. Puxando Trovão pela corda, o guiei até a porteira e chamei um dos rapazes com o dedo.

— Pode levá-lo de volta para a baia, por favor? E coloque mais água e ração para ele — pedi, acariciando o pescoço de Trovão, ainda sem saber como reagir ao que ele havia acabado de fazer comigo.

Uma avalanche de emoções tomou o meu peito enquanto via o cavalo sendo levado de volta para o celeiro. Eu ainda podia sentir o seu focinho pressionado contra a minha barriga, as palavras de Cissa se repetindo em minha cabeça. Deus do céu, precisava de Ramon agora, ou iria surtar.

Meu Deus, o Ramon! O que ele pensaria daquilo tudo? Já havíamos conversado sobre filhos, mas sempre em um futuro muito, muito distante. Ai, Jesus Cristo...

— Querida, vamos entrar. Daqui a pouco o Ramon vai chegar e vocês vão poder conversar — Cissa disse baixinho ao meu lado, tomando a minha mão.

Praticamente deixei que ela me levasse para dentro de casa, enquanto Cecília nos acompanhava. Subimos as escadas da varanda e fomos direto para a sala, onde me sentei no sofá e olhei pela janela. Ramon estaria chegando? Eu teria coragem de falar aquilo para ele? Será que estava mesmo grávida?

— Cissa, pegue uma água para ela, por favor. Olha como ela está pálida! — Cecília disse, puxando meu rosto em sua direção. — E gelada, tadinha. Filha, está sentindo alguma coisa?

Minha mãe já não tinha mais com aquela expressão de raiva no rosto, pelo contrário, me olhava como se quisesse me pegar no colo e cuidar de mim. Aquilo me deixou ainda mais assustada, porque não queria que ela cuidasse de mim, ao menos queria que ela estivesse ali. Não queria que soubesse sobre a possibilidade de eu estar grávida, apesar de eu não entender o porquê daquele sentimento, daquele receio.

— Por que está aqui? Você não disse que vinha.

— Eu quis te fazer uma surpresa, estava com muita saudade. Parece que cheguei em uma boa hora, estou vendo em seus olhos como está assustada. — Ela olhou em volta e viu Cissa ainda ali, parada no meio da sala. — Pelo amor de Deus, Cissa, cadê a água que eu mandei você pegar?

— Cissa não é a sua empregada, não fale desse jeito com ela! — falei sem medir o meu tom de voz ou a minha indignação. Que absurdo, como ela tinha coragem de falar daquela maneira com Cissa? Nervosa, me levantei e fui para perto de Cissa, querendo ficar longe dela. — Por favor, Cecília, vá embora. Quero ficar sozinha.

Sua boca se abriu em choque, como se não esperasse que eu tivesse coragem para pedir que fosse embora e seus ombros caíram.

— Mas, filha, eu só...

— Cecília, eu acho que esse não é um bom momento, quando Gabriela quiser conversar com você, ela vai te ligar.

Cecília se levantou e se aproximou de mim a passos rápidos, ignorando Cissa.

— Filha, eu quero estar ao seu lado nesse momento. Você já fez teste? Deu positivo? — perguntou ela, pegando em minha mão e se aproximando ainda mais. — O filho é mesmo do Ramon?

Foi a minha vez de deixar minha boca cair aberta, o horror daquela pergunta me deixou indignada, com vontade de vomitar.

— Como você tem coragem de me perguntar isso? Quero que vá embora agora! — gritei, afastando-me dela.

— Filha, só estou perguntando isso, porque, se não for dele, está tudo bem. Eu estou aqui, vou te acolher e te apoiar em tudo o que você precisar!

— Não quero o seu apoio, quero que vá embora!

Ela parou no meio da sala, a alguns passos de me alcançar e me deu um

olhar magoado, o queixo começando a tremer. Sua expressão de tristeza me deixou culpada, mas não consegui me reaproximar ou pedir desculpas. Ela tinha acabado de me insultar! Como tinha coragem de insinuar que o bebê não era de Ramon? Como podia ter pensado em um absurdo desses? Ela ergueu a mão levemente trêmula para mim, mas Cissa tomou a minha frente.

— Vá embora, Cecília, ou chamarei os seguranças!

Ela olhou para Cissa, depois me olhou. O queixo ainda tremia, mas seus olhos estavam secos, sem um resquício de lágrima.

— Gabi, filha...

— O que está acontecendo aqui?

A voz de Ramon interrompeu o discurso de Cecília e meu coração disparou em alívio ao vê-lo bem ali, na porta da sala. Sem pensar duas vezes, corri até ele e ele me encontrou no meio do caminho, me abraçando pelos ombros.

— O que houve, Gabi?

— Só estamos pedindo para que Cecília vá embora, Ramon — Cissa respondeu por mim e eu me virei para encarar minha mãe.

— Eu ligo para você depois — falei, apenas porque queria me livrar da sensação de culpa que me invadiu quando seu rosto se cobriu de tristeza.

— O que você veio fazer aqui? — Ramon perguntou.

— Eu vim ver a minha filha! Foram quinze anos longe dela, vocês não podem me julgar por estar sentindo saudade, por querer me reaproximar — ela disse em tom de choro e eu engoli em seco, querendo me fundir ao corpo de Ramon. — Mas, tudo bem, eu entendo que preciso esperar o seu tempo, Gabi. Vou embora, mas, por favor, não esqueça de me ligar.

Eu apenas assenti e ela olhou para mim e para Ramon mais uma vez, antes de passar voando por nós dois. Só voltei a respirar com um pouco mais de tranquilidade quando ela saiu do casarão, levando consigo aquele clima pesado que parecia acompanhá-la como uma sombra. Dando-me um sorrisinho, Cissa saiu da sala e Ramon pegou meu rosto entre as mãos, olhando-me com o cenho levemente franzido.

— Está tudo bem? Ela te chateou de alguma forma?

Quis dizer que sim, mas ele iria querer saber como e eu ainda precisava explicar que, talvez, eu estivesse grávida. Desconfortável, apenas balancei a cabeça.

— Eu estou bem, mas preciso conversar com você.

— Eu também preciso conversar com você — disse ele bem sério, mas

com os olhos ainda cheios de amor. — Vamos lá para cima?

Peguei a sua mão e, a cada degrau que subíamos, mais aflita e ansiosa eu ficava. Agora que Cecília havia ido embora, a força das palavras de Cissa voltaram a me invadir com tudo e eu senti um nó intenso se formar em minha garganta. Entramos no quarto e Ramon parou perto da cama, me dando um olhar nervoso. Fiquei curiosa para saber o que ele tinha para falar, mas, quando ele abriu a boca para me dizer, eu fui mais rápida e soltei tudo de uma vez:

— Talvez eu esteja grávida.

Ramon parou com a boca aberta e as mãos enfiadas no bolso da calça jeans. Pude ver inúmeras emoções passarem pelos seus olhos durante aqueles milésimos de segundos em que minha voz levou para parar de se propagar pelo quarto silencioso.

— O quê?

Sua voz saiu em um sussurro chocado, mas causou tanto impacto em mim, que me vi perdendo completamente o controle e falando tudo de uma vez só:

— Eu venho sentindo esses enjoos e o cansaço, mas pensei que poderia ser do estresse e, tudo bem, era a isso que estava me agarrando, mas, hoje, Cissa me acompanhou quando peguei o Trovão e o levei para o pasto. Estava indo tudo bem, eu estava o guiando direitinho, mas quando o selei e me preparei para montar, ele recuou e enfiou o focinho na minha barriga. Foi muito esquisito, achei até que ele estivesse brincando comigo, mas quando tentei de novo, ele voltou a se afastar e cheirar a minha barriga, então, Cissa me disse que só tinha visto aquilo acontecer uma vez, quando sua mãe engravidou de você e o cavalo dela se recusou a deixar que ela o montasse e, simples assim, ela jogou no meu colo a bomba de que, provavelmente, eu estou grávida!

Só percebi que eu estava andando de um lado para o outro quando terminei de falar e Ramon me segurou pelos ombros. Ofegante, olhei para ele sem saber se ele tinha me entendido ou não e ele me olhou com intensidade, fazendo meu coração bater ainda mais veloz dentro do peito.

— Respira — pediu, massageando meus ombros.

— Não posso respirar, Ramon. Ouviu o que eu disse? Talvez eu esteja grávida!

— Eu ouvi, meu amor, mas não vamos conseguir conversar se você não se acalmar — ele disse com uma tranquilidade que me deixou levemente irritada.

Como era possível que eu estivesse quase morrendo de desespero e ele

estivesse calmo daquele jeito? Seguindo seu conselho, respirei fundo e senti minhas pernas levemente trêmulas, consequência da adrenalina abaixando em meu corpo. Comecei a me perguntar se todas aquelas emoções faziam mal ao bebê e quase voltei a surtar. Eu nem sabia se o bebê existia de fato e já estava preocupada com ele! Já estava fazendo com que passasse nervoso! Meu Deus, seria uma péssima mãe.

— Vem cá. — Ramon me puxou pela mão e se sentou na cama, colocando-me sobre o seu colo. — Sua menstruação veio esse mês?

Balancei a cabeça e senti uma leve vontade de chorar.

— Era para ter vindo no começo do mês, mas não veio. Fiz as contas, estou atrasada há três semanas, Ramon.

Ai, meu Deus, estava mesmo grávida. Não tinha nem o que questionar. Envergonhada, escondi meu rosto entre as mãos e quis chorar baixinho, mas Ramon afastou os meus pulsos com delicadeza.

— Ei, olha para mim — ele pediu, tocando em meu rosto. Seu polegar secou as lágrimas idiotas que deixei cair. — Vamos fazer o teste, tudo bem? Não se desespere.

Assenti, mas, mesmo assim, murmurei a contragosto:

— Esse é realmente um ótimo momento para se estar grávida. Minha mãe morta voltou à vida, meu pai saiu de um coma, minha vida está de cabeça pra baixo e um Baldezinho está se formando na minha barriga. *Timing* perfeito! — Cruzei os braços e Ramon riu, balançando a cabeça. — Para de rir, Ramon! Eu estou nervosa!

— Desculpa — ele pediu, beijando a minha bochecha. — Eu também estou nervoso, só estou fingindo que não.

— Está fingindo muito bem.

— Porque não quero que você fique mais nervosa. Vou pedir para que um dos seguranças vá comprar um teste, tudo bem? Eles são mais discretos do que os rapazes da fazenda.

— Um, não! Manda comprar cinco, de marcas diferentes, só pra gente ter certeza.

— Está bem. — Ele beijou a minha boca e passou o polegar pela minha barriga, me deixando arrepiada e não de uma forma sexual, mas de uma forma que mexeu com a minha alma. — Já volto.

Ramon me colocou sentada na cama e se afastou para falar com o segurança pelo celular. Vi ele mexendo na agenda, mas, antes que pudesse ligar, duas batidas soaram na porta do quarto e ele foi atender e ver quem era.

Ouvi a voz de Cissa e me levantei curiosa para saber o que estavam conversando, mas Ramon logo fechou a porta e se aproximou de mim com uma sacola em mãos.

— Cissa foi mais rápida do que a gente e pediu para que a farmácia entregasse os testes aqui — disse ele, tirando-os da sacola. — Ela pediu dois, mas são de marcas diferentes.

— O que seria da nossa vida sem a Cissa?

— Nada

Ele sorriu um pouco nervoso e me estendeu a mão para irmos juntos ao banheiro. Como parecia estar mais controlado do que eu, leu as instruções em voz alta e, pelo o que entendi, tudo o que eu precisaria fazer era urinar em um copinho limpo, colocar o teste em contato com o xixi e esperar alguns minutos para que o resultado aparecesse. Tudo tão simples, que nem parecia que, dependendo do resultado, nossas vidas mudariam para sempre.

— Vire de costas, não vou conseguir fazer xixi com você me olhando — falei, sentada no vaso sanitário.

Ramon me deu um olhar como se dissesse que já tinha me visto em situações bem mais íntimas, mas não falou nada e se virou de costas, deixando que eu me concentrasse para fazer xixi. Demorou alguns segundos, mas consegui fazer e deixei o copinho em cima da pia para poder me limpar.

— Pronto — avisei quando terminei de ajeitar a roupa. Ramon se virou e veio com os testes em mãos.

Fizemos primeiro um e depois o outro e ficamos lado a lado, olhando para os dois palitos com expectativa. Não sei ele, mas eu estava com medo até de respirar enquanto os minutos pareciam não passar.

— Já deu cinco minutos?

— Faltam dois — ele disse, olhando rapidamente em seu relógio de pulso, antes de me puxar para os seus braços. Agarrei-me a ele com força, descansando a cabeça em seu peito e olhando fixamente para os testes em cima da bancada.

— E se der positivo, Ramon? — perguntei baixinho.

— Se der positivo, eu vou cuidar de você e do nosso bebê com todo o amor que há dentro do meu peito — ele disse, erguendo meu rosto com o dedo em meu queixo. — Nós sabíamos que a pílula do dia seguinte é falha e que a possibilidade da gravidez existia, só nos esquecemos disso no meio de tanta coisa que está acontecendo.

— Eu esqueci de tudo, de ir na ginecologista, de prestar atenção na minha

menstruação, de observar os sinais do meu corpo... Ai, vou ser uma péssima mãe!

— Claro que não, meu amor, eu acho que você vai ser uma mãe incrível, a melhor que nosso bebê poderia ter.

— Mesmo? — perguntei já querendo chorar de novo. Que coisa, eu mal tinha controle sobre as minhas emoções.

— Claro que sim, eu nunca tive dúvidas — disse ele, beijando meus lábios com delicadeza. — Acho que já deu os cinco minutos.

Afastei-me dele como se tivesse levado um choque e peguei os testes com os dedos trêmulos, sentindo meu coração disparar. Cissa havia comprado um em que o resultado saía em listras vermelhas e o outro mais eficaz, que dizia logo "grávida" ou "não grávida". Logicamente, foi esse que olhei primeiro.

— Jesus Cristo, estou grávida!

Lágrimas gordas escaparam dos meus olhos e eu não sabia o que estava sentindo com mais intensidade, o nervosismo, o medo ou o amor que me envolveu quando Ramon me fitou com um sorriso enorme e os olhos marejados.

— Ramon, eu estou grávida mesmo, olha — apontei para eles os dois exames, as listras vermelhas estavam quase dando tapas na minha cara. — O Trovão e a Cissa descobriram antes de mim.

Já imaginava eu contando isso para o meu filho e ele fazendo uma careta por ter uma mãe tão lenta para descobrir as coisas e isso me fez chorar mais, dessa vez de vontade de viver tudo aquilo logo. Ramon me abraçou e me deu um beijo que me fez perder o fôlego.

— Eles descobriram antes de nós dois — disse com a voz rouca, tão emocionado quanto eu, mas menos histérico. — Está mais calma?

— Não.

Ele riu e me pegou no colo, voltando comigo para o quarto e se sentando na cama.

— Precisa se acalmar, meu amor, agora nós temos a certeza de que você está grávida.

— É por isso que estou nervosa. Por que você não está surtando como eu?

— Porque alguém tem que manter a sanidade aqui.

Ele gargalhou quando bati de leve em seus ombros e secou as minhas lágrimas com delicadeza.

— Eu sei que tudo isso é muito novo e, de certa forma, inesperado, mas vamos permanecer juntos, entendeu? — ele perguntou um pouco mais sério e

eu assenti, sentindo meu coração começar a bater com mais calma. — Eu te amo muito, minha menina, muito — sussurrou, pousando a mão aberta sobre a minha barriga. — E vou amar muito o nosso filho também.

Coloquei a minha mão sobre a dele e o simbolismo naquele gesto simples, mas tão único, me envolveu de uma forma que me deixou sem palavras. Foi como se nossas vidas tivessem se interligando de outra forma, dentro de mim. Senti uma onda de tranquilidade transpassar o meu nervosismo e olhei nos olhos marejados de Ramon.

— Eu também amo muito você e vou amar muito o nosso filho.



“É que eu te amo
E não consigo me ver sem ser o teu amor por anos”

Porque eu te amo – Anavitória

RAMON

Gabi foi tomar banho e eu me joguei de costas no colchão, aproveitando aqueles minutos sozinho para olhar para o teto e deixar que cada uma das minhas emoções começassem a fluir. O choque ainda era a maior delas, mas tive que disfarçar muito bem, pois Gabriela já estava nervosa o suficiente e eu precisava criar um ponto de equilíbrio para que ela pudesse se apoiar. Agora, no entanto, sentia que meu coração estava prestes a despencar do meu peito enquanto a minha ficha começava a cair de verdade.

Eu seria pai. *Pai.*

Um sorriso incrédulo se abriu em meu rosto e precisei massagear meu peito para tentar acalmar as batidas aceleradas do meu coração. Tive medo de sofrer um infarto e eu ainda nem tinha chegado aos quarenta anos. Havia engravidado Gabriela. Deus do céu, ela só tinha vinte anos e estava prestes a ser mãe.

Um sentimento sufocante de culpa e remorso quis tomar conta do meu peito, mas me sentei na cama e respirei fundo, apertando a beirada do colchão com força. Não adiantava ir por esse caminho agora, porque não tinha mais como voltar atrás. Nós teríamos um filho, parecia surreal, mas era verdade.

Ouvi o barulho da porta do banheiro se abrindo e coloquei uma expressão calma no rosto, observando Gabi sair enrolada em uma toalha.

O desejo se juntou a todas as outras emoções que me dominavam, enquanto eu descia meus olhos pelo seu corpo e entendia o porquê de Gabi estar grávida. Era só olhar para ela que eu perdia completamente a noção e só pensava em mergulhar naquele corpo que eu tanto amava.

Ela parecia perdida em pensamentos e nem percebeu meu olhar, indo direto para o closet. Senti um ímpeto de ir atrás dela, mas me segurei, porque ainda sentia a minha cabeça cheia e o torpor estava começando a passar, enquanto pensamentos cruzavam a minha mente. Cheguei em casa decidido a contar tudo para ela de uma vez e tomei um susto ao ver Cecília na sala com ela, pensei logo que tinha sido mais rápida e falado tudo, mas quando Gabi se aproximou de mim e me abraçou, entendi que ainda não sabia de nada.

Quase fraquejei ao ver seu olhar tumultuado, cheio de sentimentos conflitantes, mas sabia que não podia deixar para depois, precisava me sentar com ela, contar primeiramente sobre a minha conversa com seu pai, depois sobre as provas que Caio pegaria em Ribeirão Preto, em seguida, falaria sobre o meu passado com a sua mãe. Estava tudo cronometrado em minha mente, até Gabriela soltar que poderia estar grávida. Os minutos seguintes foram uma confusão de choque, nervosismo e ansiedade até descobrirmos se ela estava esperando mesmo um bebê não.

E ela estava. Estava grávida de um filho meu, um filho *nosso*. O que eu faria agora? Como poderia desenterrar o passado assim e jogar tudo em seu colo? Aflito, passei as mãos pelos cabelos para tentar achar uma solução e me assustei ao ouvir a sua voz:

— O que foi?

Ergui meus olhos e a encontrei na minha frente, usando vestidinho rosa que batia na altura das suas coxas. Foi impossível não olhar para a sua barriga e imaginar como ela ficaria quando começasse a crescer.

— Senta aqui — pedi, apontando para o lugar ao meu lado. Poderia não contar sobre o meu passado para ela, mas precisava contar sobre a minha conversa com seu pai. Queria o mínimo possível de segredos entre nós dois. — Recebi uma ligação hoje de manhã do Doutor Orlando... — Parei quando vi seus olhos arregalados e sua boca se abrir, prestes a me interromper, mas fui mais rápido e toquei em suas mãos. — Não se preocupe, não aconteceu nada com o seu pai, pelo contrário, ele está bem e pediu para o médico me avisar que queria conversar comigo.

Os olhos dela se arregalaram.

— Meu pai quer conversar com você? Sobre o quê?

— Nós já conversamos, não fui à cidade, fui ao hospital. Não te contei, porque não queria que ficasse preocupada.

— Ramon, tinha que ter me falado! Queria ir junto!

— Ele queria conversar comigo, Gabi, a sós — falei, observando seu olhar aflito e a sua ansiedade.

— Ai, meu Deus, o que ele falou para você? Quer que a gente termine, é isso? Falei para ele que não vou terminar com você, Ramon! Você disse o mesmo, não é?

— Calma, vamos por parte — pedi, vendo-a assentir. — Ele perguntou se eu estava com você para me vingar dele.

— O quê? Que loucura é essa? — ela perguntou, balançando a cabeça. — Meu Deus, meu pai está ficando doido!

— Também fiquei indignado ao ouvir isso, mas, pensando friamente, no lugar dele, eu acharia o mesmo. Ele não sabe como é o nosso relacionamento, Gabi e ficou com medo de que eu estivesse usando você para me vingar dele de alguma forma, por conta do nosso passado.

— Você jamais faria isso, pelo amor de Deus, só admitiu que me queria porque não conseguiu fingir mais que não sentia nada por mim.

— Sim, só que não tinha como ele saber disso. Claro que fiquei puto com a pergunta e...

— Vocês brigaram? Ele passou mal? Eu deveria ter ido junto com você Ramon!

Ela estava um pouco desesperada e eu acabei rindo, sem saber como lidar com aquele turbilhão de emoções que estava passando pelos seus olhos. Ela bufou e fechou a cara de um jeito lindo, que me deu vontade de beijar o biquinho formado pelos seus lábios.

— Nós não brigamos... Quer dizer, não brigamos *muito*, pensei que seria pior — falei e ela me deu um olhar condescendente. — E ele também não passou mal, pelo contrário, seu pai estava muito bem.

— E depois, o que aconteceu?

— Ele não acreditou em minha palavra e eu expliquei que o que sinto por você, não tem e nunca teve nada a ver com ele. Deixei claro que me apaixonei por você e ele citou a nossa diferença de idade, disse que era uma loucura e que você era apenas uma menina — falei, vendo-a revirar os olhos. — E precisei dizer para ele que, na verdade, você é uma mulher incrível e

maravilhosa e que ele saberia disso se tivesse passado mais tempo ao seu lado.

Os olhos de Gabriela brilharam e ela praticamente pulou em meu colo, sentando-se de frente para mim com um sorriso enorme nos lábios.

— Você disse isso mesmo?

— Sim, eu disse — falei, deixando de lado a parte em que conversamos sobre Cecília. Passei minhas mãos pela sua cintura fina e deixei que meu polegar acariciasse sua barriga. Acho que poderia ficar viciado em fazer aquilo pelos próximos meses.

— E o que ele falou?

— Eu pensei que ele continuaria me julgando e desdenhando da nossa relação, mas seu pai ficou emocionado de um jeito que nunca vi em toda a minha vida e disse que se arrependia muito de ter mandado você para longe e que, se pudesse voltar atrás, faria tudo diferente.

— Ontem ele disse que havia sido um pai muito ruim para mim. Ramon, aquilo me tocou tanto, porque nunca achei que ele fosse um pai ruim, cheguei a comentar sobre isso com você. Claro que convivi nutrindo certa mágoa por ele, mas nunca senti rancor ou raiva, pelo menos não dele como pai, só pelo o que fez a você. Nem gosto de pensar muito nisso, na verdade e nem imagino como vou conversar com ele sobre isso.

— Ele disse que não foi ele.

Gabriela franziu o cenho e me olhou com uma careta.

— Não foi ele o quê?

— Que deu um golpe em minha família.

— Mas ele não ameaçou a sua família no enterro do meu avô?

— Ameaçou, mas disse que não foi ele quem aplicou o golpe em meu pai.

— Vocês tinham algum outro inimigo?

— Não.

Ela me olhou com o semblante confuso.

— Então, se não foi ele, quem foi?

— Ele disse que foi a sua mãe.

Senti Gabriela ficar tensa sobre o meu colo e vi seus olhos se arregalarem.

— Mas... Por que ela faria isso?

— Não sei — falei com sinceridade, porque eu realmente não sabia. A história não fazia o menor sentido em minha cabeça, porque não conseguia enxergar um motivo para Cecília querer aplicar um golpe em minha família, principalmente porque, na época, ela já tinha firmado compromisso com

Abraão. — Mas ele disse que descobriu algumas coisas sobre a sua mãe e que tem provas de tudo, Gabi. Só por isso que dei a ele um voto de confiança.

— Provas? Mas ele disse que provas são essas?

— Não, ele disse que não teria como explicar tudo, por conta da dificuldade que está enfrentando para poder falar, mas me disse que as provas estão na casa dele em Ribeirão Preto. Falou que colocou tudo lá, dentro de um cofre, porque João Marcelo não tem conhecimento desse imóvel.

— E agora? Como vamos fazer para pegar essas provas? — ela perguntou me dando um olhar aflito.

— Caio vai pegar. Ele tem que ficar três dias em Goiânia por conta de uma reunião e vai direto para São Paulo de lá. Seu pai pediu para que, enquanto isso, a gente tome cuidado com a sua mãe, principalmente você. Ele não quis me dizer o porquê, mas ele não confia nela, Gabi, e eu também não.

Gabriela me deu um olhar assustado e balançou a cabeça, esfregando os olhos em frustração.

— Meu Deus, Ramon, quem é essa mulher? O que será que meu pai descobriu sobre ela?

— Não sei, meu amor, mas vamos descobrir em breve — falei, tocando seu rosto. — Não fique nervosa, tudo bem? Sei que é muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, mas agora, temos outra prioridade. — Toquei em sua barriga com a outra mão e ela me deu um sorrisinho.

— Eu ainda estou me acostumando com a ideia de que tem alguém aqui dentro — disse ela, colocando a mão sobre a minha por um segundo. — Mas tenho medo do que pode acontecer, Ramon. Sem querer, minha mãe ouviu Cissa falando que eu estou grávida. Ela ficou muito nervosa, quase furiosa, eu diria, apesar de eu não entender muito bem a sua reação e chegou até a me perguntar se o filho era seu mesmo. Deus do céu, ela realmente não me conhece!

Gabriela demonstrou sua indignação cruzando os braços, mas senti minha cabeça ir longe ao ouvir sobre a reação de Cecília. Ela poderia ficar preocupada, mas furiosa? Vários sinais de alerta despertaram em minha cabeça e decidi que, até Caio voltar com as tais provas, não deixaria que Cecília se aproximasse de Gabriela novamente, nem mesmo por telefonema.

— É melhor você se manter ainda mais afastada dela, entendeu? Se ela ligar, não atenda, responda apenas às mensagens que ela enviar.

— E se ela perguntar sobre a gravidez, o que eu falo?

— Fala que ainda não sabe, que não fez os exames. Precisamos mantê-la

por perto até que Caio volte com as provas, mas não quero que fique perto de você. Se Cecília for uma mulher perigosa, você pode estar correndo perigo. Não sabemos qual é a real intenção dela com esse retorno.

Gabi estremeceu sob o meu colo e uma expressão de tristeza e cansaço se apossou de seu rosto.

— Minha mãe voltou, mas pode ser uma mulher ruim... Sinto minha mente dar um nó ao pensar nisso e meu coração fica apertado, porque convivi com a lembrança de uma mãe boa e amorosa e, agora, ela pode destruir tudo isso.

— Eu não posso te dar a certeza se ela é boa ou má, minha menina, só posso afirmar que estarei ao seu lado e não deixarei que passe por nada disso sozinha.

— Eu nunca duvidei disso — ela sussurrou, tocando a testa na minha. — Você é o amor da minha vida, Ramon. Eu não sei o que seria de mim se você não estivesse comigo agora.

— Eu estou aqui e não vou sair nem que me expulse.

Ela deu um sorrisinho emocionado e acariciou a minha nuca com delicadeza.

— Eu não seria louca de te expulsar, meu fazendeiro.

Fechei os olhos quando me beijou com carinho e só consegui pedir a Deus para que ela realmente não me abandonasse quando eu lhe dissesse a verdade. O beijo durou apenas alguns segundos, antes de Gabriela se afastar de mim e me lançar um olhar arregalado.

— Meu Deus, temos que contar o resultado do exame para Cissa! Ela deve estar muito ansiosa lá embaixo! E também temos que contar para Luna e para o Caio! Ele já viajou?

— Não, vai amanhã de manhã.

— Ótimo, ligue para ele e fale que eu estou pedindo para que venha aqui na fazenda — ela disse, levantando-se de repente e me puxando pela mão. Assim que fiquei de pé, ela me abraçou pelo pescoço. — Vamos fingir, só por hoje, que não temos um mundo de problemas para enfrentar? Eu só quero curtir esse momento com você e a nossa família.

Eu nem sabia como começar a explicar o que aquelas palavras fizeram dentro do meu coração. *Nossa família*. Tomando seu rosto em minhas mãos, dei um beijo delicioso em sua boca e apoiei minha testa na dela, sentindo vontade de tomá-la em meu colo e fugir, retornando apenas quando o nosso mundo estivesse perfeito de novo, mas, como não era possível, acatei o seu desejo e fiz de tudo para deixar para trás todos os nossos problemas, pelo

menos durante aquele dia.



Acho que nunca vi Cissa tão feliz em toda a minha vida, seus gritinhos histéricos só faltaram alcançar toda a fazenda, enquanto dava pulinhos e abraçava Gabi com os olhos cheios de lágrimas.

— Ah, meu Deus, essa criança vai ser muito, muito amada! — disse ela, abaixando-se para beijar a barriga de Gabi. Nem eu havia feito isso ainda, mas não senti ciúmes de Cissa, só um amor imensurável. — A vovó Cissa vai te mimar muito, meu amor! Vou estragar você! Enquanto isso, vou cuidar da sua mamãe e fazer com que ela coma muitas frutas e verduras para ficar forte, meu Baldezinho.

Depois disso, ela me abraçou com força e falou tantas palavras carinhosas em meu ouvido, que foi impossível não ficar emocionado e deixar que algumas lágrimas rolassem. Deixou bem claro como sentia orgulho do homem que eu havia me tornado, do império que havia construído apesar de todas as adversidades e, principalmente, por eu ter encontrado a Gabriela e parado de lutar pelos sentimentos por ela. Disse que eu merecia toda aquela felicidade e que ser pai mudaria completamente a minha vida.

Suas palavras fizeram com que o choque me deixasse completamente. Nunca me permiti pensar muito em ser pai ou construir uma família, não porque fosse cético sobre o amor ou não gostasse de crianças, mas porque sempre fui muito focado em minha fazenda, em meus negócios, em realizar o sonho do meu pai e do meu avô. Mal tinha tempo para pensar em mim de verdade, até Gabriela chegar e mudar tudo. Ela fez com que eu enxergasse que eu merecia ser feliz também na minha vida pessoal e não apenas na profissional. Silenciosamente, de forma despretensiosa, foi se infiltrando em espaços vazios dentro do meu coração e da minha alma, até tomar o lugar que lhe pertencia, que esperava apenas por ela. Agora, finalmente, eu estava entendendo o que era olhar para mim e almejar a minha felicidade ao lado dela.

Assim que Cissa se afastou, falando que iria para cozinha preparar um banquete para o jantar, puxei Gabriela para mim. Estávamos sozinhos na sala, o sol se infiltrava pelas janelas e iluminava seus olhos impressionantes. Anos

iriam se passar e eu sempre perderia o compasso do meu coração ao fitar aquelas pupilas de cores diferentes, que mexiam demais com todo o meu ser. Seu sorriso emocionado fez com que uma sensação deliciosa percorresse todo o meu corpo.

— Você está feliz, meu amor? — perguntei, tocando em seu rosto com uma mão e mantendo seu corpo firme contra o meu com a outra.

Eu sabia que era muita coisa para assimilar em tão pouco tempo, mas precisava ter certeza de que, pelo menos sobre o nosso amor, sobre a nossa história, ela estava contente.

— Ainda estou um pouco chocada, mas estou feliz — ela disse com sinceridade. O brilho em seu olhar e aquele sorrisinho deixavam isso bem claro. — E você?

— Eu também estava chocado, assustado, diria.

— Estava nada! Eu estava surtando e você estava pleno — disse com o cenho meio franzido e eu ri, balançando a cabeça.

— Precisei fingir, ou seríamos dois assustados e nervosos e isso poderia fazer mal a você e ao bebê — falei, ficando um pouco mais sério. — A primeira coisa que passou pela minha cabeça, quando você me contou que poderia estar grávida, foi o fato de você ser muito nova e ainda ter a vida inteira pela frente. Eu já tenho trinta e oito anos, mas não me importaria de esperar mais dez para ter um filho com você. Queria que você focasse nos cursos que quer fazer, queria que se profissionalizasse e, só depois, pensasse em ser mãe, mas um desvio no meio do caminho alterou todos os planos e...

Ela pousou as mãos sobre a minha boca, me interrompendo e me deu um olhar cheio de intensidade.

— Eu também queria tudo isso, mas, sabe do que me dei conta agora? — perguntou e eu arqueei uma sobrancelha, pois suas mãos ainda estavam na frente da minha boca. Rindo, ela as tirou dali e abraçou a minha nuca. — Eu sou nova sim, também tinha muitos planos, mas ser mãe não vai me impedir de realizá-los, Ramon. Eu tenho você, tenho a Cissa, a Luna, o Caio, tenho até mesmo o meu pai, se ele não infartar com a notícia e aceitar o neto ou a neta, e tenho certeza de que nenhum de vocês irá se opor em ficar com o bebê, quando ele for maior e não depender tanto de mim, para que eu possa estudar e realizar todos os planos que vou ter que deixar um pouco de lado agora. Eu não estou sozinha, tenho a melhor família do mundo, o melhor homem do mundo ao meu lado e vai dar tudo certo.

Foi impossível não voltar a ficar emocionado ao ouvir tudo aquilo.

Tomando seu rosto em minhas mãos, dei um selinho longo em seus lábios, sentindo um nó chato se formar em minha garganta.

— Eu tenho tanto orgulho da mulher que você é, da forma como é madura, decidida e não deixa se abalar por qualquer coisa. Você é muito forte, Gabriela — falei, vendo o queixo dela tremer e seus olhos se encherem de lágrimas.

— Quando se vive sozinha, é preciso se tornar forte e amadurecer rápido, se não, a gente enlouquece — ela confidenciou e aquilo doeu em mim, pois conhecia aquele sentimento. Foi exatamente daquele jeito que me senti quando tive que lutar para reerguer a fazenda e ao perder os meus pais tão cedo. — Mas eu não estou sozinha agora, porque eu tenho você, Ramon.

— Eu também não estou sozinho, pois tenho você e o nosso filho — murmurei com algumas lágrimas descendo pelas minhas bochechas, enquanto pousava a mão sobre a sua barriga. — Eu não sei se já deixei isso claro, mas você transformou completamente a minha vida desde que te vi, naquela sala fria no hospital. Ali você me marcou, Gabriela, eu só não fazia ideia de que iria aprender a amar e ser amado a partir daquele momento.

— Você também me marcou. Eu sentia como se pudesse me engolir apenas com o seu olhar e você acabou me engolindo mesmo — ela riu baixinho, deixando algumas lágrimas escaparem dos olhos. — Você também mudou a minha vida completamente, Ramon. Acho que não imagina o quanto eu te amo.

— Eu te amo muito mais.

Beijei a sua boca com intensidade e muito amor por longos minutos, sentindo meu coração finalmente se acalmar em meu peito e me afastei para poder me ajoelhar à sua frente. Estávamos completamente sozinhos, por isso, levantei o pano leve do seu vestido e observei sua barriga lisa, sem nenhum sinal de que, ali dentro, crescia o fruto mais puro do nosso amor. Gabi soltou um suspiro e entendi que aquele momento parecia crucial para nós dois. Um sentimento potente me envolveu, um amor tão forte, que me deixou momentaneamente sem palavras. Precisei fechar os olhos e sentir tudo aquilo de maneira primitiva, intensa, enquanto descansava meus lábios sobre a pele sedosa do seu ventre.

Meu filho estava bem ali. Um elo tão forte pareceu ligar nós três, que senti as pernas de Gabi estremecerem e segurei sua cintura enquanto plantava um beijo demorado em sua barriga e a ouvia chorar baixinho, seus dedos se infiltrando em meus cabelos.

— Amo você — sussurrei para ele, abrindo os olhos e encarando o umbigo delicado de Gabriela. Beijei de novo e mais uma vez, sentindo que meu filho me ouvia, que sentia que estava sendo reconhecido por mim. — Amo vocês.

— Eu também amo vocês — ela disse e encontrei seu rosto banhado em lágrimas quando ergui meus olhos. — Amo muito vocês, Ramon.

Incontáveis sentimentos passaram dos seus olhos para os meus enquanto nos encarávamos e entendi que nada no mundo me afastaria de Gabriela e do nosso filho a partir daquele momento. Os protegeria com a minha própria vida se fosse preciso e prepararia Gabriela para a verdade, deixando que ela tivesse a certeza de que eu a amava com todo o meu coração e a minha alma.



Cissa não estava brincando quando disse que faria um banquete. A mesa estava tão lotada de comida, que me perguntei se não era melhor chamar todos os funcionários da fazenda para se juntarem a nós, pois não daríamos conta de tudo aquilo.

— Gabi, tem alguma coisa que você queria muito comer, meu amor? Pode falar que eu faço em um instante — ela disse enquanto colocava uma travessa de arroz com pequi ao lado do frango assado e recheado com farofa de amêndoas. Eu sabia que a grávida era a Gabriela, mas eu estava salivando.

— Cissa, eu só preciso comer aquele pernil com o molho de maracujá — Gabriela disse ao meu lado, com os olhos brilhando. Senti uma pontada bem no meio do meu peito.

— Amor, o molho de maracujá é para o salmão.

— Na minha cabeça, vai casar maravilhosamente com o pernil — ela disse, aproximando-se da mesa. Os convidados nem haviam chegado ainda, mas ela parecia estar morrendo de fome. — Ai, Cissa, eu vou terminar essa gravidez pesando duzentos e cinquenta quilos.

Cissa gargalhou e eu a acompanhei, puxando Gabi para mim pela cintura. Ela havia tomado banho e colocado um vestido amarelo dessa vez e estava cheirosinha, me deixando doido.

— Nem é exagerada — falei, beijando seu pescoço. — Caio já deve estar chegando, ele me mandou uma mensagem falando que já tinha saído de casa.

— Ótimo, eu vou tomar um banho e já volto — Cissa disse.

— Fale para as meninas que elas estão convidadas para o jantar — Gabi disse e Cissa balançou a mão no ar.

— O futuro papai já as intimou a comparecer.

Cissa saiu e Gabi se virou para mim com um sorrisão de orelha a orelha, tocando no colarinho da minha blusa.

— Hum, futuro papai... Já consigo imaginar você todo sexy com o nosso bebê nos braços.

— Você que vai ficar bem sexy com a barriga redondinha — falei e ela revirou os olhos.

— Vou nada, nem vai querer tocar em mim.

— Só morto para eu não querer tocar em você, minha gostosinha — falei, enfiando meu rosto em seu pescoço e a arranhando com a minha barba, sentindo-a rir e ficar toda arrepiada. — Agora vou ter que ser mais cuidado, não vou poder te comer com força...

— Ramon, eu estou grávida, não doente! — disse alto o suficiente para que Cissa ouvisse lá da casa dela, afastando-se um pouco para me olhar. — E hoje eu vou querer ficar por cima o tempo todo, porque daqui a pouco a barriga não vai deixar.

— Gabriela, a gente nem jantou ainda, se continuar falando essas coisas, vou ficar de pau duro a noite toda.

— É bom, porque assim você já deixa o cavalão preparado para eu montar — sussurrou, mordendo meu queixo e apertando a minha bunda com as duas mãos.

Geralmente, era eu quem falava as putarias, por isso, fiquei atordoado por alguns segundos enquanto sentia meu pau despertar com força dentro da calça, como se soubesse que estava sendo citado em nossa conversa. Gabi riu contra a minha pele e deu um chupão em meu pescoço que me deixou todo arrepiado e precisei afastá-la segurando seu cabelo próximo a nuca para poder olhar aquela carinha sem vergonha.

— Sua safada! Vou fazer você pagar por isso hoje à noite, Gabriela... — sussurrei bem rouco em tom de aviso e ela esfregou os seios em meu peitoral.

— Esqueceu que tem que ser cuidadoso? Eu estou grávida, amor.

— Você acabou de avisar para a fazenda inteira que gravidez não é doença, agora vai ter que aguentar as consequências.

Ela continuou a sorrir, como se soubesse que as consequências seriam deliciosas e eu a puxei para um beijo cheio de língua, sabendo muito bem que poderia iniciar uma ereção monstruosa bem ali, na sala de jantar, mas pouco

me importando. Ela gemeu baixinho e arranhou minha nuca, esfregando a bocetinha em minha coxa. Puta merda, eu merecia ganhar um prêmio pelo meu autocontrole, pois senti vontade de afastar as travessas de comida e a comer bem ali, na mesa.

— *Família, cheguei!*

A voz de Caio lá da porta do casarão se meteu entre mim e Gabriela e ela se afastou depois de sugar o meu lábio inferior, com o rosto todo vermelho e as pupilas dilatadas.

— Vem!

Ela nem me deu tempo de ajeitar a minha ereção dentro da calça com tranquilidade e precisei fazer isso correndo enquanto era arrastado até a sala. Por sorte, havia muitos metros pelo caminho e consegui chegar mais apresentável, encarando Caio e Luna conversando. Ele sorria de maneira pretensiosa e ela estava com as bochechas coradas.

— Oba, chegaram juntos!

Gabi deu um abraço entusiasmado nos dois e eu me aproximei logo atrás dela, cumprimentando Luna e depois o Caio. Este me deu um olhar curioso, louco para saber o motivo do jantar.

— Então, Gabizinha, conta pra gente o que aconteceu — ele disse, passando os braços pelos ombros de Luna.

Caio realmente não tinha a menor noção de espaço pessoal e Luna o olhou com uma sobrancelha arqueada, mas também não fez nenhum esforço para sair do lugar. Observei com atenção a interação dos dois. No meio de tantos acontecimentos, havia me esquecido de perguntar qual era a do Caio para cima da menina, mas fiz uma nota mental para tocar no assunto com ele na próxima vez em que estivéssemos a sós.

— Ramon finalmente te pediu em casamento? Luna e eu seremos os padrinhos? — ele continuou, dando um sorriso para ela. — Já pensou, gatinha? Eu e você no altar, abençoando os pombinhos... Mal posso esperar!

— Eu vou ter mesmo que aturar ele ao meu lado no altar? Por favor, tenham pena de mim!

Gabriela riu e eu não consegui conter uma risada também, vendo o falso horror de Luna. Era bem óbvio que ela já estava mais à vontade ao lado de Caio e fiquei me perguntando o que realmente estava acontecendo entre os dois. Meu amigo e advogado estava com tempo para ser pegador, profissional e ainda dar atenção a ela? Impressionante!

— Você está tendo sorte que eu serei apenas o padrinho. Na próxima vez,

eu serei o noivo — disse ele com um sorriso convencido e Luna o olhou.

— Coitada da noiva, já sinto pena dela.

— Não sinta pena de si mesma, baixinha. Logo, logo você vai perceber como é sortuda.

Ele piscou para ela e Luna revirou os olhos, ficando vermelha e se afastando dele, enquanto filho da mãe ria. Acho que ele realmente não tinha ideia do que estava fazendo, divertindo-se às custas dela.

— Gabi, fala logo o motivo do jantar, antes que eu estrangule esse advogado.

— *Advogato* — ele corrigiu. — Combina muito mais comigo, você sabe bem disso.

Ok, comecei a sentir pena mesmo de Luna, por isso, puxei Gabriela para mim pela cintura e dei um beijo em sua bochecha, dispersando os dois. Gabi olhava para Luna e Caio com os olhos brilhando e fiquei pensando sobre o que estava passando pela cabeça dela. Se estava imaginando que eles poderiam se tornar um casal, era melhor esquecer. Achava improvável que Caio sossegasse o facho pelos próximos dez anos.

— Quer que eu conte? — perguntei e Gabi balançou a cabeça, abrindo um sorriso.

— Não, eu conto. Estamos grávidos!

Os olhos de Caio e Luna se arregalaram tanto, que fiquei com medo de que quatro bolinhas brancas com pupilas azuis começassem a rolar pelo chão da minha sala.

— Sério? — Caio perguntou, olhando para nós dois.

— Muito sério, eu fiz o teste hoje! Dois! E deu positivo!

Era muito bom ver Gabi entusiasmada daquele jeito depois de ter ficado tão nervosa com a suspeita e a descoberta da gravidez. A nossa conversa mais cedo havia nos acalmado e preenchido os nossos corações de aceitação e alegria. A primeira a sorrir e se empolgar foi Luna, que saiu em disparada e abraçou Gabi com força, a tirando dos meus braços.

— Não acredito, não acredito! Vou ter um sobrinho ou uma sobrinha! — ela quase gritou e se afastou de Gabi para vir me abraçar. Era engraçado a ter tão envolvida em minha vida pessoal, depois de passar anos a vendo correr pela minha fazenda e o casarão. Já gostava dela antes, mas, agora, a adorava mesmo. Ela era como uma irmã para Gabi e a amizade das duas me deixava muito feliz. — Parabéns! Vocês são o meu casal favorito no mundo, sabem disso, né?

— Sabemos — respondi, vendo que ela estava emocionada. Que bonitinha.

— Caralho, ainda estou em choque — Caio disse antes de tampar a boca rapidamente. — Porra! Quer dizer, carambolas, não posso xingar na frente da criança! Eu prometo mudar o meu linguajar até o pirralho nascer.

— Não fale assim, não vai ser um pirralho — Luna disse, passando a mão pela barriga de Gabi. — Vai ser o bebê mais bonito da titia.

— Dinda — Gabi anunciou e Luna quase caiu para trás. — Ramon e eu queremos que você e o Caio sejam os padrinhos!

Havíamos conversado sobre aquilo mais cedo e, na minha cabeça, não havia pessoas melhores para ocupar aquele lugar na vida do nosso filho. Caio era o meu irmão de coração e Luna era a irmã de coração da Gabi, nós gostávamos de ambos e eles haviam torcido muito por nós dois. Não tinha como ser diferente. Caio até tentou disfarçar, mas seus olhos se encheram de lágrimas quando se aproximou de mim e de Gabriela, nos abraçando ao mesmo tempo.

— Vocês precisam preparar o meu coração antes de darem uma notícia como essa, pelo amor de Deus! Primeiro descubro que serão pais, agora descubro que serei o padrinho, apesar de que iria matar qualquer outro candidato que vocês escolhessem, para me colocar no lugar dele... Merda, meus olhos estão vazando! E eu estou xingando de novo... Vou ser um padrinho horrível!

Eu gargalhei. Apesar de estar acostumado ao drama de Caio, vê-lo chorar e resmungar ao mesmo tempo era inédito. Ele se afastou e Gabi limpou as lágrimas que escorriam pelas bochechas dele.

— Você vai ser um padrinho perfeito e a Luna vai ser a madrinha mais maravilhosa do mundo.

Ele sorriu ao ouvir o nome de Luna e a puxou pela mão.

— Está vendo, pequena? Olha o destino nos unindo mais uma vez — disse ele, beijando a têmpora dela. — Vamos ser perfeitos para o príncipe ou para a princesinha.

— É sério mesmo que eu serei a madrinha? — Luna perguntou ainda em choque e Gabi segurou as mãos dela.

— Muito sério!

— Mas o Caio será mesmo o meu par? Eu terei que lidar com ele pelo resto da minha vida se vocês fizerem isso — ela disse e o filho da mãe do meu melhor amigo, advogado e compadre começou a gargalhar.

— Vamos treinar com o filho deles, antes de fazermos os nossos.

— Caio, pelo amor de Deus! — Precisei chamar a atenção dele, porque, realmente, Caio estava completamente sem noção naquela noite.

— Baldez, você não pode falar nada de mim. Já fez o serviço completo com a Gabizinha, só falta colocar a aliança no dedo dela e acho bom fazer isso logo, pois ela é uma moça de família.

Gabriela riu e passou os braços pela minha nuca, colando a boca sobre a minha.

— Coloca uma aliança no meu dedo e eu coloco outra no cavalão — ela disse e pensei que tivesse soado baixinho, até que ouvi a voz inconveniente de Caio:

— Por um acaso, cavalão é o...

— É — Luna confirmou em um sussurro nada discreto e as bochechas de Gabriela ficarem vermelhas.

A safada ainda teve a coragem de morder o lábio, certamente para não começar a rir, e eu cerrei meus olhos, deixando bem claro que ela teria que me explicar mais tarde que história era aquela de Luna saber sobre o cavalão. Gabriela realmente ficava espalhando o tamanho do meu pau por aí, acompanhado daquele apelido? Eu não podia acreditar. Caio gargalhou e balançou a cabeça, chamando a minha atenção.

— Obrigado por essa noite maravilhosa, Ramonzinho... Ou melhor, Ramonzão!

O babaca tirou sarro de mim, esticando as mãos o mais longe possível uma da outra, fazendo menção ao tamanho do meu pau. Luna sacudiu a cabeça prendendo um riso e Gabriela escondeu o rosto em meu peito ao ver rapidamente o gosto do meu, agora, ex-melhor amigo. Nunca quis tanto matar o Caio em toda a minha vida, mas só dei um dedo para ele, enquanto ouvia a sua risada se propagar pela minha sala.



“Eu só quero te beijar e te abraçar
Você me dá borboletas por dentro”

Butterflies – Michael Jackson

RAMON

Cissa nos salvou de mais algumas piadas de Caio ao nos chamar para jantar. Por algum milagre inexplicável, ele respeitava muito a Cissa e tinha certo discernimento perto dela, o que significava que sempre diminuía sua munição de piadas com cunho sexual quando ela estava presente. Agradeci silenciosamente por isso, pois, apesar de ter um lado cômico — sim, eu tinha que admitir — aquele era um jantar muito importante e, de certa forma, emotivo.

Rosana, Fernanda — sua filha e irmã mais nova de Luna —, Cristiane e Vera se juntaram a nós e comemos em meio a uma conversa animada, com o clima alegre. Eu estava leve como há muito tempo não me sentia e sabia que Gabi partilhava do mesmo sentimento, pois não conseguia tirar o sorriso do rosto. Queria muito que minha menina continuasse daquele jeito, feliz, sem tantas preocupações. Se Deus permitisse, seu martírio — e o meu também — iria terminar assim que Caio voltasse de São Paulo com as tais provas.

Não tocamos nesse assunto pelo resto da noite e, perto das onze horas, todo mundo se despediu. Cissa embalou todas as comidas que sobraram, falando que levaria para o refeitório no dia seguinte e eu subi com Gabi depois de trancar todas as portas. Ela soltou um suspiro quando chegamos ao quarto e

se jogou na cama, passando a mão pela barriga.

— Não me canso de dizer como a Cissa é maravilhosa na cozinha. Que jantar delicioso!

Ela parou de falar quando eu me ajoelhei no colchão e toquei em seu pé, levantando-o até a altura do meu rosto para poder beijar sua panturrilha. Seus dentes cravaram o seu lábio inferior enquanto ela sorria e eu vislumbrei a calcinha delicada que ela usava.

— Vai me explicar que história é essa de Luna saber sobre o cavalão ou terei que te torturar? — perguntei, arrastando minha barba até a parte de trás do seu joelho. Ela estremeceu e soltou uma risadinha.

— Ela é minha melhor amiga, ora essa — disse como se isso explicasse tudo.

— E?

— E que uma amiga... Sempre conta tudo para outra... Ai, Ramon! — ela gemeu mais alto quando mordisquei sua outra panturrilha.

— Eu não sabia que esse "tudo" incluía o fato de você ter contado a ela que deu um apelido para o meu pau — falei, dando um beijo na parte interna da sua coxa. Já conseguia sentir o cheiro maravilhoso da sua excitação, que provavelmente estava começando a melar os seus lábios vaginais. — Como vou olhar na cara dela agora?

— Do mesmo jeito de sempre... Hum... Que delícia — murmurou quando plantei um beijo em sua virilha.

Olhei para ela de onde estava, vendo sua expressão de prazer e prendi um sorriso, afastando-me completamente. Levantei-me da cama e ela se apoiou nos cotovelos, olhando-me com uma expressão chocada.

— Você não está merecendo que eu seja tão bonzinho depois do que aconteceu. Saiba que Caio vai me perturbar com essa história pelo resto da minha vida — falei, tirando meus sapatos.

— Daqui a pouco ele esquece. Vem cá.

— Esquece? Você conhece o Caio, ele não vai esquecer nunca mais.

Ela me observou enquanto eu desabotoava minha camisa e fiz questão de fazer isso lentamente, desvendando pedaço por pedaço do meu abdômen. Lambendo os lábios, ela disse:

— Quando ele e Luna ficarem juntos, ela vai dar um apelido para ele também. Quando ela me disser, eu conto pra você e pronto, estarão quites, um vai poder zoar o outro.

A olhei com uma sobrancelha arqueada, porque ela realmente achava que

aquilo iria acontecer. Como não queria destruir as suas esperanças, balancei a cabeça e tirei de uma vez a minha camisa, desabotoando a calça que já deixava marcada o início da minha ereção. Dando-me um sorrisinho safado, Gabi tirou o vestido, ficando apenas de calcinha e sutiã e engatinhou para a ponta da cama, olhando diretamente para o meu pau coberto pelo jeans.

— Não fica bravo comigo, eu não contei por mal, é que nós estávamos conversando e eu contei para ela como foi a nossa primeira vez e acabou escapando — falou, ficando de joelhos sobre a cama.

— Então ela sabe há todo esse tempo? — perguntei, cerrando os olhos e me aproximando. — Mais um ponto para o seu castigo, mocinha.

Ele teve a cara de pau de sorrir e eu consegui disfarçar meu tremor quando beijou abaixo do meu umbigo até chegar ao cós da calça já aberta. Com as mãos ansiosas, abaixou meu jeans e a cueca junto, fazendo meu pau saltar em riste, já completamente duro. Era impossível não ter uma ereção com ela apenas de calcinha e sutiã na minha frente, toda safadinha com as bochechas levemente coradas. Chutei a roupa para longe e toquei meu pau lentamente, exibindo bem a cabeça vermelha, do jeito que sabia que ela gostava.

— Vamos para a primeira parte do seu castigo — falei com a voz rouca, já cheio de tesão. Passei a glande pela sua bochecha e ela lambeu os lábios, toda ansiosa. — Tire o sutiã.

Sabia que ela esperava que eu a mandasse me chupar, mas queria brincar com aquela ansiedade dela, deixá-la bem excitada. Ultimamente, vínhamos fazendo um amor bem gostoso e calmo e nem sempre era todas as noites, devido a tudo o que estava acontecendo. Queria aproveitar o clima leve de hoje para poder extravasar. Ela tirou o sutiã e jogou longe, deixando aqueles seios deliciosos com os mamilos arrebitados bem na minha frente. Sem pressa, abaixei um pouco os joelhos e passei a coroa do meu pau em cima de um biquinho, observando-o ficar melado com a minha lubrificação. Minhas bolas pulsaram bem forte e um arrepio tomou conta do meu corpo.

— Mal vejo a hora desses peitinhos lindos ficarem cheios de leite... Vai me deixar mamar neles também, amor? — perguntei e ela me deu um olhar meio arregalado, mas cheio de tesão.

— Vai querer provar o meu leite?

— Não apenas provar. — Esfreguei minha glande no outro biquinho duro e bati uma punheta mais rápida, observando Gabriela estremecer. Ela apertou as coxas, claramente excitada, e se apoiou em meus quadris, fincando as unhas em minha pele. — Sou louco por cada parte sua, minha menina...

Depois que o resguardo passar, vou gastar um bom tempo mamando bem gostoso em você, enquanto te como devagarzinho com o meu pau, enfiando até o fundo.

Os olhos dela se reviraram e ela se esfregou contra mim.

— Ai, Ramon...

— Vai ter que começar a tomar mesmo o anticoncepcional, se não, vou te engravidar de novo — falei, puxando seu cabelo pela nuca com a mão livre para fazer com que olhasse para mim. — Sabe que não precisaremos de camisinha pelos próximos meses, não é? Vou ficar viciado em comer a sua bocetinha sem nada entre nós dois e não vou querer parar depois que o bebê nascer.

— Não vai precisar parar — ela disse em um sussurro, passando os lábios pela minha barriga. Meu pau ficou bem no meio dos seus peitos e eu simulei o movimento de penetração, em uma espanhola gostosa. Foi impossível não gemer, principalmente quando ela mordiscou meu quadril. — Vou tomar o remédio e você vai gozar dentro de mim todos os dias.

Ah, caralho, não tinha como ouvir aquela voz delicada falando putaria e não ficar cheio de tesão. Puxando seu cabelo, me abaixei para beijar a sua boca e ela arranhou minha nuca, meu peito, até tomar meu pau da minha mão e começar a me masturbar. Seus dedos delicados tocaram uma punheta gostosa e eu estremeci, me afastando depois de lambuzar seus lábios com a minha saliva. Ela me olhou com os lábios entreabertos e eu me aproximei, até deixar meu pau na altura da sua boca.

— Chupa — ordenei, mantendo-a firme pelo cabelo, sem machucar.

Ela não desviou o olhar e lambeu ligeiramente os lábios antes de encostar meu pau em minha barriga e me lamber desde a base até a cabeça. Precisei fincar bem os pés no chão, pois minhas pernas tremeram quando ela fechou os lábios com delicadeza sobre a glande melada e chupou um pouquinho, brincando comigo, testando meus limites. A safadinha sabia muito bem que a minha vontade era de meter até a sua garganta, mas como eu jamais faria isso, ela se aproveitava para me torturar. Bem, aquele era *seu* castigo, por isso, a pegando de surpresa, mantive o agarre firme em seu cabelo e entrei mais em sua boca. Não cheguei à garganta, mas ela arregalou os olhos e fincou as unhas em meus quadris.

— Chupa forte — mandei meio bruto e ela piscou, sacando logo a brincadeira e começando a sugar o meu pau sem a delicadeza de antes. Era surreal aquela sensação. — Isso, mama bem gostoso. Quero ver essa

boquinha me engolindo, Gabi...

Ela tentou me levar mais, chegando à metade. Senti minha cabeça perto da sua garganta e pensei em recuar, mas ela me manteve firme pelo quadril e chupou até as bochechas ficarem côncavas, fazendo uma pressão absurda, que me deixou meio tonto. Senti minhas bolas se retesarem, preparando-se para um orgasmo fenomenal, mas não queria gozar tão rápido, por isso, me forcei para trás e ela me deixou sair. Um fio de sua saliva interligou minha glande à sua boca e ela recolheu com o polegar, aproveitando a lubrificação para me masturbar mais rápido.

— Coloca a calcinha de lado, quero ver essa bocetinha. — Ela afastou as coxas e fez o que pedi, deixando-me ver como estava melada, os grandes lábios encharcados. Vi seu dedo médio invadir a fenda da boceta, procurando o clitóris, mas balancei rapidamente a cabeça. — Não mandei você se tocar.

— Mas, Ramon...

Ela chegou a fazer biquinho, me dando um olhar quase suplicante e, para não ceder, esfreguei minha glande em sua boca. Ela entendeu o que eu queria e voltou a chupar com fome, o tesão latejando dos seus poros para os meus. Estávamos na mesma sintonia, no mesmo clima e aquilo era perfeito. Nunca vivi algo tão excepcional quanto as sensações que Gabriela me proporcionava na hora do sexo. Era mais do que pele, do que química, era algo inexplicável, que vinha de dentro para fora. Seus olhos alcançaram os meus e eu prendi firme sua cabeça para poder meter rapidinho em seus lábios, indo até onde eu sabia que ela aguentava. Seu gemido aumentou o prazer que eu sentia, pareceu ecoar bem na cabeça do meu pau e eu precisei escapar de dentro da sua boca de novo, pois queria aproveitar aquela oportunidade e gozar bem fundo na sua boceta.

Tomei sua boca na minha e me agigantei sobre ela na cama, a empurrando pelos quadris até chegarmos aos travesseiros. Ela separou as coxas para me receber e eu meti a mão dentro da sua calcinha, encontrando a bocetinha tão melada, que meu dedo escorregou em sua entrada com facilidade. A penetrei com delicadeza e meti um mamilo dentro da minha boca, sentindo o gosto da minha lubrificação já seca sobre ele. Gabriela gemeu alto, empurrando os quadris contra o meu dedo e passando as unhas em minhas costas e eu chupei o outro mamilo, enfiando seu seio quase todo em minha boca e olhei para cima, a encontrando com a boca aberta e os olhos se revirando.

Aproveitei seu prazer e enfiei mais um dedo, aumentando o ritmo da penetração e sentindo suas contrações, o canal vaginal apertadinho me

deixando maluco. Deixei o biquinho inchado escapar dos meus lábios e me ajoelhei, tirando os dedos de dentro dela e levando-os a minha boca. Ela me olhou com cara de quem estava louca para gozar e eu tirei sua calcinha, jogando-a no chão.

— Fica de quatro, quero ver essa bunda gostosa e essa xoxotinha melada.

Ela sorriu, provavelmente me achando um depravado depois de termos passado várias noites no modo “papai e mamãe”, onde falei apenas putarias básicas bem baixinho ao pé do seu ouvido, e fez o que pedi, ficando de quatro com as coxas separadas e a bunda para o ar. Meu coração disparou ao observar suas nádegas macias, gostosas, o buraquinho ainda intocado do ânus e a bocetinha aberta, com a entrada piscando e despejando lubrificação.

Apertei uma banda da bunda linda em cada mão e me abaixei, escorregando minha língua do seu cóccix até o cuzinho. Ela se arrepiou e gemeu o meu nome, agarrando os travesseiros e rebolando em minha boca. Lambi bem gostoso, deixando que ela aproveitasse as sensações deliciosas que se espalhavam pelo seu corpo e dei dois tapas seguidos na nádega direita, morrendo de tesão.

— Um dia, vou te comer bem gostoso aqui — prometi, arrastando a minha língua mais uma vez. O cuzinho piscava, como se quisesse aquilo tanto quanto eu.

— Não vai não — ela disse com um fio de voz, me fazendo sorrir. Era bom que ela não pudesse me ver totalmente, ou se assustaria com o quanto eu queria aquilo. Queria cada pedacinho dela.

— Vamos começar bem devagar. Não é gostoso sentir a minha língua?

— Sua língua, sim, mas o seu pau vai me arrombar, Ramon!

Ergui-me para poder olhar para ela e encontrei seus olhos, pois ela estava deitada com a cabeça virada em minha direção. Arrastei meu pau pelo meio das suas nádegas e dei batidinhas de leve com a glande em seu ânus. Ela ficou tensa, mas logo relaxou, ficando toda arrepiada quando passei minha mão pelas suas costas.

— Eu e o cavalão seremos cuidadosos — falei, dando a ela o meu melhor olhar safado, sedutor. Ela mordeu o lábio e balançou a cabeça em negativa, quase sorrindo. — Você vai gozar todas as vezes, até me sentir todinho aqui dentro, igual foi com a bocetinha.

Ela ficou toda ouriçada e movimentou os quadris, excitada demais. Abaixei-me para deixar um beijo em sua boca e arrastei os dentes pelas suas costas, até ficar cara a cara com a sua xoxota linda de novo, que lambi bem

gostoso até alcançar o clitóris. Meu nome ecoou pelas paredes do quarto e eu segurei sua cintura para poder penetrá-la com a língua. Gabriela estava louquinha de tesão, pois, mesmo com a minha pressão em seus quadris, rebolou gostoso na minha boca e sugou minha língua, me deixando maluco e com o pau pulsando e babando.

Voltei a acolher seu grelinho inchado em minha boca e passei a língua bem dura sobre ele, para cima e para baixo, de um lado para o outro, rápido, sem deixar que ela tivesse tempo para pensar, apenas para sentir. Suas coxas tremeram e senti seu orgasmo chegar quando empurrou a bocetinha na minha cara, me deixando com vontade de a engolir inteira. Foi isso que fiz, deixei meu polegar cuidando do clitóris e meti minha língua em sua entrada, recolhendo o gozo e prolongando a sensação até ela perder completamente a força das pernas e desabar sobre a cama.

Cada beijinho que deixei sobre a sua pele a fez estremecer. Encontrei seus lábios abertos em um sorrisinho quando cheguei ao seu rosto e esfreguei meu pau em sua bunda, deixando-a melada.

— Quer que eu te coma bem gostosinho ou ainda tem disposição para montar o cavalão?

Nem deixei que ela respondesse, aproveitei que suas pernas estavam afastadas e enfiei meu pau entre elas, metendo só cabecinha em sua entrada sensível. Ela gemeu e abriu os olhos, me dando um olhar desafiador.

— Acha que a minha disposição acabou, Baldez?

— Não sei, você está aí, jogada na cama... — Enfiei mais e ela se abriu para mim, piscando rapidamente. — Talvez tenha desistido.

Só queria provocá-la, pois conhecia muito bem a minha menina e sabia que, quando ela colocava uma coisa na cabeça, nada a fazia mudar de ideia e ela parecia bem decidida na sala de jantar. Dando-me um olhar semicerrado, ela empurrou a bunda contra o meu quadril, em uma tentativa me fazer levantar de cima do seu corpo, mas só fez com que meu pau a penetrasse mais.

— Pode sair de cima, porque é a minha vez de brincar — ordenou e eu obedeci com um sorriso no rosto, metendo mais duas vezes antes de sair e me deitar na cama. Meu pau caiu pesado e babado em minha barriga e Gabriela nem me deu tempo de pensar em pegá-lo, o tomou logo em suas mãos, montando sobre o meu quadril. — Eu falei sério, daqui a pouco a minha barriga vai ficar enorme e eu não vou conseguir montar em você. Não vou nem conseguir ver a minha vagina.

— Eu vou conseguir ver, meu amor, isso é que importa — sorri e ela me deu um olhar meio ameaçador, me fazendo estremecer com a punheta rápida. — Até lavo para você, se quiser. Posso depilar também. Deixa tudo comigo.

— A intimidade é uma coisa horrorosa — disse com uma careta engraçadinha e eu ri, a puxando pelo quadril e me sentando na cama até encostar minhas costas contra a cabeceira.

— A intimidade é uma coisa maravilhosa — corrigi, tocando em sua bocetinha com a mão. — Tão deliciosa, que só eu vou poder cuidar de você pelo resto da nossa vida, de todas as formas possíveis.

Ela estremeceu quando lambi e suguei o seu pescoço levemente molhado pelo suor e soltou um gritinho quando dei uma mordidinha em cima da veia grossa, que pulsava com os seus batimentos cardíacos. Sem que eu esperasse, posicionou meu pau em sua entrada e sentou devagar, levando-me lentamente. Não era fácil para ela, geralmente, eu a penetrava primeiro e depois me virava sem me desencaixar para poder deixá-la por cima, mas deixei que fizesse tudo daquela vez.

Era uma tortura, eu precisava admitir. A pressão era absurda, seu canal vaginal lutava para me conter, enquanto eu me segurava para não gozar, e precisei prender a respiração quando ela chegou até o final e parou, tomando seu tempo para se acostumar ao meu tamanho. Conseguia sentir cada tremor, cada pulsar daquela bocetinha que eu amava.

— Está doendo? — perguntei com a voz entrecortada, abaixando-me para colocar um mamilo na boca.

— Não — ela gemeu e arranhou minha nuca, mexendo os quadris de leve. Era uma delícia, mas um martírio também. Queria que começasse a quicar no meu pau sem ter hora para parar. — Você vai tão fundo assim, meu Deus...

Quis sorrir, mas ela empinou o quadril para trás e para frente, levantando levemente aquela raba deliciosa e voltando, encaixando-se em mim. Joguei a cabeça para trás e gemi, aproveitando os movimentos lentos, mas gostosos, que estavam me deixando no limite.

— Tão gostoso — ela gemeu, apoiando-se em meus ombros. Sua língua tocou o meu pescoço, bem sobre o pomo de adão e apertei sua cintura com força, ajudando-a a ir mais rápido. — Você é tão gostoso, Ramon... Sou louca por você e pelo cavalão...

Ela começou a ir mais rápido, dando uma reboladinha antes de ir para frente e para trás, arrastando o clitóris durinho pela minha barriga. Olhei em seus olhos e levei uma mão a sua nuca, encostando sua testa na minha e

lambendo sua boca, minhas coxas estremecendo pelo golpe de prazer.

— Eu sou ainda mais louco por você, minha menina. Por você toda — gemi e ela se apoiou nos joelhos, começando a quicar bem de leve. — Ah, porra, Gabriela...

Levantei meus quadris para a acompanhá-la, mas a filha da mãe ousou mais e se apoiou sobre os pés, plantando os calcanhares na cama e se apoiando em meus ombros para começar a quicar pra valer. Fiquei momentaneamente de boca aberta, até o choque de sua bunda contra as minhas coxas e o prazer de sentir aquela boceta apertadinha subindo e descendo pelo meu pau grosso, me fazer despertar e ficar arrebatado. Gemendo alto, ela jogou a cabeça para trás, montando-me como se fosse uma amazona e eu deixei que seu nome escapasse do fundo da minha garganta, ajudando seus movimentos ao segurar em seus quadris.

Ela me apertava ao descer e me sugava ao subir, provocando um arrepio que descia pelo meu pênis e irradiava em minhas bolas, que estavam pesadas, avisando-me que eu não aguentaria por muito tempo. Levei minha mão ao meio das suas pernas e toquei em seu clitóris melado, ouvindo seus gemidos e observando seus seios perfeitos balançarem a cada quicada.

— Porra, que delícia, meu amor. Monta gostoso no meu pau — falei, apertando sua cintura e tocando o grelinho inchado. Gabi mordeu o lábio e me olhou em necessidade, pulsando, deixando bem claro que estava quase lá. — Que xoxota apertadinha, minha menina... Goza bem gostoso, vem...

Suas pernas estremeceram e meu nome saiu rouco pelos seus lábios quando, minutos depois, ela começou a gozar. Como vi que não conseguiria se segurar por mais tempo naquela posição, a segurei pelos quadris e deitei rapidamente de costas na cama, deixando-a deitada sobre o meu corpo e apoiei meus pés no colchão, mantendo sua cintura firme para voltar a meter bem rápido. Ela gemeu, a sensação do orgasmo se prolongando a cada vez que eu ia fundo e comecei a gozar, enchendo sua bocetinha com a minha porra, que parecia não acabar mais.

A sensação foi tão incrível, que, mesmo sensível pra caralho, não quis parar. A virei na cama e a deixei debaixo de mim, abri bem suas coxas e continuei a meter de leve, prolongando o pulsar incessante das nossas intimidades. Gabriela me olhava arrebatada, as bochechas coradas, lábios inchados, pele suada, descabelada, linda. Estremeceu junto comigo até o final e, quando parei, a beijei com intensidade, inebriado pelo seu gosto, seu cheiro, seus fluidos, sua bocetinha bem apertada em volta do meu membro.

Deixei que lambesse e sugasse minha língua por vários minutos, retribuindo na mesma intensidade, antes de deixar os seus lábios e me ajoelhar entre as suas pernas.

Gabi se apoiou nos cotovelos, certamente para ver o mesmo que eu queria ver e saí de dentro dela bem devagar, observando meu pau melado pelos nossos orgasmos, até escapar pela sua entrada, junto com o fio grosso de esperma que começou a escorrer. A cena perfeita quase me deixou duro de novo e, sem conseguir me conter, recolhi parte da minha porra e voltei a enfiar em sua bocetinha com o dedo.

— Que lindo ver você toda gozadinha assim — sussurrei, levando o esperma até o seu clitóris. Como estava sensível, ela estremeceu e mordeu o lábio, quase fechando as pernas. — Na última vez que isso aconteceu, fizemos o nosso filho.

Seu olhar emocionado encontrou o meu e me senti da mesma forma, cheio de emoções.

— Você só chama o bebê de filho. Acha que é um menino?

— Acho. — Deixei um dedo dentro dela e toquei sua barriga com a outra mão. — Mas se for uma menina, também vou ficar muito feliz.

— Eu também acho que é menino — ela sussurrou com um sorrisinho delicado. — Mas ainda é muito cedo para sentir essas coisas, não é?

— Talvez, mas tiraremos a dúvida em breve.

Tirei o dedo de dentro dela e a puxei para o meu lado na cama, virando-me para poder olhar em seus olhos. Ainda tínhamos um mundo de problemas para enfrentar, mas, naquela noite, eu só queria aproveitar, em paz, o fato de estar ao lado da minha menina, a mulher que eu amava, mãe do meu filho, sem pensar em nada.

— Amo muito você — ela sussurrou, tocando os lábios nos meus. — Muito, muito, muito.

Meu coração se expandiu no peito, ao ponto de doer e eu a apertei em meus braços, beijando a sua boca.

— Também amo muito você, minha vida.



Acordei com o barulho do despertador, mas fiquei enrolando na cama,

sentindo o peso delicioso do corpo de Gabi parcialmente em cima do meu. Geralmente, ela dormia com a cabeça sobre o meu peito, mas sempre se mexia muito de madrugada, por isso, às vezes eu acordava com ela deitada na ponta da cama e, outras, com ela praticamente em cima de mim. Eu preferia acordar assim, sentindo sua pele sedosa sobre a minha debaixo do edredom, com seu cheiro delicioso invadindo os meus sentidos.

Passei rapidamente em minha cabeça todos os compromissos que tinha naquele dia e resolvi cancelá-los. Gabi não havia visitado Abraão no dia anterior, apenas ligou para Rosa, a enfermeira, e perguntou se ela estava de plantão e se poderia falar com o pai rapidinho pelo celular dela. Abraão pareceu estranhar o fato de não receber a visita da filha, mas Gabi alegou que não estava se sentindo muito bem e que iria vê-lo no dia seguinte. Aproveitaria essa visita para levá-la a uma ginecologista obstetra, pois sabia que ela precisava se consultar logo e fazer todos os exames para começar o pré-natal.

Quando poderia imaginar que essa, um dia, seria a minha maior preocupação? A saúde e o bem-estar da minha mulher e do meu filho... A vida realmente dava voltas surpreendentes. Despertei dos meus pensamentos quando ela se mexeu na cama, virando-se de barriga para cima e chutando o edredom para longe. Seus seios e sua barriga ficaram expostos, bem pertinho dos meus olhos e senti minha ereção matinal, que já havia se acalmado, querer despertar, mas fiz de tudo para que o tesão não me invadisse. Aproveitei aquele momento para poder olhar com carinho para a sua barriga lisa, sem nenhum sinal de que abrigava o nosso bebê e, com cuidado, me inclinei e depositei um beijinho em seu umbigo.

Nunca me idealizei no papel de pai, até porque, não era algo que eu realmente almejava ou achava que iria acontecer, antes de Gabriela entrar em minha vida. No entanto, agora que ela estava grávida, começava a perceber que, talvez, eu fosse me tornar aquele pai babão, que não conseguia desgrudar o rosto e as mãos da barriga, sempre beijando e acariciando a cria. Peguei-me rindo ao pensar nisso e deixei mais um beijo, depois mais outro, enquanto acariciava e pele macia com o polegar.

— Bom dia — sussurrei para o bebê, mesmo sabendo que, provavelmente, ele era do tamanho de um feijão e sequer conseguia me ouvir. — Não deixe a mamãe ficar enjoada hoje, tudo bem? Ela precisa se alimentar pra ficar forte por vocês dois.

Agora que sabia que Gabriela estava grávida, muita coisa começava a fazer

sentido em minha cabeça. Seus enjoos, o cansaço, a vontade absurda de um comer bolo de cenoura quase inteiro, suas oscilações de humor. Deixando de lado a questão do desejo, atrelei todo o resto às consequências do que vinha acontecendo em nossas vidas, mas ia além disso. Já era o nosso filho deixando bem claro que estava ali, presente, crescendo em seu ventre.

— A mamãe não está enjoada, está com desejo — Gabi disse de repente, enfiando os dedos em meu cabelo.

Precisei me apoiar em um cotovelo para poder olhar para ela e encontrei seu sorrisinho sonolento e os olhos semicerrados.

— Já quer sexo de novo? Eu pensei que mulheres grávidas ficavam cansadas — falei, dando um beijo na altura das suas costelas e ela riu baixinho.

— Eu sempre quero sexo com você, mas, dessa vez, é desejo por comida. — Ela se apoiou nos cotovelos e olhei para os seus seios tão lindos bem ali, a centímetros dos meus lábios. Precisei engolir a saliva que se acumulou em minha boca e voltei a encarar os seus olhos. — Eu quero aquela omelete que você fez para mim naquela noite, Ramon.

— Que bom que não é um desejo impossível de ser realizado. Continue assim, filho — falei para sua barriga e ela deu um tapinha em minha cabeça.

— Mas eu quero com calda de morango por cima — falou, lambendo os lábios, como se imaginasse o gosto. — E canela.

Meu estômago ficou meio embrulhado e acho que acabei deixando a sensação ficar expressa em meu rosto, pois Gabriela começou a rir.

— Sério?

— Sim, muito sério. Nosso filho é exigente — falou, passando a ponta dos dedos pelo meu maxilar. — Vai lá, Ramon, preciso muito comer isso.

— Só se me der um beijo de bom dia antes.

— Eu ainda nem escovei os dentes.

Pairei sobre o seu rosto e sorri, escorregando meus lábios pela sua bochecha.

— À essa altura do campeonato, você deveria saber que eu não me importo nem um pouco com isso.

Ela riu e passou os braços pelo meu pescoço, me deixando beijá-la com delicadeza.



Encontrei com Cissa na cozinha e ela caiu na risada quando contei sobre o desejo de Gabriela, revelando-me que, dali para frente, eu poderia me preparar para os pedidos mais estranhos e nem sempre era por comida. Ela me contou sobre uma conhecida que sentiu vontade comer tijolo e eu estremeci enquanto separava os ingredientes na bancada, pedindo silenciosamente a Deus que Gabriela não chegasse a esse ponto. Omelete com calda de morango e canela era até aceitável, mas, tijolo? Misericórdia!

Comecei a misturar os ingredientes enquanto conversava com Cissa e fomos interrompidos pelo barulho do interfone que ficava na cozinha. Achei importante instalar o aparelho ali, anos atrás, pois nem sempre estava disponível no casarão para liberar a entrada de alguém e aquele era o cômodo em que Cissa mais ficava. Ela atendeu com um sorriso, cumprimentando o segurança do outro lado da linha, mas vi quando ficou tensa ao ouvir o que ele tinha para dizer. Logo fiquei em alerta.

— O que foi? — perguntei, secando minha mão com um pano de prato.

— Cecília está aí, disse que quer conversar com você.

Porra, não era nem nove da manhã ainda e os problemas já estavam começando a aparecer. Coçando a testa, perguntei-me se a deixava entrar ou não. Queria que ficasse o mais longe possível de Gabriela, mas sabia que não podia afastá-la totalmente, pois temia que sumisse de vez. Havia mandado alguns seguranças montarem guarda em frente à casa que João Marcelo havia alugado, para ficar de olho neles, mas sentia que não era suficiente. Cecília parecia ser escorregadia, safa; não podia deixar que escapasse por entre os meus dedos sem antes descobrir qual era a sua real intenção ao voltar depois de tantos anos.

— Mande-a entrar, Cissa — falei e Cissa me deu um olhar meio assustado.

— Tem certeza?

— Sim.

Ela fez o que mandei e desligou o interfone, olhando-me com atenção em seguida.

— Ramon, eu não sei o que realmente aconteceu entre vocês dois no passado, mas algo me diz que isso pode voltar contra você se deixar que essa

mulher continue a se aproximar. Sei que ela é mãe de Gabi, mas não me parece sincera com todo esse discurso de que quer se reaproximar da menina. Uma mãe de verdade jamais faria o que ela fez.

— Eu sei, mas não se preocupe, Cissa, falta pouco para descobrirmos qual é a verdadeira intenção dela. Vou ver o que ela quer e mandá-la embora.

Ela apertou a correntinha com a imagem de Nossa Senhora em seu pescoço e assentiu, me passando força pelo olhar. Assim que cheguei à porta do casarão, encontrei com Cecília saindo do carro de João Marcelo, sozinha, retirando os óculos escuros que usava assim que me viu parado ali. Não deixei que ela entrasse em minha casa, apenas me aproximei quando subiu as escadas e parei na sua frente, cruzando os braços com uma expressão que não deixava margens para que ela pensasse que era bem-vinda.

— Seja rápida — falei, sendo observando minuciosamente pelo seu olhar.

Eu usava apenas uma calça de moletom, pois tinha apenas escovado os dentes e lavado o rosto antes de ir para a cozinha. Não esperava receber visita alguma e, sinceramente, trocar de roupa foi a última coisa em que pensei quando soube da presença de Cecília em minha fazenda. No entanto, agora, arrependi-me de não ter, pelo menos, colocado uma camisa antes de sair do quarto. Senti-me muito mal sob o seu olhar e o brilho de desejo que cruzou os seus olhos.

— Não vai me convidar para entrar?

— Não vejo motivo algum para isso. Fale logo o que quer, pois tenho coisas mais importantes para fazer.

Ela soltou um suspiro e ajeitou uma mecha do cabelo, olhando atrás de mim na esperança de encontrar alguém dentro de casa, provavelmente Gabriela.

— Só queria saber como minha filha está. Mandei mensagens ontem, liguei, mas ela não me respondeu e nem retornou às ligações.

— Gabriela está ótima, se era só isso... — indiquei para o carro do advogado e Cecília franziu levemente o cenho.

— Ela está mesmo grávida?

— Não sabemos, ainda não fizemos o exame.

Uma expressão condescendente cobriu o seu rosto e um sorrisinho debochado nasceu no canto dos seus lábios.

— Você acha que eu sou burra, não é? Ouvi as palavras de Cissa e ela parecia bem certa do que estava dizendo. Não acredito que engravidou a minha filha!

— Não temos a confirmação ainda, mas é melhor deixar claro que, caso o resultado seja positivo, eu não engravidei a sua *filha*, engravidei a mulher que eu amo, com quem quero passar o resto da minha vida — falei, vendo suas bochechas ficarem vermelhas, as sobrancelhas se franzindo em raiva.

Ela balançou a cabeça e olhou novamente além de mim, fazendo-me ter o ímpeto de imitar o seu gesto. Senti medo de que Gabriela descesse de repente, mas ela não estava ali.

— Não é possível que você realmente a ame depois de tudo o que aconteceu entre nós dois.

— Isso é passado.

— Tem certeza de que é passado? Pois, para mim, parece bastante presente, tendo em vista que você está se relacionando com a minha filha! — falou, dando-me um olhar superior. — Por que está com ela, Ramon? Queria uma substituta para colocar em meu lugar?

Senti um arrepio gelado descer por minha coluna e uma raiva quase pulsante se apropriar do meu estômago, enquanto olhava na cara daquela mulher por quem, há quase duas décadas, fui apaixonado. Entendi que precisava fazer com que Cecília fosse embora agora, ou iria perder completamente a minha compostura.



“Eu gostaria de acreditar em você, então eu ficaria bem
Mas agora tudo o que você me disse realmente não se encaixa
Com as coisas que eu sinto por dentro”

Resentment – Beyoncé

GABRIELA

Continuei deitada na cama quando Ramon saiu do quarto, completamente nua, pensando na forma como iria atacá-lo depois que comesse a omelete que estava fazendo para mim. Após a noite incrível que vivemos ontem, ao lado de pessoas que amávamos e, depois, uns nos braços do outro, sentia-me feliz de uma maneira que não ficava há muito tempo. Sabia que ainda tínhamos muita coisa para enfrentar e descobrir acerca da minha mãe e até mesmo do meu pai, mas estava confiante de que daria tudo certo.

Quinze minutos se passaram e senti meu estômago roncar sem delicadeza alguma, cheio de fome e desisti de esperar por Ramon. Pulei da cama, aproveitando que estava bem disposta naquela manhã e escovei os dentes rapidinho, lavando o rosto antes de ir ao closet e me vestir. Prendendo o cabelo em um coque básico, deixei o quarto para trás, já ansiosa para sentir o cheiro das delícias de Cissa na cozinha e parei no meio da escada ao escutar vozes acaloradas na varanda do casarão. De onde estava, não conseguia entender muita coisa, mas tive um vislumbre de duas silhuetas quando desci mais alguns degraus. Senti meu coração ir à boca quando vi que Ramon e

minha mãe conversavam. Há quanto tempo ela estava ali na fazenda?

— Você acha que eu sou burra, não é? Ouvi as palavras de Cissa e ela parecia bem certa do que estava dizendo. Não acredito que engravidou a minha filha!

Ah, droga! Não conseguia acreditar que Cecília havia ido até ali para confrontar Ramon sobre a gravidez! Ela havia me ligado e mandado mensagens no dia anterior, mas resolvi ignorá-las, pois eu mesma tinha pedido a Ramon para que fingíssemos que nada de ruim estava acontecendo em nossas vidas ontem à tarde. Não era possível que minha mãe fosse tão inconveniente ao bater na porta da fazenda às oito e meia da manhã!

— Não temos a confirmação ainda, mas é melhor deixar claro que, caso o resultado seja positivo, eu não engravidei a sua filha, engravidei a mulher que eu amo, com quem quero passar o resto da minha vida — Ramon respondeu, me fazendo ficar toda boba e com o coração acelerado. Sempre ficava encantada quando o ouvia reafirmar o seu amor por mim para outras pessoas.

Como estava de longe, não consegui ver a reação de Cecília, mas tomei um susto quando seu olhar varreu o interior do casarão, quase parando em cima de mim aos pés da escada. Nervosa, desci correndo e me refugiei atrás da porta, querendo ouvir o resto da conversa e saber se ela iria comprar ou não a desculpa de Ramon. Ela passou os próximos segundos em silêncio e pensei que iria desistir e ir embora, mas as suas próximas palavras me deixaram completamente gelada por dentro.

— Não é possível que você realmente a ame depois de tudo o que aconteceu entre nós dois.

Encarei a porta com os olhos arregalados, sem saber se eu havia entendido direito o que ela havia acabado de dizer. Meu coração pareceu despencar no peito enquanto escutava o resto da conversa.

— Isso é passado.

— Tem certeza de que é passado? Pois, para mim, parece bastante presente, tendo em vista que você está se relacionando com a minha filha! Por que está com ela, Ramon? Queria uma substituta para colocar em meu lugar?

Colocar em seu *lugar*? Eu não queria entender o que aquilo significava, mas imagens de minha mãe e Ramon juntos começaram a preencher a minha mente, deixando-me em choque, horrorizada.

— Não seja ridícula, Cecília! Saia agora da minha casa! — Ramon disse,

parecendo estar com raiva e minha mãe soltou uma risada que me arrepiou da cabeça aos pés.

— Está me expulsando porque sabe que é verdade, não é? Toquei justamente no segredo que você não queria que fosse descoberto. Será que não vê que isso é problemático, Ramon? Doentio? Está usando a minha filha porque não conseguiu se esquecer de mim!

— Você está completamente louca, eu amo a Gabriela, Cecília!

— A ama porque ela é minha *filha, parte de mim! Sei que foi difícil para você quando escolhi Abraão, mas pensei que você fosse capaz de superar o passado!*

— Você está distorcendo completamente as coisas! Não me obrigue a chamar os seguranças ou tirá-la daqui à força, Cecília! Cai fora da minha casa!

Lágrimas se acumularam em meus olhos e precisei me apoiar na parede, pois senti medo de perder a força nas pernas enquanto ouvia a discussão acalorada dos dois. Ramon parecia estar cheio de raiva e minha mãe tinha um tom de voz indignado, como se realmente acreditasse em tudo o que estava dizendo. Mas, e eu? Como poderia acreditar nela? Ou em Ramon?

— É em mim que você pensa quando olha para ela, Ramon? — ela perguntou, mudando o tom de voz de indignado para algo sedutor, me embrulhando o estômago. *— É de mim que você se lembra quando a beija? São os nossos momentos juntos que ficam em sua mente quando você transa com ela?*

Tampei minha boca, pois sentia que iria vomitar. Prendendo a respiração, escorreguei até o chão e quis tampar os meus ouvidos, sem querer ouvir mais nada. *Era um sonho, era um sonho, só poderia ser um sonho...*

— Nossos momentos juntos? Você é completamente doente — Ramon pareceu cuspir as palavras, como se estivesse com nojo e minha mãe riu.

— Não, você é doente, pois tem plena consciência de que está se relacionando com uma menina que poderia ser sua filha.

Aquela foi a gota d’água que fez com que a barreira que protegia o meu coração e a minha alma, fosse destruída. Ouvi um gemido de lamento soar bem alto em meu ouvido e só me dei conta de que era meu, quando me levantei e subi as escadas correndo, quase cega, começando a chorar bem alto. Ao longe, consegui ouvir o grito assustado de Ramon chamando o meu nome, mas não tive coragem de me virar para ele e enxergar a verdade de tudo aquilo em seus olhos, apenas continuei subindo até entrar no quarto que

ocupei meses antes e tirar a minha mala do fundo do closet, a colocando aberta sobre a cama. Precisava sair daquela casa, precisava nunca mais olhar na cara de Ramon.

Consegui socar algumas roupas dentro da mala, mesmo com os olhos cheios de lágrimas e as mãos trêmulas. Em minha cabeça, imagens de Ramon e Cecília juntos me deixavam sem ar, com o coração dilacerado e um nó intenso em minha garganta. Não queria acreditar que tudo o que ouvi era verdade, não queria.

— Meu Deus, Gabriela! — Ramon parou na minha frente antes que eu pudesse retornar ao closet e me segurou pelos ombros, procurando meus olhos. Os dele estavam arregalados e rasos d'água, cheios de dor. — Meu amor, por favor, me escuta...

Fechei os olhos com força ao sentir o peso das suas mãos sobre os meus ombros, espalhando uma dor quase física pelo meu corpo, não porque me apertavam, mas porque seu toque me machucava, despertava lembranças que até meia hora atrás eram maravilhosas, mas que agora me partiam ao meio. Aquelas mesmas mãos tocaram a minha mãe. Seus lábios beijaram os dela. Seus corpos se fundiram em um só, assim como ele havia feito comigo. A dor foi tão dilacerante, que senti vontade de vomitar.

— Gabi...

— Tire as mãos de mim — pedi pausadamente, abrindo os olhos para o encarar. — Agora!

— Amor...

— Eu falei pra você tirar essas mãos nojentas de mim! — Gritei, empurrando-o bem forte pelo peito, completamente descontrolada.

Acho que Ramon se afastou por conta do choque pelo meu rompante, pois seus olhos se arregalaram ainda mais e seu rosto ficou pálido, os lábios levemente abertos, como se tivesse perdido as palavras, mas eu tinha muito a dizer. Meu queixo tremeu e precisei me afastar o máximo possível da sua presença, puxando os cabelos como se eu pudesse arrancar os pensamentos e as imagens horrendas que corriam pelo meu cérebro.

— Você e a mi-minha mãe... — solucei sem saber se conseguiria continuar a falar, andando de um lado para o outro. — Meu Deus, você e ela... Ju-juntos...

— Não, Gabi, não foi assim...

Ele tentou se aproximar, mas parou no meio do caminho quando se chocou com o meu olhar. Não consegui disfarçar o nojo e a decepção que eu sentia

enquanto olhava dentro daqueles olhos que eu tanto amava. Como ele podia ter feito aquilo comigo? Como teve a coragem de me magoar daquela forma justo quando achei que ele seria a última pessoa a quebrar o meu coração?

— Uma vez ela me di-desse que você poderia ser o meu pai e eu, idiota, achei que estava falando sobre a nossa diferença de idade... Mas não era sobre i-isso — sussurrei no final, tentando enxergar através da cortina de lágrimas que embaçava meus olhos. — Era porque você e ela foram amamantes no passado...

— Não! — Ele se aproximou a passos rápidos e parou na minha frente, apontando para a porta. — Sua mãe mentiu, nunca fomos amantes, Gabi!

— Ah, então não traíram o meu pai? Fi-ficaram juntos antes? E depois que ela se fingiu de morta, veio atrás de vo-você também?

— Meu Deus, Gabriela, não! Por favor, só me escuta...

Eu não conseguia pensar com clareza, quanto mais escutar qualquer coisa que ele tinha para dizer. Só precisava ficar o mais longe possível, me esconder, fingir que eu nunca tinha o conhecido ou entregado para ele o meu coração, a minha alma, tudo de mim.

— Eu escutei o sufi-ficiente, só quero ir embora daqui e nunca mais olhar na sua cara!

Passei por ele e entrei no closet, puxando mais alguns cabides com roupas, mas retesei quando senti seus braços me agarrarem pela cintura. Ele soltou um soluço alto, sofrido, como se estivesse sentindo a mesma dor que eu e enfiou o nariz em meu cabelo. Podia sentir como tremia, como parecia lutar para não me deixar ir e aquilo me paralisou completamente. Como era possível que meu coração doesse por ele daquela forma, quando ele havia me machucado tanto?

— Por favor, meu amor, se acalma. Pensa no nosso bebê e tenta me escutar — implorou com voz de choro, abrindo a mão sobre a minha barriga e me senti horrível, porque sequer havia pensado no bem-estar do meu filho. *Nosso* filho. — Nunca transei com a sua mãe, Gabriela, eu juro. Nunca toquei nela desse jeito.

— Mentira! Você mentiu para mim esse tempo todo, Ramon...

— Não, eu não menti — ele me interrompeu e eu lutei para sair dos seus braços, virando-me de frente para poder encará-lo. Seu rosto estava banhando em lágrimas e os olhos brilhavam em súplica. — Não menti para você.

— Não? Então vai continuar a dizer que a rincha entre você e o meu pai tinha a ver apenas com as terras da sua família? Vai continuar a olhar na

minha cara e dizer que mal conhecia a minha mãe?

— Nunca falei que mal a conhecia...

— Mas também nunca me disse que vocês tiveram um caso! Que você poderia ser a porra do meu pai! Que está comigo, porque queria uma cópia para colocar no lugar dela! — gritei na sua cara, apontando o dedo, sentindo vontade de socar o seu peito até fazer com que ele sangrasse da mesma forma que eu.

Sentia-me usada, suja por ter ficado com um homem que, quando olhava para mim, não me via. Ele via ela, a minha mãe. Meu Deus, a minha *mãe!* Minhas pernas tremeram com força e senti um suor gelado descer pela minha nuca.

— Meu amor, por favor, me escuta! — pediu mais alto, tomando meu rosto molhado em suas mãos. — Seria impossível que você fosse minha filha, porque nunca transei com a sua mãe! Entendeu? Eu nunca transei com ela! Se eu tivesse ficado com ela dessa forma e desconfiasse dessa possibilidade, sequer deixaria que você fosse registrada pelo seu pai, muito menos encostaria em você ou te olharia de qualquer outra forma. Não sou um homem doente, Gabriela, pelo amor de Deus!

Olhei bem firme dentro dos seus olhos, querendo acreditar pelo menos naquela parte da história, mas não consegui. Algo dentro da minha alma, a confiança que havia depositado cegamente nele e no amor que dizia sentir por mim, havia se rompido. Eu queria que ele tivesse confrontado Cecília, que tivesse dito que ela estava louca, que estava inventando tudo aquilo, mas em nenhum momento ele havia negado, simplesmente porque ela não havia mentido. Eles ficaram juntos em algum momento do passado, provavelmente antes ou até mesmo durante o casamento dela com o meu pai e *essa* era a verdade. O resto não me importava mais.

— Não consigo acreditar em nenhuma palavra que sai da sua boca — sussurrei de modo doloroso porque, talvez ele não soubesse, não tivesse noção ou se importasse, mas tudo aquilo estava me matando por dentro. Ficar ali de pé, na sua frente, ouvindo a sua voz, olhando em seus olhos, estava me dilacerando completamente.

Ele ofegou baixinho e as lágrimas caíram com mais força dos seus olhos e pingaram em seu peitoral nu. Mesmo decepcionada, senti vontade de o abraçar com força e fazer com que parasse de chorar, com que parasse de sofrer daquela forma e me odiei ainda mais por isso. Não podia sentir pena dele! Não podia sentir mais nada por ele que não fosse horror.

— Por favor, Gabi, acredita em mim — ele implorou com o nariz ficando vermelho e maxilar tremendo, as mãos rígidas em minha cintura. — Eu nunca mentiria sobre isso para você. Se não contei sobre o meu envolvimento com a sua mãe no passado, foi porque senti medo de que isso acontecesse, de que você entendesse tudo errado e acabasse se afastando de mim.

— Eu entendi tudo muito bem, Ramon, principalmente a parte em que você ainda a ama e que, talvez, realmente tivesse a certeza de que não sou sua filha, mas eu sou filha *dela* e foi por isso que você ficou comigo — concluí, porque aquela era a verdade.

Eu não acreditava que ele conseguia olhar para mim e me desassociar dela. Por mais que não fôssemos fisicamente parecidas, eu ainda era sua filha.

— Nunca! Eu nunca amei a sua mãe, Gabriela, nunca amei qualquer outra mulher que não fosse você!

Uma risada debochada escapou dos meus lábios em meio as lágrimas grossas que escorriam até o meu pescoço e o empurrei pelo peito, querendo que saísse de perto de mim. Uma onda avassaladora de ciúmes se apossou do meu peito.

— Você é um mentiroso, só isso! Por que não aproveita que ela está viva e fica com ela logo de uma vez?

— Pare com isso! — pediu com o cenho franzido, ainda chorando.

— Pare com isso você! Me solta, Ramon, eu preciso ir embora daqui!

Sequer sabia para onde iria, eu só precisava sair daquela casa, daquela cidade e sumir até a dor desaparecer e eu esquecer que havia me envolvido com aquele homem, que havia me apaixonado e o amado perdidamente. Ele arregalou os olhos e balançou a cabeça, aterrorizado, mantendo o agarre firme em minha cintura e se posicionando melhor na minha frente.

— Não! Não vou deixar você ir embora. Sei que está com raiva, mas não é assim que iremos resolver as coisas, Gabi. Você precisa se acalmar, então, nós vamos sentar e conversar.

— Você teve meses para conversar comigo, para sentar e explicar o que quer que fosse, mas preferiu deixar que nossa relação chegasse a esse ponto, preferiu que eu me apaixonasse completamente por você, que eu ficasse grávida e descobrisse tudo dessa forma horrenda! Agora nós não temos mais nada para conversar, Ramon. Só quero que você me deixe paz!

— Eu sei que errei por não ter te contado antes, eu sei, meu amor, mas não imagina quantas vezes eu tentei contar e não consegui. O maior medo da minha vida era te perder, Gabriela — falou com os lábios tremendo,

puxando-me de encontro ao seu peito. Pude ouvir as batidas frenéticas do seu coração, aquele som que eu amava escutar até pegar no sono e estremeci. Havia acabado tudo, para sempre.

— Você acabou de me perder, Ramon.

Ele ficou duro, tenso, as mãos em minhas costas paralisadas e o coração falhando algumas batidas. Eu não sabia como era possível, mas, apesar de não conseguir acreditar em nada do que me dizia, sua dor e arrependimento conseguiam me alcançar, confundindo-me, fazendo-me ficar perdida em meio a tudo o que estava acontecendo. Eu sofria por mim, mas também sofria por ele. Sofria pelo amor e pela história que pensei que havíamos construído até ali, mas que havia sido uma mentira.

— Não... Não aceito isso, não aceito perder você para o meu passado — ele sussurrou, me apertando bem forte. — Pelo amor de Deus, Gabi, eu não esperei trinta e oito anos da minha vida para conhecer e amar você e te perder assim.

— Você não esperou por mim, esperou por ela, Ramon — murmurei com os olhos marejados ao ter que reconhecer e admitir aquilo. Negando forte com a cabeça, ele se afastou e olhou bem firme dentro dos meus olhos, chorando também.

— Não! Ela não significa nada para mim, Gabriela! Se me deixar explicar tudo, se apenas me ouvir, vai entender.

— Não quero, só quero que você me deixe sair daqui.

Acho que ele viu a decisão em meus olhos, pois engoliu em seco e piscou para dispersar as lágrimas.

— Sei que quer ficar longe de mim agora e vou respeitar a sua decisão, mas você não pode sair assim, Gabriela. Para onde você vai? Para a fazenda do seu pai? Sabe que pode ser perigoso, principalmente com João Marcelo e Cecília nos rondando desse jeito.

— Cecília é fácil de convencer, é só você conversar com ela e creio que ficará tudo bem. Ela voltou por você mesmo, isso ficou bem claro — falei com um gosto amargo na boca, limpando minhas lágrimas com um pouco de raiva.

— Quero distância daquela mulher. Sei que ainda não acredita em mim, mas não sinto nada pela sua mãe, Gabi. Na verdade, sinto sim — falou, trancando o maxilar com força e apertando a ponte do nariz. — Sinto raiva por ter sido tão cretina, ela sabia que você estava ouvindo tudo, ela te viu, me confessou antes de ir embora e foi por isso que falou tudo aquilo e distorceu

tudo o que aconteceu entre nós dois.

Saber daquilo me deixou mais enjoada e precisei respirar fundo para conter a náusea. Ramon tocou em minha bochecha e seu olhar preocupado rondou o meu.

— O que foi? Está sentindo alguma coisa?

— Estou sentindo muitas coisas — falei, tirando sua mão de cima de mim. — Quero ficar sozinha, Ramon.

Os lábios dele tremeram e seus olhos voltaram a ficar rasos d'água enquanto abria a boca para falar alguma coisa. Senti que iria contestar, negar o meu pedido, mas, segundos depois, acabou assentindo.

— Está bem, mas vou pedir para que Cissa traga alguma coisa para você comer e, por favor, se sentir qualquer coisa, avise a ela. Você não pode passar por tantas emoções assim, Gabi. Tente se acalmar.

— Vou me acalmar quando você sair do quarto.

Ele certamente não esperava pelas minhas palavras duras — e eu também não, o que me deixou chocada e sentida — e deu um passo para trás, como se tivesse sido esbofeteado. Seus olhos brilharam de dor e, pela primeira vez na minha vida, vi o poderoso Ramon Baldez se encolher bem na minha frente, não fisicamente, mas em toda a sua essência. Era como se ele estivesse completamente perdido, assim como eu.

— Eu te amo muito — ele sussurrou, pegando-me completamente de surpresa. — Eu te amo de um jeito inexplicável, minha menina, e isso nunca foi uma mentira. Espero que você possa voltar a confiar em mim e me amar de novo, porque eu não sei mais viver sem você.

Sem que eu esperasse, ele deu um beijo em minha testa e pressionou a palma da mão contra a minha barriga, terminando de dilacerar o meu coração. Fiquei paralisada enquanto o sentia se afastar e ouvia os seus passos se distanciando, até a porta do quarto se abrir e fechar. Olhei para a bagunça a minha volta, minhas roupas no chão e caminhei de forma automática até a cama, deitando-me na pontinha e me encolhendo até ficar em posição fetal.

Com uma mão sobre a minha barriga, fechei os olhos e chorei até perder completamente as minhas forças.



“Conserte meu coração
Diga que me amará de novo
Desfaça essa dor que você provocou”

Un-break My Heart – Toni Braxton

RAMON

Fiquei parado em frente à porta do quarto de hóspedes, segurando-me para não entrar no cômodo novamente e tomar Gabriela em meus braços. Queria me deitar com ela na cama e só sair de lá quando ela não me odiasse mais, mas sabia que aquilo não era possível. Pela primeira vez desde que ficamos juntos, ela me expulsou e eu sabia que estava coberta de razão. Isso, no entanto, não ajudava em nada a diminuir a dor que irradiava do meu peito e se espalhava por todo o meu corpo.

Cambaleei pelo corredor e nem consegui chegar perto do meu quarto, sentei-me no primeiro degrau no topo da escada e abaixei a cabeça, sentindo-me derrotado, impotente, com uma vontade tão absurda de chorar, que me sentia como se tivesse voltado ao passado e descoberto a morte dos meus pais. Aquela noticia praticamente me destruiu, mas consegui me reerguer, dessa vez, eu sabia que se Gabriela nunca mais me perdoasse, eu ficaria completamente dilacerado.

— Ramon?

A voz de Cissa ecoou em meus ouvidos e enxerguei sua figura franzina aos pés da escada. Ela arregalou os olhos ao ver a minha expressão, certamente

tomando um susto ao perceber que eu estava derrotado e subiu as escadas tão rápido quanto pode.

— Ah, meu querido... Oh, meu Deus...

Ela se sentou ao meu lado e me abraçou com força pelos ombros, suportando-me quando desabei. Só me permiti aquele momento de fraqueza uma vez na vida, no dia em que voltei do enterro dos meus pais, mas ali, nos braços de Cissa, me vi completamente sem forças mais uma vez. Ela sussurrou alguma coisa que não entendi e minhas lágrimas desceram sem pausa, enquanto minha mente repetia cenas minhas e de Gabriela ao longo daqueles meses, seus sorrisos, seus beijos, nossa primeira vez, seus olhares apaixonados, sua força e coragem e, agora, o horror que sentia ao me olhar, tão diferente daquela manhã em que acordou com meus beijos em sua barriga e sorriu. Tão diferente da forma como disse que me amava na noite anterior, antes de dormir em meus braços.

— Ela não vai me perdoar, Cissa... — murmurei com a garganta arranhada e presa por um nó que se recusava a ceder.

— Claro que vai, meu filho. Aquela menina ama você.

Ergui minha cabeça de seu ombro e sequei meus olhos com os punhos, sentindo-me tão frágil quanto um garoto de cinco anos de idade. Cissa acariciou meus cabelos, do modo como sempre fazia quando eu estava triste, mas seu carinho não aliviou a minha dor daquela vez.

— Cecília distorceu tudo e Gabi ouviu, Cissa — falei baixinho, olhando para os meus pés. — Mas a parte principal não era mentira. Nós realmente nos envolvemos no passado.

— Eu desconfiei na época, quando ela vivia correndo atrás de você, mas nunca me meti — ela disse e eu assenti, sabendo que era verdade. Eu era jovem e Cissa estava mais preocupada com os meus pais do que em se meter nos meus romances adolescentes.

— Nunca transei com ela, Cissa, eu juro — falei, virando-me para olhar em seus olhos. — Sempre que nos víamos, rolava alguns beijos, toques, mas nada mais do que isso. Acredita em mim?

— Claro que eu acredito, Ramon. Você não teria motivos para mentir para mim.

— Nem para Gabi, mesmo assim, Cecília aumentou as coisas e agora Gabriela me odeia. Eu sei que errei, Cissa, eu deveria ter contado sobre o nosso envolvimento há muito tempo, mas senti medo de que isso acontecesse, sabe? Senti medo de que Gabriela entendesse tudo errado, que achasse que

estou com ela, por causa de Cecília... Minha omissão não adiantou de nada, pelo contrário, só piorou tudo.

— Você sempre foi muito responsável, muito metódico, Ramon. Acho que essa foi a primeira vez que se permitiu agir pelas emoções e não pela razão e tentou fazer de tudo para proteger o que você e Gabriela vinham construído. Claro que você errou, deveria mesmo ter contado a ela desde o início, mas não se julgue tanto, meu querido. Você ama essa menina, ela é a luz dos seus olhos, é a sua alegria, sua força e você também é tudo isso para ela. Não vai ser a maldade dessa mulher que vai destruir o amor de vocês, só tenha fé e paciência, pois tenho certeza que, assim que se acalmar, a Gabi vai sentar e ouvir tudo o que você tem a dizer.

— Será, Cissa? Tenho medo de que ela nunca mais queira olhar na minha cara. Ela está sentindo nojo de mim, está horrorizada com tudo o que ouviu sair da boca de Cecília. E sabe o que é pior, Cissa? Ela sabia que Gabriela estava ouvindo, me confessou isso antes de eu ir atrás de Gabi.

Só de lembrar de suas palavras, eu conseguia sentir o meu sangue ferver nas veias. Assim que ouvi o gemido doloroso, seguido de um choro, tive certeza de que Gabriela havia acabado de testemunhar toda nossa conversa e fiquei desesperado. Virei-me a tempo de vê-la subir as escadas e cheguei a gritar o seu nome antes de ir atrás dela, mas Cecília me segurou pelo pulso e disse que tinha sido melhor daquele jeito, que Gabriela tinha o "direito" de saber. Sim, Gabriela realmente tinha o direito de saber sobre o nosso passado, mas apenas a verdade, não aquela mentirada toda que ela havia inventado!

Ela tinha dado a entender que íamos para cama juntos, que Gabriela poderia ser minha filha! Era tão doentio, que eu sentia vontade de vomitar, mas assim que me disse aquelas palavras, que me disse que Gabriela tinha o direito de saber sobre o nosso passado, entendi que ela sabia o tempo todo que Gabriela estava ouvindo a nossa conversa e a confrontei, recebendo a sua confirmação. Suas palavras ainda soavam em meus ouvidos como se fossem um mantra vindo direto do inferno:

"Sim, eu a vi descendo as escadas e foi por isso mesmo que falei tudo aquilo. Sabia que você não teria coragem de contar e Gabriela merecia saber que, no fundo, você nunca esteve com ela porque gosta dela e, sim, porque ainda é louco por mim."

Que Deus me perdoasse, mas, por um momento, não enxerguei uma mulher na minha frente, enxerguei o próprio diabo vestindo saia. Por um momento, cheguei a pensar que poderia perder a cabeça e agir com violência

com ela, tamanha a raiva, a indignação que senti, mas consegui ser racional e gritar para que saísse da minha casa, enquanto Cissa vinha correndo para saber o que estava acontecendo. Deixei que cuidasse de expulsar aquela mulher das minhas terras e subi para ver Gabriela com o estômago embrulhado e o coração prestes a despencar no peito.

— Eu falei para você que essa mulher não era confiável e agora eu tenho certeza.

— É pior do que isso, Cissa — falei, balançando a cabeça com desgosto e descrença. — Que espécie de mãe faria isso com a própria filha? A magoaria dessa forma? Pois ela sabe que Gabriela me ama, sabe que estamos juntos e, mesmo assim, fez questão de pisar nos sentimentos dela sem pensar em mais nada que não fosse o próprio ego. Isso é maldade, Cissa, não há outra explicação.

— Tem toda a razão e esse é mais um motivo para você não se desesperar e se manter firme para cuidar de Gabriela. Não podemos deixar que essa mulher fique sozinha com ela novamente.

— Nunca mais! Fico louco só de pensar nisso, Cissa. Quero Cecília o mais longe possível de Gabriela — falei com decisão, mas me sentindo esgotado por dentro. — Por falar em Gabi, pode levar alguma coisa para ela comer? Está em jejum até agora e isso não é bom.

— Claro, vou fazer isso agora mesmo.

— E preste atenção nela, Cissa, veja se não está sentindo alguma coisa ou passando mal. Estou morrendo de medo que essas emoções todas causem mal a ela e ao bebê.

Cissa assentiu e me deu um sorriso carinhoso, pegando firme em minha mão.

— Você será o melhor pai e marido do mundo, sabe disso, não é?

— Vou lutar para ser o melhor pai do mundo, quanto a ser o melhor marido... Ainda tenho um caminho longo pela frente, Cissa.

— Nada é impossível quando o amor é verdadeiro, filho. Parece frase pronta de final de novela, mas é a mais pura verdade.

Ela deu um beijo em minha testa e se levantou, deixando-me sozinho, mas com uma pontinha de esperança renovada. Poderia demorar, o caminho certamente seria árduo, mas eu jamais desistiria de receber o perdão da minha menina. Fui direto para o meu quarto e fiz de tudo para não olhar a minha cama bagunçada ou as peças de roupas Gabi ainda no chão, perto das minhas, indo direto para o chuveiro. Era impossível não se assustar com o quanto

tudo poderia mudar em questão de poucos minutos. Sempre soube que meu relacionamento com Gabi andava sobre uma corda bamba por conta da minha omissão, mas nunca pensei que seria destruído por conta de uma mentira. Eu morria de medo de que ela não reagisse bem quando soubesse, que ficasse decepcionada ou até mesmo que quisesse ficar longe de mim, mas faria isso estando consciente do que realmente havia acontecido entre mim e Cecília e não depois de ter ouvido aquela versão deturpada do nosso passado.

Fui direto para o closet me vestir, mas acabei tendo que retornar ao quarto quando ouvi o toque do meu celular. O nome de Caio brilhava na tela e me perguntei se ele estava pressentindo que eu precisava falar com ele.

— Oi, Caio. Pode falar.

— *Acabei de chegar em Goiânia e recebi um telefonema de Victor Alves, aquele meu amigo que está investigando a vida da ex-defunta, e ele descobriu que ela realmente se casou com Juan, mas ficou triste demais após a morte do marido e caiu nos braços do melhor amigo dele um dia após o enterro* — Caio disse em tom de deboche e eu me sentei na beirada da cama para entender melhor toda aquela história.

— Eles eram amantes?

— *Victor não pode afirmar, mas tudo indica que sim, tanto que o melhor amigo do morto se separou da esposa meses depois, para ficar com Cecília. Ele era um empresário do ramo têxtil, tinha bastante dinheiro, mas raramente aparecia com Cecília em eventos sociais, só quando era algo mais intimista e com pouca divulgação, mesmo assim, Victor achou algumas fotos e me enviou, já encaminhei tudo para o seu e-mail. O empresário veio a falecer cinco anos depois e, pelo o que Victor descobriu, deixou Cecília muito bem de vida, apesar de não terem se casado.*

— Então, ela vinha vivendo do dinheiro deixado por Juan e pelo empresário? Isso explica o fato de se vestir como uma mulher rica.

— *Exato! No entanto, Victor descobriu que ela está praticamente falida. Não tinha dinheiro nem para manter a cobertura onde morava em Murcía, na Espanha, o que me leva a pensar que, talvez, ela tenha voltado com o intuito de se dar bem com você. Eu não comentei nada antes, porque queria saber mais sobre a vida dela nesses últimos quinze anos, mas algo me diz que esse acidente de Abraão não foi um acidente, entende? Acho que ela e João Marcelo armaram tudo para tirar Abraão do caminho. Isso facilitaria o retorno dela, sabe? Talvez, seu plano era voltar com esse papinho de que precisou se fingir de morta porque era agredida, se fazer de vítima e*

conseguir te enganar.

— E onde Gabriela entra nessa história? Porque foi João Marcelo que me pediu para a acolher aqui em casa.

— Esse é mais um ponto que precisamos descobrir. A única coisa que eu sei, é que Cecília não perdeu tempo em ficar ao lado de um homem rico e sugar tudo o que podia para viver no luxo na Espanha e que voltou ao Brasil, porque está com uma mão na frente e a outra atrás. Agora, precisamos descobrir como ela e João Marcelo se conheceram, porque ela ligou para Abraão antes do acidente e se essa batida de carro foi armada ou não. E, claro, o principal, qual é o real intuito dela ao voltar.

Soltei um suspiro cansado e assenti como se ele pudesse me ver, começando a sentir uma dor de cabeça.

— Só quero que tudo isso acabe logo, Caio, principalmente depois do que aconteceu hoje.

— O que aconteceu?

Levei alguns minutos para contar tudo a ele, achando surreal que tudo aquilo tivesse acontecido depois da noite maravilhosa que tivemos ontem. Quando terminei, Caio soltou um palavrão baixinho e quase pude visualizar sua cara fechada na minha frente.

— Não acredito nisso, que cretina! Como ela pôde fazer isso? Sabia que ela só estava esperando uma oportunidade para contar essa história a Gabi, só não achei que seria tão cruel a esse ponto. Como a Gabizinha está?

— Péssima, me odiando... Ela acreditou em tudo o que Cecília disse e eu nem posso julgá-la por isso. Em seu lugar, também acreditaria.

— Ramon, a Gabizinha ama você. Assim que soubermos exatamente qual é a intenção de Cecília, ela vai entender que a mãe é uma vaca manipuladora e que aumentou a história de vocês. Você é um homem íntegro, honesto, jamais a enganaria dessa forma, ela só está magoada.

— Espero que sim.

— Ah, tenho uma ótima notícia! Vou ficar apenas hoje e amanhã em Goiânia, a reunião do terceiro dia precisou ser adiada, então, amanhã à noite, pegarei um voo para São Paulo e irei à Ribeirão Preto no dia seguinte para pegar as tais provas na casa de Abraão. Pretendo estar em Santo Elias no final da tarde e vou direto para sua casa.

— Ótimo! Mal posso esperar para ver que provas são essas. Espero que realmente nos ajude de alguma forma.

— Vão ajudar. Vai dar tudo certo, Ramon. Logo, logo você e a Gabizinha

estarão juntos e em paz novamente. Aproveite esse tempo e vai pensando em um bom pedido de casamento, porque ela merece.

Só Caio mesmo para me fazer rir no meio de tudo aquilo, mas agradeci no final. Seu bom-humor e otimismo me transmitiram a força que eu estava precisando naquele momento.



GABRIELA

Chorei até perder a noção do tempo e minhas lágrimas simplesmente cessarem, sentindo-me esgotada. Meu corpo doía por estar deitada por muito tempo na mesma posição, o travesseiro estava encharcado e os olhos pesados, inchados, mas nada conseguia me tirar da cama ou me dar ânimo para simplesmente virar para o outro lado. Queria ficar ali até esquecer de tudo o que havia descoberto, das palavras da minha mãe se repetindo em minha mente, da dor de Ramon e da verdade que havia sido esfregada em minha cara de maneira tão brutal.

— Gabi?

Nem vi o momento em que Cissa abriu a porta e entrou em meu quarto, mas ali estava ela na minha frente, com uma bandeja de café da manhã e uma expressão gentil no rosto, apesar dos olhos tristes. Ela deixou a bandeja em cima do criado-mudo e se sentou ao meu lado, passando a mão de leve pelo meu cabelo.

— Minha querida, eu sinto muito — sussurrou com pesar e eu engoli em seco.

— Você sabia, Cissa?

Ela balançou a cabeça em negativa e eu soltei o ar que estava prendendo.

— Eu cheguei a desconfiar na época, porque sua mãe vivia atrás de Ramon, mas nunca os vi realmente juntos, sabe? E como ela logo se casou com Abraão, achei que, se eles tivessem mesmo se envolvido, tinha sido algo sem importância.

— Não foi sem importância, Cissa. Cecília deixou isso bem claro.

— Gabi, eu sei que está magoada, mas também não pode levar em

consideração tudo o que a sua mãe falou. Ela ficou quinze anos longe de você, filha, não sabemos quem ela é de verdade, pode ter voltado apenas para querer atrapalhar você e Ramon.

Eu sabia daquilo, não confiava em Cecília antes, ainda menos agora, mas isso não diminuía o sentimento de traição que me sufocava.

— Ramon poderia ter me contado, Cissa — murmurei, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas. Não aguentava mais chorar. — O fato de ele ter escondido isso de mim só me faz pensar que, no fundo, Cecília tem razão. Talvez Ramon realmente a ame, mas ficou comigo para, sei lá, substituí-la. Sou filha dela, afinal de contas.

— Ramon pode ter gostado da sua mãe no passado, talvez até se apaixonado, mas ele nunca a amou, Gabi, diferente do que sente por você. Conheço esse menino desde o ventre e posso afirmar com toda a certeza, que nunca o vi olhar para nenhuma outra mulher, do jeito que olha para você. Ele te ama de verdade, Gabi, é uma ligação de alma, entende? Ramon passou por cima de muita coisa para ficar com você e tenho certeza de que é capaz de muito mais. Se ele amasse a sua mãe na época, não teria desistido dela, teria lutado para mantê-la ao seu lado.

— Queria acreditar nisso, mas estou muito confusa, Cissa. Ramon era a pessoa que eu mais confiava no mundo, entreguei para ele tudo o que eu tinha, acreditei ferrenhamente que ele não iria me magoar e agora descubro isso. Estou arrasada.

Ela assentiu e secou as minhas lágrimas com delicadeza, piscando um pouco mais forte para dispersar a emoção que sentia.

— Você tem todo o direito de estar magoada, porque Ramon errou, ele deveria ter te contado toda a verdade, mas creio que não escondeu por mal. Ele só tinha medo de que você entendesse tudo errado e se afastasse dele.

— Ou tinha medo de que eu descobrisse que estava comigo por causa da minha mãe e para se vingar do meu pai. Isso faz mais sentido.

— Mais sentido do que tudo o que vocês viveram até hoje? Do que o bebê que vocês fizeram com tanto amor? Do que a forma como ele te olha, como se preocupa e cuida de você? — perguntou ela em um tom gentil, sem julgamento no olhar e eu senti meu peito ficar pesado, cheio de culpa e medo de estar sendo injusta, apesar de ter plena consciência de que estava no meu direito de desconfiar de tudo naquele momento. — Algumas coisas são impossíveis de serem fingidas, Gabi, e o amor é uma delas. Esse sentimento é muito poderoso, ele muda tudo. Vem cá, me deixa te dar um abraço bem

apertado, minha filha.

Não pude negar aquele carinho de Cissa e me joguei em seus braços, sentindo seu carinho em minhas costas e ouvindo suas palavras que, de certa forma, me tranquilizaram. Tudo em mim doía, mas ter a certeza de que eu tinha o amor e o apoio de Cissa, acalentou a minha alma.

— Sei que estava com desejo de comer a omelete do Ramon, mas espero que não se importe de comer a minha. Trouxe até a calda de morango e a canela pra você colocar por cima — ela disse ao se afastar, colocando a bandeja ao meu lado na cama. — Coma um pouco, enquanto arrumo as suas roupas.

— Não, Cissa, não se preocupe com isso, eu fiz a bagunça, eu arrumo.

Ela apenas balançou a cabeça e se levantou, começando a tirar as roupas de dentro da mala que deixei aberta sobre a minha cama.

— Eu só preciso que você coma, pois não pode ficar sem se alimentar. Lembre-se que tem um Baldezinho crescendo em sua barriga e, se puxar ao pai, precisará de muita comida para se manter bem forte.

Estava sem fome alguma, mas fiz o que me pediu e comecei a comer, deixando de lado a calda de morango e a canela, pois o desejo havia desaparecido depois de tudo o que aconteceu e fiquei com medo de comer besteira e acabar colocando tudo para fora depois. Cissa logo puxou algum assunto aleatório, apenas para me distrair e eu aproveitei aqueles minutos para tentar encontrar um pouco de paz.



“Às vezes eu quero apenas me esconder
Porque é de você que eu sinto falta
E é tão difícil dizer adeus”

Hurt – Christina Aguilera

GABRIELA

Passei as últimas quarenta e oito horas trancada no quarto, focando em ficar o mais longe possível de Ramon. Doía-me muito fazer isso, principalmente quando ele batia na porta e perguntava se eu estava bem, se estava pronta para conversar, mas sentia que era melhor assim. Precisava tentar me desconectar um pouco da sensação horrível que tomava conta do meu coração, da decepção, da tristeza e, principalmente, das lembranças.

Foi naquele quarto de hóspedes que eu comecei a me dar conta de que, talvez, estivesse apaixonada por ele, que comecei a idealizar como seria o nosso primeiro beijo, o que eu sentiria, o que *ele* sentiria, que tomei a decisão de seguir com o plano de Luna e o enlouquecer. Foi naquela cama que dormi em seus braços pela primeira vez e tudo isso mexia demais comigo, trazia-me lembranças daquela época e de tudo o que vivemos até hoje.

Algo dentro de mim me dizia que nossa história não havia sido uma mentira, pois eu sentia o amor de Ramon vibrar dentro da minha alma, mas a decepção e a quebra de confiança colocavam uma nuvem espessa na frente dos meus olhos e não me deixavam enxergar de outro modo que não fosse pela razão. Minha mente fazia questão de me lembrar de cada uma das

palavras de Cecília e do fato de Ramon ter admitido que havia ficado com ela no passado, enquanto meu coração insistia em pedir para dar uma chance para ele, apenas para conversarmos, para que eu pudesse ouvir a sua versão dos fatos, entender melhor o que havia acontecido entre ele e minha mãe, mas eu não me sentia pronta e tinha medo de que nunca me sentisse.

Luna bateu na porta do meu quarto na hora do almoço, trazendo uma bandeja com dois pratos de comida, um para ela e outro para mim. Eu havia contado o que tinha acontecido por mensagem na noite anterior, mas ela disse que queria me ver pessoalmente e eu aceitei. Só vinha vendo Cissa, que sempre me trazia as refeições e passava um tempo comigo, então, a presença de Luna era mais do que bem-vinda.

Conversamos muito, principalmente sobre os últimos acontecimentos e ela acabou deixando escapar algo sobre Ramon, que me deixou muito sentida.

— Ele está tão abalado, amiga, acabado de verdade. Esbarrei com ele quando estava saindo da cozinha e quase não o reconheci. Está com olheiras, usando roupas amassadas, uma expressão angustiada. Perguntou se eu estava vindo ver você e me pediu para que eu me certificasse de que você comesse tudo e que dissesse que está morrendo de saudades e que mal vê a hora de poder te abraçar de novo. Os olhos dele se encheram de lágrimas e até eu senti vontade de chorar. Confesso que estou chocada com tudo o que aconteceu, não cabe a mim sentir raiva nem nada, mas é difícil ver minha amiga sofrer e não tomar as suas dores, então, estava sim chateada com ele, mas, ao o ver daquele jeito, me dei conta de que não é apenas você que está sofrendo, sabe? Ele também está sofrendo muito.

Ouvir aquilo me abalou de tal forma, que um bolo se formou em meu estômago e não consegui engolir o resto da comida. Luna percebeu, por isso, logo mudou de assunto, mas suas palavras continuaram martelando em minha cabeça. Uma pequena parte minha, aquela masoquista e que gostava de me fazer sofrer, havia pensado que, talvez, Ramon ainda amasse mesmo a minha mãe e aproveitaria tudo o que aconteceu, para me deixar de lado e ir atrás dela. Cheguei até mesmo a esperar por isso, mas ouvir relatos como os de Luna e os de Cissa, me mostravam que, talvez, eu estivesse exagerando um pouco e deixando que a minha mágoa falasse alto demais.

E se Ramon estivesse sendo sincero? Se realmente me amasse e sequer pensasse nela? Se realmente nunca tivesse transado com a minha mãe? Isso não diminuiria a minha decepção, mas, com certeza, tiraria um enorme peso dos meus ombros. Era surreal imaginar que o mesmo homem com quem eu

fazia amor todas as noites, havia feito o mesmo com a minha *mãe* em algum momento da vida. Chegava a sentir náuseas só de pensar e um ciúmes que mexia com o resto das minhas emoções, pois começava a me perguntar se ele estaria me comparando a ela, ao seu corpo, suas formas, seu sabor... Se estaria realmente pensando em mim ou *nela* enquanto estávamos juntos.

Precisei jogar uma água fria no rosto para poder me livrar dos pensamentos e me encarei no espelho, me sentindo péssima. Queria apenas deitar e só me levantar quando todo aquele pesadelo tivesse passado, mas precisava tentar voltar à minha realidade, não poderia ficar me escondendo para sempre. Exatamente por isso, decidi que iria visitar o meu pai, tentar retomar a minha rotina de certa forma, apesar de ainda querer me manter longe de Ramon.

Terminei de pentear os cabelos e calcei os meus tênis, saindo do quarto em seguida com o coração acelerado e a sensação de que poderia esbarrar com Ramon a qualquer momento. Foi exatamente isso que aconteceu assim que terminei de descer as escadas, dando de cara com ele vindo em minha direção. Ele estacou no meio do caminho, surpreso por me ver ali e fiz o mesmo, com medo até de respirar. Uma parte intrínseca a mim praticamente implorou para que eu me jogasse em seus braços, sentisse o seu cheiro, beijasse a sua boca, mas consegui me manter firme e falei:

— Vou visitar o meu pai.

Ele piscou duas vezes, como que para sair do choque que sentiu ao me ver e me olhou daquele jeito intenso, cheio de sentimentos avassaladores. Consegui ver a saudade impressa em seu rosto.

— Claro, eu só vou pegar as chaves do carro e levo você — falou, já saindo para ir em direção à sala, mas consegui ser mais rápida do que ele.

— Não quero que você me leve. Queria saber se algum dos seus funcionários poderiam me levar.

Ele parou no meio do caminho e se virou para mim com os olhos levemente arregalados e a postura tensa.

— Gabi, eu posso te levar...

— Mas eu não quero — interrompi, vendo-o engolir em seco. — Se ninguém puder me levar, não tem problema, eu arrumo outro jeito.

— Claro que alguém pode te levar, mas eu gostaria de ir com você — ele praticamente implorou com o olhar e o tom de voz, aproximando-se de mim até quase colar o corpo no meu. — Eu prometo que não vou falar nada, só quero fazer companhia a você, ficar do seu lado. Por favor, me permita apenas isso, estou morrendo de saudade.

Senti meu coração sangrar, porque também sentia tanta saudade dele, que o sentimento parecia me sufocar, mas a mágoa e a decepção, mais uma vez, falaram mais alto.

— Não — falei baixinho, mas com convicção.

Ramon fechou os olhos, parecendo estar derrotado e levou longos segundos para reagir e se afastar de mim. Assim que seus olhos encontraram os meus novamente, percebi que Luna não havia mentido para mim; Ramon parecia sofrer tanto, que a dor dentro de mim se multiplicou.

— Tudo bem, vou pedir para Júlio levar você — falou, tirando o celular do bolso.

Ele fez uma ligação rápida para o funcionário e eu precisei desviar o olhar, pois, quanto mais olhava para os seus olhos, a sua boca, a barba maior do que o habitual, aqueles braços fortes que eu tanto amava e que me faziam sentir em casa quando me rodeavam, mais saudades eu sentia.

— Ele já está vindo — disse ele, chamando a minha atenção. Eu apenas assenti e já ia sair para esperar por Júlio lá fora, mas a voz de Ramon me deteve: — Caio conseguiu pegar as provas e já desembarcou em Goiânia, deve chegar em Santo Elias daqui a, no máximo, duas horas e meia.

— Ele não voltaria apenas amanhã?

— Sim, mas as reuniões de hoje foram canceladas e ele conseguiu ir para São Paulo ontem à noite. Nos falamos rapidamente pelo celular quando ele chegou ao aeroporto e ele disse que estudou as provas durante o voo. Parece que há muitos documentos, uma espécie de diário e um *pen drive*. Como ele está com o *notebook*, conseguiu acessar o dispositivo, mas falou que não daria para explicar tudo por telefone. Ele vai vir direto para a fazenda.

— Ele não conseguiu adiantar nada? Não falou sobre o que as provas se tratam?

— Não, só disse que são coisas bem sérias e que podem colocar Cecília na cadeia por muitos anos.

Um arrepio horrível passou pelo meu corpo ao ouvir aquilo e senti uma corrente fria se apossar do meu estômago. O que minha mãe havia feito de tão horrível para poder parar na cadeia por tanto tempo? Logo me lembrei do que meu pai havia dito a Ramon, que ela havia aplicado o golpe em sua família, mas, isso, poderia mesmo fazer com que parasse atrás das grades por muitos anos? Ou será que ela havia cometido mais crimes?

— Estarei de volta antes de ele chegar, quero saber de todos os detalhes sobre o que minha mãe fez no passado.

Ouvi um carro parar do lado de fora e observei Júlio sentado no banco do motorista. Sem me despedir, saí do casarão, mas Ramon logo me seguiu e abriu a porta do passageiro assim que alcançamos o automóvel, esperando que eu entrasse.

— Dirija com cuidado, Júlio.

— Sim, senhor.

Ramon deu um tapinha no teto do carro e não desviou os olhos dos meus até Júlio colocar o veículo em movimento. Fiz o caminho da fazenda até o hospital com uma sensação ruim no peito, os olhos de Ramon cravados em minha memória, mexendo com todas as minhas emoções.

Encontrei meu pai terminando de fazer exercícios com a fonoaudióloga e ele deu um sorrisinho ao me ver, parecendo feliz em receber uma visita minha depois de tantos dias afastada. Senti-me mal por ter o negligenciado, mas tanta coisa havia acontecido, que visitá-lo se tornou quase impossível.

— Daqui a pouco os enfermeiros virão te buscar para realizar alguns exames, Abraão — a médica disse com um sorriso simpático ao se despedir e meu pai assentiu, parecendo estar um pouco cansaço depois dos exercícios. — Volto depois de amanhã, até mais.

Acenei para ela e me aproximei da cama do meu pai, sentando-me na beirada do colchão. Ele logo tomou a minha mão e me apertou com um pouco mais de firmeza do que na última vez em que nos vimos.

— *Enti audade*.

— Também senti saudade, pai. Me perdoe por não ter vindo aqui nos últimos dias, muitas coisas vêm acontecendo ultimamente.

Sabia que estava sendo vaga e meu pai me olhou com um interesse redobrado, claramente querendo saber mais. Deixando de lado a parte da minha gravidez — não queria que ele soubesse naquele momento — resolvi fazer logo a pergunta que vinha me incomodando há dias.

— Pai, o senhor batia na minha mãe?

Os olhos do meu pai quase se arregalaram em surpresa com a minha pergunta e sua sobrancelha direita se contraiu.

— Que *aisudo* é esse, *Abiela? Di ondi tiou* isso?

— De onde tirei isso? Da primeira conversa que tive com Cecília, assim que ela revelou que estava viva. Ela disse que precisou se fingir de morta, porque você a agredia e ela sentia que você poderia matá-la.

Pura indignação cobriu o lado direito do seu rosto e sua mão ficou gelada contra a minha.

— Eu *ão... unca...* — Ele balançou ligeiramente a cabeça, como se estivesse sem palavras, com os olhos perdidos. — Eu *unca encosei* um *edo ela...*

— Nunca encostou um dedo nela?

— *Unca!* Eu *juo!* Eu *emple* amei a sua mãe!

Havia tanta verdade em seus olhos, que não consegui deixar de acreditar. No fundo, sempre achei aquela história de Cecília fantasiosa demais e, agora que tinha motivos concretos para duvidar do seu retorno, só conseguia sentir mais dúvidas sobre os motivos que a levaram a inventar que estava morta.

— Eu acredito no senhor — falei e meu pai pareceu ficar mais aliviado, apesar de a indignação, e até mesmo certa mágoa, brilharem em seus olhos. — Muita coisa do que ela disse para mim, eu não consigo acreditar, pai. Não consigo confiar nela.

— *Ão onfie! Eília* é *peligosa!*

— Por quê? O que ela fez? Ramon me contou sobre as tais provas e o advogado já está com elas em mãos, chegará em Santo Elias em breve, mas, o que tem nelas, pai? O que o senhor descobriu?

— *Ocê sabeá em bleve. Eisa* está ao lado do *Amon uando ele oubé.*

— Preciso estar ao lado de Ramon quando ele souber? Por quê? Tem algo a ver com o golpe contra sua família?

— Sim.

— Também tem algo a ver com o fato de ele e minha mãe terem ficado juntos no passado? — Novamente, meu pai arregalou os olhos quando me calei e aproveitei o seu silêncio para ir mais além. — Por que não me contou sobre isso nos momentos em que estivemos a sós, pai? O senhor me pediu para me separar de Ramon, mas não citou sobre o caso dele com a minha mãe. Não consigo entender.

Se meu pai tinha raiva de Ramon por conta disso, a primeira coisa que deveria ter feito, era me contado. Não fazia sentido ele guardar aquela informação, quando, com certeza, sabia que essa história iria abalar o nosso relacionamento. Soltando um suspiro, meu pai disse.

— *Poque, depos* que o *oque* passou, *enendi* que ele *oderia uidá de ocê. Esolvi onvesá* com ele e *tentá enendê* se *ealmene ostava de ocê.*

— Depois do choque de saber do nosso relacionamento, o senhor achou que ele poderia me proteger da minha mãe, é isso?

— Sim.

— E foi por isso que o chamou para conversar? — Ele apenas assentiu,

bem sério. — Mas, eu não entendo... O senhor não o odeia?

— *Aõ* mais.

— Não o odeia mais? Por quê?

— No *assado,* eu *ensava* que *Amon queia tirá* sua mãe de mim, mas, *hoe*, sei que *ão oi* isso. *É omliado, Abi.*

— O que é complicado? Eu quero entender, pai. Preciso entender.

Ele soltou um suspiro, demonstrando como aquele assunto ainda mexia com algo dentro de si, mas me olhou de maneira firme.

— Eu *enendi* que *ea a* sua mãe que *coía atás* dele.

— Minha mãe que corria atrás de Ramon?

— Sim. Ela *tenava icá* com nós dois ao *memo temo*.

— Tentava ficar com vocês dois ao mesmo tempo... — refleti e ele assentiu discretamente, do jeito que conseguia.

— *Aoa eu enendo* que ela *ostava* do *Amon,* mas *icou comio, oque* eu *ea* mais *ico.*

— Então, ela gostava do Ramon, mas ficou com o senhor por interesse no seu dinheiro? — perguntei e ele meneou a cabeça de novo, com uma mágoa intensa brilhando em seu olhar.

— Eu *ensava* que *Amon a eseguia,* mas *ea* o *ontáio.* Ela ia *atás* dele e *deois volava a mim* e *izia* que me amava e que *Amon ão a deiava em az.*

Aquela informação me pegou completamente de surpresa. Cecília enrolava o meu pai, ia atrás de Ramon e depois voltava distorcendo completamente a história, falando que Ramon a perseguia e não queria deixá-la. Quão louca ela era?

— Ela queria colocar o senhor contra o Ramon... — concluí e meu pai apertou minha mão em uma afirmativa.

— E *oneguiu. O* odiei *or* muito *temo, Abi, memo deois* da *mote*... — Ele parou, como se soubesse que a palavra “morte” não se encaixava mais no que ela havia feito.

— Mesmo depois de ela fugir — corrigi.

— Sim. Eu *ão enendo oque Oão Acelo ediu a Amon uidá* de *ocê.* Com *ceteza* ele *tia* um *oósito ruim...*

— Tinha um propósito ruim? — perguntei, pois fiquei com medo de não entender.

— Sim. Mas *enendi* que deu *eado, oque Amon arece* amar *ocê* de *vedade, memo* eu *ão ostando* de *aimiti* isso.

— Acha que Ramon realmente me ama? — perguntei surpresa e ele

assentiu.

— Sim. Eu vi o amor nos *olios* dele. Isso *ão qué dizê* que eu *oste.*

— Não quer dizer que o senhor goste dele ou do nosso relacionamento? — perguntei segurando uma risada e ele arqueou a sobrancelha direita.

— Os dois.

Acabei rindo de qualquer forma, balançando a cabeça, porque parecia inacreditável que eu estivesse tendo aquela conversa com o meu pai. Por fim, acabei voltando a ficar séria, havia algo que precisava dizer a ele.

— Cecília deu a entender que eles... Hum... Foram além no passado, sabe? Que eles transaram. Falou até que Ramon poderia ser meu pai.

Meu pai me olhou de forma horrorizada e seus lábios ficaram finos de raiva.

— *Imossível! Ocê* é *mia filia!* Meu *angue!*

Ah, Jesus Cristo. Seu rosto ficou vermelho e comecei a morrer de medo de que passasse mal.

— Tudo bem, pai, não precisa ficar nervoso — pedi e ele respirou fundo, fechando rapidamente os olhos.

— *Eília asou vigem.* Eu *ui i imeio home* dela.

— Ela casou virgem? O senhor tem certeza? — Ele me deu um olhar condescendente, como se dissesse que não seria burro ao ponto de não reconhecer uma virgem e eu senti meu rosto ficar quente de vergonha. — Desculpa, eu só estou confusa... Será que ela e Ramon não ficaram juntos depois que vocês se casaram?

Ele franziu a sobrancelha direita e me olhou como se eu fosse doida.

— *Ocê ealmente* acha que é *filia* dele? *Memo* eu que *ão osto* de *Amon,* sei que ele *amais seia caaz* de se *envolvê* com uma *mulié* que *odeía sê* sua *filia!*

Inacreditável, mas eu realmente vivi para ver meu pai defender Ramon Baldez.

— Não, não acho que sou filha dele, assim como também não acho que ele seria capaz de se envolver uma mulher que poderia ser sua filha. Eu só queria saber se ele e ela... Se eles transaram — falei logo de uma vez.

— *Ão, Amon unca* mais *cheou eto* de *Eília deois* que a *deiou.*

— Espera, *ele* a deixou? — perguntei, completamente confusa. Achei que Cecília o tinha deixado para ficar com meu pai.

— Sim. Ele *ateu* na *mia asa* e disse que *etava* saindo da *mia* vida e da de *Eília,* que *ão eia* mais *ficá ente* mim e ela. Eu *ão aeditei, lóico,* mas ele *ealmente ão oltou a ocurá or* ela. *Deois* disso, o pai dele levou o *gol...* — Ele

parou de falar, claramente frustrado porque não conseguia pronunciar a letra P e eu continuei:

— Ele não voltou a procurar por Cecília e, depois disso, o pai dele levou o golpe.

— É. Aí, ele focou na família e *viaou* muito *a tenta econstuí a faenda* e eu e *Eília* casamos logo *deois*.

A versão do meu pai batia com o que Ramon havia me falado meses atrás. Ele disse que passou muito tempo viajando para tentar reerguer a fazenda, enquanto o pai quase enlouquecia, entregando-se à bebida. No meio de tanta tragédia, ele não conseguiria se dedicar a ter um caso com a minha mãe. Sem querer, senti uma ponta de esperança começar a nascer dentro do meu peito depois de ouvir tudo aquilo. Talvez, Ramon realmente estivesse falando a verdade.

Tomei um susto quando a equipe de enfermeiros entrou no quarto e avisou que precisariam levar meu pai para fazer alguns exames. Entendi que aquele era meu momento de ir embora, apesar de ter passado apenas meia hora ao seu lado, pois aqueles exames costumavam demorar.

— Prometo voltar amanhã, pai. Obrigada por essa conversa, eu precisava muito saber disso tudo.

— Amo *ocê*, *filia* — ele disse pegando-me completamente de surpresa. Eu não me lembrava da última vez que havia ouvido meu pai dizer que me amava. Apertando minha mão, ele repetiu: — Amo *ocê*.

— Eu também te amo, pai — murmurei ficando com os olhos cheios de lágrima, muito emocionada.

O abracei com delicadeza e ele passou a mão direita pelas minhas costas, sem se importar com os enfermeiros ao nosso redor. Sorrindo, me afastei e dei um beijo na sua bochecha.

— *Uidado* com *Eília* — pediu daquele jeito sério, apesar do olhar amoroso.

— Tomarei cuidado. Até amanhã.

Ele beijou minha testa de um jeito meio torto por conta do lado esquerdo que estava paralisado e eu saí de seu quarto com o coração mais leve, mas a cabeça cheia. Despedi-me do segurança que estava de prontidão ao lado da porta e encontrei com Júlio do outro lado do corredor. Assim que entramos no carro, percebi que tinha pelo menos uma hora e meia livre antes de Caio chegar e, precisando urgentemente de um tempo para pensar, longe da fazenda de Ramon, pedi a Júlio:

— Podemos ir à casa do meu pai? Prometo que será rápido.

Ele me olhou pelo retrovisor.

— Precisarei avisar ao Sr. Baldez — ele disse e eu quase revirei os olhos. Pelo menos ele disse “avisar” e não “pedir permissão” como se eu fosse uma criança.

— Tudo bem.

Ele tirou o celular do bolso e ligou para Ramon, que atendeu bem rápido.

— Sr. Baldez? A Senhorita Rodrigues pediu para levá-la à Fazenda Rodrigues. — Ele se calou e o observei pelo retrovisor, esperando em expectativa. Por fim, assentiu. — Tudo bem, senhor. Até mais. — E desligou.

— O que ele disse?

— Disse que está tudo bem, só pediu para não demorarmos.

— Ótimo.

Júlio colocou o carro em movimento e fizemos o caminho em silêncio até a fazenda do meu pai. Toda vez que entrava ali, era tomada pela nostalgia, por lembranças da minha infância, algumas delas ao lado de Cecília, o que me deixou bastante desgostosa e até mesmo enjoada. Antigamente, essas eram memórias boas, hoje, só conseguia sentir asco. Desci do carro e levei um tempo para olhar ao redor. Ali, em frente ao casarão, só conseguia ver a paisagem bonita. Os pastos para o gado ficavam longe dali, mas não eram eles que me interessavam, por isso, entrei no casarão e levei meu tempo andando por todos os cômodos.

Mal havia aproveitado a casa quando voltei definitivamente para Santo Elias e, nas poucas vezes que havia retornado para pegar roupas e objetos pessoais, ia direto ao meu quarto no segundo andar. Sentei-me sobre o sofá na sala, observando como os móveis, o chão de madeira corrida e os objetos estavam limpos, impecáveis. Aquela era uma casa menor do que a de Ramon, mas bem-decorada, bonita. O único problema, era que, mesmo sob o tempo seco e quente de Santo Elias, ali dentro, tudo parecia frio. Era como se as paredes refletissem a forma como meu pai viveu durante os últimos quinze anos e me senti muito triste por ele.

Agora entendia que ele não havia me afastado porque não gostava de mim, mas, sim, porque se enfiou no luto e o viveu intensamente, ao ponto de não conseguir lidar com sua vida pessoal. Acho que o seu foco nos negócios — e o ímpeto desmedido de sempre querer mais — foi a única coisa que o manteve são e não consegui deixar de me perguntar como teria sido a nossa vida se ele não tivesse me mandado para São Paulo. Será que eu conseguiria

tê-lo feito um pouquinho mais feliz ou ele teria me rechaçado? Jamais saberia.

Fiquei um tempo sentada, observando a luz do sol bater sobre os móveis através da janela e me perdi em pensamentos. Era a primeira vez, desde que soube do passado de Ramon e Cecília, que eu conseguia refletir sem chorar e aproveitei aquele momento para tentar colocar a minha cabeça no lugar e tentar enxergar tudo com mais clareza. Talvez, eu devesse levar em consideração a palavra de Ramon e dar uma chance para ele se explicar. Se meu pai, que um dia o odiou, havia o defendido, então, eu também poderia lhe dar uma oportunidade para me contar a sua versão. Isso não significava que a minha mágoa iria desaparecer em um passe de mágica, mas pelo menos me ajudaria a entender o que realmente havia acontecido no passado.

Decidida, levantei-me do sofá, pronta para deixar o casarão para trás, mas parei no meio caminho quando a figura de Cecília apareceu na minha frente, como se fosse um fantasma. Assustada, cheguei a dar um pulo para trás e colocar a mão no peito para tentar acalmar as batidas frenéticas do meu coração e engoli em seco, vendo seu sorriso superior e o olhar frio.

— O que está fazendo aqui?

Ela soltou um suspiro enfadonho e jogou a bolsa em cima de uma poltrona, olhando rapidamente em volta do cômodo.

— Seu pai realmente não mudou nada por aqui? Não que eu esperasse encontrar uma casa super moderna, mas, pelo amor de Deus, eu escolhi esse móvel na época em que nos casamos. — Apontou para um aparador de fotos de madeira de lei entalhada.

— O que está fazendo aqui? — repeti a pergunta entredentes e ela voltou a me encarar.

— Eu poderia dizer que vim aqui matar a saudade da casa em que morei, mas prefiro deixar a mentira sentimental de lado e ser objetiva. Vim conversar com a minha filhinha.

— Como sabia que eu estaria aqui?

Ela andou despretensiosamente pela sala e pegou um porta-retrato, olhando com desinteresse para a minha foto.

— Sei que é difícil de acreditar, mas nem todos os funcionários de Ramon são leais, meu amor. Alguns se vendem por um precinho bem camarada — falou com um sorrisinho sarcástico, antes de se virar de costas para mim e pegar outro porta-retrato.

Senti o meu sangue gelar, não porque entendi que Júlio não havia ligado

para Ramon e sim para Cecília, mas porque vi bem ali, no cós da calça dela, uma arma. Uma onda de pavor cobriu o meu corpo e eu fiz a primeira coisa que veio em minha mente: corri.

E então, ela atirou.



“Eu não posso fingir que essas lágrimas
Não estão caindo sem parar
Eu não posso evitar essa dor
Que está me consumindo”

Butterfly – Mariah Carey

RAMON

Fiquei com o coração na mão ao ver Gabriela deixar a fazenda sem mim e demorei alguns minutos para voltar a entrar em casa depois que o carro sumiu das minhas vistas. Eu sabia que não podia forçar a minha presença, quando tudo o que ela queria era ficar longe de mim e era isso que mais me machucava, ter a consciência de que ela simplesmente *não* me queria por perto.

Passar aqueles dois dias afastado dela estava sendo uma tortura. Não tinha vontade de comer, de trabalhar, ficava pensando constantemente se ela ainda me odiava, se estava se alimentando direito, se não estava passando mal. Preocupava-me demais com ela, com o fato de ainda não termos ido a uma consulta para saber se estava tudo bem com a sua saúde e a saúde do bebê. Havia decidido tentaria conversar com ela sobre isso ainda naquele dia, pois não podíamos mais adiar uma visita à ginecologista para que ela pudesse começar o pré-natal. Claro que eu tinha plena consciência de que ela estava passando por um momento em que pensar em ir ao médico era a última coisa

que poderia passar pela sua cabeça, mas eu não iria me esquecer.

Tentei me concentrar em responder os *e-mails* que me aguardavam na minha caixa de entrada e consegui me distrair pelos próximos quarenta minutos, antes de começar a analisar o orçamento que precisaria ser enviado ainda naquela semana para um empresário peruano. Geralmente, o trabalho era minha válvula de escape, onde eu me perdia e só voltava ao ar quando me dava conta de que estava tarde da noite, no entanto, estava tão preocupado com tudo o que vinha acontecendo, que ouvi o meu celular vibrar sobre a mesa antes mesmo de começar a tocar. Peguei rapidamente o aparelho, achando que poderia ser Gabriela ou Caio, mas estranhei ao ver o nome que brilhava na tela.

— João Marcelo, não achei que perderia o seu tempo ligando para mim, agora que sua verdadeira chefe resolveu dar as caras — falei, recostando-me contra a cadeira. Estava curioso para saber o motivo da ligação.

— Ramon, você precisa ir agora para a fazenda de Abraão. Cecília está lá com Gabriela.

— Como é que é? — perguntei já me levantando, mas, então, parei no meio do caminho. Era uma armadilha, com certeza. O filho da mãe queria me atrair para a fazenda de Abraão a mando de Cecília. — Impossível, Gabriela não está lá.

— Sim, ela está! Cecília recebeu uma...

— João Marcelo, não vou cair na porra da armadilha da sua patroa. Diga a ela que não temos mais nada para conversar! — Gritei, prestes a desligar, mas algo me fez continuar com o celular na orelha para poder ouvir o que ele ainda tinha para me dizer.

— Baldez, preste atenção! Júlio está trabalhando para Cecília há meses, ele a mantém informado sobre cada passo que você e Gabriela dão dentro e fora da sua fazenda e dessa vez não foi diferente! Cecília queria uma oportunidade de ficar sozinha com Gabriela e a menina resolveu ir para a fazenda do pai quando saiu do hospital, então, Júlio ligou para Cecília e contou tudo. Só estou te ligando para avisar, porque ela saiu daqui armada e decidida a matar a própria filha e com esse tipo de atitude eu não vou compactuar. Matar Gabriela não estava em nossos planos! Já fiz muito por Cecília, mas não irei me sujeitar a isso.

O celular quase caiu da minha mão enquanto uma ira gelada e um medo avassalador tomaram conta de cada célula do meu corpo. Demorei milésimos de segundo para visualizar a cena de Cecília apontando uma arma para

Gabriela e tive a certeza de que não seria mais tão benevolente. Eu passaria por cima de qualquer pessoa para salvar a minha mulher e o meu filho.

Com o maxilar trincado para conter o tremor que a raiva espalhava pelos meus nervos, digitei a senha do cofre que ficava dentro de um armário embutido à parede do meu escritório e peguei o meu revólver. Nunca havia o usado, mas não hesitaria em apertar o gatilho daquela vez. Abri a porta em um safanão e só tive tempo de ligar para Caio antes de entrar em meu carro e dar a partida. Ele atendeu no segundo toque.

— Oi, Ramonzinho, sei que está ansioso, mas já estou chegando. Em vinte minutos estarei aí, o trânsito está uma beleza hoje...

— Caio, Cecília está com Gabriela na fazenda de Abraão. João Marcelo disse que ela está armada e que o objetivo é matar a Gabi.

Consegui sentir a mudança de Caio através da linha do telefone e sua voz fria e profissional alcançou os meus ouvidos:

— Vou acionar todos os meus contatos na polícia e alcanço você em dez minutos.

Ele desligou e eu meti o pé no acelerador, aproveitando a estrada praticamente vazia e tentando fazer o percurso até a Fazenda Rodrigues no menor tempo possível. Tentei não imaginar o perigo que Gabriela estava correndo, nem se estava apavorada ou chorando, simplesmente foquei na direção, prometendo a mim mesmo que nunca mais deixaria a minha menina sozinha.

Cheguei à fazenda e mal esperei os portões se abrirem antes de entrar cantando pneu, girando o volante bruscamente para a direita para percorrer o caminho que me levaria até o casarão maldito. Nunca gostei de vir aqui, sempre me senti mal e agora tinha vontade de atear fogo no lugar. Ao longe, consegui enxergar o carro de João Marcelo, mas não vi nem sinal de Júlio com o carro da minha fazenda, por isso, usando o resquício de controle que ainda tinha, enviei uma mensagem de voz para Caio mandando que ordenasse a polícia a procurar pelo filho da puta, sem perder tempo de explicar o porquê. Ele era astuto, logo ligaria uma coisa à outra e entenderia que Júlio era um traidor.

Parei o carro de qualquer jeito e sequer tirei a chave da ignição, apenas deixei puxei o freio de mão e saí no momento em que o barulho de um tiro acertou em cheio os meus tímpanos. Meu coração parou, meus pulmões se comprimiram e a única coisa que foi capaz de manter de pé e de me fazer correr até o casarão, foi a imagem de Gabriela completamente ensanguentada

que a minha mente estúpida criou. Pulei de dois em dois degraus, tirei o revólver o bolso da calça e entrei na casa sentindo uma pressão absurda em meus ouvidos. Quase desmaiei quando vi Gabriela agachada no chão, com as mãos tampando o rosto e Cecília a poucos metros de distância, apontando uma arma para ela.

— Gabriela! — Gritei, olhando para ela e apontando a arma na direção de Cecília.

Gabriela tirou as mãos trêmulas da frente do rosto e me fitou com os olhos arregalados e repletos de lágrimas, as bochechas vermelhas, nariz escorrendo. Tentei encontrar alguma lesão em seu corpo, mas ao ver que não havia sido atingida, parei na frente do seu corpo e virei-me para Cecília, a encarando com todo ódio que um ser humano era capaz de nutrir por outro. Ela vacilou, a mão que segurava o revólver perdeu um pouco a estabilidade e os lábios tremeram.

— Não acredito que aquele *advogadozinho* de merda ligou para você — ela cuspiu, transtornada, mas não me abalei.

— Abaixe a arma — mandei sem gritar, sem sair do lugar, sem perder a mira. Ela riu de forma descontrolada, debochada.

— Saia da minha frente e me deixe terminar o que vim fazer, Ramon!

— Eu mandei você abaixar a arma.

— E eu mandei você sair da porra da minha frente!

O grito dela só não foi mais alto do que o barulho da bala do seu revólver atingindo o teto. Atrás de mim, Gabriela também gritou, mas não pude olhar para ela, pois não podia perder o foco e dar brechas para que Cecília se aproximasse e atirasse em qualquer um de nós.

— Eu planejei tudo — ela disse com os olhos brilhando de ódio e de lágrimas. — Eu planejei cada passo, não vou deixar que essa putinha estrague tudo!

Meu dedo roçou na trava da arma e pensei seriamente em atirar antes que ela dissesse mais alguma loucura, mas consegui me conter quando vi Gabriela, pelo meu reflexo, se levantar e tentar correr em direção à Cecília.

— Eu sou sua filha, sua louca! Sua *filha!*

— Gabriela, atrás de mim! — Ordenei de forma bruta, colando seu corpo atrás das minhas costas.

— Deixou de ser quando abriu as pernas para o meu homem! — gritou, batendo contra os peitos. — Ramon sempre foi meu, desde que éramos jovens! Quem você pensa que é para tirá-lo de mim?

— Eu nunca fui seu, Cecília, não seja louca.

Ela coçou a testa suada e sorriu enquanto as lágrimas desciam por suas bochechas, que agora estavam completamente vermelhas. Atrás de mim, Gabriela encostou a testa em minhas costas e me abraçou com força pela cintura. Senti que ela chorava baixinho e me senti inútil por ao menos poder abraçá-la.

— Você sempre foi meu, Ramon, sempre... — ela disse, parando para me olhar de um jeito possessivo, doentio. — Lembra quando nos encontrávamos nas terras do amigo do seu pai? E você contava sobre os planos que você e ele tinham para fazenda, os seus sonhos de transformar aquele lugar em referência de criação de cavalos... Sempre acreditei em você, sempre... Eu sempre te apoiei...

— Verdade, você dizia que me apoiava, que acreditava em mim, mas nada disso foi o suficiente para fazer com que tomasse uma decisão, pois não era a mim que você queria, Cecília, era dinheiro.

— Lógico que eu queria dinheiro, fui pobre durante toda a minha vida, achou mesmo que eu ia me prender a um homem que não poderia me dar o luxo que eu merecia?

— Foi exatamente o que eu percebi e foi por isso que eu te deixei para trás. Na época, achei que era perdidamente apaixonado por você, pensei que iria sofrer muito se você me deixasse para ficar com Abraão, mas comecei a entender que bem aí, dentro do coração enorme que você dizia ter, só existia ambição e interesse e esses nunca foram os sentimentos que eu queria ter perto de mim.

— Você *é* perdidamente apaixonado por mim, sempre foi... Você me ama!

— Nunca amei você, Cecília. O que senti foi paixão e esse sentimento morreu no momento em que entendi o tipo de pessoa que você era.

— Não seja ridículo! — Ela disse, olhando para os braços de Gabriela ao redor da minha cintura. — Mande-a se afastar de você!

— Não vou sair daqui! Por que não volta a fingir que ainda está morta e nos deixa em paz? — Gabriela perguntou por cima do meu ombro com a voz cheia de raiva. Podia sentir como ela tremia. — Ramon me ama, aceite isso e vá embora!

Cecília trancou os lábios e ousou se aproximar de mim e de Gabriela, mas fui mais rápido tirei os braços de Gabi ao meu redor, empurrando-a para trás pelo pulso e me aproximando com a arma em punho na direção da cabeça de sua mãe. Cecília parecia que não ia hesitar, mas parou de repente com os

olhos arregalados quando ouviu o barulho da sirene dos carros de polícia que chegaram cantando pneus.

— Não acredito que você fez isso comigo! — murmurou com o maxilar trincado, o cuspe escapando pelas frestas dos dentes.

— É melhor você desistir e se entregar.

— Nunca!

Ouvi passos atrás de mim, a voz de Caio soando alto em meus ouvidos, mas antes que ele pudesse de fato falar comigo, Cecília agiu de modo rápido e encostou o cano da arma em minha cabeça.

— Se chegarem perto de mim, eu atiro! — Ela gritou olhando por cima do meu ombro e estremeci ao ouvir o gemido angustiado de Gabriela.

— Não! Não, mãe, por favor, pelo amor de Deus...

— Gabriela, não chegue perto! — mandei, pois sentia que ela estava se aproximando a passos rápidos.

Tentei enxergar pela minha visão periférica, mas só consegui ver a silhueta de Caio e de um homem ao seu lado pelo vidro da janela, que reconheci como Henrique Velasco, o delegado.

— Ramon, por favor... Cecília, para!

— Gabizinha, vem comigo, espere lá fora e...

— Se ela sair, eu estouro a cabeça dele agora mesmo! — Cecília gritou, empurrando o cano contra a minha testa com a mão trêmula. — Ramon, jogue a arma no chão. Agora!

Olhando em seus olhos loucos, deixei, com muito custo, que minha arma escapasse por entre os meus dedos e caísse no chão. Ela a chutou para trás, bem longe do meu alcance, e eu me arrependi amargamente de não ter dado um tiro no meio dos seus olhos quando tive oportunidade. Ela queria matar a minha menina, sua própria *filha*. Não tinha como manter o respeito por alguém assim.

— Cecília, vamos apenas conversar... — Caio tentou falar e vi pelo reflexo que ele levantou as mãos, se aproximando de Gabriela.

— Eu não quero conversar! Fique longe dela!

Caio deu um passo para trás, mas não se afastou totalmente e Henrique falou ao seu lado, sem sair do lugar:

— Cecília, se colocar essa arma no chão e se entregar sem apresentar resistência, tudo isso terminará bem para você. Só precisa se acalmar e ouvir a nossa proposta.

Cecília riu e a mão que estava no revólver tremeu. Eu tentava não pensar

no fato da arma estar destravada e do seu dedo estar bem perto do gatilho.

— Acha que eu sou burra, porra? Apesar de não ter cometido crime algum, sei que vão dar um jeito de me tirar daqui algemada e me jogar em uma cela imunda, afinal, Ramon praticamente manda em Goiás! Quem sou eu perto dele?

— Ninguém — falei, chamando a sua atenção, observando sua raiva. — Posso acabar com você em um piscar de olhos, Cecília.

— É mesmo? Engraçado, você é o único aqui que está com uma arma apontada para a cabeça! Se eu fosse você, não brincava comigo!

— Por que, Cecília? Tem medo do meu poder? Da minha influência? Tem medo de que eu desenterre todos os podres que você tentou enterrar quando forjou a própria morte?

Ela empurrou a minha cabeça para trás com o cano do revólver e sua saliva espirrou na minha bochecha.

— Cale a boca!

— Aliás, forjar a própria morte desencadeia um monte de crimes. Segundo Caio, uns cinco.

— Seis — ele me corrigiu, entendendo qual era o meu objetivo com aquilo. Queria desestabilizá-la para, em seguida, desarmá-la. — Seis crimes. Quer que eu os cite?

— Eu quero que todos vocês calem a porra da boca! — Ela gritou descontrolada e segurou a arma com mais firmeza. — Eu já falei que vou atirar!

— Ramon, por favor, pare — Gabi pediu e eu a olhei rapidamente pelo reflexo do vidro. Ela mirava as minhas costas e chorava descontroladamente com as mãos cruzadas na frente do rosto. — Por favor, pare com isso, pelo nosso filho, por favor...

Ela colocou as mãos na frente da barriga e, por apenas um segundo, eu quase fraquejei, mas estava fazendo aquilo justamente para proteger a ela e ao nosso filho. Ela poderia não entender agora, mas compreenderia depois.

— Não quero saber de porra de filho nenhum, sua putinha! Cale a boca! — Cecília berrou com o rosto suado e a voz falhando no final. — Ainda não acredito que, não satisfeita em cair na cama com Ramon, ainda engravidou de um filho dele! Coloquei uma traidora no mundo!

Minha vontade era de esganar o seu pescoço até que ela perdesse a voz e o ar, mas me segurei e abri um sorrisinho que fez com que ela desviasse o olhar para mim.

— Meu Deus, eu não sabia que você poderia ser tão invejosa, Cecília! Isso tudo é recalque por eu ter me deitado com Gabriela e nunca ter aceitado fazer o mesmo com você? — Seu rosto se cobriu de cólera e ela chegou a perder o ar, mas eu continuei: — Porque você tentou muito, não foi? Só faltou se esfregar pelada na minha cara, mas eu sempre te recusei. No fundo, acho que já pressentia como você era podre e não queria me sujar com você.

— Você não me comeu porque *eu* não quis, porque eu queria ir virgem pra cama de Abraão.

— Não, eu não te comi porque nunca senti vontade suficiente para isso, pois oportunidade não faltou.

O maxilar dela tremeu e seu olhar correu para longe de mim. Preparei-me para me aproveitar daquele momento e agarrar o seu pulso, mas ela sorriu e inclinou o queixo para alguém atrás de mim.

— Quer anotar alguns dos meus crimes, delegado? Aproveita que estou sendo boazinha — ela disse, voltando a olhar para mim. — Matei Juan Banderas um ano depois do nosso casamento. Não aguentava mais aturar aquele babaca que só faltava estender um tapete vermelho por onde eu passava, mesmo sabendo que tudo o que eu queria, era o seu dinheiro. Enquanto planejava a sua morte, trepei com todos os seus amigos, mas um deles era bem rico e foi o que fiz questão de manter ao meu lado. Eles me comiam tão gostoso, Ramon, de uma forma que você jamais seria capaz de fazer.

Acho que o intuito dela era fazer com que eu sentisse inveja, mas só consegui sentir nojo. Não falei nada e ela continuou:

— Depois da morte de Juan, finquei raízes com o seu melhor amigo, fiz com que deixasse sua família e o dominei de todas as formas, até eu me cansar e, sem querer, matar ele também. Depois disso, vivi muito bem com a fortuna que me deixou, mas dinheiro acaba e eu não sou do tipo de mulher que gosta de viver na pobreza, por isso, resolvi que estava na hora de voltar para o Brasil. Levei dois longos anos para planejar tudo, juntar todos os pontos, não deixar uma brecha para falhas, mas eu não contava com o poder da ninfetinha da minha filha — ela disse, olhando para Gabriela por cima dos meus ombros. — Ramon passou todos esses anos solteiro, apenas esperando por mim, mas você estragou tudo!

— Tudo bem, eu me arrependo de tudo, agora, por favor, abaixe essa arma — Gabriela pediu esticando a mão trêmula. — Eu faço o que você quiser, só abaixe essa arma...

Estava com muito medo de Gabi acabar passando mal, por isso, resolvi intervir e chamar a atenção de Cecília de volta para mim.

— Esse era o seu plano? Voltar depois de quinze anos e tentar me reconquistar? Você é patética, Cecília.

— Não, eu sou *muito* inteligente, Ramon. Você não imagina — falou com um sorriso frio, como se estivesse prestes a tirar o coelho da cartola. — Quando estava quase voltando ao Brasil, meses atrás, Abraão acabou descobrindo que eu estava viva. Eu não imaginava, mas o babaca começou a desconfiar de que algo estava acontecendo quando comecei a me comunicar com João Marcelo. Eu não fazia ideia de que o advogado poderia ser tão burro, mas ele era a minha única ponte de acesso ao Brasil, o único que poderia me ajudar com o que eu queria. Seduzi-lo foi fácil, até porque, ele é um idiota, então, o fiz comer na minha mão e seguir tudo o que mandei. Exigi que insistisse na negociação da sociedade entre você e Abraão, pois isso os aproximaria de certa forma e faria com que você acolhesse Gabriela em sua casa em um futuro próximo e pedi para que conseguisse um bom profissional para mexer nos freios do carro de Abraão. O próximo passo seria fazer com que ele se embebedasse e batesse com o carro. Precisava de uma morte convincente, achei que ele não iria suportar o acidente, mas ele é duro na queda e não morreu.

A raiva de Cecília era palpável e eu observei Gabi pelo reflexo, vendo seus olhos se arregalarem.

— Você armou o acidente do meu pai... Como você teve coragem, sua louca?

Eu senti que ela iria se aproximar de Cecília e cheguei a tensionar os músculos para me preparar e correr para contê-la, mas Caio a segurou rápido pela cintura e Cecília começou a rir.

— Mas é claro! Precisava tirá-lo do meu caminho. Liguei para ele, pois queria desestabilizá-lo e João Marcelo aproveitou essa oportunidade para fazer que ele tomasse algumas doses de uísque, antes que pegasse o carro. O acidente aconteceu como o previsto e, infelizmente, ele ficou em coma ao invés de morrer, mas achei que, se acordasse, não faria mais diferença, então, segui com o meu plano. Falei para João Marcelo pedir para que Ramon a acolhesse na fazenda, pois achei que ele teria a sensibilidade de olhar para você como se fosse uma filha. Então eu voltaria e seríamos uma família feliz, mas me enganei completamente. Não deveria ter subestimado o poder de uma boceta novinha.

— Lave a sua boca para falar de Gabriela! — ordenei entredentes, com medo de perder o controle, mas ela me olhou com mais raiva ainda.

— Ela é minha filha, Ramon, e até sentiria orgulho de ser tão sedutora, se não tivesse mirado no homem errado — falou, pressionando a arma em minha cabeça. — Agora vou ter que consertar a merda que vocês dois fizeram! Um bebê? Pelo amor de Deus, como podem ser tão patéticos?

— Cale a boca!

— Ramon, será que não percebe? Eu posso até ter demorado, mas fiz tudo isso para voltar para você! No fundo, nunca te esqueci, Ramon. Você foi o único homem que quase me fez perder a cabeça e esquecer do meu real objetivo, que era ser rica. Por muito pouco, eu não escolhi você, mas agora estou de volta. Eu estou aqui, Ramon! Podemos passar uma borracha no passado e viver juntos.

— Você é completamente louca!

— Não sou! Eu sou uma mulher resiliente, forte, dedicada, objetiva, que não se deixa levar por emoções e age com a razão! Isso é um defeito? Eu não acho! As únicas vezes que agi baseada nas emoções, foi quando você virou as costas para mim. Ali, eu não aguentei e precisei fazer alguma coisa para me sentir minimamente superior à sua indiferença. Mas eu juro que foi só essas duas vezes, Ramon, eu juro!

— Está falando sobre o golpe que o meu pai sofreu? — perguntei, lutando para agir com frieza. Aquela parte do meu passado sempre mexia comigo, mas não poderia me abalar agora.

Cecília arregalou os olhos e perdeu um pouco a compostura ao ser pega de surpresa.

— Como sabe disso?

— A única coisa que realmente te interessa, é saber que eu sei. Eu só quero saber como você fez tudo aquilo. Você tinha apenas dezessete anos, Cecília!

— Isso não quer dizer que eu não era inteligente! Sempre notei os olhares do advogado do seu pai para cima de mim e me aproveitei disso quando você me abandonou. Consegui me aproximar dele e acabei descobrindo que era um homem ambicioso, que queria ser advogado de homens ricos como Abraão e prometi que era isso que ele conseguiria, se desse um golpe no seu pai. De primeira, ele não aceitou, ficou com medo, mas com o incentivo certo, logo aceitou — ela sorriu e passou a língua pelos lábios. — Homens sempre se vendem fácil por um boquete bem feito. Tudo bem que não foi apenas um, mas a quantidade não importa, ele acabou fazendo o que pedi.

Infelizmente, não ficou vivo por tempo suficiente para usufruir do dinheiro ou se tornar advogado de Abraão, mas pelo menos partiu com as boas memórias que lhe dei dentro do carrinho mixuruca que ele dirigia.

Foi fácil visualizar tudo o que ela descreveu, difícil foi acreditar que ela tinha planejado tudo aquilo de forma tão fria e calculista quando era apenas uma adolescente. O choque me atravessou em cheio, mas foi Gabriela quem falou por mim:

— Você *matou* um homem quando tinha dezessete anos?

— Aprendi naquele dia, filha, que uma machadada na cabeça pode ser eficaz. Combinei de me encontrar com ele no estacionamento de um motelzinho de beira de estrada na cidade vizinha e fiz o que tinha que ser feito. Também precisei molhar a mão de um conhecido que me ajudou na época, ele vivia envolvido com parada errada, já estava acostumado com aquele tipo de serviço e se livrou do corpo e do carro.

Aquilo explicava o porquê de eu nunca ter encontrado o infeliz.

— E o dinheiro? — perguntei.

— Ficou comigo, é lógico e ele foi muito bem usado anos depois. Guardei aquele dinheiro por tanto tempo, que não sei como não deu mofo — ela riu. —, mas foi com ele que consegui fugir do Brasil. Claro que tirei dinheiro de Abraão aos poucos com a ajuda de Juan, mas só porque eu não era burra. Ah, e antes que me perguntem, eu resolvi "morrer" porque não aguentava mais Santo Elias. Do que adiantava ser rica, se morava em uma cidadezinha de interior? Eu queria mais, queria morar na Europa, mas Abraão nunca quis e eu cansei do papel de esposa e mãe perfeita e fui atrás do meu sonho.

— Meu Deus... — Gabriela balançou a cabeça, passando a mão pela barriga. — Não é possível que você seja tão fria, tão doente... Eu me lembro de que você era uma boa mãe! O que aconteceu com você?

O queixo de Cecília tremeu, quase como se sentisse algo além do ódio, mas percebi que ali não havia remorso ou tristeza pelo passado, por ter abandonado a filha. Só havia uma raiva latente.

— Eu vivia um personagem criado especificamente para manter o seu pai na palma da minha mão. Ele gostava de me observar sendo uma mãe dedicada, que cuidava da filha, que contava historinhas para ela dormir, que andava a cavalo no final da tarde... Abraão sempre manteve aquela pose de durão, mas, no fundo, era patético. Nada pessoal contra você, até que você era uma menina bonitinha, mas só fazia tudo aquilo, porque queria que seu pai continuasse louco por mim. No final, eu simplesmente cansei.

Consegui ver o nojo de Gabriela refletido no vidro, quase como se tivesse com vontade de vomitar e eu sentia o mesmo. Cecília era completamente louca, uma mulher doente, sádica, perversa e manipuladora. Como era possível que, um dia, eu tivesse gostado dela? Me apaixonado? Seus olhos encontraram novamente os meus e ela desceu o cano da arma delicadamente pela lateral do meu rosto, me dando um sorriso que tentava ser sedutor.

— Não quer saber qual foi a segunda coisa que fiz contra você, Ramon?

— O quê?

Ela lambeu os lábios e sussurrou em um tom alto suficiente para que todo mundo conseguisse ouvir:

— Eu mandei atearem fogo no celeiro onde seus pais estavam naquela noite.

Tudo ao meu redor pareceu congelar e a única coisa que vi foram os olhos azuis e assassinos daquela mulher, enquanto revivia, lentamente, a dor de enterrar minha mãe e meu pai simultaneamente, um ao lado do outro, quando tinha apenas vinte anos de idade. Não sei de onde consegui tirar forças, mas, em um piscar de olhos, agarrei seu pulso a ponto de sentir os ossos estalarem e a arma cair no chão, antes de minha outra mão se fechar em volta do seu pescoço fino e eu a arrastar até jogá-la em cima do sofá.

— Sua filha da puta desgraçada! Assassina! — gritei a enforcando com todas as minhas forças, com todo ódio que existia dentro de mim.

Ela tentou lutar por ar com os olhos arregalados, mas eu não parei, enxergando ali a mulher que havia arrancado de mim, de forma tão covarde, os meus *pais*. As pessoas que, até então, eu mais amava no mundo, por quem eu estava dando a minha vida, o meu sangue, lutando com todas as minhas forças, para que tivessem pelo menos uma casa para morar e não perdêssemos tudo o que haviam construído com tanto suor.

Alguém conseguiu me tirar de cima dela, braços me apertaram com força e eu me debati, gritei, chorei, querendo fazer com ela o mesmo que havia feito comigo, querendo destroçá-la, destruí-la. Policiais a tiraram do sofá e ela perdeu as forças das pernas ao ficar de pé, mas ainda assim, teve a coragem de olhar para mim com as pálpebras cerradas. Aquilo quase me enlouqueceu.

— Me solta! Me solta, eu vou matar essa vagabunda! Assassina!

Ela ergueu os lábios em um sorriso fraco e lutou para puxar o ar.

— Você precisava... Sentir como era per... perder tudo... Porque foi... assim que me senti... Ramon... — ela falou lentamente, tentando respirar. — Quando você... me deixou... e não me procurou mais.

Ela foi arrastada pelos policiais, cambaleando ao recobrar um pouco mais dos sentidos e eu a acompanhei quase sem enxergar nada tamanha a minha fúria e o meu descontrole. O coração pulava forte, eu suava e chorava, nada mais a minha volta conseguia me alcançar, até sentir o impacto do corpo de Gabriela contra o meu. Os braços dela agarraram a minha cintura e, por um momento, me senti um monstro, um infeliz, pois tinha atacado a mãe dela, uma mulher, daquela forma tão grotesca.

— Amor... Meu amor... Eu sinto muito, sinto muito, meu amor... — ela chorou desesperada, beijando em cima do meu coração várias vezes, como se aquilo pudesse curar a minha dor. E quase conseguiu.

Senti quando soltaram os meus braços devagar e a minha primeira reação foi abraçá-la bem forte, sentindo seu corpo trêmulo bem perto do meu. Só Deus sabia a dor que eu estava sentindo, o desespero de descobrir que não havia sido um acidente. Meus pais não morreram sem querer. Eles morreram porque eu me envolvi com o pior ser humano que já eu tive o desprazer de cruzar o caminho.

— Você não merecia isso, não merecia... — Gabi sussurrou com a voz entrecortada, ainda beijando o meu peito e eu a amparei, sem saber o que dizer. A única coisa que consegui fazer, foi erguer os olhos e encarar aquela mulher mais uma vez.

A encontrei com os olhos em cima de Gabi, as mãos algemadas e um policial segurando seu braço. Observei como ela parecia ter ódio da própria filha, ódio de mim, ódio de tudo e senti vontade de fazer com que sumisse completamente da minha frente. Era exatamente isso que iria acontecer quando o policial começou a puxá-la pelo braço, mas acompanhei como se fosse em câmera lenta os seus próximos movimentos.

Ela abriu as mãos, agarrou a pistola que estava no coldre na perna do policial e se virou, mirando em Gabriela. A única reação que consegui ter, foi empurrar Gabriela para trás e tomar a frente do seu corpo, antes que Cecília disparasse duas vezes. Só entendi que havia sido atingido, quando uma rajada de dor quente explodiu em cima do meu peito e o meu corpo foi jogado violentamente para trás.

— Ramon!

Eu ainda consegui ouvir o grito ensurdecedor de Gabriela quando bati com a bunda no chão, perdendo completamente as forças. Com os olhos embaçados, encontrei os da minha menina cheios de lágrimas e desespero, aquelas pupilas tão bonitas e tão tristes. Meu último pensamento, foi que

queria, com todo o meu coração, que nosso filho nascesse com as cores dos olhos dela.



“Se eu não te amasse tanto assim
Talvez perdesse os sonhos
Dentro de mim
E vivesse na escuridão”

Se Eu Não Te Amasse Tanto Assim – Ivete Sangalo

GABRIELA

Inúmeras coisas aconteceram em um curto espaço de tempo. Em um momento eu estava abraçando Ramon, no outro eu estava sendo jogada para trás e ele estava tomando um tiro no meu lugar. Então, ele caiu sobre mim e eu o amparei.

Sangue.

Sangue, sangue, muito sangue, tentei conter, tentei fechar sua ferida com as minhas mãos, mas jorrava, sujava tudo, não parava. Seus olhos se fecharam, ele pareceu parar de respirar e o mundo se tornou caótico quando o tiraram dos meus braços e o levaram para longe de mim.

Eu tentei correr atrás dele, mas não tinha forças, minhas pernas não se mexiam e eu só conseguia observar enquanto o levavam embora em uma maca e me deixavam ali, com as mãos sujas pelo sangue dele que eu tentei conter e não consegui. O sangue que foi derramado para salvar a minha vida, porque a mulher que havia me colocado no mundo, tinha realmente tentado me matar.

Alguém me tirou do chão. Fui colocada em uma ambulância, me

limparam, falaram comigo, tentaram fazer com que eu respondesse a perguntas que eu não entendi, enquanto eu só queria saber de Ramon. Ele era o amor da minha vida. Ele não podia morrer, não podia ir e deixar a mim e o nosso bebê para trás.

Senti uma mão apertar bem forte a minha e olhei para o lado encontrando Caio com o rosto banhado em lágrimas, olhando-me em desespero e aquilo me deixou ainda mais assustada. Caio não se desesperava. Ele era a pessoa mais alegre que eu já havia conhecido.

— Caio... O Ramon...

— Eu sei, Gabizinha, eu sei...

— Você tem que ficar com ele, eu tenho que ficar com ele, por favor... — Tentei me levantar da maca, mas mãos fortes me seguraram no lugar. — Por favor, ele não pode morrer, por favor, POR FAVOR!

Caio tentou me falar alguma coisa, vi seus lábios se moverem e tremerem, mas não consegui ouvir nada. Alguma coisa aconteceu com a minha cabeça, pois senti uma nuvem espessa tomar conta de tudo e, de repente, apaguei.



Despertei de um sono confuso com a cabeça pesada e um gosto amargo tomando conta da minha boca. Foi difícil abrir os olhos na primeira tentativa, pois era como se chumbo cobrisse minhas pálpebras, mas, assim que consegui, olhei em volta e tomei um susto. Aquele não era o meu quarto.

— Gabizinha...

Caio parou na minha frente com os olhos inchados e a camisa respingada com sangue e uma pontada me atingiu atrás da cabeça quando me lembrei de tudo. Minha mãe, o tiro, o *sangue*. Ramon fechando os olhos e não acordando.

— Meu Deus... Meu Deus, o Ramon...

Arranquei o lençol de cima das minhas pernas para poder me levantar da cama, mas Caio me segurou delicadamente pelos ombros e olhou dentro dos meus olhos.

— Gabizinha, por favor, você precisa se acalmar.

— Não! Não posso me acalmar, o Ramon, ele... O tiro...

Não consegui terminar a frase e a imagem de Caio ficou embaçada quando

lágrimas encheram os meus olhos. Com delicadeza, ele me empurrou contra o travesseiro e se sentou na beirada da cama, segurando as minhas mãos.

— Você passou mal, Gabi, sua pressão aumentou muito e isso é um perigo para você e o bebê. Por favor, tente se acalmar, ou vão sedar você de novo.

Arregalei os olhos ao ouvir aquilo e senti meu coração ficar pequeno dentro do peito, um medo surreal tomando conta de cada célula do meu corpo.

— Meu bebê! — Larguei as mãos de Caio e as pousei sobre a minha barriga, querendo-o sentir ali. — Ele... Está tudo bem? Eu...

— Calma, está tudo bem com o bebê, mas mesmo assim você precisa se acalmar — ele disse um pouco mais firme e eu assenti com os lábios trêmulos, as bochechas cobertas por lágrimas. Por fim, ele deu um sorriso tranquilo. — Ramon saiu da cirurgia há pouco tempo, Gabizinha, está tudo bem com ele. A bala atingiu um ponto do peito que estava longe do coração e os médicos conseguiram retirar o projétil. Ele perdeu bastante sangue, mas já recebeu a transfusão e agora está na UTI. O médico disse que ele deve ir para o quarto amanhã, só precisa ficar na unidade de tratamento intensivo nas primeiras vinte e quatro horas.

A sensação de alívio que me cobriu foi tão grande, que senti meus músculos virarem gelatina abaixo da minha pele. Joguei a cabeça para trás e sorri em meio ao choro, murmurando obrigada a Deus por vários minutos, sem saber mais o que eu poderia dizer além daquilo. Havia vivido o pior momento da minha vida na casa em que cresci, primeiro pensei que iria morrer, depois ouvi todas aquelas barbaridades da mulher que havia me colocado no mundo enquanto apontava uma arma para a cabeça de Ramon e, depois... Eu jamais iria me esquecer do barulho do tiro, do impacto do corpo de Ramon contra o meu, seu sangue jorrando, seus olhos se fechando. Pensei que ele havia morrido bem ali, em meus braços. Pensei que havia o perdido para sempre.

— Eu posso ir visitá-lo?

— Mais tarde, primeiro você precisa terminar de tomar o soro — ele falou, indicando para o acesso em meu pulso. Sequer havia percebido aquilo antes. — Gabi, Cecília morreu.

O único sentimento que me invadiu foi o choque, pois não esperava por aquela notícia. De resto, o alívio que eu sentia por Ramon estar bem, havia se multiplicado por saber que ela não poderia mais fazer mal contra todos nós.

— Como?

— Vocês não perceberam, mas, do lado de fora da casa, havia um atirador profissional. Ele ficou se comunicando comigo e com Henrique através de pontos eletrônicos e manteve Cecília na mira durante todo o momento. O plano inicial era mantê-lo ali apenas por precaução, mas percebemos que ele poderia ser útil quando aquela cretina apontou a arma para a cabeça de Ramon. Percebi que Ramon estava tomando controle da situação e cheguei a pensar que ele realmente poderia desarmá-la, mas quando ela contou sobre o que fez aos pais dele e ele perdeu o controle, o atirador a perdeu de mira e o resto foi uma confusão. Por fim, quando ela disparou contra você e Ramon tomou a sua frente, o atirador voltou a mirá-la e deu um tiro certeiro em sua cabeça. Em casos como esse, a ordem nunca é atirar para matar, mas Cecília estava completamente descontrolada, Gabi e, se ele não tivesse feito isso, ela teria aproveitado a oportunidade e atirado em você também.

— Era o que ela queria desde o início — falei estremecendo, sem saber ainda como me sentia. No começo, a dor de saber que minha própria mãe queria me matar foi sufocante, mas, depois de ter ouvido todas as maldades que ela havia cometido ao longo da vida, comecei a perceber que eu seria apenas mais uma na sua longa lista de assassinatos. — Tem certeza que ela morreu? Porque eu não duvido de mais nada daquela mulher, Caio.

— Não quero entrar em detalhes sobre o que aconteceu com cabeça dela, então, tenha em mente que ela morreu sim.

Minha mente até chegou a criar uma imagem, mas eu logo a apaguei, sentindo meu estômago ficar embrulhado. Graças a Deus eu havia sido poupada daquela visão.

— E João Marcelo, o que aconteceu com ele? Júlio também era comparsa deles, Caio, foi ele quem avisou a Cecília que eu estava indo para a fazenda. Ele ligou para ela na minha frente, acredita nisso? Mas pensei que estivesse falando com Ramon.

— João Marcelo que avisou a Ramon que Cecília estava com você na casa do seu pai, em seguida, se entregou para a polícia. Esse foi um desfecho inesperado, confesso. Henrique chegou a mandar uma equipe até a casa que ele havia alugado, mas ele já estava na delegacia. Sobre Júlio, ele foi interceptado tentando sair de Santo Elias, estava com uma bolsa cheia de dinheiro, que provavelmente foi dado por Cecília. Tanto ele, quanto o advogado, estão presos e vão permanecer assim por um bom tempo.

— Nem acredito que esse pesadelo acabou — falei, soltando um suspiro de alívio. — E as tais provas, Caio? Eram sobre o quê?

— Sobre a maioria das coisas que Cecília confessou. No cofre havia alguns documentos, seu pai contratou um detetive no final do ano passado para procurar por sua mãe, no *pen drive*, havia fotos dela, a maioria da Espanha, algumas ao lado de João Marcelo, mas era no diário que realmente havia as provas. Cecília tinha mania de confessar seus pensamentos, e crimes, no caderninho — Caio disse, dando um sorriso debochado. — As folhas amareladas e as datas confirmam que o diário era realmente dela, mas uma perícia confirmaria o mesmo. No diário, ela escreveu bastante sobre os planos que tinha para Abraão, como ela não conseguia esquecer Ramon e a raiva que sentiu quando ele a deixou para trás. Ela remoeu esse sentimento por muito tempo, Gabi. Primeiro fez o advogado aplicar o golpe e até se satisfez com isso, mas, pelo o que entendi, ela achava que Ramon ia voltar a procurá-la, mas os anos foram se passando e ele nunca mais olhou para ela.

— E, por isso, ela resolveu mandar matar os pais dele?

Caio balançou a cabeça em negativa.

— Pelo o que estava escrito no diário, o objetivo não era matar os pais dele. Ela queria que colocassem fogo em alguns celeiros, pois sabia que a fazenda estava praticamente indo à falência e, com isso, ela conseguiria se reaproximar de Ramon e oferecer um empréstimo em nome do seu pai. No entanto, segundo o que ela mesma escreveu, o homem que ela contratou colocou fogo justamente no celeiro em que os pais de Ramon estavam naquela noite. Ela não demonstrou arrependimento pelas mortes, mas por ter perdido a oportunidade de colocar o plano em prática.

— Meu Deus, ela era uma pessoa horrível — falei, sentindo-me péssima, com nojo de ser filha dela. Eu já era nascida naquela época, ela estava casada com meu pai e, mesmo assim, não conseguia esquecer Ramon. Era obcecada.

— Doente, Gabizinha, Cecília era doente. Os relatos naquele diário intercalam entre uma personalidade fria e calculista e uma mente obsessiva, compulsiva. Ela queria dinheiro e não tinha remorso em passar por cima de ninguém para conseguir isso, mas, ao mesmo tempo, também queria Ramon... Graças a Deus ela ficou distante por todos esses anos. Não gosto nem de imaginar ela perto de você ou dele.

— Meu Deus, eu também não! A melhor coisa que ela fez na vida, foi se fingir de morta — falei, dando-me conta de como eu havia sido abençoada. Era melhor crescer sem mãe do que ter uma mulher como aquela por perto. Tomando a mão de Caio, falei: — Obrigada por tudo, Caio. Se você não tivesse chegado lá com a polícia, eu não sei o que teria acontecido.

— Gabizinha, você e Ramon são como irmãos para mim, eu faria qualquer coisa por vocês e pelo meu afilhado ou afilhada — disse ele todo emocionado, passando a mão em minha barriga. — Ramon me contou que você e ele não estavam muito bem nos últimos dias e preciso confessar uma coisa. Promete que não vai me odiar?

— E é possível te odiar?

— Eu sei que é difícil mesmo, eu sou um cara incrível, mas estou me cagando de medo de você parar de gostar de mim.

— Para com isso, Caio, eu jamais te odiaria. Pode falar.

Ele respirou fundo e senti seus dedos ficarem frios ao redor dos meus, demonstrando seu nervosismo.

— Hoje eu me arrependo, mas, quando você e Ramon começaram a se relacionar, eu o aconselhei a não contar sobre o passado dele com Cecília.

Aquilo realmente me surpreendeu, apesar de eu saber que não deveria. Caio e Ramon eram melhores amigos de infância, era lógico que um sabia tudo sobre a vida do outro e, se Ramon havia decidido que era melhor não me contar sobre o caso dele com a minha mãe, Caio deveria estar ciente disso. Só não achei que ele havia o incentivado a manter o segredo.

— Na minha cabeça, vocês deveriam aproveitar o momento sem brigas e confusões, sabe? Sem contar que aquilo havia acontecido há mais de vinte anos, Ramon não poderia fazer nada para mudar o passado. No entanto, quando Cecília voltou, mudei de opinião, achei que era melhor que você soubesse da verdade por ele do que por ela, pois não confiava naquela maluca. Hoje, eu vejo que ele deveria ter contado desde o início e me arrependo muito por ter o aconselhado tão mal.

Dava para ver em seus olhos que ele realmente estava arrependido e, ao invés de ficar magoada com a sua confissão, senti meu coração ficar repleto de carinho. Caio não havia feito aquilo por mal, assim como, agora, eu conseguia entender que Ramon também não havia me escondido o passado com o intuito de me enganar. Acho que ambos só queria proteger a nossa relação.

— Você errou mesmo, mas está tudo bem — falei, acariciando a sua mão e ele me deu um olhar arregalado.

— Jura? Você me perdoa?

— Perdoo.

— E vai perdoar o Ramon também, não é? Ele vai ficar puto se eu for perdoado e ele não.

Eu não imaginei que terminaria aquele dia horrível gargalhando das piadas de Caio, mas foi isso que fiz, enquanto ele abria um sorrisão que era capaz de iluminar toda a cidade de Santo Elias.

— Vou pensar no caso dele — brinquei, mas era lógico que Caio já sabia a minha resposta.



Recebi alta horas depois, após a médica vir conversar comigo e me explicar que eu estava bem, mas que precisava tomar mais cuidado e não passar por situações que poderiam me deixar nervosa ou agitada, pois manter o equilíbrio da pressão arterial na gravidez era algo de suma importância. Ela também me passou o contato da melhor ginecologista obstetra do hospital e eu resolvi que marcaria uma consulta com ela assim que Ramon recebesse alta. Queria que ele estivesse comigo naquele momento tão especial e único.

Eu não sabia que estava tão envolvida com aquela gravidez, até perceber que minha mãe havia ido atrás de mim para me matar. Quando corri, não foi para salvar a minha vida, foi para salvar a vida do meu bebê. A primeira coisa que veio na minha cabeça, era que ele era apenas um grãozinho, dependia completamente de mim e, se eu fosse atingida e viesse a falecer, ele iria comigo. A dor que me invadiu foi tão insuportável que, quando ouvi o tiro, cheguei a imaginar que a bala havia mesmo me atingido e foi a imagem de Ramon a minha frente que me fez entender que eu havia saído ilesa. Pelos próximos minutos, no entanto, eu senti que havia morrido e ressuscitado umas cem vezes até todo aquele pesadelo acabar.

Infelizmente, só pude ver Ramon por pouquíssimos minutos. Ele estava sedado, com o braço esquerdo imobilizado e o peito enfaixado. Senti vontade de subir na cama e me deitar ao seu lado e nunca mais sair, mas, como sabia que não era possível, apenas segurei a sua mão direita e fiquei falando baixinho perto do seu ouvido até a enfermeira me pedir para sair. Parte do meu coração ficou com ele naquela UTI e voltei para casa com a sensação de que as horas iriam se arrastar até eu poder colocar os meus olhos sobre ele de novo.

Cissa só faltou me pegar no colo quando cheguei, chorando em desespero,

querendo saber como eu e Ramon estávamos. Caio havia telefonado para ela em algum momento e contado por cima sobre o que havia acontecido e, agora, ela queria todos os detalhes. Eu não me sentia bem para falar, só caí em seus braços me sentindo muito aliviada por estar viva e ter a oportunidade de voltar para aquela casa que era realmente o meu lar e deixei que Caio contasse tudo. Luna acabou chegando em algum momento e chorou muito também, me agarrando até me sufocar e olhando para Caio como se ele também tivesse sido atingido por algum tiro.

— Mas você está bem, não é? — ela perguntou com o nariz vermelho e Caio sorriu, sentando-se ao seu lado.

— Agora que Ramon e Gabizinha estão vivos e em segurança, eu estou muito bem — disse ele, a abraçando pelos ombros. — Achou que ia se livrar de mim, não é? Eu sou duro na queda, gatinha.

— Ai, pelo amor de Deus! Para de graça! — ela fungou e baixou um pouco a guarda, encostando a cabeça em seu peito. — Morri de medo por todos vocês quando soube da notícia. Santo Elias não fala de outra coisa.

— Mas Graças a Deus e a Nossa Senhora, está tudo bem! Mal vejo a hora de ir visitar o meu menino, senti tanto medo...

— Eu também, Cissa, mas agora, acabou — falei, apertando a sua mão trêmula.

— Sim, minha filha. Acabou.

Luna se ofereceu para dormir comigo naquela noite e eu aceitei prontamente, pois não queria ficar sozinha de jeito algum. Passamos boa parte da madrugada conversando e, quando ela caiu no sono, eu permaneci acordada, pensando em Ramon naquele quarto frio de hospital e lutando para não reviver as cenas daquele dia traumático em minha cabeça, enquanto acariciava minha barriga. Estava viva e meu bebê estava bem, Ramon não corria perigo e logo estaria em casa. Eu só tinha motivos para agradecer, mas acabei chorando baixinho para me livrar do resquício de medo que ainda me acompanhava.

Tanta coisa havia acontecido nas últimas semanas, mas, agora, eu sentia como se o peso da maioria delas tivesse saído dos meus ombros. Foi praticamente impossível não pensar em meu pai e, logo depois, em Cecília. Eu preferia que ela realmente nunca tivesse voltado ou que tivesse morrido de verdade naquela primeira vez, assim, não teria causado tantos estragos em nossas vidas, mas ficava aliviada por agora ela ter partido de verdade. Não poderia mentir e dizer que não me magoava saber que minha mãe era uma

mulher totalmente desiquilibrada, uma psicopata, eu diria, mas sentia muito mais alívio por saber que, agora, ela nunca mais iria nos machucar, do que dor por saber que ela era louca.

No final, Caio tinha toda a razão: a melhor coisa que Cecília havia feito na vida, foi sumir pelos últimos quinze anos. Assim, sua partida agora não era vista como algo doloroso e, sim, como um milagre.



Ramon só foi para o quarto no final da tarde do dia seguinte e o médico veio conversar conosco antes de permitir a nossa visita. Logo nos tranquilizou, disse que estava tudo bem com Ramon, que ele estava lúcido e louco para ver todo mundo, especialmente a mim. Saber daquilo me deixou mais ansiosa ainda, mas prestei atenção em tudo o que o médico disse, principalmente sobre a recuperação de Ramon. Ele disse que a lesão não deixaria nenhum tipo de sequela, só uma pequena cicatriz, mas que ele teria que ficar com o braço enfaixado por um tempo e, depois, talvez precisasse de algumas sessões de fisioterapia. A cada palavra que saía da sua boca, uma nova camada de alívio me cobria. Estava tudo bem e ter a certeza disso só não me deixava mais ansiosa, pois precisava ver Ramon com os meus próprios olhos e ouvir o som da sua voz.

— Podemos ir para o quarto agora? — perguntei sem querer parecer mal-educada e o médico riu.

— Podem sim.

Cissa, Caio, Luna e eu fomos até o quarto de Ramon e senti meu coração disparar no peito ao o ver em cima da maca, recostado contra os travesseiros. Ele estava com uma expressão levemente cansada, mas um sorriso lindo se abriu em seus lábios assim que seus olhos encontraram os meus.

— Minha menina... — ele murmurou com a voz rouca de emoção e abriu um pouco o braço direito, me chamando para debaixo deles.

Minha vontade era de correr e me jogar sobre o seu peito, mas como sabia que não podia, fiz tudo lentamente, fechando os olhos ao encostar a cabeça com cuidado. Senti minhas lágrimas descerem, mas, daquela vez, elas não eram de tristeza; eram de alegria e emoção.

— Ramon, nunca mais faz isso comigo, por favor... — implorei,

levantando meu rosto para poder olhar em seus olhos. Ele também chorava. — Entendeu? Nunca mais!

— Eu faria mais mil vezes se fosse preciso. Daria a minha vida pela sua em um piscar de olhos, Gabriela.

Aquele era o tamanho do amor dele por mim e eu me arrependi amargamente de, um dia, ter duvidado do que ele dizia sentir. Tomei seu rosto em minhas mãos com carinho e o beijei uma, duas, três, mil vezes na boca, selinhos curtos, mas cheios de emoção.

— Eu nem sei o que dizer...

— Só diga se me perdoa ou não por não ter contado sobre o meu passado com a sua mãe — ele pediu com os olhos brilhando em suplica.

— Você ainda pergunta? É claro que eu perdoo você.

Um sorriso emocionado nasceu no cantinho dos seus lábios e seus dedos colocaram uma mecha do meu cabelo para trás.

— Amo você com todo o meu coração e a minha alma — ele sussurrou e esfregou o nariz no meu. — Minha menina... Amor da minha vida.

— Eu também amo muito, muito você. Para sempre.

— Para sempre.

Ele me deu um beijo longo, intenso, que reconstruiu cada camada da minha alma e colou as pontinhas soltas do meu coração.

— Eu já chorei muito ontem, não me façam chorar de novo com essa ceninha romântica! — Ouvi Caio dizer atrás de mim e Ramon sorriu entre os meus lábios.

— Caio, deixa eles — Luna murmurou e Cissa suspirou.

— Amo tanto vocês dois! Como é bom ver vocês assim!

Precisei me afastar e os três se aproximaram, Caio rindo, Luna com um semblante apaixonado e Cissa chorando de emoção. Ali, ao lado de Ramon, com aquelas pessoas que eu considerava como se fossem a minha família, senti-me em paz.



“O seu coração está reluzente
E eu estou indo ao seu encontro
Querido, me beije
Antes que as luzes se apaguem”

XO – Beyoncé

RAMON

Caio levou Cissa e Luna embora uma hora depois, após me deixar a par de tudo o que havia acontecido depois que levei o tiro e fiquei completamente sozinho com Gabriela. Sentia-me ligeiramente grogue, efeito do analgésico para dor que a enfermeira havia colocado em meu soro vinte minutos atrás, mas isso não me impediu de começar a me arrastar pela maca.

— O que você está fazendo? — Gabi perguntou ao voltar do banheiro. — Ramon, pare com isso, vai acabar machucando esse braço!

Só parei quando deixei espaço suficiente no colchão e bati no lugar vazio ao meu lado direito.

— Vem cá — pedi e ela arregalou os olhos ao entender o que eu queria e balançou a cabeça.

— Não vou me deitar aí, vou acabar machucando você.

— Eu nem estou sentindo nada, vem cá — falei, apesar de estar sentindo, sim, o local bem dolorido. Não doía de verdade por conta do remédio. — Vem, amor.

Ela soltou um suspiro e cedeu, caminhando em minha direção. Subiu na maca com tanto cuidado que, se eu não estivesse vendo, mal teria sentido seu peso sobre o colchão e precisei ser rápido e esticar o braço direito por trás da sua cabeça para que ela se aproximasse mais de mim e repousasse o rosto contra o meu peito. Senti meu coração bater forte ao tê-la bem ali, pertinho de mim depois de tudo o que havia acontecido.

— O médico vai entrar aqui e brigar com a gente — ela murmurou, acariciando a minha barriga por cima daquela roupa horrorosa de hospital.

— Você é o único remédio que pode curar a minha dor, então, ele não vai conseguir te tirar daqui.

Ela riu e inclinou a cabeça para cima até encontrar os meus olhos.

— Você está tão poético hoje.

— Estou inspirado no amor que sinto por você — falei, acariciando a sua nuca. — Senti tanto medo de perder você. — Minha voz saiu em sussurro, mas praticamente ecoou pelas paredes do quarto. — Quando João Marcelo me ligou e disse que Cecília estava com você na casa de Abraão, armada... Eu quase enlouqueci.

— Eu não podia imaginar que ela iria atrás de mim. Decidi ir na casa do meu pai para poder pensar um pouco, nós conversamos muito ontem e precisava de um momento antes de voltar para casa, mas aí, de repente, ela apareceu. Foi surreal, Ramon, senti muito medo, principalmente quando vi a arma.

— Eu não poderia imaginar que aquele filho da puta estivesse trabalhando para ela. Júlio era o meu homem de confiança, eu jamais colocaria você nas mãos de qualquer um! — falei com raiva. Só de lembrar, já sentia vontade de matar o desgraçado.

— Eu sei. Eu também não poderia imaginar, ele me disse que precisava ligar para você e avisar que eu queria ir até a fazenda do meu pai, mas, na verdade, ligou para ela e eu sequer desconfiei.

— Eu jamais permitiria que você fosse até lá sozinha, Gabi, não com sua mãe nos rondando daquela maneira.

— A culpa foi minha, eu deveria ter ido direto para casa — ela disse baixinho e eu balancei a cabeça.

— A culpa foi dele que se vendeu e da sua mãe que era louca, não sua. Ela só queria uma oportunidade.

— E eu dei.

— Não! Meu amor, olhe para mim. — Ela fez o que pedi e encarei seus

olhos cheios de lágrimas. — Ela iria arrumar outro jeito, entende? Júlio poderia colocá-la dentro da nossa casa quando eu não estivesse, poderia ter levado você até ela ontem mesmo, se você não tivesse pedido para ir à fazenda do seu pai... De qualquer forma, ela arrumaria um jeito de se aproximar.

Ela assentiu e piscou rapidamente para dispersar as lágrimas, antes de voltar a me olhar.

— Eu sinto muito pelo o que ela fez aos seus pais, amor. Doeu tanto ouvir aquilo, saber que ela havia cometido aquela monstruosidade. Você não merecia, Ramon, e eles também não.

Engoli em seco e apenas concordei com a cabeça, sentindo meu coração ficar dilacerado no peito. Aquele era um assunto que eu ainda precisaria digerir, tentar aceitar. Vivi os últimos anos achando que meus pais haviam morrido de forma estúpida, descuidada, talvez até mesmo por culpa minha, afinal, aquele celeiro estava cheio de coisas velhas, galões de gasolina, deveria estar trancado a sete chaves e não a fácil acesso do meu pai, que vivia instável. Agora tinha que lidar com o fato de que haviam sido assassinados, arrancados de mim de maneira fria por uma mulher obsessiva, psicopata.

— Caio leu o diário dela e, ao que parece, ela não planejou matá-los. Queria que colocassem fogo em alguns celeiros para que você ficasse ainda mais desestabilizado financeiramente e aceitasse a ajuda que ela iria lhe oferecer, assim, conseguiria se aproximar de você, mas acabaram ateando fogo no celeiro onde os seus pais estavam. Isso não tira dela a culpa, principalmente porque não se arrependeu, mas, talvez, essa informação acalme um pouco o seu coração — Gabi disse.

Fui pego totalmente de surpresa com aquela parte da história e, de fato, parte da indignação que sentia, cedeu. O ódio por Cecília permaneceu intacto, inabalável, no entanto.

— Eles devem ter ido àquele primeiro, porque, na época, era onde eu guardava os produtos inflamáveis. O pior é que nunca conseguirei saber quem foi, porque, na época, eu tinha poucos funcionários na fazenda e acabei dispensando a maioria deles conforme os anos foram passando e os meus negócios foram expandindo. Fui ficando mais criterioso, rígido e quis profissionais qualificados para ficar ao meu lado.

— Só uma pessoa ruim e mau-caráter aceitaria fazer o que ela propôs, Ramon, e tenho certeza que você jamais manteria alguém assim no seu quadro de funcionários.

— Nunca — concordei, sentindo uma leve dor de cabeça. — Mas eu não quero mais pensar sobre isso, Gabi. A dor de perder os meus pais ainda é viva dentro do meu peito, está me dilacerando agora, mas não há mais nada que eu possa fazer. Sua mãe está morta e os meus pais jamais irão voltar. Agora, eu só quero pensar no futuro, viver o nosso amor e cuidar do nosso filho, sem medo de que nada nos atrapalhe.

— Eu também — ela falou, dando um beijo em meu peito. — Não há mais nada no seu passado que eu precise saber, não é?

Sua pergunta foi em tom de brincadeira e eu acabei rindo baixinho, sentindo um leve incômodo na área machucada.

— Não, meu passado não me condena mais.

Ela sorriu e deitou a cabeça e meu peito, ficando os próximos minutos em silêncio. Eu sentia uma leve vontade de dormir, mas queria ficar acordado o máximo de tempo possível para poder aproveitar a sua companhia. Depois de longos dias afastados, tê-la ali, em meus braços, era o paraíso na Terra.

— Você podia ter me contado, Ramon — ela disse de repente, pegando-me de surpresa. — Eu poderia ter ficado magoada e até mesmo com raiva, mas, depois, iria entender o que realmente aconteceu entre vocês. A forma como descobri foi chocante demais, principalmente porque ela mentiu.

— Agora eu sei que eu *deveria* ter contado, mas o medo de perder você me acovardou. Eu pensei que você não acreditaria em meus sentimentos quando soubesse que me envolvi com ela no passado.

— O que me fez duvidar dos seus sentimentos foi justamente o fato de você não ter me contado — ela disse, erguendo a cabeça para me olhar. — Como eu poderia não imaginar que você estava comigo por causa dela, se você tinha me escondido tudo aquilo? Na minha cabeça, você realmente estava comigo para tentar a substituir e isso me machucou muito.

— Eu ia te contar, Gabi, mas sempre acontecia alguma coisa e eu acabava desistindo. Da última vez, foi quando você me disse que poderia estar grávida. Lembra que eu disse que precisava contar algo importante? Era isso, mas perdi completamente a coragem depois que você me falou da sua suspeita. Então, nós descobrimos que era verdade e eu decidi que deixaria para contar depois... Só que sua mãe tomou a minha frente e fez tudo aquilo — falei, aproveitando que ela me olhava com atenção para poder reiterar: — Eu realmente nunca transei com a sua mãe e, quando percebi sua ambição, o seu interesse por dinheiro, resolvi me afastar e nunca mais voltei a pensar nela. Eu juro, Gabriela. Sua mãe realmente ficou no meu passado quando

resolvi seguir em frente.

— Eu acredito em você — ela disse com decisão e sinceridade brilhando no olhar, tirando um peso do meu peito. — Ela era louca, obsessiva... Só consigo agradecer a Deus por você ter a deixado e por ela nunca ter feito nada contra o meu pai, pelo menos não fisicamente, pois ele me confessou que a amava muito e que se trancou no luto depois que ela partiu.

— De alguma forma, Cecília mexeu com a vida de todos nós, sempre de maneira ruim, mas uma coisa boa ela fez — falei, querendo tocar em seu rosto com a mão esquerda, mas impossibilitado. — Você. Você foi a única bondade que ela fez na vida.

— Você vai me fazer chorar — ela murmurou, voltando a enfiar o rosto em meu peito. — Eu só quero ser feliz ao seu lado, Ramon, só isso.

— Nós seremos, meu amor, eu prometo.

Ela beijou o meu peito e se inclinou um pouco para me beijar na boca por longos minutos, deixando-me com o coração explodindo de amor dentro do peito. Fomos interrompidos por duas batidas na porta e senti quando Gabi tentou pular para fora da cama, mas a mantive bem ali. Queria ver se alguém teria coragem de me mandar ficar longe dela. Por fim, a porta se abriu e a cabeça de Rosa apareceu na fresta da porta.

— Olá, vocês têm uma visita especial.

Ela afastou a porta e eu tomei um susto quando entrou empurrando Abraão em uma cadeira de rodas, saindo logo em seguida. Ele estava um pouco ridículo com aquela camisola de hospital, mas eu também não estava muito atrás, por isso, nem pude rir da sua situação.

— Pai!

Gabi escapou dos meus braços e saiu da cama, correndo até Abraão. Os olhos dele se iluminaram quando ela o abraçou e, por um segundo, achei que tivesse visto lágrimas querendo escorrer até as suas bochechas.

— Eu *a* sei o que *aonteceu, Abi...* Meu Deus... — ele sussurrou, passando o braço direito pelas costas dela. — Tudo bem?

— Sim, agora está tudo bem — Gabi respondeu com a voz embargada e se afastou para olhar para ele. — Pai, Cecília está morta.

Ele trincou o maxilar e, bem, seus olhos estava mesmo cheios de lágrimas, mas ele não deixou que elas caíssem.

— Sei — murmurou e Gabi acariciou o seu rosto.

— Eu sei que o senhor a amava, não tem problema ficar triste.

Porra. Era em momentos como aquele que eu me sentia ainda mais

apaixonado por Gabriela. Seu coração era tão lindo, sua empatia era tão gratificante de se observar, que cheguei a ficar emocionado, principalmente quando o queixo de Abraão tremeu.

— Foi *melior* assim, *Abi. Eília ea* ruim. Muito ruim — ele disse, desviando os olhos de cima dela para me encarar. — *Amon*, sinto muito *or* seus pais.

Ele estava sendo sincero, conseguia ver em seus olhos e em sua expressão do lado direito, os lábios ligeiramente caídos. No entanto, no patamar em que estávamos, não havia mais motivos para desconfiar de Abraão e foi isso que me fez acreditar em suas palavras.

— Desde quando você sabia? — perguntei.

— Eu *econtei* o *diáio* assim que ela *moreu*, mas *unca* tive *oagem* de *lê*. Doía — falou, levando a mão trêmula até o coração. — Mas aí, *omecei* a *deconiar* de *Oão Arcelo. Ensei* que ele *tiesse tetando* me *oubá* e *coloei um deetive atás* dele.

— O senhor colocou um detetive atrás de João Marcelo, porque achou que ele estivesse tentando te roubar? — Gabi perguntou só para confirmar se havia entendido tudo direito.

— Sim. Aí *descobí* que ele ia *a Epanha* se *encontá com Eília*. Eu não *aeditei uando* o *deetive* me falou, mas ele *tiou* fotos e me *mostou*.

— Caio me falou sobre essas fotos, elas estão no *pen drive* — Gabi disse.

— E, depois disso, você resolveu ler o diário? — perguntei.

— Sim. E *coloei o deetive atás* dela, mas *Oão Acelo descobiu*. Foi *or* isso que ela me *liou* antes do *acidete*.

— Não foi acidente, pai — Gabi murmurou, apertando o ombro dele. — Ela disse que contratou alguém para mexer nos freios do seu carro.

Abraão assentiu imperceptivelmente e apertou o braço da cadeira de rodas.

— Eu *desconiava*. *Ão* bebi a *onto* de *eder* o *contole* da *dieção*.

— Não bebeu a ponto de perder o controle do carro? — perguntei. — Seus exames constavam um alto teor de álcool no sangue e isso já foi o suficiente para que todos chegassem à conclusão de que você estava muito embriagado.

— *Ão tava*. Mas *elo meos tô ivo*.

Aquilo realmente me surpreendeu e a Gabi também, pois tanto eu quanto ela, achávamos que Abraão iria preferir a morte do que ficar vivo e com sequelas. Pelo visto, o choque de saber que havia sido enganado por Cecília havia realmente o mudado ou, talvez, nós não o conhecêssemos de verdade. Eu, pelo menos, tinha certeza de que não o conhecia.

— *Abi, ode* me *levá* mais *eto*? — Ele perguntou, apontando em minha

direção. Queria que Gabriela o trouxesse para perto de mim.

— Claro, pai.

Gabi empurrou a cadeira e parou quando Abraão ficou mais perto da minha cama. O tempo todo, ele não tirou os olhos de cima de mim e eu não tirei os meus olhos de cima dele.

— *Ão sou* um santo, *Amon.* Fui *abicioso e* ruim em meus *neócios, deviei dieio, fiei* mais *ico, deois erdi* tudo, mas *unca* fiz mal a *ocê* ou a sua família. Eu *entia aiva e* ciúme, *oulho or tê* ficado com *Eília,* mas *unca* fui *cuel*.

Olhei para Gabriela e ela me encarou de volta com os olhos arregalados, chocada com o discurso de Abraão. Sim, eu sabia que ele havia sido ambicioso nos negócios, que havia desviado dinheiro até ficar mais rico do que já era e, depois, falido, mas não esperava que reconhecesse aquilo de forma tão humilde.

— *Or* isso eu *queo edi descua or* todas as *ossas dicussões, or* todas as ameaças que fiz *conta ocê* no *assado.* E *queo dizê obigado or tê...* — Ele parou e respirou fundo ficando muito emocionado e levantando a mão até tocar a de Gabriela, que estava em seu ombro. — *Or tê savado a ida* da *mia filia. Oque a* sei que o *tio ea a ela.*

Duas lágrimas grossas desceram por sua bochecha e Gabi começou a chorar baixinho, abaixando-se para abraçá-lo por trás e beijar a sua bochecha. Um nó intenso se formou em minha garganta, porque, por um momento, coloquei-me no lugar de Abraão e imaginei uma filha minha correndo perigo e eu incapaz de fazer alguma coisa para ajudar. Agora que estava prestes a ser pai, entendia completamente o que ele sentia e a impotência quase me paralisou. Limpando a garganta, respirei fundo para dispersar as lágrimas e falei:

— Eu tomaria mais mil tiros para salvar a vida de Gabriela, Abraão. Sei que ainda é difícil para você entender, mas eu amo a sua filha. É irônico que justamente ela seja a mulher da minha vida, mas o destino é imprevisível e sábio, pois eu não poderia amar alguém melhor — falei deixando escapar algumas lágrimas no final, encontrando os olhos emocionados de Gabriela. — Vamos deixar o passado para trás e escrever uma nova história juntos. Você é o pai da minha menina e espero que, um dia, consiga me aceitar como seu genro.

— Aceito — ele disse prontamente e Gabriela correu para frente dele, sorrindo em meios às lágrimas

— Eu nem acredito nisso, meu Deus! Pai, eu amo o senhor!

— Eu amo *ocê, Abi. Vamo ecueá o temo edido.*

— Sim, vamos recuperar o tempo perdido — ela disse, pegando a mão dele e se virando para mim com um sorriso emocionado. — Acho que agora é um bom momento para falar que o senhor vai ser vovô!

Silêncio.

Foi só que consegui ouvir assim que Gabriela jogou a bomba no colo de Abraão. O sorriso dela foi murchando conforme os segundos foram passando e os olhos de Abraão focaram em mim, a pálpebra direita tremendo conforme me analisava. Senti que a bandeira de paz que havíamos erguido há poucos minutos estava prestes a desmoronar.

— Pai...

— *Ocê enavidou a mia filia*, Baldez? — ele perguntou em um tom meio ameaçador e eu estufei o peito, sentindo um pouco de dor na área da lesão.

— Sim — respondi com tranquilidade sabendo que, se ele tivesse uma pistola em mãos, eu provavelmente corria o sério risco de tomar outro tiro. — Abraão, Gabriela e eu somos um casal e estamos juntos. Nosso filho será muito amado por nós dois, pelos nossos amigos, por Cissa e espero que por você também.

— É, pai — Gabi disse, passando a mão no rosto dele. — Tem uma vida crescendo aqui dentro, sinta. — Ela pegou a mão dele e colocou sobre a própria barriga, enquanto eu acompanhava cada reação de Abraão. Ele ficou, primeiramente, desconcertado e, depois, emocionado. — Meu filho, seu neto ou neta, uma nova oportunidade de ficarmos mais perto um do outro, de criarmos novos laços e novas memórias. Tenho certeza que o senhor será um avô incrível.

— Será? Eu *ão* fui um bom pai, *Abi* — ele disse baixinho, arrependido.

— Mas será o melhor pai e avô do mundo agora, eu sei disso!

O otimismo e a esperança dela pareceram tocar o coração do Rodrigues, pois ele deu um sorrisinho e acariciou a barriga dela com a mão trêmula, antes de me dar um olhar enviesado.

— Vai *tê* que *casá* com a *mia filia*, ouviu, Baldez?

— Pai! — Gabi exclamou com os olhos arregalados e eu sorri. — Deixa de ser bobo!

Rosa abriu um pouquinho a porta disse que estava na hora de Abraão voltar para o quarto. Eu imaginava que, provavelmente, sequer era permitido que ele *deixasse* seu leito, mas não duvidava da persistência do Rodrigues, que deve ter feito um escarcéu até concordarem em o levar ao meu quarto.

Despedi-me dele e Gabriela o levou até a porta empurrando a cadeira, voltando para o meu lado assim que o pai foi embora.

— Sinta isso! — Ela levou minha mão direita ao seu peito e pude sentir como seu coração estava acelerado. — Está batendo assim de felicidade! Eu ainda não acredito que meu pai veio aqui, que conversou com você e que, agora, vocês são amigos!

— Vamos com calma — pedi, a puxando para mais perto de mim pela cintura. — Nós nos acertamos, ainda temos um longo caminho pela frente até nos tornarmos amigos.

— Eu sou uma pessoa que acredita em milagres, um dia, vocês estarão juntinhos lá na fazenda, conversando sobre bois e cavalos, enquanto nosso filho come terra.

— Come terra, Gabriela? Pelo amor de Deus — revirei os olhos, rindo daquela coisinha linda que era a minha mulher.

— É isso que acontece quando a gente deixa o filho com o pai e o avô. Comigo, ele só vai comer coisas saudáveis.

— Como bolo de cenoura e omelete com calda de morango?

Ela soltou um gemidinho e passou a língua pelos lábios, desviando completamente o meu foco. Agora queria beijar a sua boca.

— Não fala isso, você ainda está me devendo uma omelete com calda de morango e canela. Acha que esqueci?

— Eu também não esqueci e essa vai ser a primeira coisa que vou fazer quando me livrar dessa tipoia ridícula — falei, trazendo sua boca para a minha. — Eu também estou muito feliz, meu amor e quero focar apenas no nosso futuro.

— Nosso futuro será lindo, Ramon. Eu te amo.

— Eu te amo muito mais.



“Não prometo e nem peço nada mais
Quero é ter você comigo
Seu sorriso, nosso amor e nossa paz
Serei seu melhor amigo”

Melhor Amigo – Fábio Jr.

GABRIELA

Sete semanas depois...

Estava tendo um sonho maravilhoso onde eu comia um prato enorme de macarrão com *ketchup*, quando comecei a sentir cócegas na altura do pescoço e atrás da orelha. Acho que gemi, incomodada, mas despertei de repente quando uma mão segurou o meu seio e a outra cobriu a minha barriga. Ainda de olhos fechados, sorri.

— Acorda, dorminhoca — Ramon sussurrou em meu ouvido e mordi o lábio ao sentir o seu corpo colado em minhas costas, todo quentinho.

— Hum... Bom dia — murmurei, encolhendo-me quando ele mordiscou minha orelha. — Quero macarrão com *ketchup* no almoço.

Ramon parou e eu abri os olhos, encontrando seu rosto pairando sobre o meu.

— Você sabe que ainda nem tomamos café da manhã, não é?

— Eu sei, mas o seu filho não se importa. Eu estava sonhando com esse prato e agora nós temos que comer — falei, virando-me para ele. Minha barriga era um montículo entre nós dois e eu estava ansiosa, querendo que crescesse mais, apesar de a médica dizer que estava tudo normal. — Ah, meu Deus, temos uma consulta hoje!

Tentei me levantar, já pensando que estávamos atrasados — eu vinha me atrasando para muitas coisas ultimamente, culpa do sono que vivia me acompanhando e me fazendo tirar uns cochilos —, mas Ramon me segurou e arrastou o nariz pela minha bochecha.

— Temos algumas horinhas antes de irmos para o hospital... — Ele disse, passando a mão pelo meu corpo até chegar à parte posterior da minha coxa e a colocar em cima do seu quadril. Fiquei toda excitada quando senti a pontinha da sua ereção cutucar os meus lábios vaginais.

— Essa sua ereção matinal é muito sem vergonha.

Ele arqueou uma sobrancelha e me olhou com um sorrisinho safado.

— Essa ereção já deixou de ser matinal há muito tempo, o motivo é outro — falou, movimentando o quadril para frente até roçar a minha entrada.

Eu quis gemer, doidinha para continuar, mas o empurrei levemente pelos ombros e fiz com que voltasse a me olhar.

— Não está mesmo sentindo dor?

As sessões de fisioterapia haviam acabado na tarde anterior e o médico disse que Ramon já estava liberado para retomar a sua vida normal, mas com prudência. Acho que ele não entendeu a parte em que deveria ser prudente, pois veio com tudo para cima de mim ontem à noite, sem nem pensar nas consequências. Eu ainda tentei ser racional, mas quem disse que conseguia pensar com clareza quando Ramon me enlouquecia na cama? Agora estava com medo de que ele tivesse pegado pesado demais.

— Estou sentindo sim — falou e eu quase desmaiei. — Mas é aqui embaixo, sabe? Estou magoado por estar sendo ignorado...

— Ai, seu sem graça! — Dei um tapa no ombro direito e ele riu, tentando me beijar na boca. — Eu toda preocupada e você só pensando em putaria.

— Putaria a gente fez ontem, agora eu só quero fazer amor bem gostoso... — Ele cheirou o meu pescoço e virou meu corpo na cama, ficando em cima de mim sem soltar o peso contra a minha barriga. — Eu estou bem, meu amor. Mas vou ficar melhor se você me der um beijo.

Olhando em seus olhos, beijei a cicatriz sobressalente em seu peito esquerdo e fui subindo até alcançar a sua boca, onde me perdi

completamente.



Era diferente entrar no hospital sem ser para visitar o meu pai. Ele havia recebido alta há pouco mais de duas semanas e agora estava sendo assistido em sua nova casa — outra coisa que eu ainda estava precisando me acostumar. Depois do que aconteceu em sua fazenda, meu pai conversou com Ramon e decidiu se desfazer de todas as suas terras. Foi um choque tremendo, pois a Fazenda Rodrigues existia há muitos gerações, sempre passando de pai para filho, mas meu pai disse que, para termos tudo aquilo, seus antepassados passaram por cima de muita gente inocente e que ele não queria mais levar esse legado adiante.

Era nítida a mudança de pensamento e comportamento do meu pai, mas eu gostava de pensar que ele sempre havia sido daquele jeito, só havia escondido a sua verdadeira personalidade atrás da criação rígida do meu avô e da dor de perder a minha mãe. Obviamente, não acreditava que ele era um homem perfeito, havia errado muito, principalmente ao passar a perna em pessoas que confiaram em sua palavra, em seu trabalho, mas agora ele parecia estar genuinamente arrependido.

Ramon fez o que ele pediu, vendeu as terras e disse lhe daria toda quantia, mas meu pai pediu apenas que comprasse para ele uma casa nova na cidade. Eu queria que ele ficasse mais perto da gente, a casa de Ramon era enorme, tinha inúmeros quartos e ele disse que não se importava de meu pai morar conosco, mas Abraão foi irredutível. Meu pai sempre foi um homem independente e acho que ter uma casa só para si, mesmo com as suas limitações, era uma forma que ele havia encontrado de continuar a agir por si mesmo.

Por fim, compramos a casa que ele queria, bem confortável e espaçosa, adaptamos para que ele pudesse andar com a cadeira de rodas motorizadas e eu consegui o convencer a ter uma cuidadora, já que não poderia estar com ele todos os dias. À contra gosto, ele aceitou e eu fiz a proposta para Rosa sair do hospital e trabalhar diretamente com o meu pai. Ela aceitou de primeira e ainda indicou uma outra amiga que poderia revezar com ela. Agora eu conseguia dormir tranquila todas as noites, sabendo que meu pai

estava sendo bem assistido por elas, assim como pelo fisioterapeuta e a fonoaudióloga que o visitavam algumas vezes por semana.

Marta Ribeiro era a melhor ginecologista que eu poderia ter encontrado em toda a minha vida. Com mais trinta anos de carreira e cinquenta de idade, ela era baixinha, risonha e muito engraçada, sempre nos abraçava e beijava quando chegávamos e abaixava os óculos até a ponta do nariz para olhar minha barriga.

— Ah, meu Deus, quero ver se você vai conseguir usar essa calça jeans embalada a vácuo no mês que vem — disse assim que chegamos.

— Essa aqui já é um número maior do que eu visto normalmente, doutora.

— E quanto você veste normalmente? 36? Ramon, precisamos dar um jeito de engordar essa menina! — ela disse e Ramon riu.

— Estou tentando, doutora Marta, estou tentando.

Revirei os olhos para ele enquanto gargalhava e doutora Marta deu prosseguimento à consulta, me fazendo um monte de perguntas, antes de irmos para a ultrassom. Aquela era a minha parte favorita, ver meu bebê, saber como ele estava, ouvir os batimentos do seu coração. Assim que o barulho ecoou pela sala, meus olhos se encheram de lágrimas.

— Coração forte, olha só. Sabem o que isso significa?

— Que ele está bem? — perguntei, segurando a mão de Ramon.

Ela me olhou com um sorrisinho e virou o monitor em nossa direção.

— Que ele vai arrasar com o coração das meninas. Parabéns, é um meninão! E exibido, viu? Treze semanas de gravidez e já mostrou a que veio.

— Ah, meu Deus, Ramon! É um menino mesmo!

Ramon me olhou com os lábios entreabertos e os olhos cheios de lágrimas, antes de encarar novamente o monitor. A doutora circulou algo na tela e escreveu “tubérculo masculino”. Eu só conseguia ver o formato de um bebê do tamanho de uma batata bem grande, a cabeça certinha e o corpinho minúsculo. E estava dentro de mim. E era um *menino*. Meu filho.

— Meu amor, obrigado por isso — Ramon disse, curvando-se em cima de mim e me dando um beijo emocionado, a saliva se misturando as nossas lágrimas. — Obrigado por esse presente tão maravilhoso. Não imagina como amo vocês.

— Eu também amo muito vocês. Vamos ter um filho, Ramon, tem noção disso? Parece um sonho.

— É bem real, meu amor. Tão real quanto o meu amor por você.

Jesus Cristo, aquele homem sabia como me transformar em uma manteiga

derretida. Após confirmar que estava tudo bem com o bebê e marcar a próxima consulta, saímos do hospital e passamos rapidamente na casa do meu pai para darmos a notícia. Ele ficou todo bobo, até tentou segurar as lágrimas, mas não conseguiu e deu um beijinho emocionado na minha barriga. Rosa também me parabenizou e começou a me dar um monte de dicas para abrir passagem na hora do parto, coisa que eu ainda nem pensava, até porque, ainda tinha longas semanas pela frente e não queria ficar ansiosa, mas ouvi tudo atentamente enquanto meu pai e Ramon conversavam.

Era até difícil visualizar uma cena daquelas, pois nem nos meus sonhos mais loucos, imaginei que eles realmente fariam as pazes e começariam a se dar bem. Ainda não eram íntimos, mas isso mudaria com o tempo, eu tinha certeza. Despedimo-nos deles e chegamos em casa encarando uma Cissa ansiosa. Na noite anterior, ela disse que com certeza voltaríamos já sabendo o sexo do bebê, mas, como a médica havia dito que talvez não acontecesse, perdi um pouco das minhas esperanças. Cissa, no entanto, acertou em cheio.

— Vamos ter um menino, Cissa! — Ramon gritou para que a fazenda inteira ouvisse e Cissa pulou de alegria.

— Eu sabia! Sabia! Minha intuição não falha! Não acredito, mal vejo a hora de pegar meu Baldezinho no colo! — Ela beijou a minha barriga várias vezes. — Vovó te ama muito!

Chamamos Caio e Luna para almoçar conosco e foi uma verdadeira algazarra, um falando por cima do outro, dando dica para nomes, para a cor do quarto, enquanto me entupia de macarrão com *ketchup* até sentir vontade de vomitar e ter que sair correndo para o banheiro. Não era uma rotina da qual eu me orgulhava, mas tinha vezes em que o desejo era tão forte, que eu realmente só parava de comer quando tinha que colocar tudo para fora. Ramon e Cissa já nem se desesperavam mais, um apenas segurava o meu cabelo enquanto assistia a cena nojenta e constrangedora, enquanto a outra ia preparar um chá de camomila para acalmar meu estômago. Nem precisava dizer que os amava um pouco mais a cada vez que cuidavam de mim com tanto carinho.

Após o almoço, Ramon recebeu a visita de alguns empresários e precisou se reunir com eles no escritório junto com Caio. Eu passei as próximas horas com Luna em meu antigo quarto, fofocando e tentando arrancar dela como andava sua relação com o *advogato*. Ela disse que eles eram apenas amigos, me contou detalhes do que vinha acontecendo ultimamente e eu fiquei toda boba ao ver seus olhos brilhando enquanto falava. Ela podia negar, mas era

bem claro que Caio mexia com ela e eu estava animada para ver o desenrolar daquela história. Nada me tirava da cabeça que eles ainda poderiam ser um casal.

Pouco depois das quatro da tarde, Ramon bateu na porta do quarto e perguntou se eu queria dar uma volta com ele na fazenda. Eu estava com um pouco de sono — coisa corriqueira —, mas aceitei na mesma hora, pois amava passear pela fazenda com ele. Despedi-me de Luna com um abraço e, assim que entramos em seu carro, conectei meu celular ao *bluetooth* e coloquei para tocar a mesma música que Ramon havia cantado para mim na noite do meu aniversário. Ele sorriu e beijou minha mão.

— Acho que vou ter que encontrar uma outra música, você está viciada nessa.

— Que exagero! Só por que eu a escuto umas cem vezes por dia? — perguntei e ele riu. — É que ela me faz lembrar da noite mais especial da minha vida.

Seu olhar apaixonado se encontrou com o meu e eu aproveitei para me esticar no banco do carro e dar um beijo rápido em sua boca, antes de deixar que ele voltasse a prestar atenção no caminho que percorríamos. Percebi que estávamos indo em direção ao sol, que, em poucas horas, iria se pôr no horizonte e pintaria o céu de laranja e púrpura. Eu amava assistir o fim de tarde na fazenda e ter o privilégio de estar ao lado de Ramon nesses momentos era mágico.

Ele estacionou em uma área vazia, com apenas grama e algumas árvores a se perderem de vista. Não entendi muito bem o que faríamos ali, mas desci do carro junto com ele e o observei ir até o porta-malas e tirar de lá uma cesta e um lençol branco. Meu coração de uma aceleradinha no peito.

— Vamos fazer um piquenique?

Ele me olhou com aquele sorriso lindo que roubava o meu fôlego e assentiu, indo preparar tudo sob a sombra de uma árvore frondosa. Os raios do sol deixavam um brilho aqui e ali e eu suspirei quando ele esticou a mão para mim.

— Isso é tão romântico, Ramon!

— Eu tento ser um homem romântico para você — disse ele, puxando-me para os seus braços.

— Você ainda está tentando? Quando conseguir, eu vou infartar. Pelo amor de Deus, não posso parir meu filho antes dos nove meses!

— Exagerada! — Ele riu e beijou a minha boca antes de me puxar com

delicadeza pela mão. — Vem cá.

Pensei que ele se sentaria comigo, mas ele me deu um olhar todo bobo e puxou o celular do bolso, tirando uma foto de repente.

— Ah, não, eu nem fiz pose! Tira outra.

Ele se tornou o meu fotógrafo por alguns minutos, enquanto eu ficava sorrindo, séria, com a mão na barriga e a mão na grama, olhando em direção ao sol. Por fim, sentou-se atrás de mim e eu nem acreditei em como estava bonita. A minha felicidade parecia brilhar junto com a luz do sol.

— Vou colocar essa aqui como plano de fundo do meu celular — ele disse, apontando para uma em que eu estava sorrindo em direção ao sol.

— E vai colocar essa aqui no fundo do seu *WhatsApp*.

Coloquei na câmera frontal e apontei para nós dois, enquadrando seu rosto bem colado ao meu e a sua mão em minha barriga. Tirei umas dez de nós dois sorrindo e mais umas vinte dele cheirando e beijando o meu pescoço, antes de devolver o seu celular e abrir a cesta de delícias. Tinha pães, torradas, geleias, a manteiga maravilhosa que Cissa fazia, bolo, sucos e, por fim, vi algo que me deixou de boca aberta.

— Você fez! Não acredito!

Dentro de um potinho de plástico transparente, estava a omelete que eu havia pedido há semanas. Tudo bem que eu havia me esquecido de pedir novamente, mas agora que ela estava bem ali, minha boca estava cheia d'água.

— E também trouxe isso — Ramon disse, tirando a calda de morango e a canela em pó. Eu gargalhei, sem poder acreditar.

— Já disse que você é o melhor homem do mundo?

— Hoje ainda não — falou com um sorriso, colocando seu chapéu sobre a minha cabeça. — Tem que se proteger do sol.

Ah, Jesus, como amava aquele homem protetor. Ele me ajudou a tirar o resto das comidas da cesta, em seguida, despejou a calda de morango por cima da omelete quentinha e um pouco de canela. O cheiro era maravilhoso e eu comi uma garfada enorme, gemendo de prazer.

— Nossa, é ainda melhor que achei que seria. Quer provar?

— Não, vou deixar tudo para você e o nosso filho.

— Isso se chama preconceito gastronômico — falei depois de engolir. — Eu e nosso filho não temos esse problema.

Ele fez uma careta engraçada e abriu o botão da minha calça, enfiando a mão por dentro dela para acariciar minha barriga. Ele amava aquele contato

pele com pele e eu também. Comendo um cacho de uvas com a mão livre, ele disse:

— Fico imaginando como ele será quando crescer. Se levar adiante esses desejos loucos que você tem, vai acabar indo parar no hospital por intoxicação alimentar.

— Por isso que o papai vai tomar conta de tudo o que ele comer.

— E onde estará a mamãe, posso saber?

— A mamãe estará descansando, porque gerar um filho por nove meses e dar de mamar vai a deixar bem cansadinha por no mínimo dez anos.

Ele jogou o cabo vazio da uva dentro da cesta e eu comecei a rir quando me fez cócegas na lateral das costelas e esfregou a barba em meu pescoço.

— E eu pensando que iríamos encomendar uma princesinha logo, logo...

— Nem pensar! Sua princesinha vai ser apenas eu pelos próximos anos, foque apenas no nosso principezinho mesmo, que foi apressado e furou a fila.

Senti ele sorrir contra a minha pele e fiquei toda arrepiada quando sussurrou em meu ouvido:

— Quero que você seja a minha rainha, que faça parte para sempre da minha vida, sendo minha esposa.

Meu coração quase parou quando, do nada, ele colocou uma caixinha de veludo sobre a minha coxa. O pote vazio e o garfo caíram das minhas mãos e, assustada, virei-me para poder encarar os seus olhos. Ele estava visivelmente emocionado.

— Está brincando? — perguntei com a voz falhando, o coração ficando acelerado, a respiração ofegante.

Ele balançou a cabeça e sorriu, tomando a caixinha na mão e abrindo a tampa, revelando um solitário de diamante cravejado com pequeninas pedras preciosas de cor azul em volta, que pareciam brilhar mais do que o sol.

— Aceita se casar comigo, minha menina?

Meus olhos se encheram de lágrimas e eu me preparei para berrar um sim, mas parei antes mesmo de começar quando um pensamento cruzou a minha cabeça.

— Você não está fazendo isso só porque meu pai disse que ia ter que se casar comigo, não é?

Ramon riu alto e se ajoelhou entre as minhas pernas, tocando meu rosto com a mão livre e olhando em meus olhos.

— Não, meu amor. Estou fazendo isso porque, desde o momento em que decidi que ficaria com você, eu sonhei em, um dia, te transformar em minha

esposa. Queria ter feito o pedido bem antes, mas queria estar cem por cento para poder aproveitar ao máximo esse momento. Você só precisa dizer se aceita ou não.

Comecei a chorar, sorrir e assentir ao mesmo tempo, tentando encontrar a minha voz perdida dentro de mim.

— Sim... — sussurrei, mas logo arranjei forças para gritar. — Sim! Ai, meu Deus, é claro que eu aceito! Amo você!

Ele conseguiu enfiar o anel em meu dedo antes de eu me jogar em seus braços e cair com tudo em cima do seu corpo. Rimos e choramos em meio ao beijo que tasquei em sua boca. Na boca do meu futuro *marido*. Parecia um sonho, mas era a mais pura realidade.



Nosso casamento aconteceu dois meses depois, em uma tarde ensolarada na fazenda. Luna — que amava tudo que envolvia moda e beleza — desenhou um lindo vestido de noiva para mim e me presenteou assim que soube que Ramon havia feito o pedido. O modelo era clássico, mas moderno ao mesmo tempo, tão romântico que eu me apaixonei assim que vi o croqui. O busto era meia taça na altura dos meus seios, justo até a altura das costelas, onde se abria em um tecido leve, propício para um casamento de dia. Havia sido delicadamente bordado com seda branca em formato de pequenas gotas, que desciam pela parte central do busto e se espalhavam até o meio do vestido. As mesmas pétalas de seda formavam duas alças soltinhas, que ficavam caídas no meio dos meus antebraços.

Luna trabalhou lado a lado da equipe de costureiras de que Ramon contratou e também passou a manhã todinha do casamento comigo, assim como Cissa. Tivemos algumas horas de princesas com massagistas, manicures, cabeleireiros e maquiadores e eu escolhi um penteado tão romântico como o meu vestido, um coque baixo e bem elaborado, com alguns fios emoldurando o rosto. Quase não me reconheci ao me olhar no espelho, me sentindo uma princesa de verdade com aquele vestido maravilhoso, que marcava bem a minha barriga de vinte e duas semanas de gestação.

Meu pai se emocionou muito assim que me viu. Ele estava lindo em um terno escuro, que havia sido feito sob medida, com uma rosa branca na lapela. Mesmo sentado na cadeira de rodas, ainda tinha aquele olhar que parecia dominar o ambiente, mas ali, comigo, era apenas... Um pai. Um pai emocionado ao levar a filha ao altar. Ele havia recuperado um pouquinho do movimento dos dedos da mão esquerda, por isso, foi com ela que ele comandou o controle da cadeira e com a mão direita, segurou a minha até me deixar nos braços do amor da minha vida.

Ramon usava um terno na cor creme, sem gravata, com a camisa social com os dois botões abertos. Estava tão lindo, que eu comecei a chorar ali mesmo, antes que abrisse a boca para falar qualquer coisa. Ele também estava emocionado, mas claramente bem mais controlado do que eu e limpou as minhas lágrimas com delicadeza.

— Você está maravilhosa — ele sussurrou, dando um beijo em minha testa. — Perfeita, meu amor.

Eu também queria falar que ele estava lindo e que eu já estava louca para tirar cada pedacinho da sua roupa, mas não consegui, só sorri e chorei, antes de iniciarmos a cerimônia. No altar, Caio e Luna nos abençoavam como nossos padrinhos e Cissa estava sentada em uma cadeira ao lado do meu pai. Era perfeito, muito mais do que imaginei um dia. Precisei respirar fundo na hora dos votos quando Ramon olhou bem dentro dos meus olhos, com toda aquela intensidade que parecia me consumir, e começou a se declarar:

— Um dia, Cissa olhou para mim e disse: “você ainda vai encontrar uma mulher que vai te arrebatar com apenas um olhar”. Eu lembro que achei que esse tipo de coisa só existia nas novelas e nos filmes, mas a vida praticamente me deu um tapa na cara e fez questão me mostrar como eu estava errado. Porque foi exatamente isso que aconteceu comigo, fui arrebatado por você no momento em que entrei naquela sala no hospital e seus olhos bateram em mim. Na hora eu não entendi o porquê daquele impacto, daquele choque que me tomou, que me impediu de tirar os meus olhos de cima de você, mas ali, meu amor, eu me tornei seu e fui me entregando um pouco mais a cada dia, sem nem mesmo perceber. Quando me dei conta, você já tinha preenchido cada espaço da minha alma e do meu coração. Hoje, eu só posso agradecer a Deus por ter separado um pouquinho do seu tempo para escrever cada linha da minha vida, porque eu sei que é por causa Dele, que estamos aqui nesta tarde, que estou tendo a honra e a alegria ter você como minha esposa. Eu amo muito você, minha menina, amo os seus olhos, seu sorriso, seu jeitinho

apaixonado, seu coração benevolente, amo até mesmo esse seu narizinho empinado — ele riu, todo mundo riu e eu chorei. Ai, Deus, eu só sabia chorar, toda emocionada. — Amo você por completo e vou amar para sempre.

Ramon me ajudou a secar as minhas lágrimas quando chegou a minha vez de falar e eu pedi para que Deus me desse forças, porque, sinceramente, fiquei com medo de ter perdido a voz. Respirando fundo, apertei bem firme a mão do amor da minha vida e tentei me lembrar dos votos enormes que eu havia passado os últimos meses escrevendo. Esqueci de tudo e acabei usando cada uma das palavras ditadas pelo meu coração.

— A primeira coisa que pensei quando nossos olhos se encontraram pela primeira vez, foi que nunca tinha conhecido um homem tão intenso. A sensação que tive foi de que você poderia me engolir inteira, não de um jeito ruim, mas como se fosse capaz de tomar cada parte do meu coração. E foi exatamente isso que aconteceu. Não me lembro exatamente do momento em que me apaixonei por você, mas me lembro de ficar encantada com cada um dos seus gestos. Seu amor pela fazenda, sua paixão pelos cavalos, a forma como me aconselhava, como conversava comigo, como olhava para mim. Seus gestos sutis de cuidado, como quando me tocava para me passar força, coragem, quando colocou o seu chapéu em minha cabeça para me proteger do sol e, dias depois, comprou um para mim mesmo sem ter obrigação nenhuma. Sei que pensou que eu estava confusa quanto aos meus sentimentos quando dei uma de corajosa e te beijei, quando me declarei, mas, a verdade, é que nunca estive tão certa sobre qualquer outra coisa em toda a minha vida, Ramon. Você é o homem mais incrível, corajoso, determinado e gentil que eu conheço. Mesmo se eu imaginasse, jamais teria conseguido criar em minha mente, um homem mais perfeito do que você para compartilhar a minha vida, para dar o meu amor, por isso, também agradeço a Deus por ter cruzado os nossos caminhos e interligado as nossas vidas. Eu te amo com cada pedacinho que existe dentro de mim, amo a família que me deu e a que vamos começar a construir. Vou te amar todos os dias da minha vida, até a eternidade.

Terminei com os olhos rasos d’águas, observando que Ramon também chorava em silêncio, tão emocionado quanto eu. Trocamos as alianças logo após os votos e, na hora do beijo, senti em meu coração que seríamos imensamente felizes e que nada mais poderia nos abalar.

Havíamos convidado pouco mais de duzentas pessoas, a maioria era amiga

de Ramon, por isso, fizemos rapidamente uma social enquanto os garçons começavam a servir as bebidas e as comidinhas que havíamos escolhido previamente com a equipe de buffet. Ao longe, vi Arthur e Marina se aproximarem e a abracei com força. Eu mal podia acreditar que eles tinham conseguido vir.

— Gabi, você está tão linda! Olha, príncipe, a barriguinha dela! Posso tocar?

— Claro, me dê a sua mão. — Coloquei a mão dela em minha barriga e torci para que o bebê chutasse. Ela se sobressaltou com o movimento rápido que ele fez perto do meu umbigo. — Sentiu? Ramon diz que ele será fazendeiro, mas estou apostando em um jogador de futebol.

— Ela ainda não entendeu que o sangue Baldez vai falar mais alto — Ramon disse, abraçando-me pela cintura e me dando um beijo na bochecha.

— Então, é um menino? — Arthur perguntou com um sorriso.

— Sim! Um meninão que não me deixa mais dormir direito a noite de tanto que se mexe.

— Ai, príncipe, lembro logo da Gabi! — Nina disse e logo se explicou. — Gabi é a esposa do sócio de Arthur, uma grande amiga nossa. Ela também está grávida, está perto de nascer, na verdade. A gente já pode encomendar o nosso, não é, príncipe?

Arthur riu e deu um beijinho na boca dela, todo carinhoso. Era tão lindo vê-los finalmente juntos! Esperava que fossem muito felizes.

— Vamos conversar sobre isso depois — ele disse e ela se animou, virando-se para Ramon.

— Eu sei que é o casamento de vocês e está tudo lindo, mas eu queria tanto ver um unicórnio! Por favor!

— Nina! — Arthur arregalou um pouco os olhos. — Ela está brincando.

— Não estou, não. Quero ver um unicórnio, príncipe!

— Não sei se terei um unicórnio para você ver, mas posso pedir para um dos meus funcionários te levar para ver os potros que nasceram na semana passada. O que acha? — Ramon perguntou.

— Eles são pequenininhos?

— Em comparação a um cavalo adulto, sim, são bem pequenos.

— Ah, então eu quero! Podemos ir agora? — Os olhos dela quase brilhavam e Ramon riu, afirmando com a cabeça.

— Claro, vou pedir para que um dos rapazes leve vocês até lá.

Ramon chamou um dos seus funcionários e explicou que Nina e Arthur

queriam olhar os cavalos recém-nascidos. Pediu para que fosse cuidadoso ao dirigir e nos despedimos deles, vendo Marina ir saltitante atrás do rapaz, segurando firme no braço de Arthur.

— Ela é uma figura — Ramon comentou, rindo baixinho. — Acha que vai ficar frustrada pelos potros não terem um chifre?

— Acho que não. Eles são tão fofos, não tem como não ficar encantada por eles — falei, abraçando-o pelo pescoço. — Você está tão lindo, marido.

— É mesmo, Sra. Baldez? — Ele arqueou a sobrancelha e eu quase tive uma queda de pressão, doidinha pra ficar a sós com ele. — Você que está toda gostosa nesse vestido. Quero tirá-lo bem lentamente do seu corpo.

— A gente não pode fugir lá para o quarto rapidinho?

Ramon gargalhou e balançou a cabeça, beijando a pontinha do meu nariz.

— Se fugirmos, não vou deixar você voltar e ainda temos uma festa de casamento para aproveitar. Agora vamos alimentar você e o nosso bebê, antes que ele invente de querer comer alguma coisa estranha que não esteja incluída no buffet.

Eu poderia dar um tapinha na nuca dele por falar daquele jeito na minha cara, mas como era o nosso casamento — e como ele não havia falado nenhuma mentira — o segui até a mesa ocupada por Cissa e meu pai. Aproveitei que a época do enjoo havia passado e comi tudo o que tinha direito, aproveitando que havia um garçom exclusivo que servia apenas a mim e ao Ramon, antes de a cerimonialista falar que estava na hora da valsa dos noivos.

Eu, sinceramente, achava lindas aquelas coreografias elaboradas, onde os noivos pegavam os convidados de surpresa, mas era tímida demais para me arriscar a fazer algo assim e também não era muito o estilo de Ramon — sem contar que havia uma bola de basquete bem no lugar da minha barriga —, por isso, optamos pela valsa tradicional. Apenas nós dois na pista de dança, os convidados em volta, a banda tocando ao vivo e o sol se pondo. Tão perfeito, que nem parecia real.

Ramon beijou a minha mão com aquele seu estilo de príncipe-fazendeiro e eu soltei um suspiro, sem esconder de ninguém o quanto eu era louca por aquele homem. Fiquei toda arrepiada quando ele me segurou pela cintura e olhou fundo nos meus olhos, enquanto a banda começava a tocar os primeiros acordes. Estranhei de imediato, pois tínhamos combinado que dançaríamos a valsa, mas aquela música era completamente diferente.

— Ramon, eles fizeram alguma mistura na *playlist*, essa não é a música

que escolhemos — sussurrei, mas Ramon nos rodeou na pista e falou baixinho olhando em meus olhos.

— Lembra quando eu disse que teria que encontrar uma outra música, pois você estava viciada naquela outra que cantei em seu ouvido na nossa primeira vez? — perguntou e eu assenti. — Pois eu encontrei.

Ele beijou a minha boca e foi espalhando beijinhos pela minha bochecha até chegar ao pé do meu ouvido, onde começou a cantar baixinho junto com o cantor:

Olha, menina
Mostra o seu pensamento
Dentro dessa cabeça, eu sei
Que tem um universo

Sinta, menina
Tudo o que eu ofereço
Uma canção bonita
E o meu amor sincero

Não prometo e nem peço nada mais
Quero é ter você comigo
Seu sorriso, nosso amor e nossa paz
Serei seu melhor amigo

— Ai, Ramon... — funguei baixinho, porque a música se encaixava perfeitamente para nós dois.

Ramon era o homem da minha vida, realmente o meu melhor amigo, aquele para quem eu corria quando queria conversar, contar um segredo, chorar, sorrir, amar e ser amada... Ele era o meu amor, todo o meu coração. Tomando meu rosto com uma mão, ele olhou em meus olhos e secou uma lágrima que escorreu por minha bochecha.

Venha, menina
Vamos viver um sonho
Eu quero o seu sorriso
Brilhando o tempo todo

Você é linda

Como uma flor do campo
Minha menina
Eu te amo[8]

Ele cantou a última estrofe com a testa colada na minha, os lábios raspando sobre os meus e eu senti o meu coração explodir no peito ao ouvir o “minha menina” escapando pelos seus lábios. Aquela música poderia até ser do canto Fábio Jr., mas, para mim, agora ela era todinha de Ramon. Ele me beijou quando a canção chegou aos acordes finais e ouvi muitas palmas, senti quando jogaram pétalas de rosas em cima de nós dois.

Sorri por dentro e, de olhos fechados, continuei a beijar o homem da minha vida, sentindo-me preparada para começarmos a viver o nosso “felizes para sempre”.



RAMON

Três anos depois...

Encerrei uma ligação importante com um empresário mineiro e desliguei meu computador, decidindo que não iria mais trabalhar naquele dia. Era sábado, o dia estava quente e ensolarado e eu queria passar algumas horinhas ao lado de Thomas enquanto Gabi treinava com um dos nossos cavalos. Saí do escritório e fui direto para cozinha, onde encontrei Cissa praticamente babando no menininho de dois anos que tinha os olhos da mãe e o cabelo castanho-claro como o meu. Apesar da heterocromia não ser hereditária, Deus atendeu o meu desejo e mandou meu filho com os olhos incríveis de sua mãe.

— Papai!

Aquela palavrinha com apenas cinco letras era capaz de mudar todo o meu dia. Se eu estava cansado, ficava cheio de energia, se estava estressado, ficava calmo, se estava triste, ficava feliz. Tudo isso porque meu filho de quase três anos ficava todo animado quando me via chegar e logo gritava por mim, esticando os bracinhos para que eu o pegasse no colo. Foi o que fiz, o enchendo de beijos e fazendo barulhinhos de relincho de cavalo, arrancando uma gargalhada deliciosa do fundo da sua garganta.

— Papai, *quelo vê* mamãe.

— Quer ver a mamãe? Por quê?

— *Xaudadi* — falou, passando a mãozinha suja de bolo na minha barba.

— Ai, eu não aguento com essa coisinha gostosa da vovó! — Cissa disse, ficando nas pontinhas dos pés para beijá-lo. — Acredita que ele comeu um pedação de bolo de cenoura? Se Gabi vê isso, me mata, mas vó foi feita pra estragar o neto.

— Isso nem pode ser chamado de bola de cenoura, Cissa, pelo amor de Deus.

Quando Gabi percebeu que Thomas realmente amaria bolo de cenoura — pois com um ano e oito meses ele conseguiu esticar as mãozinhas e enfiá-las no bolo que estava em cima da mesa enquanto estava sentado em sua cadeirinha —, entrou contato com a pediatra e pediu uma receita toda natureba. Agora Cissa era obrigada a fazer uma versão *kids* do bolo de cenoura para Thomas, que consistia em: nada de farinha de trigo, nada de óleo de soja e nada de açúcar. Nem me pergunte com o que ela substituía os ingredientes, pois eu não saberia responder.

— Mas a Gabi tem razão em ser cuidadosa com a alimentação do Thomas. Já deu uma pesquisada no índice de obesidade infantil? É assustador, Ramon. Thomas precisa ser saudável.

— Ele é bem saudável com essas dobrinhas gostosas — falei, dando um beijo na axila cheirosa dele e arrancando uma nova risada, até ele pedir de novo:

— Papai, *quelo* mamãe!

— Está bem, já entendi, vou levá-lo até a mamãe. Voltamos daqui a pouco, Cissa.

Saí com Thomas da cozinha e peguei seu chapeuzinho de caubói em cima do aparador, colocando-o em sua cabeça. Ele amava o chapéu, falava que era igual o papai, o que me deixava que nem um idiota babão. Ao longe, ele apontou para Gabi dentro do pasto, adestrando um dos nossos novos cavalos e eu levei meu tempo para me aproximar, observando como ela era excepcional no que fazia.

Assim que Thomas completou seis meses, ela começou a fazer o curso de doma e adestramento, ansiosa para, segundo ela, fazer outra coisa além de ser mãe e esposa. Ela amava os papéis que desempenhava na minha vida e na de Thomas, mas queria mais do que aquilo e eu, mais do que ninguém, a compreendia totalmente. Era feliz demais sendo pai e esposo, mas também amava o meu trabalho e me sentia completo daquela maneira, por isso, fui o primeiro a incentivá-la a ir atrás dos seus sonhos e ela se formou com louvor.

Agora, chefiava a nossa equipe de adestradores e era tão rígida quanto eu: nada passava pelos seus olhos atentos.

— Mamãe!

Ela se virou ao ouvir o gritinho agudo de Thomas e fez um sinal para que um dos funcionários mantivesse o treinamento do cavalo, antes de se aproximar. Subiu no primeiro palete da cerca e se inclinou para dar um beijo estalado na bochecha do nosso filho e outro na minha boca.

— Oi, meu amor. Como você está lindo vestido que nem o papai!

Ele se remexeu em meu colo, certamente querendo entrar no pasto para ficar com a mãe e brincar com o cavalo, mas o segurei mais firme. Thomas adorava a fazenda, amava os animais, era muito curioso e praticamente todos os cavalos o conhecia, mas tinha um em especial que ele amava mais do que os outros.

— *Quelo vê Tlovão!* — disse ele, tocando em meu rosto. — Papai, cadê *Tlovão*?

A ligação que ele e Trovão tinham era ainda mais forte do que a do cavalo com a Gabi. Trovão amava muito o Thomas, deixava que o menino fizesse com ele o que quisesse. Rindo, Gabi chamou a atenção do filho:

— Trovão está caminhando, filho. Daqui a pouco ele vai voltar.

Era isso que falávamos para ele quando um dos cavalos estava ocupado. No caso de Trovão, ele estava dando uma de garanhão com uma fêmea que estava no cio em um celeiro bem distante dali.

— Então *quelo blincá* de *colê* com o papai — ele disse, remexendo-se para sair do meu colo.

— Vai lá, papai. Depois eu dou um banho em você — disse a danada da minha esposa, sem se importar se aquilo iria me deixar de pau duro ou não no meio de horário de expediente, com o nosso filho no colo.

Dando mais um beijo em Thomas e depois em mim, ela voltou a dar atenção ao cavalo e eu finalmente coloquei o meu moleque no chão, pronto para gastar muita energia com ele. Aquelas perninhas eram curtas, mas sabiam correr muito bem e ele se escangalhava de rir sempre que eu o cercava e o pegava no colo, o jogando para o alto. Gabi quase morria do coração quando eu fazia aquilo, mas Thomas e eu nem ligávamos, confiávamos um no outro e ele sabia que eu jamais o deixaria cair.

— Vovô!

Ele gritou assim que viu o carro de Abraão estacionar a alguns metros de distância. Carlos, seu motorista, o ajudou com a transferência do carro para a

cadeira de rodas e eu fiz com que Thomas o esperasse se aproximar, antes de deixá-lo correr para os braços do avô.

— Vovô, *xaudadi!* — Thomas disse assim que o Abraão o colocou no colo e o encheu de beijos. Suas mãozinhas arteiras foram logo mexer no console da cadeira do avô, doido para fazer a cadeira andar. Aquele era quase o seu *playground* particular.

— Também estava com saudade, meu amor — Abraão disse, enrolando uma ou outra palavra.

Ele ainda fazia tratamento com a fonoaudióloga, mas já havia melhorado muito. No entanto, sobre a paralisia, pouca coisa havia mudado. Ele conseguia mexer os dedos da mão esquerda, os músculos do rosto, mas não conseguia se manter de pé ou andar e, talvez, nunca mais conseguisse. Ele não reclamava, mas dizia que, até morrer, não iria desistir de tentar melhorar.

— Ramon, como vai?

— Muito bem, Abraão. Estou vendo que você está ótimo — falei, apertando a sua mão e percebendo que estava mesmo muito bem. Ele havia recuperado o peso e sorria mais, parecia feliz.

— *Quelo andá*, vovô! — Thomas disse, indo apertar o botão na cadeira.

— Thomas... — Ele já conhecia aquele meu tom de aviso e parou no mesmo instante, comportando-se no colo do avô. Abraão riu.

— Muito bem, meu amor, tem que *respeitá* o papai. Mas agora o vovô deixa você mexer. Vamos na sua mãe.

Mesmo com o consentimento do avô, Thomas me olhou, como se soubesse que precisava do meu aval para seguir em frente e eu assenti, vendo-o ficar todo animado. Não sabia como uma criança de dois anos e nove meses sabia comandar uma cadeira de rodas motorizada, mas Thomas era quase um gênio, pois apertou um dos botões e Abraão apenas guiou a cadeira na direção certa. Fui atrás deles e Gabi acenou para o pai de longe, falando que terminaria em alguns minutos.

Agitado como sempre, Thomas logo quis descer do colo do avô e eu o deixei brincar ali por perto, enquanto conversava com Abraão. Ele olhava para Gabi com orgulho e acabou confidenciando baixinho:

— Quando *Gabiela* nasceu, me dei conta de que ela seria a *pimeira* mulher a comandar a Fazenda *Rodigues*. Senti medo de que ela não conseguisse, de que eu não soubesse *pepará-la* e, hoje, sei que esse era um pensamento machista. Vivi achando que apenas um homem conseguiria ter força para lidar com um *tabalho* tão *“bluto”* e “masculino” e, agora, minha filha doma

cavalos como se eles fossem gatinhos indefesos... Só consigo *agladecer* a Deus por ter me dado uma segunda chance e me permitido viver para ver isso.

Parei ao lado de Abraão e apertei seu ombro, também olhando para Gabi.

— Sua filha é uma mulher excepcional, Abraão. Nunca duvide da força e do potencial que ela tem.

— Nunca mais vou duvidar — disse ele.

Aproveitei aquele momento em silêncio para voltar a prestar atenção em Thomas e a cena que vi me surpreendeu. Ele estava agachado perto do pasto, enfiando a mão na terra e depois a colocando na boca. As palavras que Gabriela havia me dito há mais de três anos, voltaram com tudo em minha mente.

"Eu sou uma pessoa que acredita em milagres, um dia, vocês estarão juntinhos lá na fazenda, conversando sobre bois e cavalos, enquanto nosso filho come terra."

Eu comecei a rir, completamente sem reação, e Abraão soltou uma imprecação ao meu lado:

— Ramon, meu neto está comendo terra, faça alguma coisa!

E eu fiz. O peguei em meu colo, limpei sua mão e o levei até o tanque enorme onde meus homens se lavavam para poder enxaguar a sua boquinha e o fazer cuspir. Quando terminei, encontrei Gabi já ao lado do pai, o abraçando e o olhando com carinho, enquanto eu ainda ria, um tanto incrédulo, com o que havia acabado de acontecer.

Dei-me conta de que, realmente, milagres aconteciam. Um deles estava em meu colo, outros dois estavam bem ali, na minha frente. Abraão, meu sogro — e agora amigo — segurando a mão da mulher que eu mais amava e admirava no mundo. Aproximei-me deles e Thomas se jogou no colo do avô, começando a falar com ele e tocando as mãozinhas em seu rosto. Aproveitei aquele momento para abraçar a minha esposa por trás e dei um beijo em seu pescoço suado, já ansioso para que a noite chegasse logo para poder fazer com que ela se perdesse em meus braços.

— Amo você, minha menina — sussurrei ao pé da sua orelha e ela inclinou a cabeça para trás, olhando em meus olhos.

— Também amo você, marido.

A beijei com delicadeza, tendo a sensação de que eu era o homem mais feliz de todo o universo.

CAPÍTULO BÔNUS



Eu tinha uma alma romântica.

Muitas pessoas, certamente, teriam a coragem de dizer que não, mas eu podia afirmar com *toda* a certeza que eu era um cara romântico. A prova estava bem ali, na minha frente, enquanto eu posicionava uma vela em cima do aparador no chalé do Ramon.

— Será que não deveríamos comprar umas flores? — perguntei a Ramon, que arrumava a mesa para o jantar.

Certo, ele havia cozinhado e isso, talvez, contasse um pouco mais na escala do romantismo do que posicionar velas aromáticas em pontos estratégicos na sala, mas eu não ficava muito atrás. E também não tinha como competir, afinal, Ramon era quem participaria do jantar à luz de velas, não eu.

— Eu não sei se a Gabi gosta de flores.

— Ramon, você sabe que essa é uma regra básica, não é? Descobrir se a mulher gosta de flores ou não.

Ele soltou um suspiro — acho que não aguentava mais ver a minha cara depois de ter ficado três dias ao meu lado em São Paulo — e coçou a testa.

— Eu não tive tempo para descobrir.

Revirei os olhos ao ouvir aquilo. O homem era bronco mesmo, não tinha nem o que discutir.

— Bom, já está em cima da hora, de qualquer forma. Mas acho que a Gabizinha vai gostar da surpresa.

— Será?

Pude ver uma pontinha de ansiedade e temor nos olhos de Ramon e sorri. Meu amigo estava apaixonado mesmo, quem diria.

— Tenho certeza. Sem contar que sabemos muito bem como esse jantar

vai terminar...

Ele me deu um olhar enviesado, deixando claro que era melhor eu parar com as piadinhas, mas era mais forte do que eu. Não tinha como ficar imune ao fato de que meu melhor amigo — que era quase eremita — iria transar naquela noite. Ou melhor, *fazer amor*. Abri a boca para zoar mais um pouco com a cara dele, mas meu celular apitou e vi uma mensagem de Luna brilhando na tela.

“Caio, eu acho melhor você responder às mensagens da Gabi, ela está quase surtando. Colocou na cabeça que algo aconteceu com vocês dois, por isso não atendem o celular e nem respondem às mensagens dela.”

Li em voz alta e Ramon assentiu.

— Senta ali e faz uma chamada de vídeo com ela. Não deixa escapar um pio, Caio!

— Pode deixar.

Peguei uma cadeira e me sentei em frente à porta de madeira, onde não dava para ver nada do chalé, e cliquei para fazer a chamada de vídeo. A internet ali não era a melhor de todas, mas, iria servir. Depois do terceiro toque, Gabi atendeu:

— *Meu Deus, Caio, vocês queriam me matar de preocupação? Já estava doida achando que tinha acontecido alguma coisa!*

Fiz de tudo para não olhar para Ramon bem ali, na minha frente e acenei, dando um sorriso. Luna estava bem atrás dela e Gabi posicionou melhor o celular, em um ângulo que dava para ver as duas.

— Gabizinha, feliz aniversário!

— *Nada de feliz aniversário! Por que vocês não responderam às minhas mensagens ou atenderam os meus telefonemas? E cadê o Ramon?*

Ramon segurou uma risada e eu coloquei minha mão no peito, aproveitando aquela oportunidade para mostrar um dos meus maiores talentos: atuar. Modéstia à parte, eu tinha certeza de que, se não fosse advogado, seria um ator premiadíssimo.

— Nossa, Gabizinha, assim você me magoa! Só conseguimos sair da reunião agora. Acredita que dois fazendeiros quiseram fazer reuniões com a gente justo hoje? Como Ramon firmou muitos contatos no encontro dos criadores de cavalos, nem pudemos recusar as reuniões. Ele ainda está lá dentro com um deles e eu vim aqui fora pegar um café.

Mesmo pela imagem turva, pude ver seu desânimo e senti um pouquinho de pena enquanto segurava uma risada. Tadinha, Gabizinha realmente acreditava que estávamos em São Paulo e aquilo era ótimo! Significava que o nosso plano daria certo. Surpresa, na minha opinião, tinha que realmente *ter* cara de surpresa. Se fosse para ela desconfiar de uma vírgula, já não valeria mais a pena todo o nosso trabalho.

— Mas vocês voltam amanhã, não é?

— Claro! — A imagem ficou travada e eu tentei ajeitar o ângulo do celular para ver se a porcaria da internet voltava a pegar. — Gabizinha, está ouvindo? Gabi?

Ramon gesticulou, dando a entender que era melhor desligar e eu ia mesmo fazer isso, quando a voz de Luna soou bem alto, se propagando pela sala:

— Nossa, o advogato *fica lindo até nessa imagem ruim da vídeo-chamada. Ele tem cara de quem tem pau grande, né?*

Rapaz, minha pressão quase caiu. Ramon me encarou com a boca aberta, sem saber se ria ou se ficava chocado e eu arregalei os olhos quando ouvi a risada de Gabi. A imagem ainda estava congelada, mas conseguíamos ouvir tudo *nitidamente* e eu nunca quis tanto um sinal bom de internet. Precisava olhar na cara de Luna enquanto ela falava aquilo.

Advagato? Sério? E cara de quem tinha pau grande? Meu dia estava feito!

— Meu Deus, Luna!

— O que foi? Ele tem mesmo! E lembro muito que você me disse que sentiu as "posses" do seu Ramon.

— Luna! Ai, Deus! Parece ser grande mesmo. O do Ramon, no caso. Pensando agora, tenho até um pouco de medo de não caber.

Ramon tampou a boca e eu olhei para ele segurando uma gargalhada que queria estourar bem ali, no fundo da minha garganta. Luna continuou:

— Você precisa ler mais romances, sabia? Olha, eu li um em que uma mulher se envolve com dois irmãos gêmeos que são atores pornôs e ela transa com os dois ao mesmo tempo. SS Pleasury o nome.

— Com os dois ao mesmo tempo?

— Pois é, e eram paus enormes, viu? Sabe qual foi o aprendizado que tirei desse livro?

— Qual?

— Que se Deus fez, amiga, é porque cabe! O do seu Ramon vai caber, com toda a certeza!

Desesperado, Ramon ficou passando a mão pelo pescoço com o rosto vermelho por ter que ficar segurando o riso e eu pigarreei, sabendo que era melhor mesmo interrompê-las, pois estava com medo do que mais poderia sair da boquinha da garota colorida. Por sorte, a internet melhorou um pouco e eu posicionei o celular bem na minha cara, arqueando uma sobrancelha:

— Hum, moças, eu ainda estou aqui.

Acho que elas ficaram sem reação, porque minutos se passaram e o silêncio simplesmente se propagou pelo cômodo. Esperei pacientemente e, quando Gabi voltou a aparecer na tela do celular, seu rosto estava vermelho. Curioso, procurei por Luna, mas ela não estava mais ali. Bobinha, se achava que iria escapar de mim, estava muito enganada.

— *Nossa, a conexão ainda está péssima, Caio! Acho melhor a gente conversar depois* — Gabi disse quase atropelando as palavras.

— Pois é, a conexão está tão ruim, que até pensei que estava ouvindo coisas. Algo sobre *advogato* e paus enormes... Que loucura! — Falei com o cenho franzido, como se realmente tivesse sido um equívoco.

Gabi arregalou os olhos e disse bem rápido:

— *Tchau, Caio, dá um beijo no Ramon e voltem logo!*

A ligação foi interrompida e eu finalmente pude deixar escapar a gargalhada estrondosa que fui obrigado a segurar naqueles minutos tortuosos. Ramon me acompanhou, escondendo o rosto entre as mãos, como se não pudesse acreditar no que tinha acabado de ouvir.

— É sobre *isso* que as meninas ficam conversando? Porra, eu preciso me tornar amigo da Luna *agora!* — falei, limpando as lágrimas que escaparam pelos cantos dos meus olhos. — *Advogato*... Sério, foi pra isso que me formei, Ramon, não foi pra ficar fazendo contrato de venda de cavalo para você!

— Cala a boca, idiota — ele riu, jogando-se na poltrona que ainda precisávamos tirar da sala. — Como você vai ter coragem de olhar pra cara da Luna agora? A menina fica pensando no tamanho do seu pau! Tanta coisa melhor para imaginar...

— Ora, do mesmo jeito que você vai olhar para a cara da Gabizinha hoje à noite. Ou vai dizer que vai desistir porque ela acha que você não vai "caber"? — Ri e o babaca me deu o dedo do meio.

— É completamente diferente, eu vou iniciar um relacionamento com a Gabi. Você e a Luna nem se falam.

— Não nos *falávamos*. Vou mudar isso a partir de hoje — falei,

levantando-me da cadeira. — Afinal, não é todo dia que meu rostinho é tão elogiado assim. Sempre soube que eu tinha cara de pirocudo, mas ouvir isso é *bem* melhor.

— Pelo amor de Deus, Caio! — Ramon riu de mim e revirou os olhos. — Deixe a menina em paz. Deve estar cheia de vergonha.

— Vou fazer com que ela perca a vergonha rapidinho. — Ramon arqueou uma sobrancelha para mim, como se estivesse me dando um aviso. Com certeza estava pensando em questão de idade e "blá, blá, blá", mas logo me defendi: — Não vou partir pra cima da garota, realmente a achei divertida e muito esperta, está nos ajudando cheia de entusiasmo. Vai ser bom criar uma amizade com ela.

— Amizade, Caio? Desde quando você tem amiga mulher?

— Eu sou um admirador das mulheres, sabe o que isso quer dizer? — perguntei e Ramon balançou a cabeça. — Quer dizer que eu posso ser os três A: amigo, amor e amante. No caso da Luna, vou ser só amigo.

Ramon balançou novamente a cabeça, como se achasse que eu era um caso perdido e se levantou, apontando o dedo de leve pra mim.

— A Luna é uma boa menina, não brinca com ela.

— E você já me viu brincar com alguém nesses trinta e seis anos de vida?

Ramon não teve o que responder, pois eu realmente não brincava com o coração de ninguém. Sempre deixava bem claro as minhas intenções. Se eu queria namoro, namorava, se queria sexo, transava, se queria amizade, era amigo. Comigo era tudo preto no branco, pois, assim, não tinha como algo dar errado. Eu não era um dos melhores advogados do estado de Goiás à toa.

— Vamos logo terminar de arrumar isso tudo, porque quero ver a Gabizinha feliz no aniversário dela, mesmo que ela tenha que passar a noite tendo que olhar pra essa sua cara feia.

As horas passaram bem rápido e, assim que anoiteceu, Luna me enviou uma mensagem falando que estava prestes a sair de casa com Gabi. Ramon foi tomar um banho e eu fiquei sentado na sala esperando. O tempo ocioso geralmente me fazia entrar em redes sociais e logo me vi no *Instagram*, dando *likes* nas mulheres maravilhosas que apareciam em meu perfil. Respondi alguns *directs* — porque, sim, eu era um homem antenado, gostava de me atualizar e até postava umas fotos de vez em quando para atualizar o meu *feed* — e logo me peguei pesquisando um nome na barra de busca.

Luna.

Apareceram várias, mas coloquei "Santo Elias" do lado e pronto, o cabelo

colorido de Luna foi o primeiro a aparecer. Fiquei chocado ao ver que ela tinha quase quinze mil seguidores e mais de duas mil fotos postadas. A mais recente era uma dela na fazenda, com o céu bem azul ao fundo, usando uma blusa branquinha ombro a ombro e os cabelos rosa soltos ao vento. Fiquei chocado enquanto olhava, notando como ela era bonita. Nunca havia parado realmente para olhar para ela, às vezes a via na cozinha com as meninas, outras esbarrava com ela em alguma parte da fazenda, mas só. Sem contar que eu praticamente a tinha visto crescer, já que sua mãe foi trabalhar na fazenda de Ramon quando ela ainda era uma criança.

Essa era a primeira vez que eu percebia que ela havia crescido. E estava linda. Por fim, curti suas últimas fotos e a segui, antes de desligar o celular, e peguei-me sorrindo ao imaginar como a nossa amizade se desenrolaria, planejando rapidamente o próximo passo que daria. A levaria para jantar e descobriria a verdadeira face de Luna.

AGRADECIMENTOS

Ufa! Que delícia chegar ao final desse livro tão especial! Ramon e Gabizinha surgiram na minha mente de forma sorrateira e, quando vi, precisava sentar para contar a história deles. E que história, em? Muito amor, muito romance, muitas cenas quentes e várias viradas de trama que não esperávamos!

Só posso agradecer imensamente a Deus por ter me proporcionado a honra de concluir mais um trabalho. À minha família por todo o apoio, à Luana por aguentar meus surtos, meus desaparecimentos, quando ficava escrevendo por mais de dezesseis horas direto, sem dar as caras nas redes sociais.

Também quero agradecer muito a cada leitora do Wattpad, que comentou, deu estrelinha, lutou para bater meta, surtou e vibrou com o nosso casal! Um beijo especial para cada uma de vocês.

Para as meninas do WhatsApp, entendam que vocês são tudo para mim! Perfeitas, incríveis e maravilhosas!

Para você que chegou até aqui através da Amazon ou das minhas redes sociais, um beijo enorme e muito obrigada.

Agora, vamos esperar pelo *advogato*. #Caluna vem aí!

Um beijo <3

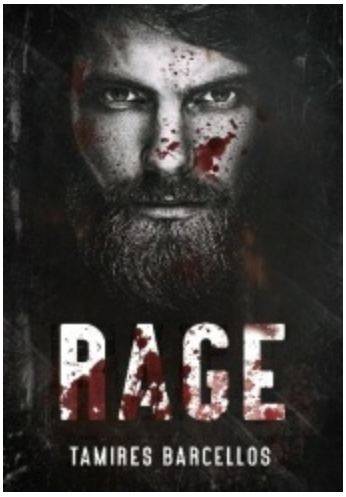
Não esqueça de avaliar.

A sua opinião é muito importante para mim e para aquele leitor que está lendo a sinopse e pensando em comprar o livro.
Sendo assim, não esqueça de deixar a sua avaliação na Amazon.
Adorarei saber a sua opinião.

Contato com a autora

Quer falar comigo? É muito fácil, me encontre nas redes sociais ou me envie um e-mail. Vamos conversar.
Instagram: @tatahbarcellos
Facebook: Tamires Barcellos
Grupo do Facebook: Romances – Tamires Barcellos
E-mail: tata-alexandrino@hotmail.com

Outros romances da autora

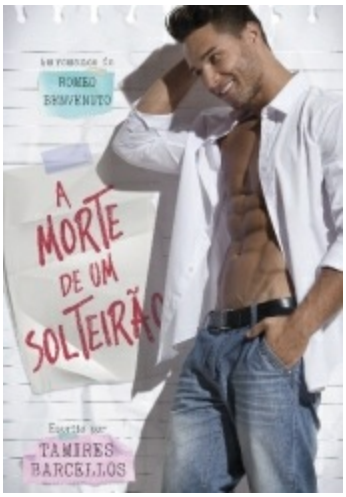


Clique aqui para comprar

Amber Bloom só tem um objetivo na vida: destruir o seu pai.
Filha de um dos empresários mais prestigiados e ricos do mundo, Amber foi criada sob regras rígidas, consciente de que seu futuro estava nas mãos de seu pai, um homem frio e arrogante, que nunca fez questão de lhe demonstrar carinho ou afeto.
No entanto, quando começa a desconfiar de que a fortuna e o poder de seu pai não são provenientes apenas da empresa que havia fundado décadas atrás, Amber decide começar a investigá-lo e o que o descobre a faz conhecer um homem que desperta e rouba completamente o seu coração.
Rage só tem uma coisa em mente: matar o homem que é obrigado a chamar de Mestre.
Sequestrado ainda na infância e jogado em um quarto escuro, Rage vê sua vida passar em meio a torturas, enquanto é obrigado a se submeter a um homem que o humilha de todas as formas. Completamente destruído, sem saber há quantos anos está preso, ele só pensa em uma coisa, matar o Mestre. As consequências que encararia depois não lhe faria a mínima diferença; ele não se importava, pois sabia que já estava morto por dentro.
Pelo menos era o que pensava, até uma mulher com olhos de anjo aparecer em seu caminho.
A vida une uma alma corrompida pela maldade humana a uma alma com sede de justiça e o amor nasce entre eles.
Mas seria o amor forte o suficiente para derrotar um inimigo impiedoso, que

fará de tudo para destruí-los?

- "Rage" é um romance dark;
- Contém cenas sensíveis como violência e estupro **sem romantização**;
- Proibido para menores de 18 anos.



Clique aqui para comprar

Gosto de pensar que sou um homem livre, um verdadeiro solteirão e nada nunca abalou essa minha convicção. Veja bem, aos trinta anos, bem-sucedido, com tempo livre para sair, curtir e transar, a palavra "relacionamento" pode ser tão fria quanto um *iceberg* ou tão ruim quanto a própria morte.

Sem contar que, sabemos, romance, amor e paixão, são verdadeiras baboseiras. Um casamento é muito lindo na hora do sim, mas, depois do sim? A palavra "divórcio" brilha tão forte quanto o sol no verão do Rio de Janeiro. Sem contar as traições, que, convenhamos, não existiriam se as pessoas não se escondessem atrás de um amor falso.

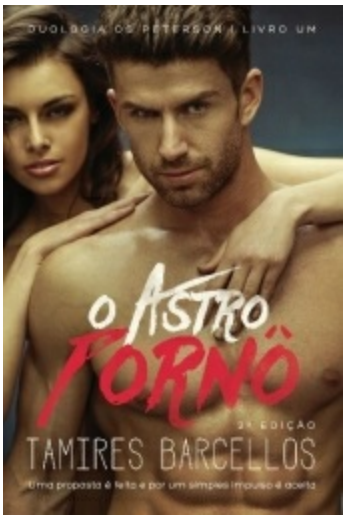
É por isso que sou totalmente contra a qualquer tipo de relacionamento sério. Sexo é muito bom, mas fica melhor ainda quando se pode ir embora na manhã seguinte sem ressentimentos ou cobranças. Foi para isso que nasci — sim, *nasci*, pois se falar que fui *criado* para isso, *mamma* me corta a cabeça — e estava muito bem com a minha vidinha do jeito que era, até Alice Carvalho aparecer em meu caminho e me desestabilizar completamente. Nem se eu pudesse, conseguiria explicar o que senti quando a vi pela primeira vez e quando, inesperadamente, ela reapareceu em minha vida.

Por isso, soube que precisava tê-la em minha cama, mas ela disse "não". E persistiu no "não". Mas eu estava louco para ouvir um "sim" e, em meio ao desespero, fiz algo impensável: prometi a ela que, se aceitasse ficar comigo, poderíamos passar um tempo tendo sexo casual, sem nos envolvermos com outra pessoa. "Ficantes fixos", nomeei.

Não, não era um relacionamento. Não tinha nada de romantismo. Era apenas dois adultos se encontrando algumas vezes por semana para fazerem sexo.

Mesmo assim, nunca pensei que essa inocente proposta poderia promover uma morte... A *minha* morte.
A morte de um solteirão.

- "A Morte de um Solteirão" é uma comédia romântica livre de gatilhos emocionais. Divirta-se!



Clique aqui para comprar

Emma Glislow é uma mulher de vinte e dois anos. Cursa faculdade de odontologia, ama ler e é apaixonada por seu noivo, Frederick. Tudo em sua vida sempre foi perfeito e em ordem, até que seu noivo a trai de forma descarada.

Seu mundo magnífico é destruído em um segundo, enquanto ela passa uma semana inteira trancada no quarto, sem falar ou ver ninguém.

Quando finalmente resolve sair da fossa, uma noite de bebedeira e balada com sua melhor amiga parecia ser o lance perfeito para tirar da cabeça, a cena de seu noivo trepando com uma vadia.

Mas o que ela não sabia, era que em meio a essa noite super divertida, uma proposta lhe seria feita e em meio a todas as tequilas e margaritas ingeridas por ela e sua amiga, ela aceitaria e assinaria um contrato.

O contrato que a colocaria de cara com o maior astro pornográfico do momento.



Clique aqui para comprar

O misterioso Dominick Andrigheto Domaschesky, Príncipe de Orleandy, país que se estende por boa parte da Europa, se vê diante do trono de Rei muito mais cedo do que gostaria.

Com o falecimento de seu pai, o Rei Patrick, Dominick com seus trinta anos de idade, assume o reinado como principal sucessor ao trono. Se sentia preparado e firme para assumir o poder, seu pai o havia preparado para aquilo e ser Rei já estava em seu sangue.

Se sentia confiante para tudo, menos para o que seus conselheiros lhe propuseram: achar a Rainha ideal.

Totalmente adverso a relacionamentos, Dominick tinha colocado em sua cabeça que jamais se casaria. Tinha gostos diferentes, não tinha paciência para cortejar uma mulher fora da cama e ao menos pensava em colocar uma aliança no dedo, mas, segundo a filosofia de seu pai, "um Rei não é nada perante a sociedade, sem uma Rainha ao seu lado".

Com tudo conspirando contra seu favor, Dominick chega à conclusão de que sim, iria se casar, mas seria do seu jeito. Com a ajuda de seu melhor amigo e conselheiro, Dimir, ele entra em um mundo diferente, desaparece por algumas semanas e volta com a Rainha perfeita ao seu lado.

Kiara Neumann era uma mulher sem opções na vida. Em um dia não tinha nada, não tinha uma história para contar e nem um futuro para imaginar. No outro, havia se tornado noiva do Rei de Orleandy e era amada e ovacionada por todo um povo que amava seu país.

Mas como ela era noiva se ao menos se lembrava de sua vida? Poderia confiar na palavra de Dominick, que não fazia a mínima questão de ser cortês com ela? Como poderia se casar se ao menos o amava? Ou melhor... Seria ela

capaz de amar um homem tão frio quanto aquele Rei?
Em meio a segredos, sedução e todo um reino a ser comandando, Dominick seria capaz de se apaixonar por sua doce esposa? Talvez sim, mas se segredos do passado começassem a rondar o casal, o mundo frágil de contos de fadas seria abalado para sempre.

[1] Cidade fictícia onde se passa a história.

[2] Te Esperando – Luan Santana

[3] Bebida alcoólica típica de Goiânia

[4] Todo Mundo Vai Sofrer — Marília Mendonça

[5] SS Pleasury – Kel Costa

[6] A Canção que Faltava – Isabella Taviani

[7] Arthur e Marina são os protagonistas do romance “Minha Pequena Mulher” da autora Kel Costa. O livro se encontra disponível na Amazon.

[8] Melhor Amigo – Fábio Jr.